

Obras
Clássicas
da Literatura
Portuguesa

Século XVII

FR. LUÍS DOS ANJOS

JARDIM
DE PORTUGAL

Edição de
Maria de Lurdes Correia Fernandes

JARDIM DE PORTUGAL

Publicação patrocinada pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas

OBRAS CLÁSSICAS DA LITERATURA PORTUGUESA

FR. LUÍS DOS ANJOS
JARDIM DE PORTUGAL

EDIÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS DE
MARIA DE LURDES CORREIA FERNANDES



FR. LUÍS DOS ANJOS
JARDIM DE PORTUGAL

Edição, introdução e notas de
Maria de Lurdes Correia Fernandes

Colecção: Obras Clássicas da Literatura Portuguesa – 41

Coordenação Editorial da Colecção: .
Instituto Português do Livro e das Bibliotecas

Design Gráfico da Colecção:
José Brandão/Paulo Falardo – “B2 Atelier de Design, Lda.”

© CAMPO DAS LETRAS – Editores, S.A., 1999
Rua D. Manuel II, 33 - 5.ª 4050-345 Porto
Tel.: 22 600 77 28 Fax: 22 600 40 19
e-mail: campo.lettras@mail.telepac.pt
site: www.campo-lettras.pt

Impressão: Tipografia do Carvalhido
1.ª Edição: Dezembro de 1999
Depósito Legal N.º 145321/99
ISBN 972-610-232-4
Código de Barras: 9789726102328

Colecção: Clássicos Portugueses (Campo das Letras) – 12

Direcção gráfica e capa: Loja das Ideias

A colaboração da editora CAMPO DAS LETRAS
no projecto do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas,
Obras Clássicas da Literatura Portuguesa,
é coordenada por Luís Adriano Carlos e Rosa Maria Martelo.

IARDIM
DE PORTVGAL,
EM QUE SE DA NOTICIA
de algũas Sanctas, & outras molheres illuf-
tres em virtude, as quais nascerão, ou
viuerão, ou estão sepultadas nel-
te Reino, & suas cõquistas.

RECOPIADO NOUAMENTE
de varios, & graues Autores, pello Padre Doutor
Frey Luis dos Anjos Religioso, & Chronista
da Ordem de nosso Padre sancto Agosti-
nho, natural da Cidade do Porto.

Contem boa lição pera molheres, exemplos pera
Pregadores, motiuos pera deuotos, & pera os
amigos de hiforias muytas antigas,
& modernás.

Anno



1626.

Impresso em Coimbra com todas as licenças necessarias,
Em casa de Nicolao Carualho Impressor del Rey.

INTRODUÇÃO

O *Jardim de Portugal* de Fr. Luís dos Anjos (<1580-1625), religioso da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, saiu impresso em 1626, no ano seguinte ao da morte do autor, que Diogo Barbosa Machado diz ter ocorrido a 8 de Janeiro de 1625¹. Contudo, a aprovação régia para impressão da obra, datada de 18 de Julho de 1625, sugere que nesta data ainda vivia: «o autor dela, que nos vai dando cada vez mais copiosos frutos de sua erudição, doutrina e virtude». Este facto também parece corroborado por Fr. António da Purificação² na dedicatória a D. Luísa Coutinho³, ao confessar ter acompanhado, por incumbência do visitador-geral da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, Fr. Manuel de Lacerda, a «continuação desta impressão a que poucos dias depois de começada faltou o seu autor». Além disso, Fr. Luís dos Anjos incluiu, quase no final do *Jardim de Portugal*⁴, passagens tiradas textualmente da obra de Domingos Velho, *Princípio do divino amor*, cuja impressão só ficou concluída em 26 de Fevereiro de 1625, data da respectiva «taxa», o que prova que ainda era vivo depois desta data.

¹ Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, 2.^a ed., Coimbra, 1966, Tomo III, p. 56-57.

² Alguns dados biográficos de Fr. António da Purificação, autor da *Crónica da anti-quíssima província de Portugal da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho* (II Partes, Lisboa, 1642 e 1656), podem ver-se igualmente em D. Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, ed. cit., tomo I, p. 362-363.

³ D. Luísa Coutinho era casada com D. Francisco de Castelo Branco, segundo conde do Sabugal. Nesta dedicatória, Fr. António da Purificação, ao abrigo das normas retóricas das dedicatórias, realça algumas das qualidades morais e espirituais desta grande senhora, em particular a sua preocupação com os órfãos e pobres. Outras dedicatórias de obras de devoção de outros autores a esta mesma Condessa do Sabugal reiteram a mesma imagem. É o caso da dedicatória de Fr. Luís da Apresentação (ou de Mértola), *Vida e morte do Padre Fr. Estêvão da Purificação* (Lisboa, 1621) que se lhe refere como «amiga dos pobres e necessitados», «dada a exercício de lição e meditação», «fácil e afável pera todos os que dela querem alcançar mercês»; da de Fr. Duarte Pacheco, *Epítome da Vida Apostólica e Milagres de S. Tomás de Vilanova (...)*, com um *Tratado da Vida do V. P. Fr. Luís de Montoya (...)* e *assi de mais alguns servos de Deus* (Lisboa, 1629), onde testemunha ser ela muito «amiga» da prática da esmola; ou de uma outra obra de devoção, de Amaro de Reboredo, *Socorro das Almas do Purgatório* (Lisboa, 1627), na qual se acentua a sua devoção e preocupação com o «socorro das almas do purgatório».

⁴ Na «vida» de Felipa do Espírito Santo (n.º 181) e, sobretudo, na de Ana da Conceição (n.º 195).

De qualquer modo, se é inquestionável que Fr. Luís dos Anjos ainda redigia esta sua obra em 1625 e que ainda pôde encetar diligências para a edição, também é verdade que já não pôde acompanhar grande parte da impressão nem teve o gosto de a ver – assim como a *Crónica da Ordem*⁵ – divulgada pelos prelos. Este facto, lateral para a leitura e estudo do *Jardim de Portugal*, é aqui realçado na medida em que foi tido em consideração aquando do estabelecimento dos critérios de transcrição do texto que só agora, volvidos mais de três séculos e meio, é objecto de uma segunda edição.

A leitura e o estudo da obra deverá, obviamente, ter em consideração o seu diálogo com o enquadramento cultural que não prescinde da herança e da presença da vasta tradição europeia da «escrita de vidas»⁶, tradição essa que atravessa, sobretudo, a baixa Idade Média e toda a Idade Moderna. Tal enquadramento não prejudicará o realce de algumas especificidades que lhe conferem um lugar próprio no panorama da História da Cultura em Portugal, mas revela-se imprescindível para a compreensão das suas diversas facetas literário-culturais.

A primeira questão que se coloca na abordagem da obra é a do seu género literário, uma vez que as diferentes «vidas» ou «histórias» (na terminologia do autor, que é também a da época) apresentam características multiformes que vão da simples notícia do nome ou da existência da personagem e sua identificação com Portugal até ao relato, por vezes pormenorizado, de vivências espirituais, de práticas ascéticas e devocionais ou de realização de milagres. É evidente que o modelo narrativo emana directamente da tradição hagiográfica que, sobretudo desde a baixa Idade Média e ao longo do século XVI, se havia imposto tanto pela reprodução manuscrita – lembre-se o exemplo célebre da *Legenda aurea*⁷ –,

⁵ Embora estando incumbido da redacção da *Crónica do Eremitas da Ordem de Santo Agostinho* desde 1608, não chegou a concluí-la, tarefa assumida mais tarde pelo espanhol Fr. Pedro del Campo, que a fez publicar no país vizinho com o título de *Historia general de los Ermitaños de N. Padre San Agustín. Primera parte*, Barcelona em 1640.

⁶ Utilizo aqui esta designação, que traduz o conceito anglo-saxónico de «life-writing», para realçar o seu maior rigor – dado o carácter multifacetado não só da «escrita» como também dos tipos de «vida» – em relação ao de «biografia», conceito que só apareceu no século XVIII. E mesmo a utilização corrente hoje deste conceito para designar quase todos os tipos de «vidas», inclusivé a dos santos, escritas antes de Setecentos não deverá deixar perder de vista o carácter multifacetado e, por vezes, algo difuso, das obras que se incluem sob tal designação. Cf. Thomas F. Mayer & D. R. Woolf (eds.), *The rhetorics of life-writing in Early Modern Europe. Forms of biography from Cassandra Fedele to Louis XIV*, Ann Arbor, 1998 (1.ª ed. 1995).

⁷ A bibliografia sobre a *Legenda Aurea* de Jacopo da Voragine é muito variada, pelo que remeto apenas para os que acentuam a sua ampla difusão, tanto manuscrita como impressa: AA. VV., *Legenda aurea. Sept siècles de diffusion*, Montréal-Paris, 1986; Barbara Fleith, «*Legenda Aurea: destination, utilisateurs, propagation. L'histoire de la diffusion du légendaire au XIIIe et au début du XIVe siècle*», in Sofia Boesch Gajano (a cura di), *Raccolte di vite di santi dal XIII al XVIII secolo. Strutture, messaggi, fruizioni*, Fasano di Brindisi, 1990, pp. 41-48.

como também, de forma mais eficaz, através da imprensa – recorde-se o exemplo dos diversos *Flos Sanctorum*⁸ –, com recurso a métodos narrativos comuns a outros géneros, nomeadamente à tradição medieval das colectâneas de *exempla*⁹. Além disso, porque a revalorização pelos humanistas da (re)escrita das «vidas» de «homens ilustres»¹⁰ foi também extensível às «vidas» de «claras mulheres»¹¹, sobretudo no quadro da defesa do «valor» e das «virtudes» de muitas mulheres contra os ataques violentos (ainda que muitas vezes tópicos) que alguma literatura misógina de finais da Idade Média havia divulgado, o encómio de diversas figuras de «santas e mulheres ilustres em virtude» beneficiou também de um enquadramento mais moderno que tentava, pelo menos em termos discursivos, articular a literatura com a história para reforçar tanto a veracidade como o poder persuasivo dos modelos que se propunham para admiração ou para imitação. Mas, mesmo assim, mantêm-se muito profundas e por isso determinantes em todos os relatos do *Jardim de Portugal* as marcas do género hagiográfico, dominado pela finalidade encomiástica e edificante, pelo maravilhoso (na linha das *legendae* medievais) e pela assumida selectividade dos episódios mais «exemplares» da vida ascética e espiritual.

Além disso, como religioso e como cronista da sua Ordem, Fr. Luís dos Anjos estava muito familiarizado tanto com a escrita de «vidas» – as breves biografias espirituais de religiosos e religiosas preenchiam sempre partes muito

⁸ No espaço ibérico (mas não só), adquirem especial realce os *Flos sanctorum* de Fr. Diogo do Rosário (Lisboa, 1567, 2 vols., com o título de *História das vidas e feitos heroicos e vidas insignes dos santos*, reeditado em Coimbra em 1577, em Lisboa em 1590 e 1622, etc.), de Alonso de Villegas (*Flos sanctorum nuevo*, Toledo, 1578, reed. em Zaragoza, 1580, em Toledo, 1582, em Girona, 1587, em Barcelona, 1586, em Madrid, 1588, em Toledo (acresc.), 1591, em Barcelona, 1593, em Madrid, 1594, em Zaragoza, 1621, etc., seguido de diversas edições das II, III, IV, V e VI partes) e de Pedro de Ribadeneira (Madrid, 1599-1601 (2 vols), reed. ibi, 1609-1610, ibi, 1616, etc.).

⁹ Sobre a tradição narrativa dos *exempla*, sobretudo no quadro da pregação, veja-se, em particular, Hervé Martin, *Le métier du prédicateur à la fin du Moyen Âge – 1350-1520*, Paris, 1988, esp. Cap. XII, «Les contenus narratifs», pp. 485-535; Carlo Delcorno, *Exemplum e letteratura tra Medioevo e Rinascimento*, Bolonha, 1989, esp. cap. I, «Agiografia e predicazione», pp. 25-77; Pedro Catedra, *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media. San Vicente Ferrer en Castilla (1411-1412)*, Salamanca, 1994, esp. cap. V – 1 «Exempla», pp. 171-210.

¹⁰ Sobretudo a partir do *De viris illustribus* de Petrarca. Cf. Benjamin G. Kohl, «Petrarch's prefaces to *De viris illustribus*», *History and Theory* 13 (1974), pp. 132-14; Eric Cochrane, *Historians and historiography in the italian Renaissance*, Chicago, 1981, esp. 393 ss.; T. C. Price Zimmermann, «Paolo Giovio and the rhetoric of individuality», in Th. F. Mayer e D. R. Woolf (eds.), *The rhetorics of life-writing in Early Modern Europe*, ob. cit., pp. 39-62.

¹¹ Na sequência do *De mulieribus claris* de Boccaccio que funcionou de certo modo como «réplica» ao *De viris illustribus* de Petrarca. Cf. de Romeo de Maio, «La mujer en la biografía» in *Mujer y Renacimiento* (trad. do italiano), Madrid, 1988, pp. 157-195.

significativas das crónicas das diferentes ordens religiosas –, como com as colectâneas e os modos da utilização retórica de *exempla* e de exemplaridades várias¹², revelando-se conhecedor dos métodos narrativos de diversas obras que exploravam os benefícios das fronteiras, por vezes muito difusas, entre a hagiografia, o panegírico, o *exemplum*, a “biografia” e até mesmo a crónica.

Haverá que reconhecer, desde já, que é o próprio Fr. Luís dos Anjos quem aponta o filão literário-cultural da sua obra, criando um paralelo, simultaneamente diferenciador e aproximativo, com outras obras do género anteriores à sua e em relação às quais pretendeu afirmar a pertinência e a originalidade desta. E não só no longo e descritivo título – *Jardim de Portugal em que se dá notícia de algumas santas e outras mulheres ilustres em virtude, as quais nasceram, ou viveram, ou estão sepultadas neste Reino e suas conquistas* – apontou o carácter de antologia hagiográfica ao mesmo tempo que identificava a “lusitanidade” das «vidas», como também no prólogo, confessando ter nos seus estudos e pesquisas seleccionado «algumas cousas pertencentes a nosso Portugal», manifestou os seus intuitos de afirmação das qualidades morais e espirituais das mulheres portuguesas contra os «estrangeiros» que «trataram das mulheres que houve no mundo insignes em todo género de virtude» ignorando-as ou silenciando-as. Significativamente, o único autor expressamente citado para exemplificar tais «estrangeiros» foi o espanhol Juan Pérez de Moya, cuja *Varia historia de santas y ilustres mujeres en todo genero de virtudes* havia sido impressa em Madrid em 1583. De facto, esta obra só contemplou, para além de virgens e mártires da parte espanhola da antiga Lusitânia, algumas (poucas) mulheres portuguesas que eram também espanholas, como a rainha Santa Isabel, mulher de D. Dinis e natural de Aragão; a rainha D. Maria, mulher de D. Manuel e filha dos Reis Católicos; Ângela e sua irmã Luisa Sigea, damas da corte da infanta D. Maria, naturais de Toledo. Esta míngua devia parecer então tanto mais condenável quanto a obra de Pérez de Moya fora impressa já quando Portugal estava sob o domínio filipino, domínio ainda vigente ao tempo da redacção do *Jardim de Portugal* por Fr. Luís dos Anjos que, por diversas vezes, ainda que muito veladamente, mostrou pouco entusiasmo em relação à monarquia dual¹³.

¹² Sobre esta questão no contexto europeu, vejam-se os interessantes estudos de Timothy Hampton, *Writing from history: the rhetoric of exemplarity in Renaissance literature*, Ithaca, 1990, e de John D. Lyons, *Exemplum: the rhetoric of example in Early Modern France and Italy*, Princeton, 1990.

¹³ Se é muito genérica (senão mesmo tópica) a sua queixa dos «tempos em que mais prevalecem os vícios, como são os calamitosos em que estamos» (n.º 193), já a sua referência ao «Duque» como «abrigo e defesa de nosso Portugal» (n.º 30, 31, 32) que «agora tanto ilustra o nosso reino de Portugal, Dom Teodósio, segundo deste nome entre os de Bragança» (n.º 150) não esconde uma esperança velada que na época era partilhada por outros.

É certo que Fr. Luís dos Anjos aludiu também, vagamente, a «outros» estrangeiros, mas, não indicando nomes, a crítica ao quase silêncio (assim menos desculpável) de Pérez de Moya em relação às mulheres portuguesas ilustres em virtude ficou mais realçada.

Por seu lado, o elogio de Fr. António da Purificação a este jardim notou como as suas «flores» aos «naturais servirão de domésticos exemplos e às mais nações de admiração e espanto», parecendo, assim, insistir na mesma tônica focada por Fr. Luís dos Anjos: a urgência da visibilidade da santidade portuguesa – neste caso, das mulheres portuguesas – perante as outras «nações» que a ignoravam. Tornando-a visível e também durável – só a imprensa podia contribuir de modo eficaz para tal –, poderia e deveria provocar «admiração e espanto» ao mostrar que Portugal, à semelhança de outras «nações», tinha não só santas oficialmente reconhecidas (e por isso figuravam no *Martirologio Romano*¹⁴), mas também mulheres de muitas e heróicas virtudes patenteadas nos diversos relatos das «vidas» de que resumidamente dá «notícia».

Esta perspectiva deve ser compreendida tanto no quadro da importância que a santidade e, sobretudo, o reconhecimento oficial da santidade vinham assumindo nos finais do século XVI e inícios do século XVII na Europa católica¹⁵ – a cultura barroca confirma-o de forma evidente –, como também, mais concretamente no Portugal daquelas décadas, da sua importância para a afirmação, na perspectiva de alguns, da própria identidade do Reino¹⁶. Servia também para reafirmar, com muitos exemplos, a convicção que outros autores haviam já expressado de que as mulheres portuguesas eram de grande «honestidade» e «recolhimento», como o havia feito alguns anos antes Duarte Nunes de Leão na sua *Descrição de Portugal*¹⁷.

¹⁴ São os casos de S. Júlia e S. Máxima (celebradas a 1 de Outubro), de S. Vuilgeforte e de S. Margarida (celebradas a 20 de Julho).

¹⁵ Vejam-se, em particular, as perspectivas complementares de Peter Burke, «How to be a Counter-Reformation saint», in Kaspar von Greyerz (ed.), *Religion and society in early modern Europe. 1500-1800*, Londres, 1984, pp. 45-55; de Jean-Michel Sallmann, *Naples et ses saints à l'âge baroque*, Paris, 1994; Peter Burschel, «'Imitatio sanctorum'. Ovvero: quanto era moderno il cielo dei santi post-tridentino?», in P. Prodi e W. Reinhard (a cura di), *Il Concilio di Trento e il moderno*, Bolonha, 1996, 309-333; Albrecht Burkardt, «Reconnaissance et dévotion: les vies de saints et leurs lectures au début du XVIIe siècle à travers les procès de canonisation», *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, 43-2 (Abr.-Jun. 1996), pp. 214-233 e Giulio Sodano, «Il nuovo modello di santità nell'epoca post-tridentina», in C. Mozzarelli e D. Zardin (a cura di), *I tempi del Concilio. Religione, cultura e società nell'Europa tridentina*, Roma, 1997, 189-205.

¹⁶ Deste aspecto me ocupei em «História, santidade e identidade. O Agiologio Lusitano e o seu contexto», *Via Spiritus*, 3 (1996), 25-68.

¹⁷ Duarte Nunes de Leão, *Descrição do Reino de Portugal*, Lisboa, 1610, esp. cap. LXXXVIII, fl. 138r-144r.

Por tudo isto, aquela crítica ao silêncio dos estrangeiros em relação à santidade e honestidade das mulheres portuguesas em obras que divulgavam muitas vidas de mulheres santas ou de muita virtude foi sustentada por Fr. Luís dos Anjos na iniciativa da compilação das «notícias» ou «vidas» de muitas portuguesas que podiam ombrear com as «estrangeiras». Fr. Luís dos Anjos apontava, assim, como se disse, o filão literário da sua obra inserindo-a – sobretudo pela temática, mais do que pela forma e até do que pelo conteúdo – numa tradição que contava já com algumas obras que, a nível europeu, haviam tido algum impacto. Estando já muito distante não só no tempo, mas também e sobretudo nos propósitos e nas orientações, a célebre e pioneira obra do género, o *De mulieribus claris* de Boccaccio, e as que se haviam inspirado directamente nesta¹⁸, outras, sobretudo da segunda metade do século XVI – dos tempos pós-Trento –, vinham marcando novos tons e até diferentes prioridades. Assim sucedeu, em parte, com a obra do italiano Tommaso Garzoni, *Le vite delle donne illustri della scrittura sacra*¹⁹, obra que serviu mais tarde de base à do espanhol Fr. Martín Carrillo, *Elogios de mujeres ilustres insignes del Viejo Testamento*²⁰, como também, mais claramente, com a importante obra, em 6 volumes, de outro italiano, Silvano Razzi, *Delle vite delle donne illustri per santità*²¹,

¹⁸ Cf., em especial, Romeo de Maio, «la mujer en la biografía», cit.; Ottavia Niccoli, «Introduzione» a *Rinascimento al femminile*, Roma, 1991, esp. pp. VIII-XII, «Biografie e contesti» e, numa perspectiva mais ampla, Beatrice Collina, «L'esemplarità delle donne illustri fra Umanesimo e Controriforma», in Gabriella Zarri (a cura di), *Donna, disciplina, creanza cristiana dal XV al XVII secolo. Studi e testi a stampa*, Roma, 1996, pp. 103-119.

¹⁹ Impressa em Veneza em 1568, reed. em 1586 e em 1588.

²⁰ Impressa em Madrid, em 1625. Foi dedicada à Infanta D. Margarida de Áustria, monja no Convento das Descalças Reais de Madrid. Nas «Advertências al lector de estos Elogios», Fr. Martín Carrillo reconheceu ter-se inspirado na obra de Garzoni, nomeadamente em alguns dos seus critérios – como o de contemplar algumas figuras femininas «viciosas» –, porque assim podia a sua obra ser mais completa e eficaz: «Aqui hallaran todas que imitar y dechados para labrar y componer sus vidas; las donzellas aprenderan a ser recatadas y a no ser amigas de ver y ser vistas en Dina; las que se han de casar, como no lo han de hazer sin voluntad de sus padres y mayores, en Rebeca; el respecto que deven a sus maridos en Sara; como han de sufrir sus malas condiciones y ruines terminos en Abigail; como han de respetar y estimar a sus suegras en Ruth; el amor y benevolencia con que han de ser tratadas las nueras en Noemi; como han de criar sus hijos, en Ana, madre de Samuel. Las viudas aprenderan en Judich; y aun los hombres tendran en que imitarlas, pues en todo género de ejercicios son maestras...» («Advertencias», s. n.)

²¹ Tomo I, Florença, 1595; tomo II, ibi, 1597; tomo III, ibi, 1599; tomo IV, ibi, 1599; tomo V, ibi, 1602; tomo VI, ibi, 1606. Recorde-se que Silvano Razzi havia começado por publicar uma *Aggiunta d'alcune vite di beate e religiose donne* (Florença, 1587), sendo também autor de um *Giardino d'esempi o vero fiori delle vite de' santi* (Florença, 1597, com diversas reedições nos anos subsequentes: Brescia, 1598; Veneza, 1599, 1601 (2 diferentes); Roma, 1603 e 1608; Veneza, 1603 e 1611, etc.).

elaborada a partir da de L. Surio, *De probatis sanctorum historiis*²². Estas obras pretenderam reunir as «vidas», afirmando a exemplaridade (positiva ou negativa²³), de algumas figuras femininas bíblicas e cristãs cujas «virtudes» suplantavam, ou se queria que suplantassem, as das figuras pagãs que muitas obras renascentistas, na linha do *De mulieribus claris* ou relacionadas com a célebre «Querelle des femmes», foram evocando ou biografando²⁴. Assim, a maior valorização nestas obras – o mesmo se diga do *Jardim de Portugal* – das «vidas» de «mulheres ilustres por santidade» resultou, claramente, do contexto contrarreformista que tendeu não só a recuperar algumas figuras bíblicas – que podiam ser contrapostas às «pagãs» divulgadas pelas obras humanistas –, mas também a valorizar aquelas que, na afirmação do cristianismo desde a Antiguidade até à Contrarreforma, se apresentavam como exemplos que o glorificavam – muito particularmente as mártires²⁵ – e/ou que se constituíam em modelos passíveis de renovadas imitações. A hagiografia, através do registo escrito que lhe permitia uma difusão mais perene – adoptando quer a forma “biográfica”²⁶ quer, sobretudo depois de Santa Teresa

²² Esta obra de Laurent Sauer (em latim, Laurentius Surius), em 6 volumes, impressos em Colónia entre 1570 e 1576 – citada por Fr. Luís dos Anjos (n.ºs 50-51) – foi elaborada com base na de L. Lippomano, *Sanctorum priscorum Patrum vitae*, Veneza, 1551-1556 (tomos 1 a 5) e Roma, 1558-1560 (tomos 6 a 8). Foi a mais importante colectânea de vidas de santos até ao projecto seiscentista das *Acta sanctorum* impulsionado decisivamente por J. Bolland. Sobre a obra de Surio, veja-se Serena Spanò Martinelli, «Cultura umanistica, polemica antiprottestante, erudizione sacra nel *De probatis sanctorum historiis* di Lorenzo Surio», in Sofia Boesch Gajano (a cura di), *Raccolte di vite di santi dal XIII al XVIII secolo. Strutture, messaggi, fruizioni*, Fasano di Brindisi, 1990, pp. 131-141.

²³ As referências a mulheres «viciosas» serviam também, como explicou Martín Carrillo, «de exemplo a las virtuosas, por la perpetua infamia que queda de su mala vida a ellas y a sus cosas...» (*Elogios*, ob. cit., «Advertencias al lector»).

²⁴ Em Espanha, na segunda metade do século XV, foram também visíveis os ecos da polémica (cf. J. Ornstein, «La misoginia y el profeminismo en la literatura castellana», *Revista de filología hispánica*, III (1941), pp. 219-232), como o testemunham diversas obras contra e, sobretudo, em defesa das mulheres, nomeadamente das «claras» e «virtuosas», de que são exemplos significativos a obra de Álvaro de Luna, *Libro de las claras y virtuosas mujeres* (1446), a de Alonso de Cartagena, *Libro de las mujeres ilustres*, e a de Diego de Valera, *Defensa de las virtuosas mujeres* (no reinado de Juan II).

²⁵ Haverá que não esquecer que o ideal do martírio se manteve muito presente ao longo dos séculos. Sobre esta questão, veja-se o interessante artigo de Francesco Scorza Barcellona, «Dal modello ai modelli», in AA. VV., *Modelli di santità e modelli di comportamento. Contrasti, intersezioni, complementarità*, Turim, 1994, pp. 9-18.

²⁶ O panorama editorial de toda a Europa católica (particularmente do Sul), sobretudo das últimas décadas do século XVI e da primeira metade do século XVII, mostra bem o crescendo da escrita e do peso editorial das «vidas» de santos(as) e de homens e mulheres «ilustres em virtudes» – muitas vezes com o intuito de promover a sua beatificação ou canonização – como o documentam diversos tipos de estudos, de que selecciono apenas, por mais representativos, a *Bibliografía cronológica da literatura de espiritualidade em Portugal - 1501-1700*, Porto, 1988; José Sánchez Lora, *Mujeres, conventos y formas de la*

de Ávila, a autobiográfica²⁷ – estimulou também a reprodução dos modelos de santidade e de virtude que, no caso do comportamento feminino, deixou marcas profundas, algumas das quais se mantiveram influentes ou latentes nos séculos seguintes.

E, curiosamente, apesar da referência explícita à *Varia historia de santas e ilustres mujeres en todo género de virtudes* de Pérez de Moya, o *Jardim de Portugal* apresenta uma diferença importante, que reside no facto de apenas contemplar as «vidas» de «santas e mulheres ilustres em virtude» – o equivalente ao *Libro primero* de Pérez de Moya que se debruçou sobre «muchas sanctas vírgenes mártires y continentes, y de otras que se illustraron con estrañas penitencias» –, ignorando as que foram exemplares no campo das armas e das letras (pagãs ou cristãs) e que, na obra de Pérez de Moya, ilustram o conteúdo do «Libro segundo. En que se ponen mugeres que se señalaron en hechos heroycos, así de cosas de guerra, como de consejo y gobierno» e do «Libro tercero. En que se ponen mugeres doctas en varias sciencias».

O *Jardim de Portugal* contemplou apenas as «santas e ilustres em virtude», cujas «vidas» foram retomadas, principalmente, de obras de história eclesiástica – em particular de crónicas de ordens religiosas²⁸, mas também de alguns falsos cronicões espanhóis muito em voga na época²⁹ –, de obras hagiográficas³⁰ e de espiritualidade³¹, sobretudo do século XVI e primeiros

religiosidad barroca, ob. cit., esp. pp. 372-401; Jean-Michel Sallmann, *Naples et ses saints à l'âge baroque (1540-1750)*, Paris, 1994.

²⁷ Cf. Isabelle Poutrin, *Le voile et la plume. Autobiographie et sainteté féminine dans l'Espagne moderne*, Madrid, 1995.

²⁸ Como se poderá verificar através das fontes indicadas por Fr. Luís dos Anjos – que tentei identificar o mais possível nas notas de rodapé desta edição –, as crónicas religiosas forneceram algumas das «vidas» incluídas neste *Jardim de Portugal*. É o caso, por exemplo, da «crónica» seráfica do Cardeal Gonzaga (n.ºs. 80, 82, 88, 116, 129, 150, 155, 159, 161, 162); ou da *Crónica de Cister* de Fr. Bernardo de Brito (n.ºs. 62, 66-68, 70, 97, 135-142, 165-167, 176); ou da *Primeira parte da História de S. Domingos, particular do reino de Portugal* de Fr. Luís de Sousa (n.ºs. 71, 98, 102, 103, 127, 174); ou da *Fundação do Salvador* de Soror Maria Baptista (n.ºs. 89, 101, 154, 157-158, 190), entre outras.

²⁹ Sobretudo os que resultaram da pena fantasiosa do jesuíta espanhol Jerónimo Román de la Higuera: Dextro, Julián Pérez, Luitprando. Sobre a voga dos falsos cronicões, que foram sendo denunciados ao longo do século XVII, veja-se José Godoy Alcántara, *Historia crítica de los falsos cronicones*, Madrid, 1868 (reed. Granada, 1999).

³⁰ Veja-se, por exemplo, além das diferentes edições do *Martirologio Romano* e de «catálogos de santos» ou «vidas» específicas, a *Vida da princesa D. Joana* de Fr. Nicolau Dias que inclui outras (n.ºs. 104-108, 111), bem como relações de vidas manuscritas a que o autor teve acesso (n.ºs. 185-187, 188-189, 192-194), etc.

³¹ Por exemplo, o *Livro dos milagres do rosário* do P. João Rebelo (n.ºs. 109, 110), ou a *Segunda parte da Introdução do símbolo da fé* de Fr. Luís de Granada (n.ºs. 145-147, 160, 164, 168, 178), entre outros.

anos do XVII. Deste modo, compilando apenas as «vidas» das mulheres «santas» e «ilustres em virtude», deixando permanecer esquecidas as que se distinguiram nas armas e nas letras (a não ser que o houvessem sido também na «virtude» e nas devoções, como a Infanta D. Maria ou D. Leonor de Noronha³²), Fr. Luís dos Anjos afastou-se conscientemente de correntes humanistas anteriores em que, algumas décadas antes, Pérez de Moya e também Duarte Nunes de Leão³³ ainda se inscreveram. Aliás, Luís dos Anjos retomou, no contexto da narrativa de uma «vida» anónima³⁴, uma visão estereotipada das fragilidades (quando não «maldades»...) femininas que radicava mais nas tradições misóginas clericais do que nas correntes humanistas que defenderam, pelo menos retoricamente, a mulher.

Por outro lado, diferenciando «santas» e «mulheres ilustres em virtude», Fr. Luís dos Anjos, tal como muitos outros anteriores e do seu tempo, respeitava uma hierarquização (essencialmente formal, mas também disciplinadora) entre santos canonizados ou de culto imemorial e aqueles que não tinham visto formalmente reconhecida pela Igreja a sua fama de santidade, hierarquização que cada vez mais se ia impondo e fazendo respeitar por parte das hierarquias eclesiásticas³⁵. Mesmo que, para muitos, várias das mulheres (o mesmo se diga em relação aos homens) «ilustres em virtude» fossem consideradas tão santas como as canonizadas ou beatificadas, nunca a designação tinha a força que lhe conferia a formalidade do reconhecimento papal. E numa época – como foi, em particular, a dos finais do século XVI e inícios do século XVII – em que alguns casos famosos de «fingimento» detectados ou reconhecidos pelas hierarquias eclesiásticas provocaram escândalos que foi necessário acalmar ou remediar (lembre-se o mais famoso, em Portugal, da «monja de Lisboa»³⁶),

³² Respectivamente, nºs 131 e 132. A infanta D. Maria, patrocinadora do mosteiro do Monte Calvário de Évora e da capela-mor de Nossa Senhora da Luz, era «por extremo devota dos ofícios divinos», «mui devota da Virgem Mãe de Deus» e muito amiga dos pobres. Por sua vez, D. Leonor de Noronha amava o recolhimento, estando «de ordinário escondida em seu oratório, ora lendo, ora orando, ora escrevendo, donde veio a ser em nosso reino mui ilustre em virtudes e juntamente mui sábia».

³³ Duarte Nunes de Leão, na *Descrição de Portugal*, além do já referido capítulo sobre a «honestidade das mulheres portuguesas, incluiu outro sobre o «valor e animo de mulheres portuguesas» (cap. LXXXIX, fl. 144r-151r) e outro sobre a «habilidade das mulheres portuguesas para as letras e artes liberais» (cap. LXXXX, fl. 151r-v).

³⁴ A de «uma mulher solteira da Índia» (nº 173).

³⁵ E que culminou nos célebres decretos do Papa Urbano VIII em 1625 e 1634, que as obras hagiográficas passaram a referir ou transcrever textualmente no seu início e conclusão.

³⁶ Em 1625, Domingos Velho, na já referida obra *Princípio do divino amor*, ainda testemunhou o quanto se mantinha fresca a memória do fingimento da «monja de Lisboa», Soror Maria da Visitação, razão pela qual muitos diziam que «às mulheres, lhes basta rezar pelas contas e que não se metam em mais...» (pp. 24r-30v), mostrando como aquele e

os medos e as cautelas por parte das hierarquias eclesiásticas em torno da simples base da fé particular iam-se mantendo presentes e perturbadores. A diferenciação – na escrita – de «santo(a)» e «ilustre em virtude» escudava-se, assim, tanto no poder legitimador da Igreja como nos constrangimentos que esta, cautelarmente, ia (e iria, cada vez mais³⁷) impondo, mesmo que a *vox populi* persistisse em difundir a crença nos seus «santos/as», nomeadamente «vivos/as», a quem recorriam na esperança de milagres nas horas de aflição ou desespero e, em alguns casos, a quem desejavam imitar.

Além disso, a contraposição desta obra a outras do género, acompanhada, como se verá, da afirmação da sua utilidade, deverá ser ainda compreendida no quadro de alguma estranheza que a sua redacção e edição podia eventualmente provocar, tendo em conta não tanto a especificidade da sua área temática quanto o estatuto religioso do autor e a sua incumbência de preparação e redacção da Crónica da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho. Face a esta tarefa considerada tão séria e urgente – não se deverá esquecer que as principais ordens religiosas, se não contavam já com as respectivas crónicas gerais ou particulares, estavam empenhadas na sua rápida concretização –, a redacção e a edição de uma obra relativamente específica e sem antecedentes literários em Portugal³⁸ como é o *Jardim de Portugal* seriam necessariamente vistas como um exercício literário mais conotado com a «curiosidade» – ainda que não destituído de utilidade que a justificava e valorizava – do que propriamente com a necessidade. Talvez por isso, logo no prólogo aos leitores, Fr. Luís dos Anjos reconheceu, por um lado, o carácter mais «leve» desta obra aludindo à qualidade de desenfado e «alívio» da outra de «mais trabalho»

outros casos abalaram seriamente a crença na veracidade de fenómenos místicos femininos, apesar do caso de Santa Teresa de Ávila, cuja canonização foi conseguida em 1622.

³⁷ Se a instituição da Congregação dos Sagrados Ritos e Cerimónias em 1588 foi um dos passos importantes para um maior controlo formal dos fenómenos da santidade, os passos mais decisivos foram a referida publicação dos decretos do Papa Urbano VIII e, pelo menos aparentemente, uma maior exigência na elaboração e apreciação dos processos de beatificação e canonização, de acordo com o novo modelo de santidade da época pós-tridentina. Cf. Romeo de Maio, «L'ideale heroico nei processi di canonizzazione della Controriforma», *Ricerche di storia sociale e religiosa*, 1 (1972), pp. 139-160, e Giulio Sodano, «Il nuovo modello di santità nell'epoca post-tridentina», art. cit.

³⁸ Tal facto confere-lhe um lugar único no panorama da cultura portuguesa dos séculos XVI e XVII, já que, se algumas obras da mesma época e posteriores contemplaram «vidas» ou elogiaram diversas figuras femininas – lembro, por um lado, a já referida *Descrição de Portugal* (1610) de Duarte Nunes de Leão e as *Flores de Espanha, excelências de Portugal* (1631) de António de Sousa de Macedo e, por outro, diversas crónicas religiosas e recolhas hagiográficas, como o *Agiologio Lusitano* (3 vols., 1652, 1657, 1666) de Jorge Cardoso –, sempre ficaram diluídas em temáticas ou enquadramentos mais amplos que lhes diminuam a visibilidade e a especificidade.

que era a Crónica da Ordem, dizendo que tal iniciativa «tira o fastio, apura o engenho, enriquece a memória, acrescenta a sabedoria que às vezes se diminui com uma só ocupação». Deste modo, porque conhecedor da tradição narrativa em que queria situar este jardim, sugeriu no prólogo, indo talvez ao encontro da compreensão geral, que esta obra era fruto mais do exercício da «curiosidade» (ou seja, do campo da “literatura”) do que da «obrigação» da crónica (ou seja, do campo da “história”). Ao identificar a escrita – melhor, a «compilação» – do *Jardim de Portugal* como uma tarefa mais «leve» (ou, para usar as suas palavras, de menos «trabalho» que a da crónica agostiniana), Fr. Luís dos Anjos estava consciente – aliás, reconheceu-o em diversas «vidas» – de que muitas das narrativas que retomou de outros autores se deviam mais a penas literárias e muito devotas do que historiográficas. E, no seu caso, o devoto sobrepôs-se muitas vezes ao cronista...

Por outro lado, tentava também justificar a legitimidade da obra sugerindo o interesse mais amplo e a utilidade da mesma porque, como regista a própria folha de rosto, «contém boa lição pera mulheres, exemplos pera pregadores, motivos pera devotos e pera os amigos de histórias muitas antigas e modernas».

Por tudo isto, o seu longo título e o seu prólogo só em parte explicitam ou sugerem os objectivos e o conteúdo da mesma. A compilação e divulgação das «vidas» – ainda que, em geral, só por meio de breve «notícia» – de santas e mulheres «ilustres em virtude» obedecia ainda ao intuito (e escudava-se nele) de reavivar, legitimando também, a memória que a erosão do tempo ia destruindo, ao mesmo tempo que, no presente e, esperava-se, no futuro, se facultava um manual onde cada um(a) poderia colher exemplos (ou até modelos) tanto de comportamentos morais como espirituais³⁹. Por isso, a principal utilidade de tais exemplos residia no louvor de virtudes que, quais flores plantadas em prados espirituais, deviam ser genericamente colhidas, ou seja, praticadas pelas mulheres de diferentes estados: a humildade, o sofrimento, a caridade, a fortaleza, o jejum, o silêncio, a quietação, a pureza, a benignidade⁴⁰, entre outras⁴¹. Mas podia ainda tornar-se útil a outros – nomeadamente

³⁹ Não só tal intuito se vislumbra na globalidade das «vidas» como Fr. Luís dos Anjos o reconhece quando afirma, a propósito da «vida» de «uma mulher de Santarém» (n.º 85), que «foram muitas mulheres ilustres em virtudes particulares, pelas quais verdadeiramente são dignas de sempre estarem vivas em a memória das outras, pera que as imitem em os exemplos que lhes têm dado» *infra*, p.155).

⁴⁰ Fr. Luís dos Anjos, *Jardim de Portugal*, prólogo.

⁴¹ Nomeadamente, a principal de todas, a castidade (que «mais adorna as mulheres nobres que nenhuma outra» – p. 113), acompanhada da honestidade («que nas mulheres nobres é de maior estima» – p. 142) e do recolhimento que «nas mulheres é princípio de todo bem» (p. 243)

«pregadores»⁴² e «devotos» em geral, homens ou mulheres – que aqui encontravam histórias de admirar com que podiam, aqueles, adornar as suas prédicas e, estes, ocupar os tempos de ócio.

Em unísono se pronunciaram neste sentido os censores da obra, como Fr. Rodrigo da Conceição que acentuou a «piedade e erudição» do autor em disponibilizar a «lição» de muitos exemplos que «podem servir de edificação e exemplo ao povo e aos curiosos de ocupar bem o tempo»; como Fr. Gaspar dos Reis que referiu ser «de grande proveito e fruto pera as almas, de grande alegria e consolação pera as donas e mais pessoas devotas destes reinos, de grande estímulo pera a virtude e santidade»; até mesmo Diogo de Paiva de Andrada notou a sua utilidade «pera espertar mais a devação dos que lerem e quiserem imitar tão vivos exemplos de santidade». E, já se disse, também o responsável final pela edição, Fr. António da Purificação, não foi parco em elogios a este jardim colorido de «flores» que «aos naturais servirão de domésticos exemplos e às mais nações de admiração e espanto».

Deste ponto de vista, parece evidente que se tentava, senão substituir, pelo menos acrescentar ao gosto ou até à moda, na época, das «novelas exemplares» o das «histórias» ou «vidas exemplares» baseadas em casos reais que, provocando admiração, podiam e deviam também suscitar desejo de imitação.

Ao longo da obra, em diferentes contextos associados a episódios vários das múltiplas «vidas» marcadas pela exemplaridade, Fr. Luís dos Anjos foi insistindo nos propósitos educativos e/ou moralizadores que através dessa exemplaridade podiam ser mais eficazes. Por exemplo, na «vida» de Santa Teresa de Ourém⁴³, usou o exemplo desta santa «pera nos ensinar que folga [Deus] que se dêem os vestidos velhos e já usados aos pobres» e também para «ensinar que não estorvemos aos que estão em oração pera que façam cousa de somenos importância», ainda que «muitas vezes quer Deus Nosso Senhor deixemos as cousas da vida contemplativa pelas mais necessárias da activa». Outras vezes lembrou os perigos, para a honestidade das religiosas, da conversação com os seculares⁴⁴; alguns casos serviram para realçar o valor de certas devoções, como a dos milagres do rosário⁴⁵; outros para realçar o

⁴² Que foram destinatários referidos expressamente pelo autor no prólogo. Como vários estudos têm mostrado, os pregadores eram, tradicionalmente, os principais utilizadores da literatura dos *exempla*, nomeadamente os de temática hagiográfica. Sobre esta questão veja-se a bibliografia indicada *supra*, nota 9, além do artigo já citado de Francesco Scorza Barcellona, «Dal modello ai modelli».

⁴³ N.º 76, pp.144-146.

⁴⁴ Com o exemplo, entre outros, de D. Leonor de Castro (n.º 167) que sabia que «como o ar frio tira o sabor às iguarias, assi a prática dos seculares esfria os corações devotos».

⁴⁵ Vejam-se, sobretudo, os referidos nos n.ºs. 110-111, pp. 200-202.

valor da prática da caridade, nomeadamente na sua vertente de auxílio aos pobres e enfermos⁴⁶, ou ainda para alimentar o culto das relíquias, etc.

Por tudo isto, desejando tirar do esquecimento as «vidas» de santas e mulheres ilustres em virtude de Portugal, redigindo ou publicando pela primeira vez algumas delas, agrupando-as, também pela primeira vez em Portugal, numa compilação só com uma relativa unidade temática, seleccionando os momentos ou aspectos dessas «vidas» que resultavam mais exemplares (para admiração ou para imitação), Fr. Luís dos Anjos estava conscientemente a preencher uma lacuna editorial que confirmava um certo atraso de Portugal em relação às outras «nações» católicas que por diversas vias – e com diversas finalidades – vinham investindo na divulgação das «vidas» dos seus santos⁴⁷. E estava também a alimentar, tirando por vezes partido de recursos retóricos idênticos aos das novelas da época⁴⁸, o gosto pelo maravilhoso que, a seu modo, estas narrativas de «vidas», tantas vezes recheadas de actos heróicos e até de milagres, continham.

Contudo, como atrás se disse, os métodos narrativos de tais «vidas» nem sempre apresentam critérios uniformes tanto no que diz respeito aos dados «biográficos» – mesmo que tais dados só se reportem ao registo do martírio ou a fenómenos espirituais e até místicos – como ao modo como estes são apresentados, descritos ou apenas resumidos. E mesmo tendo o autor, por diversas vezes, insistido no objectivo de apenas «dar notícia»⁴⁹ das «santas» e «mulheres ilustres em virtude» a partir de «vidas» já escritas por outros autores (por isso indicou quase sempre as suas fontes principais⁵⁰), sem a preocupação da exaustividade ou do apuramento da «verdade» dos factos por eles narrados, não se absteve de contemplar diversas excepções (mas

⁴⁶ Vejam-se os exemplos contidos nos n.ºs. 76, 148, 150, 189.

⁴⁷ Cf. Sofia Boesch Gajano, «Dai leggendari medioevali agli *Acta Sanctorum*: forme di trasmissione e nuove funzioni dell'agiografia», *Rivista di storia e letteratura religiosa*, Anno XXI (1985), n. 2, pp. 219-244; Jean-Michel Sallmann, *Naples et ses saints à l'âge baroque*, ob. cit.

⁴⁸ Cf. José L. Sánchez Lora, *Mujeres, conventos y formas de la religiosidad barroca*, Madrid, 1988, esp. cap. IX, 1. «¿Hagiografía o novela de santos?», pp. 403-407.

⁴⁹ Este propósito está, como se viu, presente no próprio título, sendo reiterado pelo autor em diversas passagens da obra, sobretudo quando as suas fontes são lacunares como, por exemplo, no final da «vida» da Infante D. Leonor Afonso (n.º 82), ou no final da Infante D. Catarina (n.º 101).

⁵⁰ Todas as «vidas» – à semelhança do que também fez Pérez de Moya na sua *Varia historia de santas mujeres* – levam a indicação das fontes de que o autor se socorreu. Por isso tentei aqui, nesta segunda edição que não pôde ignorar a distância em relação às leituras e aos gostos de então, identificar tanto quanto possível com rigor as fontes que o autor assumiu seguir, a fim de que, em estudos posteriores, possam ser estudados, com maior profundidade, os critérios antológicos e narrativos do autor.

também essas dependentes das suas fontes) a tais critérios que disse comandarem alguns dos seus propósitos.

Por isso, os modos de apresentação das «notícias» de santas e mulheres «ilustres em virtude» – basicamente organizadas numa sequência cronológica, que o autor, assumidamente, nem sempre respeitou⁵¹ – estão fortemente condicionados pelos tipos de fontes de que pôde socorrer-se. Por um lado, reconheceu os óbices da falta de informações, da falta de registos escritos, num lamento partilhado por quase todos os cronistas da sua época, nomeadamente eclesiásticos⁵², lamento que, aliás, permite compreender o relativo sucesso dos falsos cronicões nos finais do século XVI e inícios do século XVII. As «vidas» que mais sofriam disso eram, compreensivelmente, as que dependiam de fontes dos primeiros tempos do cristianismo, razão pela qual Fr. Luís dos Anjos substituiu muitas vezes o que devia ser o relato da vida por «curiosidades» e «antiguidades», indo ao encontro de um gosto de influência renascentista que se mantinha ainda muito vivo na época. Por outro lado, quando as suas fontes eram mais generosas (sobretudo no casos de «vidas» com registos individualizados, impressas ou manuscritas) parece ter esquecido os propósitos de brevidade, aproveitando para retomar e/ou divulgar exemplos multifacetados de santidade e de virtude, como sucedeu, por exemplo, na «vida» da princesa D. Joana⁵³, de D. Maria, princesa de Parma⁵⁴, de Margarida de Chaves⁵⁵ e em outras inéditas de que havia registo manuscrito, permitindo-lhes assim beneficiar de uma divulgação mais ampla, como o de Isabel de Miranda⁵⁶, o de Maria Raimundes⁵⁷, ou o de Soror Maria

⁵¹ Se é certo que Fr. Luís dos Anjos se inspirou, para a organização da sua obra, em critérios de base cronológica já adoptados por algumas das fontes de que se socorreu ou que lhe serviram de modelo, razões de ordem prática que passam tanto pela comodidade como pela pertinência temática levaram-no a flexibilizar esses critérios, como, aliás, reconheceu a propósito da vida de «algumas mulheres» devotas do rosário (n.º 110): «posto que sejam mais modernas, pomo-las neste lugar porque tenhamos nele juntas as cousas que pertencem a esta celestial devação».

⁵² Sobre esta questão, permito-me remeter para M.ª de Lurdes Correia Fernandes, «História, santidade e identidade. O *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardoso e o seu contexto», art. cit., e «Os templos da memória sacra barroca», in Pedro Cardim (coord.), *A História: entre memória e invenção*, Mem Martins, 1998, pp. 207-230.

⁵³ N.º 107 (a partir da *Vida* impressa de Fr. Nicolau Dias).

⁵⁴ N.º 153 (com base na *Vida* escrita pelo seu confessor, o jesuíta Sebastião de Moraes, que teve várias edições, indicadas na nota ao texto).

⁵⁵ N.º 179 (socorrendo-se de parte da *Vida* manuscrita por Fr. Brás Soares e da edição impressa em 1612).

⁵⁶ N.º 180. Beneficiou do *Memorial* escrito por Fr. Brás Soares (veja-se a nota do texto).

⁵⁷ N.º 189. Esta «história» de Maria Raimundes foi escrita, como afirma Fr. Luís dos Anjos, a partir de «outra mais larga que me comunicou o muito reverendo padre Fr. Manuel da Conceição...».

do Espírito Santo⁵⁸, entre muitas outras. Por isso, dado o carácter antológico deste *Jardim*, resultante da reunião de textos de proveniência muito diversa, é compreensível a pouca homogeneidade narrativa, notada pelo próprio Fr. António da Purificação na sua alusão à falta do «mais delicado estilo⁵⁹».

Nas primeiras «vidas» – algumas delas figuravam já no *Martirologio Romano* – o autor tentou, sobretudo, mostrar ou demonstrar a “lusitanidade” das santas, demorando-se a fazer “história” a partir de lendas várias, na tentativa de suprir a falta – que o autor reconheceu constituir uma séria dificuldade – de fontes específicas através do enquadramento que diversas histórias «antigas», crónicas e alguns (falsos, mas que ele julgava verdadeiros) cronicões permitiam fazer. Por isso, em diversos momentos, particularmente em relação às «vidas» de mártires dos primeiros tempos do cristianismo, a sua preocupação maior foi a de mostrar serem várias delas portuguesas ou serem suas as relíquias que se guardavam e veneravam em Portugal. Em alguns casos, quase não forneceu dados sobre as santas, sobre a sua vida ou seu martírio, gastando todo o tempo a tentar mostrar serem «nossas»⁶⁰, por vezes através da discussão da veracidade de algumas fontes e autoridades de autores⁶¹. E casos extremos há, como, entre outros, o de «uma de Santarem»⁶² de quem pouco mais diz além de que foi devotíssima de Santo António, acabando por elogiar, sobretudo, este santo. Ou como o de Águeda Lopes⁶³ que parece ter sido mais um pretexto para apresentar a história do rosário da Virgem.

Por outro lado, com alguns martírios femininos – lado a lado com os masculinos – pretendeu mostrar, na linha da já referida afirmação da santidade das mulheres portuguesas, que estas foram também protagonistas na afirmação dos primórdios do cristianismo. Um dos exemplos é o de Santa Livrada⁶⁴ que, segundo D. Francisco de Padilha cujas palavras traduz Luís dos Anjos, converteu «muitos gentios à fé de Cristo ensinando-os com a vida e palavras e, pera melhor servir a Nosso Senhor, se retirou a fazer vida solitária. E como a tivessem todos por mulher muito santa e de grande doutrina, iam muitos cristãos e gentios a ela pera serem ensinados e consolados, que é a causa por que lhe damos o título de Doutora em esta história, primeiro que a outra nenhuma de nosso Portugal».

⁵⁸ N.º 194. Este relato foi «fidelmente tirado de uma larga e douta relação que fez da vida e morte desta serva de Deus o mui reverendo padre Frei Diogo de Santa Ana».

⁵⁹ Na dedicatória a D. Luisa Coutinho, *infra*, p. 35.

⁶⁰ Vejam-se, por exemplo, os casos das santas Pelágia, Teodósia e Aquileia (n.ºs 30, 31 e 32).

⁶¹ Como sucedeu, por exemplo, na argumentação em torno da mãe e da irmã de S. Dâmaso (n.ºs 34 e 35).

⁶² N.º 85, pp. 155-157.

⁶³ N.º 109, pp. 197-200.

⁶⁴ Ou Vuilgeforte (n.º 6).

E se algumas das santas dos primeiros tempos do cristianismo sofreram martírio por defenderem a fé de Cristo, outras foram vítimas, sobretudo, da infâmia: acusações de adultério ou de falta de castidade foram determinantes para a sua redenção, como sucedeu, por exemplo, com Elosinda e D. Teresa Soares⁶⁵. A defesa da virgindade – abarcando tanto a honra pessoal e familiar como a própria salvação – devia representar, pelo exemplo destas mártires, a reafirmação ou confirmação das formulações doutrinárias que, sobretudo com base em S. Paulo, S. Ambrósio, S. Jerónimo e S. Agostinho, orientavam ou condicionavam as pautas quer modelares quer vivenciais do comportamento feminino, tanto religioso como secular.

Por isso, deixando as «vidas» das virgens e mártires dos primórdios do cristianismo, as restantes estão profundamente marcadas pelo modelo monástico da vida espiritual que insiste, mais do que nas virtudes em geral, em virtudes ou qualidades específicas, particularmente valorizadas na mulher, como as da castidade, da humildade, da honestidade, do recolhimento, do silêncio, da obediência, do desprezo das vaidades e coisas terrenas⁶⁶. Assim se compreende por que razão, diferentemente de Pérez de Moya e até de Duarte Nunes de Leão, Luís dos Anjos não contemplou as mulheres ilustres em armas e letras: as finalidades simultaneamente pastorais, devocionais, edificantes e educativas relativas ao comportamento feminino que estavam na origem desta obra não visavam à defesa do sexo feminino contra os ataques de que continuava a ser vítima, mas na valorização e divulgação de pautas de comportamento que, privilegiando a vida de reclusão religiosa, só lhe reconhecia a alternativa, mas que era de «menor perfeição», da vida matrimonial cujos padrões morais vinham sendo também, disciplinarmente, difundidos na Península Ibérica, sobretudo depois de Trento⁶⁷. A opção pela vida religiosa – que se apoiava na reafirmação disciplinar pelo Concílio de Trento da superioridade do celibato religioso que Fr. Luís dos Anjos não se cansou de lembrar –, contava com exemplos que tanto podiam merecer admiração como desejo de imitação. Visivelmente, Fr. Luís dos Anjos não quis desprender-se de uma visão, ainda claramente dominante na produção

⁶⁵ N.ºs 50 e 51. Vejam-se ainda as «vidas» de S. Iria (n.º 43) e de Maria da Cortiçada (n.º 175).

⁶⁶ Não esqueçamos que as críticas às «vaidades» femininas não paravam de subir de tom por aquelas décadas (lembro apenas que a redacção da obra *Afeite y mundo mujeril* de Fr. Antonio Marqués, O.S.A., data, provavelmente, dos anos que medeiam entre 1617 e 1626). Por isso eram particularmente elogiadas aquelas que, podendo as suas «vaidades» ser socialmente desculpáveis ou até apreciadas, ousavam abdicar delas, como o fez, por exemplo, D. Joana Ferreirim (n.º 97).

⁶⁷ Sobre esta questão, permito-me remeter para o meu estudo *Espelho, cartas e guias. Casamento e espiritualidade na Península Ibérica - 1450-1700*, Porto, 1995, esp. segunda parte, pp. 201-338.

doutrinária da época – inclusivamente em Portugal –, da fragilidade moral e da inferioridade social da mulher que muitos pensavam só poder proteger-se verdadeira e eficazmente através do escudo da religião ou do desprezo da vida terrena e, portanto, do recolhimento. É sua a afirmação de que «pera um homem ser bom basta-lhe bondade ordinária, mas a mulher é tão fraca que pera ser perfeita não lhe basta qualquer, senão perfeição grandíssima»⁶⁸. E essa «perfeição grandíssima», segundo tradição antiga que remontava pelo menos a S. Paulo e que foi reafirmada disciplinarmente pelo Concílio de Trento, dificilmente se encontraria, nomeadamente para as mulheres, fora do estado religioso, porque o do casamento era cheio de «trabalhos» terrenos⁶⁹. Por isso Fr. Luís dos Anjos lembrou, a propósito das opções de vida de algumas das biografadas, como D. Mécia Pereira⁷⁰, que «a vida dos casados era dividida e parte se ocupava nas cousas da terra, parte na do céu, e que a das religiosas era mais excelente, pois não tinha outro fim senão seguir aquelas cousas que nos unem com Deus Nosso Senhor». Por isso, quase todas as «flores» deste jardim, excepção feita para virgens e mártires dos primeiros séculos do cristianismo e algumas viúvas⁷¹, dizem respeito a religiosas professoras ou a outras que, não tendo chegado a professar por diversos motivos que se prendiam quase sempre com condições económicas ou constrangimentos familiares, viveram na imitação total da vida religiosa.

Deste modo, a heroicidade das virtudes contemplada e encomiada na maioria das narrativas das vidas (em particular nas mais recentes) radica quase totalmente nos modelos de vida ascética e espiritual de raiz monástica que, de um modo geral, continuavam a ditar os contornos da santidade feminina: as penitências, os jejuns, as disciplinas, a obediência, a humildade, o silêncio, a frequência e qualidade da oração, mas sem esquecer também fenómenos do maravilhoso que continuavam a preencher o imaginário religioso e a atrair a curiosidade de muitos: as visões as levitações, as comunhões espirituais, as profecias, os milagres. E mesmo que estes não fossem, obviamente, aspectos que se propusessem para imitação, mas tão só para admiração, deviam servir para

⁶⁸ Na vida de D. Joana, marquesa de Elche (n.º 117, p. 216).

⁶⁹ Por aquelas décadas da idade adulta de Fr. Luís dos Anjos, outras vozes se levantavam em defesa da possibilidade de «perfeição» nos casados, como tentei mostrar em *Espelhos, cartas e guias. Casamento e espiritualidade na Península Ibérica*, ob. cit., esp. cap. VII – «Da ‘perfeição’ dos estados ao ‘casamento perfeito’», pp. 223-257.

⁷⁰ N.º 105, esp. pp. 184 e 185.

⁷¹ Viúvas que, ou acabaram por professar uma ordem terceira, ou se recolheram como se a houvessem professado, abraçando um ideal de viuvez que se mantinha muito vivo e influente. Sobre este ideal de viuvez me debrucei no artigo «Viúvas ideais, viúvas reais. Entre os modelos comportamentais e o silêncio da solidão – sécs. XVI-XVII» (no prelo).

estimular as práticas devocionais e espirituais não só das religiosas mas também de todos os crentes e devotos.

Por tudo isto, esta obra, rejeitando incluir as mulheres que se distinguiram nas armas e nas letras – em Portugal, só o século XVIII repôs com clareza esta dimensão⁷² –, representa ou testemunha uma grande resistência, pelo menos de certos sectores culturais da época, em olhar a mulher fora do quadro doutrinário da vida religiosa ou da vida matrimonial. Uma questão a que os estudos de história cultural e literária deverão prestar mais atenção, porque talvez ela permita vislumbrar muitas das marcas culturais que persistiram até ao presente.

⁷² Assim sucedeu, por exemplo, com a obra que saiu com o nome de Diogo Manuel Aires de Azevedo, *Portugal ilustrado pelo sexo feminino. Notícia histórica de muitas heroínas portuguesas que floreceram em virtude, letras e armas*, Lisboa, 1734, e com a de Damião de Froes Perim, *Teatro heroíno, abecedário histórico e catálogo de mulheres ilustres em armas, letras, acções heróicas e artes literárias*, Lisboa, 1780.

CRITÉRIOS DE EDIÇÃO

Nesta edição – a segunda impressa – do *Jardim de Portugal* seguiu-se a edição original, de 1626, mas procedi genericamente à modernização ortográfica, respeitando, contudo, algumas formas que claramente traduzem realizações fonéticas que correspondem a um estado da língua nas primeiras décadas do século XVII. A definição dos critérios para tal modernização teve como base de sustentação, antes de mais, o facto de a referida primeira edição ser já póstuma, não tendo tido o seu autor, por isso, a possibilidade de um acompanhamento nem de uma revisão ortográfica do texto. Em segundo lugar, a lição deste é muito marcada por múltiplas oscilações ortográficas que, na maior parte dos casos, não parecem obedecer a qualquer critério previamente definido, podendo muitas delas resultar, como era comum na época, de intervenções do(s) impressor(es), tanto mais que algumas nem sequer estão muito de acordo com os preceitos ortográficos anteriores, nomeadamente de obras da segunda metade do século XVI, como os das *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da Língua Portuguesa* (Lisboa, 1574) de Pêro de Magalhães Gândavo ou da *Ortografia da Língua Portuguesa* (Lisboa, 1576) de Duarte Nunes de Leão. Além disso, há diversas formas claramente influenciadas pela grafia castelhana, embora tal facto não seja garantia de realização fonética equivalente. Finalmente, a referida modernização – de acordo também com os objectivos e o enquadramento desta edição – permitirá uma mais fácil leitura da obra que se pretende acessível a um público amplo e não necessariamente especialista.

Por tudo isto, os critérios aqui adoptados foram os seguintes:

1. Correção de gralhas tipográficas óbvias, sendo apenas indicados em nota os casos que poderão suscitar dúvidas de leitura ou de sentido;
2. uniformização e modernização regrada do uso de maiúsculas e de minúsculas;
3. actualização da acentuação das palavras e, moderadamente, da pontuação, com a introdução de alguns parágrafos que tornam um pouco

mais leve o aspecto gráfico do texto e, conseqüentemente, também a sua leitura.

4. manutenção de algumas oscilações ortográficas que possam traduzir alguns aspectos do estado da língua na época (ex.: *pera/para; nacer/nascer; assi/assim; rosairo/rosário, prefeito/perfeito, etc.*).

5. não manutenção, contudo, do registo gráfico do que tradicionalmente eram hiatos nasais (ex.: *algũa*), porque são vários os casos que, na referida primeira edição, apresentam já a grafia da consoante nasal (ex.: *alguma; uma*);

6. uniformização no sentido da modernização das restantes oscilações ortográficas (ex.: *sesta/seixta/sexta > sexta; extremo/extremo > extremo; Lecenciado/Licenciado > Licenciado; fogir/fugir > fugir; gram/grão > grão; cumprir/cumprir > cumprir; inimigo/inimigo > inimigo; vesitar/visitar > visitar; minino/menino > menino; emperador/imperador, etc.*);

7. substituição do *u* consonântico intervocálico por *v*, do *i* por *j* (ex.: *leuar > levar; cuio > cujo, etc.*), bem como do *y* por *i* (ex.: *mystica > mística, etc.*);

8. actualização do uso do *h* (ex.: *aver > haver; hum > um, etc.*);

9. eliminação ou acrescento da consoante geminada de acordo com a ortografia actual (ex.: *elle > ele; sosego > sossego*) e eliminação das consoantes mudas (ex.: *sancto > santo; prompta > pronta, etc.*);

10. modernização dos grupos *ch > qu; hi > j; gn > n; mn > n* (ex.: *archivo > arquivo; Hiericó > Jericó; somno > sono*);

11. modernização da grafia dos pretéritos perfeitos de verbos da segunda conjugação e das palavras terminadas em *eo* (ex.: *comeo > comeu; Deos > Deus, etc.*);

12. modernização dos hiatos finais *-ea* e *-eo* para *-eia* e *-eio*;

13. transcrição da terminação da 3ª pessoa do plural do pretérito *-ão* por *-am* (ex.: *fizerão > fizeram*) e modernização, em geral, da nasalização (ex.: *irmam > irmã; may = mãe, etc.*);

14. aglutinação ou separação criteriosa de algumas palavras, de acordo com o uso actual (ex.: *por quanto > porquanto; com tudo > contudo; ensima > em cima; Espiritosantu > Espírito Santo; ategora > até agora; desdo > desde o, etc.*), incluindo as contracções da preposição *de* (*dalgum > de algum; dalma > da alma, etc.*), bem como a hifenização das formas átonas do pronome pessoal complemento (ex.: *pediume > pediu-me; chamoulhe > chamou-lhe; etc.*);

15. manutenção (sem acrescentos) de todas as passagens em itálico, bem como, no final, do «Catálogo de santas e mulheres ilustres em virtude», alterando, obviamente, as referências à paginação para as fazer concordar com as da actual edição e reordenando alfabeticamente os nomes.

16. Quando falta, de modo claro, alguma palavra, esta foi introduzida entre [].

17. nas passagens em castelhano procedeu-se igualmente à modernização criteriosa da respectiva grafia. Nas passagens em latim não foram introduzidas mudanças ortográficas e só muito pontualmente se introduziram alterações no uso de maiúsculas e minúsculas ou na pontuação;

18. finalmente, foram incluídas algumas notas de rodapé que visam explicitar palavras, frases, nomes ou referências bibliográficas do texto, tornando estas últimas mais precisas e mais facilmente consultáveis; no final, foi incluído um índice onomástico que, atendendo às características da obra, poderá facilitar a sua consulta. Nas citações de textos ou referências bibliográficas da época, nomeadamente as que figuram nas notas de rodapé, foram usados, em geral, os mesmos critérios de modernização ortográfica.

JARDIM DE PORTUGAL

em que se dá notícia de algumas santas e outras mulheres
ilustres em virtude, as quais nasceram, ou viveram, ou
estão sepultadas neste Reino e suas conquistas.

*Recopilado novamente de vários e graves autores, pelo Padre Doutor Frei
Luis dos Anjos, religioso e cronista da Ordem de nosso Padre Santo
Agostinho, natural da cidade do Porto*

Contém boa lição pera mulheres, exemplos pera pregadores, motivos pera
devotos e pera os amigos de histórias muitas antigas e modernas.

Anno 1626

*Impresso em Coimbra, com todas as licenças necessárias,
em casa de Nicolau Carvalho impressor d'El-Rei.*

Aprobação

Por comissão do ilustríssimo senhor Dom Fernão Martins Mascarenhas, bispo Inquisidor-Geral, vi este livro intitulado Jardim de Portugal, autor o Padre Doutor Frei Luis dos Anjos, religioso e cronista da Ordem de Santo Agostinho, natural da cidade do Porto, e nele não achei cousa contra nossa santa fé católica e bons costumes, antes piedade e erudição com que o Autor mostra a muita lição que tem de antiguidades e o desejo de servir a este reino de Portugal, trazendo-lhe à memória com muito estudo seu e trabalho muitos exemplos de virtude das mulheres portuguesas, que podem servir de edificação e exemplo ao povo e aos curiosos de ocupar bem o tempo; por onde me parece digno de se imprimir. Neste Colégio de Santo António da Pedreira de Coimbra, em 25 de Agosto de 624.

Frei Rodrigo da Conceição.

Aprobação

Vi este livro intitulado Jardim de Portugal, composto pelo muito reverendo Padre Mestre Fr. Luis dos Anjos, religioso e coronista geral da ilustre e sagrada família agostiniana, e não contém cousa que faça contra nossa santa fé e bons costumes, antes entendo que é obra de grande proveito e fruto pera as almas, de grande alegria e consolação pera as donas e mais pessoas devotas destes reinos, de grande estímulo pera a virtude e santidade, assim deles como dos estranhos. Mostra o Autor nela grande zelo de eternizar e com isso aumentar as virtudes e excelências de seus naturais, muita erudição e diligência em a lição das histórias antigas e modernas, e nesta sua vemos as partes que conforme ao grande Justo Lípsio se requerem, *ad fidem ad delectationem, et ad vitam elicere*. Pelo que me parece mui digna de ser impressa e a todos comunicada. Neste Colégio do Carmo de Coimbra, em 15 de Dezembro de 624.

D. Frei Gaspar dos Reis.

Licença do Santo Ofício.

Vistas as informações pode-se imprimir este livro intitulado Jardim de Portugal, composto pelo Padre Frei Luís dos Anjos, e depois de impresso torne pera se conferir com seu original e se dar licença pera correr, e sem ela não correrá. Em Lisboa, 15 de Fevereiro de 625.

O Bispo Inquisidor-Geral.

Licença do Ordinário

Pode-se imprimir. Em Coimbra, aos 30 de Março de 625.

Nicolau Monteiro

Aprovação

Senhor.

Por mandado de V. Majestade vi este livro intitulado Jardim de Portugal, composto pelo Doutor Frei Luís dos Anjos; tudo quanto se contém nele são relações de vidas de mulheres santas (de muitas das quais não havia notícia) em que este reino foi florecendo de inumeráveis anos a esta parte, tiradas com muita diligência de memoriais e autores de crédito e ornadas com santos documentos pera espertar mais a devação dos que lerem e quiserem imitar tão vivos exemplos de santidade. Será de geral proveito pera o Reino a impressão desta obra e de particular louvor pera o autor dela, que nos vai dando cada vez mais copiosos frutos de sua erudição, doutrina e virtude. Em Almada, 18 de Julho de 625.

Diogo de Paiva de Andrada.

Licença da Mesa do Paço.

Que se possa imprimir este livro, visto as licenças do Santo Officio e Ordinário que oferece, e depois de impresso torne pera se taxar e sem isso não correrá. Em Lisboa, 19 de Julho de 1625.

Monis. V. Caldeira. I. Ferreira. Araújo.

Taixado na Mesa do Paço a reis em papel.

Aprovação.

Por comissão do muito reverendo Padre Provincial, Frei Jorge de Sande, vi um livro do Padre Doutor Frei Luís dos Anjos, que se intitula Jardim de Portugal, em que trata a vida das matronas insignes em virtude e santas do

mesmo Reino, e não achei nele cousa contra nossa santa fé católica, nem bons costumes, antes entendo será de muito fruto espiritual o imprimir-se. E por verdade lhe dei esta em 19 de Abril de 624.

D. Frei Martinho de Aragão.

Licença da Ordem.

Frei Jorge de Sande, Provincial da Ordem de Santo Agostinho nestes reinos de Portugal, pela presente damos licença ao Padre Doutor Frei Luís dos Anjos, cronista da nossa Ordem, pera imprimir um livro que se intitula Jardim de Portugal, vista a aprovação e informação que dele dá o Padre Doutor Frei Martinho de Aragão, Reitor do Colégio de Nossa Senhora da Graça de Coimbra. Dada em Lisboa a 24 de Abril de 624.

Frei Jorge de Sande, Provincial.

[Dedicatória]

À Senhora
 Dona Luísa Coutinha, condessa do Sabugal,
 alcaidessa-mor de Santarém, etc¹.

Filhos chamou S. Basílio, em uma carta que escreve a S. Gregório, às obras do entendimento em as quais cada um se retrata a si, melhor ainda que em toda a outra geração; e se os que mais cedo perdem os pais com o desemparo natural ficam mais encomendadas à providência divina, póstumo é este livro que sai a luz despois da morte de seu autor, o Dr. Fr. Luís dos Anjos, cronista geral desta Ordem, por virtude e erudição tão conhecido como será pelo que dela deixa escrito, em que seu trabalho com o crédito de sua religião o fará imortal.

Encomendando-me, pera suprir a falta da presença do autor, o muito R. P. M. Fr. Manuel de Lacerda, nosso visitador-geral, a continuação desta impressão a que poucos dias despois de começada faltou o seu autor, não só pela razão de mais desemparado e órfão (gente a que V. S. com tanta vontade sempre assiste), mas pela matéria de que trata, busca este livro em V. S. o emparo e protecção que sua necessidade lhe assegura. Jardim se chama de Portugal, em o qual, ainda que não seja com o mais delicado estilo, contudo se apresentam as melhores plantas, flores e frutitos que deram neste reino de Portugal desde os cedros do Monte Líbano, rainhas, digo, e princesas dele, até às mais humildes ervinhas que nascem em os mais desabridos e inabitados vales. E se, como Séneca disse, o caminho que é largo por doutrina é breve por exemplo, nele se vêem muitos e mui eficazes que mostram, como S. Gregório diz, com obras factível o que persuadem, pois, quem entrar neste jardim de todo o género de virtudes e perfeições poderá colher flores, nascidas em o mesmo campo e das mesmas plantas portuguesas com que aos naturais servirão de domésticos exemplos e às mais nações de admiração e espanto; e V. S. terá em particular muitas que colher, nascidas das plantas de seu próprio sangue por todos seus avós e pelos da Casa do Sabugal, que hoje representa em a companhia do Conde que Deus guarde. E se neste jardim tiveram lugar perfeições dos vivos, não fôra o livro tão breve, nem consentiram os pobres

¹ D. Luisa Coutinha (ou Coutinho), filha de D. João Coutinho, alcaide-mor de Santarém, e de D. Catarina de Meneses, era casada com D. Francisco de Castelo Branco, segundo conde de Sabugal. Morreu a 31 de Janeiro de 1639 (cf. António Caetano de Sousa, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, esp. XI, Liv. XIII, p. 479).

e hospitais que ele deixasse de crescer muito, dizendo-se ainda pouco das mercês e cuidado com que V. S. os favorece. A pessoa e estado de V. S. guarde Nosso Senhor largos anos. Coimbra, deste Colégio de Nossa Senhora da Graça, hoje 17 de Março de 626 anos.

Capelão de V. S.

Frei António da Purificação.

A quem ler.

Os que tomam à sua conta empresas largas de estudo costumam aliviar-se com outras de menos trabalho, porque a variedade causa mil danos a quem começa, mas, ao que tem experiência, traz-lhe proveitos inumeráveis: tira o fastio, apura o engenho, enriquece a memória, acrescenta a sabedoria que às vezes se diminui com uma só ocupação; a mesma Natureza o ensinou entresachando, na fábrica das canas, folhas e nós, pera que saiam bem fortes e compridas. Também a arte deu as mesmas lições ao que malha na vigorna, fazendo-lhe dar algumas marteladas fora da obra, pera que torne a ela com dobrado gosto e maior tento; e se pera cousa tão clara são necessários exemplos, temo-los a cada passo nas obras de nosso Padre Santo Agostinho, que prometia umas e primeiro divulgava outras bem diferentes das que se esperavam. Digo isto porque, pera alívio dos contínuos estudos da Crónica agostiniana² em que principalmente me ocupo, não deixei de ajuntar algumas cousas pertencentes a nosso Portugal, das quais escolhi este tratado, para que os homens bons se alegrem e os maus se confundam, vendo que em todas as idades teve nosso reino mulheres excelentes em todo género de virtudes e assim as que vivem como as viúvdouras achem facilmente a quem imitar, porquanto não há cousa tão dificultosa que não fique fácil a quem a vê feita por outrem e faz pela fazer quanto em si é.

Dous motivos outros tive neste trabalho. Um foi ver que são celebradas em algumas partes de nosso reino muitas destas nossas lusitanas, a saber, Santa Eufémia, Santa Marinha, Santa Olaia, Santa Engrácia, Santa Eiria, Santa Comba, e os pregadores não têm até agora impressas suas histórias assi juntas como neste livro lhas damos. O segundo motivo foi que alguns autores estrangeiros, como é João Peres de Moya³ e outros⁴, trataram das mulheres que houve no mundo insignes em todo o género de virtude e assi passaram

² Fr. Luís dos Anjos não chegou a concluir esta *Crónica*, que veio a ser mais tarde retomada e completada pelo bispo espanhol, religioso da mesma Ordem, Fr. Pedro del Campo, *Historia general de los Ermitaños de la Orden de N. P. San Agustín. Primera Parte*, Barcelona, 1640. Relativamente a Portugal, Fr. António da Purificação compôs e fez imprimir a *Crónica da antiqúissima provincia de Portugal da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, Parte I*, Lisboa, 1642 e *Parte II*, Lisboa, 1656.

³ Juan Pérez de Moya, *Varia historia de sanctas e illustres mugeres en todo genero de virtudes. Recopilada de varios autores*, Madrid, Francisco Sanchez, 1583, recentemente reeditada no Volume II das *Obras* deste autor, Madrid, 1998, pp. 619-1004.

⁴ Por exemplo, Silvano Razzi, *Delle vite delle donne illustri per santità*, Tomo I, Florença, 1595; tomo II, ibi, 1597; tomo III, ibi, 1599; tomo IV, ibi, 1599; tomo V, ibi, 1602; tomo VI, ibi, 1606.

em silêncio as do nosso Portugal, como se nele faltaram, e os que escreveram e descreveram cousas do mesmo nosso reino contam de tão poucas e tão pouco que ficam diminuindo sua grandeza nesta excelência, que tem grandíssima, pois se poderam ajuntar às deste livro em breve tempo com pouco trabalho e porque, ainda que pusera muito, sempre fora menos do que era necessário pera não serem porventura mais as que calamos que as que nele referimos. Das que digo pouco, folgara ser largo, mas não achei suas cousas em livros alheios, pelos quais de ordinário me guio, esperando em Deus Nosso Senhor que ao diante se acrescente assi o número de todas como a história de cada uma. Não propomos com tanta diligência quanta convinha a ordem dos anos em que floreceram, principalmente as modernas, porque está mui clara nas circunstâncias com que procedemos; e mais, não divulgamos agora crônicas que sempre olham pera os tempos, senão exemplos que não têm de ver com outra cousa de maior sustância que louvar virtudes pera que sejam imitadas e condenar vícios pera que sejam aborrecidos.

Quanto aos milagres, não é nossa tenção acrescentar ou diminuir-lhes a autoridade, senão conservá-los na que sempre tiveram; e assi como quem vende uma cousa a peso não lho faz maior ou menor com seus louvores ou vitupérios, assi, ou louvemos muito ou pouco as plantas deste jardim, não devem ficar maiores ou menores do que é a grandeza de suas virtudes. Algumas tinham tão breves memórias que foi necessário adorná-las, não com palavras elegantes que muitas vezes são de impedimento na história, mas com digressões, ou de antiguidade pera os curiosos, ou de doutrina pera os devotos. Peço recebam bem uns e outros estas cousas ambas e juntamente a boa vontade com que os desejo servir em todas.

Chamo jardim a este tratado seguindo aos que escreveram livros dos Padres do Egipto, porque lhes chamaram vergeis ou prados espirituais⁵, ensinando com tão alegre título que não são exemplos santos menos fermosos aos olhos da alma que quaisquer flores aos do corpo, e certo, que não sei viola mais suave que a humildade, nem lírio mais lindo que o sofrimento, nem rosa mais abrasada que a caridade, nem cravo mais forte que a fortaleza, nem jasmim mais mimoso que o jejum, nem mais saudoso goívo que o silêncio, nem mosqueta mais querida que a quietação, nem cecém mais pura que a pureza, nem bonina mais benigna que a benignidade, as quais e muitas outras

⁵ De que é um exemplo o *Prado Espiritual*, que constitui o tomo VII da obra de Luís Lippomano, *Sanctorum priscorum patrum vitae*, Veneza, 1558; veja-se igualmente Juan Basilio Santoro, *Prado espiritual: Los tres primeros libros del Prado espiritual, recopilados de antiguos y clarísimos y santos doctores*, Burgos, 1588; Madrid, 1607; Lisboa, 1607; Valladolid, 1614; Barcelona, 1623; Gerona, 1624, etc.

virtudes resplandecem mais neste jardim diante dos olhos de Deus que as mesmas estrelas do céu diante dos homens.

Resta a quem ler me encomende em suas orações a Nosso Senhor, olhe que lho rogo afincadamente, porque não desejo colher mor fruto de nossos desejos, assi chamo a nossos estudos depois de dar a glória deles, se tiverem alguma, a Deus Nosso Senhor, a quem se deve toda, eternamente. Amen.

JARDIM DE PORTUGAL.

CLÁUDIA LOBA,
do Porto.

Entre as famílias mais ilustres que achamos em nossa Espanha depois do tempo de Cristo Senhor Nosso, uma é a dos Lobos, ou Lobos, enobrecida por Caio Sévio Lobo que mandou edificar o castelo velho da Corunha, obra mui insigne dedicada a Marte, imperando Augusto César como consta deste letreiro que está esculpido nela:

MARTI
AVG. SACR.
C. SEVIVS LVPVS.

Donde se colige que era príncipe ou régulo, pois seu nome foi esculpido na torre quando já os romanos tinham feita lei que não se pusesse nos edifícios públicos senão o nome da república ou do príncipe que os mandara fazer, a qual lei guardou mui bem o mestre daquelas obras Aulo de Chaves nosso português que se aproveitou de umas piçarras que estavam perto da mesma torre e nelas pôs seu nome assi:

ARCHITECTVS
AV. FLAVIENSIS
LVSITANVS. EXVO

Desta ilustríssima família dos Lobos ou Lopos se derivou o mui antigo e bem nobre apelido dos Lopes e descenderam três mulheres mui célebres em toda Espanha quando se começou a pregar nela o Evangelho pelo glorioso Santiago Maior e seus discípulos. A primeira foi Caia Loba, a qual se chama Dona Loba na história do mesmo Apóstolo, aonde lemos que não se converteu à fé católica senão depois de muitos milagres que fizeram as relíquias deste nosso sagrado Apóstolo diante dela. A segunda foi Dona Loba de Guadix, da qual está escrito na história de São Torcado e mais discípulos de Santiago que

foi por eles baptizada quando, depois de serem já bispos, pregaram na Andaluzia. A terceira é a nossa Cláudia Loba portuguesa, digna de ter o primeiro lugar entre todas, porque não foi menos nobre nem menos antiga senão mais em receber o sagrado baptismo; o que não fez quando os discípulos do bem-aventurado Santiago pregaram o Evangelho na Andaluzia, nem quando chegaram com as relíquias do mesmo Apóstolo a Compostela, senão quando as levavam pelo mar Oceano, à vista do nosso Portugal em a praia de Bouças, aonde agora está a povoação de Matozinhos, porque passando por aquela costa o navio que levava as relíquias do glorioso Apóstolo Santiago, uma mulher do Porto celebrava vodas com um mui nobre e rico varão da Maia; e não achamos expressos os nomes destas pessoas senão nos livros dos letrados antigos, em que se faz menção de Caio Carpo Palanciano (isto é, da Maia, que se chamava Palância) e de sua mulher Cláudia Loba Calense, isto é, do Porto, que se chamou Cale, como consta do antigo Itinerário que o imperador Antonino nos deixou, contando as antigas povoações grandes que em seu tempo havia de Coimbra até Braga, nesta maneira, segundo o douto Diogo Mendez de Vasconcelos⁶ interpreta escrevendo sobre as antiguidades de Portugal que fez Mestre André de Resende:

Conimbrica, Coimbra.
 Eminium, Agueda.
 Talabrica, Aveiro.
 Langobrica, a Feira.
 Cale, Porto.
 Bracara, Braga.

É porque a palavra cale, segundo nota em seu Vocabulário António de Nebrixa⁷, vem de calos, que significa porto bom, fresco e seguro como, pois, outras cidades em nossa Europa conservam este nome grego e muitas se chamam cales, assim esta conserva a interpretação de seu antigo nome, que é porto; donde, quando se faz menção de Cláudia Loba Calense, havemos de entender que foi do Porto que também se dizia Portucale, porquanto Porto, interpretação latina do nome Cale que lhe deram os gregos, seus primeiros fundadores, e juntamente o mesmo nome Cale fazem a palavra Portucale, que é Portugal, reino que tomou o nome desta cidade situada na enseada do

⁶ Diogo Mendes de Vasconcelos, *Scholia in quatuor libros Resendii de Antiquitatibus Lusitaniae*, in André de Resende, *Libri quattuor de Antiquitatibus Lusitaniae*, Évora, Martinho de Burgos, 1593, pp. 245-259, esp. p. 254. Contudo, este autor fez corresponder a *Conimbricae*, não propriamente Coimbra, mas, sim, *Condeixa a Velha* (p. 254).

⁷ Antonio de Nebrija, *Dictionarium*, Alcalá, 1628, reed. em 1532.

Douro, entre árvores e penedos, aonde agora se chama Miragaia, e por nenhum caso a palavra cale se pode tomar (como alguns autores cuidam) de modo que signifique Gaia. A rezão é esta. Os antigos, quando demarcaram os sítios que estão a par do mar e rios mui caudalosos, de ordinário se guiavam por suas figuras e conforme a elas lhe puseram os nomes, segundo António Galvão⁸ no livro que imprimiu dos descobridores das ilhas adverte, e assi, aonde havia área em grão cópia⁹ sem vasão pera dentro, chamavam-lhe praia; aonde se via igualdade na terra mui comprida chamavam-lhe baía; aonde se abria alguma parte, como meia lua, diziam que lhe chamassem angra; e vindo a nosso propósito, aonde se fazia alguma enseada fresca, escondida com penedos e árvores de modo que se podia calar para dentro da terra, chamavam-lhe cale, que é o mesmo que porto; e se a terra estava amontoada uma sobre a outra e por onde quer que a tomamos retrocida como um cajado, chamavam-lhe gaia, ou gaieta, que é o mesmo; e assi é gaieta em Itália e gaieta ou calheta na ilha da Madeira e conforma com isto Estrabão quando no livro quinto diz: *Cayetam sic esse appellatam à finis curuitate, quia omnia curua lacorum idiomate sic solent nominari*. Eis aqui a palavra gaieta, diminutivo de gaia, significa cousa curva, como uma galheta, e assi gaia não pode ser o mesmo que cale, senão que são vocábulos contrários, porque gaia significa terra curva, mociça, inteira, e torcida, mas cale porto plano, fresco e metido pera dentro; e porque alguns cuidaram que Cale era o mesmo que Caia, disseram que Cláudia Loba Calense era deste lugar, como foi o autor de *Flos Sanctorum*, que logo citaremos, sendo natural do Porto. Manifesta-se mais que a cidade Cale, ou do Porto, não foi Gaia, porquanto Gaia cai na Lusitânia, que começa desde o Douro pera Coimbra, e à cidade do Porto pertencia propriamente a província das Galizas, por onde não teve nunca por seu metropolitano o arcebispo de Mérida, que o era das igrejas da Lusitânia, senão ao de Braga, que o era de ambas as Galizas lucence e bracarense.

Derivou-se a nobreza da nossa Cláudia Loba da família Claudiana, chamada assi de Cláudio Sabino que com cinco mil vassalos veio a Roma depois que esta cidade não teve reis, como se colige de Tito Lívio, alegado por Carolo Sigonio no livro dos nomes romanos¹⁰, de modo que descende dos sabinos, depois que foram juntos com os romanos, porque a palavra

⁸ António Galvão, *Tratado (...) dos diversos e desvairados caminhos por onde nos tempos passados a pimenta e especiaria veio da Índia às nossas partes, e assim de todos os descobrimentos antigos e modernos que são feitos até a era de mil e quinhentos e cinquenta. Com os nomes particulares das pessoas que os fizeram (...)*, Lisboa, 1563.

⁹ Em grande quantidade.

¹⁰ Veja-se, entre as várias edições, a seguinte de Carlo Sigonio, *De nominibus romanorum liber*, in *Fasti consulares ac triumphii acti à Romulo rege vsque ad T. Caesarem (...)*, Veneza, 1556. fls. 152r-159v., esp. 158v.

Cláudia, de que tomou o prenome, ficou sendo romana, derivada de Sabina, que é Clausa.

Foi casada com um ilustríssimo varão chamado Caio Carpo, ajudador de Cláudio Atenodoro, prefeito dos mantimentos que cada ano haviam de render as partes de Entre Douro e Minho em nosso Portugal, e vivia na Maia, terra bem conhecida por sua fertilidade, nas que mais vezinham com a cidade do Porto, à qual os latinos chamaram Palância, e ambos receberam o baptismo no dia dos seus desposórios, em que sucederam milagres mui notáveis que logo contaremos, depois de ficar contestado o epitáfio que este nobilíssimo português, descendente dos romanos, pôs no sepulcro que fez pera si e pera sua mulher Cláudia Loba, o qual se achou no Teatro dos letreiros antigos, folhas noventa e oito, aonde se trata dos que pertencem a este tempo e terras, e é o seguinte, tanto mais pera ser estimado, quanto menos até agora foi lido:

C. CARVVS. AVG. LIB.
PALLANTINVS.
ADIVTOR CLAVDII
ATHENODORI. PRÆF.
ANNONÆ. FECIT
SIBI, ET CLAVDIAE
LVPÆ CALENSI.
CONIVGI PIISSIMÆ
TITO. CLAVDIO QVIR.
ANTONIO, ET LIB.
CLAVDIO ROMANO
VERNÆ, ET LIBERTIS
LIBERTABVSQ. POS.
TERISQ. EORVM.

Quer dizer, Caio Carpo da Maia, liberto de Augusto César, ajudador de Cláudio Atenodoro, prefeito da renda dos mantimentos, fez este muimento pera si e pera Cláudia Loba Calense sua mulher mui pia e pera Tito Cláudio Quirino, pera António filho e Libério Cláudio, romano servo que lhe nasceu em casa, pera os que haviam sido seus servos e estavam livres, assi homens como mulheres, e pera seus descendentes.

Eis aqui temos advertido os fundamentos donde bem se infere ser Caio Carpo da Maia e Cláudia Loba do Porto o esposo e a esposa que celebravam suas vodas na praia de Bouças quando o corpo do glorioso Santiago passou numa barca, à vista de nosso Portugal, pera as partes de Galiza, segundo lemos na história do mesmo Apóstolo que está escrita

de mão¹¹ num Flos Sanctorum do Mosteiro de Alcobaça trasladado de antiquíssimos originaes, ano do Senhor mil e quatrocentos e quarenta e três, por mandado do abade do mesmo mosteiro, Dom Fernando de Aguiar. As palavras da história são estas, puntualmente: Logo lhes fez, aos discípulos de Santiago embarcados em Jope com as relíquias de seu sagrado mestre, um vento mui manso e muito bom, que os fez correr pelo mar alto muito em paz e bem; quando chegaram ao direito de Portugal, a um lugar que há¹² nome Bouças, houve¹³ assi, que um rico homem que havia na terra de Gaia casava sua filha com o filho de outro rico homem que tinha da outra parte do Douro a terra de Amaia, e faziam vodas em Bouças, que jaz na Amaia, donde era natural o cavaleiro. Repete isto mesmo Dom Mauro Castellá no livro segundo, capítulo segundo, da História do Apóstolo Santiago¹⁴, aonde diz: Veniendo por el mar occidental de España, por aquella parte que responde a la ciudad del Porto y sus comarcas, honró Dios su Apóstol.

Logo refere este autor as maravilhas que no Flos Sanctorum estão escritas desta maneira: O noivo, bofardando o cavallo em que iva, tirou pello freio e meteu-se com ele em la mar, e sonegou por sob água até o direito da nave, u¹⁵ andava o corpo de Santiago, e alli saltou o cavaleiro a par da nave e catou-se, e viu o cavallo e a sela e o peitoral e as estribeiras e a lâmia e os panos todos cheios de vieiras, e que viera de sob água, sem dano nenhum que houvesse, e que estaua sobre o mar bem como em terra chã, maravillhou-se muito; estando assi maravilhado, viu a par de si a nave.

Três cousas há neste caso notáveis. Uma, entrar o cavaleiro pelo mar sem se afogar, nem o cavallo; outra, não se molhar; e a terceira, ver-se subitamente cheio de conchas, ou vieiras, as quais maravilhas ponderou o Breviário próprio da Igreja de Ouedo¹⁶, em um hino de Santiago, com estes versos:

¹¹ Manuscrita.

¹² Tem.

¹³ No original está *aveo*. A manutenção aqui desta forma, inexistente na língua portuguesa, resulta — caso não se trate de erro tipográfico — da sua aparente realização fonética.

¹⁴ Mauro Castellá Ferrer, *Historia del Apóstol de Jesús Cristo Santiago Zebedeo, patrón y capitán general de las Españas*, Madrid, 1610, Livro II, cap. II, «Milagro que obró Dios por el Apóstol Santiago en el Mar Occidental de España, antes de llegar su santísimo cuerpo à Iria Flavia», esp, fls. 123v.-125r.

¹⁵ Onde.

¹⁶ *Breviarium secundum diocesis ovetensis mandato illustrissimi domini Christophori Rojas et Sandoval, episcopi ovetensis, Oviedo, 1556.*

*Cunctis mare cernentibus,
Natus Regis submergitur:
Sed à profundis ducitur
Totus plenus conchilibus.*

Quando o cavaleiro se achou diante da nau e dos discípulos de Santiago, pediu que lhe declarassem quem eram e por que causa estava cheio de tantas maravilhas; principalmente, que significavam aquelas conchas ou vieiras de que se via cheio. E eles fizeram logo seu rogo (diz a história) e feita sua oração disse-lhes uma voz: Nosso Senhor Jesu Cristo quis mostrar por ti, aos que agora são e aos que hão-de vir, que a este seu vassalo quiseram amar e servir e que o vierem buscar ali u ele for soterrado, que levem em de tais conchas, como essas de que tu és conchado, em maneira de outras tais, por sinal e por sêlo de privilégio que são seus e que por seus serão ende, e que depois no dia do grão Juizo serão de Deus conhecidos por seus e que Deus, por amor da honra que fizeram a este seu vassalo e seu amigo em o buscar, os receberá consigo na sua glória do paraíso. Notamos a causa por que os devotos de Santiago trazem as conchas ou vieiras nos chapéus e que foi esta devação revelada primeiro em o nosso Portugal por vozes angélicas e encomendada celestialmente a romaria que se faz ao nosso principal mestre e patrão¹⁷ de Espanha.

Pedi este ilustríssimo cavaleiro aos discípulos do sagrado Apóstolo que lhe dessem o baptismo que pregavam e nota-se na história que não somente foi bom discípulo, senão logo mestre da doutrina cristã e que a persuadiu à gente com que estava jogando as canas, correndo no cavalo por cima do mar como se fora em um campo mui plano e, depois de contar tudo quanto lhe tinha sucedido, não foi em aquelas vodas homem nem mulher que não cresse e que não prendesse¹⁸ o baptismo, e o noivo fez logo tomar o baptismo a sua esposa antes que ele a houvesse¹⁹, e assi casou com ela e foram todas aquelas duas terras de Gaia e da Maia tornadas à fé de Jesu Cristo, e as outras de arredor daquelas pela pregação daquele mesmo cavaleiro, que o fez mui bem té²⁰ sua morte.

Até aqui o Flos Sanctorum citado, dando-nos a entender que uma das primeiras mulheres gentias que receberam o baptismo em Portugal foi esta, da qual advertimos que, pela muita devação que tinha ao culto divino, é no epitáfio acima chamada piíssima, e assi é crível que morresse

¹⁷ Patrono.

¹⁸ Tomasse.

¹⁹ Antes que a recebesse por mulher.

²⁰ Até.

bem e ainda na terra deixasse mui ilustre posteridade; pelo que nota como cousa mui sabida o Licenciado Molina, no livro que fez das cousas notáveis de Galiza²¹, que destes dous ilustríssimos casados que faziam suas vodas em Bouças, pelos quais entendemos Caio Carpo da Maia e Cláudia Loba do Porto, descendem os Pimentéis de Portugal, que ainda permanecem nas terras de Entre Douro e Minho, dos quais se passou pera Castela João Afonso Pimentel, senhor de Bragança, que veio a ser conde de Benavente, uma das grandes casas de Espanha; e confrontam com isto as cinco vieiras que trazem por armas, as quais estão esculpidas na mui alta torre do castelo de Bragança e são as primeiras insígnias que sabemos de família alguma em Portugal, e porventura em Espanha, mui dignas de estima, pois foram dadas pelo céu milagrosamente, e também ficaram ao nosso Apóstolo Santiago, como nota o mesmo Licenciado Molina, não engrandecendo nem perpetuando outras mais que estas assi:

*Agora en el cabo por gusto, y sazón
Pongo el escudo de nuestro glorioso,
y de un Cavallero no mal venturoso,
No queden sus armas sin declaración:
Que fue de un milagro de un noble varón,
El qual proseguendo en la mar sus carreras,
Del golfo tan lleno salió de veneras,
Que agora al Apóstol las dan por blasón.*

Foi feito este milagre das vieiras no ano do Senhor de quarenta e quatro em que, segundo os Anais de Baronio²², sucedeu a morte do glorioso Apóstolo Santiago e, pelo conseguinte, sua transladação, da qual dizem as notas do mesmo Baronio sobre o Martirológio Romano²³, onde tratam deste nosso Apóstolo, que era celebrada em nossa Espanha a trinta de Dezembro, como ordenou o Papa Calisto II por suas bulas que expressamente mandam assi: *Tertio Kalendas Ianuarij celebretur eius translatio Hierosolymis facta*

²¹ Lic.^o Juan de Molina, *Descripción del reyno de Galizia, y de las cosas notables dél con las armas y blasones delos linajes de Galiza (...)*, Mondoñedo, 1550, reed. 1551. Cf. edição de Madrid, 1675, p. 158-159.

²² São muitas as edições (anteriores e posteriores à edição do *Jardim de Portugal*) de Cesare Baronio, *Annales ecclesiastici*; por exemplo, Roma, 1588, 1591, 1592, 1593, 1594, 1595, 1596, 1598, 1602, 1605, 1607; Veneza, 1593, 1600, 1606, 1612; Colónia, 1598, 1603, 1609, 1624; Mogúncia, 1601, 1606-1608, etc.

²³ Cesare Baronio, *Martyrologium romanum: ad novam Kalendarii rationem (...); accesserunt notationes atque tractatio de Martyrologio Romano*, Roma, 1586. Cf. reedição de Antuérpia, 1613, fl. 308-309.

Galæciam, itemque electio. Também no mesmo dia se mandou festejar a eleição do mesmo Santiago, e com rezão, porque foi escolhido pera ser Apóstolo da nossa Espanha, na qual, assi como pregou sendo vivo, assi a quis emparar com suas relíquias despois de morto e primeiramente honrar nosso Portugal e os nossos portugueses, do modo que está dito.

Advertimos que não cuide alguém que Caio Carpo era de baixa condição por ser chamado, nesta história e em seu epitáfio, liberto, que quer dizer filho de homem ou homem que foi cativo, pera o qual é necessário saber que, sendo um livre de²⁴ seu nascimento, não lhe faz dano haver estado cativo e despois ser libertado, o que ensina Justiniano no título quarto do livro primeiro das suas Instituições²⁵. Como, pois, Prúsias, rei de Bitínia, foi cativo dos romanos, os quais despois lhe deram seus estado e entrou em Roma com notáveis sinais de agradecimento, entre os quais pondera Tito Lívio no fim da quinta década que trazia chapéu na cabeça e que se chamava liberto do povo romano, do mesmo modo o nosso Caio Carpo era filho de um Grande de Espanha, que a história do *Flos Sanctorum* alegado chama rico-homem da Maia, o qual e quiçá seus antecessores foram sujeitos²⁶ pelo imperador Augusto, que despois usou de clemência e fez deles muita confiança, restituindo-os à sua antiga liberdade, dando-lhes officios de muita nobreza, pelo que ficaram mais illustres que de antes; e porque mostrasse ânimo agradecido quis este nobre varão Caio Carpo chamar-se liberto de Augusto e em sinal deste seu agradecimento trazia chapéu, que era insígnia dos libertos, porque os livres traziam barretes quando havia muito sol e de ordinário cobriam as cabeças com as pontas das toucas ou com o meio de suas capas, feitas ao modo de mantos; e assi os que vêm de Santiago com as conchas, bordões e vieiras, insígnias que se acham em Compostela postas em os chapéus, denotam que foram libertos, isto é, livres do voto que tinham feito desta romaria, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

²⁴ Por.

²⁵ Veja-se a tradução, por Bernardino Daza, da obra do imperador Justiniano, *Las instituciones imperiales (o principios del Derecho Civil) dirigidas al principe Don Filipe nuestro señor*, Tolosa, 1551, libro I, tit. III, «De los hombres libres, de su nacimiento», pp. 10-11.

²⁶ No original está *sogetos*. Submetidos.

2. A FILHA DE UM REI de Braga.

O bem-aventurado Santiago Maior, Apóstolo de nossa Espanha, pôs em o credo, como pondera o ilustríssimo Cardeal Belarmino da Ordem da Companhia de Jesus declarando o mesmo Credo²⁷, aquelas palavras, que Cristo Senhor Nosso foi concebido por obra do Espírito Santo e nasceu de Maria, a Virgem. Assi ficou por sua conta pregar por si e por seus discípulos mui em particular as cousas pertencentes à Virgem Mãe de Deus, à qual este sagrado Apóstolo deu primeiro que todos em este símbolo o sobrenome de Virgem, pelo qual não é menos conhecida que por seu próprio nome; donde o glorioso São Pedro de Rates, primeiro arcebispo bracarense e discípulo do mesmo Apóstolo, pregando nesta cidade tratou primeiramente das cousas pertencentes a Nossa Senhora, mostrando que foi sempre virgem, como a tinha profetizado David, per uma comparação de cousa bem vil, pera que fique mais confundido quem não crer sua pureza virginal, dizendo: *Sicut pluui in vellus, et sicut stillicidia stillantia super terram*; assi como a chuva do céu cai sobre o velo da lã e não lhe quebra um só fio e também sai do mesmo velo deixando-o tão inteiro como de antes, do mesmo modo o Filho de Deus será concebido feito homem e nascerá de sua mãe ficando sempre virgem. E a principal mulher em quem o glorioso São Pedro de Rates imprimiu esta doutrina foi a filha de um rei pequeno que então havia em Braga quando se começou a pregar o Evangelho pelo mundo, porque a converteu de maneira à fé católica que não somente foi cristã, mas também abraçou a castidade mais perfeita que a conjugal e se dedicou a Nosso Senhor perpetuamente, cumprindo-se primeiro em nosso Portugal que em nenhuma outra parte, que saibamos, de Espanha aquela profecia do mesmo David: *Adducentur Regi virgines post eam*; que seriam guiadas e não constrangidas ao Rei Celestial muitas virgens, seguindo aquela que o é por excelência virgem antes do parto, no parto e depois do parto.

Foi tão grande o zelo que o glorioso São Pedro de Rates mostrou na pregação da virtude da castidade que pela pregar a esta princesa padeceu martírio; e a razão de mais se empregar em esta virtude, além da que está dita, foi a seguinte. Na cidade de Braga era venerado o ídolo de Ísis, a quem os gentios atribuíam a castidade, fingindo que não favorecia senão aos que a amavam de coração. Assi nota Plutarco, no livro que fez deste mesmo ídolo,

²⁷ Veja-se, por exemplo, a edição portuguesa da obra do Cardeal Roberto Bellarmino, *Declaración copiosa de la Doctrina Cristiana, compuesta por el beatísimo Padre Clemente VIII* (trad. do italiano por Luís de Vera), Lisboa, Matias Rodrigues [1631?], cap. III: «Declaración del Credo», fl. 7r.-9v., esp. 7v.

que lhe dedicaram o pessegueiro, que tem na folha a figura das línguas e no fruto [a] dos corações, significando que tais haviam de ser os seus devotos, que haviam de falar com o coração; tinha também este ídolo uma virgem por principal entre seus ministros, que eram castos e por isso eunucos e sem barba. Faz menção deste ídolo e de seus castos ministros um letreiro, que depois foi posto na Sé de Braga detrás da capela de S. Giraldo, o qual imprimiu Lípsio nas inscrições antigas²⁸ e Loaysa nas notas ao terceiro concílio bracaraense. Mas ambos o trazem diminuto, porque inteiro é desta maneira:

ISIDI SACRVM
 LVCRETIA FIDA SACERD.
 PER P. ROM. ET AVG.
 CONTENTVS BRACARÆ
 AVG. D.
 TITVS CÆLICVS TRIPES
 FRONTO, ET M. ET L. TITI
 FILII PRONEPOTES CÆLICI
 FRONTONIS RENOVAVNT.

*Aspice quam subitò marcet, quod floruit ante:
 Aspice quam subito, quod stetit ante, cadat.
 Nascentes morimur, finisque ab origine pendet,
 Ipsaque vita suæ femina mortis habet.*

Quer dizer em português o letreiro posto acima dos dous dísticos: A Chancelaria augusta de Braga dedicou este templo a Ísis, sendo sacerdotisa Lucrecia Fida pelo povo romano e pelos augustos Tito Célio, Tripes Fronto, e Marco e Lucio, filhos de Tito, bisnetos de Celico Fronto, renovaram o mesmo templo. Depois acrescentaram a este letreiro os modernos uns versos mui celebrados em várias partes de Espanha, cujo sentido é o seguinte: Vê quão asinha²⁹ se seca o que dantes floreceu, quão asinha cai o que de antes esteve em pé; nascendo morremos, porque o fim pende de nosso princípio e a mesma vida tem em si as ocasiões da morte.

Como, pois, Sozomeno³⁰ no livro quinto, capítulo vinte e um de sua história escreve que, entrando a Virgem Senhora Nossa com seu bento filho nos braços

²⁸ Justo Lípsio, *Inscriptionum antiquarum quae passim per Europam liber (...)*, Lyon, 1588.

²⁹ Depressa.

³⁰ Hermias Sozomeno (séc. V) et alii, *Ecclesiasticae historiae*, Livro IX, Paris, 1544, Livro IX (reed. Basileia, 1554, ibi, 1562; Lovaina, 1569; Colónia, 1570; Paris, 1571; Basileia, 1611; Colónia, 1612, etc.).

pelo Egipto quando fugiu de Herodes que o queria matar, se abaixou um pessegueiro aonde o ídolo de Ísis era adorado e então se cumpriu a profecia de Isaías que diz: *Ecce Dominus ascendet super nuvem leuem, et ingreditur Ægyptum, et commouebuntur simulachra Ægypti*; o Senhor, indo na nuvem leve que é a Virgem sua mãe isenta de todo o peso de pecado, entrará no Egipto e cairão seus ídolos; assi também foi destruído o ídolo de Ísis em Braga, aonde a vã gentildade o adorava, e dedicou seu templo com título da Virgem Nossa Senhora o bem-aventurado São Pedro de Rates e pôs nele primeiramente sua imagem; donde, no primeiro concílio bracarense que se achou em nossos tempos, é chamada a igreja de Braga Templo de Santa Maria. *Fanum Sanctæ Mariæ*. Mas tem o nome de fano, porquanto é o mesmo que havia naquela cidade antes da pregação evangélica e cumpriu-se em grão parte aquilo de David quando diz à Senhora: *As filhas de Tiro e os principais ricos da terra virão com dádivas e rogos venerar Vosso vultu*. Porque de Tiro são filhas Cartago e outras cidades de África, e de Cartago vieram os primeiros fundadores de Braga e chamaram-lhe assi de Bragada, rio da mesma cidade. Também foram antigamente mui ricos, donde Ausónio, falando das cidades mais nobres de seu tempo, diz as seguintes palavras: *Quæque sinu pelagi se iactat Braccara diues*, aonde faz menção de Braga com o título de rica.

Até aqui contamos a causa por que o bem-aventurado São Pedro de Rates pregou em Braga a virtude da pureza, a qual abraçou primeiramente a filha de um régulo da mesma cidade, da qual agora tratamos com os brevírios antigos que fazem dela menção assi: *Regis eius patriæ filiam, inuocato Christi nomine, à lepra mundauit, eamque cum Regina sacro baptismatis fonte purificauit*; que era doente de lepra, doença que se acha nos reis, porque dizem que se gera às vezes de muitas delícias; e invocado o nome sagrado de Cristo Senhor Nosso a sarou o bem-aventurado São Pedro de Rates e nos deixou um exemplo maravilhoso do que disse Salamão acerca do mesmo sagrado nome de Cristo Senhor Nosso, notando que era como óleo derramado e por isso as donzelas o amavam, segundo fez esta ilustríssima portuguesa, porque, logo que sarou com a virtude de tão celestial nome, foi baptizada e primeiro que nenhuma outra, que saibamos, em nossa Espanha se fez esposa do mesmo Senhor, com quem se pode crer piamente que vive e reina mui gloriosa. Amen.

3. UMA RAINHA de Braga.

No testemunho acima referido acerca da pregação do glorioso São Pedro de Rates, primeiro arcebispo de Braga e primaz de Espanha, expressamente está que converteu e baptizou uma rainha e, ainda que não era grande em potestade, é a primeira que achamos deste título convertida à fé católica em nosso Portugal e em Espanha e por [tal] dita em toda a gentilidade, porque a primeira província grande de gentios que se converteu totalmente a Cristo Senhor Nosso foi, segundo Flávio Dextro³¹, nossa Espanha e, de Espanha, Portugal e, de Portugal, a província de Antre Douro e Minho cuja metropolitana é Braga; e não faltam conjecturas mui boas pera dizermos isto: uma, é que nesta cidade se promulgou, primeiro que em nenhuma outra do Ocidente, o édito que Augusto César passou para que todos os homens que havia no Império Romano se pusessem na lista geral e fossem oferecidos, como nota Paulo Orósio³², a Cristo Senhor Nosso que dali a poucos tempos havia de vir à terra, porquanto este édito foi feito em Tarragona, segundo refere Tarrafa³³, a qual cidade era cabeça da província tarraconense que chegava até o Porto e tinha por sua chancelaria principal a cidade de Braga, donde se infere que nela se executou primeiro, e os primeiros que se assentaram na lista dos homens que então havia no Império pera que o Filho de Deus tomasse posse deles foram os moradores da província tarraconense, principalmente os portugueses filhos da cidade de Braga, donde era natural São Pedro de Rates que, segundo Flávio Dextro, era dos advenas³⁴ que se acharam em Jerusalém quando Cristo Senhor Nosso padeceu, e depois de receber o baptismo foi o primeiro discípulo que teve Santiago, Apóstolo de nossa Espanha, o qual o mandou por seu precursor a tomar posse das terras da gentilidade que o Padre Eterno tinha prometido a seu Filho, que o crucificaram segundo estava

³¹ Flavio Lucio Dextro é uma das «criações» do jesuíta espanhol Jerónimo Román de la Higuera, que dá o nome a um dos mais famosos cronicões do século XVII (citados várias vezes nesta obra), que circulou em cópias manuscritas e teve diferentes edições. Cf. *Flavii Lucii Dextri Barcinonensis, Fragmentum chronici sive Omnimodae Historiae (...)*, Zaragoza, 1619 (edição de Juan Calderón); Sevilha, 1627 (com notas de Rodrigo Caro); Lyon, 1627 (com notas de Francisco Bívar).

³² Deve referir-se à obra de Paulo Orosio, *Adversos paganos historiarum libri septem*, Augusta, 1471, com diversas reedições nos séculos XV, XVI e XVII.

³³ Francisco Tarafa (=Tarapha), *De origine, ac rebus gestis regum Hispaniae liber, multarum rerum cognitioni refertus*, Antuérpia, 1553, p. 55-56. A obra foi reeditada em Colónia em 1577, depois da respectiva tradução castelhana *Crónica de España (...) del origen de los reyes y cosas señaladas della y varones ilustres*, Barcelona, 1562.

³⁴ Peregrinos.

profetizado por David, quando no salmo segundo diz: *Postula à me, et dabo tibi gentes hæreditatem tuam, et possessionem tuam terminos terræ*; pede-me, que eu te darei as gentes por tua herança e por tua possessão os términos da terra aonde fica Braga e aonde pregou primeiro São Pedro de Rates o Evangelho que Santiago Apóstolo, o qual o mandou diante de si e veio à província de Antre Douro e Minho, da qual ficou sendo apóstolo e primeiro pregador, como testificou o arcebispo de Braga Pancrácio falando com Pamério, arcebispo de Mérida, e outros prelados de Espanha que se acharam ao concílio primeiro bracarense congregado por ocasião da entrada dos godos, vândalos, suevos e alanos, que destruíam as igrejas e relíquias dos santos, porquanto eram parte gentios, parte arrianos. Eis aqui as palavras do Primaz ditas em aquele concílio: *Nunc autem, si placet vobis omnibus, statuamus, quid agendum sit de Reliquijs Sanctorum, præcipuè de Patre nostro, et Apostolo huius regionis Petro Ratisensi, quem ad saluandas animas Iacobus Apostolus Domini consanguineus misit*. Querem dizer: determinemos agora se vos contenta o que havemos de fazer acerca das relíquias dos santos, principalmente do nosso padre e apóstolo desta região São Pedro de Rates, a quem Santiago Apóstolo, parente no sangue do Senhor, mandou pera salvar as almas. Também da carta de Santo Atanásio, primeiro bispo da cidade de Zaragoza e condistípulo do mesmo São Pedro de Rates, impressa no livro dos Bispos de Tuy³⁵, se colige que veio primeiro pregar este nosso arcebispo a Braga que seu mestre Santiago, que o mandou com as Constituições apostólicas estando ainda na cidade de Jerusalém. Nem são contra isto as histórias que dizem que Santiago ordenou as igrejas de Espanha e deixou a São Pedro de Rates na bracarense, e assi o escreve Flávio Dextro³⁶, dizendo cerca dos anos de trinta e seis: *Hispania prima prouinciarum mundi post Iudæam, Galilæam, et Samariam in partibus occidentalibus Christi fidem amplexa est, eiusque gentilitas ad fidem conuersa fuit, veræ primitiæ cæterorum gentilium: nam et Iacobus Sancti Zebedæi filius, peragratis vrbibus Hispaniæ, multisque erectis Ecclesijs, et Episcopis creatis, ex Aduenis Petrum Braccaræ primum reliquit Episcopum*. Espanha foi a primeira das províncias do mundo, depois de Judeia, Galileia e Samária, que nas partes ocidentais abraçou a fé de Cristo e sua gentilidade se converteu à fé, de modo que foi as verdadeiras premícias dos mais gentios; porque Santiago, filho do Zebedeu, depois de andar pelas cidades de Espanha e levantar muitas igrejas e ordenar muitos bispos, deixou em Braga dos advenas a São Pedro de Rates por primeiro

³⁵ Fr. Prudencio de Sandoval, *Antigüedad de la ciudad e Iglesia Catedral de Tuy, y de los obispos que se sabe haya havido en ella (...)*, Braga, 1610, fl. 11v.-12v.

³⁶ *Flavii Lucii Dextri Barcinonensis, Fragmentum chronici sive Omnimodæ Historiæ (...)*, ed. de Zaragoza, 1619, p. 5.

bispo. Nas quais palavras quer dizer que São Pedro de Rates estava em Braga quando o Apóstolo Santiago o constituiu pelo primeiro, isto é, pelo primaz de todos os outros prelados que deixava em Espanha. E como este glorioso arcebispo (segundo temos dito) dedicou o templo de Braga a Deus Nosso Senhor com título da Virgem Sacratíssima, bem se infere que este foi o primeiro que houve em Espanha com imagem e título da mesma Senhora, porque o da cidade de Zaragoza foi o primeiro que lemos edificado e fê-lo Santiago, como é tradição, quando se foi de nossa Espanha pera Jerusalém; mas o de Braga foi dedicado à Virgem Sacratíssima antes do glorioso Santiago vir a Espanha e fê-lo seu precursor São Pedro de Rates, segundo até aqui temos escrito, por ocasião da rainha de Braga que este santo arcebispo converteu e baptizou, pera glória e louvor de Deus Nosso Senhor, que seja louvado eternamente. Amen.

4. SANTA CELERINA,

viúva e mártir de Sines,
no arcebispado de Évora.

Entre as nobres matronas que teve nosso Portugal em a primitiva Igreja foi uma chamada Celerina, casada com Lúcio Venâncio, ou Verónio, natural de Évora em Alentejo, o qual chëgou a ser patrão e defensor da colônia tarraconense e era tribuno da principal companhia de soldados que havia em Galiza, postos pelo imperador romano, quando os discípulos de Santiago vieram primeiro àquela província com as sagradas relíquias de seu mestre, e morava no lugar que chamam as Coortes no arcebispado de Braga, o qual nome lhe ficou da coorte ou companhia militar que nele se costumava alojar-se; e não sei que parentesco tinha com Dona Loba, de quem se escreve que ouviu a pregação de Santiago em Compostela e não quis receber a fé católica e, vindo às suas terras os discípulos deste nosso Apóstolo com suas relíquias, ainda esteve mui endurecida, pelo que os mandou ter com este tribuno Lúcio Venâncio nosso português que em vez de os seguir os perseguiu e primeiro os prendeu que aprendesse a verdade. Mas Nosso Senhor os livrou de seu poder por ministério de um anjo, porque mandando muitos soldados d'após eles, foram impedidos e mortos na ponte do rio Tamaris que caiu e não passaram por ela a fazer mal a estes servos de Deus, a quem as pedras defenderam em nossa Espanha quando seus mais nobres habitadores se mostraram mais duros que elas em receber a doutrina evangélica; mas vendo Lúcio Venâncio o milagre que se obrou nesta ponte, logo se rendeu, ouviu a pregação evangélica e foi baptizado juntamente com sua mulher Celerina, de quem agora damos notícia, que, pera ser mais esta belicidade, repetirei em latim com as mesmas palavras com que a descreve Juliano, arcepreste de

Santa Justa de Toledo, em sua mui excelente crónica³⁷ feita com grande proveito da Antiguidade há mais de quinhentos anos, aonde lemos: *Lupa famina primaria, quæ Sanctum Iacobum audierat viuentem, nec crediderat, iussit discipulos Sancti Iacobi ad Lucium Uenantium, aliàs Ueronium Eboritianum, qui tunc erat Tribunus cohortis primæ Galleciæ confidentem in oppido, quod à cohorte nomen accepit, et post fuit patronus Coloniae Tarraconensis, et habebat prædium in agro Eborensi. Hic comprehendit discipulos Sancti Iacobi, qui ab Angelo liberati, cum fugerent, et persequerentur, eos milites ad pontem fluminis Tamaris propè mare, diruto ponte, iterùm liberati sunt, et tanto miraculo perterritus credidit ipse, et eius vxor Celerina, quæ post mortem mariti excepit corpus Sancti Martyris Torpetis ad se delatum diuinitus.*

Fazem menção de nossa Santa Celerina todos os historiadores que escrevem de São Torpes, mártir insigne, e diz Mombrício³⁸, falando desta mártir, que era tão rica e poderosa, ainda depois de ser viúva, que tinha por sua a metade do reino em que vivia, tão virtuosa que foi amoestada em sonhos que recebesse com grande veneração o corpo do glorioso São Torpes, o que fez no porto de Sines que está junto de Santiago de Cacém aonde morava e resplandecia em todo o género de virtudes. Repete tudo isto na história de São Torpes Pedro à Natalibus³⁹, dizendo assim pera os que são mais doutos: *Angelo tamen duce, nauicula ad Hispaniam deuenit, et à senatrice christiana, Celerina nomine, quæ Regni dimidium obtinebat in somnis diuinitus admonita, corpus Sancti reperitur in porta, qui dicitur, Cines, et iuxta littus honorifice spelitur.* É agora digno de advertência Frei Felipe Ferrerio, geral que foi da Ordem dos Servitas, quando no Catálogo dos Santos de Itália⁴⁰ escreve o martírio do glorioso São Torpes, excelentíssimo padroeiro da cidade de Pisa, aonde padeceu e foi posto seu corpo em uma barca velha do rio Arno com um cão e um galo que lhe deram por companheiros, como faziam aos que matavam seu pai, significando

³⁷ Trata-se de outro dos falsos cronicões que apareceu sob o nome de Julián Pérez, criado também ele por J. Román de la Higuera, e que então circulava manuscrito, tendo sido posteriormente editado por Lorenzo Rodríguez de Prado, *Juliani Petri Archipresbyteri S. Justae Chronicon cum ejusdem adversariis et de Eremitariis Hispanis breuem descriptionem*, Paris, 1628. Fr. Luís dos Anjos deve ter-se servido de uma cópia manuscrita, que utiliza diversas vezes nesta obra.

³⁸ Bonino Mombrizio (=Boninus Mombricitus), *Sanctuarium, seu Vitae Sanctorum*, Milão, c. 1478; Leipzig, 1499.

³⁹ São muitas as edições da obra de Pietro de' Natali (= Petrus à Natalibus), *Catalogus sanctorum et gestorum eorum ex diversis voluminibus collectus (...)*, Veneza, 1493, 1516; Lyon, 1514, 1515, 1519, 1520, 1521, 1534, 1543, 1545, etc. Veja-se, por exemplo, a edição de Lyon, 1534, livro V, cap. VIII, fl. LXXXVIII.

⁴⁰ Fr. Filippo Ferrari, *Catalogus sanctorum Italiae in menses duodecim distributus, in quo vitae illorum ex particularium ecclesiarum monumentis compendio describuntur (...)*, Milão, 1613 (reed. Veneza, 1625).

que eram indignos de casa e lugar algum, como o cão e o galo a não têm no mar; e sendo constante tradição de todos que viera ter ao porto de Sines, que está em Alentejo em o fim do Campo de Ourique, pertencente ao arcebispado de Évora, aonde era senhora de todas aquelas terras Santa Celerina, contudo, este autor diz que foi sepultado São Torpes e veio parar em aquela barca velha ao porto de Narbona, cidade de França, mas devia porventura de ser levada pera esta cidade alguma relíquia deste santo, que foi por ministério dos anjos tresladado de Pisa, aonde padeceu, pera o nosso Portugal e sepultado no porto de Sines não longe da praia aonde saiu milagrosamente. E Gersão, no *Flos Sanctorum*⁴¹ que se tresladou e imprimiu em português em tempo d'el-rei Dom Manuel, diz que a gloriosa Santa Celerina edificou um templo mui sumptuoso e mereceu saber todo o martírio do mesmo São Torpes por um santo varão chamado Artémio, o qual havia estado em Pisa presente a tudo e foi o principal cronista deste santo, como também afirma Baronio nas notas do Martirológio⁴² a dezassete de Maio.

O bem-aventurado São Manços, discípulo que foi de Cristo Senhor Nosso, era bispo de Évora e, sendo avisado pela gloriosa Santa Celerina, sua mui particular devota, acerca da revelação que ela teve de chegar ao seu porto de Sines o corpo do bem-aventurado São Torpes, logo se foi a vê-lo e o sepultou com suas mãos e teve esta tresladação por uma das maravilhosas mercês que Nosso Senhor fez aos nossos reinos de Lusitânia, pelo qual Juliano⁴³, arcipreste de Santa Justa de Toledo, fez deste santo bispo particular menção assi: *Memoria celebris in Lusitania Sancti Mancij primi Eborensis Episcopi, qui à Celerina admonitus sepeliuit corpus Sancti Torpetis*, que não lhe dá maior louvor que haver sepultado São Torpes.

Não sei certo como a Sé de Évora e ainda todo o nosso Portugal não faz comemoração do glorioso São Torpes que foi dos mais ilustres mártires que teve Itália e dos que estão em o nosso Portugal, cuja tresladação feita nele em o porto de Sines pelo glorioso São Manços, primeiro bispo de Évora, aos dezassete de Maio, ficou mais célebre pera este santo que o dia de seu martírio, como se colhe do Martirológio Romano⁴⁴, dando a causa por que não faz

⁴¹ Refere-se a *Ho Flos sanctorum em lingoagem portugues*, Lisboa, 1513. De parte desta obra, referente aos «santos extravagantes», veja-se a edição de Maria Clara de A. Lucas, *Ho Flos Sanctorum em lingoagem: os santos extravagantes*, Lisboa, 1988. Sobre a obra, veja-se Mário Martins, «O original em castellano do *Flos Sanctorum* de 1513», in *Estudos de Cultura Medieval*, 1, Braga, 1969, 255-267.

⁴² Cesare Baronio, *Martyrologium romanum: ad novam Kalendarii rationem (...)*, ob. cit.; cf. ed. de Antuérpia, 1613, fl. 211.

⁴³ *Juliani Petri Archipresbyteri S. Justae Chronicon (...)*, ob. cit. (ms.).

⁴⁴ Veja-se, por exemplo, a tradução portuguesa do *Martirológio Romano acomodado a todos os dias do ano conforme nova ordem do Calendário que se reformou por mandado*

memória dele a vinte nove de Abril, em que padeceu, senão no dia que dizemos haver sido tresladado. Eis aqui as palavras tresladadas do mesmo Martirólogo: A dezassete de Maio se faz em Pisa, que está na Toscana, memória de São Torpes mártir, que primeiro foi grande no serviço de Nero e um daqueles a quem o Apóstolo São Paulo escreve de Roma aos Filipenses: saúdam-vos todos os santos, mas principalmente os que são da casa de Nero; e depois foi mandado por Satélico que o ferissem com bofetadas, que o açoutassem cruelmente e o deitassem às feras pera ser tragado delas por amor da fé de Cristo Senhor Nosso e nenhuma cousa destas fez mal; finalmente, cumpriu seu martírio sendo degolado a vinte e nove de Abril, mas a sua festa celebra-se mais neste dia que a dezassete de Maio, por amor da tresladação de seu corpo. Até aqui o Martirólogo Romano, dando-nos o dia em que se tresladou em nosso Portugal o glorioso São Torpes; neste mesmo dia [o] celebra o Martirólogo de Galesino⁴⁵, dizendo: *Pisis in Thuscia Sancti Torpetis, cuius dies natalis tertio Kalendas Maij. Hoc autem die translatio, quia in Hispaniam admirabiliter eo ipso anno, quo martyrium obijt facta est, celebratur*, dizendo que foi admiravelmente feita em nossa Espanha esta tresladação de São Torpes, intervindo Santa Celerina que não ficou sem prémio porque veio a ser mártir, como Flávio Dextro nos Fragmentos que temos de sua Omnimoda Historia⁴⁶ testifica, dando-lhe o seguinte louvor: *Santa Celerina in Lusitania abnetis Luciae Pompeiae Celerinae, quae exceptis in portu Cinensi Sancti Torpetis sub Nerone martyris sacris reliquijs, fuit egregia Christi martyr*. Floreceu na Lusitânia Santa Celerina, bisneta de Lúcia Pompeia Celerina, a qual foi escolhida mártir de Cristo Senhor Nosso depois que recebeu no porto de Sines as sagradas relíquias de São Torpes que padeceu martírio na perseguição de Nero. O dia de sua festa achei na Crónica de Vaseu⁴⁷, que é no mesmo dezassete de Maio em que se fez a dita tresladação, e tirou-o do mesmo memorial que repete Galesinio, dizendo no seu Martirólogo Romano⁴⁸, dedicado ao Papa Gregório Decimotercio: *Decima septima Maij die, fit Commemoratio in Hispania Sanctae Celerinae, quae illius prouinciae Regina studio inflamata Christianae Religionis, cum alia piè egit, tum regijs opibus templum mirifico opere*

do Papa Gregório XIII. Tresladado de latim em português por alguns padres da Companhia de Jesus(...), Coimbra, 1591, fls. 98-99.

⁴⁵ Pietro Galesino, *Martyrologium S. Romanae Ecclesiae usui in singulos anni dies accomodatum*, Veneza, 1578, fl. 71r.

⁴⁶ *Flavii Lucii Dextrii Barcinonensis, Fragmentum chronici sive Omnimodae Historiae* (...), ed. de Zaragoza, 1619, p. 35.

⁴⁷ Juan Vaseu (=Johannes Vasaetus), *Chronici rerum memorabilium Hispaniae*, Salamanca, 1552, reed. em Colónia, 1577.

⁴⁸ Pietro Galesino, *Martyrologium S. Romanae Ecclesiae*, ob. cit., fl. 71r.

exædificatum beati Torpetis martyris nomine Deo dicatum perpetuum suæ pietatis monumentum reliquit; que a dezassete de Maio é celebrada em Espanha Santa Celerina, a qual edificou o sumptuoso templo de São Torpes, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

5. SANTA SUSANA, virgem e mártir, de Braga.

Padeceram em Braga, na mesma perseguição de Nero, São Vítor, São Silvestre e São Torcato, São Cucufate e a gloriosa Santa Susana, irmã destes dous últimos, natural da mesma cidade, sendo governador nela então Sérgio Galba que, perguntando à santa quem era, respondeu que cristã, com um ânimo tão varonil que nem com promessas nem com medos esperou de a tirar de sua profissão e firme propósito, pelo qual a mandou lançar a um urso⁴⁹ que nenhum mal lhe fez; e ficando mais endurecido, mandou-lhe cortar a cabeça, segundo nota Dom Bernardo, bispo ludovense, que escreve dela por estes tempos aonde conclui: *Ferintur similiter Cucusas, et Torcatus; quorum vitam spes sororis distulerat;* que, vendo o tirano a constância da santa, perdeu a esperança de render aos irmãos e assim os mandou logo degolar depois dela, que padeceu aos doze de Abril.

Dom Diogo Gelmides, bispo de Compostela, pelos anos do Senhor de mil e cento e dous, levou do território de Braga as relíquias de São Frutuoso, arcebispo dela, de São Silvestre, bispo, de São Vítor e Cucufate, mártires, e pô-las em o templo do glorioso Santiago em Compostela; também colocou boa parte das relíquias da nossa gloriosa Santa Susana fora da mesma cidade, onde costuma ser invocada com grande devação quando se deseja bom tempo pera as sementeiras, como nas cousas notáveis de Galiza escreve o Licenciado Molina⁵⁰ por estas palavras:

*Ali em Compostela, além do Glorioso,
Estão outros corpos de vida aprovados,
Com muitos milagres bem solenizados,
Que são Cucufate, Silvestre, Frutuoso,
E Sancta Susana, um corpo precioso.
Está logo junto àquella cidade,
A este socorrem por serenidade,
Se o tempo alarga de ser muy chuvoso.*

⁴⁹ No original está *usso*.

⁵⁰ Lic. Juan de Molina, *Descripción del reyno de Galizia*, ob. cit. Cf. edição de Madrid, 1675, p. 12-13.

O insigne prelado Dom Frei Agostinho de Jesu, religioso que foi da nossa Ordem de Santo Agostinho e meretíssimo arcebispo de Braga, adornou a Igreja de São Víctor e numa caixa de mármore deixou algumas relíquias desta gloriosa virgem e mártir Santa Susana e pôs outras entre as muitas que estão no nosso colégio de Nossa Senhora do Pópulo da mesma cidade, pelo que não estão em Compostela todas as relíquias desta santa virgem e mártir do Senhor, que seja louvado eternamente. Amen.

6. SANTA LIVRADA, POR OUTRO NOME VUILGEFORTE, virgem e mártir e doutora. Pertence ao Porto.

Desta santa escreve Flávio Dextro⁵¹, filho de São Paciano: *In Lusitania ciuitate Calensi, quæ prope castra leuca sita est, Sancta Vuilge Fortis floret pro fide, et pudicitia, mortem passa.* Na Lusitânia, em a cidade do Porto que está a par do Castelo Novo, floresce Santa Vuilgeforte que morreu por guardar a fé e pureza.

Notamos que Entre Douro e Minho, aonde está a cidade do Porto, é de tempos mui antigos contado, segundo alguns, por província da Lusitânia e chamada Lusitânia interamense e a mesma cidade do Porto estava, como temos dito, aonde agora é Miragaia, não muito longe do Castelo ou Castro Novo, ou Branco, o qual estava aonde agora está a Sé, pera onde se mudou esta cidade em tempo dos suevos; donde, na divisão dos bispados que se fez em Lugo em tempo de Teodomiro rei deles, é chamada *Portucale in Castro nouo*, porto que está no Castelo Novo. Houve, pois, em nosso Portugal um régulo chamado Lúcio Catílio ou, segundo referem outros, Lúcio Caio Atílio, mui rico e gentio, casado com uma mulher também gentia por nome Dona Cálcia, a qual pariu de um parto nove filhas; assim o refere o Breviário de Sigüenza. Vendo-se afrontada com tal monstrosidade, disse à parteira, de quem se fiava, que as afogasse aonde nunca fossem vistas; mas Deus Nosso Senhor, que nas maiores necessidades mostra mais sua misericórdia, teve-a com estas meninas e inspirou na parteira que as não deitasse no mar senão que as desse a criar a algumas cristãs, que já havia muitas por aquela parte de Espanha, porque assim não seriam conhecidas de seus pais e parentes que eram gentios e muito ilustres, ordenando por este caminho que fossem baptizadas e viessem a ser insignes santas em sua Igreja, como foram todas nove, segundo contaremos em esta notícia das mulheres portuguesas, ainda que delas a não tenhamos grande.

⁵¹ *Flavii Lucii Dextri Barcinonensis, Fragmentum chronici sive Omnimodæ Historiæ (...)*, ed. de Zaragoza, 1619, p. 26.

Da nossa Santa Livrada, que foi a principal, escreve Dom Francisco de Padilha, tesoureiro-mor da santa igreja de Málaga, no capítulo vinte e seis da quarta centúria da História Eclesiástica de Espanha⁵², e diz desta maneira: Converteu Santa Livrada muitos gentios à fé de Cristo ensinando-os com a vida e palavras e, pera melhor servir a Nosso Senhor, se retirou a fazer vida solitária. E como a tivessem todos por mulher muito santa e de grande doutrina, iam muitos cristãos e gentios a ela pera serem ensinados e consolados, que é a causa por que lhe damos o título de doutora em esta história, primeiro que a outra nenhuma de nosso Portugal.

Nota também Marieta na História dos Santos de Espanha⁵³, livro quarto, capítulo dezasseis, que esta gloriosa portuguesa se foi pera o ermo com muitos católicos e que, primeiro, os gentios que a perseguiram com seu mesmo pai mataram seus companheiros pela fé de Cristo, então despois a ela, tendo pera si que ficaria mais fraca, e ela ficou mil vezes mais forte; donde lhe convém o nome que lhe dão alguns historiadores, o qual é *Vuilge Forte*. E quanto à retirada que fez pera o ermo, é digna de ser notada por ser a primeira das portuguesas que achamos amadora da vida solitária tão louvada em a Sagrada Escritura, que não lemos de Abraão haver morado em cidade senão sempre em desertos e lugares despovoados.

O ano de seu martírio notou Flávio Dextro, dizendo em sua *Omnimoda Historia*⁵⁴: *Anno domini centesimo trigesimo octauo, Vuilge-Fortis, vel Liberata Catilij, Lusitanorum Reguli filia passa est; que padeceu em o ano de cento e trinta e oito do Senhor. O dia e o género de seu martírio aponta o Martirológio Romano e diz: Na Lusitânia, aos vinte de Julho, se faz memória de Santa Vuilge-Forte, virgem e mártir que, pelejando pela fé cristã e sua pureza, mereceu alcançar glorioso martírio numa cruz. Devia minha pátria, a cidade do Porto, fazer o que diz este lugar do Martirológio, festejando e celebrando em sua principal igreja esta santa, da qual se escreve no fim do livro que o Doutor Gudiel⁵⁵ fez da ilustríssima família dos Girões que um bispo desta família chamado Simeão, ou Simão, a trouxe com licença do Papa Bonifácio Oitavo de Florença pera a sua igreja de Sigüenza, aonde é padroeira, e lhe fez festa e a todas as suas oito irmãs a dezoito de Janeiro, como diz o tesoureiro de*

⁵² Francisco de Padilla, *História eclesiástica de España*, Málaga, 1605, *Primera parte* (tomo I), *centuria 4*, cap. 26, fl. 195r.-196r.

⁵³ Fr. Juan de Marieta, *História eclesiástica y flores de santos de España (...) dividida en seys libros*, Cuenca, 1594 (e 1596), Livro IV, cap. XVI, fl. 94.

⁵⁴ *Flavii Lucii Dextri Barcinonensis, Fragmentum chronici sive Omnimodae Historiae (...)*, ed. de Zaragoza, 1619, p. 26.

⁵⁵ Jerónimo Gudiel, *Compendio de algunas historias de España: donde se tratan muchas antigüedades dignas de memoria y especialmente se da noticia de la antigua familia de los Girones, y de otros muchos linajes*, Alcalá, 1577 (última página, s. n.).

Málaga, advertindo que o dia da tresladação desta nossa mui ilustre virgem, doutora, ermitã e mártir é aos quinze de Julho na Crónica de Juliano, arcepreste de Santa Justa de Toledo, com o seguinte epitáfio: *In vrbe Calensi prope castra Leuca in Lusitania Sancta Vuilge Fortis, qui et Cometrensis et liberata dicitur pro defensione fidei, et pudicitiae in crucem agitur, et ceruice suborsa, generosissimum de cruce tyranno triumphum egit.* Na cidade do Porto, que está na Lusitânia a par do Castelo Novo, pela defesa da fé e de sua pureza foi posta numa cruz Santa Vuilgeforte, que também se chama Cometrense e Livrada, e sendo-lhe cortada a cabeça alcançou grande triunfo do cruel tirano.

O Padre Jacobo Gressoro⁵⁶ da Companhia de Jesu no livro primeiro da Cruz⁵⁷, capítulo noventa e oito, em que escreve dos santos e santas que foram crucificados, diz: *Die vigesima Iulij, in Lusitania Sancta Vuilge Fortis, quæ fuit Regis Portugalliae filia; aliqui liberatam appellant, Germani Oeufommer, quasi absque mærore, colitur religiosè multis Germaniae locis.* Padeceu a vinte de Julho numa cruz na Lusitânia Santa Vuilgeforte, filha de um rei de Portugal, a qual alguns chamam Livrada e os alemães, que a celebram em muitos lugares, Oeufommer, que quer dizer a que é sem tristeza. Faz menção dela João Molano sobre Usuardo⁵⁸ aos vinte de Julho, assim: *In Portugallia natalis Sanctæ Vuilge Fortis virginis, et martyris,* concluindo que morreu no nosso Portugal e por dita na cidade do Porto esta gloriosa virgem, doutora e mártir, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja louvado eternamente. Amen.

7. SANTA GUITÉRIA, virgem e mártir ilustríssima, pertencente a Braga.

Foi das nove irmãs filhas de Lúcio Catílio e tem em Espanha algumas igrejas e altares, particularmente é avogada contra as mordeduras dos cães danados; celebrou-a em sua crónica Juliano⁵⁹, arcepreste de Santa Justa, em este modo: *Ætate mea celebrantur magna religione Sancta Guiteria, et octo*

⁵⁶ Refere-se ao jesuíta Jacob Gretser, doutor em Sagrada Teologia e professor na Academia de Ingolsadt.

⁵⁷ Cf. Jacob Gretser, *De cruce Christi. Tomus primus*, Ingolstadt, 1608, livro I, cap. XCVIII, p. 340.

⁵⁸ *Usuardi martyrologium quo romana ecclesia ac permultae aliae utuntur (...) cum additionibus (...) et annotationibus (...) opera Ioannis Molani*, Lovaina, 1568, reed. ibi, 1573; cf. ed. de Antuérpia, 1583, fl. 102r.

⁵⁹ *Juliani Petri Archipresbyteri S. Justae Chronicon(...)*, ob. cit. (ms.).

Sorores eius per Hispanias, quæ filiæ Lucij Catilij seueri consularis, et praesidis Galleciæ, et Lusitanæ ciuis Braccarensis, et eius terræ Reguli; em meu tempo são mui celebradas Santa Guitéria e suas oito irmãs, filhas de Lúcio Catílio descendente de cônsules, presidente de Galiza e da Lusitânia, cidadão de Braga e o rei pequeno daquelas terras. Escreve largamente a história desta santa Marieta⁶⁰ e, entre outras cousas, afirma que se entregou à vida solitária como sua irmã Santa Livrada, até que na perseguição que houve em a Galiza bracarense, ou na Lusitânia dos bracarenses, que era sua pátria, fugiu com muitas donzelas santas e alguns companheiros virtuosos, porque também confortava os católicos e convertia os gentios, e assim veio parar ao reino de Toledo, aonde dous mancebos pretenderam casar com ela, mas, encomendando-se ao Senhor que a conservasse virgem, teve revelação em um monte chamado Oriel que ainda lhe seria concedido mais do que pedia, porque havia de ser mártir, com o que se alegrou muito. Daí a pouco tempo a prendeu um tirano gentio, e não sem castigo, porque quando a prendeu cegou; mas por orações da santa logo alcançou vista, assi nos olhos do corpo como nos da alma, porque além de ver como dantes com os olhos corporais, viu com os espirituais que estava sua salvação na fé de Cristo Senhor Nosso, pera a qual se converteu e fez muita penitência. No cárcere confortava a muitos outros fiéis cristãos.

Todo o sobredito conta Marieta na história que refere desta santa e acrescenta que se ofereceu ao martírio logo que os gentios a condenaram e no meio dele professou a fé católica, pela qual é insigne mártir e do número daqueles que não somente a confessam nos trabalhos, mas inda a professam com vozes altas claras no meio do martírio, porque pregou a lei evangélica ao algoz que a vinha matar e arrancou-lhe a espada dizendo que o não temia; finalmente, foi-lhe cortada a cabeça e então disse: *Domine miserere mei*; Senhor, havei misericórdia de mim. Tomou a cabeça em suas próprias mãos, como sucedeu em Paris a São Dionísio, e andou com ela cercada de muitos anjos até o lugar em que foi sepultada, o qual é Margaliza, aonde diz Juliano que São Honorato, sucessor de São Eugénio primeiro deste nome, arcebispo de Toledo, a sepultou em uma igreja que seu sucessor tinha edificado ao Apóstolo São Pedro, aonde ficou mui venerada desde o ano do Senhor de cento e trinta. E o Martirológio Romano, dando-lhe os títulos de virgem e mártir, nota que se faz em Espanha a sua festa a vinte e dous de Maio. Em Montemor-o-Novo é⁶¹ um outeiro que chamam de Santa Guitéria e mostra-se uma mó, com a qual dizem que foi lançada num pego, a qual deve ser outra

⁶⁰ Fr. Juan de Marieta, *Historia ecclesiástica y flores de santos de España (...)*, ob. cit., Livro IV, caps. XVI, XVII e XVIII, fls. 94v.-96v.

⁶¹ Existe.

santa também portuguesa do mesmo nome, mas escreveram outros dela, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja louvado em todos seus santos. Amen.

8. SANTA GENIVERA OU GENEBRA,

virgem e mártir,
pertencente a Braga.

A terceira das nove filhas de Catílio português, segundo a ordem desta história, é Genivera, de quem algumas mulheres em Portugal tomam o nome de Genebra, segundo a seus antepassados que celebravam muito a esta santa, da qual dão a entender as lições do Breviário de Sigüenza, na festa de Santa Livrada, que era a que nasceu primeiro entre todas as irmãs e que estava com elas em o ermo aonde o pai, tendo poder dos romanos imperadores pera perseguir os cristãos, as foi buscar e, perguntando-lhes quem eram, *Gineuera respondet, si genus quæris filiæ tuæ sumus, si conditionem Christi famulas nos esse profitemur*. Genivera respondeu: nossa nobreza é de filhas tuas; a profissão, de servas de Cristo Senhor Nosso. Assim está no Breviário de Sigüenza. Não foi logo martirizada senão despois, como testifica Juliano⁶², arcepreste de Santa Justa de Toledo, por estas palavras: *Sancta Geneuera Tude patitur, colitur prima Nouembris*; Santa Genebra padeceu em Tui e é celebrada no primeiro dia de Novembro, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja louvado em todos seus santos. Amen.

9. SANTA EUMÉLIA OU EUFÉMIA,

virgem e mártir,
pertencente a Braga.

Em esta nossa notícia é Santa Eumélia a quarta filha filha de Catílio, que vulgarmente se chama Eufémia, segundo se colhe de Juliano⁶³, arcepreste de Santa Justa, o qual diz que foi perseguida pela fé de Cristo e padeceu martírio ano do Senhor de cento e trinta e nove em uma cidade que havia em Galiza chamada Anfilóquia, da qual escreve em outro lugar o mesmo autor: *Amphiloquium, vbi est corpus Sanctæ Euphemix, nunc Amphem dicitur in Gallecia*. E diz que aonde estava a cidade de Anfilóquia se chamava Anfem, e que também ali padeceu martírio Santa Marinha, segundo contaremos em seu lugar.

⁶² *Juliani Petri Archipresbyteri S. Justae Chronicon(...)*, ob. cit. (ms.).

⁶³ *Juliani Petri Archipresbyteri S. Justae Chronicon(...)*, ob. cit. (ms.).

Foi milagrosamente achado o corpo da nossa santa virgem e mártir Eufémia porque, andando uma pastorinha guardando ovelhas, viu por entre uns penedos sair uma mão com um anel de ouro no dedo, que tomou singelamente, e logo ficou muda. Mas dando o anel a seu pai e contando-lhe o caso por acenos, tornou ao mesmo lugar com ela e, achando a mão entre as pedras e posto nela o anel, alcançou fala e ouviu-se uma voz celestial que dizia: Aqui está o corpo de Santa Eufémia, fazei-o tirar daqui e levar à igreja de Santa Marinha, a qual estava ali perto, e assi se fez; dali foi tresladado o corpo da gloriosa Santa Eufémia pera a igreja de Ourense por um bispo chamado Pedro Seguino, do qual lemos no livro dos óbitos de Santa Cruz de Coimbra que foi cónego daquele convento; não que fosse religioso, senão irmão dos insignes religiosos dele. Inda⁶⁴ hoje se vê na sacristia da Sé de Ourense o anel que é de ouro baixo e tem uma pedra que parece amatiste, pelo qual tem Nosso Senhor obrado e obra muitas maravilhas desta nossa portuguesa Santa Eufémia virgem e mártir; diz Juliano, arcepreste de Santa Justa, que se celebra no primeiro dia de Dezembro, mas um martirologio bem antigo, escrito em pergaminho, que tenho a nosso uso, põe a festa de Santa Eufémia aos treze de Abril, a qual me parece ser a nossa. Se porventura não se contentar alguém com o testemunho de Juliano, contudo é cousa digna de notar-se que se festeja aos dezasseis de Setembro, porque neste dia traz o Breviário Romano Santa Eufémia virgem e mártir de Calcedónia, que está na Grécia. Não duvido que nas muitas ermidas que temos de Santa Eufémia fosse primeiramente celebrada a nossa santa de Portugal que tem seu sagrado corpo em Ourense, pera onde foi tresladada da igreja de Santa Marinha, segundo está dito. Celebra-se na mesma igreja de Ourense a invenção desta santa a dezasseis de Setembro e sua tresladação a dezassete de Agosto. É santa de muitos milagres que Nosso Senhor obra por seus merecimentos, pelo qual seja sempre louvado. Amen.

10. SANTA GERMANA, virgem e mártir, pertencente a Braga.

Santa Germana é a quinta filha de Lúcio Catílio, de quem escreve o Arcipreste de Santa Justa⁶⁵ que padeceu em Cartago de África a dezanove de

⁶⁴ Ainda.

⁶⁵ *Juliani Petri Archipresbyteri S. Justae Chronicon (...)*, ob. cit. (ms.).

Janeiro, em que o Martirológio Romano da impressão de Baronio⁶⁶ faz menção desta ilustríssima mártir, pera glória de Deus Nosso Senhor, a quem devemos louvar eternamente. Amen.

11. SANTA BASILISSA, virgem e mártir, pertencente a Braga.

A sexta destas irmãs, segundo a ordem que levamos, é a gloriosa Santa Basilissa, também virgem e mártir, da qual escreve Juliano, arcepreste de Santa Justa, que padeceu em Assíria no primeiro de Novembro, a quem segue Dom Prudêncio de Sandoval, bispo de Tuy, no livro que imprimiu desta sua Igreja⁶⁷, aonde cita um hino feito pelo Padre Jerónimo Román de la Higuera, religioso da sagrada Companhia de Jesu, o qual faz menção das quatro que são derradeiras entre as que temos nomeado, e chama a Basilissa, de quem tratamos agora, Basília, em esta maneira:

| | | |
|---------------------------------------|----|---|
| <i>Vosoutras, a quem gerou</i> | 1. | 1. <i>O vos propago nobilis</i> |
| <i>Catílio português grande,</i> | 2. | 2. <i>Catilij Lusiadæ,</i> |
| <i>Mais nobres sois pela fé,</i> | 3. | 3. <i>Nobiliores, ac fide,</i> |
| <i>Do que éreis por vosso sangue:</i> | 4. | 4. <i>Quam vos eratis sanguine:</i> |
| <i>Genebra e Eumélia são</i> | 5. | 5. <i>Geniuera, et Eumelia,</i> |
| <i>Com Germana e Basília,</i> | 6. | 6. <i>Germana, et Basilia</i> |
| <i>Felice esquadra de virgens,</i> | 7. | 7. <i>Felix quadriga Virginum,</i> |
| <i>De mártires forte guia.</i> | 8. | 8. <i>Et forte calcar Martyrum.</i> ⁶⁸ |

12. SANTA VITÓRIA, virgem e mártir, pertence a Braga.

É Santa Vitória a sétima das filhas de Lúcio Catílio nesta história que, segundo seu nome testifica, não ficou vencida das outras suas irmãs em

⁶⁶ Cesare Baronio, *Martyrologium romanum: ad novam Kalendarii rationem (...); accesserunt notationes atque tractatio de Martyrologio Romano*, ob. cit.; cf. ed. de Antuérpia, 1613, fl. 36.

⁶⁷ Fr. Prudêncio de Sandoval, *Antiguedad de la ciudad e Iglesia Catedral de Tuy*, ob. cit., fl. 36v.-38r.

⁶⁸ Fr. Prudêncio de Sandoval, *Antiguedad de la ciudad e Iglesia Catedral de Tuy*, ob. cit., fl. 43r.

alcançar os prémios de virgem e mártir. Dizem Adon⁶⁹ e o bispo Aquilino⁷⁰ que padeceu em Córdova com São Zoilo a dezoito de Novembro, no qual dia nasciam rosas a par de seu sepulcro, as quais também manifestavam ser esta e as mais filhas de Lúcio Catílio e de sua mulher Dona Cálcia rosas entre espinhos, pois todas foram santas, ainda que nascidas de gentios inimigos de nossa santa fé católica, pera glória de Deus. Amen.

13. SANTA MARINHA, virgem e mártir, grande obradora de milagres, pertencente a Braga.

A oitava das nove irmãs que teve nosso Portugal filhas de Lúcio Catílio, todas virgens e mártires, segundo a nossa ordem de as contar é Santa Marinha, a quem o Arcipreste de Santa Justa⁷¹ chama Gema ou Marina; donde alguns juntaram um nome com outro e chamam-lhe Margarida, que é o mesmo que gema marina, pérola do mar, e por amor dela tantas mulheres em nosso Portugal e Galiza tomam os nomes de Margaridas ou Marinhas, e ainda alguns varões foram chamados Marinhos, entre os quais um foi o Papa que Platina chama Marinho, e diz o nosso Onufrio⁷² que assim o achou nomeado em suas bulas e selos, o que confirma Eutrando em sua história⁷³, dizendo que é espanhol e de Galiza, filho de Columbo, nome que nesta parte de Espanha se tomava de Santa Comba; e porque outros trabalhem de manifestar mais como é nosso espanhol Marinho Papa, único deste nome, eis aqui as palavras de Eutrando: *Erat 920*, que é ano 882. *Marinus Columbi filius ex Gallecia, matre Hispana, et patre patricio; ex diacono Cardinali consecratur Papa*. Baronio põe o Papa Marinho primeiro no ano de oitocentos oitenta três e no de oitocentos oitenta dous. Diz que era sua origem, segundo todos diziam, *ex Gallesio oppido*, quiçá que se devia ler *ex oppido Galeciæ*, de algum lugar de Galiza. A nossa Santa Marinha traz lições próprias nos breviários particulares de Ovedo, Ourense e Braga e, no da Ordem de São Bento que fez

⁶⁹ Adon (= Adonis Vienensis), *Breviarium chronicorum ab origine mundi ad sua usque tempora (...)*, Paris, 1561.

⁷⁰ O bispo Aquilino é Pietro de Natali (= Petrus à Natalibus), bispo de Equilio, autor do já citado *Catalogus sanctorum et gestorum eorum ex diversis voluminibus collectus*, Veneza, 1493, com diversas reedições.

⁷¹ *Juliani Petri Archipresbyteri S. Justae Chronicon (...)*, ob. cit. (ms.).

⁷² Onofrio Panvino (= Onuphrius Panvinus), *Romani Pontifices*, Veneza, 1557, p. 50-51.

⁷³ Outro dos falsos cronicões divulgados por J. Román de la Higuera. Veja-se a edição do *Chronicon Eutrandi sive Luitprandi Tucinensis Diaconi toletani verò subdiaconi (...)*, Mântua, 1635, pp. 190-197.

Frei Francisco de Valhadolid⁷⁴, é contada por santa de Espanha, mas tudo se lhe aplica quanto Metafrastes⁷⁵ escreve a dezoito de Julho de Santa Margarida, ou Marinha de Pissídia, segundo fazem outros autores, que o nosso Mestre André de Resende condena na douta carta que escreveu sobre muitos santos de Espanha a Bartolameu de Cabedo⁷⁶, racionero da igreja de Toledo, mas é de saber que em tempo de Constantino imperador veio Eusébio Cesariense da Grécia às nossas partes, o qual por si e por outros escritores tresladou em grego as vidas dos santos que havia nelas, das quais depois se aproveitou o Metafrastes e assim não parece que mestura menos as cousas de sua Santa Margarida, ou Marinha de Pissídia, com as de nossa portuguesa, do que nossos historiadores confundem as cousas de uma com as da outra e ainda são dignos de advertência os que celebram a nossa Santa Marinha, que tem as muitas ermidas e parróquias em Espanha, com a história de Santa Marinha que viveu muitos anos em mosteiro com hábito de religioso e se chamou Frei Marinho; pelo que, deixadas outras advertências, escrevemos da nossa Santa Marinha o que se acha nos historiadores de Espanha, principalmente seguindo as legendas mais antigas, pera glória de nosso Portugal aonde esta santa é tão celebrada que só o bispado de minha pátria, o Porto, tem dez igrejas parroquiais com seu título, segundo colhi da História e Catálogo dos Bispos desta cidade feito pelo que agora tanto a ilustra Dom Rodrigo da Cunha⁷⁷.

Nasceu, pois, a gloriosa Santa Marinha em nosso Portugal e foi uma das nove filhas de Catílio e Cálcia, portugueses mui nobres e ricos, ainda que gentios; foi dada a criar a uma ama cristã pela causa que está dito quando damos notícia de sua irmã Santa Livrada: *Quæ data est nutrici in loco distante ab Amphilochia stadijs quindecim*. E viveu em um lugar que estava quinze estádios de Anfilóquia, cidade antigamente sujeita à metropoli de Braga, donde temos que foi natural Prisciliano, herege péssimo. Faz dela menção Duarte Nunes de Leão no fim da Descrição de Portugal⁷⁸ e diz que tomou o nome de seu antigo edificador Anfiloco, grego de nação; também se nomeia

⁷⁴ *Breviarium monasticum secundum consuetudinem ordinis sancti Benedicti de observantia congregationis Caenobis sancti Benedicti Vallisoletani*, Valladolid, 1542.

⁷⁵ Não identifiquei o texto de Simeon Metafrastes (= Simeones Metaphrastes) para que remete o autor. A referência é provavelmente indirecta.

⁷⁶ André de Resende, *Pro sanctis Christi martyribus Vincentio Olisiponensis patrono, Vincentio, Sabina et Christhetide, Eborensibus civibus et ad quaedam alia responsio. Ad Bartholomaeum Kebedium, sanctae Toletanae Ecclesiae sacerdonem, virum doctissimum*, Évora, 1567.

⁷⁷ D. Rodrigo da Cunha, *Catálogo e história dos bispos do Porto*, Porto, 1623.

⁷⁸ Duarte Nunes de Leão, *Descrição do reino de Portugal*, Lisboa, Jorge Rodrigues, 1610, cap. XXXXIII, fl. 73v.-74r.

no livro da Igreja de Tuy⁷⁹ que se imprimiu em nossos tempos. E o Arcipreste de Santa Justa⁸⁰, quando escreve destas nove portuguesas, ilustríssimas virgens e mártires que teve a primitiva Igreja em nossa Espanha, conforma o que dizemos assim: *Marina prope Amphilochiam vrbem passa esse dicitur*. Dizem que Santa Marinha padeceu a par de Anfíloquia, cidade da Galiza bracarense, com o qual concorda Flávio Dextro escrevendo: *Amphilochij in Gallecia Sancta Marina, vel Margarita, virgo, et martyr pro fide Christiana, et pudicitia passa*; que padeceu Santa Marinha, ou Margarida, virgem e mártir em Anfíloquia de Galiza.

Duas léguas de Ourense está uma igreja de nossa Santa Marinha consagrada com suas relíquias e é tradição que assim padeceu nobilíssimo martírio porque se mostra debaixo da terra um forno a que se desce por umas escadas, e dizem que a santa foi deitada nele, mas que não lhe fez mal algum o fogo que dentro ardia; também se mostra um buraco estreito por onde saiu, que foi outro milagre mui grande; e como o juiz lhe fizesse muitas promessas de honras e riquezas e por outra parte lhe desse muitos tormentos a fim que não fosse cristã, vendo que não aproveitava de nenhum modo, mandou-lhe cortar a cabeça que (como a de São Paulo em Roma) deu tres saltos na terra, aonde nasceram três fontes que, pelos muitos milagres que fizeram e fazem nos devotos desta santa, causaram o nome de Águas Santas, que hoje tem o mesmo lugar ilustrado com este martírio tão insigne, a quem quadra o título que Metafrastes põe na história de sua Santa Margarida, ou Marinha Grega, dizendo: *Martirium sanctæ, et egregiæ, et virtute curationum prædictæ Martyris Marina*. Martírio da santa egrégia e dotada da virtude de curar, Marinha, porque nela tem a nossa Espanha uma perpétua marinha, não de sal, senão de saúde pera todas as enfermidades. Faz o Martirológio Romano comemoração de sua festa a dezoito de Julho, em que na cidade do Porto se reza dela com ofício dobres, e é dedicada em sua memória a igreja de Vila Nova, fronteira da mesma cidade. O Licenciado Molina, no Livro das cousas notáveis de Galiza⁸¹, escreve todas as que temos dito desta virgem e mártir e como é venerada em a parte de Galiza que está a par do nosso Portugal, concluindo com os seguintes versos:

*No piensen que dexo pasar entre dientes,
En las águas santas, a Santa Marina,*

⁷⁹ Fr. Prudencio de Sandoval, *Antigüedad de la ciudad e Iglesia Catedral de Tuy*, ob. cit., fl. 36v.-38r.

⁸⁰ *Juliani Petri Archipresbyteri S. Justae Chronicon (...)*, ob. cit. (ms.).

⁸¹ Lic. Juan de Molina, *Descripción del reyno de Galizia*, ob. cit. Cf. edição de Madrid, 1675, p. 17-18.

*Cuyos milagros la hazen tan digna,
Que es venerada de todas las gentes:
Es cosa sabida, si bien paro mientes,
Que junto a la casa do está sepultada,
Siendo su santa cabeça cortada,
Dando tres saltos, nascieron tres fuentes.*

14. SANTA MARCIANA, virgem e mártir, pertencente a Braga.

Foi a derradeira que padeceu martírio pela fé de Cristo Senhor Nosso, entre as nove irmãs filhas de Lúcio Catílio português. E nos Fragmentos de Flavio Dextro⁸² lemos que foi em Toledo, pelos anos do Senhor de cento e trinta. Escreve Juliano⁸³, arcepreste de Santa Jústia: *Sub hæc tempora Guiteria, Geniuera, Marina, Marciana*; que floreceu a gloriosa Santa Marciana com outras suas irmãs, e nota que se faz a festa desta, que pusemos por última de todas, aos nove de Janeiro. Tomam dela o nome algumas mulheres em nosso Portugal que se chamam Marcianas, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

15. SANTA SITA VIRGEM, cujas relíquias estão a par de Tomar.

Dom Frei Prudêncio, bispo de Tuy, em o livro que imprimiu das antiguidades daquela cidade e sua igreja⁸⁴, tratando de como Dona Cálcia, mulher de Lúcio Catílio, mandou afogar as nove filhas de que temos dado notícia, acrecenta estas palavras: Para esto encargó el negocio con todo secreto que pudo a la pastora, como católica y santa, que después fue martyr, cuyo cuerpo descansa en Portugal junto a la villa de Tomar. Nas quais é digno de ser advertido porque dá a entender que Santa Sita, cujas relíquias estão a par de Tomar num mosteiro mui observante da Ordem do seráfico São Francisco,

⁸² *Flavii Lucii Dextri Barcinonensis, Fragmentum chronici sive Omnimodae Historiae (...)*, ed. de Zaragoza, 1619, p. 34. Segundo esta fonte — vale o que vale — não foi pelos anos 130, mas sim pelos anos 255.

⁸³ *Juliani Petri Archipresbyteri S. Justae Chronicon (...)*, ob. cit. (ms.).

⁸⁴ Fr. Prudencio de Sandoval, *Antigüedad de la ciudad e Iglesia Catedral de Tuy*, ob. cit., fl. 37r.

era a parteira que deu a criar as nove filhas de Lúcio Catílio e as não quis matar, o qual pera isto não dá mais fundamento que dizer uma das lições do ofício próprio de Santa Livrada: *Vocata Sila consica obstericè, omnes paruulas illas latenter, in profundum gurgitis extra pietatem maternam demergi iubet*; e por aquela palavra Sila que traz impressa em seu livro, referindo estas lições, entendeu o nome de Sita e, como viu que em Portugal está a santa deste nome a par de Tomar, disse que a parteira de Dona Cálcia era santa e católica e que era Santa Sita, da qual afirma que foi mártir, mas a impressão das lições de Santa Livrada, a que segue, está errada e em lugar de *Vocata sibi obstetricè* tem *Sila*. Prova-se que assim se há-de ler porque se imprimiu o ofício de Santa Livrada no Breviário de Sigüenza⁸⁵ por mandado de Dom Fedrique de Portugal, bispo que foi daquela cidade e honrador de Santa Livrada e de suas oito irmãs, e quando se vem ao ponto das lições por onde se guia o Bispo de Tuy nenhuma cousa se acha de Sila, ou Sita, senão: *Vocans ad se obstetricem, quæ sibi familiaris, et secretorum ipsius conscito singularis erat*; que chamou a parteira em particular, a qual era familiar e notável sabedora dos segredos da mesma Cálcia; e como conste que Dona Cálcia era gentia, mais me inclino a dizer que a parteira o era pelo tempo deste parto, que não dizer que era santa e católica, como afirma o Bispo de Tuy, e de nenhum modo se deve admitir que era Santa Sita de Tomar, porque esta não foi tão antiga senão muito mais moderna, não foi portuguesa senão italiana, e não mártir senão virgem somente, o que tudo mui largamente consta da história que repetimos aqui segundo está escrita no Catálogo dos Santos de Itália⁸⁶, porque, ainda que não é portuguesa de nação, é-o na devação que têm com ela os nossos portugueses e sei que folgarão saber a seguinte notícia, pois estão suas relíquias em o nosso Portugal.

Foi Santa Sita, ou Zita, nascida de pais pobres em os campos de Pisa, não longe da cidade de Lucca, mui ilustre em toda Itália, na qual cidade serviu a um homem nobre que morava a par da igreja de São Fedriano; trabalhava nas cousas de sua obrigação mui humilde e, sobretudo, era amiga de pobres; uma vez, não tendo que dar a um que lhe pediu esmola, fez o sinal da cruz sobre um jarro de água e converteu-se em vinho, que lhe deu. Em tempo de uma grande fome deu aos pobres muitas favas, com o que seu amo se agastou porque não sabia destas esmolos, mas mediram-se as favas e acharam-se tão acrescentadas como se nenhuma se houvessem tirado. Indo uma noite de Natal à igreja, levou uma veste de peles de seu amo e vendo a um pobre padecer frio emprestou-lha enquanto estava aos officios, depois dos quais o pobre desapareceu e, vindo pera casa sem a veste de peles, pelejou seu amo

⁸⁵ *Breviarium iuxta consuetudinem almae Ecclesiae Següntiae*, Sigüenza, 1560.

⁸⁶ Felippo Ferrari, *Catalogus sanctorum Italiae in menses duodecim distributus (...)*, ob. cit., pp. 223-224.

muito com ela, senão quando veio o pobre subitamente e restituiu-lhe a veste com muitos agradecimentos.

Fazia grande penitência cingindo-se com uma corda de esparto muito áspera, dormindo no chão, tomando disciplinas duras e tendo muitas horas de oração com notáveis arrebatamentos; por amor de um Ihe sucedeu que, havendo de cozer pão pera casa, se esqueceu e achou-o cozido milagrosamente. Foi amiga da pureza e assim sempre foi virgem, visitava com grande devação os templos que podia e, indo uma vez ao de Santa Maria Magdalena, que está fora da cidade de Lucca, achou as portas fechadas, pelo que se pôs em oração fora delas, aonde chovia muito, mas não se molhou por milagre que Deus ali fez, com grande consolação de sua alma. Finalmente, morreu cheia de virtudes, sendo de sessenta anos no de mil e duzentos e oitenta e sete do Senhor, a vinte cinco de Abril. Foi sepultada na igreja de São Fedriano em Lucca, aonde fez muitos milagres e em outras partes de Itália. Conta-se em Cápuia que, estando um homem pera enforcar por um furto de que era inocente, que se encomendou a esta santa e foi milagrosamente livre.

Até aqui é o que basta pera dar-nos notícia da gloriosa Santa Sita. Quem deseja saber mais algumas cousas busque a história mais larga que dela se imprimiu em Lucca ano de mil e quinhentos e oitenta e dous⁸⁷. Faz também larga menção desta santa Silvano Razio no livro dos Santos de Toscana⁸⁸. O Padre Mestre Frei Felipe Ferrerio no Catálogo dos Santos de Itália⁸⁹ diz que não é canonizada, mas que celebram sua festa Lucca e Ancona, cidades de Itália. Quanto a sua tresladação pera o nosso reino de Portugal, em um livro escrito de mão que se conserva na livraria da santa igreja de Toledo, o qual contém a história de Daretos egípcio, está o seguinte testemunho: *Anno. 1287. quinto Kalendas Maij in ciuitate Pisana obijt beata Citha, pro qua Dominus multa miracula operatur, de quæ preces fundebant aliquæ Ecclesie, sed præcipue Cæsar Augustana, quam credo habere sacras reliquias: quidam verò Eremita attulit corpus huius virginis ex Italia: et appulit ad opidum Aceiceira in Lusitania, cui facta est ædicula tempore Ioannis Lusitaniæ Regis;* pelo qual se vê que esta santa veio a Portugal das partes de Itália por indústria de um ermitão. Deixo de notar outras cousas deste testemunho, somente advirto que o Padre António de Vasconcelos na sua Descrição de Portugal⁹⁰ nomeia por santa mártir a Sila,

⁸⁷ *Vita e miracoli della vergine beata Zita, tradotta di latino in lingua toscana per Giovanni Federighi da Vico di Lunigiana, Lucca, 1582.*

⁸⁸ Silvano (no século, Girolamo) Razzi, *Vite dei santi e beati toscani de' quali in fino a hoggi comunemente si ha cognizione, Florença, 1593, p. 332.*

⁸⁹ Fr. Felippo Ferrari, *Catalogo sanctorum Italiae (...)*, ob. cit., p. 505.

⁹⁰ P. António de Vasconcelos, *Descriptio Regni Lusitani, cum compendio rerum illustrium, quae in eo visuntur tam ad humanum cultum spectatum, quam ad divinum,*

parteira de Dona Cálcia, estimando antes as cousas que temos reprovadas que a tradição do mosteiro de Santa Sita, a qual seguimos; pera glória de Deus Nosso Senhor, que sempre seja louvado. Amen.

16. SANTA COLUMBINA,
virgem e mártir,
com vinte nove portuguesas,
também virgens e mártires,
de Entre Douro e Minho.

Na história de Santa Guitéria, que Marieta refere na sua geral dos Santos de Espanha⁹¹, lemos que padeceram quando esta santa trinta virgens que tinha levado consigo, das quais não duvido que fossem portuguesas como ela, mas este autor, inda que diligente, não particulariza o nome senão de uma chamada Columbina, à qual o Padre António de Vasconcelos na sua Descrição⁹² chama Santa Comba, afirmando que é celebrada nas igrejas de Cuenca e Sigüenza a vinte e dous de Maio, com a mesma Santa Guitéria, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

17. SANTA COMBA
da Tourega, de Évora.

A par de Évora, aonde chamam Tourega, padeceu martírio um bispo com duas irmãs, da qual uma é chamada Santa Comba. Ali se mostram ruínas aonde é tradição que padeceram muitos mártires e está uma fonte aonde se fazem milagres, segundo escreve o Padre António de Vasconcelos na sua Descrição de Portugal⁹³, folhas quinhentas e cinquenta e três; pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

editado conjuntamente com a sua obra *Anacephalaeoses id est, Summa capita actorum regum Lisitaniae*, Antuérpia, 1621, p. 283-597, esp. p. 446, n. 12.

⁹¹ Fr. Juan de Marieta, *História eclesiástica y flores de santos de España (...)*, ob. cit., esp. cap. XVI, fl. 94.

⁹² P. António de Vasconcelos, *Descriptio Regni Lusitani*, ob. cit., p. 446, n. 11.

⁹³ P. António de Vasconcelos, *Descriptio Regni Lusitani*, ob. cit., p. 553, n. 14.

18. SANTA REVOCADA,

virgem e mártir,
de Viana.

Lemos nos antigos Fragmentos de Flávio Dextro⁹⁴: *Vienæ in Gallecia passi sunt Sancti martyres, Theophilus, Saturninus, et Reuocata Virgo sub Iulio Minencio in persecutione septima, quæ est eadem, quæ sub Decio*; que em Viana de Galiza (a qual é a nossa Viana de Caminha, notável vila de Portugal) padeceram martírio São Teófilo, São Saturnino e a bem-aventurada Santa Revocada virgem. Nomeia-se o tirano, que era Júlio Minêncio, e a perseguição, que foi a sétima de Décio, pelos anos do Senhor de duzentos e cinquenta e três. O dia de sua festa está no Martirológio Romano, a seis de Fevereiro, pera glória de Deus Nosso Senhor. Amen.

19. E 20. SANTA FELICÍSSIMA,

virgem e mártir, com sua mãe,
de Alcácer do Sal.

Está a seguinte relação nos mesmos Fragmentos de Flávio Dextro⁹⁵: *In Lusitania vrbe Salaria, quæ vrbs Imperatoria dicitur, celebrantur egregijs laudibus, Gratilianus, et Felicissima martyres*. Na Lusitânia, em Alcácer do Sal que foi cidade chamada Imperatoria, se celebram com muitos louvores São Gratiliano e Felicíssima, mártires. No Martirológio de Usuardo⁹⁶ está a doze de Agosto que padeceu esta santa virgem com Gratiliano em a cidade Falari; em o Romano da correição de Baronio⁹⁷, que em Faleria, cidade antiga e já destruída em Itália. Pedro Galasino⁹⁸ adverte em suas notações que nos martirológios manuscritos não se faz menção da cidade em que padeceram, a qual está tão clara em estes Fragmentos de Flávio Dextro que não parece termos pouco fundamento que, pela cidade Faleria, ou Falaria, em que os

⁹⁴ *Flavii Lucii Dextri Barcinonensis, Fragmentum chronici sive Omnimodae historiae* (...), ed. de Zaragoza, 1619, p. 35.

⁹⁵ *Flavii Lucii Dextri Barcinonensis, Fragmentum chronici sive Omnimodae historiae* (...), ed. de Zaragoza, 1619, pp. 32-33.

⁹⁶ *Usuardi martyrologium quo romana ecclesia ac permultae aliae utuntur (...) cum additionibus (...) et annotationibus (...) opera Ioannis Molani, ob. cit.; cf. ed. de Antuérpia. 1583, fl. 114r.*

⁹⁷ *Cesare Baronio, Martyrologium romanum ad novam Calendarii rationem et ecclesiasticae historiae veritatem restitutum, ob. cit.; cf. ed. de Antuérpia, 1613, fl. 339.*

⁹⁸ *Pietro Galesino, Martyrologium S. Romanae Ecclesiae usui in singulos anni dies accommodatum, ob. cit., fl. 112r.*

martitológicos impressos dizem que padeceram estes dous insignes mártires, devemos entender constantemente que foi a cidade Salária em a nossa Lusitânia, da qual faz menção Plínio, logo depois de Lisboa, dizendo: *Salaria cognominata vrbs Imperatoria*; que se chamava por sobrenome a Cidade do Imperador e é agora Alcácer do Sal, os quais nomes, ainda que foram corrompidos pelos mouros, têm vestígios da antiguidade, porque Alcácer em arábigo quer dizer casa, ou cidade de César, que era nome de imperador, e Salária é o mesmo que do Sal, que foi tomada aos mouros pelos anos de mil e duzentos e dezassete, sendo o principal capitão contra eles Dom Mateus, bispo de Lisboa, a quem Cesário chama Soeiro, mas podia ser chamado Dom Mateus Soares; outros dizem que Alcácer é nome arábigo e significa casa de Deus. Foi bispo desta cidade Januário, que firmou no Concílio Eliberitano celebrado na Igreja de Granada ano de três centos e vinte e quatro, e é chamado Bispo de Salária, ou Salariense, pelo qual Ambrósio de Morales⁹⁹ entende ser a cidade Alcácer do Sal, que se deve chamar Salária, em Plínio, e não Salácia, como de ordinário está impresso.

Tornando à bem-aventurada Santa Felicíssima, que não duvido ser nossa portuguesa e haver padecido em Alcácer do Sal, que é a cidade Salária da Lusitânia, e é de saber que nela, pelos anos do Senhor de duzentos e sessenta e nove em que imperava Cláudio, se promulgaram grandes crueldades contra os cristãos, que o governador de Salácia chamando o conde Traso Salariense pôs em execução; e como um mancebo por nome Gratiliano da mesma cidade tivesse lido por um livro dos Evangelhos, desejou de ser cristão e foi-se a um sacerdote santo chamado Eutício que o baptizasse, pesou disto a seus pais que eram gentios e por mais que procuraram de o tornar à idolatria nunca puderam. Soube dele o conde Traso e mandou-o prender e dar-lhe cruéis bofetadas e pô-lo no cárcere, aonde fez muitos milagres, como foram sarar enfermos, dar vista a cegos e resuscitar alguns mortos; entre os quais se converteram à fé uma virgem por nome Felicíssima e sua mãe viúva, porquanto esta donzela era cega e, por oração de São Gratiliano, recebeu vista e ambas as duas foram baptizadas pelo santo sacerdote Eucílio, a quem não pôde acolher o conde; mas logo meteu no cárcere a santa virgem Felicíssima que achou mui constante na fé, pelo que lhe mandou e a São Gratiliano pisar os rostros com pedras e depois degolar fora da cidade aos doze de Agosto, em que os celebra o Martirológico Romano. Tiveram os pais de Gratiliano grande pesar de seu filho haver padecido, porque eram gentios e não tinham outro, mas apareceu-lhes com Santa Felicíssima e dous anjos vestidos de alvo e consolaram-nos muito, dizendo que fossem cristãos, porque o conde Traso

⁹⁹ Ambrosio de Morales, *La Crónica general de España (...)*, Alcalá, 1574 (1.ª e 2.ª vols.), Córdova, 1586 (3.ª vol.); reed. ibi, 1577-1578. Cf. Tomo I, Livro IX, fl. 295r.

dali a três dias havia de morrer; o que sucedeu assi, pelo que se converteram e acabaram a vida com obras mui boas.

Tudo isto foi tirado da lenda destes santos que se conserva na Igreja Maior da cidade Castelana de Itália, aonde estão seus corpos e são mui venerados. Só por falarienses entendemos nós aqui salacienses, ou salarienses, e notamos que a palavra conde escrita nesta história é mais dos governadores antigos da nossa Lusitânia que dos de Itália, pelo que, quando as relíquias destes mártires foram pera ela trasladadas, devia ser também levada a narração de seu martírio, que se achará impressa no Catálogo dos Santos de Itália¹⁰⁰, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja louvado eternamente. Amen.

21. SANTA ENGRÁCIA, virgem e mártir, de Braga.

Houve em nosso Portugal um varão do número daqueles príncipes, ou régulos, ou ricos-homens que depois se chamaram condes e agora grandes, cujo nome era Ontcomero, segundo alguns derivado da nossa portuguesa Santa Livrada que, como nota Molano sobre Usuardo¹⁰¹ aos vinte de Julho, também foi chamada Ontcomera; teve de sua mulher uma filha que criou em santos e bons costumes, à qual pôs nome de Engrácia, que parece ser o outro da mesma Santa Livrada que padeceu na cidade do Porto e é chamada Vuilgeforte, porque Encratis vem da palavra grega *cratos*, ou *crateros*, que quer dizer a forte, pelo qual Prudêncio¹⁰² no hino desta Santa Engrácia lhe chamou *Virgo violenta*, que quer dizer a forte; de modo que Vuilgeforte é o mesmo nome que Engrácia, o qual é grego e em latim é Violenta e em português Violante, nome bem usado em nosso Portugal, a quem outros dêm outras origens se lhes não contentar esta. Mandou-a casar com o príncipe de Roisselhom¹⁰³, estado mui nobre que não fica em França, senão em nossa Espanha, nas fraldas dos Pirenéus, e indo mui bem acompanhada com dezoito fidalgos ilustres passou pola cidade de Zaragoza, mui celebrada no reino de Aragão, quando nela Daciano, o mais cruel dos tiranos que entraram em

¹⁰⁰ Fr. Felippo Ferrari, *Catalogus sanctorum Italiae (...)*, ob. cit., pp. 504-505.

¹⁰¹ *Usuardi martyrologium quo romana ecclesia ac permultae aliae utuntur (...) cum additionibus (...) et annotationibus (...) opera Ioannis Molani*, ob. cit.; cf. ed. de Antuérpia, 1583, fl. 102r (na nota lateral).

¹⁰² Veja-se a edição de Aurélio Prudêncio (= Prudentius), *Hymnun in laudem decem et octo martyrum Caesaraugustanorum*, in *Hymni*, Coloniae Agrippinae, 1588, s. p.

¹⁰³ No original está *Roysselhon*, o mesmo que Russelhão.

Espanha, executava a última e maior perseguição que dos imperadores gentios teve a Igreja Católica, a qual foi a de Maximiano e Diocleciano. Escreve Dom Martinho Garcia¹⁰⁴, bispo meritíssimo de Barcelona, o qual havia sido cônego e inquisidor de Zaragoza, no sermão cento e cinquenta que anda impresso e trata dos dezoito mártires companheiros de nossa Santa Engrácia, que ela mesma se ofereceu ao martírio e excitou ao mesmo seus companheiros. Eis aqui as palavras deste autor: *Cum Engratia filia Regis Portugalliae audiret persecutionem Christianorum, etc. Cum iam esset cum 18. militibus Barchinone non inueniens Dacianum, dicitur ei quod esset Cæsar Augustæ, tunc ipsa dicit militibus suis, eamus Cæsar Augustam, et confiteamur Christum verum Deum, etc;* como Santa Engrácia, filha d'el-rei de Portugal, estando em Barcelona soubesse que Daciano estava em Zaragoza, disse aos cortesões que a acompanhavam: Vamos lá confessar a Cristo Redentor Nosso por verdadeiro Deus. Ainda não tinha Santa Engrácia bem chegado à cidade quando o tirano soube que era cristã, pelo que a mandou prender e a seus companheiros na casa da Rolação, aonde foi açoutada cruelmente estando atada à coluna pretória que inda hoje se conserva e é venerada dos católicos, por sinal que está coberta de ferro por que o povo totalmente a não desfaça levando relíquias e pequenas partículas desta pedra pera suas enfermidades, às quais agora Nosso Senhor socorre por méritos desta santa, ainda que não façam mais que tocar com devação esta coluna, como vemos cada dia e largamente conta o padre Frei José de Sigüenza falando da mesma Santa Engrácia em sua mui douta Crónica da Ordem de São Jerónimo¹⁰⁵.

Depois foi arrastada pelas ruas de Zaragoza tão áspera e cruelmente que se atribui a milagre não morrer, porque ia atada com cordas mui compridas de que tiravam dous cavalos, como refere o doutor Dom Martim Carrilho na história de São Valério¹⁰⁶, aonde fala bem devoto com a santa mártir e diz: Ó bendita virgem, espelho de mártires e honradas mulheres, exemplo de fortaleza, quão diferentes são vossos passos pelas ruas desta cidade dos que dão as damas neste tempo, vós regais as pedras e chão com vosso sangue, elas pisam-no com suas passadas desnecessárias, quem me dera empedir a fúria dos cavalos, tirar do caminho as pedras que vos podiam magoar e de-

¹⁰⁴ Martín García, *Sermones eminentissimi totiusque Barchinonensis gregis tutoris accerrimi (...)*, Cesaraugusta, 1517, reed. Zaragoza, 1520. Veja-se esta reedição, esp. fl. CCCCLXIII r. e v.

¹⁰⁵ Fr. José de Sigüenza, *Tercera parte de la Historia de S. Jerónimo*, Madrid, 1605, cap. XI e XII, esp. p. 54a-63b.

¹⁰⁶ Fr. Martín Carrillo, *Historia del glorioso San Valero, obispo de la ciudad de Zaragoza. Con los martyrios de San Vicente, Santa Engracia, San Lamberto y los innumerables martyres de Zaragoza (...)*, Zaragoza, 1615, cap. IV, p. 52.

fender-vos, que não fôsseis maltratada; mas quem padece com tanto gosto é certo que padeceria mais em não padecer, porque, ainda que o corpo se arrasta pela terra, vosso espírito vai levantando-se ao céu e assi tendes por triunfo este passo, etc. Notando o tirano que a santa derramou muito sangue por extremo e cada vez tinha maior coração, determinou de lho ver e pera isto a mandou pendurar de um lugar alto e tirar com unhas de ferro mui agudas e medonhas o peito esquerdo e foi tão profundamente arrancado que veio com ele grande parte das raízes com que estava pegado; também pela não matarem depressa carregaram mais com aqueles medonhos ferros pera a parte direita e chegaram até lhe cortar o fígado. Deste peito que tiraram à nossa santa fez menção Santo Eugénio, o terceiro arcebispo deste nome que teve Toledo, porque, celebrando os dezoito mártires também portugueses companheiros de Santa Engrácia, escreve:

*Hic etiam compar meritis Encratia martyr
Sorte sepulchrali consociata iacet.
Huio in exatum sectantur sancta triumphum
Palla cruore rubens, secta papilla fibris.*

Que em a cidade de Zaragoza, mais florente em sepulcros de mártires que todas as de Espanha, está a virgem Santa Engrácia sepultada, a par dos dezoito mártires que vieram com ela e que, por sinais de seu grande triunfo, se vê certa vestidura ensopada em sangue e um dos peitos cortado redondamente pelas raízes. Do pedaço de fígado que os cruéis algozes arrancaram a esta santa mártir, escreve Prudêncio¹⁰⁷ nesta maneira:

*Vidimus partem iecoris reuulsam
Ungulis longe iacuisse pressis;
Mors habet pellens aliquid tuorum,
Te quoque viuam.*

Vimos parte do fígado de Santa Engrácia, que lhe saltou fora muito longe com a força das unhas de ferro com que a martirizaram, assi que na morte já estava de posse de alguma cousa desta santa, a qual era esta parte de seu fígado que estava morto e ela ainda viva. Maravilha notável, não acontecida a nenhum mártir outro de todo o orbe cristão.

Mandou o tirano metê-la outra vez no cárcere a fim que morresse comida de seu próprio sangue porque, como temos dito, derramou muito e de nenhum

¹⁰⁷ Prudêncio, *Hymnus in laudem decem et octo martyrum Caesaraugustanorum*, ed. cit., s. p. Estes versos latinos de Aurélio Prudêncio são transcritos por Fr. Martín Carrillo, *Historia del glorioso San Valero (...)*, ob. cit., p. 53-54.

mártir se sabe que derramasse mais em testemunho da fé verdadeira e católica, nem mais tempo, porque esteve muitos dias com os peitos abertos e com o lado ferido e a teta arrancada bem perto do coração, toda coberta de seu próprio sangue; e ainda que o tirano não acabava de lhe dar martírio, não deixava entretanto de ser insigne mártir; assi alcançou entre todos o raro título da mártir que viveu muito, como Prudêncio nota em os seguintes versos:

*Hunc nouum nostræ titulum fruendum
Cæsar augustæ dedit ipse Christus;
Iuge uiuentis, domus vt dicata
Martyris esset.*

Admirável e nunca visto foi o martírio da nossa santa fortíssima portuguesa, porque depois de entrar nele vivia e juntamente padecia, falava nas dores que trazem consigo prisões, açoutes, mau tratamento, andar a rasto, ter abertos os peitos e arrancados com boa parte do fígado, estar perto da morte com a muita efusão de seu sangue próprio, e dava a entender que todas estas cousas acrescentavam bens, causavam alegria e contentamento, gostos e regozijos que tinha grandíssimos na alma.

Acabou seu martírio com um cravo que lhe insculpiram os modernos na testa do engaste de prata que tem em Zaragoza sua própria cabeça, mas este cravo não lhe foi pregado na testa, senão no mais alto de sua cabeça, como se vê em pinturas antigas e na própria cabeça da mesma santa que está dentro daquele engaste, a qual vi na sancristia do mosteiro de seu nome em Zaragoza. Advertimos que se denotou claramente com este género de martírio que estava tão firme na confissão da fé como o que está firmíssimo e, segundo disse Cícero em uma verrina, *Trabali clauo confixum*, pregado e fixo com um prego de traves, significando, com este cravo, coroada, que era rainha nos céus, porque havia sido escrava perpétua do Senhor, como também significa o mesmo cravo com que morreu a vinte de Abril. Foi seu corpo deitado às feras do campo, como indigno de estar nas entranhas da terra, mas São Prudêncio, bispo (como dizem) de Tarrazona, que se achou presente, o recolheu com suma devação e dando-lhe sepultura foram ouvidas vozes de anjos, que pera tais exéquias não havia na terra outros cantores; assim o escrevem em sua história Ribadeneira¹⁰⁸, Marieta¹⁰⁹, Morales¹¹⁰ e

¹⁰⁸. P. Pedro de Ribadeneira, *Flos Sanctorum. Libro de las vidas de los santos. Primera parte*, Madrid, 1599; *Segunda parte*, Madrid, 1601; reed., Madrid, 1604, 2 vols.; ibi, 1609-1610, 2 vols.; ibi, 1616, 2 vols.; Barcelona, 1623, 2 vols, etc.

¹⁰⁹ Fr. Juan de Marieta, *Historia eclesiástica y flores de santos de España (...)*, ob. cit.

¹¹⁰ Ambrosio de Morales, *La Crónica general de España (...)*, ob. cit.

Trujillo¹¹¹, dando a entender que também se acharam presentes muitos mártires santos da glória. *Multi Sancti descenderunt ad eius exequias celebrandas*, diz o último destes autores, pera que se note com que glória seria recebida sua alma nos céus, pois seu corpo era tão honrado na terra.

Não faltam causas de ter esta particular honra em suas exéquias. Uma, que vieram os santos da glória ver um corpo, a quem, quando morreu, custou menos a morte que a nenhum outro, porque estava quasi morto antes de morrer e serviu-lhe a morte de alívio, segundo adverte Prudêncio¹¹² nos seguintes versos:

*Iam minus mortis pretium peracta est,
Quæ veneratos abolens dolores
Concitam membris tribuit quietem
Fine supremo.*

Outra causa mui digna de notar é porque os santos assistiram e foi que vieram ver os ossos desta santa, *Rubicundiores ebore antiquo*, mais vermelhos que o marfim antigo e precioso, porque estavam todos afermoseados com seu sangue, como o marfim com o da púrpura claro e resplandecente, ao que parece que olhou Prudêncio¹¹³ quando começa os versos de seu epitáfio assi:

*Hic Encrati recubant tuarum
Ossa virtutum, quibus efferati
Spiritus mundi violenta virgo
Dedecorasti,*

dizendo que foi a virgem de grandes forças que levou a palma e venceu com a de seus ossos a fera braveza dos tiranos que, por mais que a retalharam, pisaram e açoutaram, não lhe fizeram mozza em seus fortes ossos, que ainda hoje estão em sua sepultura rosados e vermelhos do sangue que neles se ensopou, como se viu quando no ano de mil e trezentos e oitenta e nove foram achados aonde estão agora, porque dantes estavam escondidos per amor dos mouros¹¹⁴. O dia

¹¹¹ Tomás de Trujillo, *Thesauri concionatorum (...)*, Barcelona, 1578, 1579, 1583, 1590, 1591, 1594; Lyon, 1584; Veneza, 1584-86; Paris, 1585, etc.

¹¹² Aurélio Prudêncio, *Hymnus in laudem decem et octo martyrum Caesaraugustanorum*, ed. cit., s. p.

¹¹³ Aurélio Prudêncio, *Hymnus in laudem decem et octo martyrum Caesaraugustanorum*, ed. cit., s. p. Citado também por Martín Carrillo, *Historia del glorioso San Valero (...)*, ob. cit., p. 48.

¹¹⁴ Por causa dos mouros.

que se acharam diz o Abade de Montaragão¹¹⁵ na História de São Valero¹¹⁶ que foi a doze de Maio, mas que se festeja com procissão geral a treze de Março.

A história desta invenção foi, segundo contam as lições de sua festa, que, abrindo-se uns alicerces para a igreja, se achou uma arca de pedra mui grande, a qual tinha dous repartimentos como sepulcros; em um estavam estas letras: *Engratiæ virginis*; e viu-se bem em os santos ossos serem da virgem e mártir Santa Engrácia, porque estavam corados com um vermelhão rosado, que alegravam as almas só com os ver; no outro repartimento, havia estoutras letras: *Lupertij Martyris*, que eram os ossos de São Lupercio mártir, os quais estavam brancos.

Foi cousa notável que nas casas em que morreu e padeceu e viveu todo o tempo de seu martírio está sepultada com seus dezoito companheiros, todos portugueses naturais de Braga como é tradição e se colhe de Dextro citado pelo Abade de Montaragão¹¹⁷ na História de São Valero, era enton-ces¹¹⁸ Rolação e casa de justiça aonde se elegiam os senadores, que Prudêncio¹¹⁹ chama os emporporados da púrpura e grã de suas granachas,

*Turba, quam seruabat creatrix
Purpureorum.*

Agora é um insigne mosteiro da Ordem de São Jerónimo que el-rei D. João o segundo de Aragão mandou ali edificar, porque o cravo da nossa Santa Engrácia, que ainda hoje se conserva, lhe sarou os olhos de uma doença irremediável, no ano de mil e quatrocentos e cinquenta e nove, pelo que seja dada glória a Deus Nosso Senhor eternamente. Amen.

22. SANTA OLAIA, virgem e mártir e grande professora da fé católica, foi natural de Mérida, cabeça antigamente da nossa Lusitânia.

Todos os que tratam das cousas antigas de Portugal escrevem das de Mérida porque a maior parte de nosso reino é a província Lusitana, de quem antigamente esta cidade foi cabeça, e no governo eclesiástico pertenciam à

¹¹⁵ Montaragón. No original o nome está separado: Monte Aragão.

¹¹⁶ Martín Carrillo, *Historia del glorioso San Valero (...)*, ob. cit., cap. V., p. 61.

¹¹⁷ Martín Carrillo, *Historia del glorioso San Valero (...)*, ob. cit., cap. IV., pp. 43-44.

¹¹⁸ Então. Este castelhanismo ocorre com alguma frequência.

¹¹⁹ Aurélio Prudêncio, *Hymnus in laudem decem et octo martyrum Caesaraugustanorum*, ed. cit., s. p.

sua metrópoli Beja, Évora, Lisboa, Coimbra e as mais terras que estão entre o Douro e Guadiana em o mesmo reino; e como agora a todos os portugueses chamamos lusitanos, assi antigamente todos os lusitanos eram da mesma província, nobreza e condição dos nossos portugueses, pelo que, como a qualquer portuguesa convém hoje o nome de lusitana, assi a qualquer antiga lusitana convém o de portuguesa, e como tal tem em o nosso reino muitas ermidas e parróquias à gloriosa Santa Olaia virgem e mártir, à qual os castelhanos chamam de Mérida, porque houve outra de Barcelona.

Nasceu, pois, esta insigne lusitana em Mérida; o nome do pai foi Libério, o da mãe não ficou escrito, mas ambos eram ilustres, mui ricos e cristãos; teve per aio a um sacerdote de santa vida chamado Donato, o qual a pôs no caminho da perfeição, de modo que de doze anos fez voto de castidade perpétua e, deixando a cidade, os parentes e o pai, se foi a Ponciano, lugar do termo de Mérida, aonde vivia uma sua irmã também religiosa, ensinada por um santo sacerdote chamado Félix, de quem aprendeu todo o género de virtude, pelo que foi não somente confessoria, mas grandíssima professora da fé católica. Chamamos confessores aos santos que confessam a fé padecendo trabalhos, angústias, perseguições, tribulações, desterramentos e cárceres por amor dela, mas professores são os que de sua própria vontade, inspirados por Deus em o tempo conveniente, vão a buscar o martírio, cheios de grande brio e alegria de alma, como aconteceu com sumo louvor a Santa Olaia, da qual conta a sua antiga história, conservada de mão¹²⁰ na livreria de Nossa Senhora do Pilar de Zaragoza com outros muitos martírios de santos, que, sabendo que Calfúrnio, presidente dos gentios em tempo dos imperadores Diocleciano e Maximiano, estava na sua cidade com os próprios poderes de Daciano pera perseguir e matar a todos os cristãos, encomendou-se muito a Nosso Senhor e tratou de não perder esta ocasião tão excelente pera cumprir o desejo que tinha de ser mártir; e porque não fosse totalmente impedida, saiu-se de casa à noite e sem saber o caminho se veio à cidade com grande trabalho e, chegando a ela ainda de noite, a viu cercada com uma grande luz um judeu, o qual, entendendo que era cristã, lhe disse: Venhais embora pera morrer. Pondera esta jornada Prudêncio¹²¹, onde diz:

*Ingreditur pedibus laceris
Per loca senta situ, et vepribus,
Angelico comitata choro,
Et licet horrida nox sileat,
Lucis habet tamen illa ducem.*

¹²⁰ Manuscrita.

¹²¹ Aurélio Prudêncio, *Hymnus in laudem Eulalia virginis*, in *Hymni*, ed. cit. (1588), s. p.

E nota que vinha cercada de um coro de anjos, além daquela fermosa e grande luz que a guiava no meio da noite escura em que caminhava com os pés feridos da aspereza da terra, das espinhas e pedras em que topava.

Vindo a manhã, foi-se logo à praça donde o juiz tinha seu tribunal e pôs-se com grande esforço diante dele, estando presente muita gente que acudiu sem a ninguém chamar, e com valor extraordinário disse ao tirano que seus ídolos eram pedras e pelo conseguinte seus imperadores menos que elas, pois as adoravam por Deus e que, se buscava cristãos, que ela também o era, que bem a podia queimar ou partir pelo meio, que todos os tormentos padeceria por amor de Cristo Senhor Nosso. Vendo tal ânimo, o juiz ficou espantado e prometeu à santa muitas honras e riquezas se quisesse adorar os ídolos, às quais promessas não deu ouvidos, pelo que logo a mandou prender e açoitado cruelmente, o que tudo sofreu com muita paciência, sendo celestialmente consolada por um anjo; e como a palma fica mais forte com as geadas e tempestades, assi ficou mais constante depois desta prisão e açoites.

Não cessava Calfúrnio, juiz e presidente cruelíssimo, de ameaçar com tormentos vários à santa se não quisesse honrar seus ídolos oferecendo-lhes incenso e, porque sabia qua amava muito a pureza e era castíssima, disse que a despissem diante de todos em aquele tribunal, o que sentiu mais que nenhum tormento e não deixou de reprender ao juiz dizendo-lhe: Que te aproveita desautorizar-me, se minha alma não tem de ver contigo? Ameaçou-a entoncos que lhe daria a sentença conforme a seu delito. Respondeu a santa que a desse como quisesse; logo o juiz mandou que lhe pusessem os ídolos diante e incenso pera lhos oferecer.

*Martyr ad ista nihil, sed enim
Infremit, inque tyranni oculos
Sputa iacit, simulachra dehinc
Dissipat, inpositamque molem
Thuribulis pede prosubigit.*

A mártir, diz Prudêncio¹²², calou e fez-se como uma leoa cuspiendo diante dos olhos do tirano como quem abominava aquelas cousas, deitou os ídolos pelo chão e pisou com os pés os turíbulos e mais instrumentos com que eram venerados. Vendo isto, o tirano mandou de novo moê-la com paus mui grossos e que, untada de azeite, fosse posta em uma fogueira, o que logo foi cumprido; mas a santa ficou tão constante como dantes e disse ao tirano: O fogo de amor que tenho a meu Senhor Jesu Cristo fez que me não queimasse o fogo em que me puseste e serviu de orvalho que o temperou o azeite que

¹²² Aurélio Prudêncio, *Hymnus in laudem Eulalia virginis*, ed. cit., s. p.

acrecentaste. O presidente então mandou que cobrissem a santa de cal virgem e deitassem sobre ela muita água pera que deste modo ardesse, mas nem este fogo lhe deu pena alguma, pelo que a mandou pôr em um leito de ferro e sobre ela derreter muita cópia de chumbo que pera isto estava em uma caldeira; mas a santa, cobrando novo espírito, encomendou-se a Nosso Senhor que a tivesse de sua mão, como fizera a São Tirso em semelhante tormento, e assi foi que lhe não fez mal o chumbo ardente e, pera ser maior milagre, queimavam-se os algozes; mandou-a então o presidente açoutar de novo e arrastar, pera que sentisse maior dor; sofreu tudo a santa com grande alegria, de modo que, confuso o presidente e vencido de tal constância, lhe mandou pôr em todo o corpo tochas acesas e lâminas de fogo, no meio do qual tormento disse: Já estou assada e assim mais forte, deita agora sal pera que seja sacrifício mui agradável ao Senhor e esteja meu corpo mais conservado.

Não tratou o presidente depois destas cousas de a trazer à idolatria, senão de tentar até que ponto chegava sua constância, e assi a mandou lançar em um forno que estava aceso na mesma praça pera queimar aos cristãos; a virgem dentro nele não ardia, mas cantava louvores a Deus, como fizeram em caso semelhante os três famosos de Babilônia; muitos outros tormentos foram dados a esta santa virgem, que lhe não fizeram mal, até que foi arvorada em uma cruz fora da cidade, aonde logo lhe puseram fogo mui devagar, pera que mais padecesse:

*Virgo citò obitum
Appetit, et bibit ore rogum.*

Escreve Prudêncio¹²³ que a santa desejava a morte e por isso folgava com o fogo e, bebendo-o como se fosse água, deu sua alma a Deus Nosso Senhor, a qual foi vista sair-lhe pela boca em figura de pomba mui branca que voou pera os céus a dez de Dezembro. Não se abrandou o tirano com este milagre, antes, endurecido, mandou que estivesse crucificado seu corpo três dias, em os quais foi coberto de neve que caiu do céu pera que assi amortalhado não fosse visto dos homens e começasse a ser reverenciado, como são as cousas que se encobrem debaixo de cortinas e véus.

Refere São Gregório Turonense, no livro da Glória dos Mártires¹²⁴, que todos os anos a par do sepulcro desta nossa santa lusitana no dia de sua festa, com vir em o mês de Dezembro, floreciam milagrosamente três árvores e

¹²³ Aurélio Prudêncio, *Hymnus in laudem Eulalia virginis*, ed. cit., s. p.

¹²⁴ S. Grégoire de Tours (=Gregorius Turonensis), *De Gloria martyrum libri duo. Eiusdem de gloria confessorum liber unus. De virtutibus et miraculis S. Martini, libri IIII (...)*, Colônia, 1583.

davam flores brancas mui cheirosas, mas duras como pão, as quais serviam de manifestar com seu número quais haviam de ser aquele ano as novidades, se muitas ou poucas. Também ficaram por símbolo da pureza e constância da mesma santa que, na flor da idade, porque não era mais que de treze anos, fez suave sacrifício de si a Deus Nosso Senhor. Escreve São Isidro na Crónica dos Godos¹²⁵ que defendeu esta santa virgem e mártir a sua cidade Mérida aparecendo sobre os muros dela contra a fúria de Teodorico arriano que a queria destruir. Suas relíquias, no tempo das guerras dos mouros, foram de Mérida trasladadas pera Galiza e estão agora na Catedral de Padilha, ainda que estão algumas em Elna, cidade de Catalunha, segundo referem outros autores. Tem nosso Portugal muitas igrejas com seu título, aonde os fiéis cristãos por sua intercessão recebem muitos benefícios da mão de Deus Nosso Senhor, que seja louvado eternamente. Amen.

23. SANTA JÚLIA, virgem e mártir, de Mérida.

Foi esta santa também nossa lusitana de Mérida, colaça, segundo escreve Marieta¹²⁶, de Santa Olaia, que se criou com ela na vida temporal e espiritual, pelo que lhe chamava irmã e, assim, vendo que andava mais depressa quando ambas vinham a receber a palma do martírio, disse-lhe: Irmã, tu andas mais depressa, mas eu hei-de ser primeiro mártir. O que aconteceu assi como foi dito e não padeceu Santa Júlia senão ao terceiro dia, em que Santa Olaia foi sepultada, a cujos méritos se atribui o martírio da mesma Santa Júlia, segundo li no Passionário e livro dos mártires que conserva escrito de mão a igreja de Nossa Senhora do Pilar de Zaragoza, porque se acharam em Mérida aqueles dous sacerdotes, Donato e Felix, que haviam sido mestres de Santa Olaia, a quem o segundo falou em uma revelação e disse: Senhora, tendes alcançado primeiro a palma do martírio que eu também desejava. A santa, cheia de alegria, respondeu: Estou mui contente com o prémio de minha vitória, mas solícita de companhia; que era de ver em a glória sua colaça Santa Júlia que logo padeceu martírio no mesmo dia treze de Dezembro e dizem que está agora seu corpo na igreja de Elna em Catalunha, aonde os cristãos por amor dela recebem muitas mercês de Nosso Senhor, o qual seja louvado. Amen.

¹²⁵ Refere-se à muito editada obra de S. Isidoro, *Gothorum, vandalarum et suevorum in Hispania Chronicon*, Amsterdão, 1500; Paris, 1579; Pádua, 1597 e 1606, etc. Veja-se, por exemplo, a edição de Hamburgo, 1611, p. 169.

¹²⁶ .Fr. Juan de Marieta, *Historia eclesiástica y flores de santos de España (...)*, ob. cit., fl. 90r.

24. SANTA LUCRÉCIA,

virgem e mártir,
de Mérida.

Não temos mais que o nome desta santa em o livro onze de Pedro à Natalibus¹²⁷, o qual escreve que é de Mérida e, pelo conseguinte, lusitana, notando que padeceu aos catorze de Novembro, em que a celebra o Martirologio Romano. Seu nome tomam muitas mulheres em nosso Portugal. Faz menção dela Paulo Diácono de Mérida no livro que fez dos santos desta cidade¹²⁸, em o qual diz que teve templo dedicado com seu nome a Deus Nosso Senhor, que seja louvado em todos seus santos eternamente. Amen.

25 E 26. SANTA SABINA E CRISTETA,

virgens e mártires,
de Évora.

Entre as ilustres portuguesas que, adornadas com a coroa virginal, alcançaram palma de martírio na maior perseguição que teve a Igreja, a qual foi a de Diocleciano, foram duas irmãs naturais de Évora, descendentes da antiga e nobre geração dos Cocominhos, segundo escreve Mestre André de Resende na história de São Frei Gil¹²⁹. Também afirmam o mesmo outros autores, contra os que tem pera si que são naturais de Talabeira¹³⁰, que está a par de Toledo, sem haver outro fundamento mais que haverem sido irmãs também de São Vicente mártir; e como Talabeira tenha mui grande devação com um mártir deste nome, têm pera si que é o irmão das nossas duas virgens e mártires Cristeta e Sabina, que assim se chamam as de que agora tratamos; mas o São Vicente de Talabeira padeceu em Labossissa com seu irmão São Leto em o primeiro de Setembro, em que os celebra o Martirologio Romano e ainda a Igreja de Toledo; porque eram mui celebrados em Talabeira, deviam de estar ali suas relíquias, donde tenho um Martirologio mui velho, escrito de mão¹³¹,

¹²⁷ Pietro de' Natali (= Petrus à Natalibus), *Catalogus sanctorum et gestorum eorum*, ob. cit., liber undecimus, cap. CXXX, nº 330, fl. CCXXVv.

¹²⁸ Veja-se edição anotada por Bernabé Moreno de Vargas, *Historia de la ciudad de Merida*, Madrid, 1633.

¹²⁹ Veja-se a edição de Fr. Estêvão de Sampaio, *Thesaurus arcanus lusitanis refulgens in quo AEGidii magi olim theurgici stupenda historia variis excolta dialogis (...)*, Paris, 1586, fls. 1r.-127r., esp. fl. 7v.

¹³⁰ Talavera.

¹³¹ Manuscrito.

em o qual está: *Aquis ciuitate Vincentij martyris cum socijs suis*. Faz-se comemoração de São Vicente mártir e seus companheiros na cidade de Águas, o qual é Talabeira, chamada com o nome das águas pela muita abundância que tem delas; e concorda com isto o testemunho de Flávio Dextro¹³² que diz: *Sancti Vincentius, et Lætus nati patre Turibio ciue Toletano, et matre Seuera Aquensi, vel Elborensi prope Toletum in Carpetanis gemmelli*. Os santos Vicente e Leto foram gémeos, seu pai chamou-se Turíbio, cidadão de Toledo, e sua mãe Severa Aquense ou de Talabeira; assi que este São Vicente é o de Talabeira e não o irmão das virgens e mártires santas Cristeta e Sabina, cujo martírio foi o seguinte, segundo os breviários de Ávila e Évora.

Daciano, o mais cruel tirano que entrou em Espanha mandado por Diocleciano e Maximiano, veio com grande sanha contra os fiéis cristãos à cidade de Évora e prendeu um mancebo por nome Vicente, a quem mandou degolar depois de lhe fazer todo o género de perguntas e dar notáveis admoestações a fim de o fazer deixar a fé católica; e sucedeu que, subindo ao lugar onde havia de padecer, pôs os pés em um degrau de mármore em que ficaram impressas assi suas pegadas, como se fora em área molhada. O qual milagre foi causa de se converterem muitos gentios à fé católica e os cristãos se confirmarem nela. Pelo que os ministros daquele martírio fingiram que São Vicente estava duvidoso e pedia três dias pera se deliberar, e per amor disto o largaram e puseram em sua liberdade, permitindo-o Nosso Senhor pera socorrer a duas irmãs virgens que tinha, mui católicas, chamadas Cristeta e Sabina, as quais fugiram com ele a cavallo e deram consigo em a cidade de Ávila; mas não passou muito tempo sem que os mesmos algozes os prendessem e depois de lhes dar muitos açoutes e os pôr em o écúleo, que era instrumento de muitas dores, sempre os acharam constantes na perfeita confissão da santa fé católica, louvando a Deus Nosso Senhor, um na essência e trino em as pessoas, por amor do que padeciam aqueles tormentos com grande alegria de suas almas; pelo que os algozes, cada vez mais acendidos em furor, não se contentaram com os martírios ordinários e já costumados, senão que inventaram outros de novo, inexquisitos e até àquele tempo não vistos; os quais se vieram a concluir que fossem postos sobre umas lagens ásperas, aonde os pisaram com paus duros e logo arrimaram grandes pedras sobre suas cabeças. E assi deram suas almas a Deus, a vinte e oito de Outubro, em que os celebra o Martirológio Romano.

Tornaram-se os algozes pera Évora, onde estava o cruel Daciano, deixando postas grandes penas que ninguém se atrevesse a enterrá-los. Logo uma serpente se pôs em sua guarda e, chegando-se certo judeu perto das santas relíquias, o cingiu e apertou de maneira que morria, pelo que fez voto de ser cristão e fazer

¹³² *Flavii Lucii Dextri Barcinonensis, Fragmentum chronici sive Omnimodae Historiae (...)*, ed. de Zaragoza, 1619, p. 51.

um templo em que sepultasse aos santos mártires se escapasse do perigo da morte em que estava; finalmente foi livre e, depois de baptizado, edificou um famoso templo em que as nossas virgens e mártires Santa Cristeta e Santa Sabina, com seu irmão São Vicente, foram colocadas, e sucedia um milagre ordinariamente, como aquele que havia na cidade de Nola em Campania de Itália por amor de São Felix, o qual era que, se alguém se queria mostrar inocente de algum crime, jurava aos santos evangelhos diante das relíquias destas nossas santas mártires e seu irmão São Vicente e permitia Deus Nosso Senhor que fosse publicamente vista sua inocência; porque se jurava falso logo era atormentado pelo demónio. Durou este costume muito tempo, até que cessou e foi proibido que ninguém intentasse livrar-se em causa alguma por este meio, como consta das leis de Touro, que o proibem em as sessenta e sete.

Esta é a história das nossas santas virgens e mártires Cristeta e Sabina, naturais de Évora, pera honra e glória de Deus Nosso Senhor, que seja louvado eternamente. Amen.

27 E 28. SANTA MÁXIMA E JÚLIA, virgens e mártires, de Lisboa.

Na mesma perseguição de Maximiano e Diocleciano padeceram em a cidade de Lisboa as bemaventuradas santas Máxima e Júlia, irmãs de São Veríssimo, as quais andavam com ele em romarias e, sendo amoestadas em Roma por um anjo que voltassem à sua pátria, aonde haviam de ser mártires, assi o fizeram, depois de muitos exemplos de virtude, oferecendo-se a um tirano por nome Tarquino sem ninguém as constranger, pelo que foram presas e tratadas cruelmente, mas no cárcere as consolou muito um anjo que celestialmente lhes apareceu. Depois foram postas e desconjuntadas no ecúleo, onde, quanto mais atormentadas, tanto maior alegria mostravam, pelo que o juiz as mandou açoutar com escorpiões, que eram uns azorragues¹³³ que tinham as pontas chumbadas; mandou-as também abrir pelas costas com garfos e unhas de ferro e que lhe fossem postas sobre suas feridas lâminas e pranchas mui ardentes; foram arrastadas pelas ruas atadas a uns cavalos, depois na praça apedrejadas e ultimamente degoladas e deitados seus corpos aos animais no campo e às aves de rapina. Mas vendo o tirano que nada lhe fazia mal, mandou-os botar no pego que fazem as águas do mar que se misturam com as do Tejo, entre a cidade e Almada; e com irem atadas em umas grandes pedras, pera que fossem logo ao fundo e nunca suas relíquias

¹³³ Chicotes.

fossem veneradas dos cristãos, primeiro tornaram à praia que os que as foram em uma barca deitar no pego, e assi causaram tanto espanto que nem os tiranos lhe impediram sepultura, nem os fiéis cristãos tiveram medo de lha dar mui solenemente, onde logo e pelo tempo adiante fizeram muitos milagres estas santas relíquias que, na destruição dos mouros, foram escondidas com grande cuidado e depois achadas por Dona Sancha, primeira comendadora da Ordem de Santiago, de quem daremos alguma notícia em outro lugar. Foi-lhes feito um templo mui nobre aonde agora chamam Santos-o-Velho; daqui, em tempos d'el-rei Dom João o Segundo, foram tresladadas pera Santos-o-Novo, aonde agora estão. Faz menção destas nossas santas portuguesas Máxima e Júlia o Martirológio Romano¹³⁴ no primeiro de Outubro, em que são mui celebradas com seu irmão, porque foram grandíssimas mártires e, pois se houveram com ânimo varonil, o antigo e novo templo destas santas relíquias se chamaram dos santos, não porque fossem dous irmãos, Veríssimo e Máximo, e sua irmã Júlia, como os nomeiam Duarte Nunes de Leão na Descrição de Portugal¹³⁵, Dom Francisco de Padilha na História Eclesiástica de Espanha¹³⁶ e outros que devem ser advertidos porque vão contra os officios próprios da santa Igreja de Lisboa e contra sua história escrita de mão mui antiga que se achou em o mosteiro de Chelas e contra o mais antigo Flos Sanctorum que teve a língua portuguesa, feito primeiro em latim, segundo dizem, pelo venerável João Gersão, cancelário de Paris, e contra os Martirológios Romano e de Usuardo, que claramente testificam que só foi um varão chamado Veríssimo, o qual tinha duas irmãs, de que aqui tratamos, Máxima e Júlia.

Muitas cousas se acham na história destas santas que se conserva escrita em latim no mosteiro de Chelas, das quais notamos as seguintes. Primeiramente, que são nossos portugueses mui devotos de romarias, como cada ano se adverte no templo do glorioso Santiago de Galiza, em que se acham só de Portugal mais peregrinos que de todos os outros reinos de Espanha, e é este acto de religião cristã tão antigo em nossas terras que lemos de São Veríssimo que andava em romarias com suas irmãs e foram a Roma visitar as relíquias dos príncipes dos Apóstolos, São Pedro e São Paulo, quando mereceram ser avisados celestialmente que haviam de ser mártires na cidade de Lisboa.

Também é cousa digna de se notar que estes santos deixaram com seu

¹³⁴ Veja-se, por exemplo, o *Martirológio Romano (...)*. *Tresladado de latim em português por alguns padres da Companhia de Jesus*, ob. cit., fl. 211r.

¹³⁵ Duarte Nunes de Leão, *Descrição do reino de Portugal*, ob. cit., cap. XXXIX, fl. 71v.-72r.

¹³⁶ Francisco de Padilla, *Historia eclesiástica de España (...)*, ob. cit., *Primera parte, Centuria 4*, fl. 186r.-187r.

sangue purificadas muitas ruas da mesma cidade quando foram levados ao martírio, pelo que ainda hoje se acham umas pedras pequenas com sinais de sangue, as quais têm umas cruces mui claras e são estimadas em memória destes santos que alcançam de Deus com elas tenham e recebam seus devotos muitas mercês e benefícios do céu. Floreceram sempre em milagres e assi lemos em uma memória antiga deles que apareceram em defesa de sua pátria a cidade de Lisboa quando os suevos, godos, alanos e vândalos vieram sobre ela. Muitos outros milagres se contam destes santos, mas somente referirei dous, por causa de maior brevidade.

Um foi que, no ano de mil e quatrocentos e cinquenta, aos três dias de Junho, se viu ser livre do demónio, a par do altar destes santos, certa mulher de Viseu chamada Maria Lourenço, a qual, preguntada nas esconjurações por quem lhe dava pena, respondeu: o espírito de Martim Anes de Barbuda. A causa que o inimigo infernal tomou pera nomear este fidalgo, que havia sido em nosso Portugal craveiro da mui ilustre Ordem de Aviz, foi porque seguiu as partes d'el-rei Dom João de Castela quando teve guerras contra o nosso também primeiro deste nome em Portugal e chegando este fidalgo a ser Mestre de Alcântara, ainda que era mui esforçado, não tinha grande prudência e guiando-se por um seu amigo simples ermitão, por nome João do Saio, determinou conquistar o reino de Granada temerariamente contra vontade d'el-rei de Castela e de todos os grandes, assi ficou vencido com quatro mil católicos que levou em sua companhia e não escaparam mais que mil e quinhentos; pareceu, pois, ao demónio que seria crido dizendo que era aquele fidalgo o que atormentava a mulher, porém em casos semelhantes não perdem nada as almas que os diabos nomeiam e porventura que aquele fidalgo fez penitência e por meio dos sacramentos alcançou a glória.

O outro milagre aconteceu desta maneira. Quando el-rei D. Afonso Quinto de Portugal passou a Arzila, iam muitos soldados pelo mar, os quais tiveram uma grande tempestade de noite e cuidaram que totalmente se perdiam, mas, encomendando-se aos santos mártires Veríssimo, Máxima e Júlia, apareceu sobre o mastro da Nau uma candeia, que tanto mais reluzia quanto era maior a tormenta que deu com eles em Cádiz e dali em Barrameda, aonde deram em umas pedras sem receber dano algum, do que os naturais se admiraram; e ficando livres do perigo, todos deram graças a Deus Nosso Senhor que, pelos méritos dos santos mártires e virgens de Lisboa, Veríssimo, Máxima e Júlia, lhes fizera aquela mercê, pela qual e muitas outras seja o mesmo Senhor louvado eternamente. Amen.

29. SANTA NATÁLIA, viúva, em Lisboa.

Os que escrevem dos santos de um reino assi tratam dos naturais que¹³⁷ também dão conta dos estrangeiros que têm nele seus corpos, como é Santa Natália, cujas relíquias e as de seu marido Santo Adrião vieram pelo mar e pararam a par de Lisboa, no antigo e nobre mosteiro de Chelas, o qual é de religiosas da regra de nosso Padre Santo Agostinho. Assi o escreve na sua Descrição de Portugal Duarte Nunes de Leão¹³⁸, sem dizer mais cousa alguma; mas de Pedro à Natalibus¹³⁹ se colige a história desta santa na maneira seguinte.

Santa Natália era de Nicomédia, casada com Santo Adrião que padeceu pela fé de Cristo Senhor Nosso com outros mártires na perseguição de Diocleciano, aos quais tresladou com grão devação e trabalho pera a cidade de Constantinopla, donde se tornou pera sua terra com uma mão de seu marido, que lhe ficou por relíquia. Logo foi perseguida do tirano que em sua terra martirizava os cristãos, o qual fingiu que queria casar com ela por ser de bom parecer, ao que respondeu que lhe desse três dias pera considerar este negócio; sendo-lhe concedidos, não fazia neles outra cousa senão encomendar-se a Deus e pedir-lhe que a conservasse no estado de boa viúva. Foi sua oração muito aceita, porque lhe apareceu um dos mártires amigos e companheiros de seu marido, o qual lhe prometeu o divino patrocínio e a aconselhou que se apartasse daquela terra, pelo que se embarcou em uma nau e não foi com tanto segredo que o não soubesse o tirano que logo se embarcou e a seguiu, ainda que a não pôde alcançar porque lhe deu um vento contrário que o fez voltar pera Nicomédia. Mas o demónio apareceu à meia-noite em figura de marinheiro em uma nau fantástica e disse à mesma Santa Natália e a seus companheiros que, se não queriam errar, endireitassem a nau pera a parte esquerda, pretendendo sua perdição; apareceu-lhe também nesta necessidade seu marido Santo Adrião e disse-lhe que aquele marinheiro era o demónio, o qual a queria ver afogar, mas que Nosso Senhor era servido chegasse com salvamento a Constantinopla, como chegou ao outro dia pela manhã guiando-a o mesmo Santo Adrião em uma barca.

Foi-se logo aonde tinha sepultado seu marido, tornou-lhe a pôr a mão em seu lugar e perseverou em oração até que lhe sobreveio um sono mui suave, no meio do qual lhe foi revelada sua morte pelo mesmo seu marido

¹³⁷ Como.

¹³⁸ Duarte Nunes de Leão, *Descrição do reino de Portugal*, ob. cit., cap. LXXVI, fl. 115v.

¹³⁹ Pietro de' Natali, *Catalogus sanctorum et gestorum eorum*, ob. cit., liber primus, cap. XVIII, fl. IIIv.

que a convidava fosse pera o céu estar com ele, o que contou aos companheiros que tinham vindo com ela à mesma cidade de Constantinopla, aonde deu sua alma a Deus Nosso Senhor no primeiro de Dezembro, em que a celebra o Martirólogo Romano. Depois, por vários sucessos de Constantinopla, veio em um deles o corpo desta santa com o de seu marido Santo Adrião pelo mar à cidade de Lisboa e foram ambos postos, como está dito, em o mui religioso mosteiro de Chelas, onde se fazem muitas mercês aos fiéis cristãos que os tomam por advogados em suas necessidades, e por amor desta santa se chamam muitas mulheres Natálias em nosso Portugal, pelo que sejam dadas eternas graças ao Senhor. Amen.

30. 31. 32. AS SANTAS PELÁGIA,
TEODÓSIA, AQUILEIA,
virgens e mártires,
de Bragança.

Uma das mais antigas povoações que tem nosso Portugal é a mui nobre cidade de Bragança, chamada primeiramente Briga, de seu fundador el-rei Brigo, o quarto que teve Espanha, segundo os que referem seus reis começando desde o princípio do mundo, como Garibay¹⁴⁰ no livro quarto capítulo terceiro e sétimo, porque o primeiro dizem que foi Tubal, o segundo seu filho Ibero, o terceiro Tubalda, o quarto Brigo e, porque este fez em Espanha muitas povoações, nota o autor do Tesouro Espanhol¹⁴¹, na palavra Briga, que lhe vieram a chamar Brigas; outros querem que a palavra Briga seja vocábulo do antigo linguagem de Espanha, o qual significa gente posta em defesa e briga, e porque a ela se abrigavam muitos homens, veio a ser nome de povoação, qual foi esta cidade em tempo dos romanos, adornada por isso de grandes privilégios que lhe deu Júlio César; donde se chamou Júlio Briga, como escreve Abraão Ortélio em seu Tesouro Geográfico¹⁴², dizendo: *Brigantia nunc, Iulio Briga*, e mostra que está na Lusitânia tratando da palavra *Deo Briga*, que lhe parece estar erradamente escrita em Ptolomeu, e que é a mesma *Julio Briga*, chamada agora Bragança, a qual inda tem notáveis privilégios pera os

¹⁴⁰ Esteban de Garibay y Zamalloa, *Los quarenta libros del Compendio historial de las crónicas y universal historia de todos los reynos de España (...)*, Antuérpia, 1570, reed. ibi. 1571; Cf. ed. de Barcelona, 1628, Tomo I, libro IV, p. 74b-76a e libro VIII, p. 83a-84b.

¹⁴¹ Sebastián de Covarrubias Orozco, *Tesoro de la lengua castellana, o española*, Madrid, 1611.

¹⁴² Abraão Ortélio, *Thesaurus geographicus (...)*, Antuérpia, 1587, reed. ibi 1596; Hannover, 1611.

homiziados e é do Duque, abrigo e defesa de nosso Portugal. O pró-cônsul Gaio Semprônio Tuditano ilustrou esta cidade com sua presença porque, saindo ferido de uma guerra, como conta Tito Lívio na quarta década, livro terceiro, não se valeu nem abrigou em outra de nossa Espanha ou, se morreu em outra parte, deviam ser tresladados seus ossos para esta, ou feita sua memória depois de governar o imperador Antonino, porquanto duas léguas fora da mesma cidade de Bragança, em um lugar chamado Crastrelos, aonde depois se levantou uma ermida, foi sepultado e em uma pequena pedra metida na parede estavam estas letras:

*C. Sempron. Tudit.
Nummorum IX M.*

as quais continham seu nome de Gaio Semprônio Tuditano e juntamente davam a entender que havia naquele lugar algumas moedas; não se liam bem as letras por sua antiguidade, assim não se pode averiguar se diziam nove mil, se noventa mil, até que no ano de mil e quinhentos e noventa e um abriu um lavrador este sepulcro e é certo que achou ao pé dele uma pia de pedra aonde estavam muitas moedas de ouro, das quais somente foi vista uma que pesou três cruzados e tinha por derredor, em uma parte,

Antonius Imperator

e, da outra,

Deorum prouidentia totius mundi Imperatrix.

Achou esta moeda o mui reverendo prior da Colegiada de Ourém António Botelho, ouvidor então em aquelas terras, e mandou-a ao excelentíssimo Dom Teodósio, duque da mesma Bragança, segundo deste nome. Foram feitas notáveis diligências por se descobrir mais este tesouro, mas a mulher do lavrador desapareceu e ele morreu negativo e com muita miséria na cadeia sem se aproveitar a si nem a outrem do dinheiro que achou; donde fica verificado com este exemplo o que disseram alguns inimigos da avareza: que o ouro era da cor da morte e costumava ser feito em moedas redondas porque mata a quem o tem e passa de um lugar pera outro com grão pressa.

Como, pois, esta cidade é tão antiga e nobre, não lhe faltaram ilustres cidadãos que receberam a fé de Cristo Senhor Nosso na primitiva Igreja, dos quais alguns padeceram martírio pela confissão dela, como foram três virgens santíssimas, das quais agora damos notícia com o testemunho de Flávio Dextro, que diz assi: *In Lusitania prope Bracharam Brigantia est, quæ aliquando Iulio Briga dicta, vigesima tertia Martij, Sancti martyres Domitius, Pelagia, Achileya,*

Theodosia, et Aporimus. Na Lusitânia, a par de Braga, está Bragança, a qual foi chamada Júlio Briga e nela foram mártires os santos Domício, Pelágia, Aquileia e Aporimo. Tem estas palavras, que Bragança era chamada Júlio Briga, o que confirma Abraão Ortelio, segundo está dito, e já em tempo de Dextro pertencia ao arcebispado de Braga, e por isso diz que está a par dela, donde não lemos que tivesse bispos, senão que foi tirada do arcebispado de Braga pera se fazer o bispado de Miranda, ao qual agora pertence. O Martirológio Romano faz menção destes mártires nossos portugueses de Bragança no mesmo dia vinte e três de Março, mas não põe Teodósia e chama Áquila a que no testemunho de Flávio Dextro é chamada Aquileia, e em lugar de Aporimo põe Epárquio; nomeando a terra diz *Coronæ*, e deve estar errada a impressão, porque nenhum lugar achamos deste nome na Topografia dos Santos feita por Frei Felipe Ferrerio¹⁴³. Também o Monológio dos Gregos no mesmo vinte e três de Março faz menção destes mártires e nomeia Teodósia como Dextro, mas não Aporimo como o Martirológio Romano, e nenhuma conta faz da terra, pelo que não duvidamos fosse Bragança de Tra-los-Montes em nosso Portugal, que, como é havida por cidade da Lusitânia segundo uns autores, assim, segundo outros, pertence à parte da Espanha tarraconense, pelo que confirma o que temos dito, em algum modo, não ser a palavra *Coronæ* nome de terra o testemunho do mesmo Flávio Dextro que nos seus Fragmentos¹⁴⁴ impressos diz assim: *Tarracone in Hispania, Coronæ sanctorum martyrum Domitij, Pelagiæque, et Aquilæ, et Theodosiæ.* Aonde por Tarragona de Espanha entendemos a parte da Espanha tarraconense e a palavra *Coronæ* denota as coroas destes santos mártires Domício e Aporimo, ou Epárquio, e as de suas companheiras Pelágia, Aquileia, Teodósia, pertencentes à cidade de Bragança, por cujo respeito fizemos esta breve notícia, pera glória de Deus, que seja venerado em todos seus santos. Amen.

33. SANTA COMBA, virgem e mártir, de Coimbra.

Tem o nosso reino de Portugal algumas paróquias e ermidas com o título de Santa Comba e foram muitas as santas deste nome, das quais agora se

¹⁴³ Fr. Felippo Ferrari, *Nova topographia in Martyrologium Romanum. In qua loca omnia in Martyrologio memorata accurate describuntur, et sancti, qui in iis floruerunt, subiicuntur (...)*, Veneza, 1609.

¹⁴⁴ *Flavii Lucii Dextri, Fragmentum chronici sive Omnimodae historiae (...)*, ed. de Zaragoza, 1619, p. 42.

oferece uma virgem e mártir da cidade de Coimbra, segundo a tradição da mesma cidade, e não floreceu em tempo dos mouros senão em tempo dos tiranos gentios, porquanto foi crucificada, como consta de uma pintura e de uns versos que estão no lugar aonde padeceu e os mouros não costumavam crucificar mulheres, senão os gentios tiranos, como fizeram a Santa Livrada e a Santa Olaia de Mérida e a outras muitas santas. O lugar em que padeceu fica a par do mui ilustre mosteiro das Celas, não mui longe da cidade; a causa de sua morte foi pela guarda assim da fé católica como da virtude da castidade. Tem a gente grande devação de ir a este lugar, particularmente às sextas-feiras, e mandam que se digam missas no altar de sua ermida, a par da qual está uma casinha aonde é tradição que foi primeiramente sepultada e dela se tira terra pera remédio de maleitas, e acham-se muito bem os enfermos trazendo-a consigo, os quais despois que saram costumam tornar a mesma terra em uns panos embrulhada em que a trouxeram e são tantos em aquela casinha que não tem conto, pelo qual se movem os ânimos de todos a grande devação.

Foi o corpo desta santa tresladado pera a igreja de São João que está contígua agora com o mosteiro real de Santa Cruz, aonde esteve muitos anos metida na parede da parte do Evangelho e inda hoje certas letras o testificam em uma pedra branca que tem um buraco redondo, pelo qual dizem que quando ali estava o corpo da santa entravam certos paninhos e saíam como untados do óleo, com os quais se dava saúde e remédio a muitas necessidades, ou fossem inchaços, ou feridas, ou algumas dores; daqui foi tresladada a gloriosa Santa Comba pera o real mosteiro de Santa Cruz, aonde agora está, e uma sua notável relíquia se vê encastoadada na imagem da mesma santa feita de prata, defronte do altar do Santíssimo Sacramento em a igreja do mesmo mosteiro; celebra-se não a trinta e um de Dezembro, o que afirma Duarte Nunes na Descrição de Portugal¹⁴⁵, senão a vinte de Julho, segundo vemos em esta cidade de Coimbra, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja louvado eternamente. Amen.

34 E 35. A MÃE DE SÃO DÂMASO PAPA E SUA IRMÃ SANTA ERENA, de Guimarães.

A História Pontifical¹⁴⁶, quando trata do bem-aventurado São Dâmaso, dá a entender que é nosso português, olhando pera seu sepulcro em que o pai é chamado

¹⁴⁵ Duarte Nunes de Leão, *Descrição do reino de Portugal*, ob. cit., cap. L, fl. 81v.

¹⁴⁶ Gonzalo de Illescas, *História pontifical y católica: en la qual se contienen las vidas y hechos notables de todos los sumos pontífices (...)*, Salamanca, 1569; *Segunda parte de la Historia pontifical y carólica (...)*, Salamanca, 1573; esta obra (2 vols.) teve muitas

António Lusitano; particularmente Vaseu na Crónica de Espanha¹⁴⁷, pelos anos do Senhor de trezentos e sessenta e nove, escreve que sua pátria era Guimarães, antiga vila de nosso Portugal, à qual os antigos chamaram Araduca. Do mesmo parecer é Ambrósio de Morales¹⁴⁸ no livro décimo, capítulo quarenta, citando pera isto a grande autoridade da santa Igreja de Braga, a qual não está longe de Guimarães, e celebra este santo Pontífice a onze de Dezembro com ofício próprio mui solene como a conhecido e natural daquelas partes. Mas António Beuter¹⁴⁹, no livro primeiro de suas histórias, capítulo vinte e cinco, diz que é natural de Tarragona, porquanto chamou a São Lourenço mártir *contribulis noster*, o mesmo de seu tribo e nação, o que podia dizer porque eram ambos espanhóis, ou porque seriam parentes, ou porque Guimarães cai na parte de Espanha chamada tarraconense, à qual também pertence Huesca, donde era natural e mártir São Lourenço, e esta exposição me parece melhor porque com outra semelhante fica claro nosso intento, à qual damos as palavras de Julião Perez, antigo arcipreste de Santa Justa de Toledo, quando diz em sua crónica¹⁵⁰: *Priscillianus, et Socij Romam petunt ad Sanctum Damasum contribulem*, que Prisciliano herege, despois que foi condenado em um concílio de Zaragoza, se partiu com alguns companheiros a ver a Roma São Dâmaso, o qual era de sua terra e, como Prisciliano era natural de Anfíloquia, cidade de Galiza bracarense, bem claro fica que desta província era São Dâmaso, em a qual está Guimarães, pertencente ao distrito de Entre Douro e Minho que desde o tempo de Abraão era contado por terra da Lusitânia.

Marineo Sículo¹⁵¹, italiano, quando tratava de escrever as cousas de Espanha, achou em um Santoral que São Dâmaso era de *Villa ignea*, que quer dizer Vila de fogo, título que João de Mena deu a Madrid, porque está edificada sobre pedreiras, e assi disse que São Dâmaso era desta vila e logo

reedições: Salamanca, 1577; Burgos, 1577-1578; Zaragoza, 1583; Barcelona, 1589, 1595, 1596, 1602, 1606, 1622; Madrid, 1613, etc. Veja-se, por exemplo, a edição de Burgos, 1578, Tomo I, livro segundo, cap. VI, fl. 64s, onde trata de S. Dâmaso.

¹⁴⁷ Juan Vaseu (=Ioannis Vasaeus), *Chronici rerum memorabilium Hispaniae*, Salamanca, 1552, fl. 76v.

¹⁴⁸ Ambrosio de Morales, *La crónica general de España (...)*, ob. cit., tomo I, livro décimo, cap. 40, fl. 399v.-401v.

¹⁴⁹ Pero Anton Beuter, *Primera parte de la Crónica general de toda España y especialmente del reyno de Valencia (...)*, Valencia, 1546, reed. ibi., 1551, 1563 e 1604. Veja-se, por ex., ed de 1604, p. 146.

¹⁵⁰ *Juliani Petri Archipresbyteri S. Justae Chronicon (...)*, ob. cit. (ms.).

¹⁵¹ Lucio Marineo Sículo, foi autor da obra *De rebus Hispaniae memorabilibus (...)*, impressa em Alcalá de Henares em 1530 e 1533, traduzida para castelhano com o título *De las cosas memorables de España* e impressa igualmente em Alcalá de Henares em 1530, em 1533 e 1559.

contentou a muitos que, por acreditar esta opinião, fizeram certos sinais e em nova parróquia de São Salvador da mesma vila. Onufrio¹⁵², autor grande em toda a história eclesiástica, religioso da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho, parece que também leu que São Dâmaso era de *Villa ignea* e, como visse que se parecia com este nome Egita, ou Igitania, cidade mui ilustre antigamente na nossa Lusitânia, da qual foi natural o mui celebrado rei dos godos, Bamba, e donde se mudou o bispado pera a Guarda e é hoje Idanha-a-Velha, por isso disse que era daqui natural o glorioso São Dâmaso. Mas reformando seu Epítome dos Papas onde escreveu isto, disse que São Dâmaso era de Guimarães, conformando-se com a tradição de nosso Portugal que, a par daquela vila, mostra um campo chamado de São Dâmaso, porque dizem que foi seu. E nos livros góticos, onde está escrita sua história, não está tão clara *Villa ignea* como *Vimaranea*, que é Guimarães. Flávio Dextro escreveu, segundo dizem, que era de Mântua dos Carpetanos, isto é, de Vilamanta que, segundo Garibay, estava cinco léguas a par de Madrid, mas o testemunho é desta maneira: *Liberio succedit Damasus ex Mantua Carpentanorum, quem alij faciunt ex Egitania Lusitanum, alij Tarraconensem*. A Libério sucedeu São Dâmaso de Mântua dos Carpetanos, a quem uns fazem Lusitano de Idanha, outros tarraconense. Bem parece que este testemunho não é de Dextro, porque foi mui chegado ao tempo de São Dâmaso e, se falara em sua pátria, havia de pôr com certeza e não com a variedade dos que competem sobre ela. Pelo que seguimos os melhores autores da história de Espanha e confirmamos que São Dâmaso era de Guimarães e sem dúvida nosso português, pelo que sua mãe e irmã também devem ser contadas entre as mulheres portuguesas ilustres em virtude.

Não duvidamos que fosse a mãe mui santa, pois teve tal filho, o qual se mandou sepultar na igreja do mártir São Sebastião em Roma, porque ela ali estava sepultada. A irmã do mesmo São Dâmaso foi chamada Erena, o mesmo que Eiría, nome que têm muitas mulheres neste reino e quer dizer senhorinha, porque era¹⁵³ significa senhora. Foi com seu irmão a Roma, de tenra idade, aonde viveu poucos anos dedicada a Deus e assi é das primeiras portuguesas que vemos claramente religiosas, ainda que não consta haver estado em mosteiro, senão que era das que vivem em sua casa deixando as cousas do mundo e abraçando as monásticas, como é fazer profissão solene, trazer hábito religioso, fugir ajuntamentos profanos, guardar alguns santos institutos por obrigação; pelo que não chegou a cumprir vinte anos de idade e, contudo, é dada por santa no epitáfio que o mesmo Sumo Pontífice seu irmão fez e mandou insculpir em seu nobre sepulcro, o qual imprimiu em seus Anais o

¹⁵² Onofrio Panvino, *Romani Pontifices*, ob. cit., p. 15.

¹⁵³ Palavra latina que significa o mesmo que *hera*.

ilustríssimo Cardeal Baronio¹⁵⁴, referindo as cousas do ano do Senhor de trezentos e oitenta e quatro, e é deste teor em latim:

*Hoc tumulo sacrata Deo nunc membra quiescunt,
Et Soror est Damasi, nomen si quæris, Herena.
Uouerat hæc se se Christo, cum vita maneret
Uirginis, vt meritam sanctus pudor ipse probaret.
Bis denas hyemes necdum compleuerat ætas:
Propositum mentis pietas veneranda puellæ
Magnificos fructus dederat melioribus annis.
Hæc germana Soror nostri nunc testis amoris,
Cum fugeret mundum dederat mihi pignus honestum,
Quam sibi cum raperet melior tunc regia cæli,
Non timuit mortem, cælos cum libera adiret:
Sed dolui, fateor, consortia perdere vita.
Nunc veniente Deo nostri reminiscere Uirgo,
Ut tua per Dominum præstet mihi facula lumen.*

Quer dizer em vulgar:

*Neste túmulo, que vedes levantado
Certo corpo descansa santamente,
Irmã era de Dâmaso chamado
Herena foi seu nome, ela excelente.
A Cristo se entregou seu mui amado,
Não viveu entre nossa mortal gente
Bem vinte invernos inda rigorosos,
Mas estes certo todos virtuosos.
E sempre se mostrou com grande amor
Ser irmã, como digo, minha inteira,
Honesto paz me deu, certo penhor,
Quando deixou o mundo e se fez freira.
Bem sei que está na glória do Senhor,
Mas choro, que era doce companheira,
a quem já rogo rogue a seu esposo
Que, sendo meu juiz, seja amoroso.*

¹⁵⁴ Cesare Baronio, *Annales Ecclesiastici*, ob. cit., *Christi Annus*, 384.

36. A RAINHA CINDAZUNDA, pertence a Braga e a Coimbra.

No tempo que nosso Portugal tinha em Braga rei dos suevos, um deles, por nome Hermenerico, teve uma filha católica e de santos costumes chamada Cindazunda; e porque entre ele e Ataces, rei dos alanos que tinha então sua corte em Coimbra, havia grandes guerras, deu-lha em casamento, ainda que arriano¹⁵⁵ e grande inimigo dos católicos, em cujo poder estavam cativos muitos e até os bispos eram constringidos a trabalhar nas obras públicas que fazia da cidade de Coimbra, onde agora está, porque dantes em tempo dos romanos era seu sítio em Condeixa-a-Velha que, segundo alguns declaram, quer dizer Coimbra deixada. Foi este casamento de grande proveito pera os católicos, principalmente cativos em Coimbra, porque esta rainha fez que todos fossem livres e se restaurassem as igrejas em toda a Lusitânia, por onde seu poder se estendia, como largamente escreve Arisberto, bispo do Porto, autor destes tempos, em uma carta pera Samério, arceidiago de Braga, aonde diz que Elipando, bispo de Coimbra, e outros católicos de grande conta, cativos na mesma cidade, lhe mandaram dizer: *Quod sit illis bona spes, per coniugium Cindasundæ filiæ boni Hermenerici, quia fidelis, et bona Domina est.* E em outra carta pera Pamério, arcebispo de Mérida, diz o mesmo Arisberto: *Quæ cum Christiana, et fidelis esset cum marito fecit, ne catholicos Domini Episcopos, et Sacerdotes vltra persecutionibus maceraret, et qui in operibus laborarent, in libertate poneret.* Que esta rainha Cindazunda era fiel cristã e foi de grande bem, principalmente pera todos os eclesiásticos afligidos em Coimbra, notando na mesma carta que tinha grande devação a São Pedro de Rates nosso português, arcebispo de Braga e o primeiro mártir de Espanha. *Deducitur filia vsque ad Colimbriam, ibique vt finitam discordiam monstraret, despingit craterem cum puella, iuxta quam draconem viridem, Leonemque rufum, sua, et soceri insignia componit ostendens aduenisse pacem per nuptam puellam.* Concluindo que, pera Ataces significar a perpétua concórdia que se estabeleceu entre os alanos e suevos pela rainha sua esposa, a mandou pintar em uma taça, em que está de uma parte bebendo um dragão verde e da outra um leão vermelho, porque el-rei dos suevos tinha por armas um dragão verde e o dos alanos um leão vermelho; e esta é a verdadeira causa por que a cidade de Coimbra, onde se fizeram estas vodas significadas por aquela taça, tem em seus muros e portas e edifícios bem antigos, por armas mui ilustres, uma taça onde se alevantam a beber uma serpente e um leão, estando no meio uma rainha, a qual é Dona Cindazunda, portuguesa de grão virtude, pela qual nosso Senhor seja louvado eternamente. Amen.

¹⁵⁵ Da seita dos arianos.

37. SANTA VICÊNCIA, virgem e mártir, lusitana.

Desta ilustríssima, maior que todo o louvor, dizem as seguintes palavras os Fragmentos de Flávio Dextro¹⁵⁶: *Cauriæ*¹⁵⁷ *in Hispania virgo Lusitana catholica nomine Vincentia ab hæreticis Arrianis immensis propemodum cruciatibus afficitur, quod semel catholicè tincta nolet hæreticorum intingi baptismate, quæ hoc anno quadragesimo quarto Idibus Martij tandem grauissimè certa virgo, et martyr migrat ad cælum.* Em Cória, cidade de Espanha, é afligida com tormentos quasi imensos pelos herejes arrianos uma donzela católica lusitana chamada Vincência, porque sendo bautizada catolicamente não quis receber o bautismo dos herejes, pelo que padeceu e enfim subiu aos céus virgem e mártir, aos quinze de Março no ano de quatrocentos e vinte e quatro, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja louvado pera sempre. Amen.

38. SANTA MATRONA, virgem e mártir, com suas doze companheiras.

Escreve o autor do Catálogo dos Santos de Itália¹⁵⁸ desta santa, porque viveu e morreu em Cápua, aonde ainda tem algumas relíquias e em sua memória um letreiro, do qual consta que era portuguesa: *Nec de hac matrona apud Lusitanos scriptores, vlla, quod sciam, extat memoria: antiquitati tamen deferendum videtur.* Ainda que os escritores de Portugal nenhuma menção fazem dela, contudo diz este autor que se há-de ter respeito à antiguidade, pelo que nos deu a seguinte notícia. Foi Matrona filha de um rei da Lusitânia, segundo dizem, a qual de doze anos padeceu muitas enfermidades e, fazendo voto de virgindade a Nosso Senhor se lhe desse saúde, amoestou-a um anjo que fosse a Itália e que duas vacas novas lhe mostrariam o lugar das relíquias do glorioso São Prisco, aonde fez oração e, tomando a este santo por intercessor, alcançou a saúde prometida. Tratou logo de cumprir seu voto e pera

¹⁵⁶ *Flavii Lucii Dextri, Fragmentum Chronici sive Omnimodæ Historiæ (...)*, ed. de Zaragoza, 1619, p. 61.

¹⁵⁷ No original está *Curizæ*, mas nos Fragmentos de Flávio Dextro citados pelo autor está *Cauriæ*.

¹⁵⁸ Fr. Filippo Ferrari, *Catalogus sanctorum Italizæ in menses duodecim distributus (...)*, ob. cit., p 153.

isso edificou um mosteiro em que se recolheu, feita religiosa, com as doze companheiras. Governava então a Igreja Católica São Gelásio Papa, primeiro deste nome, o qual confirmou e tomou debaixo de sua protecção apostólica este mosteiro, dando-lhe muitas indulgências. Viveu nele Santa Matrona resplandecendo em todo o género de virtude, até que deu sua alma a Nosso Senhor aos quinze de Março em que a traz o Martirológio Romano e o cardeal Baronio nota que lhe parece mais antiga e africana; mas não quisemos deixar em silêncio esta pequena notícia que achamos de haver sido portuguesa, segundo é tradição em Cápua, donde foi trasladada pera nossa Espanha e tem boa parte de suas relíquias não longe de Barcelona, aonde se chama Montjui, que quer dizer Monte de Júpiter, porque ali foi este ídolo venerado pela vã gentilidade.

É das primeiras religiosas que achamos em mosteiro e não duvidamos que guardasse a regra de nosso Padre Santo Augustinho, ou fosse lusitana ou africana, porque neste tempo não havia outra assim geral em as partes de Itália, e São Gelásio Papa também a tinha guardado em Roma, e São Prisco havia vindo da perseguição de África em que somente floreceu a dita regra. É possível que esta santa viesse em tempo da mesma destruição de África à nossa Lusitânia e daqui a Itália, donde foi trasladada pera Barcelona; e assim uns a têm por africana, outros por lusitana, outros por italiana, outros por barcelonesa, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja louvado pera sempre. Amen.

39. A MUI RELIGIOSA VIRGEM FLORENÇA, pertence a Lamego.

A par de Lamego pera a parte oriental, em um sítio alto onde se vê uma ermida chamada Nossa Senhora de Seixa, esteve o mosteiro Archense, dito assim do lugar em que foi edificado, que inda agora se chama Archas e pertence ao mosteiro de Tarouca da Ordem de São Bernardo; era de freiras, antes que os mouros entrassem em Espanha, os quais o destruíram, segundo contaremos falando da sua última abadessa, a virgem e mártir Santa Comba Osores. Agora ponderamos que floreceu nele uma religiosa de grande virtude, ainda que não ficou mais memória dela que o letreiro de seu sepulcro, o qual é desta maneira:

A  ω.

FLORENTIA: VIRGO: CHRISTI: VIX:
ANN. XXI. ET VITA BREVI: EXPLEVIT:
TEMPORA MVLTIA: OBDORMIVIT: IN PACE
IESV, QVEM DILEXIT. KAL. APRILIS. ERA
DC.XX.VI.

Este letreiro no princípio tem uma cruz, como a que apareceu a Constantino imperador em penhor de vitória, pelo qual lhe foi celestialmente dito *In hoc signo vinces*, neste sinal vencerás. E em nenhuma parte se conserva mais nesta forma a sacratíssima cruz que em nosso Portugal, aonde anda esculpida nos seus tostões com o mesmo letreiro e assi a tem o pendão real deste reino em as guerras campais e conserva a insigne Ordem dos Cavaleiros do hábito de Cristo que a tem por divisa bordada de ouro, porque toda a nossa honra, riquezas e valor está em derramar o sangue pela fé católica.

Neste letreiro está a primeira e última letra do alfabeto grego, pera entendimento do qual é necessário saber que, como em nosso tempo muitos fiéis cristãos e obedientes à Igreja Romana em a terra dos herejes trazem à vista de todos o rosário da Virgem Senhora Nossa que contém cento e cinquenta avé-marias, como se fora um saltério de cento e cinquenta salmos, do mesmo modo, os antigos católicos, pera mostrar que o eram, usaram algumas divisas, como trazerem ao pescoço em livros mui pequenos escrito o princípio do Evangelho de São João, que ensina perfeitamente o mistério da Santíssima Trindade, e também ainda agora se diz no fim das missas, segundo notou Maldonado, porque se manifestava antigamente a todos a missa, em cujo fim se dizia ser celebrada por sacerdote católico quando havia a péssima seita dos arrianos¹⁵⁹, e ainda os mortos mandavam pôr sobre duas campas a ✠ cruz, com as duas letras primeira e última do alfabeto grego, e assi mostravam que eram cristãos com o sinal da cruz, e católicos, por aquelas letras com as quais se comparou no Apocalipse o Filho de Deus, revelando que era princípio e fim de tudo e consubstancial com seu Padre Eterno. Também por estas letras gregas davam a entender que criam no mistério da Trindade, como ensinavam na Grécia os Padres do Concílio Nisseno figurados nos trecentos e dezoito soldados com que Abraão venceu os reis de Sodoma, porque outros tantos bispos em número destruíram neste concílio a heregia dos arrianos e fizeram o símbolo nisseno com grande triunfo da cristandade.

E porque era católica, tinha esta religiosa em seu sepulcro as duas letras já ditas. Chamou-se Florência, nome mui célebre em nosso Portugal e toda Espanha, do qual os antigos derivaram com diminuição o de Florentina, pera maior declaração do que significa, que é flor, rosa, lírio, símbolos mui próprios das mulheres puras na alma e no corpo; porque como estas cousas alegram e não dão fruto, assi as almas castas não têm outro senão alegrias que concebem de seu esposo, que é o mesmo Deus. Virgem de Cristo é chamada por haver sido freira, mui digna por isso de ser louvada, que quando se louvam as virgens não é tanto pelo serem no corpo quanto porque são dedicadas a

¹⁵⁹ Arianos.

Nosso Senhor, que veio do céu a insinar este estado na terra com voto perpétuo, dando a Virgem sua mãe por guia.

Depois que se pôs em o letreiro o estado, nota-se a idade de que morreu, costume mui usado pelos romanos, pera maior lembrança da Providência divina que a uns leva desta vida velhos, pera que primeiro façam penitência, e a outros moços, pera que não pequem. Eram os anos em que faleceu vinte e um, número de grão mistério, para significar os que têm muitos trabalhos e brevemente são livres deles, como adverte o grande Cassiodoro sobre o salmo vinte e um que tem por título: O que se há-de alcançar pela menhã; e trata da paixão, em memória da ressurreição do Senhor, que logo se seguiu depois de sua sagrada morte. Não se diz no letreiro que morreu de vinte e um anos, senão que os viveu, porque quem morre ao mundo sempre vive pera Deus e assi nunca morre, e foram, como está dito, seus anos vinte e um, bem poucos a respeito das muitas virtudes que já tinha alcançado; pelo qual em o mesmo letreiro se lhe aplica o que lemos de Enoc no livro do Eclesiástico¹⁶⁰, isto é, que brevemente cumpriu muitos tempos. Diz mais: que dormiu em paz, porque os mortos hão-de ressuscitar com tanta facilidade das sepulturas como os que dormem de seus leitos e por isso os adros são chamados cemitérios, que é o mesmo que dormitórios. Quando lemos que dormiu em paz, podemos coligir que teve a morte dos justos, que andam na vida sempre diante de Deus, até que no fim se vêm a unir e abraçar com Ele e a descansar em paz, como pedimos nas exéquias de nossos defuntos, sabendo que são bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor, como piamente podemos crer que sucedeu a esta mui religiosa lusitana em o primeiro de Abril da era de seiscentos e vinte e seis, que vem a ser o ano do Senhor de quinhentos e oitenta e oito, pera glória do mesmo Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

40. EUSÉBIA PATRÍCIA, pertence a Mérida.

Já temos largamente escrito que Mérida foi cabeça da nossa antiga Lusitânia, pelo qual, como lhe pertencia a jurisdição das nossas cidades Évora, Lisboa, Coimbra, assi nos convém celebrar as mulheres que tinha ilustres em virtude quando estendia seu poder sobre elas, como era o tempo em que floreceu Eusébia Patrícia, pera quem foi escrita a carta vinte e nove do livro onze do glorioso São Gregório Magno que a teve por discípula, ainda sendo casada com aquele mui ilustre lusitano defensor da mesma cidade de Mérida,

¹⁶⁰ Ecli. 44, 16.

chamado Cláudio, pera quem é a carta cento e vinte e seis que está no livro sétimo das cartas do mesmo Sumo Pontífice, que faz tanto caso desta nossa lusitana que lhe fala por excelência, e o que mais lhe encomenda é a consideração da estreita conta que há-de dar a Deus. Depois de viúva, frequentava com grão devação a igreja de Santa Olaia, assistindo aos divinos ofícios em todo tempo, segundo conta Paulo de Mérida na História Eclesiástica que fez desta cidade, aonde refere as cousas do glorioso São Nunto, professo da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho, que quando foi na perseguição de África veio pera nossa Espanha com alguns companheiros, com os quais de noite e de dia rezava o ofício divino na mesma igreja de Santa Olaia; mas porque Eusébia Patrícia lhe tinha grão devação, por evitar toda a semelhança de perigo, se foi pera o ermo, aonde padeceu martírio e deixou edificado o mosteiro Caulaniano, donde em tempo da destruição de Espanha pelos mouros trouxe o eremita Romão a milagrosa imagem de Nossa Senhora de Nazaré a nosso Portugal, segundo contaremos em outra parte, porque nesta não fazemos outra cousa senão dar notícia de Eusébia Patrícia nossa lusitana, não menos excelente nas virtudes que por sua ilustríssima geração, pera glória de Deus, que seja sempre louvado. Amen.

41 E 42. CÁSSIA E JÚLIA, de Tomar.

Estas duas portuguesas foram religiosas no mosteiro que havia em a mui assinalada vila de Tomar antes que os mouros entrassem em nossa Espanha, pela calamitosa destruição que nele fizeram em tempo do rei dos godos Dom Rodrigo. Faz-se boa menção delas na história de Santa Eiría¹⁶¹, porquanto eram suas tias e a criaram em todo género de virtude. Não há dúvida que fossem mui perfeitas em sua vida, porquanto depois de mortas mereceram ter sepulturas de pedra mui honradas e ornadas de arcos luzidos e fortes, os quais ainda se conservam no mosteiro das freiras do seráfico São Francisco que agora tem a mesma vila de Tomar, aonde dizem que esteve o antigo destas grandes servas de Deus. O Padre António de Vasconcelos em sua Descrição de Portugal¹⁶² chama a estas ilustres portuguesas Justa e Casta, pelo que da segunda parece ser a ermida que duas léguas de Tomar em Almalgues é chamada de Santa Casta, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja louvado eternamente. Amen.

¹⁶¹ Deve referir-se à obra de Fr. Duarte de Araújo, *Vida de Santa Iria, virgem e mártir*, Coimbra, 1597, que refere explicitamente na «vida» que se segue (n.º 43).

¹⁶² P. António de Vasconcelos, *Descriptio Regni Lusitani*, ob. cit., p. 130, n. 13.

43. SANTA EIRIA,
virgem e mártir,
de Tomar.

Foi esta santa natural da mui nobre vila de Tomar, ainda que alguns dizem que é de Leiria e que dela tomou esta cidade o nome, porque meia légua da mesma cidade aonde nace o rio Lis está um mui antigo edificio de umas casas que têm seu nome, afirmando-se que naceu nelas, mas isto é sinal de haver sido grandíssima santa, pois sempre várias terras contenderam de ser pátrias das que o foram; mais me inclino, com os autores que dela escreveram, que era de Tomar, quando esta vila se chamava Rabância, nome que ainda conserva seu mui deleitoso rio Nabão, o qual dantes se chamava Tamar; mas os mouros, pera se mostrarem absolutos senhores, puseram à vila o nome que tinha o rio e ao rio o nome que tinha esta vila, cabeça que foi da Ordem dos Templários. E por isso a mui devota capela do real mosteiro que tem a cabeça agora da Ordem de Cristo é feita segundo a do Santo Sepulcro de Jerusalém, e ainda as comendas de Cristo que se recebem nesta vila são dobradas, uma vermelha per memória do sangue que Cristo Senhor Nosso derramou por nós e, dentro desta, outra branca, em sinal da dos Templários, à qual em nosso Portugal sucedeu com grande felicidade a Ordem de Cristo, tão esclarecida não somente por seus muitos e mui nobres cavaleiros, senão também pelos religiosos que a servem, como monjes mui observantes, em o seu real mosteiro de Tomar.

Os pais desta santa eram nobres, ricos e cristãos, chamados Hermígio e Eugénia. Deram-na a criar a duas tias religiosas por nome Cássia e Júlia, as quais alguns autores chamam Casta e Justa, como temos dito aonde tratamos delas. Depois que professou a vida religiosa, assi aproveitou em todo género de virtudes que não havia mais que desejar. Saíam naquele tempo fora do mosteiro as religiosas por causa de ouvir os sermões, visitar as relíquias, ganhar as indulgências, ou outras causas semelhantes. Como uma vez fosse à igreja de São Pedro, que era a matriz de aquela vila, em que então se celebrava a festa deste príncipe dos Apóstolos, um mancebo por nome Britaldo, filho único de Castinaldo, senhor daquela terra, olhou pera a santa virgem que entre as de seu mosteiro resplandecia em maior fermosura e ficou inflamado em seu amor, de modo que não podia comer, nem beber, nem dormir, até que veio adoecer gravemente, e por mais que seus pais lhe applicavam remédios da terra não sarava, pelo que recorreram aos do céu, pedindo aos religiosos e religiosas que o encomendassem a Nosso Senhor que ouviu suas devotas orações e revelou a causa de tal enfermidade à bem-aventurada Santa Eiria, a qual pediu licença a sua prelada pera ir com outras religiosas visitar aquele enfermo, por ser mui necessário. Depois de lhe falar publicamente algumas

cousas de consolação, disse-lhe em particular outras acerca de sua doença, a saber, que não era de morte, mas que, se queria ser são, tirasse da alma as flamas infernais em que ardia, incitando-o a fazer penitência, com lhe encomendar jejuns e orações. O mancebo, admirado, respondeu que, pois sabia a causa de seu mal e o não queria sarar com lhe fazer a vontade, que a encomendasse a Deus, mas que jurava de a matar se sabia que alguma hora se entregava a outro homem. A santa ficou trespassada com tais palavras como se foram lançadas e, tornando sobre si, disse com grande ânimo: Longe estou, irmão, de te fazer a vontade, nem de homem algum. E pôs-lhe a mão sobre a cabeça diante de todos, orando com devação, pelo que ficou melhor, assi na alma, deixando a má tenção, como no corpo, porque brevemente sarou. Donde os pais do mancebo, sabendo que havia seu amado filho alcançado a saúde desejada pelas orações e visitação de Santa Eiria, ficaram mui devotos de sua perfeita vida e por amor dela deram muitos privilégios e largas esmolas a seu mosteiro.

Sucedeu dali a dous anos que um religioso, por nome Remígio, foi entrado de infernais apetites contra a pureza desta santa, a qual tinha por discípula no caminho da perfeição, que lhe ensinava até àquele tempo com palavras da Sagrada Escritura e lágrimas da alma que derramava, desejando tanto de aprender a virtude quanto de lhe ensinar e, não deixando de manifestar sua tentação, a santa lhe respondeu com grande dor: Ó bom mestre, sempre me ensinastes obras virtuosas, agora me persuadís a fazer pecados? Até agora me guiáveis pera o céu e já me quereis deitar no inferno? Até agora me pregastes pureza, já quereis que a não tenha? Não há cousa no mundo que me possa apartar do que devo. Antes morrerei que mudar-me deste propósito. Não cuideis que tem pouco obrado em mim a doutrina¹⁶³ do Senhor que me ensinastes. Tornai sobre vós, vêde a fraqueza em que vos tem posto a tentação. Não vades por diante, tendes dor e fazei penitência. Trazei à memória os exemplos santos que me contáveis acerca da castidade. Não percais em uma hora as virtudes que ganhastes em tantos anos.

Vendo-se o religioso com o desengano que lhe deu a santa, em vez de se emendar, fez-se pior, convertendo o amor profano em que ardia em ódio diabólico, pelo que lhe deu (sem ela saber sua maldade) uma confeição de ervas com que pouco a pouco foi inchando de maneira que parecia prenhe, e o mesmo Frei Remígio foi o primeiro que divulgou que o estava, afligindo-a em particular com tão falso testemunho e dizendo mal dela em público, posto que alguns não criam que a santa fosse tão má; contudo, a mais da gente da terra dava crédito ao que ouvia, guiada pelos sinais que via de ser prenhe, pelo que a perseguiam chamando-lhe hipócrita, enganadora, inimiga da verdade, pois antes queria contentar aos

¹⁶³ No original está *doctrina*.

homens com os olhos baixos que a Deus Nosso Senhor em os lugares ocultos. Britaldo, que era o mancebo que havia adoecido pela força da afeição que lhe tinha, vendo estas cousas, teve pera si que a santa estimara naquela terra outro homem mais que a ele, pelo que determinou em fazer uma de duas maldades: ou cumprir seu apetite antigo, ou matar a santa se lhe não quisesse obedecer, porque com a primeira fugia de tornar adoecer e pela segunda se vingava de ser alguém porventura mais estimado dela. Mandou, pois, dizer à santa que lhe fizesse a vontade porque lhe daria quanto mandasse. A santa respondeu a estes recados irada e colérica como uma leoa, pelo que Britaldo lhe tornou a mandar outros, ameaçando-a com a morte se lhe não satisfazia a seus desejos, pois fizera os de algum homem baixo naquela terra. A santa respondeu finalmente que antes escolhia ser morta que deixar de ser casta e que não por pecados, senão por doenças, trazia o ventre tão inchado.

Britaldo, com estes desenganos, chamou um homem de sua casa, por nome Banam, do qual se fiava por ser fiel e mui esforçado, ao qual contou tudo o que havia passado, assi da primeira vez quando adoeceu e sarou, como da segunda, quando a tornou a solicitar, despois que a viu andar como prenhe, fazendo muito caso dela lhe haver anteposto algum de seus vassalos, desejando de a matar. O criado logo se ofereceu pera o fazer escondidamente, pelo que a foi esperar uma madrugada à horta do mosteiro, aonde sabia que ela costumava orar e, despois que a deixou estar algum tempo em a divina contemplação, chegou-se e viu-a coberta de lágrimas, tapou-lhe a boca com um pano por que não gritasse e degolou-a com uma espada que pera isso levava mui afiada. E assi deu a alma a Nosso Senhor e alcançou, além da coroa virginal, a palma de mártir que teve por conservação de sua pureza. Despiu-lhe o matador o hábito e deixando-a com as vestes interiores deitou-a no rio Nabão, que a levou ao Zêzere¹⁶⁴ e este ao Tejo, aonde defronte de Santarém, que por amor desta santa se chama assi, ficou sepultada pelos anjos.

Escondeu enfim o matador o hábito da santa e veio dar conta a Britaldo, seu amo, de como tudo estava concluído secreta e puntualmente. Faltando a santa no mosteiro, confirmou-se a infâmia de haver perdido sua pureza, porque diziam que não pudera sofrer a grande afronta em que vivia e assi fugira com aquele homem de quem se havia fiado. Mas Nosso Senhor acode nas maiores necessidades e revelou ao abade do principal mosteiro, chamado Célio, tio da santa, que havia sido morta por guarda da castidade e que estava sepultada debaixo das águas do Tejo, aonde convinha ir visitá-la com muito povo e divulgar a verdade deste caso. Contou Célio a revelação, ajuntou muitos eclesiásticos e grande multidão de seculares, com os quais se foi ao Tejo, o qual se lhe abriu e fez milagrosamente um caminho pelo qual vieram a saber

¹⁶⁴ No original está *Cesere*.

aonde estava a santa, cujo corpo viram com grande devação e, querendo tirá-lo, nunca puderam; pelo que seu tio Célio lhe cortou os cabelos e parte das vestiduras que tinha e, depois que cantaram alguns salmos em louvor do Senhor que fez tão grandes maravilhas, tornaram-se pera terra e viram que logo o Tejo continuou sua corrente como de antes. Em Tomar foram obrados muitos milagres com as relíquias que trouxeram da santa a quem foi restituída por todos a sua boa fama e dadas muitas graças a Deus Nosso Senhor.

Frei Remígio, que havia sido a principal causa desta santa haver perdido sua fama e ainda a vida, veio a saber que Banam, criado de Britaldo, a tinha morta, pelo que tratou com ele de quanto lhes importava fazer penitência, por amor da qual ambos foram a Roma visitar as relíquias dos Príncipes dos Apóstolos, que sempre semelhantes peregrinações foram mui agradáveis a Deus Nosso Senhor e porventura que também Britaldo se arrependeu verdadeiramente de haver mandado matar a santa, da qual escreve o reverendo padre Frei Duarte de Araújo¹⁶⁵, da real Ordem de Cristo, a quem seguimos em tudo quanto está dito, que não somente a gente recebe saúde em suas enfermidades por sua intercessão, mas também as pedras e feixos, que ainda agora se acham no lugar aonde foi degolada e no rio aonde foi lançado seu corpo, estão cheias de gotas de sangue fresco e vermelho que parece haver pouco tempo que ali se derramou, sendo assi que sucedeu a morte desta santa no ano de seiscentos e cinquenta e três, a vinte de Outubro, em que a celebra a santa Sé de Lisboa.

Entre as muitas e grandes maravilhas que Nosso Senhor obrou por esta santa, uma foi que a rainha Santa Isabel, sendo casada com el-rei Dom Dinis, desejou ver seu sepulcro e tirá-la dele, chegando a Santarém; pera isso se abriram milagrosamente as águas do Tejo e fizeram um caminho até onde estava o sepulcro, mas por mais que el-rei procurou que se abrisse, nunca pôde, pelo que mandou levantar uma pedra sobre ele, que é a marca que hoje temos pera sabermos em o Tejo aonde está o corpo desta santa, por cuja intercessão Nosso Senhor tem obrado muitos milagres, pelos quais seja louvado eternamente. Amen.

44. A CONDESSA DONA JÚLIA, de Évora.

Desta ilustríssima portuguesa fez menção o Breviário antigo de Évora, dizendo que era matrona religiosa, nas lições de São Manços, primeiro bispo

¹⁶⁵ Fr. Duarte de Araújo, *Vida de Santa Iria virgem e mártir*, Coimbra, 1597. Inocêncio F. da Silva, *Dicionário Bibliográfico Português*, Tomo II, s.v., duvidou da existência desta obra.

daquela cidade, e que foi casada com o conde Julião, a cujo poder veio a herdade em que estava o sepulcro do mesmo santo. Também o *Flos Sanctorum* mais antigo que teve nosso Portugal, escrito, segundo dizem, em latim e depois trasladado em português, impresso em tempo d'el-rei Dom Manuel¹⁶⁶, o qual se achará na livraria de que uso no colégio de Nossa Senhora da Graça de Coimbra, diz que esta condessa era devota e pia, pelo que fez reeditar o templo que já nas suas terras tinha o glorioso São Manços; assi, é mui digna de ser louvada que, se pusermos em questão qual será maior esmola e mais aceita a Nosso Senhor, sustentar uma casa nas terras aonde vivemos que não venha a cair em pecados nem a morrer a gente dela, ou em edificar, ou reedificar, um templo a Deus Nosso Senhor em memória de seus mistérios ou de seus santos, responderemos o [mesmo] que São Jerónimo em semelhante pergunta, e é que olharemos pera qual seja maior necessidade e essa remediaremos primeiro; mas sendo as necessidades iguais, antes havemos de acudir às das igrejas, porque é servir a Deus imediatamente, que monta mais que servi-lo em suas criaturas; também esmolos aos pobres faz quem quer, porque pouco basta pera os socorrer, mas edificar e reparar templos, orná-los de imagens e cousas necessárias, é obra ordinariamente de grandes, como se mostrou Dona Júlia no templo do glorioso São Manços, que foi o mais sumptuoso e adornado que sabemos houvesse em nosso Portugal antes dos mouros, porque diz o *Flos Sanctorum* alegado que tinha muitas e fermosas colunas, um sepulcro de mármore finíssimo em que estavam as relíquias do santo, um altar de prata e, fora, pera os peregrinos, uma fonte de mui boa água, o que tudo procurou a condessa Dona Júlia, como virtuosa que era, pera glória de Deus Nosso Senhor. Amen.

45. A VIRGEM E MÁRTIR SANTA ENGRÁCIA, segunda deste nome, de Braga.

Escreve dela o douto mestre Frei João Marquez no livro que fez da origem da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho¹⁶⁷, aonde diz: Pelo mesmo tempo da fundação de Santo André de Burgos, ou pelo menos em os anos d'el-rei Dom Fernando o Primeiro, quando sucedeu o desterro de São Domingos de Silos, estava já edificado o nosso mosteiro de Santa Engrácia da vila de

¹⁶⁶ Refere-se a *Flos sanctorum em lingoagem portugues*, ob. cit.

¹⁶⁷ Fr. Juan Marquez, *Origen de los frayles ermitaños de la Orden de San Agustín y su verdadera institución antes del gran Concilio Lateranense (...)*, Salamanca, 1618, cap XVII, § VI, fl. 317-318.

Carvajales em o vale baixo, em a ermida de Santa Engrácia que chamam o mosteiro velho, e viviam nele os padres eremitas de nosso Padre Santo Agostinho quando a gloriosa virgem Santa Engrácia, portuguesa de nação e não menos glória de sua terra que a de Zaragoza, consagrou com seu sangue aqueles distritos e testificou com a constância de sua morte quanto vale nos olhos de Deus uma alma limpa dedicada a seu serviço por voto de castidade. Foi esta santa natural do território bracarense, ainda que alguns a fazem de Badajoz, e havendo-a prometida seus pais em casamento, não se sabe se o esposo era mouro ou cristão, porque entoncos estavam mouros apoderados da terra; ela, que se havia oferecido a Deus por voto de castidade perpétua, veio fugindo a seu esposo pera as terras de Castela, o qual, enojado e raivoso da zombaria que a seu parecer fazia a santa dele, saiu como leão assanhado em sua busca e encontrou-a nos montes de Carvajales junto a Leão, e ali lhe cortou a cabeça e, levando-a por troféu de sua vitória e insígnia de sua sanha, a deitou em um lago aonde foi achada por milagre e levada à Igreja Maior de Badajoz. Os nossos religiosos buscaram seu santo corpo e, achando-o sem cabeça, levaram-no à sua igreja a enterrar. Esteve muitos anos este mosteiro naquele lugar antes que se povoasse a vila de Carvajales e, despois de povoada, os vizinhos dela trouxeram o convento pera a povoação e edificaram a casa aonde agora está, com o mesmo título de Santa Engrácia, ficando a ermida e sítio do mosteiro velho debaixo da disposição do prior. Conserva-se até o dia de hoje aquela ermida pera memória da santa virgem, posto que tudo mais do mosteiro velho está caído. O retablo que tem a ermida descobre toda esta história, porque, em um dos painéis, está pintada a santa virgem fazendo oração entre uns montes e, em outro, como veio o esposo e lhe cortou a cabeça e, em outro, como os fiéis faziam um honroso acompanhamento ao santo corpo descabeçado e os frades do nosso hábito o levavam à sepultura, ainda que pela demasiada antiguidade não se divisam já as figuras senão com grande trabalho.

De tudo o que está escrito constava por escritura antiquíssima do mesmo mosteiro, que continha o título da jurisdição temporal que este convento alcançou do lugar do mosteiro velho e algumas terras de arredor, que lhe davam pessoas devotas por reverência da santa; e pretendendo os condes de Alva de Liste esta jurisdição, por estar no meio de suas terras, foi necessário presentá-la em juízo, mas despois se deu àqueles senhores pela insigne liberalidade com que têm recompensado ao convento a perda da jur[is]dição temporal que tinha em aquela terra, se bem sempre nos ficará lástima de se haver perdido esta escritura, porque não nos ficou dela treslado, não obstante que a que se perdeu em Catela foi conservada em Portugal, porque em nenhum tempo se sepulte uma história tão piadosa. Acha-se no arquivo da santa igreja de Braga em um livro que chamam da Primacia um testemunho,

do qual se prova o que temos dito; porque tratando-se nele de Benigno e de São Ausberto, arcebispos daquela santa igreja e do tempo dos mouros, e falando da gloriosa Santa Engrácia, de quem ali se faz menção por haver sido do território bracarense, se põem estas palavras: Esta santa fugiu de sua pátria até os montes de Carvajales junto de Leão, aonde foi martirizada, e ali há uma igreja intitulada assi e dedicada à honra da santa, aonde houve antigamente frades agostinhos que viviam vida eremítica e depois se passaram ao lugar de Carvajales, aonde fizeram um pobre convento, e a sobredita igreja está em pé, ainda que a casa dos frades está caída. Esta memória está no Arquivo de Braga, em o livro da Primacia, em que também se refere uma carta de um religioso da Ordem de São Bento que conta a história da mesma maneira, porque com duas testemunhas constantes e maiores que toda a exceição se repare a perda de nossa escritura, que não podemos negar que foi grande, porque com ela se nos foi das mãos o ano daquela fundação que não podemos sinalar com certeza, mas bem se sabe que o martírio de Santa Engrácia, que achou o mosteiro já fundado, foi em tempo que Espanha estava em poder dos mouros.

Aqui se acabam as palavras do padre mestre Frei João Marquez, religioso da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho, catedrático de Véspera em Salamanca, pregador d'el-rei Dom Felipe Terceiro de Castela e Segundo de Portugal, a quem devemos esta notícia da gloriosa Santa Engrácia, virgem e mártir insigne em todo género de virtudes, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

46. SANTA COMBA OSORES, virgem e mártir, com suas companheiras, de Lamego.

Durou o mosteiro Archense, que estava três léguas de Lamego com muitas e santas religiosas, até o tempo da destruição dos mouros, dos quais um chamado Almançor, que quer dizer o nunca vencido pelas muitas vitórias que alcançou fazendo maiores crueldades que nenhum outro tirano, deu sobre ele, passou pela espada e consagrou em mártires de Cristo todas as religiosas com sua abadessa, a bemaventurada Comba Osores, a qual parece que deixou seu nome perpetuado no lugar em que padeceu, que agora é chamado Nossa Senhora da Seixa, porque os nossos portugueses chamam Seixa à pomba do campo, de modo que Nossa Senhora da Seixa é o mesmo que dizer Nossa Senhora da Pomba, por amor desta Santa Comba, de cujo martírio e de suas companheiras faz menção uma escritura que se conserva no cartório do mosteiro de São João de Tarouca, que é da Ordem de São

Bernardo, em que Dom Teúdo concede àquele mosteiro certa herdade, e diz assi: *Sit itaque vestra prædicta hæreditas cum Ecclesia de Sancta Maria de Archas, vbi antiquè fuit Monasterium vocitatum Archense, et mortua est inde Abbatissa Columba Osoris cum Sororibus suis per manus cuiusdam Mauri Almançoris*. Seja vossa a dita herdade com a igreja de Santa Maria de Archas, aonde antigamente esteve o mosteiro chamado Archense e foi morta a abadessa Comba Osores com suas irmãs pelas mãos de um mouro chamado Almançor. Aqui notamos com Marineo Sículo¹⁶⁸, quando trata das ilustres gerações de Espanha, que Osores é o mesmo Osório, o qual nome é Godo e significa o que deita água, donde se colige que esta santa virgem e mártir era da ilustríssima geração dos Osórios. Pera glória de Deus Nosso Senhor que seja sempre louvado. Amen.

47. SANTA COMBA DE LAMAS, de Orelhão em Tra-los-Montes, virgem e mártir.

Escreve desta santa o reverendo Padre António de Vasconcelos em sua Descrição de Portugal e diz que é da correição de Guimarães; mas consultei sobre sua pátria ao mui douto em toda história, Gaspar Alvares Lousada, secretário meretíssimo da Torre do Tombo, e respondeu-me assi: Lamas de Orelhão de Tra-los-Montes, comarca eclesiástica de Vila Real no arcebispado de Braga, é vila ao pé da serra de Orelhão que eu vi e passeei devagar, aonde está uma ermida de Santa Comba dentro das muralhas e ruínas da cidade de romanos, que ali houve. O curioso poeta António Ferreira nos seus Poemas Lusitanos¹⁶⁹ fez um do martírio desta santa e diz que padeceu pela conservação da fé e da pureza, pelas mãos de um rei mouro, havendo precedido que a solicitou em um campo aonde estava com seu irmão Leonardo e, como então a quisesse matar, sucedeu aquele milagre que se viu nos moradores de Sodoma quando ficaram cegos e por nenhum modo puderam haver às mãos os santos anjos hóspedes de Loth, porque a santa se fez invisível e aquele malvado nenhum mal lhe fez, ainda que se vingou no inocente irmão a quem chamam São Leonardo; e dizem que no lugar nasceu uma fonte, pera memória deste milagre, pelo qual Nosso Senhor seja louvado eternamente. Amen.

¹⁶⁸ Lucio Marineo Sículo, *De las Cosas Memorables de España*, ob. cit., ed. de 1550, fl. CXCI ss.

¹⁶⁹ António Ferreira, *Poemas Lusitanos*, Lisboa, 1598, Parte I, «História de S. Comba de Vales», fl. 116r-125v.

48. DE CERTAS RELIGIOSAS DE TRANCOSO E UMA MENINA CHAMADA JOANA, de Nossa Senhora da Lapa.

Muitos mosteiros de religiosas houve em nosso Portugal antes que nele entrassem os mouros, dos quais um esteve pera a parte de Trancoso, no lugar de Cismiro, aonde hoje está uma ermida chamada Nossa Senhora do Mosteiro, sinal que era mui pobre, pois o tempo até agora lhe não pôde tirar o nome, que somente nos ficou. Destruiu Almançor, mouro cruelíssimo, e passou pela espada suas religiosas, mas não temos o nome de nenhuma, nem há cousa mais a nosso intento que estar não mui longe dali um monte chamado de Almançor, por se haver a ele retirado este mouro.

É tradição que deste mosteiro das freiras de Cismiro tiraram os cristãos, por causa dos mouros que tudo destruíam, a mui devota imagem de Nossa Senhora da Lapa e a puseram aonde depois alcançou este nome, porquanto foi achada entre quatro pedras notáveis no ano de mil e quatrocentos e noventa e oito por uma menina chamada Joana, do lugar de Quintela vizinho, donde está agora a imagem da mesma Senhora. Era esta menina muda e guardava o gado, senão quando Deus foi servido que achasse a imagem que dissemos e, por ser muito pequena, metia-a dentro na cesta em que tinha sua ordinária refeição, ocupando-se em a enfeitar como podia, gastando nisso algum tempo, e, como a mãe desse uma vez com ela e a visse embebecida em vestir a imagem a par do fogo, levada de indignação, sem olhar o que fazia, tomou-lha pera a deitar no fogo, ao que acudiu a menina com um brado, dizendo que o não fizesse, e subitamente lhe foi restituída a fala e a mãe se viu com a mão e braços secos, de maneira que os não podia mover e, gritando com espanto do que lhe acontecera, concorreu gente do lugar de Quintela, em que a menina vivia, e guiados por ela chegaram à lapa aonde a imagem fora achada e, posta em seu lugar, restituiu-se a mão e braço da mãe em seu antigo vigor, concorrendo dali em diante a gente dos lugares comarcãos e até agora resplandece em muitos milagres. Ainda que não sabemos das virtudes desta menina, é bastante fundamento pera nos não esquecermos dela haver sido instrumento pera termos em nosso Portugal a Virgem Nossa Senhora da Lapa, por quem Nosso Senhor nos faz contínuas mercês, o qual seja louvado eternamente. Amen.

49. NOVE RELIGIOSAS que houve em Coimbra em tempo de mouros.

Ainda que os mouros entraram e possuíram quasi todas as terras de nosso Portugal, estiveram pouco tempo em algumas e em outras consentiram que

houvesse cristãos que por isso lhe pagavam certo tributo, como pelos anos de setenta e sete os havia na cidade de Coimbra sendo bispo Dom Fisanando e governador da mesma cidade Dom Teúdo, segundo consta de uma escritura que se conserva no real mosteiro de Lorvão em que assinam três viúvas e seis donzelas, todas religiosas e dedicadas a Deus, as quais são dignas de ser aqui nomeadas, pois o foram em aquela doação, assim por sustentarem a fé católica, como por serem religiosas em tempo tão calamitoso como foi este em que Coimbra estava em poder de Marvam Bemzorat, rei dos mouros; donde não duvido que fossem mui ilustres em virtude, mas só esta lhe gabo que é prezarem-se, à imitação de São Paulo, de serem servas de Nosso Senhor Jesu Cristo e estarem dedicadas a seu serviço. Das viúvas, uma é *Cymbria famula Christi*, do qual modo se assinam as duas seguintes *Placentia, et Dumia*. As virgens de Cristo eram chamadas Serviária, Lucêndria, Prudência, Eriana, Márcia, Múnia, pelas quais Nosso Senhor seja louvado eternamente. Amen.

50 E 51. ELOSINDA E DONA TERESA SOARES.

A primeira pertence a Coimbra, a outra a Braga.

Pelos anos de setecentos e noventa e um houve em Coimbra uma mulher nobre e boa cristã chamada Elosinda ou Adosinda, a qual foi falsamente acusada de adúltera com um mouro chamado Mogeimet, sendo acusador o marido por nome Areovegildo e pretendia que os queimassem porque este crime sempre foi em todos os tempos e terras um dos mais abominados e castigados que houve no mundo; ela pôs a mão no ferro quente, como naquele tempo se permitia, e mostrou sua inocência, pelo que seu marido, visto ser falso acusador, foi pelo juiz mouro condenado a queimar, mas por intercessão de Dom Eugénio, abade do mosteiro de Lorvão da Ordem do glorioso São Bento, pagou muito dinheiro ao mouro acusado e assim ficou livre e sua mulher Elosinda se fez do número das beatas ou donas que se dedicavam ao serviço da igreja e fez muitos serviços a Nosso Senhor e ficou com grande louvor entre as portuguesas ilustres em virtude, principalmente na castidade, que mais adorna as mulheres nobres que nenhuma outra, segundo se prova do caso que está dito, tirado de uma escritura mui antiga do mosteiro de Lorvão.

Agora vem a propósito tratarmos da purificação do ferro quente que se usou muito em nosso Portugal, ainda que agora é proibida pelos sagrados cânones; e porque muitos historiadores tratam dela, seguirei a Pedro de Mariz que na primeira parte da história do Patrão de Salamanca, São João de Sahagum¹⁷⁰,

¹⁷⁰ Pedro de Mariz, *História do bemaventurado São João de Sahagum, Patrão Salmantino. Primeira Parte. (...)*, Lisboa, 1609, cap. VII, fl. 37r.-v.

a escreve mais brevemente que todos e diz que era de duas maneiras; uma, que a primeira cousa que fazia a pessoa acusada era confessar-se e logo se buscava com diligência se estava ali algum feiticeiro que pudesse impedir o efeito natural do fogo; feito isto, tomava o juiz do caso uma chapa de ferro de comprimento de um palmo e dous dedos de largo e, benzida primeiro pelo cura ou outro sacerdote, ambos, ele e o juiz, a lançavam no fogo que ali estava em público preparado e, enquanto se estava fazendo em brasa ardente, o sacerdote fazia oração a Deus, pedindo-lhe que mostrasse ali a inteireza de sua justiça; acabada a oração e o ferro já todo ardente, o acusado a tomava na mão perante todos os presentes e assi com ele apertado na mão andava três passos e no último o havia de pôr no chão mui quietamente e sem mostra alguma de ser molestado; e se depois disto estava livre do fogo e a mão sem nenhum sinal dele, ficava havido por inocente e dado por livre do delito que lhe impunham e por tal declarado e abonado. A outra maneira era que o acusado passava com os pés descalços e limpos diante do juiz por uma prancha de ferro ardente de quinze passos em comprido, como lemos a três de Março em Surio¹⁷¹, que provou ser inocente do adultério que falsamente lhe levantaram à santa imperatriz, mulher do imperador Henrique Segundo; mas o primeiro modo de pôr a mão no ferro quente usou Elosinda em Coimbra, da qual temos tratado. E também em Braga muitas anos depois uma mulher mui nobre chamada Dona Teresa Soares, a quem seu marido Dom Gonçalo Mendez de Sousa arguiu de adultério, a qual pondo a mão no ferro quente diante de júizo foi julgada por livre e louvada de todos; mas os bons são mais humildes no meio de seus louvores e virtudes que os maus convencidos de suas culpas, como se viu no raro exemplo de dona Teresa Soares que, sendo havida por inocente, contudo se meteu em Arouca, aonde fez penitência até à morte, como consta de uma escritura do mesmo mosteiro, pera glória de Deus. Amen.

¹⁷¹ Laurenz Sauer (= Laurentius Surius), *De probatis sanctorum historiis partim ex tomis Aloysii Lipomani, doctissimi episcopi, partim etiam ex egregiis manuscriptis codicibus* (...), Colónia, 6 vols., 1570-75 – veja-se o tomo II (1571), «Vita S. Chunegundis imperatricis et virginis, graviter et fideliter conscripta (...)», pp. 60-65; esta obra foi acrescentada e reeditada na mesma cidade, em 7 volumes, 1576-1581, e em Veneza, 1581. Sobre o autor e a obra, veja-se Serena Spanò Martinelli, «Cultura umanistica, polemica antiprotestante, erudizione sacra nel “De probatis sanctorum historiis” di Lorenzo Surio», in Sofia Boesch Gajano (a cura di), *Raccolte di vite di santi dal XIII al XVIII secolo. Strutture, messaggi, fruizioni*, Fasano di Brindisi, 1990, pp. 131-141.

52. DONA URRACA, de Montemor-o-Velho.

Diz Ambrosio de Morales¹⁷² que o nome de Urraca é o mesmo que Aragonta, porque el-rei Dom Ordonho teve uma filha, a qual umas vezes chamam as escrituras antigas Urraca, outros Aragonta, nome da virgem Santa Argontata, filha d'el-rei de Inglaterra, religiosa da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho, da qual escreve o venerável Beda¹⁷³ no livro terceiro, capítulo oitavo, da história dos ingleses, afirmando que teve excelentes virtudes, pelo qual tomaram dela o nome muitas senhoras em nosso Portugal, entre as quais houve uma em tempo d'el-rei Dom Ramiro, ainda sua parenta mui chegada, irmã do famoso abade de Montemor-o-Velho, Dom João, que, inspirado por Deus um dia do Baptista, depois de dizer missa, aconselhou que se matassem naquele castelo de Montemor às mulheres e aos velhos de muita idade e aos meninos de pouca, pera que não fossem mortos nem cativos dos mouros, com os quais estavam em batalha, e foi este o maior feito de mulheres que se lê nas histórias de Espanha, obrado por conservação da fé e da castidade, sabendo que o podiam executar pela revelação que disso teve o mui santo abade Dom João que por sua própria mão degolou sua irmã Dona Urraca, depois de se confessar e receber a sacratíssima comunhão, como fizeram todas as outras pessoas, as quais seus pais, ou maridos, ou parentes mais chegados degolaram e também cinco filhos da mesma Dona Urraca passaram pelos fios da espada; sucedeu que depois disto entraram em batalha os poucos portugueses que ficaram e venceram sessenta mil mouros e, pera que a mercê de Deus fosse maior, voltando acharam na igreja do castelo aonde mataram as mulheres, velhos, meninos, todos vivos, com os sinais dos golpes que lhes foram dados na garganta; e como Dona Urraca foi a principal em morrer, assi alegrou mais a todos depois de resuscitada com seus filhos e não manifestou pouca virtude em esta obra, pelo que é digníssima de ser contada entre as mui virtuosas de nosso reino.

Quanto à calificação desta história, está mui viva na tradição da terra, aonde se mostra o lugar em que sucedeu; anda impressa na língua antiga e também a pôs em verso mui elegante o insigne poeta do mesmo Montemor; referem-na o doutor Frei Bernardo de Brito na Crónica de São Bernardo¹⁷⁴ e

¹⁷² Ambrosio de Morales, *La Crónica General de España (...)*, ob. cit., Tomo I, livro IX, fl. 238r.-v.

¹⁷³ S. Beda, *Ecclesiasticae historiae gentis Anglorum*, Antuérpia, 1550, pp. 104-106.

¹⁷⁴ Fr. Bernardo de Brito, *Primeira Parte de Crónica de Cister (...)*, Lisboa, 1602, Livro sexto, cap. XXVIII, esp. 444v.

o Padre Vasconcelos na Descrição de Portugal¹⁷⁵. Ainda algumas mulheres em esta vila se viram em nossos tempos com os sinais dos golpes na garganta, do modo que ressuscitaram suas antecessoras; e porque este milagre sucedeu na igreja da Virgem Nossa Senhora, a imagem da mesma Senhora e de seu bento filho se acharam também com sinais vermelhos dos golpes em suas gargantas e ainda hoje em dia os têm, como se pode ver a par do mosteiro de Ceixa, da Ordem de São Bernardo, pera onde foi levada pelo abade Dom João, que morreu ali com muitos sinais de santo e tem em seu sepulcro referido o mesmo milagre, o qual sucedeu pelos anos do Senhor de oitocentos e cinquenta, pera glória do mesmo Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

53. A CONDESSA DONA ALDARA, OU ILDUARA, pertence a Águeda e ao Porto.

Foi mui nobre e rica, amiga da virtude, casou com Dom Guterres, conde de Águeda, cidade antigamente entre Coimbra e o Porto chamada Æminio. Teve sua morada na vila de Salas, abaixo de Montecorva, perto da cidade do Porto, donde seu marido era governador e capitão-mor, como consta de uma carta que refere a Monarquia Lusitana¹⁷⁶ pelos anos de novecentos e vinte e cinco: *Tempore illo, quo Comites Guterres Arias, et Cometissa Aldara tenebant Portucula, et terras de Sancta Maria*. Escreve desta mui ilustre matrona Ordonho, monge antigo de São Bento, na história de São Rosendo¹⁷⁷ seu filho e nota que era mulher de santos costumes, amiga dos pobres. Como não tivesse herdeiro, pretendeu que Nosso Senhor lho desse, fazendo romarias à igreja de São Salvador de Salas e, porque o caminho era áspero, mandou-o aplanar e pera maior devação andava descalça, até que Nosso Senhor lhe revelou que teria um filho, pelo qual fez logo, em agradecimento de tão assinalada mercê, uma igreja com título do arcanjo São Miguel que, segundo deu a entender, lhe revelou.

Nota o nosso Frei Jerónimo Romão¹⁷⁸ desta condessa, escrevendo a vida de seu filho São Rosendo, que não teve dores quando o pariu, que foi na

¹⁷⁵ P. António de Vasconcelos, *Descriptio Regni Lusitani*, ob. cit., p. 540-542, n. 3.

¹⁷⁶ Fr. Bernardo de Brito, *Segunda Parte da Monarquia Lusitana (...)*, Lisboa, 1609, Livro sétimo, cap. XVIII, fl. 333v.

¹⁷⁷ Esta «história» circulava manuscrita, ou resumidamente em algumas colectâneas impressas de vidas de santos. Veja-se a recente edição, sob a responsabilidade de M. Díaz y Díaz, desta obra de Ordoño, monge de Celanova, *Vida y milagres de S. Rosendo*, La Coruña, 1990.

¹⁷⁸ Fr. Jerónimo Román, O.E.S.A. é o autor da *Crónica de la Orden de los Ermitaños del glorioso Padre Santo Agustín (...)*, Salamanca, 1569, bem como de algumas obras

vigília dos santos mártires Facundo e Primitivo, e por este respeito fez que, no mosteiro de Celanova que seu filho edificou em Galiza, fosse levantado um altar destes mui ilustres e antigos mártires de nossa Espanha e em seu dia se fizesse grande festa todos os anos. Desejando que seu filho recebesse o sagrado bautismo com grande celebridade, mandou levar a pia de sua freguesia à igreja do Salvador em que lhe foi feita a revelação, mas os bois meteram-se com ela na igreja de São Miguel, a qual depois foi sagrada por muitos bispos, e ainda hoje dura, chamada de São Miguel do Couro, anexa à de São Salvador de Montecorva, e tem a mesma pia em que São Rosendo foi bautizado debaixo de um altar, ainda que, pela devação dos que se valem de suas relíquias pera remédio de várias enfermidades, está já por fora notavelmente gastada. Criou esta condessa seu filho São Rosendo em tão bons costumes que veio com a graça de Deus a ser santo e é o primeiro dos confessores que canonizou a Igreja Romana com as diligências agora costumadas entre os de nosso Portugal, segundo consta do breve de sua canonização feita pelo Papa Celestino Terceiro, no ano quinto de seu pontificado que é o do Senhor de mil cento e noventa e cinco; mas ele morreu no primeiro de Março de setecentos e noventa e sete.

Na Corónica de São Bento feita pelo Mestre Frei Antonio de Yepes¹⁷⁹ em os anos de novecentos e trinta e cinco se dizem muitos louvores desta nossa mui santa portuguesa e dá-se a entender que foi freira da Ordem de São Bento depois da morte de seu marido, o qual se colige do epitáfio de sua sepultura que está em o mosteiro de Celanova e diz assi:

DEGIT: HIC: HVMATVM: ILDVARDÆ:
 CONFESSÆ: SANCTUM: CORPVS:
 CONDITVM: A: RVDESVNDO: EPISCOPO:
 PROLE: SVA: TERTIO: DECIMO: KALENDAS:
 IANVARI: ERA: XC.LXXXI.

Aqui está sepultado o santo corpo de Ilduara confessa, colocado pelo bispo Rodesundo seu filho a vinte de Dezembro, na era de novecentos e oitenta e um, que é o ano do Senhor de novecentos e quarenta e três, aonde a palavra confessa significa freira leiga conversa, não virgem senão viúva,

hagiográficas, como a *Vida de Fr. Luis de Montoya*, adiante referida. Fr. Luís dos Anjos cita, por diversas vezes, uma *História dos Santos de Espanha* — onde deveria figurar esta «vida de São Rosendo» — mas desta obra não localizei qualquer exemplar, nem sequer figura nos catálogos que incluem as suas obras.

¹⁷⁹⁾ Fr. António de Yepes, *Coronica general de la Orden de San Benito, Patriarca de Religiosos (...)*, tomo V, centuria V, Valladolid, 1615, cap. III, fls. 23v-24r.

como em semelhante caso declara Ambrosio de Morales¹⁸⁰ tratando no livro dezassete, capítulo vinte e quatro da rainha Dona Elvira, mãe d'el-rei Dom Afonso Quinto, que no ano de mil e dezassete fez uma carta de doação a Santiago em a qual se [chama]¹⁸¹ confessa porque era freira, ao modo das que tinham este título, como a condessa Dona Aranda. Na História de Galiza, que se conserva na igreja da Santiago, lemos, quando se fala no mosteiro de Celanova, que estão nele três corpos de santos, a saber, de São Torcaz, de São Rosendo e de sua mãe Dona Aldara, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja louvado eternamente. Amen.

54. SANTA VIRGEM ADOSINDA, pertence ao Porto.

Os ilustríssimos condes de Águeda e governadores do Porto Dom Guterres Arias e Dona Aldara, ou Ilduara, dos quais acabamos agora de escrever, que moravam de ordinário em uma sua vila chamada Salas, não longe da cidade do Porto aonde está Montecorva, depois que tiveram por promessa de Nosso Senhor um filho de tanta excelência como foi o bem-aventurado São Rosendo, houveram mais dous filhos e uma filha, que Nosso Senhor quando promete mercês sempre as faz [mais] avantejadas do que se esperam. Dos filhos, um foi chamado Dom Froila Guterres, que lhe sucedeu na casa, e o outro Dom Nuno Guterres por quem os Sousas e Barbosas se aparentam, como se pode ver no douto Catálogo dos Bispos do Porto feito pelo senhor Dom Rodrigo de Acunha¹⁸², bispo meretíssimo da mesma cidade, aonde trata da filha destes nossos insignes portugueses e conclui com este louvor seu: A gloriosa Santa Adosinda, seguindo as pisadas de seu irmão São Rosendo, desprezou o mundo e no melhor de sua idade se fez religiosa e veio pelo tempo adiante a ser abadessa de muitas servas de Cristo que em um mosteiro chamado Vilanova viviam em notável observância; ficava distante este mosteiro meia légua de Celanova e agora é igreja curada, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

¹⁸⁰ Ambrosio de Morales, *Los cinco libros postreros de la Crónica General de España* (= Tomo III, Córdoba, 1586), ob. cit., Livro XVII, cap. XXV-XXVI, esp. ffs. 303v.-304r.

¹⁸¹ No original está *não*, que, neste contexto, se apresenta como erro óbvio.

¹⁸² D. Rodrigo da Cunha, *Catálogo dos Bispos do Porto*, ob. cit., Livro I, cap. XIII, p. 163.

55. SANTA GODINHA, de Entre Douro e Minho.

Esta ilustríssima portuguesa, assi por geração como por virtudes, foi natural de Entre Douro e Minho; amou a vida religiosa que professou debaixo da regra do Patriarca São Bento em o mosteiro de Vieira, que deu muitas servas de Deus em a mesma província. Sendo prelada de seu mosteiro, ensinava mais com obras que com palavras e entre as almas que aperfeiçoou foi uma Santa Senhorinha que, sendo depois abadessa do mosteiro, lhe fez um sepulcro mui honrado e, por que não se perdesse a memória de tão santa religiosa, quando mudou as cousas do mosteiro de Vieira pera o de Basto, também mudou as relíquias desta santa sua tia e dizia que quando morresse a sepultassem a seus pés. Foram suas relíquias colocadas debaixo do altar-mor por ser havida por santa e como tal se festeja na mesma igreja deste mosteiro de Basto com São Gervás e Santa Senhorinha, da qual logo trataremos, pera glória de Deus, que seja sempre louvado. Amen.

56. SANTA SENHORINHA, de Basto.

Foi natural de Entre Douro e Minho e teve um irmão chamado Dom Gotoi, ou Nonado, do qual neste reino descende a ilustríssima geração dos Sousas. Seu pai se chamou Adulfo Conde e sua mãe Dona Teresa; dizem alguns que foi chamada Domitila, mas que ficou de mui tenra idade em poder de seu pai, que a criava sem mãe com grande mimo, chamando-lhe Senhorinha, o qual nome lhe ficou; e porque lhe conviesse mais, determinou que fosse adornada de todas as virtudes e por isso a entregou de mui pouca idade à mui louvável abadessa do mosteiro de Vieira, Dona Godinha, sua tia, que a criou em toda a perfeição, inclinando-a sobretudo a desprezar as cousas do mundo, o que aprendeu tão excelentemente que, querendo-a seu pai depois casar com um mancebo rico, nobre, virtuoso, por nenhum modo quis deixar o mosteiro em que se criara, dizendo que não entrara nele pera se sair, senão pera servir ali a Deus até à morte; por que este negócio não fosse por diante, fez muitas orações a Deus que tirasse a seu pai o pensamento de haver de casá-la e foi ouvida, porque entre sonhos apareceu um anjo a seu pai e disse-lhe que por nenhum bem da terra perdesse o maior que pode haver, que é sua filha ser esposa do Rei da Glória; obedeceu à divina amoestação e o que dantes queria tirar sua filha do mosteiro induziu-a a que perseverasse e fizesse profissão, porque em nenhuma cousa lhe podia dar maior gosto, e assi o fez a santa, pelo que seu pai deu ao mosteiro, que era da Ordem de São Bento, a renda que tinha em três igrejas.

Sendo freira Santa Senhorinha, nenhuma devação fazia particular sem primeiro dar estreita conta à sua tia Dona Godinha, a qual lhe deu licença pera trazer cilício e jejuar a pão e água todas as sextas-feiras; encomendou-lhe a lição das vidas dos santos e, porque achava muitos mártires, tinha desconsolação de não haver modo pera os imitar, em o que sua tia e mestra Dona Godinha a consolou dizendo que sofresse de boa vontade os trabalhos da vida, que guardasse perfeitamente as dificuldades de sua regra, que mortificasse com grande valor os apetites da carne, porque a paciência coroava os mártires e dava os prémios destes em os céus aos que eram seus amigos em a terra. Deu-se quanto podia às obras de penitência, tomando muitas e largas disciplinas. Não comia carne nem bebia vinho, nem comia mais que uma vez no dia, salvo aos domingos, por reverência da santa ressurreição do Senhor; assi continuou alguns tempos até que por morte de sua tia foi eleita abadessa do mosteiro, no qual officio resplandeceu em muitas virtudes confirmadas com milagres, como foi entrar uma vez o demónio e atormentar um homem, porque temerariamente disse mal dela estar falando com o glorioso São Rosendo, bispo de Dume, seu parente, mas pelas orações da mesma santa foi livre daquele cruel tormento.

Converteteu esta santa duas vezes água em vinho e havendo grande chuva pediu a Deus e alcançou serenidade, por amor do pão que se perdia nas eiras. Faltando pão em seu mosteiro, rogou a Deus que o não desemparrasse naquela necessidade e achou na portaria seis cargas de farinha que foram ali trazidas por seis camelos, dos quais havia vestígios, mas nenhum sinal de quem os guiou, que devia ser algum anjo. Fez mudar o mosteiro de Vieira pera Basto e pelo caminho ia rezando com as religiosas o officio divino, tanto a suas horas como se estivessem em suas celas. Sucedeu que, chegando a um lugar por nome Carrazeda, havia em certo lago muitas rãs, as quais impediam [de] rezar as servas de Deus; mandou-as a santa calar e nunca mais apareceram naquele sítio. Obrou Deus por ela outros milagres em vários enfermos. Estando a umas completas, sentiu uma música angélica e, perguntando aos que havia presentes se porventura ouviam alguma cousa, disseram que não; perguntou o mesmo a uma criada do mosteiro e respondeu que lhe parecia uma música angelical, mas que não sabia a causa. Disse então a santa que naquela hora lhe revelara Nosso Senhor ser levada pera os céus com música dos anjos a santa alma de seu mui amado parente São Rosendo, o que se achou ser certo.

Despois que a gloriosa Santa Senhorinha encheu sua alma de méritos grandes e muitos, amandó a Deus e ao próximo, foi-lhe revelada a ditosa hora de sua morte, pera a qual se preparou, como excelentíssima religiosa que era; entre outras obras que fez de grande exemplo foi mandar-se encomendar nas orações de muitos servos de Deus e mostrar alegria de alma

mui notável, porque estavam presentes não poucos em sua morte, que sucedeu a vinte dous de Abril do ano de novecentos e oitenta e dous, ainda que outros a põem noutro ano, mas todos concordam que era de cinquenta e oito de idade.

Obrou também Deus por ela muitos milagres depois em sua sepultura, dos quais um foi que certo judeu, natural de Zamora, entrou na igreja do mosteiro de Basto e pôs os pés no sepulcro desta santa sem se querer tirar dali, por mais que lho disseram, pelo que foi arrebatado do demônio e depois houve Deus por bem que fosse livre por intercessão da mesma santa; donde veio este judeu confessar que era verdadeira a nossa fé católica apostólica romana, mas nem por isso se quis converter e morreu obstinado em sua cegueira. O arcebispo de Braga Dom Paio veio a Basto e pretendeu abrir o sepulcro da santa, porque diziam que seu corpo estava inteiro, mas, começando-se a pôr em execução seu intento, estava presente um cego, o qual alcançou vista sem na esperar e disse que a mesma santa lhe tocara nos olhos com sua mão. Sarou de hidropesia um homem que a veio visitar do reino de Leão e fez muitos outros milagres que se acharam em sua história escrita largamente em o mosteiro de Basto, da qual tiramos esta com a brevidade possível, pera glória de Deus, que seja sempre louvado. Amen.

57. ARDINGA, de Lamego.

Em certo catálogo dos santos portugueses e varões eminentes em virtude que neste reino e suas conquistas floresceram achamos Ardinga, filha d'el-rei Alboacem, ser de Lamego e mártir por deixar a infernal seita dos mouros e se fazer cristã. Semelhante menção dela faz o reverendo Padre António de Vasconcelos, religioso da sagrada ordem da Companhia de Jesus, na sua *Descrição de Portugal*¹⁸³ e o que temos pera maior notícia foi tirado da segunda parte da *Monarquia Lusitana*¹⁸⁴ em esta maneira. Entre os mui celebrados conquistadores dos mouros que teve nosso Portugal, pelos anos do Senhor de mil e trinta e sete, foram dous irmãos nobilíssimos descendentes d'el-rei Ramiro, chamados Dom Teúdo e Dom Rosendo, do segundo dos quais procede a ilustríssima geração dos Távoras, que sempre se continuou em este reino adornada com obras mui heróicas, ou feitas na guerra ou na paz. Do primeiro,

¹⁸³ P. António de Vasconcelos, *Descriptio Regni Lusitani*, ob. cit., p. 559, n. 26, em que remete para Fr. Bernardo de Brito.

¹⁸⁴ Fr. Bernardo de Brito, *Segunda parte da Monarquia Lusitana (...)*, ob. cit., Livro sétimo, cap. XXVII, fls. 372v.-375r.

que é Dom Teúdo, lemos que alcançou muitas vitórias e uma mui assinalada entre as mais, não longe do lugar de Arcos na Beira, dia de Santa Luzia, virgem e mártir, a quem os mouros viram vir do céu em favor dos cristãos, de modo que ficaram cegos com uma nuvem de que o campo estava coberto enquanto durou a batalha; por onde, depois da milagrosa vitória, foi ali edificada uma ermida desta santa virgem e mártir, a qual ainda hoje está em pé. Correndo, pois, a fama destas conquistas e obras maravilhosas de Dom Teúdo, chegou a notícia de Ardinga, filha de Alboacem, rei dos mouros, que então havia em Lamego, a qual determinou fazer-se cristã e casar com ele, pera o qual tomou por sua companheira uma sua colaça e ausentou-se de casa de seus pais até que no fim de alguns dias veio a ter por caminhos mui ocultos aonde residia Dom Teúdo e chegou ao mosteiro de São Pedro, donde se derivou o de São Pedro das Águias da congregação de Cister, e falou com o abade chamado Gelásio, o qual, alcançando o fim de sua vinda, lhe pregou a fé católica e a converteu, de modo que a bautizou, prometendo-lhe de ser bom terceiro com Dom Teúdo pera que a recebesse por sua legítima mulher, o que houvera de fazer se não sucedera que, tendo o pai de Ardinga brevemente notícia do lugar onde estava e que havia professado a Lei de Cristo Senhor Nosso, buscou meios com que dissimuladamente lhe tirou a vida, do que Dom Teúdo concebeu muita pena e, propondo de não se casar, continuou as guerras, até que dali a pouco tempo foi morto pelos mouros na passagem de um rio, que por esta causa se chama até agora de Teodo, ou Teúdo, acabando um dos mais abalizados capitães daquela idade, ao qual trazem os ilustríssimos Távora em suas armas em figura de um delfim dentro de um rio; porque nadando a cavalo nas ondas do Távora, foi causa total dos cristãos alcançarem uma grande vitória dos mouros que havia na vila de Paredes, decendo ao mesmo rio um dia de São João, vestidos de traje mourisco, como que se vinham lavar, pera que desta maneira não lhe fugissem nem os ofendessem. Conserva-se uma carta no mosteiro de São Pedro de Águias, aonde se lê quasi tudo o que está dito pelas seguintes palavras: *Dominus Theodon fecit multa bella, et Ardinga filia Alboacem Regis Lameci per suum amorem venit ad illum cum Sorore delacte, et incidit in Abbatem Gelasium, qui fecit illam Christianam: sed pater venit absconditè, et suffocavit illam: et Dominus Theodon cum id sciisset per Paulum Rodericis propter illam non quiso deinde casare, et die Sancti Ioannis Christiani fecerunt Ganço de Paredes facti Mauri et Dominus Theodon adiuuavit illos, vsque quo vicerunt super fluuium Tauora.* Das quais somente colhemos de novo que Ardinga foi afogada, porque foi tão excessiva a ira de seu pai que não se quis fiar de outrem senão ele próprio a matou com suas mãos, havendo medo que se usasse de sua espada ou outro instrumento cruel que a podia ferir de maneira que a não matasse logo e por algum modo fosse defendida; e como sem dúvida foi

morta em o dia da fé católica que recebeu com o sacramento do bautismo depois de bem instruída nos mistérios dela pelo abade Gelásio, claramente se colige que está no céu com a gloriosa coroa de mártir que alcançou na terra, pelo qual Nosso Senhor seja louvado eternamente. Amen.

58. DONA SANCHA VIRGEM, pertence a Coimbra.

Foi filha do conde Dom Reimão de Borgonha e de sua mulher Dona Urraca, os quais governaram este reino de Portugal antes de ser dado ao conde Dom Henrique, pai d'el-rei Dom Afonso Henriques, como logo constara de uma doação que fizeram à Sé de Coimbra. Fazem menção desta mui ilustre serva de Deus certas memórias do real mosteiro de Santa Cruz da mesma cidade, nesta forma: Dona Urraca foi casada com o conde Dom Reimão e houveram uma filha por nome Dona Sancha, a qual amando a virgindade nunca quis casar e foi-se a Jerusalém em romaria e, estando no hospital do templo servindo aos pobres com caridade, o Senhor lhe quis fazer tão alta mercê que lhe deu fogo novo em sua alâmpada em dia do Espírito Santo e ficou alumada pelas mãos dos anjos. É necessário, pera maior declaração deste milagre, saber que os cristãos em Jerusalém celebravam a mercê que Nosso Senhor lhes tinha feito do sacramento do bautismo, que nos tempos antigos não se dava solene e geralmente senão na véspera de Páscoa e do Pentecostes, e assi eram estas vigílias mui solenizadas com lumes significadores do lume da fé que recebemos pelo bautismo. Por esta devação vinham muitos com suas alâmpadas ou círios à igreja aonde se faziam ordinariamente pregações em louvor do santo bautismo, das quais estão algumas entre as de São Cirilo Jerosolimitano e são chamadas dos santos lumes, e o mesmo título tem a que é trinta nove entre as de São Gregório Nazianzeno, não por respeito do bautismo de Cristo Senhor Nosso, que se celebrava também com lumes, o que nota Barónio em o Martirológio Romano, nem por respeito da festa de Nossa Senhora das Candeias, o que disse Bílio nas notas a São Gregório Nazianzeno, senão por respeito dos lumes com que os fiéis cristãos celebravam o benefício do bautismo que Nosso Senhor lhes fez em esta vida, como se colhe em algum modo das mesmas homilias e claramente o escreve Dom José Vicente no livro que fez das cerimónias do bautismo¹⁸⁵; esta devação de celebrar um cristão o dia de seu nascimento na igreja é de grande mérito diante de Deus que a confirmou com este notável milagre de se acender a

¹⁸⁵ D. José Vicente, *Observationes ecclesiasticae de antiquis baptismi ritibus et ceremoniis*, Paris, 1618, esp. p. 783s.

alâmpada por ministério dos anjos em Jerusalém¹⁸⁶ à virgem Dona Sancha, que contamos entre as nossas portuguesas, porquanto seu pai e mãe governaram nosso Portugal e é muito possível que a houvessem e criassem em Coimbra, aonde achamos memória dela; e como deram à santa Sé da mesma cidade aquela grande doação da Vacariça, sendo bispo Dom Crescónio, a qual está no arquivo da mesma Sé com estas palavras: Em tempo deste prelado governou o reino de Portugal Dom Reimão, conde de Borgonha, irmão de Guido, arcebispo de Viena, que depois foi arcebispo de Compostela e papa chamado Calixto e com este conde casou el-rei Dom Afonso sua filha primogénita, herdeira dos reinos de Castela, e lhe deu o governo dos reinos de Portugal e Galiza, que teve muitos anos, o qual no tempo deste prelado Dom Crescónio fez doação à Sé de um mosteiro de frades que estava na Vacariça, da invocação de São Salvador e São Vicente e seus sócios mártires, o qual tinha muitas igrejas e outros muitos mosteiros sufragâneos que estavam debaixo de sua obediência, como era um mosteiro em Trasoí e o mosteiro de Lamedo, outro em Soule, e outro em Roças, outro em Leça, outro em Sever, da invocação de Santo André; e destes mosteiros agora não há nenhuma memória. Era também deste mosteiro da Vacariça a igreja de São Salvador desta cidade; tinha muitas vilas e lugares muito ricos, como eram a vila de Moçarros, em que estava a igreja de São Cucufate, Sangalhos, Barró, Morangos, Tamengos, Arsa, Aguirra, Ventosa, Cepins, Aiantes, Alfavar, Mortede, Freixinedo, Vimieira, Canelas, Luso, Castelãos, Ílhavo e Recardais, Nespereira, Carvalhais, Seixazelo, Negrelos, Tarouquela, Ferariolos, Vilacide, Quintanela, Salgueiro, Ricaredo, Crestelo, Aveiro; e no bispado do Porto tinha a vila de Vilpilhares, Vilacide, junto de terras de Santa Maria, os casais e terras de Sever, as vilas de Pedroso e Escapães e a vila de Leça com sua foz. Eis aqui quão rico era antigamente o mosteiro da Vacariça, de que fiz tão grande menção por duas causas. A principal, porque a deu à Sé de Coimbra o pai da virgem Dona Sancha, tão amiga dos pobres que os foi servir ao hospital de Jerusalém, e tão excelente na fé que viu milagrosamente acesa a alâmpada com que a testificou entre muitos outros fiéis. A outra, porquanto agora este mosteiro da Vacariça é um priorado mui nobre, o qual pertence a este real colégio de Nossa Senhora da Graça de Coimbra, por benefício do ilustríssimo bispo dela Dom João Soares, religioso da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho, que no-lo deu com algumas obrigações, e neste mesmo colégio fez este Jardim, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

¹⁸⁶ No original está *enterrassem*, o que, seguramente, é um erro tipográfico.

59 E 60. DONA TODA E DONA ASSANDA, pertencem a Braga.

Um contador-mor do conde Dom Henrique, pai d'el-rei Dom Afonso Henriques, chamado Ordonho, confiado nas muitas riquezas que tinha em o termo de Braga, intentou tomar por amiga Dona Toda, mulher mui nobre e também rica entre as que havia na mesma cidade e, sabendo que não poderia cumprir seus maus desejos se não fosse enganando-a que queria casar com ela, procurou que lhe falassem e, como viu que dava orelhas ao casamento, brevemente mostrou que estava de parte a parte efetuado e que se fossem receber a uma freguesia aonde se foi logo Dona Toda com sua casa e também o contador Ordonho se achou na véspera do dia assinalado para o matrimónio e falando com ele Dona Toda entendeu que não queria casar senão pecar, pelo que se viu aquele dia entre duas távoas mui apertada; por uma parte, não queria ofender a Deus, que era a principal cousa que tinha diante dos olhos; por outra, havia medo que, gritando, fosse maltratada e infamada publicamente. Vendo-se assi afligida, encomendou-se a Deus que pelos méritos do glorioso São Giraldo lhe socorresse naquela necessidade, como havia feito em outras, e deu neste ardid que disse a uma das criadas que trazia consigo que havia de ser naquela ocasião sua fiel amiga. A criada, sabendo que a senhora desejava ser livre, ofereceu-se pera morrer quanto ao corpo se fosse necessário, porque ela não ofendesse a Nosso Senhor; enfim, vieram a concertar-se de maneira que a criada, vestida nos trajes mais galantes da senhora, ficou assentada em seu estrado e a senhora, vestida com os de sua criada, tomou um cântaro à cabeça, como quem ia à fonte, e saiu-se fora de casa. Vindo a noite, entrou Ordonho no aposento e achou-se com a criada, pelo que fez grandes estrondos, publicando que Dona Toda já era sua mulher e assi mandou a muita gente que lha fossem buscar por várias partes e ele mesmo levou consigo alguns cães parecendo-lhe que ladrariam se a sentissem. Ela não pôde esconder-se tanto em uma cova cercada de mato que não viessem a par de si os cães e pessoas muitas que a buscavam, mas levantava os olhos e as mãos e o coração ao céu, pedindo a Nosso Senhor, posta de joelhos, que lhe valesse naquele perigo e foi ouvida, porque os que a buscavam chegando a par dela a não viram e os cães ainda que a viram não ladraram. Depois de estar ali três dias e três noites sem comer nem beber, vendo que já não era buscada, se foi direita à cidade e contou tudo o que havia passado ao glorioso São Giraldo, por cujos merecimentos entendia que Nosso Senhor a tinha posta em sua antiga liberdade. O santo arcebispo, vendo a constância desta nobre mulher, agradeceu-lha muito da parte de Nosso Senhor, com cuja graça concebeu novos propósitos de vida, deu seus bens e herdades à santa Sé de Braga, seus vestidos aos pobres, suas jóias e riquezas ao altar da Virgem

Nossa Senhora, a quem também se ofereceu pera servir em aquela igreja toda a vida, como naquele tempo costumavam algumas devotas mulheres apartadas de varões, ou porque eram viúvas, ou porque nunca foram casadas, as quais andavam com certo traje mui honesto chamadas beatas, ou donas, em o qual estado obrou até a morte muitas virtudes.

Pelo contrário, não tratou de se emendar aquele contador-mor, antes dali por diante perseguia todas as cousas da santa Igreja de Braga e, ainda que o glorioso São Giraldo procurou de o converter a melhor vida, umas vezes escrevendo-lhe, outras avisando-o por amigos, outras indo ele mesmo em pessoa ao castelo de Lanhoso aonde morava, nada aproveitou, antes uma vez a par deste castelo não quis admitir a visita do santo arcebispo, disse-lhe mil afrontas e não faltou mais que tirar-lhe a vida.

O santo, vendo que não podia levar aquele homem por brandura pera que deixasse de perturbar e molestar os caseiros e pessoas do serviço de sua igreja, excomungou-o em público e viu-se o efeito que nos tempos antigos tinha a excomunhão, e foi que entrou nele o demónio atormentando-o diante de todos, até que naquele mesmo lugar aonde afrontou o santo arcebispo o mataram seus inimigos, atroz e cruelmente. Tudo o que está dito foi tirado da mui excelente história do glorioso São Giraldo, feita per Dom Bernardo, seu perpétuo companheiro, antes de ser bispo de Coimbra.

Na mesma história se faz larga menção de outra portuguesa nobre, rica, virtuosa e digna por muitas rezões de grandes louvores, chamada Dona Alsanda, a qual deu todo necessário pera o caminho quando se trouxe o corpo do bem-aventurado São Giraldo do lugar de Bordes, aonde morreu andando visitando seu arcebispado, e assim foi posto com grandes honras em a Sé de Braga, aonde agora está, e ela mesma, com ser o caminho mui áspero e no meio do inverno, acompanhou aquele sagrado corpo até o rio Tâmega; pelo que não deve ser esquecida entre as mulheres portuguesas ilustres em virtude, pois o foi em vida e é de crer que também o fosse na morte, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

61. DONA TERESA ALFONSO, pertence a Lamego.

Esta ilustre portuguesa foi a segunda mulher que teve Egas Moniz, a quem chamaram o Bem-aventurado, aio do nosso primeiro rei Dom Afonso Henriques, ao qual criou em grandíssima devação da Virgem Nossa Senhora, a quem desde o berço sempre teve por avogada e alcançou por sua intercessão muitas mercês do céu, e assi em nosso Portugal todas as sés são dedicadas com o título da mesma Senhora, e muitas foram feitas intervindo pela maior

parte a magnificência deste rei que, ou as mandou adornar, ou edificar de novo. Vendo, pois, esta matrona que seu marido era devotíssimo da Virgem, queria edificar a fermosa igreja de Paço de Sousa, determinou fazer outra na quinta das Salzedas, que tinha a par de Lamego, trazendo diante de seus olhos a mesma Virgem Nossa Senhora, da qual havia de ser o título, por duas causas; uma, por satisfazer a particular devação da Virgem, em que ardia, imitando seu marido; a outra, por cooperar com a geral que em seus tempos lhe tinham pelo mundo os fiéis, ensinados em grão parte pelos exemplos do bem-aventurado São Bernardo, que fez edificar muitos mosteiros e dedicar suas igrejas com o título da mesma Senhora da qual era devotíssimo; pelo que Dona Teresa Afonso também ordenou que houvesse no serviço de sua igreja religiosos da Ordem do mesmo São Bernardo. Começou, pois, e fundou a igreja com tanta magnificência que não parecia ser obra de senhora particular, senão princesa ou rainha soberana. Assim o achamos escrito pera confusão dos que gastam mais nos aparatos supérfluos de sua casa que nos reparios necessários de sua igreja. Brevemente fez agasalhados pera os religiosos e o primeiro abade deles, a quem entregou com grande felicidade seu mosteiro.

Foi o bem-aventurado varão Frei João Cerita grande amigo do glorioso São Bernardo, religioso que havia sido da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho, em o mosteiro de São Cristóvão de Lafões quando era da nossa Ordem, segundo escreve, pera que deixe outros testemunhos, o douto mestre Frei João Marquez em o livro da origem dela¹⁸⁷; o ano em que começaram os monges de Cister a servir a Deus em este mosteiro das Salzedas foi o de mil e cento e sessenta e sete.

Durou inda despois muito a fábrica, pelo qual sua fundadora Dona Teresa alcançou licença pera entrar dentro todas as vezes que quisesse e visitar pessoalmente os trabalhadores que andavam nas obras, que fazia com grande alegria da alma, dando prémio aos que melhor trabalhavam e animando os fracos com mercês que lhes prometia; mas não bastaram estas diligências pera ver o fim desta sua obra, e isto acontece muitas vezes, que não alcançam nesta vida varões mui santos o que pretendiam com grande desejo; exemplo seja Moisés, que nenhuma cousa desejava mais ardentemente que entrar na Terra da Promissão e morreu à vista dela; o qual deve atribuir-se à divina Providência que nega contentamentos em esta vida a muitas pessoas pera que os tenham na outra com maior perfeição, como os teve Dona Teresa, gozando eternamente os prémios que têm os que edificam mosteiros, os quais

¹⁸⁷ Fr. Juan Marquez, *Origen de los frayles ermitaños de la Orden de San Augustín y su verdadera institucion antes del gran Concilio Lateranense(...)*, ob. cit., cap. XV, § IX-X, fls. 292-295.

são muitos e grandes, pelos contínuos e mui heróicos serviços que neles se fazem ao Senhor, assi pelos religiosos, como pelos seculares.

O ano em que esta devota matrona deu sua alma cheia de muitos bens ao Senhor foi o de mil e cento e setenta, como consta de seu epitáfio, o qual por amor de maior brevidade deixamos de repetir aqui em latim e, traduzido em vulgar, é desta maneira: Neste lugar se encerra aquela a quem a fama acostumada a perpetuar os bons não deixará nunca esquecer, porque propriedade é da fama dar vida aos ilustres no próprio tempo da morte e sustentar-se a si própria com os merecimentos e obras de pessoas famosas. Dona Teresa ajudou a viver sua fama por muitas vias, por sangue, por família, por costumes e boas obras; foi do sangue dos Duques e da mais clara descendência do Reino; seus costumes foram alheios de repreensão; obra que fez foi esta casa. Achareis a era em que foi sepultada contando duas vezes seiscentos e dez menos um.

Mandou-se enterrar fora do mosteiro que fez, em um arco da parede, e manifestou nisto que não era digna de ter sepultura dentro da igreja, aonde de ordinário a não tinham senão os mui santos; e porque o verdadeiro humilde há-de querer parecer vil, ordenou que seu sepulcro fosse de pedra tosca, como vemos, mas não ficou por isso menos, senão mais louvada do que se gastara muito na fábrica e matéria-dele, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

62. URRACA XIMENES, de Évora.

Como Dom Paio, primeiro bispo de Évora depois que foi ganhada aos mouros, fosse visitar o nosso primeiro rei de Portugal, Dom Afonso Henriques, o qual estava em Santarém, e passasse já noite junto da torre da Atalaya aonde Giraldo, sem pavor, matou o mouro e a mouro, quando se tomou à dita cidade de Évora e no lugar chamado Castro, ou Castres, pelo alojamento dos soldados que ali costumavam guardar a cidade dos assaltos contínuos dos mouros, acompanhado de Dom Soeiro seu daíão¹⁸⁸ que depois lhe sucedeu no bispado, com muitas outras pessoas que trazia consigo, refere a *Corónica de Cister*¹⁸⁹, no livro quinto, que viu um resplendor mui grande sobre aquele lugar, feito ao modo de cruz, e tendo-se todos a ver o que seria notaram que, depois de estar firme por grande espaço, se ia levantando

¹⁸⁸ Deão.

¹⁸⁹ Fr. Bernardo de Brito, *Primeira Parte de Crónica de Cister (...)*, ob. cit., Livro quinto, cap. XXXII, fl. 365r.-367r.

cada hora mais pera o céu em forma que o perderam de vista, com grande admiração do bispo e de quantos trazia consigo; e colegindo desta maravilha ser aquele lugar escolhido por Deus, o mandou poucos dias depois alimpar das imundícias do gado e fundar no meio dele uma capela em honra e louvor do patriarca São Bento, em cuja véspora lhe aparecera o resplendor do céu. Continuou-se ali uma romagem com singular devação da gente, a qual se acrescentava cada hora com os milagres que o Senhor começou a obrar pelos méritos do glorioso São Bento e, como crescesse a fama deles, uma nobre matrona chamada Urraca Ximenes, mulher que fora de um fidalgo principalíssimo da corte d'el-rei Dom Afonso Henriques, com uma irmã, duas filhas e três sobrinhas, inspirada divinalmente houve do bispo Dom Paio aquele sítio pera fundar nele umas casas ao modo de mosteiro em que se recolhesse com todas. Acabando a obra, se foi viver nelas junto à ermida de São Bento, a qual tinham muito limpa e provida de frontais e outras peças necessárias pera o culto divino e gastavam a vida em oração e obras de piedade, sem haver cousa que reprender. Visitavam algumas pessoas nobres estas recolhidas, assi por serem parentas e amigas, como por verem sua santa conversação, porque era tal que algumas renunciavam os mimos e liberdades que tinham no mundo e se vinham viver com elas, pondo quantas cousas tinham nas mãos de Urraca Ximenes, pera que a seu arbítrio as despendesse em esmolas e do remanecente as provesse de vestido, calçado e do mais que haviam mister. Estendeu-se a fama destas mulheres e seu recolhimento por todo o reino, mas como não tinham regra aprovada não eram religiosas, ao qual estado as determinou reduzir o bispo Dom Paio, como de feito reduziu, ao do glorioso São Bento, dando-lhes o hábito o abade de Alcobaça Dom Martinho no ano de mil e cento e sessenta e nove; fez-lhe logo profissão, ordenou os oficiais e ficou por abadessa Urraca Ximenes, a qual o foi alguns anos depois e governou com grande virtude e religião; assi, é muito pera ser imitada e louvada, pois mereceu dar princípio às religiosas da observância de Cister, que chamamos de São Bernardo em o nosso Portugal. Com rezão começaram estas religiosas, que são muitas e mui illustres, aonde dantes estavam os arrais da terra, porque seus mosteiros são arrais¹⁹⁰ de anjos que conquistam os céus, imitando em seus coros aos que, feitos em arrais, anunciaram a vinda do Filho de Deus à terra e ensinaram como havíamos de espantar os céus e cumprir em certo modo aquele dito de Salamão em louvor da Igreja e acomodar-lho desta maneira: *Quid videbis in solamitide, nisi choros Castrorum?* Que cousa há mais pera ver em a igreja que os coros de castres, que são os arraiais ou, pera dizer mais claro, que os arraiais dos coros com que as religiosas de Cister e as outras da cristandade nesta vida louvam a Deus, com ânimo de o louvar em outra eternidade. Amen.

¹⁹⁰ O mesmo que arraiais. Do latim *real*.

63 E 64. DONA CONSTÂNCIA SANCHES
E MÚNIA MARTINS,
de Coimbra.

Dona Constança Sanches, de quem tratamos agora, foi filha bastarda d'el-rei Dom Sancho, segundo em número dos reis de Portugal; chamou-se sua mãe Dona Maria Pais Ribeira; sempre viveu em Coimbra com muito louvor; acabou de edificar o mosteiro de São Francisco e, depois que fez muitos serviços a Nosso Senhor, deu-lhe sua alma e foi sepultada na igreja velha do real mosteiro de Santa Cruz, aonde era havida por mulher de muitas virtudes, mas não ficaram escritas; quando se fizeram as sepulturas novas meteram seus ossos em a de seu pai Dom Sancho. No livro dos óbitos de Santa Cruz se faz dela memória assi: *Obijt domina Constantia filia domini Sancij secundi Portugalliæ Regis Canonica Sanctæ Crucis*. Morreu Dona Constança, filha de Dom Sancho Segundo, rei de Portugal, regular de Santa Cruz; não que fosse professa da ordem dos Cónegos Regrantes, senão irmã daquele insigne mosteiro, como eram muitos varões mui ilustres e alguns bispos que no mesmo livro dos óbitos são chamados pela mesma causa cónegos de Santa Cruz sem que fossem alguma hora religiosos daquele mosteiro; e no mesmo livro se declara isto porque, falando das duas primeiras rainhas deste reino muito devotas daquele mosteiro, diz: *Obijt Domina Maphalda inclita Regina Portugalliæ coniux domini Alphonsi primi Portugalliæ Regis Canonica sanctæ Crucis*. E, mais abaixo, *Obijt Domina Dulcia Aragonensis Regis filia Regina Portugalliæ Soror sanctæ Crucis*; que uma foi regular, outra, irmã de Santa Cruz, que sem dúvida é o mesmo, o que advertimos por que não se cuide que Dona Constança, de quem tratamos, nem menos a rainha Dona Mafalda, mulher d'el-rei Dom Afonso Henriques, foram religiosas ou de algum modo professoras em a sagrada ordem dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra, como parece que o dá a entender Gabriel Pennotto¹⁹¹ no livro segundo da sua história, capítulo trinta e um, número sexto.

Verdade seja que, junto ao mesmo mosteiro de Santa Cruz, houve um recolhimento de mulheres que chamavam donas ou beatas, sujeito ao mui reverendo prior do mesmo mosteiro, o qual durou até o tempo d'el-rei Dom João o Terceiro e não há dúvida que nele houve muitas insignes em virtude, porque na casa das relíquias que há mui veneradas em este mosteiro estão em uma caixa os ossos de uma guardados com muita veneração, e é tradição que uma imagem do Senhor crucificado falou a uma destas donas e a desenganou de certas pretensões que tinha.

Também foi destas beatas ou donas uma chamada Múnia, ou Mónia Mar-

¹⁹¹ Gabriele Penotto, *Generalis totius sacri Ordinis Clericorum Canoniorum. Historia tripartita (...)*, Roma, 1624, Livro II, cap. 32, nº VI, fl. 348-349.

tins, cuja profissão ou dedicação se conserva no dito mosteiro de Santa Cruz e tresladada de latim em português é desta maneira: Eu, Mónia, filha de Martinho, temendo a Deus e o último dia do juízo me entrego a mim mesma a Deus e a vós também Dom Teotónio, prior do mesmo mosteiro, e aos mais religiosos que aí morarem pera sempre e ofereço comigo a quinta de Almaço inteira, que está a par do Mondego, pela qual dei outra que se chama Tirroso, além do Douro, etc. Aqui se vê quanto sempre floreceu e florece em observância o real convento de Santa Cruz de Coimbra, pois eram suas irmãs e procuravam ser participantes de seus méritos as mesmas rainhas e muitas pessoas ilustríssimas deste reino, e havia muitas outras mulheres que se entregavam ao serviço de Deus a par dele, em aquele recolhimento das donas, pera que, livres dos embaraços do mundo, assegurassem¹⁹² mais a salvação com grande glória de Deus, que seja sempre louvado. Amen.

65. A RAINHA DONA URRACA, pertence a Coimbra.

Foi filha d'el-rei Dom Afonso Nono de Castela, a quem chamam das Navas, e de sua mulher a rainha Dona Leonor. Casou com el-rei Dom Afonso, segundo deste nome em Portugal, chamado o Gordo. Trouxe muitos bens consigo a este reino, porquanto sua mãe era filha d'el-rei Dom Henrique de Inglaterra e da rainha sua mulher Dona Leonor, filha do glorioso São Guilherme duque da Aquitânia, conde de Pictávia, religioso da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho, e como era bisneta deste santo causou o parentesco que têm com ele nossos reis e os fidalgos da primeira nobreza que em nosso reino descendem deles. Também aparentou mais os mesmos reis de nosso Portugal com os de França, porquanto Dona Branca, mãe de São Luís, era sua irmã; do mesmo modo os aparentou com os reis de Aragão, aonde foi rainha sua irmã Dona Leonor, casada com el-rei Dom Jaime, o primeiro deste nome. Com os de Leão fez a mesma liança, porque também era sua irmã Dona Berengela que casou com el-rei Dom Afonso, de quem houve el-rei de Leão e Castela Dom Fernando, o Santo, que ganhou Sevilha; resplandeceu em muitas virtudes e deu princípio à devotíssima afeição que o nosso reino tem com a sagrada Ordem de São Francisco, a quem recebeu pessoalmente em sua casa, reconhecendo o ardentíssimo amor de Deus em que este humano serafim se abrasava. Foi tão ditosa que hospedou em seus paços aqueles cinco mártires de Marrocos que tanto ilustram a mesma Ordem, aos quais disse que pedissem a Nosso Senhor lhes revelasse quando havia de morrer, ao que responderam com profunda

¹⁹² No original está *assegurarem*.

humildade que não eram dignos de revelações do céu, mas, contudo, fizeram oração e foi-lhes revelado que a rainha havia de morrer depois que os recebesse em seu reino já havidos por mártires de Marrocos, aonde haviam de padecer pela fé católica; e sucedeu assi que a mesma rainha foi receber em Coimbra as santas relíquias destes mártires com uma mui solene procissão, na qual se viu que muitos fiéis ardiam no desejo de padecer martírio e por esta causa se moveu a ser religioso do bem-aventurado São Francisco Santo António de Lisboa, que já florescia em virtudes mui heróicas sendo cónego regular em o mesmo mosteiro de Santa Cruz de Coimbra quando nele foram colocadas as santas relíquias com grande glória de Deus Nosso Senhor, que entonces obrou por elas muitos milagres, os quais refere largamente a corónica do glorioso São Francisco, aonde está com grande louvor da nossa rainha o que Rui de Pina¹⁹³, coronista-mor deste reino, deixou escrito na história de seu marido el-rei Dom Afonso Segundo, por estas palavras: A rainha Dona Urraca, passadas poucas horas depois que as santas relíquias foram dadas à sepultura, acabou a vida e dali foi levada a Alcobaça aonde jaz, e na mesmo hora em que morreu, sendo noite profunda, Dom Pero Nunes ou Moniz, cónego e sancristão do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, varão por santidade mui esclarecido, confessor da mesma rainha, viu inumeráveis menores¹⁹⁴, entre os quais havia um que precedia aos outros com grande solenidade, e após ele iam cinco entre todos os outros com uma honra singular e, como entrassem assi no coro em procissão, logo cantaram matinas com tão doce melodia que se não pode dizer; e o dito Pero Nunes sancristão ficou pelo que viu todo atónito e perguntou a um deles a que vieram e por que lugar entraram tantos frades a tais horas, cerradas todas as portas do mosteiro, o qual lhe respondeu: nós todos quantos aqui vês fomos frades menores e reinamos gloriosamente com Cristo. Aquele que vês com tanta glória é São Francisco e aqueles cinco que entre os outros têm mais excelência são os frades que em Marrocos receberam martírio e estão neste mosteiro sepultados; e sabe que a rainha Dona Urraca passou desta vida em esta hora e, porque ela de todo coração amou nossa Ordem, Jesu Cristo nos mandou a todos cá, pera que por sua honra disséssemos aqui as matinas, e porque eras seu confessor quis o Senhor que visses estas cousas e não duvides da morte da rainha; porque ouvirás disto certa nova; e foi assi a vontade de Deus que tinha revelado se cumpriria quando seus corpos martirizados viessem de Marrocos a esta cidade de Coimbra. E acabando de

¹⁹³ As crónicas dos reis de Portugal de Rui de Pina circulavam manuscritas, a maior parte das quais só sendo impressa já no século XVIII. Só a *Crónica d'el-rei D. Afonso o IV do nome* foi impressa no século XVII (Lisboa, 1653), mas, como se vê, em data posterior à da edição destes *Jardim de Portugal*.

¹⁹⁴ Religiosos da Ordem dos Frades Menores (franciscanos).

dizer isto, logo se despediu e foi pera os outros e aquela procissão não foi mais vista sem fazer nenhum estrondo. Na mesma hora os que eram da família da rainha Dona Urraca bateram as portas do mosteiro e denunciaram aos cônegos que acudiram como a rainha Dona Urraca falecera, pelo que foi chorada sua morte de todo povo, porque era mui amiga dos pobres e de muita virtude. Até aqui Rui de Pina nos deu clara notícia da rainha Dona Urraca, mulher d'el-rei Dom Afonso Segundo, mui esclarecida em virtudes, pera glória de Deus, que seja louvado eternamente. Amen.

66. A INFANTE DONA MAFALDA, pertence a Arouca.

Agora se seguem três infantes mui singulares em todo género de virtude, das quais uma se chama Mafalda; e pomo-la primeiro, ainda que não era a mais velha, pera maior claridade das histórias das outras, e notamos que são algumas vezes chamadas rainhas, porque assi se chamavam antigamente as filhas legítimas dos reis, ainda que não herdassem reinos nem fossem casadas com reis. Também aos filhos e filhas dos reis foi posto o nome de infantes em nossa Espanha por que se lembrassem que fossem mansos e singelos como os meninos que não sabem falar e terem aquele louvor de Saúl, que era como menino de um ano quando começou a reinar, se forem por algum modo postos no governo do Reino. Foi, pois, a infante Dona Mafalda filha d'el-rei Dom Sancho Primeiro deste nome e de sua mulher Dona Aldonça, a qual chamam ordinariamente Dona Doce; depois que foi criada em santos costumes, casou com el-rei Dom Henrique o Primeiro de Castela, mas desfez-se este casamento sem inda estar consumado, pelo que tem título de virgem em seu epitáfio que se pode ver em o mosteiro de Arouca aonde viveu e morreu depois que deixou o estado soberano de rainha; trazia o hábito de São Bernardo, amava o recolhimento, era mui devota da Paixão, na qual meditava todos os dias em certa hora; dava-se à penitência e jejuava três dias na somana. Na sexta-feira procurava ter muito silêncio, trazer cilício e alargar mais o tempo da oração; rezava as horas canónicas com as religiosas no coro, tinha dom de Lágrimas, despendia sua fazenda com os pobres, particularmente favoreceu muito aos religiosas da Ordem do glorioso São Domingos; e por que evitassem demandas com a Sé do Porto, que padecia algum detrimento pela muita gente que se vinha enterrar à sua igreja, deu à Sé a parroquial de Santa Cruz de Riba de Leça. Foi mui devota da imagem de Nossa Senhora da Silva, à qual deu muitos ornamentos e jóias que ainda se conservam em a mesma Sé do Porto, aonde está a dita imagem que havia naquela cidade antes dos mouros e, depois dela livre, foi achada entre umas silvas e a par de fa dous momos que eram duas

medalhas mui grandes de bronze, nas quais se viam de relevo dous animais medonhos ao modo de sapos, cujas figuras foram despois retratadas e postas sobre a porta principal da mesma Sé, estando a Senhora com seu bento Filho no meio, segundo conta João de Barros, não o que fez as Décadas da Índia, senão outro, desembargador, que escreveu a Descrição d'Entre Douro e Minho que se conserva na Torre do Tombo. Dizem que esta infante fez a ponte de Canavezes, a barca de por Deus, e outras obras de grande magnificência, as quais alguns atribuem à rainha Dona Mafalda sua avó, mulher d'el-rei Dom Afonso Henriques. Despois que fez muitas proezas de virtude, veio-lhe uma grande enfermidade, dizem certas relações que fora do seu mosteiro de Arouca, mas eu sigo a primeira parte da Corónica de Cister¹⁹⁵, aonde se diz que enfermo dentro nele e sucedeu que, mostrando muita alegria quando já estava pera morrer, lhe perguntou a abadessa do mosteiro, Dona Aldara, que a havia servido no mundo, qual era a causa por que temera no discurso da vida muito a morte e no fim folgava tanto com ela; respondeu que a temera antes de a ver por que quando chegasse a não temesse. Dito assaz digno de ponderar pera os que vivem descuidados da morte, a qual é salto que todos havemos de dar e assi nos devemos preparar de longe, correndo os perigos dele com a consideração, pera no fim os passarmos com menos espanto e maior segurança.

Vindo, pois, a última hora, pediu a imagem do crucifixo que tinha diante de seus olhos, pronunciou muitas palavras de grande fé e esperança de se salvar por seu precioso sangue e, cheia de muita caridade, deu sua alma a Nosso Senhor, a quem sempre serviu, ficando o corpo tão fermoso que fez admiração. Sucedeu este felice trânsito no ano de mil e duzentos e cinquenta e dous, o primeiro de Maio. Dali a poucos dias deu fogo no mosteiro e foi vista andar com o bordão que trazia em vida apagando-o milagrosamente. Achando-se uma vez certa religiosa por nome Dona Violante de Sousa sem azeite pera prover o mosteiro, foi-se ao sepulcro desta bendita infante, pediu-lhe azeite e logo achou as talhas cheias até novidade.

Tudo isto conta com perfeição a Corónica de Cister, aonde acrescenta que el-rei Dom Afonso Quinto de Portugal desejava muito a veneração devida a tão santas obras e aos muitos milagres que fez esta infante, cuja sepultura foi aberta no ano de seiscentos e dezassete e saiu um cheiro suavíssimo; certas religiosas testificaram que ouviram músicas de anjos; finalmente, foram obrados alguns milagres, como refere o douto e pio Padre António de Vasconcelos tratando desta mui excelente infante na sua Descrição de Portugal¹⁹⁶, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja louvado eternamente. Amen.

¹⁹⁵ Fr. Bernardo de Brito, *Primeira Parte de Crónica de Cister (...)*, ob. cit., Livro sexto, cap. XXXV, esp. fl. 466v.

¹⁹⁶ P. António de Vasconcelos, *Descriptio Regni Lusitani*, ob. cit., p. 528-529, n. 9.

67. A INFANTE DONA SANCHÁ, pertence a Coimbra.

Como agora se chamam santos os que nadem em dia de Todos os Santos, assi antigamente se chamavam Sanchos, ainda que já tem este nome por amor de São Sancho, mártir insigne de Córdova, celebrado no Martirológio Romano a cinco de Junho. Teve-o uma infante de nosso Portugal, filha legítima d'el-rei Dom Sancho, o primeiro deste nome, e de sua mulher a rainha Dona Aldonça, a qual foi ilustríssima em todas as virtudes; primeramente cobrou grão devação à Virgem Nossa Senhora, deu-se à lição de livros de santos, aos quais procurava imitar e por isso fazia muitas penitências occultamente. Preguntava-lhe a rainha sua mãe com quem havia de casar e respondia que já tinha seu esposo, o qual era o Rei Celestial que a redimira com seu sangue. Sempre deu mui claros sinais de haver sido mulher de todas as virtudes, pelo qual el-rei seu pai lhe deu casa despois de morta a rainha e vivia com os exercícios de religiosa. Todas as quintas-feiras lavava os pés a doze mulheres pobres, dava-lhes de comer, servia-as à mesa e nenhuma cousa lhes encomendava mais senão segredo inviolável do que viam, so¹⁹⁷ pena de lhes não fazer esmolas ao diante. Dormia em uma cortiça e muitas vezes vestida por estar mais pronta pera a oração que frequentava de noite, ajudando-se com disciplinas; deu-lhe el-rei seu pai a vila de Alenquer, aonde se entregou a obras pias, de modo que sua casa mais parecia hospital de enfermos que paço de cortesões.

Foi mui perseguida com guerras que lhe fez el-rei Dom Afonso seu irmão, chamado o Gordo, por lhe tomar Alenquer, mas não lhe faltou defensão, valendo-se de armas e orações, de modo que tudo se acabou em seu favor. Determinou despois meter-se em um mosteiro e, porque florescia muito em observância a sagrada congregação de Cister, fez o que agora é chamado Celas em Coimbra, aonde se recolheu com admirável propósito de se apartar das cousas do mundo, pelo que, pedindo-lhe el-rei seu irmão casasse com Dom Pedro, rei de Castela e Leão, respondeu que de melhor vontade morreria que fazê-lo; e assi fez voto de castidade, vestiu-se no hábito de Cister que é o de São Bernardo e ordenou um singular modo de vida, com certos exercícios de muita perfeição.

Teve algumas causas pera tornar a Alenquer, aonde foi tão ditosa que hospedou em sua casa aqueles cinco religiosos da Ordem Seráfica, dos quais temos tratado, que foram mártires em Marrocos, deu-lhes cartas de muito favor pera seu irmão, o infante Dom Pedro, que estava mui valido d'el-rei na mesma cidade de Marrocos, permitindo-o Deus pera que pudesse tresladar as relíquias dos mesmos mártires pera o real convento de Santa Cruz de Coimbra, aonde agora estão mui venerados. Com a vista destes excelentes religiosos,

¹⁹⁷ Sob.

glória da Ordem Seráfica, procurou a nossa infante fazer maior penitência e acrescentar os exercícios santos com vigílias, orações e perpétuos actos de compunção, até que caiu em uma grave enfermidade que sofreu com muita paciência no seu mosteiro de Celas, aonde Nosso Senhor fazia por ela maravilhas notáveis, como foi sarar uma freira de um cancro, outra de dor de dentes, e as outras de várias enfermidades.

Vindo o tempo de sua morte, foi chamada sua irmã, a infante Dona Teresa, que vivia em Lorvão, como logo contaremos, a qual se achou presente quando as freiras de Celas estavam rezando pela nossa infante Dona Sancha, que deu sua santa alma a Nosso Senhor, dizendo-lhe aquilo das ladaínhas: *Omnes Sancti, et Sanctæ Dei intercedite pro ea*; todos os santos e santas de Deus entrecedei por ela; o dia foi treze de Março.

Não sei como Duarte Nunes e outros escrevem que esta nossa infante Dona Sancha está sepultada no real convento de Santa Cruz de Coimbra, mas devia ser outra do mesmo nome, porque a nossa de quem agora tratamos foi levada pera Lorvão e colocada no sepulcro que sua irmã Dona Teresa tinha feito pera si, aonde poucos dias depois afirmaram certas religiosas que viram grandes resplandores e, em uma véspera da festa de São Bernardo, foi vista por Dona Goda, abadessa daquele mosteiro, estar no coro mui resplandecente com sua irmã, a infante Dona Teresa, que depois lhe disse como falara com ela e tinha sabido que estava nos céus.

Tudo isto conta a Corónica de Cister¹⁹⁸, aonde mostra com elegante ponderação que Nosso Senhor obrou pelos méritos desta gloriosa infante muitos milagres, os quais deixamos por brevidade, e acrescentamos neste lugar o que Mestre André de Resende notou na história latina de São Frei Gil¹⁹⁹, honra da Ordem de São Domingos em nosso reino de Portugal, porquanto foi natural de Bousela, dizendo que quando esta nossa infante Dona Sancha o via, logo se punha de joelhos e pedia que lhe deitasse sua bênção; pelo que depois de sua morte apareceu e deu paz em a face a este santo, saudando-o com estas palavras: *Pax tibi*. Paz seja contigo. E que o santo apregoara esta maravilha testificando que dali por diante não tivera movimento carnal, pelo que a deviam tomar por avogada os que desejam ser mui castos, como também a inculca a história seráfica de Pedro Rodolfo que, tratando dos santos mártires da Ordem de São Francisco, diz que em Alenquer fazia esta nossa Dona Sancha muita penitência: *Et tanto amore, et spiritu propriam castitatem*

¹⁹⁸ Fr. Bernardo de Brito, *Primeira Parte de Crónica de Cister (...)*, ob. cit., Livro sexto, cap. XXXIII, fls. 457v.-460v.

¹⁹⁹ Veja-se a edição de Fr. Estêvão de Sampaio, *Thesaurus arcanus lusitanis refulgens in quo Aegidii magi olim theurgici stupenda historia variis exculata dialogis (...)*, ob. cit., fl. 39v.-40r.

diligebat, vt diceret malo paradiso priuari quam castitatem meam violari. E amava tanto a castidade que dizia que antes queria ir ao inferno que ofendê-la, pera glória de Deus, que seja sempre louvado. Amen.

68. A INFANTE DONA TERESA,

pertence a Lorvão.

Têm muitas mulheres ilustres o nome de Teresa em nossa Espanha porque esteve em um deserto de Barcelona, fazendo penitência, a gloriosa Santa Teresa que, deixando de ser casada com o bem-aventurado São Paulino, bispo de Nola, se fez religiosa com este santo seu companheiro da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho, que não se fartava de dar graças a Deus por ver em a ordem monacal, que instituiu no ermo, pessoas tão ilustres em todo género de virtude, como se pode ver em as cartas que sobre esta matéria lhes escreveu, e São Pedro venerável ponderou que os louvava muito por haverem sido seus religiosos e acerca d'isso fez os seguintes versos, aonde trata de Pedro pictaviense:

_____ *Notat eius penna iugales,*
Paulinum Sanctum, Theresiãmqe suam:
Hos natale solum pro Christo deseruisse.
Hos cœlum terra præpossuisse probat.

A pena do bem-aventurado Santo Agostinho também se estendeu em louvar São Paulino e Santa Teresa, porque deixaram sua pátria e antepuseram as cousas do céu às da terra.

Entre as mui ditosas mulheres que tiveram este nome foi a infante Dona Teresa, filha d'el-rei Dom Sancho Primeiro e de sua mulher, a rainha Dona Aldonça. De pouca idade deu claros sinais de quão santa havia de ser ao diante. Alcançou uma aia chamada Dona Goda, digna de ser contada entre as mulheres de nosso Portugal insignes em virtude, que ensinou a esta infante, primeiro com exemplos, depois com palavras de muita prudência; fê-la mui amiga do jejum, do sacrificio, da missa e de rezar de joelhos diante de alguma imagem.

Vindo a ser de idade, casaram-na com el-rei de Leão Dom Afonso seu primo, mas succedeu fazer-se primeiro este casamento que houvesse a dispensação, a qual nunca o Papa quis dar, por que os cristãos fossem mui obedientes e não tivessem exemplos de primeiro se casar e então depois alcançarem as dispensações para os casamentos serem valiosos e, porque se deixaram estar sem ela, logo vieram do céu castigos mui grandes a este reino,

porque houve fome admirável e sobreveio tal peste que diz o coronista Rui de Pina que em lugares mui grandes escassamente ficavam três pessoas vivas; não faltou guerra, porque três reis mouros, um de Marrocos, outro de Sevilha e o terceiro de Córdoba, fizeram liga contra os portugueses e, repartidos por várias partes, destruíram muitos lugares até chegarem a Almada e porem em grande aperto a cidade de Lisboa, que toda se houvera de despejar se el-rei Dom Sancho não estivera presente pera a defender; houve, finalmente, um eclipse que durou muito e pôs grande espanto. Acudiu o Sumo Pontífice que então era Inocêncio Terceiro, mandou que se cortasse a raiz destes males e se fizesse divórcio, porque o pecado de aquele casamento ser feito sem dispensação era a causa. Veio de Roma a este tão importante negócio Guilherme cardeal, do título de Santo Ângelo, o qual depois de tratar o caso com varões doutos em Salamanca, mandou a Leão que se dirimisse o matrimónio; e porque ainda [assim] se não obedeceu, pôs interdito a ambos reinos de Portugal e Leão que durou um ano, um mês e três dias, até que el-rei de Leão veio a Portugal e tratou com el-rei Dom Sancho sobre o modo que havia de ser o divórcio; ajuntaram-se pera isto em Trancoso e resolveu-se que el-rei de Leão ficasse com um filho e duas filhas que já tinham ambos e desse à infante Dona Teresa certos lugares em Leão, os quais rendessem pera se sustentar conforme a sua pessoa.

Tornou a infante Dona Teresa pera Portugal e fez vida mui religiosa, ocupando-se em jejuns, esmolos e orações, mas pera maior quietação desejou edificar um mosteiro da observância de Cister, pera se recolher nele e fazer a mais perfeita vida que pudesse. Começou, pois, a edificar em duas ou três partes, mas foi cousa de grande espanto que tudo quanto se fazia logo se tornava a desfazer, pelo que, vendo que trabalhava debalde, pediu com muita eficácia a Nosso Senhor Ihe fizesse mercê de Ihe mostrar o sítio em que era servido se fizesse o seu mosteiro e que fosse tal que não visse mais que o escabelo de seus pés, que é o céu. Ouvia Deus sua oração e foi-lhe revelado que o lugar havia de ser aonde as águas corriam em cruz e estava um loureiro bravo. A infante mandou buscar este sítio e achou-se que era Lorvão, lugar que tomou o nome daquele loureiro, de modo que Lorvão é o mesmo que louro vão, onde estava um mosteiro de monges do bem-aventurado São Bento, com os quais a infante se concertou e, deixando-lho, foram edificar outro, que é o de Pedroso, não longe da cidade do Porto.

Recolhida a infante neste antigo mosteiro de Lorvão, com licença do Papa Inocêncio Terceiro fê-lo de religiosas da observância de Cister, e a primeira abadessa foi Dona Goda, aia da mesma infante, que folgava muito de Ihe obedecer; andava com o hábito como qualquer religiosa, vivendo como noviça, usava de cilício e camisa de estamemha, dormia sobre um enxergão de palha e não tinha mais que uma manta grossa pera se cobrir. Levantava-se

primeiro que as religiosas a tanger os sinos, acordava-as com muita diligência e grão humildade, jejuava a quaresma, o advento e as quartas e sextas-feiras do ano a pão e água; também pelo ano jejuava segundas e sábados comendo alguns legumes e pouco peixe. Aos que lhe diziam que não se debilitasse respondia que era necessária muita penitência por que a morte a não tomasse despercebida, e assi se afligia com muitas e mui rijas disciplinas. Era mui amiga dos pobres, com os quais gastava a maior parte de suas rendas, encomendava-lhes a limpeza dizendo que bem podiam ser pobres e mais limpos, e a este propósito afirmava que o trato corporal exterior era indício pera conhecer o interior.

Perseguiu-a seu irmão, el-rei Dom Afonso, depois da morte de seu pai, a fim de tomar pera a Coroa a vila de Montemor-o-Velho que lhe fora dada em dote. Deixando, por isso, a paz de seu mosteiro se foi pera esta vila, a qual defendeu com armas o príncipe de Leão, Dom Pedro, seu filho, e a deixou segura com muito boa gente de guarda, até que escreveu ao²⁰⁰ Papa e por seus agentes compôs tudo de maneira que se tornou pera Lorvão; mas não se passou muito tempo sem ter outra vez inquietações, porque lhe morreu o filho Dom Fernando, príncipe de Leão. E el-rei Dom Afonso, que havia sido seu marido, casou-se com a filha d'el-rei de Castela e, porque tratava mal as filhas da nossa infante, foi constrangida ir a Leão, donde não se veio sem deixar tudo em paz e trazer suas filhas, Dona Aldonça e Dona Sancha.

Tornando a seu mosteiro de Lorvão, preparou-se pera a morte e, pera mais se lembrar dela, mandou lavar as pedras de sua sepultura, as quais regava com muitas lágrimas e estava uma hora cada dia em oração a par delas, rezando o ofício dos defuntos. Sucedeu neste tempo que morreu sua irmã, a infante Dona Sancha, da qual temos tratado, em Celas e fez que fosse enterrada neste seu sepulcro. Era devotíssima do Santíssimo Sacramento, que recebia duas vezes cada somana. Continuava as horas do coro e ficava muitas vezes nele, pelo que uma foi vista estar tão clara e resplandecente como se fosse uma tocha acesa, em sinal do grande amor em que ardia pela contemplação das cousas do céu. Muitos fiéis por suas orações foram socorridos milagrosamente e assi um tolhido de um braço sarou tomando uma esmola de sua mão. Uma freira aleijada sarou perfectamente vestindo uma saia desta infante, outra sarou de asma bebendo uma pouca de água com que ela tinha lavado as mãos e era fama que muitos saravam de maleitas com semelhante água. Trouxe-lhe uma mulher um menino quasi morto pera que lho sarasse. Admirou-se e disse-lhe que fosse aos santos com semelhantes petições; estava presente seu confessor, o qual lhe disse que consolasse aquela mulher. A santa infante obedeceu e tomando o menino nos braços levantou os olhos ao céu

²⁰⁰ No original está apenas o.

e disse: Sare-te Nosso Senhor; com as quais palavras sarou milagrosamente. Muitas outras maravilhas obrou Nosso Senhor pelos méritos desta nossa infante que pediam maior espaço de tempo pera serem referidas.

Vendo-se em uma enfermidade perigosa, preparou-se logo pera a morte e em um dia, que foi o derradeiro de sua vida, mandou que a levassem à igreja, aonde recebeu os sacramentos e pediu às religiosas que cantassem a *Magnificat*, porquanto era mui devota deste primeiro cântico do Novo Testamento por amor de quem o fez, que foi a Virgem Senhora Nossa; quando as religiosas repetiram aquele verso *Suscepit Israel puerum suum*, recebeu seu infante Israel, dobrou seu rosto sobre as mãos e deu sua alma a Nosso Senhor, aos dezassete de Junho. Certificaram logo muitas pessoas que viram sobre o mosteiro um grande resplendor e fez despois muitas maravilhas em o sepulcro, segundo nota a *Crónica de Cister*²⁰¹ em o sexto livro da primeira parte, que seguimos em tudo o que está dito.

No ano de mil e seiscentos e dezassete foi aberto o mesmo sepulcro e estava seu corpo incorrupto; também se obraram muitas maravilhas, pelas quais e por todas as outras desta mui santa infante seja Nosso Senhor sempre louvado. Amen.

69. A INFANTE DONA ALDONÇA, pertence a Alenquer.

Foi derivado o nome de Aldonça em nossa Espanha de Santo Ilafonso; teve-o uma infante, filha d'el-rei Dom Afonso Décimo de Leão e da infante Dona Teresa, da qual acabamos de tratar, e ainda que se desfez o matrimónio de seus pais, não deixou de ser legítima por ser havida em boa fé e despois legitimada, como seu irmão o príncipe Dom Pedro e sua irmã Dona Sancha. Casou-se el-rei seu pai com Dona Berengária, filha d'el-rei de Castela, que dava má vida a estas filhas da infante Dona Teresa, pelo que as foi buscar a Leão e trouxe-as a nosso Portugal, aonde se exercitaram em muitas virtudes. E a que agora mais ilustra nosso Jardim, estando uma vez em perigo de morte, ouviu dizer à infante sua mãe que se encomendasse ao glorioso Santo António, que por esse tempo fazia muitos milagres. Fê-lo assi e foi Deus servido dar-lhe uma êxtasis com a qual cuidavam todos que morria e foi ao contrário, porque sarou pelos méritos do bem-aventurado Santo António, que lhe disse: Deus me envia a ti pelos rogos de tua mãe, para que escolhas ou morrer logo e ir comigo à glória, ou ficar cá no mundo e ser logo sã. Ao que respondeu a

²⁰¹ Fr. Bernardo de Brito, *Primeira Parte de Crónica de Cister (...)*, ob. cit., Livro sexto, cap. XXXI-XXXII, fls. 452v.-457v.

enferma: Se Nosso Senhor fosse servido, folgara de o servir inda algum tempo em companhia de minha mãe. O santo logo lhe deu saúde e a beijar o seu cordão, pelo que chamou pela infante sua mãe, gritando: Senhora, senhora, eis aqui o bem-aventurado Santo António; eu o tenho preso pelo meu cordão, que me deu a beijar, e juntamente alcancei saúde. Acudindo a infante Dona Teresa sua mãe, não se fartava de dar graças a Deus por ver sua filha viva, a quem a tinha por morta; e pera maior glória de Deus ordenou que este milagre fosse publicado em todo o reino, segundo escreve Frei Jeronimo Roman em a História dos Santos de Espanha²⁰², tratando do mesmo Santo António, com quem esta infante nos insinou a pegar com muita confiança e a beijar seu cordão, como agora em muitas partes é costume quando passa algum religioso da Ordem do glorioso São Francisco, pelo que Nosso Senhor nesta vida e na outra seja sempre louvado. Amen.

70. SANTA ESPINELA, de Arouca.

Entende-se que foi religiosa de Cister em o mui observante mosteiro de Arouca, aonde tem suas relíquias, e afirmam muitos fiéis que alcançam por seus méritos grandes mercês do céu. Devia ter vida mui excelente e cheia de virtudes, pelo que conta o sexto livro da Corónica de Cister²⁰³ que foram ouvidas em sua morte vozes de anjos. Celebra-se sua festa dia de todos os santos em aquele mosteiro, pelo que não fica menor que se fosse em outro dia, pois se lembram dela seus devotos, em particular quando festejam todos os outros geralmente.

Conta o mesmo livro da Corónica Cisterciense que uma religiosa daquele mosteiro, por nome Antónia de Escovar, teve um inchaço que lhe naceu em o nó da garganta e chegava a lhe impedir a fala e o comer e cada hora se agravava mais, sem que consentisse que lhe pusessem a mão, pelo qual andava arreceosa de perder a vida; mas tomando por intercessora Santa Espinela e indo a seu sepulcro, pediu-lhe com lágrimas socorro e, como um dia insistiu muito nesta petição, adormeceu junto à sepultura da santa, que lhe apareceu com seu hábito branco e, despois de a animar a ter paciência, disse-lhe que acordada olhasse pera baixo de seu sepulcro e que acharia unguento com que sem dúvida lhe seria restituída a saúde desejada. Acordou a enferma e achou dentro de um papel certo unguento mui brando e mui cheiroso, pô-lo

²⁰² Sobre esta obra de Fr. Jerónimo Román, O.E.S.A., veja-se *supra* n. 178.

²⁰³ Fr. Bernardo de Brito, *Primeira Parte de Crónica de Cister (...)*, ob. cit., Livro sexto, cap. XXXVI, fl. 467v.-468r.

na garganta e foi de tanta eficácia que logo desapareceu aquele inchaço sem deixar sinal aonde de antes estivesse. Muitos outros milagres fez Nosso Senhor por esta serva sua, pelos quais seja louvado eternamente. Amen.

71 E 72 E 73. MARIA DOMINGUES DE SANTARÉM
E OUTRAS
da mesma vila.

Na história de São Frei Gil escreve Mestre André de Resende²⁰⁴ que houve em Santarém uma donzela chamada Maria Domingues, a qual, metida entre duas paredes, fazia vida singular em todo género de virtude, pelo que veio ter com ela uma mulher enferma do mal de Santo Antão, que já lhe tinha feito o rosto em covas, pedindo-lhe que a sarasse; respondeu a serva de Deus que lhe não podia fazer nenhum bem, mas que fosse ao sepulcro de São Frei Gil e pusesse, no rosto, de sua terra porque esperava em Deus que teria saúde; fê-lo assi a enferma três ou quatro vezes e sarou, louvando a santidade do bem-aventurado São Frei Gil e juntamente a fé daquela humilde reclusa, de quem faz menção o reverendo padre Frei Luis de Sousa no livro quinto da História de São Domingos²⁰⁵ deste reino e diz que era havida por santa e como tal foi a primeira prelada do mosteiro das Donas de Santarém antes de ser admitido ao governo da Ordem do glorioso São Domingos.

Por esta idade havia em Santarém muitas mulheres de grão virtude, entre as quais é mui louvada Dona Goutina, viúva nobre, rica e por extremo amiga dos pobres, com os quais gastava quanto tinha, não procurando menos de lhes entregar sua fazenda pera a achar em a outra vida diante de Deus do que os mercadores na Índia trabalham por entregar suas riquezas a quem lhas ponha com segurança em Portugal; particularmente a vemos mais louvada em honestidade, que nas mulheres nobres é de maior estima; fez muita penitência e, recebendo os sacramentos, fez vida de mui excelente matrona, pelo que, quando morreu, foi revelado a outra não menos virtuosa e grande sua amiga, por nome Dona Maria Bernardes, que havia subido ao céu por uma escada de ouro, significadora da perfeição que tinha obrado com muita caridade, segundo conta Mestre André de Resende na história de São Frei

²⁰⁴ Veja-se a edição de Fr. Estêvão de Sampaio, *Thesaurus arcanus lusitanis refulgens in quo Aegidii magi olim theurgici stupenda historia variis excolta dialogis (...)*, ob. cit., fls. 84v., 113v. e 126v.

²⁰⁵ Fr. Luís de Sousa, *Primeira Parte da História de S. Domingos, particular do reino e conquistas de Portugal (...)*, S. Domingos de Benfica, 1623, Livro V, cap. XXII, fl. 280r. e cap. XXVIII, fl. 288v.

Gil²⁰⁶, aonde faz menção de ambas como de portuguesas mui ilustres em virtude, pera glória de Deus Nosso Senhor que seja sempre louvado. Amen.

74 E 75. ELVIRA PAIS E ELVIRA DUROA, de Santarém.

Pondera o autor do Tesouro da Língua Castelhana²⁰⁷ que como os hebreus do nome *is*, que quer dizer homem forte, tiraram o de *ilsa*, que significa a mulher varonil, assim os antigos espanhóis, do nome latino *vir* derivaram o de *vira*, acrescentando-lhe o artigo *el*, que se atribui às cousas grandes em seu género, como advertiu o nosso primeiro rei de Portugal, que não se assinou Rei somente, como se costuma chamar o de França, nem Eu El-Rei como o de Castela, senão El-Rei, havendo que o artigo *el* levanta o nome de rei em tal maneira que sem ele parece menor e com ele fica tamanho que não pode ser mais. Do próprio modo, o nome de *vira* com o mesmo artigo fica sendo Elvira, que quer dizer matrona, ou a varoa, isto é, a mulher tão varonil que não lhe falta de varão mais que o hábito, qual foi Elvira Pais em Santarém, mui devota e amiga da contemplação divina e, sobretudo, humilde, pelo que diz Mestre André de Resende²⁰⁸ que foi dificultosíssima de dar seu testemunho nas informações que se faziam da santidade e milagres de São Frei Gil, do qual havia sido mui particular discípula. Enfim, jurou que uma vez vira este seu santo mestre e ao bem-aventurado Frei Domingos da Cuba, também religioso de grandíssima santidade entre os primeiros que teve a esclarecida Ordem dos Pregadores, e que ambos estavam vestidos de púrpura e ouro ao pé de uma escada que chegava da terra aos céus, no meio da qual estavam dous anjos que lhes diziam: Vinde, irmãos, subi, porque vos chama o Senhor. E que subiram pela escada acima d'após os anjos, à qual visão se deu grão crédito, pelo muito que se tinha desta serva de Deus em aquela terra, pelas excelentes virtudes de que era dotada e em que é de crer que sempre perseverou.

[75.] Elvira Duroa foi outra mulher da mesma vila de Santarém em o mesmo tempo, a qual, determinada de seguir o caminho da virtude, fazia muita

²⁰⁶ Veja-se a edição de Fr. Estêvão de Sampaio, *Thesaurus arcanus lusitanis refulgens in quo Aegidii magi olim theurgici stupenda historia variis exculpta dialogis (...)*, ob. cit., esp. fl. 121r-v.

²⁰⁷ Sebastián de Covarrubias Orozco, *Tesoro de la Lengua Castellana, o Española*, ob. cit.

²⁰⁸ Cf. Fr. Estêvão de Sampaio, *Thesaurus arcanus lusitanis refulgens in quo Aegidii magi olim theurgici stupenda historia variis exculpta dialogis (...)*, ob. cit., fl. 121v.

penitência, frequentava os sacramentos da confissão e da comunhão, era amiga de orar na igreja e, estando uma vez na do mosteiro de São Domingos daquela vila, viu sair do coro, acabada a missa, ao glorioso São Frei Gil e entrar em uma casa que estava a par da sancristia, aonde se chegou e viu estar sobre a cabeça do santo uma coluna que vinha do céu e o fazia tão resplandecente como um cristal em que dão de frecha os raios do sol, e o santo ficou em sua própria e ordinária figura e deu um grande gemido ao modo de quem acordava de um profundíssimo sono, indo-se daquele lugar às apalpadelas, como cego. Com este caso se moveu Elvira Duroa a servir a Deus com tanto espírito como se nunca até àquela hora o servira, trazendo sempre diante dos olhos as virtudes de São Frei Gil; e desejando de as imitar, fez uma casinha mui estreita a par do templo da Santíssima Trindade aonde viveu até à morte, dando-se à oração, ao jejum, ao apartamento do mundo, ao trato do céu, estimando sobretudo a virtude da humildade, pelo que nunca disse esta visão senão no ano de mil e duzentos e sessenta e cinco em que morreu São Frei Gil, e disse-a a outro grande servo de Deus chamado Frei Bernardo, francês de nação, o qual então florescia em todo género de virtudes em o mesmo mosteiro de São Domingos de Santarém, segundo lemos no livro citado do Mestre André de Resende, pera glória de Deus, que seja sempre louvado. Amen.

76. SANTA TAREJA, de Ourém.

Em Ourém, mui nobre vila do duque de Bargaça, houve uma mulher de grão virtude, natural de uma aldeia não mui distante da mesma vila chamada Zambujal e ela Tareja, a qual era mui amiga da virtude e veio a ser ama de um dos priores que havia em aquela vila antes da sua colegiada tão insigne, como todos sabem, pelo bem (pera que deixe outras excelências) com que nela se celebram os officios divinos. Continuando em os exercícos de virtude, veio a florecer em milagres, dos quais imprimiu os três seguintes em sua Descrição de Portugal o reverendo Padre António de Vasconcelos²⁰⁶. Tendo compaixão de certo pobre que viu mal vestido, deu-lhe uma vestidura velha de seu amo, o qual o sentiu muito e pelejou de maneira que fez com que o pobre lhe tornasse a vestidura, sem que aproveitassem os rogos desta serva de Deus, que lhe disse por muitos modos que não tomasse a vestidura que estava dada ao pobre, lembrando-lhe que não lhe era necessária e tinha outras guardadas que não serviam senão de pasto pera a traça. Não quis o amo

²⁰⁶ P. António de Vasconcelos, *Descriptio Regni Lusitani*, ob. cit., p. 526-527, n. 1-5.

condescender com tais rogos e ficou com sua vestidura, mas a serva de Deus recorreu a este Senhor pedindo-lhe muito confirmasse a dádiva que estava feita por seu amor, de modo que o pobre ficasse com vestido e o amo conhecesse sua avareza. Apareceu-lhe logo um anjo que lhe deu uma vestidura, a qual não tinha nenhuma diferença da que fora dada ao pobre e seu amo lhe tomara; deu-a ao pobre e, vendo[-o] o amo vestido com ela e que era do mesmo modo da sua, pasmou, até que veio saber a verdade e conhecer sua avareza, confundido com a virtude da ama que tinha em sua casa. Notamos que não mandou Deus por um anjo outra vestidura melhor ao pobre do que era a velha que lhe tinha dado Santa Tareja, pera nos ensinar que folga que se dêem os vestidos velhos e já usados aos pobres, o que em certo modo significou a Magdalena, enxugando com seus cabelos os pés do Senhor, pelos quais entendemos os necessitados que devemos socorrer pelo menos com as cousas que nos sobejam e crecem em casa, como os cabelos em a cabeça.

Sucedeu que, levando a Santa Tareja uma cesta de fatias de pão aos pobres, topou com seu amo que lhe perguntou que levava e subitamente respondeu que levava rosas, e assi era, porque aqueles pequenos de pão logo se converteram em rosas e com razão, porque assi como destas escrevem que têm virtude de afeiçoar e abrandar os ânimos dos que as tratam, assi as esmolas afeiçoam e rendem a Nosso Senhor que nos faça mercês, segundo aquilo: Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia.

Como esta serva de Deus era mui dada à oração mental, veio a ter muitas consolações do céu e, assi como o ferro posto na frágua perde suas condições de ser duro, frio, feio e fica semelhante ao mesmo fogo abrasado, brando, feroso, assi muitas vezes estava tão quieta, recolhida e abrasada em amor que não parecia senão um serafim dos céus. Viu-se mui bem isto em um dia que tinha o pão amassado, senão quando entrou em uma altíssima contemplação e esqueceu-se de o levar ao forno, deixando-se estar na igreja toda aquela noite, senão quando pela manhã se lembrou do pão e encomendou esta necessidade a Deus que lhe fez a mercê de a ouvir, porque vindo pera casa achou o pão como desejava, cosido per ministério dos anjos. Em que Nosso Senhor quis ensinar que não estorvemos aos que estão em oração pera que façam cousa de menos importância, porque quando a fizerem será bem feita e, quando a não poderem fazer, os anjos serão em sua ajuda, pera que seja feita como é razão.

Verdade seja que muitas vezes quer Deus Nosso Senhor deixemos as cousas da vida contemplativa pelas mais necessárias da activa, como o mesmo Senhor insinou à Magdalena quando lhe disse no dia de sua ressurreição: Não me queiras tocar, porque inda não subi pera meu Padre Eterno. Queria a Magdalena pôr-se como costumava a seus pés em oração, mas o Senhor a mandou dar antes nova de sua santa ressurreição aos Apóstolos que estavam mui

tristes e usou das sobreditas palavras como se dissera: Hei-de estar alguns dias inda na terra, pelo que tens tempo de te ocupar em teu antigo costume de estar assentada a meus pés, ouvindo minhas palavras. Agora vai consolar meus discípulos com a nova de minha ressurreição, porque antes quero tenham alegrias que não tuas contemplações; assi esta santa, ainda que era mui amiga de ir à igreja e rezar e orar, deixava muitas vezes estes exercícos por consolar os tristes, aliviar os enfermos e socorrer aos presos que livrava das suas angústias milagrosamente, porquanto vivia a par da cadeia em que estavam.

Uns ladrões ou, segundo outros, certos homens desonestos apostaram-se uma noite a afrontar esta serva de Deus, a qual não sabia nada, mas estava, como costumava, na igreja, rogando a Nosso Senhor por si e pelas necessidades dos próximos; e sucedeu que nunca aqueles homens puderam arrancar a fechadura de sua casa por mais que trabalharam por isso, antes lhe ficaram as mãos pregadas e fixas na porta e não as puderam desaferrar até que a própria Santa Tareja rogou por eles a Nosso Senhor com aquele afeito de caridade que Santo Estêvão mostrou e rogou com maior devação pelos que o pedrejavam que por si mesmo, porque encomendou sua alma a Deus em pé com voz baixa e como por entre dentes, mas per seus inimigos pôs-se de joelhos e com voz alta rogou ao Senhor lhes perdoasse, escusando-os que não eram sabedores do que faziam. E como foi de muito louvor pôs-se de joelhos este primeiro mártir e assi orar por seus inimigos, por isso de ordinário se pinta na mesma postura, do mesmo modo a gloriosa Santa Tareja, ainda que fez muitos milagres, de nenhum se preçou mais que deste de rogar por seus inimigos e assi está em um altar da igreja de Ourém sua imagem com a fechadura de sua casa em a mão, manifestando á mercê que Deus lhe fez em rogar por eles ou, dizendo tacitamente, quanto mais rogará por seus amigos, pois rezou com tanta eficácia por seus inimigos.

Deu sua alma a Nosso Senhor no ano de mil e duzentos e sessenta e seis, a três de Setembro. É celebrada e visitada de muita gente que a tomam por avogada, principalmente pera dores da cabeça, e acham-se muito bem beijando a sua cabeça que se conserva encastoadada em prata. Dizem em sua memória a missa de Todos os Santos e fazem-se por sua intercessão muitos milagres, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

77 E 78. A INFANTE DONA BRANCA DE COIMBRA E UMA RAINHA

do mesmo nome.

É tomado este nome Branca em Espanha por memória da gloriosa Santa Leocádia virgem e mártir e padroeira de Toledo, porque o mesmo é entre os

gregos Leocádia que entre nós Branca, ainda que no Martirólogo Romano achamos seis santas, cada uma das quais é chamada Cândia, que quer dizer Branca; e é tão antigo este nome entre os cristãos que o teve uma discípula de São Pedro, príncipe dos Apóstolos, a qual é celebrada em Nápoles a quatro de Setembro.

Teve este nome uma infante, filha d'el-rei Dom Afonso, terceiro em nosso Portugal, e de sua mulher a rainha Dona Brites. De mui pouca idade foi freira da Ordem de São Bernardo no mosteiro de Lorvão, depois levada a Burgos pera abadesa das Huelgas, um dos mais ilustres ou o mais ilustre mosteiro de religiosas que hoje tem a cristandade. Escreveu dela Pedro de Mairiz que viveu com muita religião e virtude, como se pode ver em seu Diálogo segundo de Vária História²⁰⁷, pelo que recebeu de Nosso Senhor muitas mercês, uma das quais é a primeira que se conta no livro impresso dos Milagres do Santo Crucifixo²⁰⁸ que está no nosso mui antigo mosteiro da Ordem de Santo Agostinho em Burgos e foi desta maneira. Caiu em uma doença mui perigosa que a tinha posto no cabo da vida, mas encomendou-se de todo o coração ao Santo Crucifixo de Burgos e logo sarou e por agradecimento da mercê veio visitá-lo; e porque o lugar aonde estava era pequeno, mandou que lhe comprasse um sítio junto a ele pera que ficasse maior; e porque pertencia à Coroa, alcançou licença pera se vender e fazer a carta d'el-rei Dom Sancho, o quarto de Castela, seu tio, que então reinava, como consta da mesma carta d'el-rei que se conserva no mosteiro de Santo Agostinho de Burgos, feita em Touro²⁰⁹ na era de mil e trezentos e cinco, que é o ano do Senhor de mil e duzentos e oitenta e sete, em que esta infante acabou tão piadosa obra morando em seu mosteiro das Huelgas a par de Burgos aonde viveu com muitas virtudes, segundo lemos no mesmo Livro dos Milagres do Santo Crucifixo²¹⁰ que trata dela como de mulher excelente em virtudes e assi deve ser louvada por esta rezão de nosoutros; e ainda que alguns autores contam cousas mui indecentes desta nossa infante, é crível que na verdade fez penitência e alcançou perdão, nem tratamos dela senão enquanto fez cousas muito boas e morreu com louvor. Afirma o mesmo livro que foi sepultada no mosteiro das Huelgas que os reis seus progenitores tinham edificado, pelo que não está enterrada em Lorvão, como escreveu Rui de Pina

²⁰⁷ Pedro de Mariz, *Diálogos de Vária História. Em que sumariamente se referem muitas cousas antigas de Espanha e todas as mais notáveis que em Portugal aconteceram em suas conquistas (...)*, Coimbra, 1594, Diálogo segundo, cap. XI, fl. 96r (reed. ibi, 1599).

²⁰⁸ Refere-se ao muito editado *Libro de los Milagros del Santo Crucifixo que está en el monasterio de San Agustín de la ciudad de Burgos*, Burgos, 1574, 1622, etc. Cf. edição de Burgos, 1574, esp. fl. 14v.-16r.

²⁰⁹ Toro.

²¹⁰ *Libro de los Milagros del Santo Crucifixo que está en el monasterio de San Agustín de la ciudad de Burgos*, Burgos, 1574, esp. fl. 16v.-20v.

na Corónica d'el-rei seu pai Dom Afonso Terceiro, e não sei como o autor do Tesouro da Língua Castelhana²¹¹ na palavra Huelgas diz que esta excelentíssima infante foi filha d'el-rei Dom Sancho Capelo, não o sendo senão de seu irmão, el-rei Dom Afonso Terceiro, segundo está dito.

Outra Dona Branca, chamada Rainha de Castela, lemos que também viveu em nosso reino de Portugal mui ilustre em virtude e como tal fez o mosteiro velho da Ordem do glorioso São Domingos em a cidade de Coimbra, a qual está enterrada em o real mosteiro de Santa Cruz da mesma cidade, como consta do antigo livro dos bispos de Coimbra que tem a sua Sé quando trata de Dom Tibúrcio, pera glória de Deus, que seja sempre louvado. Amen.

79. DONA SANCHÁ, primeira comendadeira de Santos, de Lisboa.

Como el-rei Dom Afonso Henriques tomou a cidade de Lisboa aos mouros teve muito cuidado de saber se havia memória das relíquias dos santos mártires Veríssimo, Máxima e Júlia, que nela ficaram escondidas desde o tempo da entrada dos mouros, e facilmente alcançou notícia certa do que desejava porque havia alguns cristãos que moravam em a mesma cidade, quando era dos mouros, a par do lugar aonde era tradição que as esconderam, pelo que mandou ali lavar uma pequena igreja em memória dos santos mártires, como consta de um privilégio que se conserva no convento de Palmela feito por el-rei Dom Sancho o Primeiro, porquanto esta igreja foi dada pelo mesmo rei a certos clérigos mui virtuosos que viviam em comunidade e serviam como de capelães aos ilustres cavaleiros da Ordem de Santiago, os quais estiveram ali até que se fundou outro convento de sua Ordem em Mértola, no fim do reinado d'el-rei Dom Afonso, terceiro deste nome em Portugal; e posto que as relíquias dos santos ainda não estavam descobertas, eram contudo mui veneradas e visitadas em aquela igreja pelos fiéis que ali por seus méritos recebiam muitos favores do céu. E assim, depois, em lugar dos clérigos ocuparam aquele recolhimento as mulheres e filhas dos comendadores de Santiago que costumavam, quando havia guerras, ficar recolhidas em algum mosteiro até que se acabassem, ou pera sempre se os cavaleiros morriam nelas, e tinham por governadora uma que chamavam por excelência a Comendadeira, a primeira das quais neste reino foi Dona Sancha, de quem agora tratamos, mulher de tão santa vida que achou por revelação dos céus as relíquias tão desejadas em Lisboa dos santos mártires Veríssimo, Máxima e

²¹¹ Sebastián de Covarrubias Orozco, *Tesoro de la Lengua Castellana, o Española*, ob. cit.

Júlia; e por que não houvesse dúvida, fez Nosso Senhor logo muitos milagres e saía de seus ossos uma fragrância divina; donde nasceu que não somente o povo cristão de Portugal, mas ainda os estrangeiros que vinham a Santiago costumaram dali por diante visitar estes santos mártires que estavam colocados em sua antiga igreja com grande reverência; e posto que não se escreveram os milagres que fizeram neste tempo, contudo houve diligências pera que ao diante se escrevessem muitos, dos quais tresladei o seguinte, pera maior consolação dos que são devotos destes santos. Sucedeu, pois, que uma mulher de Cerzeda tinha um filho a quem de tempos em tempos vinham assombra-mentos terríveis e ficava como morto; fez voto de o trazer cada ano com uma vela e vir ao sepulcro destes santos se lhe desse saúde. Sarou o moço, mas o voto em três anos nunca se cumpriu, pelo que sonhou esta mulher que dous demónios lhe queriam levar aquele menino dos braços e apareceu-lhe um dos santos e o defendeu, dizendo a sua mãe quem era, lembrando-lhe que cumprisse seu voto; fê-lo a mulher dali por diante e sempre levou o filho cada ano ao sepulcro dos santos, até que foi grande e ficou com a obrigação; mas indo um dia a satisfazê-la, levou uma vela feita de cera furtada, pelo que apareceu o glorioso São Veríssimo à mãe do moço e disse-lhe que cumprisse o voto verdadeiramente, porque seu filho queria dar uma vela que furtara, pelo que a mulher buscou outra própria sua que trouxe aos santos, havendo medo de castigos do céu se não cumprisse seu voto assi como tinha prometido.

Muitos outros milagres se fizeram na igreja antiga dos Santos despois que foram achados pela comendadeira Dona Sancha no fim do reinado d'el-rei Dom Afonso Terceiro e princípio do d'el-rei Dom Dinis, até que no ano de mil e quatrocentos e noventa, a cinco de Setembro, como diz a história d'el-rei Dom João o Segundo, se trasladaram pera o templo de Santos-o-Novo aonde agora estão, e fez-se uma mui solene procissão em que vinham os ossos das antigas religiosas do mosteiro velho e os da comendadeira Dona Sancha em particular à tarde, porque era havida por mulher santa; finalmente, as relíquias dos santos mártires em ombros de cônegos e dignidades da Sé.

Não achamos mais memória desta ilustre portuguesa Dona Sancha salvo na Descrição de Portugal que imprimiu Duarte Nunes²¹², aonde refere que fez na morte e vida milagres e particularmente aponta os dous seguintes. Faltando-lhe trigo pera as religiosas, por suas orações se encheu o celeiro. E dando uma toalha que lhe servia de véu a uma pobre, milagrosamente lhe foi posta outra sobre a cabeça, que parecia celestial. Acaba dizendo que no mosteiro de Santos aonde está é havida por santa e celebrada em dia de Todos os Santos, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

²¹² Duarte Nunes de Leão, *Descrição do Reino de Portugal*, ob. cit., cap. LIII, fl. 82r.-v.

80. DONA INÊS DAS ASTÚRIAS, de Lisboa.

Foi mulher nobilíssima na cidade de Lisboa e depois de viúva determinou entregar-se toda ao serviço de Nosso Senhor, pelo que começou [a] edificar um mosteiro de religiosas de Santa Clara dentro dos muros de sua cidade, aonde agora está o insigne convento da Ordem da Santíssima Trindade; e como fosse muí devota e pia, revelou-lhe Nosso Senhor que não queria o mosteiro das suas freiras senão fora da cidade e assim deixou de ir por diante a fábrica que tinha começado e edificou o mosteiro que agora é chamado em Lisboa de Santa Clara, porque em aquele lugar viu uma escada tão alta que chegava da terra ao céu, pela qual subiam e deciam muitos anjos; e preguntando²¹³ um deles que visão era aquela, respondeu-lhe que denotava mudar-se o mosteiro das freiras que queria edificar pera o lugar em que via estar aquela escada. Donde soube por esta revelação que era Deus servido edificar-se o mosteiro de Santa Clara que hoje tem a cidade de Lisboa, segundo conta o livro das províncias e mosteiros da Ordem Seráfica escrito por mandado do cardeal ilustríssimo Gonzaga²¹⁴. Acabou enfim sua vida, como é creível, em graça do Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

81. DONA LOPA, de Linhares.

Lemos no fim da primeira parte das Corónicas de São Francisco impressa por indústria do reverendíssimo Dom Frei Marcos de Lisboa²¹⁵, meretíssimo bispo do Porto, que esta Dona Lopa era muí rica e nobre senhora da vila de Linhares, bem conhecida na Beira por seus ilustríssimos condes, a qual veio ser tão desemparada das cousas de sua salvação que lhe serviu de aia um demónio por espaço de catorze anos, em que lhe fez fazer muitas maldades e graves pecados; contudo, tinha esta virtude que sempre se encomendava a São Francisco e Santo António, chamando por eles que lhe valessem diante de Deus em qualquer perigo em que se via; sucedeu cair em uma doença muí rija que a pôs na hora da morte e, desesperando de sua salvação pelos

²¹³ No original está *preguntado*.

²¹⁴ Francesco Gonzaga, *De origine seraphicae religionis franciscanae, eiusque progressibus, de regularis observancia institutione (...)*, Roma, 1587, p. 806.

²¹⁵ Fr. Marcos de Lisboa, *Primeira Parte das Crónicas da Ordem dos Frades Menores do Seráfico Padre São Francisco, seu Instituidor e Ministro Geral, que se pode chamar Vitas Patrum dos Menores (...)*, Lisboa, 1557 (com várias reedições), Livro décimo, cap. XXII, fl. CCLXXVIIr-v.

muitos pecados que tinha feito em esta vida, não se queria confessar, por mais que lho lembraram; estando assi entraram a visitá-la dous religiosos dos menores²¹⁶, os quais a confortaram em a confiança que havia de ter na misericórdia divina, muito maior que nossas maldades, pedindo-lhe que se chegasse ao sacramento da confissão, medicina certa de todos seus males, e o que parecia mais velho, cheio de caridade, lhe disse as seguintes palavras: Se quiseres ter contrição de teus pecados e confessá-los inteiramente, eu os tomo sobre mim e te faço participante de todos os bens que tenho feito em esta vida e por virtude da paixão de Cristo Senhor Nosso te prometo a vida eterna. Movida pela graça do Espírito Santo, com esta persuasão do glorioso São Francisco, que era o mais velho, porque o outro era Santo António, foi esta nobre mulher cheia de lágrimas e dor de alma; confessou-se, pediu os mais sacramentos e mandou que a enterrassem no hábito de São Francisco em alguma igreja de seus mosteiros, que foi a de São Francisco da Guarda, cinco léguas do lugar de Linhares, aonde jaz enterrada; e assi deu sua alma àquele Senhor que não mede o prémio pelo tempo de trabalho, senão pela grandeza do mérito e dá tanto aos que mereceram deveras uma hora quanto aos que gastaram muitas em sua vinha.

Soube-se o caso que está dito em a maneira seguinte. Vinha certo homem nobre de Linhares pera sua casa e chegando perto da vila ouviu uma voz como de mulher que chorava e dizia: Oh mesquinha de mim, quão mal empreguei catorze anos servindo em todos sem proveito nenhum. Espantado o homem de tais palavras, perguntou-lhe quem era; disse-lhe então a verdade, que era o demónio e tinha servido a Dona Lopa de Linhares catorze anos, no cabo dos quais vieram dous capeludos (assi chamou aos religiosos) e persuadiram-lhe que se confessasse, pelo que lhe foram perdoados seus pecados. E porque cresse tudo o que lhe dizia, acrescentou: Um contentamento me refaz minhas perdas que, se me foi tirada das unhas uma alma, bem pouco há dei com duas da mesma vila no inferno; por sinal que inda acharás grandes rumores nela sobre os juízos que os homens fazem de um ferreiro que fiz enforcar por desesperação de matar sua mulher em mau estado. Entrou o homem em Linhares e tudo achou do modo que o demónio tinha dito, pelo que publicou o que dissemos acerca de Dona Loba, a qual, ainda que no descurso de sua vida teve grandes faltas, contudo, no fim, em que se canta a glória, recebeu tão grande favor do céu que vieram a sua casa São Francisco e Santo António, aparecendo-lhe claramente do modo que andavam na terra e fizeram que se confessasse com muita dor e contrição, pelo que piamente podemos afirmar que está no céu, aonde Deus Nosso Senhor é louvado e seja de nosoutros eternamente. Amen.

²¹⁶ Da Ordem dos Frades Menores (franciscanos).

82. DA INFANTE DONA LEANOR AFONSO, de Santarém.

O nome Leonor foi tomado pera as mulheres de São Leonardo, religiosas da Ordem de nosso Padre Santo Augustinho, o qual coligimos de um antigo livro de mão que se conserva na Biblioteca Vaticana; e tratando das cousas de nosso São Guilherme, duque de Aquitânia, chama Leonarda à mesma filha deste santo, que de ordinário é chamada Leonor; teve-o uma portuguesa ilustre em virtude, da qual agora havemos de tratar com alguma pena de não termos sua notícia mui larga, nem clara. Advertimos primeiramente que o livro das províncias e mosteiros da Ordem Seráfica, composto por mandado do Cardeal Gonzaga²¹⁷ quando era generalíssimo desta mesma Ordem, aonde fala do nobre mosteiro de Santa Clara de Santarém, afirma que viveu e está sepultada nele uma religiosa, virgem de grande virtude, infante de Portugal, filha legítima d'el-rei Dom Afonso Terceiro, chamada Soror Helena de Santo António, mas não sei como isto pode ser, porque el-rei Dom Afonso Terceiro não teve filha legítima nem bastarda que se chamasse Helena, nem tal nome andou nunca na família real deste reino. Verdade seja que o mesmo rei teve uma filha chamada Dona Leonor Afonso, da qual escreveu o infante Dom Pedro no seu livro das gerações, a quem segue Duarte Nunes na Genealogia dos Reis de Portugal²¹⁸, e dizem que foi casada com um fidalgo mui ilustre chamado Gonçalo Garcia de Sousa, do qual não houve filhos e, porventura que livre do matrimónio, se recolheu no mosteiro de Santa Clara de Santarém, que seu meio irmão el-rei Dom Dinis tinha edificado, como consta do epitáfio que está na sepultura em que jaz em o dito mosteiro, o qual é desta feição:

Sepultura da Infante Dona Leonor filha del Rey Dom Afonso terceiro, irmã del Rey Dom Diniz que fundou este Conuento, e nelle acabou sanctamente.

Pelo que de Dona Leonor Afonso se há-de entender o que no livro do Gonzaga se atribuiu a Soror Helena de Santo António, pois as cousas que diz são pertencentes, segundo dá a entender, à filha d'el-rei de Portugal, que inda hoje se sabe que está sepultada em o mesmo mosteiro e não era chamada Helena de Santo António senão, como está dito, Leonor Afonso, ou de Portugal, ou, se porventura mudou o nome em algum tempo, não era filha legítima d'el-rei Dom Afonso Terceiro, senão bastarda. Por sua muita humildade, servia

²¹⁷ Francesco Gonzaga, *De Origine Seraphicae Religionis Franciscanae*, ob. cit., p. 809.

²¹⁸ Duarte Nunes de Leão, *Genealogia Verdadera de los Reys de Portugal, con sus elogios y sumario de sus vidas*, Lisboa, 1590, fl. 19v. (reed. ibi, 1608).

na enfermaria consolando as religiosas enfermas; pelo que sucedeu que uma desejou cerejas em tempo que as não havia, mas depois de se pôr em oração por aquela necessidade veio ao claustro baixo do mosteiro, fez o sinal da santa cruz sobre uma cerejeira, a qual subitamente deu cerejas maduras que colheu e levou à enferma com grande contentamento e, depois que as comeu, a enferma logo sarou. Conta-se no mesmo livro do Gonzaga que quando se trasladaram os ossos desta serva de Deus pera aonde agora estão, que todas as freiras que havia enfermas naquele mosteiro sararam milagrosamente no tempo da procissão. Acrescenta-se que havia história mui larga da vida e milagres da mesma serva de Deus, mas que se perdeu e por isso escrevemos tão breve e timidamente, esperando em o mesmo Senhor que ao diante se declare melhor quão ilustre foi em virtude Dona Leonor Afonso, a quem o epitáfio de seu sepulcro chama infante, filha de Dom Afonso Terceiro, irmã d'el-rei Dom Dinis, advertindo com mais diligência o livro do Gonzaga²¹⁹ em lhe chamar virgem, em dizer que foi legítima, em lhe pôr outro nome, porque nós não fazemos mais que dar notícia das mulheres portuguesas ilustres em virtude, entre as quais deve ser contada e posta em mui bom lugar esta ilustíssima senhora do mosteiro de Santa Clara de Santarém, pois lemos em seu sepulcro que acabou santamente, pera glória do mesmo Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

83. DONA BERENGÁRIA AIRES, de Almoester.

De Dom Aires e Dona Sancha foi filha, que a criaram em santos costumes, até que veio ser dama da rainha Santa Isabel, mulher d'el-rei Dom Dinis, e porque esteve presente àquela famosa maravilha que se fez em Santarém, abrindo-se milagrosamente as águas do Tejo e fazendo um caminho enxuto até onde está o sepulcro da virgem e mártir Santa Eiria, segundo temos contado em a história da mesma Santa Eiria, a nossa portuguesa Dona Berengária tomou à sua conta dar a Nosso Senhor graças por tão grande mercê, e assi mandou que se desse certa esmola de comer, que chamam bodo, aos pobres de Santarém em a festa de Santa Eiria, como consta largamente de uma escritura que se conserva no mosteiro de Almoester que edificou não longe da mesma vila de Santarém pera religiosas do glorioso São Bernardo, que sempre teve e tem aquele mosteiro mui adornadas de virtudes, pelas quais esta sua fundadora goza grandes prémios no céu.

Devia ser mui rica e juntamente grande esmoler, porque escreve dela o

²¹⁹ Francesco Gonzaga, *De Origine Seraphicae Religionis Franciscanae*, ob. cit., p. 809.

senhor Dom Rodrigo de Acunha, bispo do Porto, na segunda parte do Catálogo dos Bispos seus antecessores²²⁰, que fez doação, assi fala de todas as quintas, possessões, casais, rendimentos e padroados que tinha nos bispados do Porto e Lamego e arcebispado de Braga ao bispo do Porto Dom Giraldo, com condição que o dito bispo e seus sucessores seriam obrigados [a] defender e guardar o seu mosteiro de Almoester; foi a escritura feita em Cinfães, dia de Nossa Senhora de Agosto, cerca da era de mil e trezentos e quarenta, que é o ano de Cristo de mil e trezentos e dous. Está, finalmente, sepultada em seu nobilíssimo mosteiro de Almoester, aonde tem um sepulcro com letras que mostram haver sido mui ilustre em virtudes, pera glória de Deus, que seja sempre louvado. Amen.

84. A RAINHA DONA CONSTANÇA, pertence a Coimbra.

D'el-rei Dom Dinis, único deste nome, e de sua mulher a rainha Santa Isabel foi filha, que a criou em todo género de virtude e depois a casou com el-rei Dom Fernando de Castela, chamado o Empraçado, pela morte do qual el-rei Dom Dinis e a rainha Santa Isabel foram a Castela consolá-la; e então sucedeu que sarou a Rainha Santa a Dona Urraca Vasquez, sua dama, que a acompanhava nesta jornada, como lemos no tratado impresso de Santa Isabel rainha²²¹, mas viveu pouco. E conta o Padre António de Vasconcelos em sua Descrição de Portugal²²² que indo a rainha Santa Isabel com el-rei Dom Dinis seu marido de Santarém pera a Azambuja, lhe veio ao encontro um ermitão, o qual lhe disse que Dona Constança sua filha lhe aparecera e lhe dissera que estava no purgatório, pelo que importava mandasse dizer por ela algumas missas; a Rainha Santa mandou que fosse dito um anual, depois do qual apareceu à mesma rainha sua mãe mui gloriosa dizendo que naquele dia tinha entrado no céu; querendo a Rainha Santa mostrar alegria por tão grande mercê, mandou armar o paço e fazer muitos regozijos na corte. E sendo preguntada por que fazia aquilo, respondeu que pela festa que naquele dia se fez nos céus em a entrada de sua filha a rainha Dona Constança, segundo

²²⁰ D. Rodrigo da Cunha, *Catálogo Bispos do Porto (...)*, ob. cit., Segunda parte, cap. XIV, p. 114.

²²¹ Deve referir-se à obra atribuída a Diogo Afonso de Macedo, *Vida e milagres da gloriosa rainha Santa Isabel, mulher do católico rei Dom Dinis (...)*, Coimbra, 1560.

²²² A história da Rainha Santa Isabel é contada pelo P. António de Vasconcelos na *Anacephalaeoses*, ob. cit., esp. p. 91-108. Na *Descriptio Regni Lusitaniae* apenas deixa uma breve referência à fama de milagres (ob. cit., p. 557, n. 22).

ela mesmo lhe tinha revelado; o que tudo consta da História da Rainha Santa Isabel que se conserva em seu real mosteiro de Santa Clara de Coimbra e do tratado impresso de sua canonização²²³, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

85. UMA MULHER de Santarém.

Achamos que foram muitas mulheres ilustres em virtudes particulares, pelas quais verdadeiramente são dignas de sempre estarem vivas em a memória das outras, pera que as imitem em os exemplos que lhes têm dado. Entre as cousas que algumas usaram com excelência foi uma serem devotíssimas do bem-aventurado Santo António, ao qual uns chamam de Pádua, outros de Lisboa; desta cidade, porque nasceu nela; da outra, porque nela viveu e está sepultado e fez ali milagres infinitos, dos quais contarei somente um, que lhe atribui Bernardino Scardonio, na Corónica de Pádua quando escreve que o grande historiador da mesma cidade Albertino Musato notou que foi achado em tempo de Alberto Scaligero, governador da mesma cidade, em as ruínas do hospital que chamam a Casa de Deus, um sepulcro que diziam ser de Antenor, o qual edificou aquela cidade; e certos versos manifestavam que a Pádua viriam muitos tiranos, cujos nomes começavam pela letra A, os quais a tratariam muito mal e perseguiriam; eram os versos desta maneira:

*Cum super A. sumes primum tibi Dardane gramma
Auxilium à superis tibi tunc numina clama.
Heu Patauium qui te profugus construxit ab igne
Multotiès tali pesti subiecta malignæ.
Mors cita, vita brevis, Patauos in pace volentes
Uiuere non passa est genus hoc fatale ferentes
Admonet, et punit nullo discrimine ciues.*

Depois que estes versos foram achados, diz o mesmo coronista que advertiram os mais sábios de Pádua que sempre esta cidade foi perseguida

²²³ Talvez se refira à obra de Miguel de León Soarez, *Relación verdadera del aparato y solenidad con que en Roma se celebró la canonización de Santa Isabel Reyna de Portugal. En que se dá cuenta particular de las ceremonias, cardenales y más ministros y personajes de la Corte Romana que en ella se hallaron, fiestas que se hizieron y de otras cosas muy curiosas*, Madrid, 1625. A *Relatio facta in concistorio secreto coram S. D. N. Urbano Papa VIII (...). Super vita, sanctitate, actis Canonizationis, et miraculis piae memoriae Beatae Elisabethae Lusitaniae Reginae*, Roma, 1625 não regista este episódio.

por tiranos e príncipes cujo nome começava por *A*, depois que Antenor a edificou, e assi nomeavam muitos que a destruíram por vários modos, a saber, Átila, rei dos hunos, Agiulfo, dos langobardos, Acciolino, tirano, e outros. *Sed per Diem Antonium fuit hæc eruta maledictio*, mas que por o glorioso Santo António foi tirada esta maldição; porque assi como de antes dele houve muitos tiranos cujos nomes se começavam por *A* e fizeram grandes danos à cidade de Pádua, assi despois dele entrar em esta cidade houve muitos príncipes e governadores cujos nomes começavam pela mesma letra, os quais lhe fizeram notáveis benefícios.

Escrevemos o que está dito pera em algum modo acrescentarmos as cousas de nosso Santo António e as corónicas da Ordem de São Francisco não trazem esta, mas celebram muito à mulher de Santarém que propusemos, porquanto foi sua devotíssima e assi mui digna de ser estimada sua memória entre as mulheres de nosso Portugal que, em tendo casa, logo procuram a imagem do bem-aventurado Santo António, e com rezão, porque nenhum dos santos, despois dos sagrados Apóstolos, está mais geralmente intimado na devação dos fiéis e católicos cristãos que o nosso glorioso Santo António, assi pela Ordem de São Francisco que professou e ilustrou estar mui estendida, como também por ter feito e fazer cada dia em todas as partes do mundo milagres mui singulares; particularmente os experimentam muitas pessoas em nosso Portugal, entre as quais a mulher que dizemos de Santarém deu ocasião a um que foi princípio de muitos, em a maneira seguinte.

Havia, em tempo d'el-rei Dom Dinis em a vila de Santarém certa mulher que tinha sido mui pecadora, na qual entrava algumas vezes o demónio que por vários modos a perseguia, e um era que lhe aparecia em figura de Cristo e persuadia-lhe que se matasse, como fez dizendo-lhe: Eu sou a quem tanto ofendeste, mas se te vás ao Tejo e te afogas em satisfação de teus pecados eu te perdoarei e te darei a vida eterna.

A mulher, como não desejasse outra cousa senão perdão de seus pecados e muitas vezes lhe fosse prometido se se deitasse no Tejo pelo enganador que lhe aparecia, segundo está dito, em figura do mesmo Cristo Senhor Nosso, determinou-se a lhe obedecer sem o dizer a ninguém e já pelas dez horas do dia ia pera se deitar em um pego alto daquele rio, mas era devotíssima do glorioso Santo António, ao qual se encomendava sempre que podia; e como passasse pela igreja de São Francisco, entrou em a capela do mesmo Santo António, porque era aquele dia o de sua festa, e pôs-se diante do altar do santo dizendo com todo o coração: Ó santo, em quem sempre tive grande confiança, agora me haveis de conceder a mercê que vos peço e é que me declareis se é vontade de Deus que me afogue ou não.

Perseverou esta mulher em a oração e sobreveio-lhe um sono mui suave, no qual lhe apareceu o glorioso Santo António e disse-lhe que se levantasse

e guardasse o escrito que lhe dava, porque com ele seria defendida dos enganos e tormentos do demónio; acordou a mulher e achou pendurada de seu pescoço uma nómima de pergaminho em que estavam escritas com letras de ouro as palavras seguintes: *Ecce cruce[m] Domini: fugite partes aduersæ, vicit leo de tribu Iuda, radix Daud. Alleluia, Alleluia.* As quais em vulgar fazem ao pé da letra este sentido: Eis aqui a cruz do Senhor. Fugi partes adversárias, venceu o leão do tribo de Judá, raiz de David. Louvai a Deus, louvai a Deus.

Levantando-se, tornou pera sua casa mui sossegada e nunca o demónio teve mais poder sobre ela. Ouviu el-rei Dom Dinis contar este milagre, mandou vir a mulher diante de si e pediu-lhe o escrito, a qual lho deu; mas não se passou muito que o demónio a não tornasse a atormentar, pelo que seu marido foi pedir o escrito a casa d'el-rei, mas não lho quiseram dar; donde, inspirado por Deus, deu consigo em o mosteiro dos frades de São Francisco e pediu-lhes que houvessem o traslado daquele escrito, porque esperava em Nosso Senhor que com ele trasladado sua mulher se visse livre dos tormentos do demónio; e assi foi que lhe deram os religiosos de São Francisco o traslado daquele escrito e, como o pôs ao pescoço de sua mulher, assi ficou livre e sossegada como dantes quando trazia o próprio, e depois viveu vinte anos em paz, sem padecer tormento do demónio, dando-se a todo género de virtude.

Contam o que está dito as corónicas de São Francisco, donde o tomaram muitos outros autores quando tratam dos milagres do bem-aventurado Santo António e acrescentam que el-rei Dom Dinis guardou com grande reverência a nómima que Santo António deu a esta sua devota e que com ela foram depois obradas maravilhas várias com grande louvor do mesmo santo, e os fiéis deste reino sempre se lembraram deste milagre e, excitados com ele quando se vêem em grandes tribulações, principalmente de maleitas, pedem aos religiosos de São Francisco, aonde quer que estão, que lhe dêem escritas as mesmas palavras e com elas se acham muito bem. E a mim me disse o reverendo padre Frei Rodrigo de Acunha, capucho da Província de Santo António que tem esta cidade de Coimbra, que eram tantas as pessoas que lhas vinham pedir que se não podem contar; e notamos que não usam destas palavras, cuidando que tem força de si pera dar saúde, senão por devação somente que Deus Nosso Senhor se for servido lha dará pelos méritos do glorioso Santo António, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

86. DONA BATAÇA, pertence a Coimbra.

Foi filha de Guilherme, conde de Vintemilia, e de Dona Lascara, infante da Grécia, e neta do imperador de Constantinopla, Aleixo Ângelo, que

se introduziu despois em o império e teve duas filhas; uma, Irene, que casou com Aleixo, paleólogo; outra, chamada Lascara, mulher de Teodoro Lascaro, que teve o título de imperador; e não houve mais que uma filha por nome Irene, a quem casou com João de Polasário, dando-lhe o título do império e não a posse, porque a tinha em grande parte Baldoinho, conde de Frandes; deste casamento nasceu Teodoro Lascaro Menor, o qual falecido deixou a Micael, paleólogo, por tutor de seus filhos João e Lascara; mas este, por lhes usurpar o império, matou o filho João. E temendo Lascara que lhe acontecesse o mesmo que a seu irmão, fugiu pera Génova em companhia de certos mercadores, aonde casou com Guilherme, conde de Cintemilia, de quem houve um filho e três filhas e, despois de morto seu marido, deixou o filho em Itália no condado do pai e veio a Dom Pedro de Aragão pedir ajuda e favor pera recuperar o império de que estava esbulhada tiranicamente. Recebeu-a mui bem el-rei em Valença e às três filhas que trazia consigo, Jojante, Briatris e Bataça, das quais a última casou honradamente e houve uma filha de seu próprio nome que despois a tia Jojante casou; e como a rainha Dona Isabel, filha d'el-rei Dom Pedro de Aragão, houvesse de vir pera Dom Dinis, rei de Portugal, seu marido, trouxe consigo esta Bataça já viúva, por ser de muitos merecimentos e santa vida, a qual esteve em nosso Portugal até que Dona Constança, filha d'el-rei Dom Dinis e da mesma rainha Santa Isabel, da qual temos tratado, casou com Dom Fernando, rei de Castela; e como Dona Bataça era sua aia, foi juntamente com ela e esteve em sua companhia até que morreu; e porque despois a não tratavam em Castela como merecia, se embarcou com muita gente e veio parar ao Porto de Sines, que está no arcebispado de Évora; ali, com muitos cavaleiros da Ordem de Santiago que se ajuntaram, tomou o castelo de um mouro chamado Cacém; e porque em aquele lugar se achou uma imagem de mármore do bem-aventurado Santiago, se chamou Santiago de Cascém e na igreja principal deixou um pequeno de lenho da vera cruz que sua avó Lascara trouxe de Grécia, o qual esteve muito tempo escondido, até que por um milagre se veio a descobrir, pelo que o sacerdote em os domingos e dias santos em a estação das missas encomendada ao povo roge a Deus pela alma de Dona Bataça, neta do imperador da Grécia. Deixando o lugar em poder de cristãos, se veio pera Coimbra, aonde era irmã da Ordem de São Francisco e fazia muitos bens a seus religiosos, porque era muito rica. Tinha em Castela certos lugares e algumas herdades rendosas em Portugal, as quais inda permanecem e estão emprazadas, rendendo pera a Sé da mesma cidade, aonde se cumprem muitas obrigações que pôs por sua alma e aonde jaz sepultada em um muimento de pedra que tem ao redor muitas águias, insígnias do império, com um letreiro que está ali Dona Bataça, neta do imperador da Grécia. Faleceu no ano de mil e trezentos e trinta e seis, a vinte um de Abril. Ainda que não nasceu neste reino, viveu e morreu

nele com grande virtude. Tudo o que está dito foi tirado do cartório da Sé de Coimbra e do quarto livro das Antiguidades de nosso Portugal escritas pelo grande antiquário Mestre André de Resende²²⁴, pera glória de Deus nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

87. SANTA ISABEL, rainha de Portugal.

Foi filha d'el-rei Dom Pedro, terceiro deste nome em Aragão, e da rainha Dona Constança, filha d'el-rei Manfredo de Nápoles. Notou-se que havia grandes discórdias entre os infantes de Aragão, filhos d'el-rei Dom Jaime o Primeiro, porque eram muitos e de várias mulheres e que, em nascendo esta santa, ficaram mui amigos e conformes. Naceu embrulhada em uma pele que sua mãe Dona Constança mandou guardar em uma caixa de prata, como se já entonces estivesse vendo e adivinhando que havia de suceder alguma cousa santa e divina àquela infante. Puseram-lhe o nome de Isabel, por amor de Santa Isabel, infante de Hungria, protectora dos religiosos terceiros da Ordem de São Francisco, à qual imitou depois de grande, de modo que entre todas as rainhas de Espanha é por excelência chamada a Rainha Santa. E cumpriu-se o que el-rei Dom Jaime seu avô pronosticou quando a deu a criar, dizendo: Esta minha neta há-de ser a mais esclarecida mulher que tem dado nem dará a sangue real de Aragão, no que, em certo modo, não restringiu a grandeza de nossa rainha a seu reino, mas parece que o quis honrar mais que todos.

De idade de oito anos começou a rezar o ofício divino e sempre o rezou até morte, dando-se à oração mental e dando muitas esmolas aos pobres, porque na oração se aprendem as virtudes e na caridade com o próximo se exercitam. Não era bem de doze anos quando veio a nosso Portugal pera casar com el-rei Dom Dinis, único deste nome. Depois de casada entendia em todas as cousas de sua casa e dignidade com tanto mais louvor quanto menos deixava as que pertenciam a sua alma, pelo que tinha as horas do dia e da noite repartidas de tal maneira que satisfazia a umas obrigações e a outras com muita perfeição. Dizia que não havia de comer o pão ociosa, e assim era contínua em trabalhar, lavrando com suas damas muitos e ricos ornamentos pera os mosteiros e igrejas pobres. Sendo de dezoito anos pariu uma filha e se chamou Dona Constança, da qual já temos tratado. Depois, aos vinte anos, pariu o infante Dom Afonso e por derradeiro outra filha; e

²²⁴ André de Resende, *De antiquitatibus lusitaniae libri quattuor*, Évora, 1593, reed. Roma, 1597; Colônia, 1600 e 1613. Cf. ed. de Roma, 1597, pp. 210-213.

sempre os bons têm perseguições, pelo que teve muitas d'el-rei seu marido, que não lhe guardava lealdade, olhando pera várias mulheres, das quais houve alguns filhos, o que sofreu com muita paciência e prudência, sem dar a entender queixas a ninguém, nem se enfadar das mulheres que eram causa destes males, nem ainda mostrando sinais de dor ao mesmo rei; antes trazia pera sua casa os filhos bastardos e os mandava criar com muito cuidado, procurando-lhes depois grandes mercês; daqui tomou ocasião pera viver com as pessoas de sua casa mui devota, rogando a Nosso Senhor por si e por el-rei e por aqueles meninos, pelo que deu singular exemplo na cristandade, que nossos portugueses imitam com louvor, em não se desprezarem de seus filhos e parentes bastardos, dos quais muitos, ainda que foram gerados em pecado, vieram a ser prelados e capitães famosos. El-rei, vendo a perfeição de tão santa rainha, emendou a vida, sendo-lhe fiel em tudo. Moveram-se grandes desavenças entre seu filho Dom Afonso e seu marido, el-rei dom Dinis, entre el-rei de Castela e os filhos do infante Dom Fernando de Lacerda, mas a pomba destes dilúvios era a nossa rainha, dotada com grande dom de fazer pazes aonde quer que chegava, como se viu quando em Santarém se entrepôs sem nenhum género de acompanhamento entre dous exércitos postos em batalha, um de seu marido el-rei Dom Dinis, outro do príncipe seu filho, Dom Afonso, e de tal modo se houve que ficaram ambos pai e filho mui amigos.

Certos privados d'el-rei, por mais conservarem seu favor, levantaram e disseram que esta santa rainha queria mais os intentos de seu filho Dom Afonso que os d'el-rei seu marido, que por isto a tornou a tratar mal; e sabendo el-rei que a rainha estava inocente de tudo o que lhe tinham dito, mandou-a vir pera Coimbra e deu-lhe licença que nenhuma coisa de sua consolação deixasse de fazer por amor dele, porque sabia quanto amava a virtude. Frequentou o jejum, fazendo três quaresmas além da ordinária: uma antes da assumpção da Virgem Nossa Senhora, outra desde o dia de São Miguel, a terceira antes do Nascimento do Senhor. Ocupou-se em muitas obras de misericórdia, mandou acabar o mosteiro de Almoester, porque Dona Berengária, que o começou, havia sido sua dama e morreu antes de o acabar. Fez um grande hospital pera os meninos órfãos, que chamam em Santarém dos Inocentes; edificou outro em Coimbra, a par do seu paço real, pera todo género de enfermos. Mas a obra maior foi o insigne mosteiro de Santa Clara da mesma cidade, em cuja fábrica sucedeu que, levando escondida nas abas de seu roupão uma cópia de dinheiro pera os oficiais, topou com el-rei que lhe perguntou que levava; disse-lhe rosas, e assi foi que as moedas se converteram nelas, de modo que em Alenquer se fizeram as rosas a esta santa em moedas e estas em Coimbra se converteram em rosas, aonde agora se chama em aquele mosteiro a Porta da Rosa.

Entre as cousas de grande memória que sucederam em seu tempo foi que um privado d'el-rei, por ter maior entrada com ele, lhe disse que a rainha

amava de má feição a seu esmoler, a quem deferia muito; entrou este falso testemunho no peito d'el-rei, de modo que, vencido de ciúmes, não se podia per nenhum modo aquietar, até que, passando pelos sinceirais²²⁵ de Coímbra, significou com grão eficácia a uns homens que tinham aceso um forno de cal que a outro dia pela menhã lhe havia de mandar um criado, o qual lhes perguntaria de sua parte se tinham feito o que lhes havia dito e que em dizendo isto dessem com ele vivo no forno quando mais ardesse, de tal modo que às nove horas estivesse tudo feito. Mandou, pois, o esmoler da rainha às sete horas de pela menhã com o recado que estava dito aos trabalhadores do forno, mas como fosse mui devoto e amigo de Deus, que era a causa por que a rainha lhe queria bem, entrou em o mosteiro de São Francisco, que estava no caminho pera o lugar do forno, e pôs-se a ouvir missa com grande devação, senão quando depois desta veio outra, que também ouviu mui devagar, e assi esteve na igreja tanto tempo que eram dadas nove horas e não tinha saído dela. El-rei estava com o ânimo mui desassossegado por haver mandado cousa tão cruel; e parecendo-lhe que já estaria o esmoler da rainha desfeito em cinza, chamou aquele privado que lho tinha acusado que fosse perguntar aos trabalhadores do forno se haviam feito o que lhes tinha mandado; em lhe ouvindo isto os trabalhadores arrebataram-no em corpo e alma e deitaram-no em o meio da cal quando mais ardia. Foi este exemplo mui celebrado em toda Espanha, pera excitar aos fiéis que ouçam cada dia missa e também se viu nele quanto Nosso Senhor acode pelos inocentes e castiga inda nesta vida a quem levanta falsos testemunhos a seu próximo.

Depois que a Rainha Santa ficou viúva e fez as exéquias d'el-rei seu marido em Odivelas, mandou dizer por sua alma muitas missas; deu mui grandes esmolos para se fazer a igreja do convento da Trindade de Lisboa e, pera mais livremente se encomendar a Nosso Senhor, vestiu-se no hábito de São Francisco e foi a Santiago de Galiza, aonde se achou no dia de sua festa, e depois de lhe dar ricas ofertas tornou-se pera o seu real mosteiro de Santa Clara de Coímbra, aonde tratou de se fazer religiosa; mas não lhe permitiram por várias causas, pelo que escolheu viver assi recolhida em sua casa como se estivera em aquele mosteiro, em que a primeira abadessa, segundo conta Duarte Nunes na *Corónica d'el-rei Dom Dinis*²²⁶, então era Dona Isabel de Cardona, aragonesa de nação, filha de Dom Ramón de Cardona e de uma irmã da mesma rainha. Na primeira vez que as religiosas se ajuntaram a comer, a mesma Rainha Santa e sua nora a rainha Dona Briatiz a serviram à mesa, a qual foi mulher de santa vida; tinha consigo cinco religiosas graves,

²²⁵ Salgueirais.

²²⁶ Duarte Nunes de Leão, *Primeira Parte das Crónicas dos Reis de Portugal, reformadas* (...), Lisboa, 1600, «Crónica d'el-rei D. Dinis» (fl. 108r-134v.), esp. 133v.

com as quais rezava o officio divino; era por extremo amiga dos enfermos; nenhuma cousa lhe lembrava mais que socorrer aos pobres. Obrava Nosso Senhor por ela muitos milagres, assi em público, como em lugares secretos. Conta-os a Corónica de São Rainúncio e diz que, indo pera a cidade do Porto por causa de mui graves negócios, lhe trouxe uma mulher uma filha cega, pera que lha sarasse; fez o sinal da santa cruz sobre ela e logo sarou. Pôs a mão e fez o sinal da santa cruz sobre um inchaço de certa freira de Chelas, chamada Dona Margarida, e logo sarou. Do mesmo modo, sarou a uma sua dona, chamada Dona Urraca Vasquez, dos accidentes que lhe vinham mui terríveis. Mandando-lhe os médicos beber vinho em uma enfermidade, não o quis beber por lhe não parecer necessário e se querer conservar em seu antigo costume, mas dando-lhe a criada água se lhe converteu em vinho.

Dos outros temos o seguinte caso. Costumava esta santa rainha lavar os pés, dar de comer e vestir a doze mulheres na quinta-feira da semana santa. todos os anos e pera isto mandava que buscassem e lhe trouxessem as que pudessem vir mais enfermas e necessitadas; e sucedeu que lavou um pé a uma que o tinha mui inchado e feio, mas despois que lho beijou com muita caridade se achou bem e sarou dali a pouco perfeitissimamente. Sendo já de sessenta e quatro anos tornou a Santiago de Galiza e tornou a pé pedindo esmola.

Sendo já cansada de jejuns, abstinências, de vigílias e contemplações, foi à vila de Estremoz pera impedir as guerras que se iam preparando entre seu filho, el-rei Dom Afonso, quarto deste nome em Portugal, e el-rei de Castela seu neto, undécimo do mesmo nome; então foi Deus servido de a levar pera si, revelando-lhe a hora de sua morte, pera a qual se preparou como quem tinha tão excelente vida. Apareceu-lhe a Virgem Nossa Senhora vestida de branco, segundo disse a sua nora a rainha Dona Briatiz que estava presente, e em certo modo o declarou pronunciando:

*Maria mãe de graça,
Mãe de misericórdia:
Vós nos defendei do inimigo,
E guardai na hora da morte.*

Disse despois o credo e a oração do Pater Noster e assi entregou sua alma à mesma Virgem Nossa Senhora, aos quatro de Julho de mil e trezentos e trinta e seis, sendo de sessenta e cinco anos de idade.

Mandou-se enterrar em seu real mosteiro de Santa Clara de Coimbra e, por que não se pusessem dúvidas ao caminho ser comprido e o tempo mui calmoso, ordenou Nosso Senhor que seu corpo cheirasse excelentemente.

Depois de estar em Coimbra, quando lhe foram celebradas as exéquias em seu mosteiro de Santa Clara, chegou-se ao santo corpo uma freira do mesmo mosteiro que havia muito estava doente, pediu saúde a Nosso Senhor, a qual alcançou logo diante de todos por intercessão da Santa Rainha.

Depositaram-na em um sepulcro que ela havia mandado lavrar em vida, que os bons sempre se lembram da morte. As figuras que estão nele, da parte direita, São Francisco, São Luís, bispo de Tolosa, e onze freiras que devem ser as primeiras do convento; da esquerda, os doze Apóstolos com Cristo no meio. Nos pés, as insígnias de dous evangelistas e entre elas Santa Clara, Santa Caterina de Alexandria e Santa Isabel, rainha de Hungria, com um livro na mão. Da parte da cabeça ocupam-se os dous cantos com as insígnias dos outros dous evangelistas, no meio está Cristo Senhor Nosso crucificado entre a Senhora e São João Evangelista e em cima o Padre Eterno com a pomba, que significa o Espírito Santo; além disto se vê uma imagem da Virgem Nossa Senhora com o Menino Jesu em os braços e em cima um anjo com uma toalha, na qual está uma alma que representa a da mesma Rainha Santa.

Parece que a pedra mais alta da sepultura foi posta depois de ser havida por santa, porque tem sua imagem da rainha pelo natural, segundo dizem, e com véu preto de freira de Santa Clara, que ela nunca trouxe, e com coroa, no que denota ser feita por outrem e não por ela, que os santos não costumam muito mandar-se retratar, de que ela em vida se não prezava; e a par de seus ombros dous anjos com turíbulos nas mãos, que denotam honra devida às cousas que têm santuários. Fica sua cabeça como debaixo de um nicho, quais os que estão nos retábulos antigos. Tem pelas ilhargas escudos reais das armas de Portugal, de Aragão, e outras; e nas mãos o bordão que depois se lhe achou dentro e também a bolsa, que não diz bem com freira de véu da Ordem de São Francisco. Também a imagem da Santa Rainha é mui bem acabada, pelo que denota ser feita muito depois das outras. Aos pés estão dous cachorros roendo uns ossos; e os santos não gastam o dinheiro que podem dar aos pobres em semelhantes superfluidades. E mostra-se mais, que esta pedra foi posta depois da morte da Santa Rainha, porque tem insculpidos uns versos que tratam de seus louvores, em latim.

Em tempo d'el-rei Dom Felipe, segundo deste nome em nosso Portugal, foi aberto este sepulcro pera se dar conta de suas relíquias e se tratar apertadamente de sua canonização e foi achada tão inteira que se teve por milagre. Também estavam sem corrupção nem diminuição alguma o seu bordão e a bolsa que costumava trazer nele pendurada pera dar esmolas aos pobres, em as quais confiava tanto sua alma como se fora o bordão dela e, porque as dava com muita caridade, muitas pessoas que as recebiam afirmavam que lhe cresciam em casa. Achou-se presente o bispo de Coimbra digno de eterna memória Dom Afonso de Castelbranco que deu às religiosas estas jóias e elas

mandaram a bolsa à rainha Margarida nossa senhora e ficaram com o bordão. Fez a Rainha Santa muitos milagres em vida, além dos que estão ditos, que se acharão impressos nas corónicas de São Francisco; também faz cada dia muitos benefícios nas mulheres que não têm leite, com certa medicina que pera isso ensinou e costumam dar feita as religiosas aos que a vêm buscar com devoção. Conta na segunda parte do Símbolo da Fé o douto Frei Luís de Granada²²⁷ que uma freira do mosteiro de Celas em Coimbra havia três anos que tinha um pé de que não se servia, a qual era mui devota da Rainha Santa e que foi em uma cadeira, que de outra maneira não podia ir, cantar as matinas de sua festa e subitamente se achou no coro sã, dando graças a Nosso Senhor que por méritos da Rainha Santa lhe deu saúde; pelo qual e todos os mais bens que temos dito seguindo a história desta Santa Rainha, que se conserva no seu real mosteiro de Santa Clara de Coimbra, seja o mesmo Senhor louvado eternamente. Amen.

88. SOROR BERENGÁRIA, de Vila do Conde.

O mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, que agora é do Duque, foi feito por divina revelação que tiveram Dom Afonso Sanches, filho bastardo d'el-rei Dom Dinis, único deste nome em nosso Portugal, e sua mulher Dona Teresa Martins, filha também bastarda d'el-rei Dom Sancho de Castela; porque desejando de edificar em aquela sua vila uma fortaleza, foram ambos amoestados divinamente em sonhos que fizessem aquele mui insigne mosteiro pelos anos do Senhor de mil e trezentos e dezoito. Nela resplandeceu Soror Berengária entre as outras religiosas como sol entre nuvens ou lua entre as estrelas; porque sabendo que todas as riquezas da divina sabedoria que o Filho de Deus feito homem nos veio ensinar à terra se vieram a resumir, como em suma, que aprendêssemos dele a ser mansos e humildes de coração; amou por extremo a mansidão e humildade, pelo qual servia como escrava e, pera mais se humilhar, de perpétua cozinheira, mas Nosso Senhor pôs seus olhos nela e escolheu-a pera abadessa, nesta maneira. Eram muitas as pretensoras, fugiam umas das outras e não sabiam a quem dessem seu voto que não lhe aproveitasse senão a Soror Berengária, que era apta para o ofício e não o desejava; e assi teve os votos necessários pera a eleição e logo a confirmaram em abadessa; não lhe quiseram obedecer as súbditas, dizendo que não tiveram vontade de a eleger, o que era verdade; mas Deus Nosso Senhor, em cuja mão estão nossas vontades,

²²⁷ Cf. Fr. Luís de Granada, *Segunda parte de la Introducción del símbolo de la fe (...)*, in *Introducción del símbolo de la fe, en la qual se trata de las excelencias de la fe y de los principales misterios della (...)*, Salamanca, 1584, esp. cap. XVII, § X, fls. 177-178.

mostrou que a sua era que fosse escolhida pera prelada quem menos o pretendia; donde os que são ambiciosos e fazem extremos pelos officios são indignos deles, pois presumem de si e não estimam quanto devem aos próximos, não tendo de ver com os exemplos dos santos, os quais assi fugiam de dignidades como os navegantes dos lugares em que há maior perigo; e pondera o Cardeal de eterna memória, religioso da Companhia, Belarmino, em um sermão de Santiago Maior, que não lemos de nenhum santo que pretendesse officio de mando.

Aceitou esta serva de Deus o officio e deu-nos a regra de como nos havemos de haver nas dignidades, a qual é que nem se procurem antes da eleição, nem os enjeitem os que forem escolhidos, como fez a que andava de contino na cozinha de seu mosteiro, bem longe de imaginar de poder alguma hora vir a ser prelada dele, mas depois de eleita não deixou de a aceitar e exercitar o officio tanto que teve confirmação e foi ao capítulo manifestar a vontade que tinha de servir as religiosas em aquella dignidade, a qual sem dúvida não era menor que a que sempre lhe enxergaram, servindo em a cozinha; foram muito poucas as que se acharam presentes a esta primeira prática, porque porfiavam que não haviam de ser súbditas da cozinheira, não se lembrando que estava bem eleita e confirmada como convinha; mas Nosso Senhor acudiu por ela, fazendo em seu favor o maior milagre que até agora lemos que fosse no mundo feito por semelhante causa, nem por outra nenhuma em nosso Portugal, o qual repetirei com as próprias palavras em latim com que anda impresso na História Seráfica feita por ordem do Cardeal Gonzaga²²⁸, e depois em nosso vulgar, pera que se divulgue com mais autoridade quanto Nosso Senhor quer que sejam obedecidas as pessoas que legitimamente estão constituídas em dignidade. Quando a venerável abadessa Berengária viu que era desprezada e não a queriam por prelada a maior parte das religiosas, em aquele mesmo capítulo disse estas palavras: *Quandoquidem mihi meæ Sorores obtemperare renuunt, meque legitimam earum prelatam aspernātur, fugite quæ in hoc loco dormitis, mihi que paratote. Ecce ex tempore septem moniales, quæ ibidem sepultæ erant ex suis locellis præsto illi fuerunt, nec prius recesserunt, quam ab ea imperatum fuit;* pois que minhas irmãs me desprezam e me não querem obedecer, sendo sua legitima prelada, levantai-vos as que dormis neste lugar, obedeci-me. Logo resuscitaram sete religiosas que ali estavam sepultadas e não desapareceram senão depois que as outras obedeceram mui arrependidas de sua culpa e Soror Berengária o mandou, a qual é bem digna de ser contada entre as portuguesas mais illustres em virtude por esta maravilha e inda sem ela pela humildade e caridade com que adornou sua alma na vida até sua ditosa morte, como piamente podemos crer, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

²²⁸ Francesco Gonzaga, *De Origine Seraphicæ Religionis Franciscanæ*, ob. cit., p. 813.

89. CERTAS DONAS, OU BEATAS, E UMA MULHER POBRE de Lisboa.

Não deixarei de fazer menção de um caso notável que sucedeu em Lisboa pelos anos de mil e trezentos e noventa e dous, o qual viu uma mulher de cântaro mui virtuosa na igreja do mosteiro do Salvador da mesma cidade, cheio de freiras mui observantes da Ordem do glorioso São Domingos, do qual contarei também o princípio polo haver tido por mulheres insignes em virtude em a maneira seguinte.

Quando os antigos cristãos da cidade de Lisboa viram que os mouros ocupavam todas as cidades e vilas de Portugal, procuraram salvar com grão cuidado, como se fazia nas outras partes, as imagens de seus templos e assi esconderam uma de Cristo Senhor Nosso crucificado e outra da Virgem sua mãe em uma espessa mata que estava perto dos muros da cidade, aonde vencidos os mouros foram deste modo achadas. Estava uma cruz direita e metida na terra até os pés do Senhor; ao redor tinham as abelhas lavrados muitos favos de mel que lhe estavam servindo de altar; diante estava uma palmeira que durou muitos tempos e a par dela a imagem da Senhora com seu bento filho em os braços. Depois que foram assi achadas estas imagens foi feita ali mesmo uma ermida em que se puseram e viram-se as quatro pontas da cruz acabadas em flor de lis e que a²²⁹ imagem do Senhor era de pano, ao modo de como se fazem as máscaras, e tão forte que não parecia senão de madeira e tinha o comprimento do santo sudário. A imagem da Senhora era devotíssima e esteve muito tempo sem ter outro título senão o da Senhora, até que se fez o mosteiro e foi posta na capela do cardeal Dom João Esteves seu fundador; e assi era chamada Nossa Senhora do Cardeal, o qual nome se lhe tirou por revelação da mesma Senhora, que apareceu depois a uma religiosa das muitas que tinha aquele mosteiro mui excelentes em virtude e disse-lhe que não lhe chamassem do Cardeal senão dos Remédios; e com este título é hoje chamada, o qual deve ser mui estimado em nosso reino, pois foi primeiramente revelado nele pela mesma Senhora.

Vindo, pois, a nosso intento principal, a par desta ermida foi feito um recolhimento de mulheres que viviam com muito louvor, dando-se a jejuns e orações, as quais eram chamadas as Beatas da Rainha, porque sempre as rainhas as tomaram debaixo de sua protecção, até que se fizeram religiosas da Ordem do glorioso São Domingos, em o ano já dito de mil e trezentos e noventa e dous, no qual, depois de se haver fundado o mosteiro, aconteceu o estranho caso que propus contar, o qual é o seguinte.

²²⁹ No original está *na*.

Acordando uma mulher pobre à meia-noite, a qual morava perto do mosteiro do Salvador, viu o ar mui claro e levantou-se mui depressa parecendo-lhe que já era alto dia; saiu-se de casa com um pote à cabeça pera ir buscar água ao chafariz e como passasse pelo adro viu a porta da igreja do dito mosteiro aberta; entrou pera fazer oração e achou que se oficiava uma missa com muita solenidade que ela viu e, como foi acabada, ordenou-se uma mui solene procissão, a qual acompanhavam muitas pessoas, vestidas umas de branco, outras de carmesim, outras de verde, com círios acesos nas mãos e andavam ao redor da igreja fazendo cruces nos cantos e paredes; enfim, acabando-se a procissão, achou-se a mulher fora no adro e ficou-lhe o pote dentro da igreja e viu que ainda era noite, pelo que se encomendou muito a Nosso Senhor e contou a visão às religiosas que naquela mesma noite testificavam que, vindo rezar matinas, acharam os livros abertos postos nas estantes e as candeias acesas como que já se havia dito algum officio. Aqui parece que se funda uma tradição antiga que os anjos consagraram à igreja deste mosteiro, segundo largamente conta no livro que de suas grandezas imprimiu em nosso dias a digna prioressa dele Maria Baptista²³⁰, a qual mostra com poucas palavras as muitas virtudes desta mulher que foi participante de tão alta visão, pera Nosso Senhor nos ensinar que em todos os estados se acham algumas pessoas de maior exemplo pera que possam ser guias das que vão por ele pera o céu, e que folga com a devação das mulheres pobres que vão de madrugada às igrejas ouvir missa e depois se ocupam nas obras necessárias pera a sustentação de sua vida, como fazia esta e por isso lhe ficou dentro da igreja o cântaro que levava sobre sua cabeça, em sinal que não perdia as ocasiões do serviço de sua casa e primeiramente se dava a servir a Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

90. MARGARIDA DIAS, de Lisboa.

Entre as muitas religiosas de grão virtude que teve o mosteiro do Salvador da Ordem de São Domingos em Lisboa, de cuja fundação temos tratado, uma foi a madre Margarida Dias, de quem refere o livro impresso da Fundação²³¹ do mesmo mosteiro as palavras e cousas seguintes. Esta religiosa

²³⁰ Soror Maria do Baptista, *Livro da fundação do mosteiro do Salvador da cidade de Lisboa, e de alguns casos dignos de memória que nele aconteceram (...)*, Lisboa, 1618, esp. Livro I, fls. 1-78v.

²³¹ Soror Maria do Baptista, *Livro da fundação do mosteiro do Salvador da cidade de Lisboa (...)*, ob. cit., Livro III, cap. X, fl. 137r-139r.

foi a primeira superiora que houve neste mosteiro, pera o qual officio foi eleita por ser mui rigorosa na observância de sua profissão. As largas vigílias, contínuos jejuns e frequentíssimas orações lhe causaram umas vertigens e vagados da cabeça. Estando uma tarde encostada ao bocal do poço que está na crasta, rezando por umas contas, levada da grande devação, sobreveio-lhe um acidente dos seus vagados e com o desmaio caiu dentro no poço, sem a verem. À noite, quando se recolheram as freiras, acharam menos esta religiosa, assi no seu leito como nos lugares aonde poderia estar. Revolvendo-se todo o convento e dando mil voltas em busca dela, nunca a puderam achar; levantou isto muita inquietação em todas e causou grande espanto e desconolação porque nunca atinaram que podia cair no poço. A outro dia pela manhã cedo, indo a madre Soror Caterina Arrais tirar água deste poço pera serviço das oficinas, começando a deitar o balde no poço bradou-lhe debaixo a religiosa que lá estava que fosse dizer à madre prioressa a mandasse tirar dali, porque se achara naquele poço sem saber como caíra nem quem a deitara nele. Por ordem da prioressa entraram dentro dous escravos e deitaram uma escada comprida no poço, pela qual com muito tento tiraram fora a religiosa sem ter lesão alguma, nem sinal da queda que deu e, o que mais espanta, nenhuma cousa dos hábitos estava molhada e os mesmos socos que trazia nos pés vinham bem enxutos, como se estiveram de muitos dias guardados em uma arca. Preguntaram-lhe a prioressa e as freiras quem a livrara de tão grande e manifesto perigo, respondeu que a guardara uma senhora por extremo fermosa, vestida toda de azul, que trazia um menino fermosíssimo nos braços e lhe dissera que, assi como a livrara de perigo da queda que deu, também a podera pôr em salvo fora do poço, mas que o não quisera fazer porque o milagre fosse mais manifesto e causasse maior espanto.

Até aqui são palavras do livro que temos alegado e dão claramente a entender que era esta religiosa Margarida Dias tão ilustre em virtude que não há mais que dizer senão que seja Nosso Senhor sempre louvado, por nos dar em nosso reino tão admiráveis exemplos de o ter debaixo de sua proteção e divino emparo. Amen.

91 E 92 E 93 E 94. CONSTANÇA DA VIDA POBRE, E MARIA POBRE, com outras religiosas de Évora.

Cerca dos anos mil e trezentos e noventa, havia na cidade de Évora um recolhimento de mulheres mui devotas, ao qual deram princípio duas irmãs de honrada geração que, deixadas todas as cousas do mundo e dadas aos pobres por amor de Deus, viviam mui consoladas e tão abraçadas com a

santa pobreza que uma se chamou Constança da Vida Pobre e a outra Maria Pobre, grandes conquistadoras do céu e amadoras na terra da vida espiritual, em que se ocupavam trabalhando, descansando, conversando e orando. Por nenhuma cousa deixavam de ir ouvir missa a São Mamede, que não estava longe; e como Constança da Vida Pobre fosse cega, vinha um mancebo que a tomava pela mão quando saía pelo Inverno a ouvir missa e depois que a levava esperava na igreja, tornava a trazer sem que ninguém o visse senão ela, que sabia que era o anjo de sua guarda, o qual nenhuma cousa mais estimava que ver-lhe ter as partes do dia e da noite bem repartidas, ora nas ocupações das cousas espirituais, ora nas temporais, e sobretudo se alegrava com o cuidado que lhe via de cada dia ouvir missa.

Davam-se estas servas de Deus a muita penitência, por amor da qual tinham em certa casa uma coluna aonde costumavam açoutar-se com grande devação, em memória dos açoutes que Nosso Senhor atado à coluna pretória padeceu por nós. Particularmente nas sextas-feiras tomavam mais ásperas disciplinas pelas almas do purgatório e viam na casa faíscas de fogo, estando sem candeia, em sinal que muitas, ajudadas com seus devotos sufrágios, eram aliviadas das penas e voavam pera o céu, aonde depois rogavam a Deus pelos que tinham rogado por elas.

Mandou Nosso Senhor pão a Elias por um corvo, ave tão cruel que desempara seus próprios filhos quando mui tenros, porque os vê brancos e assi com penas negras, pera nos insinar que até as aves mais cruéis para com seus próprios filhos seriam benignas pera os servos de Deus que se fizeram pobres por amor dele; e assim não sofria estarem estas mulheres em seu serviço sem ter o necessário pera a vida temporal, pelo que inspirava aos fiéis ricos e poderosos que se lembrasem delas e lhes mandassem pôr de noite à porta de sua casa sacos de trigo, cântaros de azeite e outras muitas cousas que achavam pela menhã sem saberem quem lhas dava, pera mais as agradecerem a Deus, por cujo amor lhas faziam tão secretamente.

Com as muitas esmolas, assi das que estão ditas como de algum dinheiro que também lhes davam, foram ajuntando e comprando algumas casinhas, até que fabricaram um mosteiro, no qual se fizeram religiosas de nosso Padre Santo Agostinho, tomando o título da gloriosa Santa Mónica. Aceitou-as o provincial que então era da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho em nosso reino, a cuja obediência estiveram sempre até o tempo d'el-rei Dom João o Terceiro; e no ano de mil e quinhentos e vinte e seis o deixamos, e desde então ficou sendo da mesma Ordem, mas sujeito, como agora é, ao Ordinário.

Como Constança da Vida Pobre e sua irmã Maria Pobre foram as principais na fábrica e princípio deste mosteiro, também depois em a clausura e prosseguimento lhe deram, com suas virtudes, grande resplendor e ainda depois de mortas, porque é cousa bem notória no arquivo deste mosteiro,

donde tiramos as cousas aqui ditas, que foram sepultadas aonde agora está o altar-mor de sua igreja e que a gente vinha buscar terra a suas sepulturas e se achava muito bem em suas enfermidades, principalmente de maleitas, por intercessão destas duas servas de Deus, pobres nesta vida, mas ricas na outra, aonde é crível que estão rogando por nós a Nosso Senhor.

Tem este mosteiro, chamado de Santa Mónica, em Évora muitas religiosas de grão virtude, segundo consta das memórias que temos tiradas de seu arquivo, aonde se conta de uma que, estando mui afligida em uma grave doença, desejou um perdigão, o qual achou logo debaixo de um alguidar que acaso descobriu quem a servia naquela enfermidade, e viu-se que não falta Deus às almas que esperam²³² nele.

De outra religiosa se escreve que, estando na grade da igreja orando diante do Santíssimo Sacramento pera ter alívio que pidia em uma grande tribulação, viu certo homem ancião, o qual lhe disse: Que é o que tendes? Rogai a Nosso Senhor que vos socorra por intercessão das santas que estão aqui enterradas, porque tudo o que pedirem a Deus lhes concederá. E este homem dizem que era um anjo, porque a freira ficou mui consolada e não o viu entrar nem sair da igreja, senão estar a par de si e falar o que está dito, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

95. MARIA MARTINS, de Lorvão.

Foi religiosa conversa no real mosteiro de Lorvão, adornada de costumes inculpáveis, fazia muita penitência, dava-se com grão cuidado ao santo exercício da oração. Recebia muitos benefícios da mão divina, entre os quais se conta que via de ordinário o Menino Jesus na hóstia e que alcançou do mesmo Senhor apparecesse assi a uma sobrinha pequena, a qual uma vez lhe cortou uma meada pelo meio, mas orando achou-a tão inteira como deantes e pôde-a dobar por um fio.

Tinha, sendo secular, voto de ir a Jerusalém, o qual lhe comutou seu confessor em um jubileu que despensava até com os votos d'além-mar e mandou-lhe que andasse um ano pelo mosteiro como se continuasse a romaria, comendo pouco, dormindo em lugares ásperos, apartando-se de conversações; pera cumprir esta penitência alcançou licença da prelada, recebeu diante de todos o Santíssimo Sacramento e despediu-se das religiosas como quem se apartava delas pera tão larga peregrinação, qual é a da Terra Santa; e acabado um ano se foi pôr de joelhos diante do altar-mor com as mãos levantadas, aonde esteve uma noite toda, até que pela manhã veio a sancristã abrir a porta e, chamando-a algumas

²³² No original está *asperam*.

vezes que viesse pera dentro, não acodia, pelo que se achegou a ela e viu-a estar fria e sem espírito, mas tão fermosa no rosto que bem parecia estar sua alma no céu. Acudiu o convento a ver esta maravilha e esteve todo o dia daquele modo diante do povo que recolheu algumas relíquias suas com que se fizeram muitos milagres. Também sentiram todos uma fragrância suavíssima que com os resplandores de seu rosto dava certeza das excelências em que foi grandíssima.

Sepultaram-na em uma parede da claustro, que chamam da colação, e era tal o sepulcro que seu corpo ficou nele da maneira que espirou, de joelhos e com as mãos levantadas; poucos dias depois de estar sepultada chegou à porta do mosteiro um peregrino que vinha de Jerusalém, o qual perguntou por ela nomeando-a por seu nome; e querendo conhecer, as pessoas com que falava, donde conhecia Maria Martins, contou que fora com ela a Jerusalém e correram ambos os lugares da Terra Santa, donde se voltaram e que tal dia, nomeando o de seu trânsito, se apartara, dizendo que lhe convinha chegar a Lorrvão mais depressa que ele, aonde saberia novas suas; disto entenderam logo todos que cumprira esta serva de Deus em espírito o que não pudera com o corpo, havendo que aquele homem devia ser seu anjo da guarda, porque logo desapareceu e não foi mais visto de ninguém.

Dura hoje em dia entre as religiosas do seu real mosteiro a devação desta muí santa conversa e, invocando-a pera suas necessidades, acham muí presente seu socorro. Não consta do tempo em que floreceu, mas foi digna de se fazer uma história de sua vida e morte, da qual se tirou tudo o que está dito e já se imprimiu na douta Corónica da Ordem do glorioso São Bernardo²³³, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

96. A RAINHA DONA BRITES TELES, de Lisboa.

Foi esta insigne portuguesa filha d'el-rei Dom Fernando, o nono em número dos reis de Portugal, e da rainha Dona Leonor Teles. Casou com el-rei Dom João o Primeiro de Castela. Teve inimigos tão grandes que diziam falsamente que não era filha d'el-rei senão do conde João Fernandez de Andeiro, mas tudo sofreu com paciência e foi havida por ilustre em todo género de virtude. Principalmente resplandecia em a castidade, pelo que tem este louvor em a Corónica d'el-rei Dom Fernando seu pai, reformada por Duarte Nunes²³⁴: Foi a rainha Dona Briatis mulher honestíssima e de grandes virtudes, muí

²³³ Refere-se à já citada *Crónica de Cister* de Fr. Bernardo de Brito.

²³⁴ Duarte Nunes de Leão, *Primeira Parte das Crónicas dos Reis de Portugal, reformadas* (...), ob. cit., «Crónica d'el-rei Dom Fernando», fl. 236v.-237r.

alheia da soltura e condição de sua mãe, porque sendo viúva ficou mui desamparada de parentes, assi em Castela como em Portugal, aonde não tinha pai nem mãe, antes, em um reino e outro, contrários; e requerendo-a por mulher alguns príncipes, não quis mais casar, sendo ainda mulher muito moça; e no ano de mil e quatrocentos e nove mandou-a pedir o duque de Áustria à rainha Dona Caterina, mãe d'el-rei Dom João o Segundo que por seu filho governava os reinos de Castela, que lha desse em casamento, por ele também estar viúvo; a rainha remeteu os embaixadores a ela, que estava em Madrigal, aos quais a nossa Dona Briatis respondeu que as mulheres como ela não casavam duas vezes: dito de mulher ilustre em virtudes, porque ainda que as segundas vodas não são más, arguem pouco amor ao estado das viúvas, mui chegado na terra ao das virgens e ao que têm os anjos no céu, que não casam nem são casados.

Deu-se pois esta nossa rainha à penitência e frequência dos sacramentos, por virtude dos quais lhe fez Nosso Senhor avantejadas mercês e assi é crível que lhe desse sua glória, pelo que seja louvado eternamente. Amen.

97. DONA JOANA PERES FERREIRIM E OUTRAS RELIGIOSAS de Évora.

De mui ilustre geração, foi ainda chegada à Casa Real, mas, sabendo que não há cousa mais fermosa que a mulher de ilustre sangue que se dedica a Deus, estimando mais ter a mente descarregada de vaidades que viver no mundo carregada de ocupações, escolheu ser religiosa em o mui observante mosteiro da Ordem de São Bernardo que está a par de Évora. Despois que gastou alguns anos em a vida monástica, veio a ser abadessa, pelos anos do Senhor de mil e trezentos e oitenta e três em que faleceu el-rei Dom Fernando de Portugal e se começaram [a] levantar guerras entre Dom João, Mestre de Avis, o primeiro rei nosso que teve este nome, e Dom João também o primeiro deste nome em Castela sobre a herança deste reino e deu-se a sentença nos campos de Algibarrota, não a solicitando pouco uma mulher de geração humilde que, ainda que não saibamos que fosse ilustre em virtude, o foi no esforço e por isso não é bem que seja esquecida em Portugal, pois é tão lembrada e afamada em Castela pelas façanhas que fez em esta batalha. Como, pois, a abadessa Dona Joana Peres fosse havida por afeiçoada à facção d'el-rei de Castela por ser ainda parenta da rainha Dona Leonor, mulher que fora d'el-rei Don Fernando, por cujo respeito el-rei Dom João de Castela, marido de Dona Brites sua filha, pretendia o Reino, estando um dia na Sé, viu que tratavam mal um homem por dizer não sei que palavras em favor d'el-rei de

Castela e, compadecida, quis brandamente reprender aquela maldade, mas a gente que a trazia de olho pera se vingar, parecendo-lhe, como está dito, que era da facção de Castela, virou sua ira contra ela e, sem lhe valerem rogos de cônegos e pessoas nobres nem a diligência que houve em a esconder, contudo, levaram-na a rastro pelas ruas da cidade, deram-lhe tantas porradas que morreu e, pera maior afronta, a lançaram em um monturo; nem houve quem se atrevesse a lhe dar sepultura se não foram os frades de São Francisco que de noite e sem pompa a levaram a seu mosteiro e a sepultaram dentro da casa de seu capítulo, aonde ao presente jaz, não sem opinião de santidade; porque sendo em sua vida irepreensível e na morte inocente, de crer é lhe satisfaria o Senhor da Glória os tormentos e afrontas com que a trataram na terra. Assi o escreve o autor da *Corónica de Cister*, Frei Bernardo de Brito²³⁵, em o livro quinto, a quem seguimos em tudo o que está dito e ainda se dirá daqui por diante, porque acrecenta ser cousa mui sabida entre as religiosas daquele mosteiro da Ordem de São Bernardo de Évora que despois da cruel morte desta abadessa nunca mais morreu alguma em o seu mosteiro tendo o mesmo ofício, em lembrança do inocente sangue de Dona Joana Peres Ferreirim, derramado contra justiça; mas ainda que isto durou muitos tempos, já agora não se conserva em os nossos, em que morreu uma em o mesmo ofício, segundo fui informado.

Conta o mesmo coronista de Cister que neste mesmo dia em que se executou a cruel morte da abadessa que está dita, querendo o povo fartar sua diabólica fúria nas súbditas, vieram muitos homens às casas em que estavam encerradas e, lançando as portas dentro, discorriam por uma e outra parte, gritando: Mata, mata! Mas o Senhor, que não desempara os seus, obrou então o milagre que os anjos hóspedes de Loth fizeram nos moradores de Sodoma, ferindo-os com tal cegueira que, passando pelas religiosas e encontrando com elas, nunca viram nenhuma nem lhes fizeram dano, e como homens confusos e atónitos se tornaram a sair fora das casas sem efetuar o que desejavam; o qual milagre consta de uma doação das mesmas casas feita pelo convento a um nobre cidadão chamado Miguel Godinho, que nestes trabalhos favoreceu muito às religiosas e livrou duas das mãos dos inimigos.

Até aqui o coronista da Ordem de Cister, a quem devemos muitas plantas deste jardim que nos haviam de estar escondidas se com sua diligência não foram desenterradas, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

²³⁵ Fr. Bernardo de Brito, *Primeira Parte de Crónica de Cister (...)*, ob. cit., Livro quinto, cap. XXXII, esp. fl. 366r.-367r.

98. A RAINHA DONA FELIPA, que está sepultada na Batalha.

Agora temos diante de nossos olhos uma rainha maior que todo louvor, ingressa²³⁶ de nação, filha do excelentíssimo duque de Lencastre Dom João e de sua mui prezada mulher Dona Branca; de mui pouca idade se inclinou a todas as virtudes; assi, sabia rezar o officio divino e tinha tal notícia das cerimónias eclesiásticas que algumas vezes advertia destas cousas a sacerdotes letrados e devotos. Todo o tempo que podia se dava aos exercícios da oração.

Casou neste reino com el-rei Dom João, o primeiro deste nome, que chamam de Boa Memória; celebrou-se tão ditoso matrimónio na mui nobre e sempre leal cidade do Porto, não pelo bispo Dom Rodrigo, como diz Garibay²³⁷ no capítulo quinto do livro trinta e cinco de suas histórias, senão pelo bispo Dom João, como adverte o senhor Dom Rodrigo de Acunha no seu douto Catálogo²³⁸.

Depois de casada, amou seu marido perfeitamente, criou seus filhos em santos costumes, despendendo suas rendas particulares com igrejas e mosteiros, deu boas esmolas aos pobres e folgava de casar donzelas virtuosas. Amou muito a paz entre os príncipes cristãos, por amor da qual fazia muitas diligências e devações; era por extremo devota da Virgem Nossa Senhora, a quem attribuía sempre todas as mercês que recebeu de Deus em esta mortal vida e é fama que, na hora de seu trãnsito, a consolou a mesma Virgem Nossa Senhora com sua gloriosa vista, segundo escreve o padre Frei Luís de Sousa na primeira parte da Corónica de São Domingos deste reino²³⁹.

Faleceu a dezoito de Julho de mil e quatrocentos e quinze em o mosteiro de Odivelas aonde foi sepultada; e sendo desenterrada no ano adiante, a nove de Outubro, foi achado seu corpo inteiro e sem corrupção, acompanhado de suave fragrância e, enfim, trazido ao real mosteiro da Batalha pelo victoriosíssimo rei Dom João seu marido e pelos sereníssimos infantes seus filhos Dom Duarte primogénito, Dom Pedro duque de Coimbra, Dom Henrique duque de Viseu, Dom João, Dom Fernando e Dona Isabel, como claramente está escrito em seu sepulcro, aonde se achará, além das virtudes que estão

²³⁶ Inglesa.

²³⁷ Esteban de Garibay y Zamalloa, *Compendio Historial de las crónicas y universal historia de los reynos de España*, ob. cit. Cf. edição de Barcelona, 1628, Tomo IV, Livro XXXV, cap. III, p. 163a.

²³⁸ D. Rodrigo da Cunha, *Catálogo dos Bispos do Porto*, ob. cit., Segunda parte, cap. XXII, esp. p. 209-210.

²³⁹ Fr. Luís de Sousa, *Primeira Parte da História de S. Domingos, particular do reino e conquistas de Portugal (...)*, ob. cit., livro VI, cap. XXV, fls. 348r-350r.

ditas, haver assi vivido que deixou uma firme e assentada opinião que está gozando de Deus, o qual seja louvado eternamente. Amen.

99. A BOA CRISTÃ ISABEL DE GUADALUPE, pertence a Tângere

Um dos grandes louvores que tem nosso reino de Portugal é que, não tendo mouros em seu destrito que conquistar, passou com as armas àquela parte de África que chamam Espanha transfretana, porquanto pertencia a nossa Espanha já em tempo dos godos; e entre as cidades que sujeitaram, uma foi Tângere, donde era natural a mulher de quem agora tratamos; a uma, porque pertence ao governo de nosso reino esta sua pátria e residem nela nossos portugueses; a outra, porque morreu e viveu em Guadalupe, chamada antigamente Cecília Germelina, pertencente, como diz Gema Frísio em suas descrições, à nossa antiga Lusitânia.

Reinando, pois, em Portugal el-rei Dom Duarte pelos anos do Senhor de mil e quatrocentos e trinta e sete, passaram a África os infantes Dom Fernando e Dom Henrique com um exército de quinze mil homens pera conquistar Tângere, à imitação de seu pai el-rei Dom João o Primeiro que tinha posse de Ceuta²⁴⁰, mas acudiu logo a Tângere com infinita multidão de mouros, assi de cavalo como de pé, el-rei de Fez e ficaram cativos muitos dos nossos portugueses, pelos quais veio tal bem à casa de um mouro que sua filha, por nome Fátima, foi feita cristã em esta maneira. Prevenida com a graça do Espírito Santo, folgava de ouvir falar em a lei santa de Cristo Senhor Nosso e por isso favorecia muito aos cristãos cativos de seu pai, consolando-os com palavras e boas obras e assim lhe fez Nosso Senhor mercê que se convertesse em seu coração à verdadeira fé católica, de modo que, como Abdias sendo mordomo d'el-rei Acab sustentou cem²⁴¹ profetas que haviam fugido da ira de Jezabel, como se escreve no livro segundo²⁴² dos Reis, e por isso mereceu que Nosso Senhor lhe desse o dom de profecia, do mesmo modo, porque Fátima tinha cuidado dos cristãos que seu pai oprimia em duros ferros, houve Deus por bem que lhe crescesse de tal maneira a devação de ser cristã que, fazendo o sinal da cruz antes de ser bautizada sobre um vaso de água que tinha peçonha, ficou saudável e, bebida, nenhum mal causou.

Por este tempo começava ser em Espanha mui celebrada a excelente imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, que São Gregório Papa, primeiro

²⁴⁰ No original está *Cepta*.

²⁴¹ No original está erradamente *cõ*.

²⁴² Não é no *Livro segundo*, mas sim no *Livro primeiro*: I Reis, 18, 3.

deste nome, mandou de Roma a São Leandro, arcebispo de Sevilha, que a pôs na sua Igreja Maior, donde em tempo dos mouros foi tirada e escondida entre as espantosas serras do rio Guadalupe, tão solitário que não serve senão do que seu nome significa, que é guarda de lobos; e como os cristãos contassem muitos milagres que se faziam depois que esta divina imagem da Senhora apareceu, Fátima sempre a trazia diante dos olhos de sua alma, desejando ardentemente de se bautizar, mas seu pai, que era mouro e não sabia tais desejos, determinou de a casar, ao que ela resistia quanto lhe era possível, de modo que entrou em uma admirável guerra e persuadiu-se que, pois se não podia bautizar, que antes se havia de despenhar de uma torre que ser casada, como seu pai queria, com algum mouro; e por se ver fora destas variedades que atormentavam de noite e de dia sua alma, subiu-se a uma alta torre pera se deitar dela abaixo, mas acudiu-lhe a Virgem Nossa Senhora e apareceu-lhe em uma luz mui clara, assi como é a imagem de Guadalupe, a qual a consolou e livrou daquele perigo dizendo-lhe que chamasse os cativos que seu pai tinha e com eles fugisse pera terra de cristãos; fê-lo assi, logo os cativos tiraram com facilidade os ferros dos pés e saíram por cima do muro da cidade por uma corda, levando consigo os mesmos ferros com tenção de os porem no templo de Nossa Senhora de Guadalupe em memória do benefício recebido. Mas como a nobre donzela quisesse imitá-los, não podendo sofrer a aspereza da corda, caiu no chão e foi Deus servido que nenhum mal fez da queda. Embarcaram-se todos em uma pequena caravela e sobreveio-lhes tempestade tão terrível que, depois de muito trabalho que passaram toda aquela noite, viram que estavam mui perto do lugar em que se embarcaram, pelo que naquela madrugada se encomendaram à Virgem de Guadalupe, que apareceu entre sonhos a Fátima e revelou-lhe que, seguros do perigo, chegariam brevemente a terra de cristãos; e como chegou não se quis agasalhar em nenhuma casa, até que recebeu o sacramento do bautismo, no qual lhe persuadiram todos que se chamasse Maria, em agradecimento das mercês que a Virgem lhe tinha feito, ao que respondeu: Não é lícito que a escrava tome o nome de sua senhora. E assi foi chamada Isabel. Logo que os cativos chegaram à igreja de Guadalupe, deixaram ali seus ferros e foram-se pera suas casas, mas a nobre e devota Isabel cobrou tão grande amor às cousas de nossa fé católica que se ofereceu ao perpétuo serviço da Virgem Nossa Senhora em aquela igreja, aonde gastou toda a vida em obras de piedade, com tão grande fervor que por excelência lhe chamavam a boa cristã, do qual nome dão testemunho as casas em que vivia, porque as deixou ao mosteiro aonde servem de hospedaria e ainda hoje são chamadas as Casas da Boa Cristã.

Tudo o que está dito foi tirado da história de Nossa Senhora de Guadalupe, composta com elegância de palavras e cópia de milagres pelo mui diligente

Frei Gabriel de Talabeira²⁴³ da Ordem do glorioso São Jerónimo, o qual diz muitos louvores desta boa cristã, como de mulher insigne em virtude, concluindo que foi sepultada na igreja de Guadalupe junto a um mármore em que foram sumariamente insculpidas as cousas que estão contadas até aqui, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

100. DONA CONSTANÇA DE NORONHA, de Guimarães.

O conde de Gijón, senhor de Noronha, que trouxe com grão felicidade a nosso reino de Portugal este ilustríssimo apelido das partes da Galiza e reino de Leão, era filho d'el-rei Henrique de Castela, a quem chamam o das Mercês, e casou com Dona Isabel, filha d'el-rei Dom Fernando Nono de Portugal, os quais houveram uma filha por nome Constança, a quem criaram com muita virtude e casaram-na com Dom Afonso, filho d'el-rei Dom João o Primeiro e o primeiro duque de Bragança, veio a ser tão ilustre em virtudes que a tiveram em conta de grande santa e como tal é inda hoje havida em o mosteiro de São Francisco de Guimarães, aonde está sepultada, e a terra de seu sepulcro cura muitos enfermos, segundo testifica o livro da Ordem do mesmo São Francisco que mandou fazer o ilustríssimo Cardeal Gonzaga²⁴⁴. Não deixarei de advertir que o Padre António de Vasconcelos, na sua Descrição de Portugal²⁴⁵, às folhas quinhentas e vinte e sete, escreve o que está dito, não como o devia escrever da segunda mulher do duque Dom Afonso, filha do conde de Gijón, chamada Dona Constança, senão da primeira mulher do mesmo duque Dona Briatis, filha do gloriosíssimo conde Dom Nuno Álvares Pereira, a qual morreu em Chaves, sendo também mulher de grão virtude, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

101. A INFANTE DONA CATERINA, de Lisboa.

Foi filha d'el-rei Dom Duarte e da rainha Dona Leonor sua mulher; teve maravilhosa criação pera ser excelente em virtudes com a graça de Nosso

²⁴³ Fr. Gabriel de Talavera, *Historia de Nuestra Señora de Guadalupe consagrada a la soberana magestad de la Reyna de los Angeles, milagrosa Patrona de este Sanctuario*, Toledo, 1597, esp. livro I, fls. 1-21.

²⁴⁴ Francesco Gonzaga, *De Origine Seraphicæ Religionis Franciscanæ*, ob. cit., pp. 796-797.

²⁴⁵ P. António de Vasconcelos, *Descriptio Regni Lusitani*, ob. cit., p. 527, n. 6.

Senhor; estando desposada com Carlos, príncipe de Navarra, por falecer o dito príncipe tratou de se recolher em um mosteiro de religiosas e escolheu o do Salvador de Lisboa da Ordem do glorioso São Domingos, cuja fundação temos contado. Aqui se deu a uma vida singular e bem ordenada, fazendo muita penitência com algumas mulheres que levou consigo, mas, porque reputava todas suas virtudes por menores que as daquelas religiosas, quis que suas casas dentro do mosteiro se chamassem paço, como ainda agora se chamam, por andar sempre viva a memória de quem foram.

Entre as cousas que nos deixou de maior exemplo foi favorecer ao ilustríssimo cardeal Dom Jorge da Costa, a quem ajudou a pôr em esta dignidade maior que todas as da terra depois da do Sumo Pontífice, pelo que este ilustríssimo cardeal ajuntou ao brasão de suas armas a roda de Santa Caterina, em memória desta infante, ainda que outros lhe dão diferente origem.

Era a nossa infante Caterina mui devota do glorioso São João Evangelista e do bem-aventurado São Luís, bispo da Ordem de São Francisco, porquanto amava por extremo a pureza, que resplandeceu em supremo grau em o Evangelista que, por esse respeito, foi mui amado de Cristo Senhor Nosso e lhe entregou a Virgem Sacratíssima sua mãe. E lemos no livro quarto das Revelações de Santa Gertrudes, grande devota deste santo Apóstolo, que lhe foi revelado que o Senhor nunca permitiu que sua vista causasse movimentos sensuais em nenhuma pessoa e que reformava as que eram desonestas, a qual, grace gratis data, também teve a Virgem Nossa Senhora, como escreve São Bernardino no sermão segundo da Anunciação. Também amava em grão maneira a nossa infante a pobreza de espírito e por isso tinha por avogado São Luís, bispo de Tolosa, tão amigo da mesma virtude que não quis aceitar²⁴⁶ aquela dignidade sem primeiro fazer profissão (como tinha prometido) na Ordem de São Francisco, em que tanto floresce a pobreza evangélica. Havia um cálix muito rico no mosteiro do Salvador, em que estavam três escudos com as imagens destes santos em dous e no outro o nome da devota deles assi: *A infante Caterina*, porquanto havia dado aquele cálix pera serviço do altar. Faleceu finalmente no mesmo mosteiro do Salvador e diz o livro da fundação dele²⁴⁷ que deixou nome de mui honesta e virtuosa princesa. Nomeou por seu testamenteiro ao cardeal Dom Jorge, que lhe mandou lavar em o templo de Santo Elói de Lisboa um muimento²⁴⁸ mui honroso com as imagens de seus avogados, São João Evangelista e São Luís bispo, como ela tinha mandado, pera que se visse que não se esquecia na morte dos santos

²⁴⁶ No original está *acceptar*.

²⁴⁷ Soror Maria do Baptista, *Livro da fundação do mosteiro do Salvador da cidade de Lisboa* (...), ob. cit., Livro I, cap. XV, fls. 73v.-78v.

²⁴⁸ Monumento.

que tanto desejava imitar em vida. Não tem este muimento letreiro, porque dizem que não se tresladaram pera ele o ossos desta infante senão que ficaram na crasta²⁴⁹ do mosteiro do Salvador, aonde primeiro se depositaram; mas semelhantes questões averiguem outros, que à nossa conta não está mais que dar alguma breve notícia das virtudes desta infante, que principalmente foram castidade e pobreza de espírito, pera glória de Deus, que seja sempre louvado. Amen.

102. SOR SENTIZ, de Santarém.

Foi religiosa do mosteiro que chamam das Donas em Santarém, o qual é da Ordem do bem-aventurado São Domingos; escreve dela o padre Frei Luís de Sousa, no livro quinto de sua elegante história da Ordem de São Domingos²⁵⁰, acontecida em nosso reino de Portugal, e diz que não pôde alcançar maior declaração de seu nome que Sor Sentiz, porventura que é derivado do nome *Senticio*, usado antigamente em nossa Espanha. Nota mais: que era mui amiga do coro e, nunca faltando nele, satisfazia suas obrigações com tanta devação que suas companheiras a viam envolta em chamas e labaredas visíveis de fogo que a acompanhavam como se fora um serafim e duravam nela tanto tempo quanto tardava o ofício divino e, assí como se ia acabando, ia também minguando o fogo; então ficava toda trespassada sem dar acordo de si nem de cousa da vida e algumas vezes tinha no ar arrebatamentos notáveis.

Depois que gastou a vida em obras de muita virtude, quis Nosso Senhor que resplandecesse por milagres em sua sepultura; e porque estava dentro do convento, as religiosas padeciam muito trabalho e desassossego com a infinita gente que acudiu obrigada deles, pelo que fizeram este partido com os officiais da Câmara e governo da vila que se passasse pera a igreja o corpo santo daquela religiosa, aonde, sem dar perturbação na comunidade, pudesse ser visitado de todos a toda hora. Fez-se a tresladação com alegria geral e foi caso digno de memória que depois de estar na igreja não fez nenhum milagre, salvo dali a quarenta anos em que a tornaram pera dentro da clausura, não longe do primeiro lugar de sua sepultura, porque foi antes de se colocar nele aberto o caixão à vista de todos e sentiu-se um cheiro celestial e suavíssimo. A toalha com que as santas relíquias estavam envoltas foi vista tão alva e tão nova como se naquela hora fora ali posta. Tudo isto conta o autor já citado e

²⁴⁹ Claustro.

²⁵⁰ Fr. Luís de Sousa, *Primeira Parte da História de S. Domingos, particular do reino e conquistas de Portugal (...)*, ob. cit., livro V, cap. XXIX, fls. 289r-290r.

conclui que, depois que se puseram as relíquias desta nossa mui santa portuguesa na crasta do coro de baixo, tornaram a florescer em milagres, pera glória de Deus, que seja sempre louvado. Amen.

103. CATERINA RODRIGUES, de Santarém.

Também foi religiosa da Ordem do glorioso São Domingos no mosteiro das Donas de Santarém; esmerou-se em fazer penitência, que é princípio de todos os bens; entre outras asperezas, dormia vestida sem ter cama, donde veio ter uma doença de lepra incurável por amor da qual se exercitava em contínua paciência. Era por extremo devota do Santíssimo Sacramento do altar e três dias e três noites se preparava pera o receber com inviolável silêncio, contemplando em tão alto mistério e assi comungava com suma devação à vista de todas suas companheiras, cumprindo aquilo que o Rei Profeta dizia a Deus: *Te decet hymnus, Deus in Sion; et tibi reddetur votum in Hierusalem*. Primeiramente convém que vos louvemos em Siom²⁵¹, que é na especulação e meditação de vossos mistérios, e depois cumpriremos o que vos é devido à vista de todos; isto é, em Jerusalém, que quer dizer visão de paz.

Rezava com devação e grão cuidado pelas almas do purgatório; donde, entrando em o artigo da morte, sucederam duas maravilhas que significavam bem as excelências de sua vida; uma foi que cheirava mais excelentemente que nenhuma cassoula da terra; a outra, que se ouviram umas vozes maiores que as das religiosas que estavam rezando por ela, pelas quais entenderam as presentes que as almas do purgatório se lembravam em aquela hora de quem tinha tanto rogado por elas; e assi parece que algumas então saíram das penas em que estavam e é possível que acompanharam com os santos anjos a alma desta serva de Deus e entraram com ela em o céu, do que dão claro testemunho os muitos milagres que depois foram feitos com a terra de seu sepulcro, por amor dos quais foram depois colocados seus ossos a par do caixão em que estão os de Sor Sentiz, de quem temos tratado.

Tudo o que está dito desta mui ilustre religiosa com alguns milagres que Nosso Senhor obrou por sua intercessão escreve prudentemente o padre Frei Luís de Sousa no livro quinto, capítulo trinta, da história da província do glorioso São Domingos de Portugal²⁵², pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

²⁵¹ Sião. No original está *Sion*.

²⁵² Fr. Luís de Sousa, *Primeira Parte da História de S. Domingos, particular do reino e conquistas de Portugal (...)*, ob. cit., livro V, cap. XXX, fls. 290r-291v.

104. BRIATIS LEITOA, de Aveiro.

O nome latino *Beatrix*, que os castelhanos chamam Beatriz e os portugueses Brites ou Briatis não quer dizer cousa beata ou bem-aventurada, como interpretam curiosos, senão beatificadora, que denota tanto mais de bens quanto melhor é dá-los que recebê-los, ainda que não falta quem cuide que vem da palavra antiga de Espanha, Behetria, da qual fala a lei terceira da Partida quarta, e diz assi: *Behetria, tanto quiere dezir, como heredamiento suyo proprio de aquel que viue en el, y puede recibir por senhor a quien quiera, que mejor se faga*. Isto é, que havia certos povos, os quais tinham poder pera escolher e deixar os senhores que quisessem; e por respeito desta grande liberdade se chamaram Behetrias, ou Beatrizes, nome que vieram dar a algumas mulheres em sinal que sempre haviam de ser isentas, livres e senhoras, inda que já agora o nome de Briatis é posto em memória da virgem e mártir deste nome, que padeceu em Roma a vinte nove de Julho, segundo as relações do Martirológio Romano.

Entre as mulheres ilustres em virtude, ornadas deste nome tão bem-aventurado que promete, não somente a quem o tem, senão ainda a quem o ouve, bem-aventurança, uma foi Briatis Leitoa, de mui nobre geração, de muita prudência e costumes inculpáveis, a qual de mui pouca idade se criou no paço do infante Dom Pedro e da infante Dona Isabel, que a casaram com um fidalgo mui grande do reino, por nome Diogo de Ataíde, do qual houve dous filhos e duas filhas, que criou despois de viúva, porque o foi de vinte e sete anos, sem querer mais casar por mais que el-rei Dom Afonso Quinto e a rainha Dona Isabel sua mulher desejaram, sabendo que era ornada de todas as virtudes.

Foi-se pera uma quinta que tinha em Ouca, não longe de Aveiro, aonde se ocupava em orações, lágrimas, jejuns, esmolos, até que com duas filhas e uma dona se recolheu em umas casas a par da Misericórdia da mesma vila de Aveiro; dormia em uma cortiça e não tinha nela mais que uma manta grossa; não comia carne, nem suas filhas, que faziam das portas adentro todo serviço com alegria da alma e grande diligência. Apareceu-lhe algumas vezes o demónio pola estorvar de seus contínuos exercícios, mas ela se defendia com o sinal da santa cruz, da qual era devotíssima, e da paixão do Senhor, em que meditava de ordinário. Comia pouco e mantimentos vis; andava vestida de pano branco mui baixo e assi conversava em sua casa como se estivera nos céus. Só de uma cousa tinha pena, que era sair fora de casa pera ir ouvir missa e gozar alguns dias a consolação dos officios divinos, pelo que determinou de se fazer freira e pera isso edificar um mosteiro naquela vila, o qual logo pôs em execução, alcançando todas as licenças por ordem do

reverendo padre Frei João de Guimarães da Ordem de São Domingos, da qual havia de ser este mosteiro; também teve licença do Papa Pio Segundo, como consta de sua bula, despedida em dezasseis de Maio de mil e quatrocentos e sessenta e um.

Deitou a primeira pedra nos alicerces o digníssimo bispo de Coimbra Dom João Galvão e foi a quinze de Janeiro, o qual era o dia em que el-rei Dom Afonso Quinto nasceu, que se achou em Aveiro com toda a corte; e tomando aquela fermosa pedra por uma parte e o bispo pela outra, puseram-na com muita devação por fundamento do mosteiro e el-rei meteu debaixo dela uma livra de ouro, que era a melhor e principal moeda que corria neste tempo em o reino, e disse com notável alegria da alma: Pode ser que entre neste mosteiro cousa minha. E assi foi, que entrou sua mui prezada filha a princesa Dona Joana, em cuja história, escrita pelo douto padre Frei Nicolau Dias²⁵³ da Ordem de São Domingos, estão as cousas aqui ditas e que se viram milagres na fábrica deste mosteiro. Porque deixavam à noite os oficiais as paredes começadas e pela manhã as achavam muito levantadas, donde entendiam e divulgavam que os anjos as acrecentavam pelos méritos de sua fundadora.

Manifestou o céu que era mui aceito a Deus este mosteiro, porque brevemente se encheu de religiosas de excelente virtude e foi cousa notável que desde o primeiro dia de Março do ano de mil e quatrocentos e setenta e dous até quatro de Agosto do mesmo ano, em que se recolheu neste mosteiro a princesa que temos dito, Dona Joana, filha d'el-rei Dom Afonso Quinto, apareceu sobre ele uma estrela ou cometa com um raio grande que alumia aquelle lugar toda a noite e foi claro sinal não somente de haver ali de entrar a princesa, senão também das excelentes freiras que havia de ter, como depois se acharam, porque deste mosteiro foram reformar o das Donas de Santarém e fundar o da Anunciada de Lisboa, o de São João de Setúval e o de Corpus Christi de Vila Nova do Porto.

Era Briatis Leitoa prudente, humilde, pobre de espírito, mui amiga do jejum e encomendava-o a suas religiosas, dizendo que a porta do céu era muito apertada e que não se entrava por ela sem abstinências, trabalhos, vigílias, orações e fazendo-se cada uma a si mesma muita força com se apartar de tratos seculares e tudo o que pode reter um coração que não se ocupe no amor de seu esposo celestial.

Como a pomba mui cheia de ungüentos e cheiros preciosos traz após si várias outras, assi muitas donzelas voaram pera aquele mosteiro pela fama

²⁵³ Fr. Nicolau Dias, *Vida da sereníssima princesa Dona Joana, filha d'el-rei Dom Afonso o Quinto de Portugal. A qual viveu e morreu muito santamente no mosteiro de Jesu de Aveiro da Ordem dos Pregadores e no hábito da mesma Ordem*, Lisboa, 1585 (reed. ibi, 1594), cap. V, esp. fls. 14r.-16r.; cap. VI, esp. fl. 21r.-23r.; cap. XVII, esp. fl. 52v.-53v.

de virtude de sua fundadora, as quais amavam por extremo a penitência e o culto divino e assi eram mui estimadas por todo o reino, em tanto que por isso a princesa Dona Joana as escolheu por suas companheiras e tomou o hábito da Ordem do glorioso São Domingos neste mosteiro da mão da mesma Briatis Leitoa, a quem amava muito pelos admiráveis frutos de religião que com a graça de Deus fazia em sua alma e das outras religiosas; pelo que, saindo do mosteiro por causa da peste que havia em alguns lugares vizinhos daquela vila, no ano de mil e quatrocentos e sessenta e nove, não quis tirar-se do mosteiro sem também sair dele a prioressa Briatis Leitoa; a uma, porque seria grande perda morrer de peste; a outra, porque a via que deixava de ser noviça, como se reputava em sua presença. Mas a prioressa antes quis estar no perigo da peste que mata o corpo dentro de seu mosteiro que fora na vista do mundo que pode matar as almas. Estava em Aveiro o vigairo-geral da Ordem de São Domingos em este reino, Frei Antão de Santa Maria, o qual lhe mandou em obediência que fosse com a princesa, pelo que foi sem replicar e levou consigo seis freiras, com as quais em todo o caminho e lugar a que chegava assi se havia e rezava as horas do officio divino com tanta devação como se estivera no mosteiro. Veio nesta jornada com a princesa a Aviz e adoeceu gravemente, pelo que se passou à vila de Abrantes, aonde morreu com sinais de santa uma sexta-feira, três dias de Agosto, tendo os olhos e as mãos levantadas ao céu. Foi sepultada no capítulo das freiras, que tem a sua Ordem, mui observantes, em aquela vila, donde a princesa a mandou tresladar pera o seu mosteiro de Jesus de Aveiro, por ser mulher mui illustre em virtudes que Nosso Senhor tinha obrado por ela em aquele mosteiro, pelas quais seja louvado eternamente. Amen.

105. DONA MÉCIA PEREIRA, da terra da Feira²⁵⁴.

É derivado o nome de Mécia do de São Manços mártir e primeiro bispo de Évora em nosso Portugal; teve-o uma filha de Dom Fernando Pereira, resplendor da ilustríssima e antiquíssima Casa da Feira. Depois de ser viúva ficou mui moça, fermosa e rica, porque lhe deixou tudo seu marido Martim Mendez de Barredo que foi por embaixador a França. Estando um dia em seu oratório rezando pelo saltério, começou o salmo oitenta e oito e, chegando àquele meio verso que diz *Quis est homo, qui viuet, et non videbit mortem?*, qual é o homem que vivirá e não verá a morte?, assi a penetrou a certeza da

²⁵⁴ Esta «vida» de Mécia Pereira é igualmente retirada de Fr. Nicolau Dias, *Vida da sereníssima princesa Dona Joana (...)*, ob. cit., cap. V, esp. fl. 16r.-18r. e cap. VI, fl. 18r.-20v.

morte que todos havemos de passar, que se determinou de morrer ao mundo antes que ela viesse e despedaçar as cousas da terra pera mais se dar às do céu; mas os que se determinam mui de veras a servir a Deus logo têm tentações, pera que tenham maior mérito, como se viu nesta senhora que tanto que se moveu a seguir a vida espiritual logo foi combatida de seus pais e parentes que havia de casar; e porque se mostrou mui alheia das segundas vodas, houveram d'el-rei uma carta em que lhe rogava que casasse; ao que não satisfez, vendo que a vida dos casados era dividida e parte se ocupava nas cousas da terra, parte nas do céu, e que a das religiosas era mais excelente, pois não tinha outro fim senão seguir aquelas cousas que nos unem com Deus Nosso Senhor, pelo que desenganou com grande valor a todos os seus que não havia de tornar a casar, senão ser freira.

Logo dispôs as cousas de sua casa e família, satisfez todas suas obrigações, cumpriu o testamento de seu marido, encomendou-se com várias devações a Nosso Senhor que a levasse pelo caminho da perfeição que lhe mais contentasse e, depois de andar assi algum tempo resignada em as mãos de Deus, cheia de compunção, ardia em contínuos desejos de o servir, não de qualquer maneira, senão do modo que as grandes santas fizeram nesta vida, pelo que avisou por cartas a Briatis Leitoa, de quem era amiga e de quem temos tratado, que havia de estar em seu recolhimento enquanto não tinha feito o seu mosteiro de Aveiro, com o que Briatis Leitoa se alegrou muito, porque sabia que era movida pelo Espírito Santo. Trouxe consigo uma dona mui virtuosa e uma moça órfã, acompanhou-a o conde seu irmão, do qual se despediu e de todos os mais. Deixou o dó que trazia havia três anos por seu marido e vestiu-se de pano branco baixo com um manto preto ao modo de Briatis Leitoa a cujos pés pôs quanto tinha, pedindo-lhe que tudo distribuísse como lhe parecesse serviço de Deus, porque não havia mais de ver cousa alguma daquelas. O dia em que veio e fez isto era da festa da Ascensão e até à festa do Espírito Santo se preparou com jejuns, orações, vigílias, pera se confessar geralmente e comungar, como fez no mesmo dia; dali por diante se preparou com grandes devações pera viver segundo o rigor que Briatis Leitoa usava com suas filhas, mostrando que primeiro obrava aquelas cousas com gosto, porque depois as fizesse melhor por obrigação, na qual se pôs na festa da Santíssima Trindade, entregando-se em tudo ao governo da mesma Briatis Leitoa que a fez superintendente das obras de seu mosteiro, nas quais esta senhora andava trabalhando e servindo sem se assentar nem comer muitas vezes, senão à noite.

Veio neste tempo visitá-la uma sua irmã por nome Dona Teresa Pereira, a qual estava no paço e queriam-na casar com um fidalgo mui principal; e cuidando que sua irmã lhe daria algumas jóias das muitas que tinha, significou-lhe suas pretensões, mas Dona Mécia lhe intimou com palavras mui eficazes

a brevidade da vida, a certeza da morte, a conta que se há-de dar, a resolução da última sentença que cada um há-de ter, ou de estar em perpétua glória, ou de padecer eternos e infernais tormentos. Também lhe trouxe à memória o trabalho das casadas e os contentamentos das mulheres que se entregam a Deus e quanto melhor é encher o céu de hinos que a terra de filhos; pelo que de tal maneira deixou Dona Teresa os desejos de ser casada que não tornou pera o paço e se deixou ficar em aquele recolhimento de Briatis Leitoa e depois entrou no mosteiro em que perseverou com muito louvor até à morte.

Como Dona Mécia fizesse grande penitência e tivesse muito trabalho com as obras do mosteiro, logo com a mudança de vida mudou, segundo é costume, a disposição e não teve um dia de saúde; assi como trazia o hábito branco das religiosas de São Domingos, assi queria guardar inteiramente as asperezas de sua Ordem, até que caiu em uma grave enfermidade e pareceu bem que fizesse profissão, com o que se alegrou muito por ver em algum modo cumpridos seus desejos que sempre tivera de ser religiosa e por esta tenção trabalhava tanto nas obras do mosteiro de Jesus em a mesma vila de Aveiro; enfim, recebidos os sacramentos, deu sua alma a Nosso Senhor, a três de Outubro de mil e quatrocentos e sessenta e quatro.

Ficou depois de morta mais fermosa do que dantes era, pelo que a puseram aonde fosse vista de todos e as mulheres da vila a vinham ver, tocando algumas cousas em seus pés, as quais guardavam por relíquias, porque tinham por mui certo que estava sua alma na glória; sepultaram-na no capítulo do mosteiro e logo se enterraram vivas fechando-se nele Briatis Leitoa e as mais companheiras, começando a vida regular da Ordem de São Domingos com admirável perfeição, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

106. DONA LEANOR TELES DE MENESES, de Lisboa.

Foi filha de Dom Duarte de Meneses, conde de Viana de Caminha, o qual foi capitão-mor na entrada de Alcácer Sequer, aonde morreu pelejando contra os mouros valerosamente, e houve-a de sua mulher Dona Isabel de Castro. Sendo de mui pouca idade, amou muito o recolhimento, dando-se em casa de sua mãe ao exercício de todas as virtudes, pelo que, sendo-lhe oferecidos muitos casamentos, todos enjeitou, querendo antes fazer vida recolhida e preparar-se pera ser freira que gastar a vida nas obrigações das casadas. Duas cousas eram as em que mais se ocupava, jejum e oração, pelo que veio a ter fama de virtude notável e a sereníssima princesa Dona Joana, filha d'el-rei Dom Afonso Quinto, sem nunca a ver, lhe era mui afeiçoada e escrevia-lhe muitas cartas com tenção de a vir a ter por companheira nos exercícios

espirituais, pelo que ambas se vieram a desenganar que em nenhuma parte se podiam melhor efetuar os desejos das almas que buscam perfeição que em um mosteiro; e assi em suas cartas não tratavam outra cousa senão de qual seria mais acomodada a seu intento, umas vezes apontavam o de Odivelas, por ser mui apto pera a contemplação; outras vezes, o de Santa Clara de Coimbra por rezão de maior penitência; mas florescia muito o de Jesus de Aveiro pelas virtudes de sua mui virtuosa fundadora, segundo temos tratado, pelo que Dona Leonor Teles determinou de entrar nele e deu conta deste propósito à princesa escrevendo que o havia de pôr em execução muito depressa porque se tratava que casasse com Dom Fernando, duque de Bragança, ao que a princesa respondeu dando-lhe agradecimentos da constância que sempre tivera em deixar esposos terrenos pelo do céu, escrevendo-lhe também que a viesse ver antes que entrasse em o mosteiro.

Ainda não tinha Dona Leonor a este tempo alcançado licença de sua mãe pera ser freira, mas, por muitas devações que fazia a Deus, lhe foi dada com admiração de todos seus parentes, que bem sabiam que era mais do céu que donzela pera o mundo, mas admiraram-se de sua mãe a querer antes freira em Aveiro que casada com o melhor do reino; deu-se também ordem que antes de ir pera o mosteiro cumprisse a vontade da princesa que a desejava ver e assi a recebeu com admirável contentamento e estiveram ambas de duas falando sós em segredo em as cousas de amor de Deus e desejos de o servir, sobre que haviam muito que o tratavam por cartas; e ali acabou com ela a princesa que lhe havia de escrever com muita particularidade a vida que as religiosas de Aveiro faziam, dando-lhe sua palavra de também se recolher em o mesmo mosteiro tanto que pudesse, o que não foi tão escondido que não se vissem em o paço da princesa labaredas de amor divino, que ardia no peito da mesma princesa querer deixar as cousas do mundo e ser religiosa, do que muitos criados tiveram grande pena; e porque sabiam que fora muita causa Dona Leonor Teles, diziam mal dela e perseguiam-na, de maneira que lhe foi necessário não estar mais em Lisboa, pelo que veio tomar em Aveiro o hábito da Ordem do glorioso São Domingos que a prioressa Briatis Leitoa lhe lançou com grande vontade, porque sabia mui bem a com que ela o recebia.

Logo que Dona Leonor começou a gostar a vida religiosa que ali fazia, escreveu à princesa o que lhe tinha encomendado, avisando-a miudamente de todos os meios que se achavam em aquele mosteiro pera fazer penitência e seguir o caminho da perfeição, dizendo-lhe que não se podia viver senão ali, que tinha em aquela clausura todos os contentamentos sem receio de os perder, que não havia na terra mais excelente paraíso que aquele mosteiro, que não havia penitência aonde se não comia sempre peixe, como era lei de sua Ordem, que não havia amor grande de Deus se não se guardavam as

mínimas observâncias da vida religiosa que naquela casa florescia. Dizia-lhe que não havia cousa mais semelhante a Deus, trino em pessoas e um em essência, que ver as religiosas daquele mosteiro todas unidas em uma alma e um coração diante de Deus.

Esta foi uma das cousas porque a princesa Dona Joana (em cuja história²⁵⁵ está impresso tudo o que dizemos) se recolheu em este mosteiro, como contaremos ao diante, vivendo em companhia da mesma Dona Leonor Teles de Meneses que por suas excelentes virtudes e singulares exemplos de religião mereceu ser prioressa e suceder em este ofício à fundadora daquele mosteiro; mas por fazer muita penitência e ser de fraca compreensão, veio finalmente a morrer etérea²⁵⁶, dando maravilhosos sinais de alcançar em esta vida os prémios da outra, pera glória de Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

107. A PRINCESA DONA JOANA, pertence a Aveiro.

Foi filha d'el-rei Dom Afonso Quinto de Portugal e da rainha Dona Isabel que, enquanto andou prenhe dela, não teve os fastios e achaques que costumam ter as mulheres naqueles tempos; pariu-a em dezasseis de Fevereiro do ano de mil e quatrocentos e cinquenta e dous; mandou-lhe pôr o nome de Joana, pela grande devação que tinha ao bem-aventurado Apóstolo e evangelista São João, e dizia em reverência deste santo que, se tivera cem filhos, a todos pusera seu nome e bem o mostrou, porque, nascendo-lhe despois um filho, também lho pôs, que foi el-rei Dom João o Segundo de Portugal.

Ao outro dia, despois que foi bautizada, a juraram por princesa e herdeira do reino, porquanto temiam que não houvesse el-rei mais descendência, e foi a primeira das infantas que em Portugal teve o soberano título de princesa, que sempre lhe foi dado enquanto viveu. Despois da morte da rainha sua mãe, ficou em poder de Dona Brites de Meneses, mulher de grandes virtudes, a qual lhe servia de aia e mestra delas. Sendo de doze anos, rezava o ofício divino com um clérigo virtuoso que havia sido capelão-mor da rainha sua mãe. Era mui dada a ler livros devotos e folgava muito com o das vidas dos santos. Escolheu duas criadas mui virtuosas que haviam servido à rainha Dona Isabel sua mãe e tomou-as por suas companheiras em os exercícios de virtude que só elas sabiam.

²⁵⁵ Fr. Nicolau Dias, *Vida da sereníssima princesa Dona Joana (...)*, ob. cit., cap. VII, esp. fl. 23r.-26r.

²⁵⁶ No original está *etega*.

Porque el-rei lhe queria muito e toda a corte, tratava-se como princesa, sem dar sinal algum de aborrecimento que tinha às cousas da terra. Trazia sempre cilício e sobre ele uma camisa de estamemha mui grossa e bem estreita pera que não fizesse vulto e acrescentada nas mangas com linho muito fino pera que não fosse notada. Custava-lhe muito jejuar, não porque o não desejasse, senão porque não queria ser conhecida por abstinente, que era em grão maneira; umas vezes fazia que comia as iguarias e não lhe passavam da boca pera baixo, outras vezes dizia que estava mal disposta e passava os dias sem comer. Tinha horas determinadas pera a oração; tomava muitas disciplinas, jejuava as sextas-feiras a pão e água, nunca se despia e, inda que tinha cama de estado, não dormia senão em uma cortiça entre duas mantas de pano, sem que o soubessem mais que aquelas duas mulheres de grande exemplo que tomou pera suas companheiras, das quais uma lhe servia de camareira e outra de secretária. Era mui amiga dos pobres, tinha encomendadas as esmolas a um esmoler e sempre guardava algum dinheiro pera as extraordinárias. Em quinta-feira de endoenças lavava os pés a doze mulheres, as mais enfermas que se pudessem achar, às quais vestia e dava esmolas; mas nunca nenhuma soube quem era, porque tinha dado pera isso ordem singular. Seu trabalho ordinário era fazer guardas, corporais, pãlas e cousas semelhantes pera os altares, em que costumava pôr uma coroa de espinhos bem lavrada, em cuja figura trazia ao pescoço uma jóia de ouro, a honra da coroa de espinhos de Cristo Senhor Nosso.

Pediram-na a el-rei seu pai primeiramente Luís Undécimo, rei de França, pera a casar com Carlos seu filho. Também o imperador Maximiliano, sendo rei de romanos, a pretendeu com muita eficácia, mas ela deu boas escusas a estes casamentos, dizendo que o príncipe seu irmão era enfermo e já estava jurada por herdeira do reino havendo falta de sucessor, e assí não era bem que estivesse em terras estranhas e fosse causa de guerras; mas vendo que lhe podiam faltar estas rezões pera fugir de casamentos, sobre que seu pai era mui importunado, encomendou-se a Deus, pedindo a Sua Divina Majestade que houvesse por bem de lhe fazer mercê que sempre fosse pura até à morte.

Sucedeu que el-rei seu pai foi com um exército grande a África conquistar Tângere e levou em sua companhia o príncipe que era de quinze anos, pelo que a deixou por governadora do reino, donde tomou ocasião pera se vestir, e a todos os de seu serviço, de pano mui honesto e de mandar que não houvesse festas na corte senão que todos andassem solícitos em jejuns, orações e outras obras de piedade, em que era a primeira, pedindo saúde pera el-rei e vitória dos inimigos, que alcançou na véspera de nosso Padre Santo Agostinho, de quem a princesa era mui devota.

Despois de estar ganhado Tângere, tornou-se el-rei pera Portugal e foi recebido em Lisboa com grande triunfo que a princesa lhe fez, a qual o foi

esperar vestida de gala e, posta de joelhos, lhe beijou a mão e disse que lhe havia de fazer uma mercê que queria pedir de gosto seu. Repondeu el-rei que tudo lhe concederia. Pediu-lhe então que havia de haver por bem que se recolhesse em algum mosteiro, porque o desejava muito. El-rei, inspirado por Deus, a levou nos braços e concedeu-lhe alegremente o que pediu. Sabendo isto o príncipe e os grandes do reino, levaram-no mal e disseram que bem podia a princesa estar em mosteiro, mas que nunca havia de ser professa, porque a haviam de tirar se fosse necessário pera maior quietação do reino.

Tornou-se a princesa pera seu oratório, aonde não se fartava de dar graças a Deus por ter alcançado a mercê d'el-rei que tanto desejava. Dali por diante inquiriu qual mosteiro havia de maior observância e mais conveniente pera entrar nele, escrevendo sobre isto a Dona Leonor Teles de Meneses, porque tinha os mesmos desejos de entrar em algum mosteiro mui observante, a qual se meteu no de Jesus de Aveiro da Ordem de São Domingos que florescia em todo género de virtude e dele escreveu, segundo temos contado, grandes louvores das religiosas que havia, pelo que a princesa se determinou de ir pera tão observante mosteiro. Mas primeiro esteve em Odivelas, porque tinha ali a senhora Dona Felipa sua tia, filha do infante D. Pedro. Não passou muito tempo que não dissesse a el-rei que Odivelas estava perto da corte e que não se podia ver livre de negócios, e assi lhe havia de dar licença pera ir pera outro mosteiro. Respondeu-lhe el-rei que fosse pera o de Santa Clara de Coimbra, com o qual a princesa folgou muito, porque estava mais perto de Aveiro.

Pôs-se ao caminho, veio com ela el-rei, a senhora Dona Felipa, algumas mulheres e uma freira de grande virtude do mosteiro de Odivelas, chamada Dona Mécia de Alvarenga. Chegando a Pombal pôs-se em oração e, tomando por avogado a nosso Padre Santo Agostinho, significou a el-rei o grande desejo que em seu peito ardia de ir pera o mosteiro de Aveiro, que Briatis Leitoa tinha edificado. El-rei logo lhe respondeu segundo o que desejava e despediu um correio com cartas à prioressa Briatis Leitoa, mandando-lhe que preparasse agasalhado conveniente à princesa, com a qual nova todas as religiosas se alegraram em extremo, porque havia dias que faziam devação pola ver em sua companhia, como lhe tinha prometido por cartas.

Chegou a princesa a Aveiro a trinta de Julho e não se meteu logo no mosteiro, por dipor as cousas necessárias à sua vontade. Deu-lhe el-rei as rendas de Aveiro e as de alguns lugares de sua comarca e logo a princesa mandou comprar uma horta que estava a par do mosteiro e ali edificar umas casas e fazer em um aposento duas camas, uma pera si, outra pera sua companheira Dona Mécia de Alvarenga, com a qual somente entrou no mosteiro dia do glorioso São Domingos, a quatro de Agosto do ano de mil e

quatrocentos e oitenta e dous, em que desapareceu um cometa que por espaço de cinco meses se viu sobre aquele mosteiro, por onde todos entenderam que foi sinal de ser vontade de Deus que a princesa entrasse nele. Foi-se el-rei e o príncipe Dom João seu filho, que depois foi rei de Portugal, o segundo deste nome, que também tinha acompanhado a princesa sua irmã até Aveiro, aonde ficou em umas casas a senhora Dona Felipa com algumas criadas da mesma princesa, a qual dentro do mosteiro trazia o hábito mui honesto. Seguiu o coro com muita devação e não quis nunca outro lugar senão o derradeiro entre as noviças.

Passados quasi três anos, determinou tomar o hábito solenemente, que lhe foi dado em secreto a vinte e cinco de Janeiro, festa da conversão de São Paulo, estando todas as religiosas depois de matinas em o capítulo, donde a levaram em procissão ao coro e ali, depois de abraçar as religiosas, ficou até à prima em oração. Servia como as outras noviças, sendo deitada, na tábua dos officios, que cumpria alegre e devotamente; tecia cilícios, por que não faltassem às religiosas, e inventou umas disciplinas mui ásperas que também dava às mais penitentes. Fazia corporais, bolsas, pálas e outras cousas pera o altar, em que lavrava a coroa de espinhos que tinha por empresa de seus celestiais amores.

Não se passou muito tempo que não se divulgasse que tinha tomado o hábito e era verdadeira noviça, o que a senhora Dona Felipa sentiu em grão maneira, porque lhe não deu primeiro conta e por isso se tornou pera Odivelas, levando consigo Dona Mécia de Alvarenga, companheira da princesa, que o sentiu muito, mas não deixou de ir por diante com seu noviciado. Logo os povos vieram fazer embargo à prioressa que por nenhum modo lhe fizessem profissão e que soubesse que a haviam de tirar daquele mosteiro se houvesse disso necessidade no Reino. Não veio el-rei por graves occupações, mas acudiu o príncipe seu irmão com tenção de lhe tirar o hábito e persuadir que não fosse religiosa professa, nem ainda noviça; e, pera maior execução do que desejava, trouxe consigo o bispo que então era de Évora, Dom Garcia de Meneses, que naquele tempo resplandecia em virtude, prudência e zelo do bem comum. Falou o príncipe dentro do mosteiro com a princesa e, por mais que lhe significou quanto convinha não se fazer religiosa e deixar de ser noviça, nunca pôde acabar este negócio, pelo que mandou que lhe falasse o bispo de Évora, o qual diante do mesmo príncipe lhe fez uma prática grave nas palavras, ornada de sentenças e cheias de maravilhosos exemplos de rainhas e infantes que se recolheram em mosteiros, ou sendo viúvas, ou havendo divórcio em seus casamentos ou, se eram donzelas, havia muitos herdeiros; e que nela nenhuma destas causas se achava, antes sabia que fora jurada por herdeira deste reino e que havia grande perigo de não haver sucessor, porque el-rei estava viúvo e o príncipe Dom João era único e mui

enfermo; e ainda que estas rezões faltaram, era importante estar o Reino aliado²⁵⁷ com outros pera poder defender-se de seus inimigos e prosseguir as guerras que tinha em África com os mouros, o que não podia ter efeito senão por seu casamento com algum rei da cristandade.

A princesa respondeu com grande reverência ao bispo que bem sabia quanto mais excelente era o estado da vida religiosa que o da secular e que, ainda que não tivesse as causas das rainhas e infantes que lhe nomeara que se recolheram em mosteiros ou foram religiosas, que lhe não faltavam outras ainda maiores, como era a vontade de Deus que entendia fazer nesta obra, esperando que desse vida e saúde ao príncipe seu irmão pera propagar os sucessores do Reino e, se a impedissem, houvessem medo de algum castigo do céu e não menor que poder ficar o reino sem ela e sem o príncipe e morrerem todos por não se sujeitarem à divina providência, concluindo que se fazia grande ofensa a Sua Divina Majestade em lhe estorvar tanto bem como era prosseguir seu noviciado; depois de muitas outras rezões, cobrou novo ânimo e disse que a deixassem, mostrando que se queria ir pera seu aposento, o que foi causa de o príncipe se encolerizar e dizer que lhe havia de despir o hábito e desfazer em cem mil pedaços, o que a princesa sofreu com paciência até que o príncipe se foi com o bispo de Évora pera fora do mosteiro, ainda que depois tornou o mesmo príncipe duas ou três vezes a tratar este negócio, e nem por via de contentamentos que lhe prometia nem de grandes agravos que lhe representava fez abalo em seu peito, pelo que se voltou pera Lisboa vestido de dó, como viera, e, cheio de grande sentimento, contou a el-rei seu pai quão pouco montara. A princesa, contudo, ficou atemorizada de levar avante seu noviciado até ser professa, parecendo-lhe que podiam el-rei e o príncipe ter grande pena e o reino notável perda, e ainda o mosteiro em que estava alguma moléstia.

Encomendou este negócio a Deus, manifestando a grande vontade que lhe tinha dado de o servir em aquele mosteiro até a morte, mas que ordenasse o que fosse mais acertado. Veio não muito depois a cair em uma enfermidade tal que lhe declararam os médicos que não podia com a aspereza daquela casa e que sem dúvida se faria leprosa por amor da continuação do pescado. Chegou-se neste espaço de tempo o dia em que se acabava o noviciado, mas, vendo-se mui enferma e impossibilitada pera continuar o rigor daquele mosteiro, entrou em consideração se podia professar aquela vida de religião, ainda que depois não pudesse levar avante sua aspereza por suas indisposições. Consultou isto com o vigairo-geral da Ordem do glorioso padre São Domingos em nosso reino de Portugal, chamado Frei Antão de Santa Maria, o qual lhe disse que convinha ser dada a sentença por muitos, pelo

²⁵⁷ No original está *liado*.

que lhe desse licença pera os ajuntar em Lisboa, pera onde logo se partiu e fez uma junta, na qual se acharam presentes el-rei e o príncipe; depois de propostas todas as razões que havia per ser ou não ser freira, concluiu-se que não convinha fosse freira.

Notificando-se este parecer à princesa, obedeceu sem replicar, mas determinou não sair do mosteiro e gastar ali toda a vida em serviço de Deus o mais perfeitamente que pudesse. Deu conta²⁵⁸ do que se passava à prioressa e, cheia de lágrimas, despiu diante dela o hábito, entregou-lho com muita reverência dizendo com grande dor que era tal que não merecia trazê-lo; cobriu-se com uma mantilha pobre e assi andou alguns dias pera que soubessem que já não era noviça; parecia-lhe neste tempo que andava sem roupa como alguma pobre desconsolada; dali a pouco tornou a tomar o hábito da Ordem, divulgando-se que o não trazia por obrigação, senão por devação e consolação de sua alma. Também obedecia à prelada e cumpria todos os exercícios da Ordem, salvo que não comia peixe, porque havia medo de tornar a cair na fraqueza de que havia convalecido.

Passadas estas cousas, no ano de mil e quatrocentos e oitenta e nove, foi Deus servido castigar seu povo e enviar peste a Aveiro e suas comarcas, pelo que el-rei mandou aos bispos de Coimbra e do Porto que fossem tirar a princesa daquelas terras, o que sentiu muito, porque se el-rei uma vez a visse fora do mosteiro nunca permitiria que tornasse e assi resistiu quanto pôde por ficar; mas como os bispos vissem o perigo de sua vida e a obrigação em que os pusera el-rei, não condescenderam com seus desejos, mas disseram-lhe que escolhesse o lugar ou mosteiro que quisesse porque eles a acompanhariam. E para mais a obrigarem, veio o vigairo-geral da província de São Domingos, Frei Antão de Santa Maria, e persuadiu-lhe que não convinha fazer mais detença naquela terra, ao que logo se rendeu dizendo que havia de levar consigo a prioressa Briatis Leitoa e algumas religiosas, pera sua consolação. Não pareceu bem à prioressa deixar seu mosteiro, mas foi-lhe posta obediência e assim acompanhou a princesa com mais seis religiosas e duas meninas que se criavam naquele mosteiro; foi direita a Avis, donde por causa de enfermidades se passou pera Abrantes, aonde esteve até que no ano de mil e quatrocentos e oitenta e um, em que morreu el-rei seu pai e começou a governar seu irmão, el-rei Dom João o Segundo, que quis a princesa o ajudasse e ilustrasse seu reino com sua presença, pelo que veio pera a cidade do Porto, aonde se mostrou devotíssima do mártir São Pantalião de Nicomédia, que tem naquela cidade suas relíquias, e fez com [que] el-rei seu irmão lhas mandasse pôr em uma arca de prata que despois mandou acabar el-rei Dom Manuel que lhe sucedeu e agora estão nela mui veneradas.

²⁵⁸ No original está *consta*.

Estando a princesa no Porto, mandou el-rei Henrique Sétimo de Inglaterra seus embaixadores a Portugal e que não saíssem dele sem lha levar por mulher, e foram tão graves as rezões de estado que havia pera que el-rei seu irmão efetuasse este casamento que a mandou chamar a Alcobaça; e vendo que a não podia mover com rogos e palavras, determinou de pôr mais força do que seu pai havia usado em casos semelhantes, pelo que mandou que as religiosas que estavam em sua companhia se tornassem logo pera seu mosteiro, havendo que eram causa de não se fazer o que queria. Também se houve mui asperamente com a mesma princesa dizendo que por força a entregaria aos embaixadores, que lhe pagava mal o amor que lhe tinha, que não era amiga do reino senão de si mesma, pois estimava mais sua quietação que as necessidades públicas. A princesa continuava em dar algumas escusas e recorria com maiores devações a Deus Nosso Senhor que lhe valesse nesta grande aflição, senão quando viu um anjo, o qual lhe disse que estivesse mui segura porque não havia de casar senão conservar-se em pureza até à morte e que soubesse que era morto Henrique Sétimo de Inglaterra, que a pedia por esposa; dito isto desapareceu e despertou a princesa do sono em que estava acompanhada de alegria e cheia de humildade, com certíssima confiança de Nosso Senhor lhe ter concedido a mercê que de dia e de noite lhe pedia.

Vindo depois el-rei a visitá-la, tornou-lhe a falar apertadamente no casamento. Ao que respondeu soubesse Sua Alteza que el-rei Henrique de Inglaterra era morto, acrescentando humilmente que se nisto a achasse verdadeira como em semelhante caso o fora, que lhe havia de dar sua palavra real de nunca mais entender com ela sobre casamentos. Ficou el-rei espantado e mui triste por lhe parecer que el-rei de Inglaterra, seu grande amigo, seria morto e, andando perplexo, dali a seis dias vieram cartas de Inglaterra aos embaixadores que não havia pera que tratar de casamento com seu rei porque havia dezassete dias que estava morto. O caso semelhante em que a princesa se havia mostrado verdadeira sucedeu que em tempo de seu pai Dom Afonso foi perseguida que casasse com Carlos Oitavo, rei de França, e disse que o faria se fosse vivo, sabendo por revelação que era morto, como se viu dentro de oito dias em que chegou a nova que morreu em a cidade de Ambuís a sete de Abril, que foi o dia em que a mesma princesa publicou sua morte. Mas tornando ao fio de nossa história, el-rei Dom João, tendo a certeza da morte d'el-rei de Inglaterra, pediu perdão à princesa das cousas que lhe tinha dito por não querer e disse-lhe que lhe dava sua palavra de a não obrigar a casamento algum, senão que ela o trataria com Nosso Senhor, se era sua vontade haver de casar, quando houvesse alguma ocasião disso, pera maior bem deste reino.

De Alcobaça se foi el-rei Dom João pera Lisboa e a princesa se voltou pera o seu mosteiro, aonde foi recebida das religiosas com grande alegria, diante das quais fez voto de castidade estando de joelhos no coro; dali por

diante se deu mais à contemplação e teve admiráveis favores do céu, tomando por sua particular avogada Santa Caterina mártir, em cuja festa fez aquele voto, pera mais se obrigar à perseverança de seu antigo propósito e amor grande que tinha ao estado virginal. Neste tempo lhe pediu el-rei quisesse criar em sua casa um filho que houvera em uma dama ilustríssima, porque lhe queria muito, o qual era o senhor Dom Jorge, que veio a ser mestre das ordens de Santiago e Avis, duque de Coimbra, senhor de Torres Novas, Aveiro, Beetrias e Montemor-o-Velho, com todas as mais terras do infantado, como as possuía seu visavô, o infante Dom Pedro, o qual depois fundou a ilustríssima Casa de Aveiro. Por este tempo andava a princesa mui ocupada com as noviças, continuando seus exercícios, provendo de ornamentos a sancristia, enchendo de cousas necessárias a enfermaria; em nenhuma cousa se recreava senão em estar com as religiosas; ouvia os pontos do sermão, quando o havia, e praticava nos exemplos dos santos.

Procurou ali fazer outro mosteiro mui sumptuoso, o qual se começou, mas não foi por diante porque havia muitos enfermos em aquela vila e assi foi constrangida a sair dela pera a cidade de Coimbra, aonde se recolheu no real mosteiro de Santa Clara; dava muitas esmolas aos pobres; fazia pazes entre os que a não tinham; emparava muitas mulheres em suas necessidades; avisava outras que não fossem más; sucedeu que uma, vendo-se tratada com mais aspereza porque eram públicos seus maus exemplos, não teve temor de Deus e mandou dar peçonha à santa em um púcaro de água, ainda que não se provou que morrera daquela água, senão que depois de a beber se achara sempre mal. Tornou, enfim, pera seu mosteiro de Aveiro com suspeita que lhe fora dada peçonha, com que se ia consumindo pouco a pouco; e revelou-lhe Nosso Senhor sua morte, segundo disse a uma religiosa de Santa Clara de Coimbra, por nome Dona Clara da Silva, a qual era de mui santa vida. Disse o mesmo a prioressa que então era do mosteiro de Jesus de Aveiro, chamada Dona Maria de Ataíde, da qual ao diante faremos maior menção.

Também o céu pronosticou sua morte, porque um ano antes que morresse, duas horas depois da meia-noite, a oito de Dezembro, houve um grande eclipse da lua que durou mais de três horas e disseram os astrólogos d'el-rei que ameaçava a morte de alguma pessoa real neste reino. Correndo o tempo, adoeceu em Maio mui gravemente e, logo à festa de São João, ante portam latinam, de quem era devota, pediu os sacramentos pera morrer; confessou-se, tomou o Senhor e foi ungida, mostrando muita contrição e sinais de piedade cristã quando se chegava a cada um destes sacramentos; vieram visitá-la nesta última doença sua tia, a senhora Dona Felipa, e trouxe consigo a abadessa que então era do mosteiro de Odivelas, Dona Mécia de Alvarenga, grande amiga e antiga companheira da mesma princesa. Acharam-se presentes à sua morte o arcebispo de Braga Dom Jorge da Costa, o bispo de Coimbra

Dom Jorge de Almeida, o bispo do Porto, Dom João de Azevedo, os quais a consolaram muito, assistindo todo o tempo necessário por mandado d'el-rei que estava em Évora e não veio, porque os médicos o tinham desenganado que não chegaria a tempo que estivesse viva. Depois que recebeu os sacramentos, viveu mais seis dias e em todos chorou muitas lágrimas, até que deu sua alma a doze de Maio do ano de mil e quatrocentos e noventa e cinco; e como havia nascido a seis de Fevereiro de mil e quatrocentos e cinquenta e dous, colige-se que viveu trinta e oito anos, três meses e quatro dias.

Depois que espirou, foi-lhe vestido seu hábito da Ordem de São Domingos como tinha pedido e sucedeu um milagre notável que, vindo seu corpo na tumba pera ser sepultado, passou por uma horta, aonde costumava recrear-se com as religiosas e, com ser passado o mês de Abril e ser aquele dia doze de Maio em que as ervas e árvores estão cheias de flores e folhas, todas se murcharam em sinal de saudade e jamais nenhuma árvore daquelas que eram muitas prestou pera nada, nem tornou a arrebentar, ainda que as podaram e procuraram restaurá-las, até que as arrancaram todas.

No tempo em que a santa princesa deu sua alma a Deus, estava em contemplação Diogo Lourenço, capelão seu, de muitas virtudes, que viu diante dos olhos uma luz muito clara e resplandecente e no meio uma coroa de espinhos ensanguentada; também ouviu dizer *acabou*; e, tanto que desapareceu a visão, tangeram os sinos em Aveiro pelo falecimento da princesa que, pelos méritos da coroa de espinhos do Senhor que trazia por empresa, resplandeceu por virtudes em esta vida e juntamente apareceu à prioressa, que então era Dona Maria de Ataíde, como quem estava na glória. Afirmou certa religiosa do mesmo seu mosteiro que ouvira músicas dos anjos no mesmo tempo em que a princesa morreu. Testificou outra que no dia da purificação da Virgem tinha visto em contemplação estar aberta a cova em que depois a sepultaram, colegindo que os anjos desde então lhe tinham designado o lugar da sepultura.

Apareceu a uma religiosa depois de matinas e disse: Vejo a Deus e em o ver e louvar tenho tanto bem quanto desejei, porque em o momento que minha alma saía do corpo o Senhor foi meu refúgio e ajuda de minha esperança. Não eram bem passados catorze dias depois de sua morte quando apareceu mui gloriosa a todas as religiosas e disse-lhes que haviam de estar cedo com ela algumas em a glória e assi foi que dentro de um ano morreram sete mui perfeitas. Fez pelo tempo adiante alguns milagres e um foi sarar uma religiosa, que estava ferida de peste, com a terra de seu sepulcro.

Até aqui escrevemos a história desta excelentíssima princesa, seguindo a impressa que fez o douto Mestre Frei Nicolau Dias²⁵⁹ da Ordem do glorioso

²⁵⁹ Fr. Nicolau Dias, *Vida da sereníssima princesa Dona Joana (...)*, ob. cit., esp. cap. III, fl 9r.-13v e caps. VIII-XXV, fls. 26r.-80r.

São Domingos, concluindo que a árvore da vida no meio do paraíso terreal o ilustrava com seus ramos, assi tão excelente princesa afermoseie com suas virtudes este nosso jardim, pera glória de Deus que seja sempre louvado. Amen.

108. DONA MARIA DE ATAÍDE, pertence a Aveiro.

Como as brasas não se conservam muito tempo acesas senão juntas no braseiro ou como as pérolas não nascem em suas conchas senão unidas umas com as outras, ou como os bagos das uvas costumam amadurecer todos quando alguns estão maduros em o mesmo cacho, ou como as flores que postas em um ramalhete são mais fermosas que cada uma de por si, assi em nenhuma parte se acham mais excelentes almas que em um mosteiro bem ordenado, como se viu no de Jesus de Aveiro em que Dona Maria de Ataíde, de quem agora tratamos, era prioressa quando a santa princesa Dona Joana morreu nele, a qual foi filha de Diogo de Ataíde e sua mulher Briatis Leitoa, pessoas de grande nobreza, como temos dito em outra parte. Criou-se como se fora religiosa no recolhimento que sua mãe fez a par da Misericórdia de Aveiro; sempre trazia presente a Deus, escolhia o que era de maior serviço seu; com tanto gosto buscava penitências com quanto os mudamentos buscam regalos, não querendo mais na vida que o necessário pera viver nela, até que veio acabar-se o mosteiro que sua mãe edificou em Aveiro e nele foi religiosa da Ordem do glorioso São Domingos; amava a penitência e dava-se com grão cuidado aos exercícios da contemplação, pelo que foi prioressa de seu mosteiro, no qual ofício deu singulares exemplos de virtude, tendo muito zelo da honra de Deus e observância de sua Ordem. Entre as cousas que lhe sucederam, uma foi que teve revelação que estava a princesa Dona Joana em seu mosteiro já perto da morte e o contou a mesma princesa, dizendo que lhe apparecera em sonhos vestida de gala, coberta de mui rica pedraria, cantando no coro a Kalenda com uma voz angelical e que também ouvira umas palavras que vinham do altar-mor e diziam: Presto virá a morte. E assi foi que a princesa morreu, sendo ainda prioressa esta serva de Deus que, como era muito sua amiga, nunca mais teve uma hora de gosto, até que lhe appareceu com resplandores mui grandes, vestida no hábito do glorioso São Domingos, e assi lhe mandou que não se entristecesse, pois sabia que estava na glória. Tudo isto se conta na história impressa da mesma princesa²⁶⁰, em que esta serva de Deus é mui louvada de illustre em virtudes, pelas quais o mesmo Senhor seja sempre louvado. Amen.

²⁶⁰ Fr. Nicolau Dias, *Vida da Sereníssima Princesa Dona Joana (...)*, ob. cit., cap. V, esp. fl. 14v.-15v. e cap. XXI, esp. 63r.-v.

109. ÁGUEDA LOPES, pertence a Lisboa.

A devoção de rezar o rosário à Virgem Sacratíssima Nossa Senhora foi ocasião pera muitas mulheres de nosso reino de Portugal vir a serem insignes em virtude e, se não desaparecera um livro que havia mui autêntico dos milagres que sucederam por respeito desta devoção, o qual estava no mui observante mosteiro de São Domingos de Lisboa, verdadeiramente que teríamos infinitas que pôr em este livro; pelo que não fazemos nele menção senão de algumas bem poucas em respeito das muitas que deixamos em silêncio; mas primeiro daremos uma breve notícia do sacratíssimo rosário, por amor dos devotos dele, que são todos os fiéis cristãos.

Sempre na Igreja Católica se rezou à Virgem Nossa Senhora, principalmente a sua oração da Avé Maria, enquanto contém as palavras com que São Gabriel e Santa Isabel a saudaram, a qual depois se acrescentou com grande proveito da cristandade, e repetiam os fiéis cristãos a mesma oração muitas vezes, imitando a Cristo Senhor Nosso que no horto fez oração, repetindo as mesmas palavras três vezes, número que significa muitos, porque contém o par e ímpar em que todos os outros se resolvem.

E porque os fiéis cristãos fossem aliviados na memória das muitas vezes que repetiam a saudação angélica, um ermitão chamado Pedro de Amiães, cidade de França, inspirado por Deus teve tão grande eficácia que moveu ao Sumo Pontífice e reis cristãos a que fizessem liga e conquistassem a Terra Santa, que estava como agora está em poder de turcos, o qual, animando os cristãos que tomassem por sua defensora e ajudadora à Virgem Nossa Senhora, escreve Poliodoro Virgílio que inventou as contas enfiadas em cordões, ainda que não lhes limitou certo número, pelo que os soldados de Cristo em aquela conquista levavam as contas que estimavam mais que pérolas, e assi rezavam à Virgem o número que cada um tinha em sua particular devoção.

Veio depois o glorioso fundador da ilustre Ordem dos Pregadores, o qual, inspirado por Deus, segundo parece, reduziu as contas a cento e cinquenta, à imitação dos salmos de David que são outros tantos; donde alguns antigos chamaram ao maior número de contas o saltério da Virgem e dividiram-no em três terços à imitação do saltério de David, que tem três vezes cinquenta, número que significa perdão, porque aos cinquenta anos havia no Velho Testamento o jubileu, perdão e descanso das cousas.

Depois sucedeu um milagre mui notável em a cidade de Colónia, que está em Alemanha, o qual é o primeiro que se conta no Livro dos Milagres do Rosairo que imprimiu em nossos dias o padre João Rebelo²⁶¹ da sagrada

²⁶¹ P. João Rebelo, *História dos Milagres do Rosário e de muitas e diversas devoções que santos e pecadores fizeram à Santíssima Virgem e a Jesus Cristo Nosso Salvador(...)*, Évora,

ordem da Companhia, e foi que um homem mui devoto de rezar pelas contas à Virgem Nossa Senhora acertou de matar outro, pelo qual um irmão do morto de dia e de noite por todas as partes o buscava pera também o matar e, vendo que uma vez estava de joelhos rezando diante da Virgem Nossa Senhora, notou que de sua boca saíam rosas brancas e vermelhas, as quais a Virgem todas recebia e fazia delas uma capela de frescas rosas, pelo que assi se rendeu e mudou a vontade que não somente não quis matar dali por diante ao devoto da Virgem, mas também o ficou muito de o rezar à Virgem Nossa Senhora pelas contas que per amor deste e semelhantes milagres são comumente chamadas rosairo, e com rezão, porque pode dizer o devoto delas: *Quasi palma exaltata sum in Cades, et quasi plantatio rosæ in Hiericho*. Que é forte como a palma, que nem calores nímios a secam, nem ventos grandes a quebram, porque vizinha com a plantaçõ da rosa de Jericó, que é por se chegar e emparar do rosairo da Virgem, comparando-o com a rosa de Jericó, que tem, como escrevem da rosa de ouro que benze o Sumo Pontífice, cento e cinquenta folhas, número do rosairo que contém cento e cinquenta avé-marias: *Prope hunc fontem Elisæi arbores crescunt instar prunorum spinosæ tamen in quibus flores nascuntur quos rosas Hiericuntinas vulgus apellat, mirandi effectus. Nocte enim Natalitia nostri Saluatoris paulatim hiant, atque inde se recludunt, licet criccæ sint, et aridæ, in testimonij virginei partus, vt crederet licet*. E tratando da fonte de Eliseu Crino Adriconico²⁶¹ no seu Teatro da Terra Santa, diz que na noite de Natal reverdesce a rosa de Jericó aonde quer que está, pera com esta maravilha se comprovar em o mundo ser a Virgem mãe e não perder sua pureza como aquela rosa, ou esteja na árvore, ou tirada dela se faz mui fermosa e fresca naquela noite, assi pelo rosairo se renova a devaçõ que sempre devemos a ter à Virgem Mãe de Deus. Enfim, como a rosa de Jericó serve pera todo²⁶² género de enfermidades, assi o santo rosário da Virgem Mãe de Deus é remédio pera todos os males, ou sejam do corpo, ou da alma, pelo que muitos fiéis têm recebido infinitas mercês de Deus pelo rezarem em memória da Virgem Nossa Senhora, do que nos dá exemplo singular a mulher de que agora escrevemos.

Era Águeda Lopes natural de um lugar a que chamam Canas de Senhorim, mui devota da Virgem Nossa Senhora, a quem sempre rezava seu rosário com a maior devaçõ que podia. Veio a ser casada com um homem que a acusou de lhe fazer adultério e, segundo diziam, foi testemunho falso que lhe

1602, reed. ibi, 1608, Lisboa, 1610 e 1614, com diversas reedições posteriores à deste *Jardim de Portugal* (1669, 1677, 1691). Cf. ed. de Lisboa, 1610, *Diálogo primeiro*, fl. 5r.-6v.

²⁶¹ Christian van Adrichem (= Christianum Adrichomium), *Theatrum Terræ Sanctæ et Biblicalium Historiarum cum tabulis geographicis aere expressis(...)*, Colónia Agripina, 1590, reed. ibi, 1593, 1589, 1600, 1613. Cf. ed. de Colónia, 1593, fl. 17a.

²⁶² No original está *tudo*.

levantou, pelo qual veio a ser presa na cadeia de Lisboa e deu sentença que morresse enforcada, a qual se executou em nove de Maio de mil e quatrocentos e noventa e quatro anos.

Ela na cadeia sempre rezava o sacratíssimo rosário, quando ia pera padecer também o levava consigo e rezava quanto podia, mostrava ter uma certa confiança de não morrer e assim, quando a enforcaram, gritou muito pela Virgem Nossa Senhora do Rosário que lhe valesse. Aquele mesmo dia à tarde deu a justiça licença que a tirassem e tiraram-na uns homens de fora da terra, de maneira que, inda que ela não fora morta, o modo com que a tiraram bastava pera a acabar de matar, segundo contaram os que estiveram presentes.

Levaram-na a enterrar à igreja dos Anjos e, querendo-a meter na cova, mostrou sinais de viva, lembrando-se então os que a viram padecer como ela bradara muito por Nossa Senhora do Rosário; vieram dizê-lo aos religiosos do mosteiro de São Domingos da dita cidade que logo a foram buscar e trouxeram-na à sua igreja com grande multidão de gente e, entrando pela porta, pediram a Deus misericórdia todos, porquanto ainda não sabiam que a mulher estava de todo viva, e assi movidos de caridade pediam a Nosso Senhor que houvesse misericórdia com ela, para que fosse feita sua divina vontade.

Puseram-na nos degraus do altar de Nossa Senhora do Rosário e, como lhe descobriram o rosto, abriu os olhos e pô-los fitados na imagem da Virgem Nossa Senhora; e pola muita gente que corria a ver tão grande milagre a não abafar, a levaram à sancristia e ali lhe acharam o rosário que tinha consigo e lhe deram de comer e esteve assi aquele dia, que era uma sexta-feira, e ao sábado; no domingo seguinte, em que se fazia a festa de Nossa Senhora do Rosário, esteve à missa e contou ao provincial da Ordem do glorioso São Domingos como a Virgem lhe aparecera e estivera junto com ela e por sua intercessão fora livre da morte, a qual mulher ficou sempre servindo em aquela igreja em agradecimento do benefício de sua vida, que depois durou muito; e assi é de crer que morresse cheia de virtudes, por amor das quais foi livre da morte e se lhe prolongou tanto a vida e viemos a ter exemplo tão excelente acerca da devação do sagrado rosário.

Este milagre foi autenticado e, como se perdeu o livro que estava em São Domingos que continha os milagres do rosário, tornou-se a justificar e assi se justificou e apurou pelo ordinário no ano de mil e quinhentos e trinta e sete, no mês de Setembro, sendo já passados setenta e nove que acontecera, por inda se acharem pessoas que conheceram esta boa mulher e viram o milagre, segundo afirma o Padre João Rebelo, religioso da sagrada Companhia, no livro que fez dos Milagres do Rosário²⁶³, aonde conta que em Estremoz

²⁶³ P. João Rebelo, *História dos Milagres do Rosário*, ob. cit.. Cf. ed. de Lisboa, 1610, *Diálogo XXIII*, esp. fl. 70r.-71r.

estavam dous homens mui impacientes e que por nenhum modo se rendiam a padecer a morte a que estavam julgados por delitos mui atrozes que tinham cometido, mas, sendo-lhes referido este milagre, logo tomaram cada um seu rosário e confessaram-se com muitas lágrimas e, inda quando os levavam, iam rezando de modo que todos os viam sofrer a morte com muita paciência, pera glória de Deus Nosso Senhor, que deu a nosso reino mulher tão insigne em ser devota do rosairo, pelo que seja sempre louvado. Amen.

110. DE ALGUMAS MULHERES

de Elvas

Escreverei agora de algumas mulheres de Elvas, ainda que não saiba mais delas que haverem sido muito devotas do rosairo, que é virtude nas mulheres mui louvável e, ensinada com exemplo de outras, ficará mais intimada; e posto que sejam mais modernas, contudo pomo-las neste lugar porque tenhamos nele juntas as cousas que pertencem a esta celestial devação, pela qual têm vindo à terra mais milagres e mercês de Deus que por nenhuma outra que saibamos, como se pode ver em os muitos livros que há em todas as línguas dos cristãos escritos acerca das indulgências que os sumos pontífices concederam aos confrades do rosário e maravilhas que per amor destas rosas da Virgem tem acontecidas na terra.

Conta, pois, o Padre João Rebelo²⁶⁴ da sagrada Companhia de Jesus, em o diálogo vinte e seis, que uma mulher em Elvas vivia mui afligida por ser mui pobre e ter o marido ausente, a qual era devotíssima da Virgem Nossa Senhora do Rosairo, e tendo toda a sua esperança posta nesta Senhora, continuando em rezar o rosairo, ouviu um milagre que a Senhora tinha feito com outra mulher, semelhante ao que ela esperava, e foi Deus servido de que antes de pouco tempo tornasse seu marido bem provido pera poder passar com honra como ela desejava; e como na cidade se soube que sua vinda fora efeito da devação do rosairo, todas as mulheres se fizeram devotas dele, rezando-o cada dia. Até aqui o autor alegado, provando que pela devação do rosairo alcançaram algumas mulheres que os maridos, andando ausentes, tornassem brevemente pera sua casa com o necessário pera a sustentação dela, e com rezão, porque se das rosas naturais se afirma que têm virtude pera abrandar, afeiçoar e trazer após si corações, também as espirituais do rosairo pelos méritos da Senhora renderão corações duros e afeiçoam-nos a buscar os lugares aonde elas estão.

²⁶⁴ P. João Rebelo, *História dos Milagres do Rosário*, ob. cit. Cf. ed. de Lisboa, 1610, *Diálogo XXVI*, fls. 75v.-77v.

Conta o mesmo Padre João Rebelo²⁶⁵, no diálogo vinte e sete, que na dita cidade de Elvas uma mãe tinha três filhas já de idade, as quais viviam com grande pobreza e, ainda que trabalhavam de dia e de noite, não tinham bastante remédio pera passar a vida; mas que ouvindo um milagre que a Virgem Senhora Nossa fizera com outra mãe que tinha duas filhas de semelhante necessidade, foram dali por diante mui devotas do rosairo e, como o rezassem cada dia, em breve tempo ficaram remediadas, porque vieram dous mancebos que, sabendo de suas virtudes, casaram com duas delas. Donde prova o autor que o rosairo é cousa de grande remédio pera mulheres pobres e devotas, as quais e todas as pessoas o devem rezar de joelhos, porque estes dizem os filósofos que têm grande simpatia com os lagrimais dos olhos e assi alguns notam *Genua agenis*, que dele tomaram o nome porque, como o menino anda no ventre de sua mãe em figura redonda, fica com os joelhos metidos nos lagrimais; e como os joelhos em terra postos doem, têm mais compaixão deles os olhos e assi a postura do cristão, que está de joelhos, é mais apta pera chorar. E como o rosário conste de rosas, bem é que sejam orvalhadas com lágrimas e assi se deve rezar de joelhos pelos que se vêem desemparedados, se querem bom remédio a seus males.

Na mesma cidade de Elvas houve uma moça de mau viver, a qual inquietava muito aquela cidade, pelo que, pedindo um cura conselho pera remédio de tão pestífera doença, contaram-lhe um milagre do rosairo com que em Roma outra mulher semelhante deixou o mau estado em que andava. Disse o cura tudo à mulher de Elvas, afeiçoando-a a rezar o sagrado rosário. Encomendou-lhe também que rezasse pelas almas do purgatório e pelos que estavam em pecado mortal e, com obedecer ao seu cura e rezar o rosário sacratíssimo, deixou a má vida que tinha e viveu como boa cristã. Assi o escreve o mesmo autor no diálogo vinte e oito do Livro do Rosário²⁶⁶, aonde nota que é a devação do rosairo muito boa pera Deus Nosso Senhor por sua misericórdia converter mulheres que vivem mal. E se os animais imundos, que chamam escaravelhos, morrem com o cheiro das rosas, como dizem os naturais, não é muito ordene Nosso Senhor que, pelo rosairo, nossas almas, ainda que sejam mui imundas, de todo fujam das imundícias e paixões brutais, amem a castidade e se governem em tudo pela razão, como sucedeu à mulher de Elvas, de que tratamos, que deixou os vícios da carne pelas mercês que a Virgem lhe fez, rezando seu rosairo; e é bom rezá-lo logo pela menhã, porque, como neste tempo as rosas despedem maior cheiro e têm mais fermosura, assi nele as orações são mais devotas e feitas com maior espírito.

²⁶⁵ P. João Rebelo, *História dos Milagres do Rosário*, ob. cit. Cf. ed. de Lisboa, 1610, *Diálogo XXVII*, fl. 78r.-79v.

²⁶⁶ P. João Rebelo, *História dos Milagres do Rosário*, ob. cit. Cf. ed. de Lisboa, 1610, *Diálogo XXVIII*, fl. 79v.-80r.

Conta o mesmo douto e pio Padre João Rebelo²⁶⁷ que na própria cidade de Elvas havia uma mulher a que queriam dar tratos, por ser acusada de feiticeira e bruxa, mas sendo-lhe inculcada a devação do rosairo, teve mui bom livramento; e acrescenta em o diálogo trinta que os presos e presas que então havia em a mesma cidade todos ficaram mui devotos do rosairo que, como as rosas em lugares ásperos, cheios de cal e pedras, a par de cebolas e alhos e outras cousas de cheiro fartum têm entre suas espinhas maior suavidade, assi as avé-marias que se rezam à Virgem entre grillhões e trabalhos são de ordinário de maior devação; por isso, os que se virem afligidos devem recorrer à Mãe da Misericórdia, que costuma valer aos que se valem dela em suas prisões e perigos.

Conta o mesmo Padre João Rebelo²⁶⁸, no diálogo trinta e um, que na mesma cidade de Elvas havia duas mulheres enfermas de males incuráveis, as quais estavam em camas, tendo nesta vida o purgatório, e eram mui honradas, virtuosas e devotas da Virgem Nossa Senhora, pelo que lhe acendiam em o sábado a alâmpada no seu oratório, as quais ouvindo as maravilhas do rosário, dobravam a devação que lhe tinham e é crível que o rezariam mui perfeitamente, isto é, com dobrado espírito, porque as rosas dobradas são de maior proveito e mais cheirosas, e assi as avé-marias do rosairo devem ser dobradas, isto é, ditas com a boca e juntamente com o coração, considerando se os mistérios do Senhor e da Senhora, que são cinco gozosos, cinco dolorosos e cinco gloriosos, conforme as cores das rosas, que são verdes nos pés, vermelhas nas folhas, douradas em suas coroas; o que tudo seja pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

111. DONA CATERINA DE ATAÍDE, de Aveiro.

Foi filha de Briatis Leitoa e Diogo de Ataíde, dos quais temos tratado, e como as frutas excelentes nadem de boas árvores e em boas terras, assi as mulheres de ordinário seguem suas mães e pátrias; donde David compara o justo não com qualquer árvore nem plantada em qualquer lugar, senão com uma que se plantou a par das correntes das águas e dá seu fruto não perdendo a folha, como a palmeira de boa casta, que toda se ocupa em dar tâmaras e nunca perde as folhas; assi foi Dona Caterina de Ataíde em sua vida, porque

²⁶⁷ P. João Rebelo, *História dos Milagres do Rosário*, ob. cit. Cf. ed. de Lisboa, 1610, *Diálogo XXX*, fl. 83v.-84v

²⁶⁸ P. João Rebelo, *História dos Milagres do Rosário*, ob. cit. Cf. ed. de Lisboa, 1610, *Diálogo XXXI*, fl. 85v.-86r.

lemos na história da princesa Dona Joana²⁶⁹ que sua mãe depois de viúva a tresplanteou de Lisboa, aonde nasceu, para a sua quinta de Ouça, que estava perto de Aveiro, para que fugindo da malícia das cidades fosse criada com maior pureza de costumes, que como dos campos se vê melhor o céu, assim que se criam neles estão mais desembaraçados para seguir a lei de Deus, que não se deu nas cidades, porque de ordinário se guarda melhor fora delas, como esta serva de Deus a guardava na quinta de sua mãe, aonde foi vista de certo peregrino que disse havia de ser freira, de tal modo que todos esperavam viesse a ser ilustre em virtudes, como foi feita religiosa no mosteiro de Jesus de Aveiro que sua mãe edificou; mas primeiro deu maravilhosos sinais da perfeição, vivendo no recolhimento que sua mãe tinha antes de acabar seu mosteiro, no qual esta serva de Deus era humilde sem fingimento, alegre sem leviandade, confiada sem presunção, edificando sem hipocrisia, contentando a todos sem vanglória, sofrendo vários trabalhos sem murmuração, até que entrou no mosteiro de sua mãe, como está dito, aonde, como dá a entender o seu nome Caterina, se esmerou na pureza da boa consciência e, ainda que viveu pouco, sempre fez vida boa, que se deve estimar muito.

Fez uma prática à hora da sua morte mui notável, como se nota na história da princesa Dona Joana. Nela tratava do desengano das cousas da vida e do bem que traz consigo o amor grande de Deus. Pediu perdão às religiosas, lembrou-lhes que não se esquecessem da hora da morte e, porque as palavras dos salmos afugentam os demónios, alegam as almas e fazem-nas mui fortes em o serviço de seu Senhor, pediu às religiosas que rezassem os salmos e cânticos de seu breviário, o que elas fizeram com muita devação; e chegando àquele verso do cântico de Zacarias, pai do Baptista, que diz: O Filho de Deus nos visitou, para que nossos pés sejam dirigidos pelo caminho da paz, entrou em passamento e deu sua alma brevemente a seu celestial esposo, ficando seu rosto tão resplandecente que parecia viva, pelo que a não sepultaram logo, senão depois de passado algum espaço de tempo maior que o costumado, com grande consolação das religiosas que não se fartavam de falar em suas virtudes, pelas quais seja Deus louvado. Amen.

112. DONA BRIATIS DA SILVA, de Campo Maior.

Seu pai chamou-se Rui Gomes da Silva e foi alcaide-mor de Campo Maior e Ouguela; sua mãe, Dona Isabel de Meneses, filha de Dom Pedro de Meneses,

²⁶⁹ Fr. Nicolau Dias, *Vida da sereníssima princesa Dona Joana (...)*, ob. cit., cap. V, fl. 14r.-v.

conde de Viana e o primeiro capitão de Ceita²⁷⁰, resplendor da ilustríssima Casa de Vila Real. Teve dous irmãos dignos de eterna memória; um, Dom João de Meneses que, feito religioso, floreceu em milagres e instituiu a Ordem dos Amadeus, que depois se incorporou na de São Francisco, o qual é chamado Santo Amadeu, e tem suas relíquias mui veneradas no ducato de Milão; o outro irmão desta nossa ilustríssima portuguesa foi o grande Dom Diogo da Silva, primeiro conde de Portalegre.

Sendo dama da rainha Dona Isabel que de Portugal casou em Castela com el-rei Dom João o Segundo, dos quais naceu a Rainha Católica, Dona Isabel, assi era fermosa que parecia mulher do céu, pelo que se inquietaram muitos na corte; donde a mesma rainha, entrada de falsos testemunhos que se levantaram a esta ilustríssima dama, a mandou prender dentro em um cofre, aonde esteve fechada três dias e três noites, orando sempre, como fazia Jonas no ventre da baleia, pelo que mereceu que lhe aparecesse e a consolasse a Virgem Nossa Senhora, diante da qual fez voto de pureza virginal e, pera mais o guardar, acabados os três dias, manifestou que havia de deixar a corte e recolher-se em algum mosteiro; com o que a rainha folgou muito e assentaram que fosse o de São Domingos o Real de Toledo da Ordem dos Pregadores. Caminhando, pois, de Tordesilhas, aonde foi presa e lhe apareceu a Virgem, indo já perto de Toledo vieram subitamente dous religiosos da Ordem dos Menores, os quais a acompanharam e, entre outras cousas que lhe disseram, uma foi que havia de ser mãe de muitas filhas de grão virtude; e como respondesse que tinha feito voto de castidade, confirmaram-na, dizendo que não duvidasse de sua promessa, porque a veria cumprida. Sucedeu dali a pouco entrar em uma estalagem e, assentando-se à mesa, mandou chamar os religiosos que vinham em sua companhia e por mais que se buscaram nunca foram achados, pelo que entendeu divinalmente que eram os bem-aventurados São Francisco e Santo António, seus mui particulares avogados, e que por mandado de Deus lhe revelaram alguma cousa grande que ao diante havia de acontecer.

Chegada a Toledo, entrou no mosteiro de São Domingos o Real, levando consigo duas criadas somente. Ali deu notável exemplo de recolhimento, entregou-se à penitência e continuou muito os exercícios da oração, trazendo sempre a Deus diante de seus olhos pera não fazer nenhuma cousa que não fosse de seu serviço; sobretudo, era devota da Virgem Nossa Senhora, pelo qual veio a entrar em pensamentos de fazer, em memória de sua imaculada conceição, uma Ordem de religiosas que trouxessem o hábito com que esta Senhora lhe apareceu quando esteve presa em Tordesilhas, o qual era branco e o manto azul. Tratou estes celestiais desejos com a Rainha Católica Dona

²⁷⁰ Ceuta.

Isabel, que se alegrou muito, e logo lhe deu os paços que chamavam de Galiana em Toledo pera que pusesse em execução tão excelente empresa.

Entrou nestes paços e, como sol coroadado com doze estrelas, assi resplandecia entre outras companheiras que levou consigo, as quais insinuava com a vida principalmente, não fazendo cousa que ofendesse os olhos de alguma e obrando tudo o que convinha a quem era tão santa, que não se via nela uma virtude sem outras muitas em grau mui heróico. Nela estavam como em sua própria morada a mortificação misturada com prudência, a humildade junta com grandeza de ânimo, o cuidado de sua alma unido com o desejo da salvação de todos os próximos. Andando em estes santos exercícios, alcançou do Papa Inocência Oitavo confirmação de sua Ordem da Conceição, mas perdeu-se a embarcação em que vinham as bulas dadas em Roma no ano de mil e quatrocentos e oitenta e nove, pelo que sucedeu um milagre grande, manifestador de quanto Nosso Senhor estimou a Ordem da Conceição que a nossa portuguesa instituiu, o qual foi serem as bulas salvas daquele naufrágio e entregadas por ministério dos anjos em as mãos da bem-aventurada fundadora, Dona Brites, que deu conta de tão notável milagre e logo solenemente foi autenticado, se fez uma procissão geral da igreja de Santa Fé, que é a dos paços de Galiana, até a Maior de Toledo, e levava as bulas em um prato de prata Dom Frei Francisco Quixada, bispo de Guadix da Ordem do glorioso São Francisco, que na mesma sé de Toledo fez um famoso sermão em que relatou este milagre das bulas, que por amor dele se conservam no sacrário do mosteiro da Conceição da mesma cidade de Toledo.

Não trazia esta serva de Deus outra cousa diante dos olhos senão esta sua excelente Ordem da Conceição, pedindo ao Senhor que a fizesse resplandecer em toda a Igreja pera maior glória de Sua Majestade, proveito dos fiéis e honra da Virgem, senão quando, estando um dia a matinas, viu apagada a alâmpada do Santíssimo Sacramento e, pondo-se em oração, tornou a ver acesa, sem saber quem a podia acender; donde entrou em consideração do que significava aquela maravilha e ficou entendendo que tal havia de ser a sua Ordem em algum tempo apagada e pouco conhecida, mas que depois em outro resplandeceria por toda a igreja e, pera ser disto mais certificada, não somente viu o sucesso que está referido, senão que também ouviu uma voz celestial, que lhe disse: A tua Ordem há-de ser como isto que viste, toda se desfará por sua morte, mas, como a Igreja foi perseguida ao princípio e depois floreceu e ficou exalçada, assi ela florecerá e será mui amplificada por todas as partes do mundo.

Continuando com jejuns, esmolos e lágrimas a oração que sempre fazia a Nosso Senhor que lhe fizesse mercê de lhe dar em sua vida religiosas professoras de sua Ordem, apareceu-lhe a Rainha dos anjos e disse-lhe que havia de ver a sua Ordem do céu, aonde estaria dali a quinze dias, nos quais se preparou

pera morrer com muita alegria da alma; deu também conta, como convinha, desta revelação a seu confessor, o qual logo fez que tomasse o hábito e fizesse profissão, segundo as bulas milagrosas de sua Ordem. Depois lhe deu os divinos sacramentos e, quando a estavam unguindo, foi vista em sua testa uma estrela de ouro e uma claridade mui grande em seu rosto, até que chegando o último dos dias que foram assinalados deu sua alma a Deus Nosso Senhor, a dezassete de Agosto do ano de mil e quatrocentos e noventa.

Apareceu logo cheia de muita glória ao padre Frei João de Tolosa, que havia sido seu confessor e estava no mosteiro de São Francisco de Guadalajara, comprindo-se uma profecia, ou promessa, que lhe tinha feito em vida de lhe aparecer depois da morte. Encomendou-lhe muito as cousas de sua Ordem da Conceição, que sempre esteve e estará à conta da seráfica Ordem dos Menores, por isto maiores que por nenhuma cousa, ainda que são grandíssimas por muitas outras em a Igreja Católica.

Foi sepultada na igreja dos paços de Galiana, aonde morreu, a qual agora se chama de Santa Fé por amor da virgem e mártir deste nome, com que foi dedicada a Nosso Senhor e ficaram bem honrados e cristianizados aqueles paços edificados por um rei mouro chamado Gadalfe, os quais herdou sua filha Galiana; e eram tão nobres que depois ficou em provérbio reprender a quem não se contenta com o aposento que lhe dão, dizem-lhe: Se quer os paços de Galiana.

Em Toledo se edificou um insigne mosteiro, que foi o primeiro da sagrada Ordem da Conceição, a qual tem muitos em Espanha, e não sei porque carece deles o nosso reino de Portugal, aonde até agora não há nenhum, salvo o da cidade de Angra em a ilha Terceira. Tanto que o tempo deu lugar, tresladaram a bemaventurada Dona Brites da Silva pera este primeiro mosteiro da sua Ordem da Conceição e puseram seus ossos, que cheiravam maravilhosamente, em um sepulcro de pedra bem ornado, o qual está agora com tão excelente tesouro no coro, metido em um arco da parte direita, e tem a imagem da gloriosa Santa Ana, mãe da Virgem Nossa Senhora, e as dos seus particulares avogados São Francisco e Santo António, porquanto lhe ouviram dizer muitas vezes que desejava ter estas imagens em seu sepulcro, segundo consta da história desta celestial e devotíssima mulher, a qual se conserva no seu mosteiro da Conceição de Toledo, e da que imprimiu o reverendo padre Frei Pedro de Salazar da Ordem de São Francisco, tratando da sua província de Castela²⁷¹ que é da mesma Ordem, aonde escreve largamente as mais das

²⁷¹ Fr. Pedro de Salazar, *Crónica y historia de la fundación y progreso de la Provincia de Castilla, de la Orden del bienaventurado padre San Francisco*, Madrid, 1612, «Libro octavo, en que se trata la historia del mysterio de la concepción de nuestra señora, y la fundación de su Orden, y de los conventos que della hay en esta Provincia de Castilla», esp. cap. I-III, p. 471-475.

cousas que aqui estão ditas com brevidade, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja louvado por todos os Séculos. Amen.

113. DONA MARGARIDA DE MENESES, pertence a Coimbra.

O real mosteiro de Santa Clara de Coimbra sempre teve e tem excelentes religiosas que, por intercessão da sua fundadora, a rainha Santa Isabel que nele está sepultada, resplandeceram em virtudes, entre as quais Dona Margarida de Meneses deve ter bom lugar; foi filha de Aires Gomes da Silva e de Dona Brites de Meneses; teve tanto favor do céu que de mui pouca idade alcançou as virtudes que não se acham senão nos que gastaram muita em o serviço de Nosso Senhor, pelo que a elegeram em abadessa perpétua do seu mosteiro, não sendo mais que de dezoito anos, e governou-o com sumo louvor.

Entre as cousas dignas de memória que lhe sucederam, uma foi que a cidade de Coimbra ardia em peste e o seu mosteiro de Santa Clara estava em grande perigo, de modo que as religiosas tratavam de o deixar e pôr-se em lugar seguro e não reparavam senão no modo que haviam de ter pera com muita decência e religião se saírem e estarem até se acabar aquele mal, encomendando a abadessa Dona Margarida este negócio de tanta importância a Nosso Senhor; inspirada por Ele, como é creível, disse às religiosas quanto melhor seria estar em o seu mosteiro, pedindo a Nosso Senhor que as livrasse do perigo em que estavam seus corpos, que meterem-se em outro maior, em que suas almas podiam ter alguma perda. Vieram as religiosas a se resignar em suas mãos, dizendo que não fariam senão o que ela ordenasse; mandou logo que se pusessem no altar doze velas de igual peso acesas e em cada uma fosse posto o nome de qualquer dos doze Apóstolos e que, entretanto que ardiam, estivessem as religiosas pedindo a Nosso Senhor que lhes desse um dos sagrados Apóstolos por seu avogado contra a peste, de que tanto se temiam, determinando consigo que havia de ser aquele que tivesse o seu nome na vela que durasse mais tempo acesa; e sucedeu que se tinham acabado a cera das onze e ainda estava pera arder muito a que tinha o nome do bem-aventurado São Bartolameu Apóstolo, que logo tomaram por avogado.

Neste tempo apareceu à portaria um homem que pedia esmola, o qual mandou chamar a abadessa Dona Margarida de Meneses e deu-lhe escrita uma antífona, dizendo que todos os dias a fizesse cantar e que seu mosteiro, com o favor divino, seria muito cedo livre do temor da peste; desapareceu logo o pobre, pelo que, vendo as religiosas que seu mosteiro na verdade foi livre do mal que temiam por intercessão do glorioso São Bertolameu, que

tinham tomado por avogado, suspeitaram que o mesmo São Bertolameu era aquele que deu a antífona, a qual, com sua oração, era desta maneira:

*Stella Cœli extirpauit,
Quæ lactauit Christum dominum,
Mortem pestis, quam plantauit
Primus parens hominum.
Ipsa stella nunc dignetur
Sydera compescere,
Quorum bella plebem cædunt
Diræ mortis vlcere.
O pijssima stella maris
A peste succurre nobis
Audi nos Domina,
Nam Filius tuus nihil negans te honorat.*

Vers. *Ora pro nobis sancta Dei genitrix.*

R. *Ut digni efficiamur promissionibus Christi.*

Oremus.

Deus misericordiæ, Deus pietatis, Deus indulgentiæ, qui misertus es super afflictionem populi tui, et dixisti Angelo percutienti populum tuum, contine manum tuam, ob amorem illius stellæ gloriosæ, cuius vbera preciosa, contra venena delictorum quam dulciter fuxisti; præsta auxilium gratiæ tuæ, vt ab omni peste, et improuisa morte secure liberemur, et à totius perditionis incursu, misericorditer saluemur, per te Iesu Christe Rex gloriæ, qui viuis, et regnas in sæcula sæculorum. Amen.

Não é alheio de bom juízo considerar por que o glorioso São Bertolameu caiu por avogado às servas de Deus em esta tão estreita necessidade; e disseram alguns que a rainha Santa Isabel, fundadora, padroeira e senhora daquele mosteiro em que viveu e está sepultada, tinha por avogado seu particular, a que sempre rezava, este sagrado Apóstolo; pelo qual era cousa conveniente que ele fosse defensor em esta necessidade do seu mosteiro e de suas religiosas da mesma Rainha Santa. Também se conta na segunda parte da Monarquia Lusitana²⁷² [que] trouxe o eremita Romão, da Ordem de nosso padre S. Agostinho, as relíquias deste santo Apóstolo do nosso mosteiro Calauniano, que estava a par de Mérida, e pô-las no monte Seano, que agora se chama de São Bertolameu, a par de Nossa Senhora de Nazaré em o arcebispado de Lisboa, aonde veio ter em companhia d'el-rei Dom Rodrigo, que esteve naquele monte

²⁷² Fr. Bernardo de Brito, *Segunda Parte da Monarquia Lusitana (...)*, ob. cit., Livro VII, cap. III, fls. 272a-275b.

fazendo penitência, pela culpa que de sua parte houve na destruição geral que os mouros, quando o venceram, fizeram em Espanha; e porque o demónio lhe fazia mui graves tentações, visivelmente encomendava-se muito ao bem-aventurado São Bertolameu Apóstolo, que tem particular prerrogativa contra o demónio, e por isso o pintam atado com cadeias de ferro a seus pés e o sagrado Apóstolo acudindo ao rei Dom Rodrigo, e visivelmente lhe apareceu em aquele monte aonde se mostram umas pedras em que dizem estão as pegadas em que pôs os pés. E deste sagrado Apóstolo se lê que ressuscitou ou livrou de um acidente mortal em que estava el-rei Dom Pedro, o Cru de alcunha, em nosso Portugal, como refere o Doutor Manuel de Vale de Moura²⁷³ em sua erudita obra dos encantamentos, secção 2, cap. 3. Pelo que com razão o celebra este reino particularmente em a cidade de Coimbra, aonde por sua festa se faz uma grande feira e concorre muita gente, não tanto por amor dela, quanto porque tem este santo Apóstolo uma paróquia mui nobre e uma sua relíquia e a vêm com grande devação visitar e juntamente a igreja do mosteiro de Santa Clara em que está uma fermosa imagem deste santo Apóstolo seu avogado, da qual a nossa portuguesa Dona Margarida de Meneses era devotíssima; e assim ordenou que seu dia fosse no seu mosteiro de grande festa e se desse de comer aos pobres largamente em um ajuntamento que chamam bodo.

Ficou introduzido no mesmo mosteiro cantar-se sempre a antífona que está dita; e em sua oração se pede a Nosso Senhor que nos livre da peste por intercessão da Virgem Nossa Senhora, e por isso se alega que foi concebida sem pecado original, porquanto os primeiros versos, ao pé da letra tresladados, querem dizer:

*A estrela do céu, qua acudiu
Com leite a Cristo Senhor verdadeiro
Da peste a morte destruiu,
Que plantou dos homens o pai primeiro.*

A morte pestífera, que o primeiro pai do género humano plantou no mundo, foi o pecado original, o qual a Virgem Senhora nossa destruiu em sua pessoa porque foi concebida sem ele, cumprindo-se a primeira promessa que Deus fez, ou profecia, que em a Sagrada Escritura quis que se escrevesse; quando à serpente em que estava o demónio disse: *Ipsa conteret caput tuum*; que havia de ter guerra com uma mulher, por quem entendem bons intérpretes a Virgem Nossa Senhora, a qual lhe havia de quebrar a cabeça, isto é, que havia de ser isenta do pecado original, cujos efeitos não houvera de haver se Adão não pecara; e um dos

²⁷³ Manuel Vale de Moura, *De incantationibus seu ensalmis opusculum primum*, Évora, 1620, *sectio II*, cap. III, fls. 138-179.

principais é o castigo da peste, de que Nosso Senhor nos livre por intercessão da mesma Virgem sua mãe, como fez a este mosteiro de Santa Clara.

Agora notamos que nos tempos em que em Toledo a venerável Dona Brites da Silva e Meneses andava tão ocupada em celebrar a puríssima conceição da Virgem Nossa Senhora com a sua Ordem da Conceição, cujas bulas lhe salvou um anjo, neles mesmos floreceu Dona Margarida, também da Silva por parte do pai, e Meneses por parte da mãe; pelo que não duvido que fossem muito parentas, a qual alcançou por méritos do glorioso São Bertolameu esta antífona que temos dito, em que se alega a Nosso Senhor que, pois na terra houve uma filha de Adão tão apartada do pecado original e mais culpas como está uma estrela do céu apartada de ter defecto algum, pelo qual recebeu dela o leite que não lhe foi dado por peitos que estivessem juntos com alma que fosse alguma hora inficionada de pecado; bem claro se vê quão próprio é de nosso Portugal ser a Virgem Sacratíssima celebrada por ser concebida sem pecado original, principalmente pelas duas ilustríssimas mulheres, filhas das ilustríssimas famílias que nele tanto resplandecem, como são Dona Brites da Silva e Meneses, da qual temos tratado, e Dona Margarida de Meneses e Silva, da qual agora tratamos.

Viveu muitos anos e todos em santos exercícios, pelo que, além do que está dito, se mostra ser ilustre em todo género de virtude, pois em sua sepultura foi posto um epitáfio em que não se arreceia de lhe chamarem singular exemplo daquela dourada idade em que viveu, porque diz desta maneira:

Aqui jaz a muito virtuosa e magnífica senhora Dona Margarida de Meneses, filha de Aires Gomes da Silva e de Dona Brites de Meneses, a qual foi elegida Abadessa desta casa em idade de dezoito anos e assi a governou no espirital e temporal, que bem se pode dizer ser um exemplo de nossa idade; foram os anos de sua mui religiosa vida oitenta e um; faleceu a três dias de Novembro da era de mil e quinhentos e vinte anos.

Foi sepultada em o meio da igreja daquele mosteiro por que fosse vista e celebrada a memória de tão excelente religiosa por todos os que entrassem em a dita igreja, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

114. A RAINHA DONA MARIA, pertence a Lisboa.

Foi filha d'el-rei Dom Fernando e da rainha Dona Isabel, aos quais em Castela chamam por excelência os Católicos, porque o foram tão ditosamente que quando deitaram fora de seus reinos os judeus que viviam em sua lei

então alcançaram o descobrimento do Novo Mundo em as Índias Ocidentais, em que tanto se propaga a fé católica e em nossos tempos se divulga o sagrado Evangelho. Casaram-na com el-rei Dom Manuel, único deste nome em nosso Portugal, o qual, como nota em seus Diálogos Pero de Mariz²⁷⁴, tinha tão compridos braços que os dedos das mãos lhe chegavam abaixo dos joelhos, em sinal que posto com eles em a terra diante de Deus alcançaria muito grande possessão dela, como se viu na conquista da Índia e partes d'além-mar, pelo que tomou per insígnia uma esfera, que denota a figura de toda a terra, cuja conquista Nosso Senhor em grande parte lhe entregou e a seus descendentes.

Viveu a rainha de que tratamos com tal rei sendo raro exemplo de virtude pera mulheres e tem bom lugar entre as casadas em o livro que em Espanha se chama Carro das Donas²⁷⁵. Também João Perez de Moya²⁷⁶, no livro que imprimiu das santas e mulheres ilustres em todo género de virtudes, escreveu desta nossa rainha, por ser de nação²⁷⁷ catelhana, tantos e tão excelentes louvores que querer acrecentá-los será deminui-los; pelo qual não farei mais que repiti-los, ainda que como os licores perdem muito de seu cheiro mudados de uns vasos em outros, assi não ficarão por ventura tão elegantes traduzidos ao pé da letra em nossa linguagem portuguesa, como são impressos em a sua castelhana, começando desta maneira.

Exercitava-se esta devota rainha em a vida contemplativa e activa desde sua meninice até o fim de sua vida, em tal modo que se pode crer haver sido alumada por Deus pera isso; era mui fervente na fé, frequentava a confissão e comunhão e os officios divinos, jejuava e fazia grandes esmolos, tratava com religiosos e religiosas as cousas de serviço de Deus e de sua consciência.

Amou muito el-rei seu marido, de quem houve sete filhos varões, convém a saber, Dom João, terceiro deste nome, rei de Portugal, a Dom Luis, a Dom Fernando, a Dom Afonso, que foi cardeal, a Dom Duarte, a el-rei Dom Henrique, a Dom António que morreu pequeno; e assi mesmo teve duas filhas que foram

²⁷⁴ Pedro de Mariz, *Diálogos de vária história (...)*, ob. cit., (ed. de 1594), *Diálogo quarto*, cap. VIII-IX, fls. 183r.-201r.

²⁷⁵ *Carro de las Donas*, Zaragoza, 1642, dedicatória (fl. A ij v.-A iijr.) e Livro II, cap. 66. Esta obra, cujo autor, franciscano anónimo, retoma (traduzindo partes, eliminando, acrescentando ou adaptando outras) a do franciscano Fr. Francisc Eiximenis, *Lo libre de les Dones*, foi dedicada à rainha D. Catarina, mulher de D. João III. Esta breve «vida» de D. Maria foi transcrita por David J. Viera, «A rare sixteenth century biography of Maria of Portugal (1482-1517)», *Archivum Franciscanum Historicum*, 87, fasc. 1-2 (jan.-Jun. 1994), p.141-148.

²⁷⁶ Juan Pérez de Moya, *Varia historia de sanctas e ilustres mujeres en todo genero de virtudes*, ob. cit., fl. 118v.-119v (ou edição de Madrid, 1998, p. 763-764).

²⁷⁷ No original está, seguramente por lapso, *deuação*.

a imperatrix Dona Isabel e a Duquesa de Saboya. Criou todos no serviço e temor de Deus. Persuadia de ordinário a el-rei Dom Manuel que fizesse esmolas e obras pias e perdoasse dívidas a seus vassallos. Conta-se que uma viúva lhe pediu fosse terceira pera com el-rei que lhe perdoasse alguma parte de dez ou doze mil cruzados que seu marido ficara devendo por respeito de certas contas e, se lhe não fazia alguma graça, não podia casar três filhas que tinha; disse-lhe a rainha: Que quereis que vos perdoe El-Rei meu Senhor? Respondeu a mulher: Se me perdoar a metade da dívida, eu casaria minhas filhas e ainda me ficaria pera sustentar a velhice. Ao que replicou a piadosa rainha em este modo: Dizei, não fora melhor que vos perdoasse tudo? A mulher, espantada, respondeu: Senhora, melhor. Disse então a rainha: Pois confiai em Cristo Nosso Senhor que assim se fará. Estando nesta prática, entrou el-rei e de tal maneira se houve esta boa rainha que não somente lhe perdoou toda a dívida, mas ainda lhe casou duas filhas e fez mercês aos que casaram com elas.

Jamais cessava de entender em obras pias, rogando pelos presos, pelos cativos, pelos desterrados e pelos que deviam a el-rei. Acabando de interceder por umas cousas, logo rogava por outras. E dizendo-lhe uma vez el-rei: Não fiz já muitas cousas que me pedistes? Respondeu: Os reis nunca hão-de cansar de fazer bem. Por intercessão desta rainha edificou el-rei Dom Manuel muitos mosteiros e igrejas, assi nas Índias e Ilhas, como em Portugal, e depois que foi edificado o famoso mosteiro de São Jerónimo (que é o de Belém, a par de Lisboa) a levou Deus. Até aqui João Perez de Moya, e basta pera sabermos que a nossa rainha de Portugal Dona Maria foi illustre em virtudes, até que morreu de trinta e cinco anos de idade no ano de mil e quinhentos e dezassete, a sete de Março, e é creível que está rogando por nosoutros a Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

115. DONA LEANOR MASCARENHAS, de Almada.

Foi filha de Fernão Martins de Almada e de sua mulher Dona Isabel Pinheira; nasceu em a vila de Almada, uma quarta-feira a vinte e quatro de Outubro do ano de mil e quinhentos e três. Logo de pequena idade abraçou de veras a virtude, pelo que el-rei Dom Manuel a escolheu por dama da rainha Dona Maria, de quem acabamos de tratar; depois a levou consigo a infante Dona Isabel quando casou com o imperador Carlos Quinto.

A virtude em que mais resplandeceu foi a castidade, que guardou por voto desde sua mocidade, pelo que não era mais de vinte e quatro anos quando o Imperador a fez aia de seu filho Felipe Segundo rei de Castela e Primeiro de Portugal, que tendo experimentado quão excelente era em todo género de

virtude também a fez aia do príncipe Dom Carlos e disse-lhe estas palavras: *Mi hijo queda sin madre, vos lo aveys de ser suya, tratadme lo como tal.*

Sendo dada ao príncipe Dom Carlos que sempre a teve por mãe, entrou em consideração se seria freira, estado que sempre desejou e amou muito desde o princípio de sua vida, e consultando varões doutos e espirituais foi-lhe dito que ainda que o estado da religião era excelente, que o de secular, contudo, que pera ela era então mais conveniente ocupar-se nas obras de misericórdia e piedade, como fazia, pelo que tomando este conselho determinou não ser em sua casa menos religiosa que se estivera em um mosteiro bem ordenado.

Dava-se à lição de livros espirituais, pelo que à sua instância foram primeiramente traduzidos de latim em romance castelhano as Confissões de nosso Padre Santo Agostinho pelo mui reverendo padre mestre Frei Sebastião Toscano²⁷⁸, provincial que foi digníssimo da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho neste reino de Portugal, o qual lhe dedicou as mesmas confissões que depois fizeram tanto fruto, como mover-se com elas, pera que deixe outros exemplos, a santa Madre Teresa de Jesus a fazer mais estreita vida, segundo ela refere dando conta dela e afirmando que se excitou com a graça de Deus a o servir com maior perfeição que dantes com aquelas palavras com que nosso padre confessa que se reprimia por não acabar consigo de se converter a Deus Nosso Senhor perfeitamente, as quais eram: *Se há-de ter alguma hora fim minha froixidão, porque não há-de ser logo? Porque não há-de ser agora?*

Amava esta nossa portuguesa a abstinência, jejuava três dias na semana e muitas vezes a pão e água; e como os instrumentos músicos hão-de estar dentro vacios e por fora hão-de ter as cordas bem temperadas pera fazerem boa música, assi ajuntava ao jejum mortificação dos sentidos, gravidade nas palavras e maravilhoso exemplo em todas suas acções; pelo que todos os que a viam louvavam nosso reino de Portugal por haver nele nacido tão raro exemplo de virtude. Donde o nosso padre mestre Frei Sebastião Toscano, em uma carta que se conserva na Torre do Tombo entre as do maço trinta e nove, pertencentes a el-rei Dom João o Terceiro, escreve a este rei: *Dona Leonor Mascarenhas é mulher a quem o viver está bem, porque serve a Deus e honra nossa nação portuguesa.*

Era mui amiga dos pobres e, como da mulher forte diz Salamão que ora abria a mão pera o mendigo e ora estendia as palmas ambas ao pobre de maior necessidade, assi dava, umas vezes, pequenas, outras, grandes esmolas e folgava de as dar todas por sua mão, porque as necessidades dos pobres

²⁷⁸ Fr. Sebastião Toscano, *Las confesiones de Santo Agustín traducidas de latín en castellano*, Salamanca, 1554.

vistas de perto movem muito os ânimos piadosos que Nosso Senhor estima mais que todas as dádivas. E por exemplo disto diz a Escritura Sagrada que olhou pera Abel e depois pera seus dões.

Era muito sua amiga a princesa Dona Joana, mãe d'el-rei Dom Sebastião, porque a tinha por experimentada e mui provada em as virtudes que também amava muito. Visitava-a muitas vezes el-rei Felipe Segundo e tinha-lhe grão respeito; escreveu-lhe muitas cartas el-rei Dom João o Terceiro de Portugal, havendo-a por resplendor em aquele tempo das mulheres excelentes em virtude, porque não somente a tinha pera si, mas também a ensinava a muitas senhoras de Castela com grande louvor.

Edificou em Madrid um mosteiro de freiras à sua custa da Ordem do glorioso São Francisco, ao qual pôs o título dos Anjos²⁷⁹, porque este nome merecem as mulheres que, deixadas as cousas do mundo, se metem a servir a Deus naquele e semelhantes paraísos da terra. Adornou este seu mosteiro quanto pôde, principalmente de relíquias, e assi pôs nele doze cabeças das onze mil virgens e um braço de Santa Inês que lhe deu a imperatriz Dona Maria de Áustria, filha do imperador Carlos Quinto e da imperatriz Dona Isabel, com a qual havia ido de nosso Portugal pera Castela, segundo está dito.

Enfim, cheia de muitos merecimentos, deu sua alma a Deus em vinte de Dezembro, ano de mil e quinhentos e oitenta e quatro, sendo de oitenta e um de idade, segundo douta e prudentemente nos deixou impresso, com quasi todas as cousas que estão referidas, o mestre Gil Gonçales de Avila, digníssimo coronista d'el-rei nosso senhor Felipe Terceiro de Portugal e Quarto de Castela, em o seu Teatro das grandezas de Madrid²⁸⁰, aonde acrescenta: Foi esta senhora mui rica de boas obras, merecendo com elas os louvores que lhe deram na hora de sua morte de caritativa e pia; mandou que a levasse à sepultura sem aparato nem pompa e foi sua morte de todas as maneiras santa; pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja louvado eternamente. Amen.

116. ACÁCIA DA PAIXÃO, de Alenquer.

No mosteiro das freiras da Ordem do glorioso São Francisco de Alenquer houve uma religiosa chamada Acácia da Paixão, da qual faz boa menção o livro das Províncias da mesma Ordem que mandou fazer o Cardeal

²⁷⁹ Convento de Santa María de los Ángeles, fundado em 1564.

²⁸⁰ Gil González de Ávila, *Teatro de las grandezas de la Villa de Madrid y Corte de los Reyes Católicos*, Madrid, 1623, esp. fl. 287-288.

Gonzaga²⁸¹; exercitou-se principalmente na meditação da paixão de Cristo Senhor Nosso, da qual tinha tomado o sobrenome; e porque não há cousa de maior proveito pera nossas almas, direi brevemente cinco affectos com que as mui devotas se costumam empregar nela.

Umaz vezes se vêem cobertas de grandíssima tristeza, considerando o muito que Nosso Senhor padeceu, porquanto era de compreição mui delicada e os martírios graves, vários e detençosos, e despois derramar todo seu sangue como se fosse água, que não deixa muito tempo molhado o vaso de que saiu e assi o tinha profetizado por David que seria esvasiado como água, ficando por nosoutros ardendo na cruz em sede e sem nenhum alento.

Outras vezes, consideram suas chagas com grandíssima alegria, por ver que têm nelas todos os remédios de suas culpas; e como a esposa celestial que descreve Salamão dezia que seu esposo, pelo qual entendemos este Senhor, era pera ela cacho de cipro, isto é, ramallete de flores mui fermosas e cheirosas que davam as árvores que chamavam cipros em as vinhas de Engadi, assi nem mais nem menos este Senhor na cruz pregado com cravos é chamado Nazareno, que quer dizer o florecente, porquanto todas aquelas chagas e trabalhos são flores pera ele e pera as almas que o servem com muita perfeição.

O terceiro modo com que consideram a sagrada paixão é vendo que o Senhor que tanto por nós padeceu é Deus e homem verdadeiro e, assi como Deus mandava que se comesse do cordeiro pascoal juntamente os pés com a cabeça, assi cumprem o sentido espiritual deste mandamento considerando que o Senhor padecia nos pés da humanidade e triunfava na cabeça, pela qual entendemos sua divindade, porque, se não fosse homem, quem estava pregado na cruz? Se não fosse Deus, porque se escureceu com sua morte todo o mundo, havendo trevas ao meio-dia?

O quarto modo é considerando a imensa bondade com que o Senhor padeceu, porque, vendo que não se aproveitaram, muitos ainda agora se aproveitam de seu precioso sangue; maior cruz foi para Ele esta interior do que era a exterior com que o crucificaram, como ponderou a bem-aventurada Santa Caterina de Sena e, assi, a primeira das sete palavras que disse na cruz foi rogar por aqueles que o crucificavam a seu Padre Eterno como quem no meio de aquelas dores se lembrava principalmente da que era mais grave e lhe dava maior pena.

O quinto affecto com que as almas pias meditam na sagrada paixão é pera imitar as virtudes que Nosso Senhor obrou nela e procurar em tudo a glória de Deus, dando singular exemplo de vida e fazendo boas obras a todos os

²⁸¹ Francesco Gonzaga, *De Origine Seraphicae Religionis Franciscanae*, ob. cit., pp. 808-809.

próximos, como nos insinaram aqueles dous serafins que viu Esaías, os quais tinham seis asas, duas estendidas ao modo de cruz, duas sobre seu rosto e duas sobre os pés, cantando: Santo, santo, santo é o Senhor dos exércitos. E diziam isto um pera o outro, por que saibamos que quem deseja estar em o céu entre os serafins, que são os mais altos anjos da glória, deve na terra viver crucificado com Cristo Senhor Nosso e com os perpétuos desejos de subir aos céus, encravar e mortificar todos os sentidos e afeições, edificando aos próximos e provocando-os com seu exemplo a louvar a Deus em toda parte.

Assi o fazia Acácia da Paixão no mosteiro das freiras de São Francisco de Alenquer e não somente se aproveitava a si com tão divinas meditações e aos próximos vivos, edificando-os com muitos exemplos de virtude, mas também era mui amiga de rezar pelos defuntos que estão no purgatório, seguindo o conselho escrito no livro segundo dos Macabeus com estas palavras: Santo e saudável pensamento é orar pelos defuntos pera que sejam livres de suas penas. Os quais, depois que estão nos céus, rogam com grão cuidado pelos que o tiveram deles quando penavam, aplicando-lhes os sufrágios das missas, estações, contas bentas, bulas, esmolas e outras obras pias. Manifestou Deus Nosso Senhor que lhe fora mui aceito este exercício que Acácia da Paixão frequentava em ser mui solícita de rogar pelas almas, porque conta o livro ordenado pelo Cardeal Gonzaga²⁸², que já temos citado, que quando esta serva de Deus ia pera a sepultura foi ouvido um rumor de muitas vozes que diziam por ela o ofício dos defuntos e logo as religiosas entenderam e praticaram entre si que algumas almas saíram do purgatório e rezavam por ela o mesmo ofício que tinha muitas vezes oferecido a Nosso Senhor, pera que as livrasse das penas em que estavam, pelo qual o mesmo Senhor seja sempre louvado. Amen.

117. DONA JOANA, MARQUESA DE ELCHE, pertence a Vila Viçosa.

Mulher forte, disse Salamão, quem a achará? O qual, assi é louvor da boa, que denota a fraqueza de muitas, mas é cousa digna de notar-se que quando pergunta por mulher forte não entende a que é boa de qualquer modo, senão a que é por todos os modos adornada de virtude, porque, como adverte certo doutor, pera um homem ser bom basta-lhe bondade ordinária, mas a mulher é tão fraca que pera ser perfeita não lhe basta qualquer, senão perfeição grandíssima.

Do dito se colige que a senhora Dona Joana, marquesa de Elche, povo bem conhecido no reino de Valença por amor de suas antiguidades, devia ser

²⁸² Francesco Gonzaga, *De Origine Seraphicae Religionis Franciscanae*, ob. cit., p. 809.

excelente em todas as virtudes, pois foi verdadeiramente mulher forte, filha do duque de Bragança Dom Gemes e de sua segunda mulher Dona Joana de Mendoça. Casou em Castela com Dom Bernardino de Cardona, marquês de Elche, filho do duque de Maqueda. Depois de viúva foi exemplo raro de recolhimento, segundo escreve Duarte Nunes na *Descrição de Portugal*²⁸³, aonde a louva com poucas palavras, mas significadoras de grandes excelências.

Primeiramente, resolveu-se em deixar o mundo e seguir as cousas que nos levam pera o céu, movendo-se com consideração do muito que devia a Deus pela ter criado e redimido; dizia que não tinha mais que uma alma e que temia muito a conta que devia dar em o dia do juízo; assi, antes de morrer estava morta às cousas do mundo, exercitando várias penitências, dando-se à oração, cercada de temor de Deus, que sempre a trazia compungida. Era mui humilde e paciente, mui benigna e amiga dos pobres. Não somente tinha as virtudes impressas em sua alma, mas também as imprimia nos que a viam e foi como prémio de sua humildade, porque mandou fazer um tabernáculo em sua casa, no qual ninguém pudesse estar senão ela; e quanto mais pretendeu encobrir seus exercícios, tanto menos ficaram ocultos, com grande satisfação de todos, que nunca a viram sair daquele tabernáculo senão pera a sepultura, como escreveu Duarte Nunes em sua *Descrição de Portugal*, aonde acrescenta que de ordinário estava abraçada com um crucifixo, desfazendo-se em lágrimas que serviam de acender mais as labaredas do amor divino que em seu peito continuamente ardião.

Bem folgara de ter as próprias meditações de sua alma pera edificação das nossas, mas as cousas grandes não ficam maiores descobertas com palavras que veneradas com silêncio, como agora deixo as de tão esclarecida marquesa, esperando que Nosso Senhor excite quem as amplifique com a devida satisfação, pera glória do mesmo Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

118. A RAINHA DONA LEANOR, de Lisboa.

Foi filha do infante Dom Fernando, duque de Viseu, e de sua mulher Dona Briatis, filha do infante Dom João, que também houveram el-rei Dom Manuel, irmão inteiro da mesma rainha Dona Leanor, de quem agora tratamos poucas cousas, mas dignas de eterna memória.

²⁸³ Duarte Nunes de Leão, *Descrição do Reino de Portugal*, ob. cit., cap. LXXXVIII, fl. 143r.-v.

Casou com el-rei Dom João o Segundo seu primo, de quem houve o príncipe Dom Afonso²⁸⁴, único herdeiro, que morreu em Santarém em um desastre. Depois que morreu el-rei seu marido, foi trinta anos viúva de grande recolhimento e toda se deu a obras de caridade, governou algumas vezes este reino por seu irmão Dom Manuel, manifestando claros raios de virtude, nascidos do sol de justiça Cristo Senhor Nosso, que sempre trazia no mais alto de sua alma, porque com sua presença governava melhor o reino da terra e fazia maior grangearia pera o do céu.

Escreve o Licenciado Pero de Mariz, não menos curioso que douto, em o diálogo quarto de sua *Vária História*²⁸⁵, que comumente lhe chamavam mãe e emparo dos pobres, o que mostrou edificando pera os enfermos o magnífico Hospital das Caldas e dotando-o de perpétuas rendas com que cada ano pelo verão se curam mais de três mil enfermos, aos quais se ministra todo o necessário de graça pelos mui exemplares clérigos que chamamos de Santo Elói; em nosso Portugal também instituiu a santa irmandade da Misericórdia, sendo seu confessor e ajudador nesta obra o douto e pio Frei Miguel de Contreiras, da Ordem da Santíssima Trindade, pelo qual é digna de andar, como anda, pintada nas bandeiras desta celestial irmandade, a qual é a mais célebre de todas as que estão instituídas em o orbe cristão, porque só na que está em Lisboa se gastam em obras de misericórdia cada ano de ordinário oitenta mil e às vezes cem mil cruzados.

Alcançou do imperador Maximiliano o corpo de Santa Auta, uma das onze mil virgens, ao qual fez levar com uma solene procissão ao mosteiro da Madre de Deus de Lisboa, que edificou pera sua sepultura, aonde está como pobre, porque o foi muito na terra por amor dos pobres, donde piamente coligimos que deve estar mui rica nos céus, pelo que Nosso Senhor seja louvado eternamente. Amen.

119. MARGARIDA DE JESU, de Vila Viçosa.

Esta serva de Deus foi natural de Vila Viçosa, filha de pais honrados da mesma vila. Começou de pouca idade a mostrar quem havia de ser ao diante, porque querendo-a seu pai e mãe casar declarou a seu confessor que não o havia de fazer, senão ser religiosa da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho,

²⁸⁴ No original está, por lapso, D. João; o filho de D. João II e de D. Leonor chamou-se D. Afonso (+1491).

²⁸⁵ Pedro de Mariz, *Diálogos de Vária História*, ob. cit., (ed. de 1594), *Diálogo quinto*, cap. X, fl. 206r.-v.

pedindo-lhe que assi o dissesse e persuadissem a seus pais, os quais o sentiram, porque tinham outros intentos, mas vieram no que lhe aconselhava seu confessor e levaram-na ao mosteiro de Santa Mónica de Évora, aonde tomou o hábito da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho no ano de mil e quinhentos e fez profissão no domingo que vem dentro da oitava da Epifania, depois de aprovar muito bem o ano do noviciado.

Professa começou a ser mais perfeita, dando-se com cuidado à oração mental, porque ficava no coro das matinas até prima, o que guardou toda a vida. Cada semana rezava dois saltérios, um ao domingo pelos vivos, outros nos dias de féria pelos defuntos. Amou muito a penitência, pelo que não comeu carne em toda a vida, nem frutas algumas; jejuava todos os dias, tirados os domingos. No advento e quaresma não comia peixe, senão ervas e legumes, jejuando a metade a pão e água; do mesmo modo se havia em todas as vigílias das festas de Nossa Senhora e nas dos Apóstolos e nas sextas-feiras do ano. Quando comia peixe ou legumes por se mortificar em tudo deitava-lhe muito sal ou cinza; punha por cilício uma cinta de ferro que tinha quatro dedos de largo, sem nunca a tirar. Sempre trazia os pés descalços, salvo quando entrava no coro, e então metia no calçado pedrinhas agudas com que os atormentasse. Todas as noites se açoutava com ásperas disciplinas, além das da obrigação da Ordem, buscando para isso tempos e lugares mais escusos, em que não pudesse ser sentida.

Amou muito o silêncio, pelo qual procurava estar só, rezando ou meditando; no princípio foi notada de singular por isto, mas quis o Senhor consolá-la, fazendo que muitas religiosas em seu mosteiro a seguissem em guardar silêncio, tão importante às freiras quanto as destruiu a falta dele. Em domingos, dias santos, festas e sábados não falava com pessoa alguma, tirando no que a obediência, servindo seus officios, a obrigava; nos outros dias até acabadas as missas na igreja fazia o mesmo. Escusou-se de tudo²⁸⁶ com os parentes e mais pessoas, que a não visitassem por não chegar a lhes falar à grade, nem inda sofria que seu pai e mãe a fossem ver, dizendo que as religiosas que continuavam à grade ou à roda eram a inquietação da comunidade.

Era mui devota do sacratíssimo nome de Jesus, que trazia no coração e ainda por sobrenome, para mais se lembrar dele e mostrar que não era sua, senão deste Senhor; mas vendo que muitas vezes a chamavam depressa e com pouca reverência deste nome santíssimo, determinou de o não ter e assim não quis que lhe chamassem Margarida de Jesu, senão Margarida Nunes, como em secular se chamava, cortando antes por sua devação que ver em algum modo diminuída a glória do nome que é sobre todo o nome, do qual se valia na contemplação de Deus, na conversação dos homens, nas tentações do demónio.

²⁸⁶ No original está *todo*.

Não sofria este inimigo das almas os exercícios de Soror Margarida e, vendo que provocando-a a males não tinha remédio pera seus intentos, resolveu-se em lhe estorvar os bens que fazia, acudindo a perturbar a fonte de todos eles, que é a oração; inquietava-a muitas vezes com estrondos que fazia e com visões que lhe representava, mas de nada se lhe dava conhecendo suas artes e malícia, pelo que, vencido e cansado, determinou ver um dia se disfarçado a podia enganar, aparecendo-lhe em figura de Cristo crucificado, dizendo-lhe palavras de muito amor e que o adorasse, ao que, insinada pelo Espírito Santo e conhecendo tão infernal malícia, respondeu: Adoro a meu Senhor Jesu Cristo, que me redimiu com seu sangue e não a ti, maldito, que me pretendes enganar. E em nomeando o dulcíssimo nome de Jesu, desapareceu, deixando no lugar um fedor tão péssimo que não se pôde sofrer por muitos dias.

Fazia-lhe Nosso Senhor muitas mercês e certificava-a das cousas que lhe rogava; e assi duas pessoas nobilíssimas deste reino pediram aos prelados de nossa Ordem pela fama que tinham de sua santidade que lhe mandassem encomendar a Deus certas pretenções suas em matérias de casamentos, sendo esta a divina vontade; a ambas respondeu que não era Deus servido, nem se efetuariam, por mais que lhe parecessem que estavam feitos, e assi passou que ambos casamentos se desfizeram de todo ponto, como a serva de Deus disse.

Tinha particular cuidado das almas do purgatório e encomendava esta devação a todos, dizendo que era de grande serviço de Deus; orava sempre e algumas vezes tomava disciplinas por elas e assi teve particulares visões do estado de muitas. Quando soube que seu pai morreu, fez oração e desejou de saber se era salvo, o qual lhe apareceu agradecendo-lhe as orações que fazia por ele, pediu-lhe que as continuasse, porque estava no purgatório, mas mui conforme com a vontade de Deus e certo de o ir ver, acabado seu desterro. Outra vez, orando por uma freira que morrera no mosteiro e fora em outro tempo sua mestra, lhe foi mostrado o lugar em que fazia penitência e purgava suas culpas, e viu um vale muito profundo, escuro, sujo e mal cheiroso e ali a religiosa com grandes penas; uma era que tinha posto o rosto entre espinhos e cardos e foi-lhe dito que padecia aquelas penas porque sendo moça presumia de parecer bem aos que a viam, mas que por sua penitência e boas obras que depois fizera lhe fora dado aquele purgatório, depois do qual iria ver a Deus.

Sucedeu acender-se o mal da peste em Évora, de maneira que se despovoaram também os mosteiros das religiosas e se foram às casas de seus parentes e outras partes, aonde pudessem ter remédio da vida. Saiu-se com as demais Soror Margarida, porque em o mosteiro não ficava pessoa alguma nem na cidade quem a provesse do necessário; mas como toda sua vida era viver solitária, não achando fora de sua cela aonde pôr os pés e descansar, polos muitos marulhos e ondas que cursam nas casas dos que vivem no mundo,

como outra pomba de Noé se quis tornar ao recolhimento da arca e, ajuntando outras três freiras de seu espírito, se resolveram todas quatro que se tornassem pera o mosteiro, porque melhor era que morressem de peste que ainda durava na cidade, ou que lhe faltasse o necessário, que andar desassossegadas e postas em tão grande aflição por falta de suas celas e devação do coro em que se criaram. Com isto, encomendando-se todas a Nosso Senhor, foram-se pera a cidade e, chegando às portas de seu mosteiro, como nele não havia pessoa alguma, acharam-nas fechadas e com travessas nelas; estando desconso-ladas por não ter chave nem modo pera as abrir, chegou Soror Margarida e, pondo as mãos nas primeiras portas, como iam pera entrar, se lhe abriram por si e o mesmo fizeram todas as outras portas. Ficando no mosteiro, o Senhor as proveu do necessário e as livrou do mal e em todo tempo dele serviram ao Senhor, como de antes; e das que se não tornaram, as mais delas morreram do mesmo mal.

Neste mosteiro de Santa Mónica aonde a serva de Deus estava sucedeu meterem uma donzela, filha de um principal deste reino, cujo pai desejava que fosse freira, mas ela não queria nem tratava disso, antes dizia que se havia de sair do mosteiro e por nenhum caso ser freira; o que vendo Soror Margarida e enxergando por outra parte nela bom sojeito, honestidade e prudência, desejava muito que fosse religiosa e persuadiu-lhe muitas vezes. Um dia, estando ambas na cela da serva de Deus, mostrou-lhe uma imagem que tinha da Virgem Sacratíssima Nossa Senhora, prometendo-lhe muito favor e intercessão da mesma Senhora se lhe quisesse dedicar sua pureza e ser esposa de seu filho. A donzela, que trazia os pensamentos em diferentes cousas, lhe respondeu: Madre, não vos canseis, eu não tenho essa vontade, em todos os estados me posso salvar se fizer o que devo; pera ser religiosa não me acho disposta e, pera não ser perfeita, melhor será não o ser; mas já que vós me importunais e me dizeis que assi convém à minha salvação, se esta Senhora que aqui está mo disser e me deitar sua bênção, então o farei. Dizia isto a donzela, como por graça, pela força que lhe fazia a serva de Deus que o não tomou em riso nem por escusa, antes, em lho ouvindo, levantou-se e posta de joelhos diante da imagem da Senhora lhe pediu com grande eficácia fosse servida de acudir àquela donzela e lhe deitasse sua bênção, pera que confortada com ela vencesse as tentações que a prendiam e atavam ao amor do mundo e perseverando na religião a fizesse serva sua. Não tinha bem acabado a oração quando a Virgem Nossa Senhora deitou uma bênção à donzela como lhe a serva de Deus pedira e, em sinal desta maravilha, ficou a mesma imagem com a mão erguida, deitando a bênção. O que vendo a donzela espantada caiu em terra, arrependeu-se com muitas lágrimas de seus intentos, tomou o hábito da religião, professou nela, foi uma grande serva de Deus e mui particular devota da Virgem Nossa Senhora.

Não eram tão ocultas as mercês que Nosso Senhor fazia a sua serva que não tivessem os prelados e outras muitas pessoas notícia delas; e assi, fundando-se de novo o mosteiro das religiosas da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho chamado Santa Cruz agora em Vila Viçosa, pátria da serva de Deus, foi eleita pelos prelados pera fundadora da virtude regular daquele mosteiro; na verdade que sentiu muito esta eleição e pretendeu escusar-se, dizendo que não era capaz de ser fundadora, mas não foi ouvida; por onde lhe foi necessário vir pera Vila Viçosa no ano de mil e quinhentos e vinte e sete, trazendo consigo três religiosas, grandes servas de Deus que escolheu e, pela devação que nela tinham, todos ajudavam ao edificio do mosteiro, de modo que se acabou no ano de mil e quinhentos e trinta, dia de Janeiro, e começou em tão notável dia a pôr em efeito todas as cousas pertencentes à boa reformação, inclinando as religiosas a ser mui amigas do silêncio e recolhimento. Não afrouxou as penitências que fazia em público; antes, depois de prelada, tomava tantas disciplinas quantas por amor de seu officio dava às outras, dizendo a Deus em seu coração que era pior que todas. Tinha grão cuidado das enfermas e neste particular era mui solícita, dando maravilhosos exemplos de caridade às que depois dela haviam de ser preladadas em aquele mosteiro.

Como viveu tão santamente, foi-lhe revelada a hora de sua morte, pera a qual se preparou muitos dias de antes e pera mais se lembrar dela a trazia escrita no breviário e, quanto mais se lhe encurtava o espaço da vida, tanto mais se alargava nos santos exercícios e frequentava os divinos sacramentos. Chegada, pois, a sua hora já sabida, chamou todas as religiosas que tinha criado; fez-lhes uma devota prática, encomendando-lhes o amor de Deus, o recolhimento e o exercício da oração em que as criara; depois despediu-se de cada uma em particular e com isto tomou um crucifixo nas mãos e pôs sua alma com notável quietação nas de seu esposo, sendo de cinquenta e cinco anos de idade e tendo quarenta e três de hábito no de mil e quinhentos e trinta e nove, como tinha dito e escrito um ano de antes por sua mão em um breviário do coro; o dia foi a sete de Janeiro. Depois de morta, trocou a cor amarela que tinha no rosto, das abstinências, por uma mui alva e resplandecente. Achou-se presente em suas exéquias o duque Dom Gemes; cheirava toda a igreja suavissimamente com a presença de seu corpo. Fez Nosso Senhor então algumas mercês aos que se encomendavam em suas orações.

Entre as cousas maravilhosas que depois da morte desta serva de Deus sucederam e manifestaram as virtudes heróicas da sua vida, as principais são as seguintes. Começou-se com sua ausência a relaxar o convento alguma coisa nos costumes em que ela tinha criado as religiosas, em especial no silêncio e pausa de rezar o officio divino no coro. A serva de Deus, que não

tinha menos cuidado no céu das filhas que tinha criado do que havia tido sendo sua mestra e prelada na terra, um dia, estando as freiras todas em matinas e ficando no dormitório doente uma das três que consigo trouxera de Évora com as pessoas que a serviam em sua enfermidade, viu resplandecer o dormitório com grande luz e no meio Soror Margarida que, chegando-se para ela e tomando-a pela mão, lhe disse: *Soror Inês, que assi se chamava a freira, erguei-vos; ide dizer à prioressa que digo eu que faça rezar bem o officio divino no coro e guardar o silêncio, em que criei as freiras, senão que lhe há-de vir um grande castigo de Deus a ela e a toda esta casa.* Fê-lo assi a enferma, tomando forças milagrosas por estar a este tempo mui mal e sem poder bolir-se, do que, pasmadas as religiosas, se meteram por dentro e tornaram com grande observância aos costumes em que a serva de Deus as tinha criado.

Morava no convento da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho um religioso de santa vida, o qual havia sido mui devoto da serva de Deus e testificou, estando para morrer, que lhe apparecera cheia de muita claridade e lhe dissera que deixasse contente este mundo, porque havia de ir logo para o outro gozar da eterna glória com os bem-aventurados.

Alguns anos depois enfermou no mosteiro das religiosas uma chamada Cecília da Madre de Deus, a qual havia pouco que entrara na Ordem e, vendo que morria, entrou com grandes ânsias e inquietações com medo das penas do inferno, temendo se seria condenada por suas culpas; chegou finalmente a termos que lhe recearam as freiras algum grande trabalho na derradeira hora, porque não admitia nenhuma consolação nisto, mas encomendava-se à Virgem Maria Nossa Senhora e a Soror Margarida, por cuja intercessão se haviam obrado em aquele mosteiro muitas maravilhas; e estando muito no cabo viu a mesma Virgem Mãe de Deus, e em sua companhia Soror Margarida, as quais se chegavam para ela e a Senhora lhe disse que não temesse o inferno porque seu filho Cristo Jesu ouvira as orações de suas irmãs e as que Soror Margarida fizera por ela e a tinha livrado de tudo o que temia, com o que ficou a religiosa tão quieta e consolada que não somente não temia a morte como de antes, mas mostrou daí por diante grandes desejos de morrer, até que espirou com muita segurança que lhe deram a Rainha dos Anjos e Soror Margarida, da qual acabamos aqui de referir brevemente a história que dela escreveu uma religiosa de seu mosteiro de depois mui a la larga o diligente coronista da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho Frei Jerónimo Román em a segunda parte da História dos Santos de Espanha²⁸⁷, para glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

²⁸⁷ Sobre esta obra de Fr. Jerónimo Román, O.E.S.A., veja-se *supra* n. 178.

120. LEANOR DA CRUZ,
de Vila Viçosa.

Foi sobrinha de Soror Margarida de Jesu, filha de um seu irmão, natural de Vila Viçosa; chamava-se Leonor da Fonseca sendo secular; de pouca idade veio pera o mosteiro de Santa Mónica de Évora e por mais que a tia lhe persuadia que fosse religiosa nada aproveitava, porque uma criada sempre lhe falava em cousas de casamento. A tia pôs o negócio nas mãos de Deus, orando muitas vezes que a movesse a ser freira. Sucedeu que, estando a donzela Leonor da Cruz de joelhos em oração um dia da Ascensão do Senhor, prevenida com a divina graça se moveu a ser religiosa e logo cortou os cabelos, que estimava muito, em sinal do desejo que nela ardia de deixar o mundo, com o que sua tia se alegrou em grão maneira. Entrou em o noviciado, cumpriu as obrigações dele com muita diligência e quando fez profissão, que foi na festa do sagrado evangelista São João, viu sua tia a par dela duas tochas e sobre sua cabeça uma pomba, sinais evidentes que havia de ser grandíssima religiosa na Ordem de nosso Padre Santo Agostinho, em que professava.

Sempre seguiu os passos de sua tia, a quem succedeu em prioressa no mosteiro de Santa Cruz de Vila Viçosa, edificado no ano de mil e quinhentos e trinta pelo reverendo Mendo Rodrigues de Vasconcelos, capelão do duque Dom Gemes, e é cousa digna de notar-se que sua tia, a venerável Margarida de Jesu, querendo-se descarregar do governo do mosteiro, um ano antes que falecesse a fez eleger em seu lugar e viu-se ser excelente em todo género de virtude.

Teve este cargo trinta e cinco anos contínuos, a saber, desde o ano de mil e quinhentos e trinta e oito, em que foi eleita, até o de mil e quinhentos e setenta e três, em que, vindo o reverendíssimo padre Mestre Tadeu Perusino, geral de nossa sagrada religião, visitar esta província, a rogos seus a absolveu do ofício muito contra vontade das religiosas, ficando grandemente edificado de sua humildade e do amor e obediência que todas lhe tinham e mandou daí por diante se elegessem as prioressas pelo mesmo modo que se elegiam os priores de nossos conventos e se guardasse nisto o que as constituições da religião dispunham.

Em todo tempo que governou, deu de si admirável exemplo, sendo um vivo retrato das virtudes da venerável Margarida sua tia; e procurando imitar tudo o que ela fazia, assi no governo da casa como nas penitências e rigor do tratamento de sua pessoa, ainda nas cousas mui miúdas e pequenas, e como entre elas quisesse também rezar o ofício divino de joelhos, costume antigo de sua tia, a qual aparecendo a Soror Inês da Assunção, entre as cousas que lhe mandou, foi uma que dissesse à prioressa Soror Leonor de sua parte não a imitasse naquele particular, mas que se conformasse com a comodidade no

modo de rezar o ofício divino no coro e estivesse em pé louvando a Deus com as outras à estante, porque se ela rezava de joelhos no coro as horas canônicas era por não poder estar em pé, pelas fraquezas que padecia no estômago, mal que ela Leonor da Cruz não tinha, e assim em tudo se acomodou com as outras.

Era grandemente zelosa de guardar a regra e constituições e, no reprender e castigar as culpas, mais rigorosa que sua tia, porque havendo mais religiosas lhe pareceu também necessário haver mais rigor, pela diversidade das naturezas e condições que costumam entrar nos mosteiros; mas este rigor executava-o com tanta caridade e brandura que todas a reverenciavam como santa. Perfeiçãoou o convento muito nos edifícios e fez a igreja nova que agora tem, porque Soror Margarida sempre pretendeu que aquela casa cheirasse a pobreza.

Estava ainda o corpo da venerável Margarida em sepultura comum e humilde e, porque as maravilhas que Deus por ela fazia eram muitas, determinou a prioressa Leonor da Cruz sua sobrinha de o trasladar para outro lugar mais decente e, assi, chamando as religiosas do nosso convento de Santo Agostinho daquela vila, a quinze de Setembro do ano de mil e quinhentos e setenta e dous, mandou abrir a sepultura e ao tempo que se abriu saiu dela um cheiro tão suave que parecia de todas as cousas juntas que bem cheiram na terra, o qual encheu todo o convento não só de fragrância celestial, mas ainda de alegria que todos tinham por ver tal maravilha; e não só se viu esta, mas também outra bem notável e foi que a terra mais junta a seus ossos luzia como de prata.

Sucederam então muitos milagres que pertencem à história da venerável Margarida de Jesu, mas pomo-los nesta de sua sobrinha Soror Leonor da Cruz porque sucederam em seu tempo. Um foi que certa religiosa em o mesmo mosteiro tinha uma enfermidade muito tempo e mui trabalhosa, mas sentindo o cheiro que saía da sepultura de Soror Margarida de Jesu fez-se levar a ela e pediu que a metessem dentro antes que a cerrassem; entrando nela a tomou um sono profundo e, depois de breve espaço em que a deixaram repousar, acordou sã e ficou com forças e fora de todo mal que padecia.

Outra religiosa do mosteiro de Santa Mónica de Évora chamada Margarida, ouvindo as mercês divinas que se obravam em a sepultura da venerável Margarida de Jesu que havia ido do seu mosteiro fundar o de Santa Cruz de Vila Viçosa, mandou pedir uma pequena [quantidade] da terra da sepultura e bebendo uma pouca de água que passou por ela sarou de uma grave enfermidade que tinha, o qual milagre foi justificado sendo nele testemunha a prioressa com mais seis religiosas das mais graves da casa.

Mas tornando a Soror Leonor da Cruz, posto que de muita idade, nunca afrouxou dos santos exercícios e, recebidos todos os sacramentos com

extraordinária quietação, deu sua alma a Nosso Senhor a dezasseis de Outubro, ano de mil e quinhentos e oitenta e três.

Tudo o que está dito foi tirado da história da madre Margarida de Jesu e das memórias que entre nós se conservam, tiradas do mosteiro de Santa Cruz de Vila Viçosa, em as quais também se trata de outras religiosas dele tão ilustres em virtude como daqui por diante se verá. Pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

121. INÊS DA ASSUNÇÃO DE VILA VIÇOSA, também pertence a Évora.

Foi natural da cidade de Évora, de pais limpos e pobres, e assi ofereceram a filha de pouca idade a Nosso Senhor e levaram-na ao nosso mosteiro de Santa Mónica, que agora se chama de Jesu, em Évora pera servir nele, o que fez com tão avantejada diligência em todas as cousas que lhe encomendavam que, de servidora, com parecer das religiosas, foi passada a tomar o hábito solenemente e a fazer profissão das freiras que na Ordem chamam leigas e de véu branco.

Era companheira nas penitências da venerável Margarida, da qual temos tratado, e tinha[-a] por sua secretária nos exercícios espirituais, pelo que a trouxe consigo quando veio fundar o mosteiro de Santa Cruz de Vila Viçosa e entregou-lhe, em chegando, todo governo dos officios da casa e tudo comunicava com ela, porque tinha muita prudência e conselho e no que duvidavam ambas recorriam a Nosso Senhor e de muitas tinham na oração respostas acerca se haviam ou não haviam de ser feitas e por que modo ficariam melhor ordenadas em proveito do convento, cuja perfeição ambas traziam tanto nos olhos de sua alma que não se lembravam senão do recolhimento, do silêncio, do jejum e mais cousas de observância que nele se haviam sempre de guardar, havendo que, como se comesçassem nele estas cousas, assi se haviam de prosseguir ao diante, senão que importava haver nos princípios maior rigor pera que, se polo discurso do tempo se afrouxasse, viesse a ficar a observância em um meio louvável.

Pretendeu Soror Margarida de Jesu, fundadora do mosteiro, que esta sua companheira se passasse do estado de freira leiga ao das do coro, e de véu branco ao preto, e pediu isto aos prelados pera a fazer prioressa da casa quando deixasse este officio, como sempre pretendeu; e vindo eles nisso, por mais instâncias que fez nunca o pôde acabar com Inês da Assunção, a qual respondia que na vocação em que fora chamada havia de morrer, nem queria perder tão grande merecimento como era servir as servas de Deus nos officios mais baixos e trabalhosos do mosteiro, conforme a obrigação do estado que na Ordem tinha de freira leiga.

Jejuava os mesmos jejuns que sua prelada Soror Margarida, andando sempre cingida com um áspero e apertado cilício que depois da morte lhe foi tirado. Todo o tempo que lhe restava, depois de satisfazer as obrigações de seus officios, gastava em oração e nela se enlevava ordinariamente tanto que perdia o uso dos sentidos e muitas vezes era vista, estando orando, levantada no ar mais de um covado. Por sua muita virtude e prudência, ainda que leiga, era admitida aos conselhos de maior importância e de ordinário seguiam as religiosas em tudo seu parecer e ainda pessoas seculares se vinham aconselhar com ela e achavam-se muito bem.

Assi como foi singular companheira da venerável Margarida em vida, assi depois que morreu não se esquecia dela, pelo que a mesma Margarida lhe appareceu muitas vezes e avisou de cousas necessárias pera o procedimento de seu mosteiro, como foi amoestar a prioressa Soror Leonor da Cruz que rezasse em pé as horas do officio divino quando estava com as outras religiosas no coro, segundo temos escrito. Também estando doente lhe appareceu Soror Margarida e lhe mandou dizer à prioressa que rezasse devagar e devotamente, com pausa e reverência, o officio divino, senão que haveria grandes castigos do céu no seu mosteiro, o qual já está escrito na história da mesma venerável Margarida de Jesu.

Por extremo era afeiçoada Inês da Assunção a servir as religiosas enfermas, sabendo que Nosso Senhor, como é mui misericordioso, está mui particularmente com os que estão padecendo trabalhos, dores e misérias, pera os socorrer como bom pai e ser testemunha dos bens ou faltas que usamos e nos julgar em o dia do Juízo, conforme nos houvermos com eles, dando-nos a posse do reino dos céus se fomos liberais, ou mandando-nos ao inferno se fomos pera eles cruéis. Enfim, depois de ter feitos muitos serviços à Nosso Senhor e ter a lâmpada de sua mui pura alma cheia de muito azeite de misericórdia, que usava com todas, recebeu os últimos sacramentos e, posta em uma altíssima contemplação, deu sua alma a Nosso Senhor, o qual seja sempre louvado. Amen.

122. MARIA DA CRUZ, de Vila Viçosa.

Era natural de Vila Viçosa, filha de pais honrados. Sucedeu-lhe, sendo de cinco anos de idade, que caiu em uma roda aonde certo oleiro fazia seus púcaros, donde a tiraram quasi morta, pelo que logo determinaram de a entregar ao serviço de Deus em algum mosteiro se tivesse saúde; e assi foi que a entregaram à venerável Margarida de Jesu quando fundou o de Santa Cruz, que é da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho em sua pátria, Vila

Viçosa, e foi a quarta religiosa que nele fez profissão, depois da qual imitava quanto podia sua prelada Soror Margarida em todos exercícios da religião; mas em nenhum se esmerou mais que na perpétua guarda do silêncio, de modo que desde entrou no mosteiro até que morreu não foi à grade nem falou com pessoa alguma fora, nem com as de dentro, senão respondendo preguntada, ou palavras que a obrigação dos ofícios da comunidade, quando os tinha, eram forçadas, e nestas ainda fugia muito pelas escusas quando podia e não quebrar o rigor do silêncio no dormitório, que exercitou muitos anos com grande perfeição e pontualidade, sendo neste cargo respeitada como as mesmas preladas; e pera melhor conservar esta virtude, vivia sempre como solitária no coro ou na cela e raras vezes a viam fora destes dous lugares se não era nas oficinas dos ofícios em que a ocupavam; e assim nem ela buscava ninguém, nem ninguém a ela.

Todo o tempo que lhe sobejava do coro e oração da cela gastava em coser e consertar os hábitos das religiosas e das servidoras da casa, pera o que tinha natural talento e, portanto, fazia caridade a muitas. E assi como era mui humilde de coração, reputando-se por serva das servas do Senhor, assi também amava muito a santa pobreza, pelo que tinha por supérfluo e não queria ter em sua cela o que não era forçadamente necessário pera sustentar a vida. Tão pronta na obediência que nunca replicou ou se escusou de cousa que lhe mandassem, por dificultosa ou trabalhosa que fosse, e todas fazia com alegre diligência. Tão cheia de culpas que depois de sua morte testificaram seus confessores que as mais das vezes lhas não achavam pera a forma da absolvição e, mandando-lhe referir algumas passadas, sempre se confessava de uma que lhe mais carregava a consciência e que muito a magoava, e era de emprestar uma vez sem licença da prelada um saltério a outra religiosa; este era o pecado por que se havia por mui culpada e por que derramava muitas lágrimas.

Havia grande compaixão dos pobres que vinham à portaria e, vendo que não tinha que lhes dar senão da pobre ração que lhe punham diante pera comer no refeitório, alcançou licença das preladas pera ao menos às sextas-feiras a dar toda aos pobres, ficando nelas jejuando a pão e água, e as mais das vezes sem comer cousa alguma, porque até o pão lhes dava.

Sempre procurou encobrir suas virtudes e mercês particulares que Nosso Senhor lhe fazia, mas, ainda que retirada de conversações e amando por extremo o silêncio, não deixou de ser mui notória a benignidade com que Nosso Senhor a tratava. Havia, pois, em o mesmo mosteiro outra religiosa de grão virtude chamada Isabel de Santo André, da qual trataremos adiante, porque aqui só notamos que, seis meses antes de Soror Maria da Cruz morrer, sucedeu a esta Isabel de Santo André que todas as vezes que vestia ou despia o hábito preto da Ordem via nele um raio de luz que lhe alumiaava toda a

cela. Espantada do caso, entrou em consideração se porventura seria alguma ilusão do demónio que por ali a queria levar a algum acto de soberba. Depois de fazer muitas devações a Nosso Senhor que lhe declarasse o que significava, nunca o soube, senão quando consultou a um religioso douto e devoto de nossa Ordem de Santo Agostinho, o qual lhe disse que deixasse o seu hábito e vestisse algum de outra religiosa e não deixasse de pedir a Nosso Senhor a insinasse do que convinha acerca daquele raio. Vestiu outros hábitos de várias religiosas e com nenhum lhe sucedia aquele raio senão com o seu, pelo que Nosso Senhor, estando em oração, lhe disse que aquele raio significava que havia de morrer em aquele mosteiro uma religiosa de excelente virtude, a qual naquele seu hábito havia de ir à sepultura. Contente Isabel de Santo André de saber que não era a sua visão senão divina, nunca soube qual havia de ser aquela religiosa senão quando, dali a seis meses, morreu Soror Maria da Cruz e amortalharam-na naquele seu hábito, como logo contaremos.

Por extremo era honesta e assi alcançou de Nosso Senhor em esta vida não ir nunca à enfermaria nem estar em cama por arrecear que fosse em algum modo vista com menor compostura e recolhimento do que vivia; e assi arreceava por extremo que o médico lhe tomasse o pulso ou que lhe fosse necessário dar o braço pera ser sangrada, posto que desejava que lhe não faltasse o sacramento da sagrada unção quando morresse; contudo, cuidando nele, confrangia-se pelo pejo que já tinha de ser então vista mais que nas mãos e rosto, como costumava, mas Nosso Senhor mostrou que estimava este grande amor que ela tinha à perfeita honestidade, em a maneira seguinte.

Primeiramente, nunca enquanto viveu teve doença que a obrigasse ir à enfermaria nem deitar-se em cama, nem foi curada por médico nem sangrada, sendo de compleição mui robusta e forte; e até em o tempo de sua morte foi consolada acerca de sua honestidade, a qual era que nenhuma parte de seu corpo fosse vista sem vestido, porque seis meses antes de sua ditosa partida desta vida sentiu muita fraqueza e, não deixando suas penitências e frequentando o coro, até que em uma véspera da festa do Espírito Santo se confessou geralmente com muitas lágrimas e, andando com grandes desejos de comungar ao outro dia, foi cantar as vésperas e, elas acabadas, se recolheu na cela com grande fraqueza, mas não de modo que a levassem à enfermaria e se chamasse físico; aquela noite se não pôde já erguer a matinas, nem pela manhã à prima, mas todo este tempo gastou em oração e trato com Deus e outro a acharam algumas religiosas que antes de tangerem a terça a visitaram, aparelhando-se pera a mercê celestial que naquela solenidade havia de receber. Chegando a hora de terça, em tocando o sino pera se ir cantar no coro, se levantou da cama Soror Maria da Cruz, de quem agora tratamos, e assi como estava vestida se pôs de joelhos na cela e os braços em cruz, com grande affecto

pera receber o divino espírito que naquela hora veio sobre os sagrados Apóstolos e, desta maneira, abrasada em divino amor, em tocando o segundo sino da terça, expirou, entregando sua ditosa alma nas mãos de seu celestial esposo.

Quando vieram as freiras que a quiseram ver antes de entrarem no coro, acharam-na morta na cela, naquela mui devota postura com que São Paulo, primeiro ermitão, foi visto despois de morto, convém a saber, de joelhos e com os braços abertos em cruz e os olhos encravados no céu. Tinha esta serva de Deus o rosto tão fermoso e claro que parecia de um serafim que estava mui enflamado. Vieram as mais religiosas e todas ficaram espantadas de verem aquele corpo em joelhos sem estar encostado a cousa alguma e dos braços se conservarem sem espíritos vitais em aquela figura da cruz. Enfim, foram as religiosas cantar a terça e missa daquela solenidade. No mesmo dia à tarde se tratou de seu enterramento e, vendo a madre prioressa que o hábito da defunta era bom, disse a Soror Isabel de Santo André, que tinha um muito velho, que o desse pera ser nele amortalhado o corpo presente; fê-lo assi como boa obediente Soror Isabel de Santo André e quando despiu o hábito viu um raio de luz, como tinha visto quando o vestira, e havia seis meses que o costumava a ver, vestindo e despindo o mesmo hábito, pelo que então soube e divulgou que Soror Maria da Cruz era digníssima de todo louvor e a mui singular religiosa que Nosso Senhor lhe tinha revelado que havia naquele mosteiro e assinalado o hábito com que havia de ser enterrada com aquele raio de luz que está dito, o qual nunca mais foi visto nos hábitos que despois vestiu. Foi, pois, a morte de Soror Maria da Cruz havida por cousa miraculosa, testificadora da penitência, do amor da cruz e saudades do céu com que sempre viveu na terra, até ir gozar, como é creível, de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

123. ADEODATA DE SÃO NICOLAU, de Vila Viçosa.

Era órfã de pai e de mãe e veio acaso à portaria do convento das freiras de Santa Cruz de Vila Viçosa com outras meninas pobres a pedir esmola, a tempo que chegou a ela por certo negócio a venerável Margarida, fundadora e primeira prioressa daquele convento e inspirada por Deus, como é creível, levou a menina pera dentro e fê-la criar em maravilhosos costumes de penitência e oração, até que foi de idade pera aprender ofício algum, e foi de tecedeira, pera dentro do mosteiro tecer as teias que as freiras fiavam pera o serviço da igreja e da casa, na qual arte saiu mui extremada.

Servia as religiosas, assim em seu ofício como nas mais cousas que lhe encomendavam, de maneira que todas lhe queriam muito, principalmente

por sua muita virtude, porquanto era um retrato vivo de sua fundadora, amiga do silêncio, do cilício, do jejum, da oração, em tal modo que, visitando muitas vezes este mosteiro o venerável padre Frei Luís de Montoya, sendo vigairo-geral de nossa Ordem de Santo Agostinho neste reino de Portugal, nenhuma cousa ouvia mais que louvores da santa vida desta servidora; e fazendo dela bom exame em vários tempos, deitou-lhe o hábito de freira de véu preto com suas próprias mãos; deu-lhe o nome de Adeodata de São Nicolau, porque ela de antes chamava-se Mícia, e fez uma maravilhosa prática às religiosas de quanto ganhavam em ter aquela serva de Deus por companheira.

Depois que fez profissão, começou servir a Deus com novo espírito, acrescentando seus antigos exercícios com grande constância; jejuava todos os dias, tirados domingos e festas solenes, e às sextas-feiras a pão e água; tomava disciplina cada dia e muitas vezes de sangue; não comia manjar algum delicado, nem ainda em enfermidade queria comer frangão, ou galinha, ou caldos concertados, dizendo que nela eram perdidas todas as cousas daquela sorte, que se deviam guardar pera outras irmãs que tivessem mais necessidade, e ela passava com ervas e outras dietas mais grosseiras.

Em saúde, não tomou nunca pera si nem partiu pão, comendo o que sobejava das outras, e dizia que sempre os sobejos das servas de Deus lhe sabiam melhor porque, como era serva sem proveito, quanto menos gastava da comunidade menos escrúpulos tinha pelo pouco que em sua reputação merecia; e como tinha sempre os ofícios mais baixos da casa, porque nisto não fez mudança alguma com o véu preto do que de antes fazia, não ia ao refeitório por não ser notada em seu rigor, mas comia sobre uma táboa nua quaisquer sobejos. Trazia sempre um cilício mui áspero, que jamais na vida tirou, andando sempre ocupada no serviço da casa. O mesmo que usava no comer passava no vestir, calçar e tocar, porque não punha cousa nova senão os toucados e hábitos que ficavam das outras, que ela remendava, e desta pobreza tinha tão pouco que quando morreu só dous hábitos velhos lhe acharam e o preto da Ordem, com que se enterrou.

Na obediência tinha tal prontidão que não somente era diligente em fazer o que lhe mandavam as preladadas, mas ainda lhes andava adivinhando a vontade pera a cumprir, e assi enquanto viveu foi mui aceita a todas. Era tão amiga de ir ao coro que, se por respeito de seus ofícios deixava de ir a algumas horas de dia, nunca nas de noite houve falta; e assi é cousa digna de notar-se que em cinquenta anos que foi freira no coro não faltou mais matinas que as da noite em que morreu, como logo veremos, e tinha tanta devação de ir nesta sagrada hora ao coro louvar a Deus que não se contentou de ir toda a vida a matinas à meia-noite, mas tomou por ofício tanger a elas e despertar as outras pera irem fazer o mesmo; e assi teve este officio entre os demais quasi toda a vida, recebendo grande consolação de estar orando enquanto o relógio

por sua muita virtude, porquanto era um retrato vivo de sua fundadora, amiga do silêncio, do cilício, do jejum, da oração, em tal modo que, visitando muitas vezes este mosteiro o venerável padre Frei Luís de Montoya, sendo vigairo-geral de nossa Ordem de Santo Agostinho neste reino de Portugal, nenhuma cousa ouvia mais que louvores da santa vida desta servidora; e fazendo dela bom exame em vários tempos, deitou-lhe o hábito de freira de véu preto com suas próprias mãos; deu-lhe o nome de Adeodata de São Nicolau, porque ela de antes chamava-se Mícia, e fez uma maravilhosa prática às religiosas de quanto ganhavam em ter aquela serva de Deus por companheira.

Depois que fez profissão, começou servir a Deus com novo espírito, acrescentando seus antigos exercícios com grande constância; jejuava todos os dias, tirados domingos e festas solenes, e às sextas-feiras a pão e água; tomava disciplina cada dia e muitas vezes de sangue; não comia manjar algum delicado, nem ainda em enfermidade queria comer frangão, ou galinha, ou caldos concertados, dizendo que nela eram perdidas todas as cousas daquela sorte, que se deviam guardar pera outras irmãs que tivessem mais necessidade, e ela passava com ervas e outras dietas mais grosseiras.

Em saúde, não tomou nunca pera si nem partiu pão, comendo o que sobejava das outras, e dizia que sempre os sobejos das servas de Deus lhe sabiam melhor porque, como era serva sem proveito, quanto menos gastava da comunidade menos escrúpulos tinha pelo pouco que em sua reputação merecia; e como tinha sempre os ofícios mais baixos da casa, porque nisto não fez mudança alguma com o véu preto do que de antes fazia, não ia ao refeitório por não ser notada em seu rigor, mas comia sobre uma távoa nua quaisquer sobejos. Trazia sempre um cilício mui áspero, que jamais na vida tirou, andando sempre ocupada no serviço da casa. O mesmo que usava no comer passava no vestir, calçar e tocar, porque não punha cousa nova senão os toucados e hábitos que ficavam das outras, que ela remendava, e desta pobreza tinha tão pouco que quando morreu só dous hábitos velhos lhe acharam e o preto da Ordem, com que se enterrou.

Na obediência tinha tal prontidão que não somente era diligente em fazer o que lhe mandavam as preladas, mas ainda lhes andava adivinhando a vontade pera a cumprir, e assi enquanto viveu foi mui aceita a todas. Era tão amiga de ir ao coro que, se por respeito de seus ofícios deixava de ir a algumas horas de dia, nunca nas de noite houve falta; e assi é cousa digna de notar-se que em cinquenta anos que foi freira no coro não faltou mais matinas que as da noite em que morreu, como logo veremos, e tinha tanta devação de ir nesta sagrada hora ao coro louvar a Deus que não se contentou de ir toda a vida a matinas à meia-noite, mas tomou por ofício tanger a elas e despertar as outras pera irem fazer o mesmo; e assi teve este ofício entre os demais quasi toda a vida, recebendo grande consolação de estar orando enquanto o relógio

não dava as horas, pelo que o demónio lhe tinha grande ódio e assi lhe aparecia em diversas formas, em especial, de um cão grande que, em ela pegando na corda do sino, fazia mostras de a querer morder; mas a serva de Deus já o conhecia e, persistindo no seu officio, fazia o sinal da cruz, com que ficava livre.

Deste modo passou Soror Adeodata toda a vida, quasi sempre sã e bem disposta; mas sendo já de muita idade, alguns dias antes que falecesse adoeceu de cesões grandes, mas nem com elas se tratou como doente, nem foi à enfermaria, nem deixou de servir no officio de celeireira que naquella conjunção tinha, nem de continuar o coro de dia e de noite, como costumava em saúde. E como fosse mui devota das onze mil virgens, às quais rezava cada dia e festejava-as com missa solene e pregação todos os anos, ajudando-a pera isso todas as outras religiosas. Sucedeu que no ano de mil e quinhentos e noventa e oito celebrou a mesma festa das sagradas virgens com grande devação e alegria e, ao outro dia à tarde, vendo-a a prioressa muito fraca do mal que trazia, lhe mandou por obediência que se fosse recolher à cela e se deitasse na cama, e mandou chamar o médico que a visse; cumpriu ela tudo com grande alegria, que lhe as religiosas notaram, e vindo o físico deu tal informação que julgou que não havia perigo algum de morte.

Chegando-se a noite e ajuntando-se na sua cela outras religiosas que por achaques que tinham não haviam de ir a matinas, às quais pediu que rezassem com ela porque a prioressa lhe tinha proibido que não fosse ao corò, fizeram-no assi as que com ela estavam e todas juntas rezaram. Foram-se as companheiras e ficou em sua costumada oração. Em dando dez horas, começou a sentir grandes dores em todo corpo e, dando alguns gemidos, lhe acudiram as mais vizinhas que logo deram recado à prioressa, a qual pelo que o físico tinha dito não tratou de remédios nem a serva de Deus dava mostras de os desejar ou de inquietação nas dores que padecia; perseverou com ela a prioressa acompanhada de outras religiosas até meia-noite e, em tocando o sino a matinas, disse-lhe a prioressa: *Eu vou a matinas e mando-vos em santa obediência que dormais e descanséis*; e com isto lhe deitou uma bênção. Abaixou a cabeça Soror Adeodata e, obedecendo até morte, respondeu: *Assi o farei, madre, pois mo manda a santa obediência; dormirei e descansarei pera sempre*. E em saindo a prioressa da cela, sem algum outro movimento, espirou.

No mesmo tempo foi sentido tão suave cheiro no dormitório que as religiosas que iam pera matinas pararam pera ver donde vinha e, entrando na cela de Soror Adeodata, porque ali recendia mais, a acharam agasalhada como a prioressa a deixara e morta, com a cabeça baixa, em sinal de obediência com que acabara a vida e da reverência com que recebera a última bênção de sua prelada; pelo que todas deram muitas graças a Nosso

Senhor, entendendo que assi como ela vivera sempre em obediência, assi morrera nela, dentro das oitavas das onze mil virgens que tanto festejava, na hora da meia-noite, em que com tanta devação toda a vida louvara a Nosso Senhor, aos vinte e três de Outubro do ano de mil e quinhentos e noventa e oito; pera glória do mesmo Senhor, que vive e reina pelos séculos dos séculos. Amen.

124. LEANOR DO ESPÍRITO SANTO, de Vila Viçosa.

Foi natural de Vila Viçosa, filha de Fernão de Moraes, desembargador do duque Dom Gemes, que a entregou a Soror Margarida de Jesu, fundadora do mosteiro de Santa Cruz em aquela vila, não sendo mais que de cinco anos. Teve logo por sua mestra Leanor da Cruz, de quem já temos tratado, a qual a insinou de modo que, sendo de mui pouca idade, não somente fazia muitas devações, mas ainda as persuadia àquelas com que tratava tão de veras e com rezões tão vivas que lhe chamavam as religiosas do mosteiro a *nossa Doutora*. Saiu juntamente mui extremada nas cousas que pertenciam à celebração dos divinos officios, pelo que, enquanto viveu, foi mestra de rezar e cantar de todas as que em seu tempo entraram pera ser freiras em aquele mosteiro.

Com a idade foi crescendo nas virtudes; especialmente frequentava a oração mental que é a melhor escola de todas as em que se aprendem; quasi sempre orava diante do Santíssimo Sacramento em os tempos que lhe ficavam do coro e mais obediências; derramava diante deste Senhor ordinariamente muitas lágrimas, mas em maior abundância nos dias em que o recebia. Era mui amiga da comunidade, grande observadora da regra e zelosa por extremo das cerimónias. Foi duas vezes prioressa, governou com admirável exemplo e fez grandíssimo proveito a todas as outras religiosas.

Amava muito seguir em tudo as cousas acostumadas em seu mosteiro, não se mostrando singular em cousa alguma salvo na devação do Santíssimo Sacramento e do glorioso São Nicolau de Tolentino, que tinha por avogado mui grande desde que tomou o hábito, e assi lhe sucedeu a maravilha seguinte.

Vindo uma noite mui cansada de cantar as matinas da festa deste santo, encostou-se sobre a cama e, adormecendo, desapegou-se uma trave do dormitório na parede donde estava o leito desta serva de Deus, Leanor do Espírito Santo, e sem dúvida que vinha direita cair-lhe sobre a cabeça, mas estava a esta hora orando na sua cela outra religiosa, chamada Helena do Paraíso, de quem logo trataremos, e esta na oração viu o glorioso São Nicolau de Tolentino que naquela parte do dormitório tomou no ar a trave e pô-la mui

quietamente sobre a cama de sua devota Leonor do Espírito Santo, de modo que lhe ficou uma ponta sobre o travesseiro junto a seu rosto, como a mesma Leonor do Espírito Santo viu entre sonhos e fora deles as outras religiosas, às quais Helena do Paraíso mostrou o lugar da trave que faltava no dormitório e dentro em o leito de Soror Leonor do Espírito Santo logo a viram como está dito; e como as religiosas levantassem a trave, que era pesada e grossa, viram a forma de uma mão com as costas sobre o travesseiro, em sinal que ela sustentava aquela trave; e despertando a Soror Leonor do Espírito Santo, a primeira cousa que lhe ouviram foi *Nicolaus verus Christi pauper*, repetir a antífona do santo seu avogado que começa, *Nicolau verdadeiro pobre de Cristo*, como quem dava rezão que, se aquela trave a não matara, fora por benefício do glorioso São Nicolau de Tolentino.

No mesmo tempo em que sucedeu a maravilha que está dita, espertou ao reboição outra religiosa, também grande serva de Deus, que, adormecendo sobre sua cama vindo das matinas, viu ao glorioso São Nicolau vestido no hábito branco da Ordem, com tão grande resplendor que alumiaava todo dormitório andando por ele como mui ocupado em livrar sua mui devota Leonor do Espírito Santo que a não matasse uma trave que estava pera cair sobre sua cabeça, segundo está referido. E espertando de sua quietação, foi ver com outras a trave sobre o travesseiro e a mão do santo figurada nele, pelo que deu muitas graças a Nosso Senhor. Sucedeu esta maravilha às três horas depois da meia-noite da festa do glorioso São Nicolau de Tolentino, glória de nossa sagrada Ordem Augustiniana em o ano de mil e quinhentos e oitenta e quatro.

Não podia o demónio sofrer a perfeição em que Soror Leonor do Espírito Santo vivia, pelo que lhe fazia muitas perseguições, em as quais ficava sempre vencedora com ajuda de seu avogado São Nicolau de Tolentino, cuja antífona costumava sempre repetir quando se via em alguma necessidade. O que o demónio mais sentia era vê-la estar em oração, porque a tinha mui afervorada e, pela estorvar, fazia grandes estrondos, mas nem por isso a serva de Deus havia medo algum nem deixava seus costumados exercícios. Viu-se isto mais quando, porque entrassem duas noviças de bom espírito, lhes deu a sua cela e se foi viver a uma casinha que ficava a par do coro, a qual havia servido de despejos da sancristia, e outros serviços da casa, o que lhe foi concedido porque ela assi o quis por sua humildade e ter mais ocasião de orar livremente quando tivesse tempo diante do Santíssimo Sacramento; mas o demónio, por que ela não saísse da casa em que estava nem fosse ao coro, lhe fazia grande matizada e uma vez estava a varanda toda cheia de muita gente que com brados e alaridos derrubavam toda a casa, pelo que recorreu com maior devação a Nosso Senhor que lhe acudisse e logo sentiu que aquele tropel de demónios vinha pera a porta de sua casa que estava fechada e que parecia

querê-la arrombar com impuxões; ouviu então uma voz celestial que ameaçava os demónios assi: *Tá, tá, guardai-vos não entreis nem bulais nessa porta.* E logo deitaram todos a fugir com grande estrondo, pelo que se foi a serva de Deus ao coro dar graças a Nosso Senhor que por méritos do glorioso São Nicolau de Tolentino lhos afugentara, como lhe succedeu muitas vezes.

Depois que fez muitos anos vida de prioressa e de súbdita sempre louvável, acompanhada com maravilhosos exemplos de humildade e perpétua oração, preparou-se pera a morte confessando-se geralmente com infinitas lágrimas e grandes actos de contrição, até que lhe sobreveio uma enfermidade, por respeito da qual se foi à enfermaria e logo recebeu o altíssimo sacramento do altar por modo de viático; também lhe deram o sacramento da santa unção, depois do qual disse à prioressa que a estava acompanhando com as outras religiosas: *Madre Prioressa, esta casa não está bem concertada pera a gente que me vem acompanhar.* A prioressa disse-lhe: *Que gente é essa?* Ao que logo respondeu: *Muitos santos e santas que me vêm buscar, e o meu divino Nicolau que nunca se daqui aparta, e o mimoso Evangelista, que sempre tive em meu coração.* Vendo uma religiosa das que estavam presentes que não nomeava nosso Padre Santo Agostinho, disse: *E nosso padre não vem por vós, nem vos leva como filha sua.* Ao que satisfez com grande humildade, como quem se reportava do que tinha dito, acrescentando: *Não mereço eu tanto.* Enfim, estando um pedaço em silêncio, beijou um crucifixo que tinha diante de si e, pronunciando o sacratíssimo nome de Jesu, deu sua alma a seu esposo celestial, a quem se deve toda honra e glória, pelos séculos dos séculos. Amen.

125 E 126. HELENA DO PARAÍSO E INÊS DOS ANJOS, de Vila Viçosa.

Foram ambas de Vila Viçosa, religiosas do mui observante mosteiro de Santa Cruz, cujas memórias, por ser de nossa Ordem de Santo Agostinho, temos escritas com maior diligência, pelo qual escrevemos de tantas religiosas dele, deixando as de outros mosteiros que também tiveram e têm muitas servas de Deus ilustres em virtude, mas não nos chegaram assi suas histórias como as que referimos. E vindo primeiramente à de Soror Helena do Paraíso, foi filha de Duarte Pereira de Brito, bom fidalgo da casa do duque de Bragança; tomou o hábito de quinze anos e logo que foi noviça entrou no caminho da perfeição pela estreita porta da penitência, porque jejuava, fazendo muitas quaresmas no ano e em todo ele três dias da somana com grande rigor, dos quais em a sexta-feira não comia mais que algumas folhas de oliveira e sobre

esta iguaria bebia fel desfeito em vinagre que mandava buscar fora com grande segredo, ainda que o sabiam outras duas religiosas que tinha por companheiras na vida espiritual.

Amou muito o silêncio, não falando nos dias de seu jejum, que eram os três dias da semana, quartas, sextas e sábados, senão obrigada em cousas de obediência e caridade; trazia sempre cilício e por camisa um hábito de pano grosso; tomava ásperas disciplinas e às vezes de sangue, pelo que andava cheia de chagas. Dava-se muito à oração mental e nela alcançava grandes mercês de Deus. Tinha dom de lágrimas e derramava tantas quando recebia o Santíssimo Sacramento do altar que se admiravam todos os que a viam. Padeceu muitas enfermidades, às quais se ajuntou dar uma queda grande com que ficou toda a vida aleijada de um pé e nem com este mal que junto com os mais lhe dava grande pena afrouxou um ponto de suas penitências em toda a vida; viu, estando em sua cela, como São Nicolau de Tolentino acudira a sua devota Leonor do Espírito Santo, fazendo que a não matasse uma trave, segundo temos contado. Era mui amiga da comunidade e de descobrir as mercês que recebia de Nosso Senhor em esta vida, contentando-se com ser havida por uma religiosa das ordinárias, havendo sido mui singular em todo género de virtude até à morte, que teve mui louvada de todos.

126. Soror Inês dos Anjos foi filha de pais nobres e companheira, no mesmo mosteiro de Santa Cruz, de Helena do Paraíso de quem acabamos de falar e em todas as abstinências e rigores a seguia puntualmente, desejando de lhe não ficar atrás em nada. Aos domingos e dias santos se recreava em escrever colóquios espirituais ao modo de cartas, ora falando com seu esposo celestial e manifestando-lhe quanto desejava ser desatada das prisões desta vida e estar na outra com Sua Divina Majestade, ora falava com a Virgem Nossa Senhora, pedindo-lhe que fosse muito sua amiga diante de seu sagrado filho, a quem só desejava contentar em esta vida. Não deixava de manifestar estas cartas a outras religiosas, com que também ficaram afeiçoadas algumas a este exercício. Teve grande zelo da observância e por extremo olhava pera que o ofício divino fosse cumprido com grande perfeição; mas as religiosas não atribuíam isto a zelo senão a sua condição, pelo que as preladas lhe davam algumas penitências que sofria com grande humildade, não tendo outro remédio senão recorrer à sagrada oração que frequentava muito.

Era mui devota da Virgem Nossa Senhora e pedia-lhe que quando passasse a vida fosse em alguma de suas solenidades, parecendo-lhe que então a teria mais propícia; e foi-lhe concedido o que pedia, porque junto da festa da gloriosa Assunção da Senhora lhe sobreveio uma enfermidade e, entendendo que era a derradeira, pediu e recebeu os sacramentos da Igreja com grande devação e com profunda resignação nas mãos de Deus, com que sempre viveu, lhe deu

sua alma véspera da Assunção a catorze de Agosto do ano de mil e quinhentos e setenta e oito. Logo apareceu a um religioso do nosso mosteiro da mesma Vila Viçosa e cheia de grande claridade lhe disse, estando em oração, que ia ver a Deus pera sempre, pelo qual seja louvado eternamente. Amen.

127. FRANCISCA DE ABREU, do Porto.

Em Vila Nova, defronte da cidade do Porto, está o mosteiro de Corpus Christi de religiosas da Ordem de São Domingos, edificado e dotado por Dona Maria Mendez Petita, matrona mui ilustre, cerca dos anos de mil e trezentos e cinquenta e quatro; teve sempre e terá religiosas de grande louvor, porque, além da observância regular, sempre nele se achou notável devação ao glorioso São Domingos que ali fez muitos milagres; e assim sempre se acharam nele religiosas devotíssimas do Santíssimo Sacramento, das quais uma por nome Francisca de Abreu era tão amada deste Senhor que lhe falou uma vez o Menino Jesu, segundo se conta na história da Ordem de São Domingos particular deste reino, escrita pelo reverendo padre Frei Luís de Sousa²⁸⁸ que refere o caso em esta maneira. Havia na cidade do Porto e em Vila Nova, em que está este mosteiro, o mal de peste, de que Nosso Senhor nos livre; pelo que foi necessário as religiosas irem-se pera uma quinta e ficaram no mosteiro só três, das quais uma era Soror Francisca de Abreu que, sendo ferida do mal, pôs em grande temor as outras e assi lhes disse: *Vós, irmãs, esperais que morra pera vos irdes pera a quinta; pouco sabeis que ouvi, quando as outras se foram, estas palavras ao Menino Jesu: vosoutras ides-vos, não sabeis logo que estou em toda parte; pelo que não fui com elas e, conquanto estou morrendo, não me pesa ter ficado.* Contudo, as duas foram pera a quinta e sucedeu que uma viu na casa em que se recolhiam cinco tochas ardendo e foi presságio que na noite seguinte adoeceram outras tantas religiosas e morreram do mal de que fugiram, pelo que se tornaram todas pera o mosteiro aonde, ficando livres, entenderam quão excelente mercê fora feita a Francisca de Abreu por ser mulher de muita virtude e como Nosso Senhor estima que suas religiosas em semelhantes casos procurem mais estar recolhidas com muita guarda que distraídas em quintas com grande diligência, porque como o peixe fora de água morre, assi a religiosa fora do mosteiro vive em perigo de perder a vida espiritual que deve estimar mais que a temporal, pera que seu divino esposo seja sempre louvado. Amen.

²⁸⁸ Fr. Luís de Sousa, *Primeira Parte da História de S. Domingos, particular do reino e conquistas de Portugal (...)*, ob. cit., livro VI, cap. VI, esp. fl. 318r.

128. INÊS DE SÃO DOMINGOS, de Lisboa.

Foi religiosa do mosteiro de Santa Clara de Lisboa, aonde resplandeceu em todas as virtudes, principalmente nestas três, humildade, pobreza, caridade; frequentava a oração mental, pelo que venceu graves e muitas tentações, com as quais foi apurada como ouro em o fogo. Sempre trabalhou no caminho da perfeição, como quem sabia que não ir por diante nele é tornar pera trás; e assi como a tocha dá maior claridade quando está no acabo, assi esta serva de Deus quanto se chegava ao fim de sua vida tanto mais se aproveitava e trabalhava por merecer nela; pelo que morreu com fama de santa, que Nosso Senhor confirmou com milagres, dos quais escreve dous a história seráfica escrita por mandado do Cardeal Gonzaga²⁸⁹, a quem seguimos em esta breve relação; um foi que o mui reverendo padre Frei André da Ínsua, nosso português e geral digníssimo da Ordem de São Francisco, sabendo quão excelente havia sido esta religiosa em todo género de virtude, tomou seu bordão, abraçou-se com ele devotamente e assi sarou da dor de gota que o atormentava nos pés. O outro, que a rainha Dona Caterina, mulher d'el-rei Dom João o Terceiro, com o mesmo bordão sarou de gota que lhe dava muitas dores nas mãos, pera glória de Deus, que seja louvado eternamente. Amen.

129. DONA CATERINA ORNELAS, da ilha Terceira.

Foi de nobre geração, natural da vila da Praia, não longe da cidade de Angra na ilha Terceira, aonde deu maravilhosos sinais de ser ilustre em virtudes, tão ditosa que mereceu fazer o primeiro mosteiro de freiras que tiveram as ilhas do mar Oceano pertencentes a nosso Portugal, o qual estava na mesma vila da Praia e era da Ordem do glorioso São Francisco. Também foi a primeira mulher que nas mesmas ilhas professou solenemente em mosteiro voto de perpétua castidade, levando muitas donzelas d'após si ao Esposo celestial, Cristo Senhor Nosso; pelo que é mui celebrada na história das províncias e mosteiros de São Francisco que mandou fazer o Cardeal Gonzaga²⁹⁰, da qual se colige que como a fermosa oliveira plantada entre pedras, a par dos caminhos, goza muito das influências do céu e dá mais fruto, assi dando-se esta serva de Deus a várias penitências, edificando os próximos com seu

²⁸⁹ Francesco Gonzaga, *De Origine Seraphicae Religionis Franciscanae*, ob. cit., p. 807.

²⁹⁰ Francesco Gonzaga, *De Origine Seraphicae Religionis Franciscanae*, ob. cit., pp. 1016-1017.

exemplo e gastando os dias e noites em contínua oração, veio a ser riquíssima de obras de piedade e amor de Deus, o qual seja por isso louvado eternamente. Amen.

130. MÉCIA DA CONCEIÇÃO, da Castanheira.

O mosteiro de Nossa Senhora da Castanheira é da Ordem do glorioso São Francisco, edificado pera suas freiras com particular favor do céu, em esta maneira. Dom Fernando de Ataíde sendo menino era mui doente, pelo que seus pais prometeram de o levar à ermida de Santa Margarida que está a par da Castanheira, pera que alcançasse saúde, como alcançou por méritos da santa virgem e mártir. Andando depois de grande passeando a par da mesma ermida, passou uma mulher não conhecida e disse-lhe que fizesse nela um mosteiro de freiras; ele, como era bem inclinado, respondeu-lhe que de mui boa vontade faria ali o mosteiro se pudesse, mas que era filho segundo do senhor daquele lugar e não tinha posses pera o fazer; sucedeu que morreu o irmão mais velho e herdou a casa; sendo já de boa idade e passeando outra vez a par da dita ermida, passou uma freira e disse-lhe que fizesse nela um mosteiro pera suas irmãs, pelo que determinou de o fazer, sabendo que era vontade de Deus, mas não o acabou senão sua mulher Dona Leonor de Noronha depois que alcançou licença do Papa Leão Décimo pera converter a dita ermida naquele mosteiro que o conde da Castanheira, Dom António de Ataíde, filho de entrambos, acrecentou muito pelos anos de mil e quinhentos e quarenta e um.

Entre as religiosas que sempre teve foi uma Mécia da Conceição, a qual era mui observante de todo rigor de sua Ordem, humilde e grave, zelosa e prudente, devota e aprazível. Sendo abadessa, faltou sacerdote que dissesse missa a suas religiosas em um dia da festa da Santíssima Trindade e, estando afligidas por isso, entrou um homem na igreja dizendo que o encomendassem a Deus, porque tinha um osso atravessado na garganta; respondeu a abadessa que elas o fariam, mas que lhe desse um sacerdote que lhes dissesse logo missa; a isto disse o homem que era mui contente; pôs-se então de joelhos a abadessa e rogou a Deus que o sarasse; logo foi ouvida, deitou o osso que tinha atravessado na garganta ficando perfeitamente são, de modo que deu muitas graças pelo milagre e foi buscar o sacerdote que disse missa às religiosas. Depois desta serva de Deus gastar muitos anos em obras de caridade, morreu com sinais de grande santa, porque se viu o mosteiro, sendo noite, resplandecer de maneira que parecia estar ardendo; por onde julgaram todos que foi mui ilustre em todo género de virtude, segundo se escreve na

história da Ordem de São Francisco feita em latim por mandado do reverendíssimo e ilustríssimo Gonzaga²⁹¹, pera glória de Deus, que seja sempre louvado. Amen.

131. A INFANTE DONA MARIA DE LISBOA, com algumas mulheres outras.

Foi filha d’el-rei Dom Manuel e de sua última mulher Dona Leonor, irmã do imperador Carlos Quinto; nunca casou com ser riquíssima. Deu-se muito à lição de bons livros, pelo que Duarte Nunes²⁹², tratando das mulheres ilustres em virtude que teve nosso Portugal, a descreve entre as sábias em esta forma. Não faltam nestes nossos tempos mulheres portuguesas que no estudo das letras se avantejavam das outras, de que poderíamos nomear por primas a sereníssima infante Dona Maria filha d’el-rei Dom Manuel, a qual, além das muitas heróicas virtudes que nela resplandeciam e grande exemplo de honestidade em que perseverou no estado virginal até a morte, foi mui estudiosa das letras e fez na língua latina e outras grandes progressos, com que gastava o tempo em ler livros, pera o qual tinha em sua casa muitas donzelas doudas em muitas artes, com as quais comunicava seus estudos, cuja casa era um domicílio das musas e uma escola de virtudes e honestidade, aonde se achava quem revolvía livros, quem tocava muitos instrumentos músicos de diversas maneiras e quem pintava e fazia outros officios que são naturais das mulheres, com grande perfeição. Até aqui são palavras do autor citado em sua Descrição de Portugal.

Vendo Aquiles Estácio, mui doudo varão em todas as boas letras, quanto as amava esta sereníssima infante, dedicou-lhe o livro mui célebre, feito pelo antigo Gregório, bispo de Granada, que este nosso famoso português tirou primeiro que todos a luz, e não se cansou de lhe agradecer o grande bem que fazia em admitir os livros dos sábios e favorecer como costumava aos que podiam insinar a outros; e na verdade que não há obra de maior louvor pera os que são poderosos em o mundo, porque os povos podem vir a grandes males se não forem doutrinados pelos sábios e estes não podem fazer muitos bens senão sendo ajudados dos príncipes; por isso dizia Platão que era amigo d’el-rei Dionísio tirano, porque este com os avisos de Platão não faria mal a muitos e Platão com os favores de Dionísio não faria bem a poucos.

Entre as mui louvadas donzelas de casa de nossa infante, Luísa Sigea foi exquisitamente douda em muitas línguas e artes, e assi era insigne em qualquer

²⁹¹ Francesco Gonzaga, *De Origine Seraphicæ Religionis Franciscanæ*, ob. cit., p. 808.

²⁹² Duarte Nunes de Leão, *Descrição do Reino de Portugal*, ob. cit., cap. LXXXX, fl. 151v.

delas, como se não soubera mais que a em que falava e escrevia; testificou bem isto uma carta que mandou ao Papa Paulo Terceiro escrita nas línguas latina, grega e hebraica, caldaica e arábica, com tanta elegância que o Papa se espantou e lhe respondeu com um Breve cheio de gravíssimos louvores, bênçãos e graças que lhe concedeu.

Igualou sua irmã Ângela Sigea e excedeu-a na música de muitos instrumentos que sabia, pelo qual era mui aceita à sereníssima infante, cujo exemplo moveu a estudar muitas outras mulheres neste reino, como foi a nunca assaz louvada Joana Vaz, donzela da rainha Dona Caterina, a qual foi ilustre por vários modos entre as mulheres portuguesas, porque além das muitas virtudes em que resplandeceu, diz Duarte Nunes na sua Descrição²⁹³ que é digna de perpétua memória pelo bom estilo com que escrevia quaisquer matérias na língua latina e pela grão prontidão com que declarava qualquer poeta ou autor que lhe metiam nas mãos.

Também floreceu então Hortênsia de Crasto, natural de Vila Viçosa, que, à imitação das donzelas gregas que aprendiam nas Universidades, veio à de Coimbra aonde se deu aos estudos com notável cuidado, em trajos de estudante, sem ninguém saber que era mulher, salvo dous seus irmãos que a tinham em sua companhia e saiu boa latina, melhor retórica, boníssima lógica, grande em filosofia, maior em metafísica e grandíssima em algumas matérias que tratou de teologia, pelo que teve mercês dos reis que algumas vezes a viram orar e defender conclusões em as ciências que estão ditas.

Mas tornando às cousas da nossa infante, foi por extremo devota dos officios divinos e por isso louvava muito o mosteiro de Nossa Senhora da Graça de Lisboa e com rezão, porque notou um varão douto e bem experimentado que não se faziam melhor em toda a cristandade que em Espanha e, de Espanha, em Portugal e, de Portugal, em Lisboa e, de Lisboa, em o dito mosteiro de Nossa Senhora da Graça, da qual esta sereníssima infante era mui devota e por isso mandou cobrir a mesma imagem da Senhora com prata, como agora está, e ficou um dos mais belos feitos da imagem da Virgem que tem de prata nosso Portugal.

Mandou fazer o Monte Calvário de Évora, mosteiro de freiras descalças da primeira regra de Santa Clara, que Justa Rodrigues, mulher ilustríssima em virtudes, a qual havia criado el-rei Dom Manuel, sendo todo seu governo, foi em sua própria pessoa buscar a Gandia e trouxe estas religiosas de mais estreita vida a nosso Portugal, dando-lhe princípio em o mosteiro que tem em Setúval.

Estando esta infante doente de terças, logo seu confessor, o douto mestre Frei Francisco Foreiro da Ordem de São Domingos, foi dizer missa por ela no altar de Nossa Senhora da Luz, que está no termo de Lisboa, e trouxe-lhe um vaso de água da milagrosa fonte que ali está, da qual bebendo é certo que em

²⁹³ Duarte Nunes de Leão, *Descrição do Reino de Portugal*, ob. cit., cap. LXXXX, fl. 152v.

aquele ponto se lhe despediu toda a febre terçã e entrou em suave convalescência, segundo nota o reverendo padre Frei Roque do Soveral, religioso da real Ordem de Cristo, no segundo livro que fez do aparecimento da mesma Nossa Senhora da Luz²⁹⁴.

Era mui devota da Virgem Mãe de Deus, reputando-se por sua escrava e atribuindo-lhe todos os bens que em sua vida recebeu, pelo que fez sua morada muito tempo a par da igreja da mesma Nossa Senhora da Luz, com grande proveito dos pobres, porque dava infinitas esmolas, sabendo que quanto mais lhes desse tanto mais acharia depositado nos céus, e ainda lhe daria Nosso Senhor na terra se fosse servido, que as riquezas donde se costumam tirar esmolas pera os pobre são como as águas de alguns poços que, além do proveito que dão em regar as hortas de seu dono, têm esta excelência, que tanto mais crecem quanto mais se tira delas.

O que sempre trazia diante dos olhos era sua salvação, pelo que em certo livro das memórias da Província da Piedade, tão estendida em mosteiros e tão cheia de religiosos insignes em virtude que nenhuma mais em nosso Portugal, achamos que sabendo esta sereníssima infante havia nela um religioso chamado Frei André de Fezes, o qual tinha feito muitos milagres por intercessão do nosso apóstolo e padroeiro de Espanha, Santiago Maior, do qual era devotíssimo, não descansou até alcançar que fosse em romaria a este Apóstolo por sua alma, o qual cumpriu aquele religioso com muita devação indo a Compostela descalço, pobríssimo e cheio de altíssimas contemplanções.

Sabendo que se chegava o fim de sua vida, preparou-se pera a morte com muitas esmolas e actos de penitência e, depois que recebeu com suma paz os sacramentos, deu sua alma ao Senhor, deixando exemplo único de virtude a todas as princesas e em seu testamento tantos legados pera obras pias que excede o crédito de história, segundo em seu diálogo quarto diz o Licenciado Pero de Mariz²⁹⁵, autor elegante e diligente em notar as cousas mais insignes deste reino.

Mandou, pera que se veja quão pia era, que se acabasse sem intervalo de tempo a capela-mor de Nossa Senhora da Luz, aonde cada dia pela manhã dissessem uma missa cantada e duas rezadas por sua tenção, ordenando a par do mosteiro que ali está da real Ordem de Cristo um espirital²⁹⁶ e deixando sustentação perpétua pera dous religiosos da mesma Ordem que sempre tivessem cuidado dos enfermos e também lhes dissessem cada dia uma missa;

²⁹⁴ Fr. Roque do Soveral, *História do insigne aparecimento de N. Senhora da Luz e suas obras maravilhosas*, Lisboa, 1610, Livro segundo, cap. XI, fl. 88r.

²⁹⁵ Pedro de Mariz, *Diálogos de vária história*, ob. cit. (ed. de 1594), *Diálogo quarto*, cap. X, fl. 205v.

²⁹⁶ Hospital.

assi o lemos no livro da história de Nossa Senhora da Luz²⁹⁷ já citado; mandou que se lessem cada um ano setecentos e cinquenta cruzados para resgate dos cativos portugueses que houvesse em terra de mouros de pouca idade, segundo escreve o padre Frei Bernardino de Santo António no douto Epítome das cousas de sua Ordem da Trindade²⁹⁸.

Foi posta em depósito no capítulo das religiosas da Madre de Deus de Lisboa até ser acabada a sua capela real de Nossa Senhora da Luz, pera onde a tresladaram despois com grande pompa, como convinha, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

132. DONA LEANOR DE NORONHA, de Vila Real.

Foi filha de Dom Fernando de Meneses, marquês de Vila Real, e de Dona Maria Freire, filha de João Freire de Andrade, senhor de Alcoutim; amou muito o recolhimento que nas mulheres é princípio de todo bem, pelo que da casada disse David: *Uxor tua sicut vitis abundans in lateribus domus tuæ*; que havia de ser como a vide bem carregada de uvas, cercada de valos²⁹⁹ e escondida entre as paredes mais fortes da casa, por amor dos ladrões, que lhe não façam nenhum mal. Exemplo singular deu a todas a Virgem Sacratíssima Nossa Senhora, que tinha tão alta a janela de sua casa, como a vimos em Loreto de Itália, que ainda que quisesse não podia estar nela nem menos se punha à porta donde visse ou fosse vista dos que passavam pela rua, pelo que quando o anjo São Gabriel lhe trouxe a embaixada, *Ingressus est ad eam*, escreve São Lucas, que entrou bem dentro na casa em que estava lendo por Isaías, como diz São Boaventura naquele capítulo de sua profecia em que promete que havia de conceber e parir uma virgem qual a mesma Senhora foi antes do parto, no parto e despois do parto.

A esta imitação, Dona Leanor de Noronha, além do recolhimento, se deu muito às boas letras, pelo que veio a escrever e imprimir alguns tratados espirituais ao modo de homilias³⁰⁰, exprimindo principalmente a grande

²⁹⁷ Fr. Roque do Soveral, *História do insigne aparecimento de N. Senhora da Luz*, ob. cit., Livro I, cap. XIII, fl. 38v.-41v.

²⁹⁸ Fr. Bernardino de Santo António, *Epítome generalium redemptionum captivorum, quæ a fratribus Ordinis Sanctissima Trinitatis sunt factæ*, Lisboa. 1624.

²⁹⁹ Muros.

³⁰⁰ Talvez se refira à edição das *Três meditações da Paixão*, com uma breve declaração do *Pater noster*, hoje desconhecida, mas que Jorge Cardoso, no *Agiologio Lusitano*, Tomo I, Lisboa, 1552, p. 459 disse ter visto.

devação que tinha ao Santíssimo Sacramento do altar, ao qual recebia depois de muita preparação de sua alma, pelo que foi mui ilustre em virtudes, das quais agora notamos esta, que deu maravilhoso exemplo com seus contínuos estudos às donzelas ilustres deste reino acerca de quão bem hão-de empregar o tempo e a quem hão-de dirigir os suspiros do peito, as palavras que falam e os avisos que escrevem com sua pena, porque ainda que as gotas da chuva não alaguem a barca, todavia, se são muitas, dispõem-na muito pera ser alagada com as ondas do mar; quero dizer, que vem facilmente a cair em pecados graves quem faz pouco caso dos pequenos, que inda que não matam uma alma por muitos que sejam, contudo esfriam-na e detêm-na no caminho do Senhor e fazem-na fraca e pronta pera cair em as tentações dos pecados mortais e anda mui perto de cair nestes quem não foge de suas sombras; além disso, ainda que as culpas veniais não são fogo que abrasa a fermosura das almas, são como fumo que lhe tira o resplendor. Notou isto excelentemente um autor catelhano dizendo que como aquela que se põe no caminho de Santiago, ainda que não chegue lá, é chamada romeira, assi fica principiada rameira e dá mostras de má mulher a que toma licenças de falar, escrever e conversar de modo que não aborrece as cousas que são caminho pera o mal. Enfim, é prática das pessoas espirituais que [não] sentiram favores grandes do céu senão depois que não consentiram em pequenos descuidos, o que sabia mui bem a ilustríssima Dona Leonor de Noronha, pelo que estava de ordinário escondida em seu oratório, ora lendo, ora orando, ora escrevendo, donde veio a ser em nosso reino mui ilustre em virtudes e juntamente mui sábia; donde, como Proba Faltónia tem lugar entre os antigos escritores da Igreja notados por Santo Isidoro, porquanto escreveu as obras de Cristo Senhor Nosso em versos que tirou dos Eneidos de Virgílio, do mesmo modo podemos contar entre os escritores eclesiásticos modernos esta nossa mui erudita portuguesa, porquanto escreveu e imprimiu³⁰¹ a vida e morte do mesmo Cristo Senhor Nosso em excelente prosa trasladada em português da Década que em suas Eneidas fez do mesmo argumento Marco António Sabélico em latim.

Até aqui demos breve notícia de tão ilustre portuguesa, esperando que ainda seja por outrem mais acrescentada, pera honra e louvor e glória de Deus Nosso Senhor, que vive e reina pelos Séculos dos Séculos. Amen.

³⁰¹ D. Leonor de Noronha, *Corónica geral de Marco António Cócio Sabélico des o começo do mundo até nosso tempo. Treslada da do latim em linguagem português*, Coimbra, 1550.

133. A RAINHA DONA CATERINA, pertence a Lisboa.

Foi filha d'el-rei Dom Felipe Primeiro de Castela e da Rainha Dona Joana sua mulher, dos quais também nasceu o imperador Carlos Quinto; casou com el-rei Dom João o Terceiro deste nome em o nosso reino de Portugal, depois do qual governou com grande exemplo de virtude, pelo que o douto mestre Frei Simão Coelho na *Corónica do Carmo*³⁰², página oitenta e oito, diz assi: A rainha de Portugal Dona Caterina foi exemplo de mulheres viúvas, princesa de excelente prudência e virtude, digna de todo louvor por sua bondade, mansidão e piedade, de cuja presença jamais nenhum afligido se levantou desconsolado.

Deu-lhe raros louvores o príncipe dos canonistas modernos Navarro³⁰³ acerca da paz e união de alma com que vivia com el-rei seu marido, segundo na sua *Descrição de Portugal* adverte o Padre António de Vasconcelos³⁰⁴, professo da sagrada Ordem da Companhia de Jesu, aonde acrescenta que o mui digno confessor desta rainha, Miguel Turriano, religioso da mesma Companhia, costumava dizer que nunca vira alma mais pura.

Adornou e fez muitas igrejas, principalmente o mui religioso mosteiro das freiras da primeira regra de São Francisco de Faro, que mandou edificar, e chamava-lhe o seu relicário. Tirou muitas mulheres de mau estado, sustentando-as com boas esmolos; foi seu zelo católico visto na Sé de Miranda, aonde com sua liberalidade se acham bons penhores de grandes relíquias de santos. Também deu ao convento de Enxobregas da Ordem de São Francisco. Mostrou-se devotíssima da gloriosa Santa Caterina virgem, mártir e doutora, por cuja intercessão venceu os inimigos da alma e fez edificar com o título desta santa de seu nome a igreja que chamam em Lisboa Santa Caterina do Monte Sinai. Favorecia muito aos religiosos e ensinava com exemplo que todos em este reino lhes tivessem grande respeito; tão amiga de os ver recolhidos e compostos que dizia que lhe não parecia religioso o que não trazia a cabeça toda coberta; tinha notícia dos que eram mais observantes e mandava-os visitar em suas doenças, ainda que nunca os visse. E assi, cheia

³⁰² Fr. Simão Coelho, *Primeira parte do Compêndio de crónicas da Ordem da muito bemaventurada sempre Virgem Maria do Monte do Carmo*, Lisboa, 1572, p. 88.

³⁰³ Refere-se a Martín de Azpilcueta, o «Doutor Navarro», que dedicou a D. Catarina as várias edições do *Comento en romance a manera de repetición latina y scolástica de juristas (...)*, Coimbra, 1544 (depois da edição latina em 1543), reed. ibi, 1545 (com uma dedicatória de conteúdo diferente); *Comento o repetición del capítulo Quando de Consecratione (...)*, Coimbra, 1550, reed. ibi, 1555 e, com o título de *Libro de la oracion, horas canónicas, y otros officios divinos* em 1561 (a mesma dedicatória nestas três edições).

³⁰⁴ P. António de Vasconcelos, *Descriptio Regni Lusitani*, ob. cit., p. 529, n. 12.

de méritos, morreu louvada de todos no ano de mil e quinhentos e setenta e oito, a doze de Fevereiro, e sepultaram-na no mosteiro de Belém, a par de Lisboa. Até aqui basta, pera glória de Deus, que seja sempre louvado. Amen.

134. MÍCIA PIMENTA, de Vila Viçosa.

Desta serva de Deus faz larga menção o padre Frei Pantaleão de Aveiro no seu Itinerário da Terra Santa³⁰⁵ e tem pera si que foi natural de Vila Viçosa; passou à Índia Oriental e dela a Jerusalém, aonde morou oito ou nove anos com algumas mulheres virtuosas que das nossas partes ocidentais foram àquelas pelo mesmo fim que em outro tempo Santa Paula e outras romanas, o qual era visitar os lugares sagrados com a presença de Cristo Senhor Nosso. Principalmente visitava os de sua sacratíssima paixão, porque ainda que em todas as partes o Senhor fez grandes obras por nos livrar de nossas culpas e nos dar a vida de sua graça, nunca o vemos melhor que nas andanças ou endoenças que andou depois de preso em o horto até ser condenado à morte em casa de Pilatos e de casa de Pilatos, quando levou a cruz às costas pela Rua da Amargura até o Monte Calvário, pelo que nestes dous caminhos, um por onde o Senhor andou preso, outro por onde levou a cruz às costas, gastava a nossa portuguesa o mais do tempo que esteve em Jerusalém.

Pela grande devação que tinha a todos os lugares da Terra Santa tornou à Índia pedir esmolhas aos nossos portugueses pera eles e ajuntou muitas, com que reparou alguns e adornou outros o melhor que pôde, manifestando grão valor de ânimo e suma devação, havendo que não gastava o dinheiro e pessoas que trouxe da Índia tanto em edifícios da terra quanto em fazer sua morada no céu, em que se esperava achar mais excelentes pedras preciosas das que vendia, pera maior veneração daqueles santos lugares que, como o Senhor esteve neles, causam maior compunção nas almas que nenhuns outros em todo o mundo.

Determinava de sempre viver em Jerusalém, mas houve certa contenda mui grande entre as mulheres que estavam sujeitas ao patriarca grego e as católicas súbditas do guardião do mosteiro de São Francisco, aonde está o Santo Sepulcro, o qual mandou estas pera terra de cristãos e com sete ou oito delas veio também Mícia Pimenta pera Portugal, donde, saudosa daqueles santíssimos lugares em que havia tido muitas consolações espirituais, com o

³⁰⁵ Fr. Pantaleão de Aveiro, *Itinerário da Terra Santa e suas particularidades (...)*, Lisboa, 1593, reed. ibi, 1596 e 1600. Cf. edição de Lisboa, 1596, cap. 47, esp. fl. 165r-v..

favor da rainha Dona Caterina, mãe dos portugueses, que então governava, tornou pera a Índia em companhia do magnânimo Dom Constantino de Bragança que então ia por visor-rei, aonde tornou a pedir e ajuntar esmolas com as quais se animou a ir outra vez à Terra Santa e então se esmerou mais em adornar alguns lugares; pôs umas cortinas mui ricas e grandes de veludo na igreja do glorioso Santiago Maior, apóstolo de nossa Espanha, a qual se edificou no lugar em que foi degolado, duzentos e quarenta e seis passos da casa de Anás.

Mas em lugar nenhum deixou maior memória que no Monte Olivete, donde Cristo Senhor Nosso subiu pera os céus e deixou estampadas as pegadas de seus sagrados pés, em sinal da perpétua lembrança que devemos ter de o seguir em esta vida até nos vermos com ela em a outra. Desta maravilha falou Zacarias no capítulo vinte e quatro de sua profecia, dizendo: *Stabunt pedes eius in die illa in monte Oliuarum*. Estavam naquele dia os pés do Senhor sobre o monte das oliveiras, como realmente estiveram em o dia que subiu aos céus e por sinal que ficaram nele suas pegadas, aonde despois foi edificado um sumptuoso templo pela gloriosa Santa Helena, mãe do imperador Constantino, o qual pelas injúrias do tempo caiu e não ficou mais que uma capela de forma esférica de oito faces por fora, ornada d'arredor toda de arcos e colunetas, obra feita no princípio quando a igreja foi edificada, mas está agora toda coberta por cima da bóveda de meia laranja da mesma curiosidade e não aberta como foi, segundo bons autores escrevem no princípio de sua edificação. Entrando agora pela porta algum tanto à mão direita, está no chão uma pedra e nela uma das pegadas que Cristo Senhor Nosso, como temos dito, teve por bem deixar impressas quando daquele lugar subiu pera o céu, porquanto aquela pedra foi cortada pelo meio e levaram a outra pegada ao lugar do Templo de Salamão quando a terra era de cristãos, aonde afirmam os da terra que está havida dos mouros e turcos em grande veneração, porque está ali uma mesquita que respeitam muito.

Tornando agora à capela da admirável Ascensão do Senhor, com as ruínas do edifício serem muitas e haver ali alguns casões que têm grande cópia de gado, estava este lugar com menos veneração que outros muitos da Terra Santa, até que a nossa mui valerosa portuguesa Mícia Pimenta, vindo a segunda vez da Índia por terra com grandes esmolas que havia juntado, comprou a licença pera mandar cercar aquele lugar, a qual lhe custou muito dinheiro, porque não permite o Grão Turco aos cristãos reedificar alguma obra que estiver de todo caída, ainda que lhes consente sustentar as que estão em pé; e, despois que se viu com a licença necessária, mandou fazer um muro muito alto e forte que toma todo o âmbito e grandeza que de antes tinha a igreja antiga, de maneira que agora tem portas e está com mais reverência, como largamente conta o padre Frei Pantaleão de Aveiro no capítulo quarenta e

sete de seu Itinerário³⁰⁶, aonde refere quasi tudo o que está dito e tacitamente repreende as senhoras da cristandade mui poderosas que não se lembram de buscar menos pera adornar os lugares da Terra Santa, como fez esta nossa portuguesa, trazendo também por exemplo a este propósito aquele mui insigne português digno de eterna memória, religioso da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho, Dom Frei João Soares, que foi depois de bispo de Coimbra com dous capelões visitar os santos lugares e deu um dos mais fermosos ornamentos que tem hoje o templo do Santo Sepulcro.

Conclui o mesmo autor as excelências de Mícia Pimenta referindo também a notícia que teve de sua morte, dando a entender que ainda tornou terceira vez à Índia e, voltando com grandes esmolos pera as empregar em os lugares da Terra Santa, morreu em Alepo. Eis aqui as palavras deste autor: Mícia Pimenta, cuidou que é natural de Vila Viçosa, da qual faço esta memória por muitas boas obras que fez em a Terra Santa antes que eu lá estivesse e depois que me vim, polas quais confio que Deus lhe tem dado a glória, o que digo por me afirmarem ser já defunta na cidade de Alepo, vindo da Índia por terra em companhia de cristãos arménios com grossas esmolos que havia pedido e ajuntado, as quais levava pera Jerusalém, caminho que já outra vez havia andado, que é da Índia a Jerusalém e de Jerusalém à Índia. Espírito por certo de mulher varonil e verdadeiramente portuguesa, porquanto as mulheres de nosso Portugal sempre foram mui solícitas em refazer e adornar os templos e altares do Senhor, ainda que lhes custe haver seus maridos e filhos e irmãos ido à Índia e a outras partes d'além-mar com grandes perigos da vida, como testificam os muitos ornamentos e frontais feitos na Índia Oriental, os quais se acham não somente em cidades e vilas grandes, senão em aldeias e lugares bem pequenos deste reino, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado com semelhantes obras. Amen.

135. DONA MÍCIA DE TÁVORA E OUTRAS INSIGNES EM VIRTUDE, as quais pertencem a Évora.

Professou Dona Mécia de Távora a sagrada Ordem que chamamos de São Bernardo no mui observante mosteiro de São Bento de Évora, do qual trata largamente a douda Corónica de Cister³⁰⁷ feita em nossa língua portuguesa

³⁰⁶ Fr. Pantaleão de Aveiro, *Itinerário da Terra Santa e suas particularidades (...)*, ob. cit., ed. de 1596, esp. fls. 164v-165r.

³⁰⁷ Fr. Bernardo de Brito, *Primeira Parte de Crónica de Cister (...)*, ob. cit., Livro quinto, cap. XXXIII, esp. fl. 368r.

e diz desta sua religiosa que se exercitou em mau tratamento pera consigo, em caridade com as enfermas e muita oração pera com Deus, sendo calada, mansa, humilde e paciente, acrescentando que lhe revelou Nosso Senhor a hora de sua morte, pera a qual se preparou com notável alegria que as outras religiosas enxergavam e não sabiam a causa, a qual significou, depois de receber os últimos sacramentos em o tempo de seu trânsito, dizendo que a esperavam muitos santos da bemaventurança, com os quais foi tomar posse dela e em sinal disso muitos dias depois se viram resplandores do céu sobre sua sepultura.

136. Dona Caterina Pires de Carvalho³⁰⁸ foi religiosa em o mesmo mosteiro de São Bento de Évora e diz a mesma Corónica de Cister que era por extremo apartada de práticas e que toda sua lembrança trazia fixa na sagrada paixão de Cristo Senhor Nosso, ao qual pediu com grande eficácia lhe desse a sentir suas dores e foi servido ouvir sua oração porque lhe naceu uma postema em um pé, do qual lhe tiraram tanta carne e ossos que lhe ficou um buraco, que não parecia senão de um cravo que o trespassou de parte a parte; assim padeceu grandes dores, e maiores se lhe punham unguentos e medicinas, pelo que lhe convinha pôr-lhe um pano limpo, sem outra cousa alguma. Chegando, pois, ao tempo de sua morte, começou a sentir o fruto deste trabalho porque teve muitas consolações do céu, aonde é creível que está gozando da glória eterna.

137. Dona Violante de Sousa³⁰⁹ foi da própria profissão da Ordem de São Bernardo, que começou em o mosteiro de Odivelas e prosseguiu com tão excelentes virtudes que a escolheram pera abadessa do mosteiro de São Bento de Évora, no qual officio primeiramente fez admirável penitência, tomando rigorosas disciplinas, ásperos cilícios e vários modos de mortificação, além de jejuar, orar e guardar silêncio continuamente. A virtude que mais resplandeceu nela foi a paciência, em que se apurou por duas causas; uma, ter certa doença mui prolongada; outra, vir na velhice a ser cega. Chegando-se o fim de sua vida, preparou-se pera a morte, pedindo e recebendo os sacramentos da Igreja com grande devação, pelo que deu seu espírito a Deus, não sem sinais extraordinários, porque no tempo em que expirou se ouviram no mosteiro todo músicas de anjos que com vozes suavíssimas cantavam mui diferente do ordinário e de volta com as vozes parecia ouvir-se uma consonância de instrumentos que arrebatavam trás si os sentidos. Assi o conta a Corónica de Cister em o lugar citado.

³⁰⁸ Veja-se Fr. Bernardo de Brito, *Primeira Parte de Crónica de Cister (...)*, ob. cit., *Livro quinto*, cap. XXXIII, esp. fl. 368r.-v.

³⁰⁹ Veja-se Fr. Bernardo de Brito, *Primeira Parte de Crónica de Cister (...)*, ob. cit., *Livro quinto*, cap. XXXIII, fl. 368v.

138. Leonor Correia foi religiosa no dito mosteiro e diz a mesma Corónica Cisterciense³¹⁰ que floreceu em muitas virtudes; particularmente se esmerava na devação do Santíssimo Sacramento que recebia quasi todos os domingos. Sucedeu ter uma irisípula que lhe tolheu a fala e nada podia levar pera baixo, pelo que estava pera morrer e não pera receber o viático celestial, assi tinha grandíssima desconolação que Nosso Senhor remediou desta maneira. Viu que levavam o Santíssimo Sacramento a outra doente e alcançou de Nosso Senhor que também lhe fosse dado, pelo que chamou pelo sacerdote e pediu que lhe desse o Senhor que tanto amava e que fosse primeiro que a outra doente, porque estava em maior necessidade. Fê-lo o sacerdote como a serva de Deus lhe disse, a qual dali a pouco viu em um campo ferroso muitas donzelas coroadas de flores, as quais cantavam músicas mui suaves, e perguntou às religiosas que estavam presentes se viam o mesmo. No meio destas visitas se tirou toda a irisípula e deu sua alma a seu esposo. Foram-lhe feitas exéquias mui honradas e depois da cera arder achou-se que pesava mais cinco arrates que antes. Alguns anos depois se boliu em sua sepultura pera se enterrar outra religiosa e saiu dela suavíssimo cheiro, mas não sabiam a causa senão quando se averiguou que fora ali sepultada esta serva de Deus e que vinha aquela fragrância de seus ossos, segundo consta da mesma Corónica de Cister escrita em nossa língua portuguesa, quando trata do mui observante mosteiro de São Bento de Évora.

139. BRIOLANJA DA RUDA E OUTRAS TRÊS INSIGNES RELIGIOSAS, de Évora.

No mesmo mosteiro de São Bento de Évora, que é da Ordem de São Bernardo, houve uma religiosa, entre outras de grão virtude, chamada Briolanja da Aruda³¹¹, tão excelente na devação do Santíssimo Sacramento que lhe fazia Deus mercê que visse a par dele anjos e na hóstia alguma imagem do mesmo Senhor; quando o levantavam, umas vezes lhe parecia que o sacerdote tinha os braços ensanguentados, outras que estava coroadado de flores e via muitas vezes estar o altar cheio de claridade quando estava nele a sagrada hóstia. Além disto, era mui humilde, na qual virtude se esmerou até à morte, que teve como quem havia vivido tão santamente.

³¹⁰ Fr. Bernardo de Brito, *Primeira Parte de Crónica de Cister (...)*, ob. cit., *Livro quinto*, cap. XXXIII, fl. 368v.-369r.

³¹¹ Veja-se Fr. Bernardo de Brito, *Primeira Parte de Crónica de Cister (...)*, ob. cit., *Livro quinto*, cap. XXXIII, fl. 369r.-v.

140. Houve no mesmo mosteiro de São Bento de Évora uma conversa chamada Maria Bernardes³¹², humilde, paciente, caritativa em toda sua vida, pelo que foi tal sua morte que sucedeu em uma madrugada e entrou um religioso na igreja do mosteiro, o qual viu arder a capela-mor em chamas de fogo que pareciam de ouro e afirmou que no meio delas estava esta mui excelente serva de Deus. Tanto que desapareceu a visão, fez-se sinal por sua morte, donde o religioso entendeu que ela morrera em graça do Senhor. Era este religioso confessor entonces do mosteiro e chamava-se Frei Manuel da Amoreira, o qual não viveu muito depois da visão e disse à hora de sua morte que sua alma não fora nesta vida tão consolada senão quando vira, do modo que está dito, esta religiosa, cuja sepultura se abriu alguns anos depois e saiu dela uma suavidade que se sentia em todo o mosteiro.

141. Isabel de Aguiar³¹³, em o mesmo mosteiro que tem em Évora o nome de São Bento e as constituições de São Bernardo, foi devotíssima destes dous santos que lhe apareceram algumas vezes, dando-lhe notáveis consolações, principalmente em uma doença em que tinha muitas dores e não lhe ouviam dizer mais que o nome sagrado de Jesus. Chegando-se o tempo de sua morte, preparou-se com grande cuidado e, quando recebeu o Santíssimo Sacramento do altar, despediu-se das religiosas e fez-lhes uma prática em que as desejava deixar abrasadas em amor de seu celestial esposo. Pouco tempo antes de morrer sentiram as que estavam presentes um tropel, como de muita gente, que parecia entrar pela casa, não se vendo pessoa alguma; e como se atemorizassem todas e perguntassem umas às outras que seria, disse a enferma que se aquietassem porque a gente que vinha era as onze mil virgens, das quais fora particular devota pelo discurso de sua vida e por isso algumas que iam pera o céu a vinham buscar em a morte, trazendo um leito coberto com certo pano verde semeado de flores e rosas pera a levarem nele. Preguntada se via mais cousas, disse que estavam esperando por ela muitas pessoas outras, as quais não conhecia, e que também via os gloriosos São Bento e São Bernardo; com estes e outros sinais de muito santa deu sua alma a Nosso Senhor, ao qual foi ver acompanhada de tão celestial companhia, como piamente se pode ver.

142. Antónia Nunes também é digna de ser aqui louvada porque serviu a rainha Dona Leonor, mulher d'el-rei Dom João o Segundo, que lhe quis muito

³¹² Veja-se Fr. Bernardo de Brito, *Primeira Parte de Crónica de Cister (...)*, ob. cit., *Livro quinto*, cap. XXXIII, fl. 369v.-370r.

³¹³ Veja-se Fr. Bernardo de Brito, *Primeira Parte de Crónica de Cister (...)*, ob. cit., *Livro quinto*, cap. XXXIII, fl. 367r.-v.

por ser música excelentíssima e destra em todo género de instrumentos, e o que mais é, deixada a vida secular se meteu em o mesmo mosteiro de São Bento de Évora, aonde viveu sempre modesta, paciente, humilde e, sobretudo, devotíssima da Virgem Nossa Senhora, pela qual chamava com grande confiança em todas suas tribulações; e como esta Senhora não costuma faltar aos que a invocam, apareceu-lhe claramente com seu unigénito filho nos braços, mostrando com a fermosura e graça de seu rosto que lhe vinha acudir em o tempo da morte que se chegava pela grande doença que esta serva de Deus então tinha, a qual lhe rogou humildemente que lhe alcançasse perdão de todas suas culpas; a Virgem ouviu sua petição e rogou a seu bento filho que lhe perdoasse. O Senhor respondeu que sem dúvida lhe daria a glória, mas que havia de estar alguns dias primeiro em o purgatório. Ouviram as religiosas falar a serva de Deus em estas cousas, mas não as entendiam, pelo qual lhe perguntaram depois que vira e com quem praticara, ao que satisfez relatando a mercê que está dita, segundo se escreve na *Corónica portuguesa de Cister*³¹⁴ em o quinto livro, que seguimos em tudo quanto temos notado desta e das mais servas de Deus, a quem se dêem eternos louvores. Amen.

143. DONA JOANA,
infante de Castela e princesa de Portugal,
pertence a Lisboa.

Foi filha do imperador Carlos Quinto e de sua mulher a imperatriz Dona Isabel nossa portuguesa, filha d'el-rei Dom Manuel; casou com o príncipe Dom João, filho d'el-rei Dom João o Terceiro deste nome em Portugal, de quem houve a el-rei Dom Sebastião, único até seu tempo e só deste nome entre todos os reis do mundo. Depois de viúva, logo se tornou pera Castela, aonde se esmerou em todas as virtudes que o venerável Frei Afonso de Orosco, varão de grão santidade, religioso da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho, resumiu no prólogo de suas *Obras Espirituais*³¹⁵ que lhe dedicou, dizendo: A quem se podia intitular melhor o Exame da Consciência que a quem tanto frequenta a confissão e comunhão e tanta conta tem com sua própria consciência? A quem se havia de oferecer o Vergel da Oração senão a quem continuamente se

³¹⁴ Fr. Bernardo de Brito, *Primeira Parte de Crónica de Cister (...)*, ob. cit., Livro quinto, cap. XXXIII, esp. fl. 367v.

³¹⁵ Fr. Alonso de Orozco, *Recopilacion de todas las obras que ha escrito el muy reverendo padre fray Alonso de Orozco (...)*, Valladolid, 1554; reed. Zaragoza, 1566; Alcalá de Henares, 1570, 2 vols. Nela estão incluídas as obras referidas pelo autor na dedicatória a D. Joana de Áustria.

emprega nela, com tanto gosto como recebe de Deus em a contemplação? O Memorial de Amor Santo que é o terceiro livro, aonde se podia melhor empregar que em quem tem seu coração nos céus e ama sobre todas as cousas a Jesu Cristo, criador e redentor nosso? A Regra da Vida Cristã bem oferecida está a quem há-de ser o nivel e medida de toda esta corte e de todos estes reinos, com seu espírito, recolhimento e mortificação, pera que com tal exemplo os distraídos se recolham e os recolhidos se encerrem mais pera mais gozarem de Deus. O Regimento da Alma, que é o quinto livro destas obras, com rezão está dedicado a quem sua alma própria e de toda sua casa rege pelas leis e regra do Evangelho, louvando e servindo a Deus pela vida activa e contemplativa. Finalmente, o Desposório Espiritual, último livro desta recopilção, justamente é de Vossa Alteza que por fé viva e amor de Deus cada dia oferece sua alma a Jesu Cristo, esposo da Igreja, o qual deu sua vida por ela, pera que assi mais obrigasse aos seus a o servir, amar e obedecer a seus mandamentos.

Até aqui o santíssimo varão Frei Afonso de Orozco, de quem lemos, no Compendio impresso das informações pera ser beatificado³¹⁶, que resuscitou seis mortos, cem³¹⁷ outros casos que parecem ressurreição, com graves testemunhos de outros milagres e virtudes que nos asseguram bem não diria nem imprimiria tantas excelências da nossa princesa como estão ditas se não tivera grande conhecimento delas.

Teve a nossa princesa por seu confessor e guia na vida espiritual ao grande servo de Deus Frei João da Veiga, religioso da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho, ao qual obedecia com notável sujeição em todas as cousas do aproveitamento de sua alma. Fez em vida grandes esmolas. Mandou edificar a casa da Misericórdia de Madrid e o mosteiro das Descalças da Ordem de São Francisco nas casas em que nasceu e jaz sepultada. Preparou-se com grandíssimo cuidado pera a morte. Deixou em seu testamento que se fundasse o colégio que tem a Ordem de nosso Padre Santo Agostinho em Alcalá de Henares e bons legados outros, um dos quais foi deixar que cada ano se dessem três mil cruzados para resgate de moços portugueses que se achassem cativos em terra de mouros; também mandou boas ajudas de custa pera os que vão propagar a fé católica em terras de gentios. Não se esqueceu das igrejas e ermidas pobres que estão nos montes, mandando que lhes dessem frontais e toalhas, cálices e corporais e outros ornamentos necessários pera o culto divino.

³¹⁶ *Compendio de las informaciones de la vida, santidad y milagros del venerable padre Fray Alonso de Orozco (...) hechas por comisión del señor Don Francisco Cenino (...), s.l, s. n. (c. 1621).*

³¹⁷ No original está *sem*.

Morreu com grande sentimento de todos e cheia de muitos méritos em o ano de mil e quinhentos e setenta e três, a sete de Setembro. Estando depois o bem-aventurado Frei Nicolau Fautor da Ordem de São Francisco dizendo missa por esta sereníssima princesa, foi-lhe revelado que estava no céu, segundo lemos no capítulo trinta e oito da história milagrosa do mesmo venerável padre Frei Nicolau Fautor³¹⁸. Escreveu também Garibay³¹⁹ no livro das ilustrações genealógicas, página dezoito; repete o mesmo o douto, elegante e diligente mestre Gil Gonzales de Ávila adornando o seu fermoso Teatro das Grandezas de Madrid³²⁰ com o epitáfio de tão excelente princesa de nosso Portugal, em que é chamada a nosso propósito *Ioanna virtutis exemplar*. Joana modelo de virtudes; pera glória de Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

144. DONA CATERINA DE SOUSA, de Évora, com a notícia de outras mulheres.

Foi de mui nobre geração e veio a ser dama da princesa Dona Joana, filha d'el-rei Henrique de Castela, a qual em este reino chamaram a Excelente Senhora, que depois de viver nele e se recolher em o mui nobre mosteiro de Santa Clara de Santarém, aonde está sepultada, largou algumas damas que tinha, entre as quais uma foi Dona Caterina de Sousa que, por ter muitas parentas em o mosteiro de Santa Mónica de Évora da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho, se veio meter nele e foi mulher insigne em várias virtudes, por amor das quais veio ser abadessa perpétua do mesmo mosteiro; abadessa, digo, porque assi é chamada a prelada desde tempos antigos em este mosteiro, ainda que seja da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho em que a prelada das religiosas é chamada agora de ordinário prioressa; mas também, como lemos na história de São Fulgêncio e em outras, algumas vezes eram chamados abades os prelados de nossa Ordem que na regra são chamados padres e de ordinário priores.

Particularmente resplandeceu em o dom de profecia, que não falta em o Novo Testamento, ao qual São Paulo dá o segundo lugar contando os mestres

³¹⁸ Fr. Cristóval Moreno, *Libro de la vida y obras maravillosas del siervo de Dios y bienaventurado Padre Fray Nicolas Factor, de la Orden de nuestro seráfico Padre San Francisco*, Valencia, 1586, reed. Alcalá, 1587, 1588, 1596; cf. ed. de Alcalá, 1588, cap. XXXVIII, fl. 119r-v.

³¹⁹ Esteban de Garibay y Zamalloa, *Ilustraciones genealógicas de los Católicos Reyes de las Españas y de los cristianísimos de Francia, y de los emperadores de Constantinopla, hasta el católico rey nuestro Señor Don Felipe el segundo (...)*, Madrid, 1596, p. 18, em que cita este episódio contado na *Vida de Nicolás Factor*.

³²⁰ Gil González de Avila, *Teatro de las Grandezas de Madrid*, ob. cit., p. 37-38.

dele com as seguintes palavras: Pôs Deus em sua igreja primeiramente os apóstolos, em segundo lugar profetas e no terceiro doutores. Muitas cousas dizia, as quais assi foram vistas como ela as tinha dantes prometidas.

A principal foi que era por extremo devota do Menino Jesu e, assim, deixando o sobrenome de sua geração não se nomeava senão por Caterina de Jesu. Nenhuma cousa havia de festa que não desejasse pera celebrar à noite de Natal; buscava cantigas espirituais e ditos devotos em honra do presépio e ela mesma representava alguns com grande edificação das almas que a ouviam, excitando-as a celebrar a mesma festa, pelo que cheia do divino espírito disse: Esta casa há-de ser mui levantada pelo Menino Jesu, mas eu não hei-de ver isto porque não será em meu tempo, senão ao diante. E sucedeu que daí a vinte anos começou o mesmo Menino Jesu a fazer infinitos milagres em aquele mosteiro que por amor deles foi mui acrecentado e conhecido; e deixado seu antigo nome de Santa Mónica se ficou sempre chamando de Jesu.

145. Agora trataremos de outra religiosa natural de Évora e de nobre geração, por nome Maria Cerveira³²¹, a qual de três anos entrou no dito mosteiro aonde depois de ser religiosa se esmerou em muitas virtudes, mas a principal foi herdar a devação ao Menino Jesu de sua prelada Dona Caterina de Sousa; e como fosse aleijada sem já ter remédio humano, prometeu de servir ao Menino Jesu com devações um ano e pôs pera isso a sua imagem em o coro, aonde estava ora orando mental, ora vocalmente diante deste Senhor que um dia de Natal, estando à missa, lhe deu saúde nos pés aleijados, como desejava.

Tinha também uma cruel enfermidade de accidentes de malencolia que lhe vinham sempre no primeiro dia de cada mês com tão grande força que muitas religiosas não podiam ter mão nela; mas como as obras do Senhor são perfeitas, chegando o primeiro dia de Janeiro, quando se esperava este accidente, não lhe acudiu, antes neste dia ela espertou as religiosas tangendo, como é costume, as távoas que chamam matraca, e nem nesse nem em outro algum dia lhe veio tal accidente. Foi depois abadessa, no qual ofício resplandeceu dando-se muito à sagrada oração e por isso todas as cousas fazia com louvor e satisfação.

Em seu tempo fez o Menino Jesu infinitos milagres porque depois que foi autenticado o primeiro que lhe socedeu, segundo está dito, mandou o Ordinarío que se pusesse a imagem do Menino Jesu na igreja, aonde concorreu grande multidão de gente por muitos tempos e não havia casa neste reino

³²¹ O nome deve ser Maria Silveira e não Cerveira, já que a fonte expressamente citada adiante por Fr. Luís dos Anjos, a obra do P. António de Vasconcelos, *Descriptio Regni Lusitani*, ob. cit., p. 554, n. 16, assim a refere.

que tivesse sustância e não procurasse uma imagem do Menino Jesu e pera maior devação que fosse tocada na milagrosa deste mosteiro, do qual se propagou em grão maneira em nosso Portugal a grande devação que nele há do Menino Jesu.

Depois que passaram trinta e três anos do dia de Natal, em que sucedeu o milagre a esta serva de Deus, até semelhante dia do ano de mil e seiscentos e quatro viveu em um perpétuo agradecimento da mercê que lhe o Menino Jesu fez. E sendo-lhe revelada a hora de sua morte que foi no ano e dia que está dito, preparou-se muito pera ela e, recebidos os divinos sacramentos, deu sua alma ao Senhor, com o qual piadosamente podemos crer que vive e viverá pera sempre. Tudo o que está dito foi tirado do arquivo do mesmo mosteiro de Jesu de Évora e da Descrição de Portugal que fez o Padre Vasconcelos³²², e da segunda parte da Introdução ao Símbolo da Fé impressa pelo mui devoto e sábio padre Frei Luís de Granada³²³ que fez menção no mesmo lugar de duas outras mulheres ilustres em virtude e particularmente devotíssimas do Menino Jesu.

146. A primeira era de Évora, morava a par do mosteiro de Santa Mónica, tão singela e mansa (assi o testifica o mesmo Frei Luís de Granada) como uma pomba, a qual havia quatro anos que estava com grande sofrimento entrevada em uma cama e juntamente padecia acidentes trabalhosíssimos; assi que, havendo-se de confessar e comungar, a levavam em uma cadeira à igreja do dito mosteiro e uma vez, acabando o sacerdote de lhe dar a comunhão, deu-lhe a beijar o Menino Jesu e subitamente se levantou da cadeira em que estava assentada, porque não podia sustentar-se de outro modo, e afirmou que vira o Menino Jesu vivo e que lhe disse: Levanta-te; pelo que devia ser mui excelente em virtudes, pois o Senhor lhe deu perfeita saúde, como todos viram em aquela hora e por modo singular.

147. A outra digna de memória que Frei Luís de Granada conta no livro citado era uma noviça do mosteiro de Cós, que é da Ordem do glorioso São Bernardo, a qual sendo de idade de doze anos caiu em gravíssimas enfermidades, juntamente com uns acidentes mortais a que os médicos nunca puderam dar remédio. Durou este trabalho desde o dia de São Martinho até o do Natal em que as religiosas tinham em certo lugar do mosteiro o santo presépio e o Menino Jesu posto nele com a imagem de sua mãe, a Virgem Sacratíssima, e o bem-aventurado São José. Disseram pois à enferma se queria

³²² P. António de Vasconcelos, *Descriptio Regni Lusitani*, ob. cit., p. 554, n. 16.

³²³ Fr. Luís de Granada, *Segunda parte de la Introducción del símbolo de la fe*, ob. cit., cap. XVII, § XII, fl. 179 e § XIII, fl. 180.

que a levassem ao Menino Jesu que estava no presépio, respondendo que si; tomaram-na nos braços (porque não podia andar) e, presentando-a ao santo Menino, poseram-lho nas mãos; então ela, postos os olhos na imagem da Virgem, começou a dizer-lhe: Não vo-lo-ei de dar até que me deis saúde pera servir-vos. E repetindo muitas vezes estas palavras, as religiosas a exortavam a que continuasse com sua petição; daí a um pouco, encostada no chão, esteve um bom espaço como dormindo, até que as religiosas que estavam presentes, temendo algum mal, a despertaram que viesse a seu acordo, ao que ela acudiu e disse: Pera que me espertam? Porque estava vendo em o outro presépio ao Menino Jesu e à Virgem sua mãe. E dito isto se levantou sã como se nunca tivera mal, ficando as religiosas atônitas por ver tão grande maravilha e a noviça dali por diante procurou muito a perfeição, dando sempre graças a Nosso Senhor por lhe ter feito tão extraordinário benefício. E posto que não achamos escrita sua morte, é creível que a tivesse mui boa, pera maior glória de Deus Nosso Senhor, o qual seja louvado eternamente. Amen.

148. ISABEL DE SANTO ANDRÉ, de Vila Viçosa.

Assi como as ovelhas, de que faz menção Salamão pera comparar os dentes da esposa por serem bastos, alvos, iguais e apartados da carne e sangue, diz que eram muitas trosqueadas da carga da lã, lavadas e todas de uma parte e outra com seus cordeiros com que ficavam sendo também iguais, assi são as almas que, vendo-se com o baptismo, sobem ao monte da perfeição em a vida religiosa, porque logo têm companheiras e, deixadas as cousas da vida, vivem muito puras e juntamente dão maravilhosos exemplos de virtude, por amor dos quais as seguem outras e folgam de receber sua doutrina, como se viu no mui religioso mosteiro de Santa Cruz de Vila Viçosa, fundado por Soror Margarida de Jesu com outras companheiras de grande excelência, mui amadoras do silêncio que, como ovelhas do Senhor, andaram continuamente feitas um sacrifício de penitência, mui pobres e mui puras, e não lhe faltaram imitadoras, principalmente três ou quatro mais modernas que já estão referidas em este livro, convém a saber, Helena do Paraíso e Inês dos Anjos que com Leonor do Espírito Santo faziam notável penitência, desejando de imitar nela sua fundadora, às quais, inda que mais moça na idade, não deu vantagem em o mesmo mosteiro Soror Isabel de Santo André, da qual agora tratamos.

Foi filha de Diogo Figueira, homem principal da cidade de Braga, secretário do duque de Bragança Dom Teodósio, e de Isabel Castanha, natural de Vila Viçosa, da gente mais nobre dela; entrou no mosteiro de Santa Cruz em sua pátria sendo prioressa Leonor da Cruz, da qual temos tratado, e criou-a de

pouca idade em muito recolhimento e virtude, principalmente de abstinência, porque de dezasseis anos até o último de sua vida nunca comeu carne e foi tão constante que nem em enfermidades graves que teve a obrigaram a tornar em alguma cousa atrás com seu propósito e, tendo uma vez a cabeça aberta de uma grande postema, nunca se pôde acabar com ela que pera maior cura de seu mal tocasse carne, mas comia ervas ou legumes e algumas vezes, se apertavam, tomava umas gemas de ovos, porque nem essas comia em saúde. E às sextas, sábados e quartas, por rezão do aperto que nestes dias tinha em seus jejuns, comia um caldo de farinha sem têmpera, nem azeite, que foi o maior mimo que consentiu que lhe fizessem em suas doenças. Também não comia frutas, nem verdes nem secas; jejuava todos os dias do ano, tirando domingos, e todas as sextas-feiras não gostava mais que algumas folhas de oliveira e fel e vinagre que bebia; na quaresma e advento eram mais as quartas e sábados de jejum a pão e água e nos mais dias não comia pescado, mas ordinariamente ervas e poucas vezes alguns legumes.

Poucos dias depois de fazer profissão deixou as camisas ásperas e vestiu-se de cilício que tinha mangas até o cotovelo e toda a cobria e, pera que melhor o continuasse, tinha dous desta forma tão ásperos que lhe fizeram a pele tão dura que uma vez a untaram com certo óleo e não podiam sofrer a aspereza de sua pele. Tomava muitas disciplinas de sangue, pelo qual andava coberta de chagas, cercada de dores. Dormia em uma cortiça com uma manta somente quando estava doente, porque estando sã não se deitava senão que dormia assentada na cortiça, reclinando a cabeça a qualquer cousa; sempre trazia o pior hábito que se via naquele mosteiro e não tinha a seu uso mais que um breviário e algumas túnicas e outras vestiduras necessárias em um cofre velho sem chave alguma.

Amou muito o silêncio que em este mosteiro fez muito fruto e nunca falava senão preguntada e em cousas necessárias; principalmente na quaresma e advento fugia de toda a ocasião de falar. Nunca depois que entrou no mosteiro foi à grade senão a falar com uma irmã sua, cuja filha tinha consigo, e quando lhe ia falar mandava a filha diante pera que entretivesse sua mãe e assi estivesse o menos tempo com ela que pudesse ser. Era mui humilde, pelo que sendo proposta pera ser eleita prioressa pediu às religiosas que não votassem nela e muito mais a Nosso Senhor e assi, cuidando todos que ela seria eleita, nenhum voto se achou por ela, pelo que deu muitas graças a Deus, a quem desejava servir sempre, como costumava, nos officios mais humildes que havia na casa. Sofria todas as adversidades com paciência e ainda com alegria notável, não se queixando de nenhuma cousa, porque se tinha por indigna de todo bem. Folgava de servir as doentes com grande caridade e sempre se lembrava dos pobres assi conhecidos em a terra, como dos estrangeiros que vinham pedir esmola e sendo porteira os favorecia muito

e não se atrevia a os mandar sem esmola; pera os remediar pediu alguma cousa da casa à prioressa, que também era mui caritativa, a qual disse que não havia outra cousa que podessem partir com eles salvo do azeite que tinham; encheu uma almotolia e foi cousa do céu que deu dele aos pobres a que não abrangia a esmola ordinária do mosteiro e nunca lhe faltou em todo tempo que foi porteira e, todas as vezes que ia buscar a almotolia pera dar esmola aos pobres, sempre a achava cheia como o primeiro dia que a trouxera, o que se soube pela outra religiosa que havia companheira no officio.

Não sofria o demónio os procedimentos, penitências, oração e caridade de tão insigne serva de Deus e assi, desejando de a estorvar em tudo, aparecia-lhe em diversas formas; umas, horrendas pera a espantar; outras, desonestas pera a molestar; mas sempre ficava vencedora, umas vezes dizendo-lhe: Vai-te, inimigo infernal, que por mais que faças não me hei-de erguer deste lugar; assi como me não pus aqui (estava ela no coro em oração) por amor de ti, assi nem por amor de ti me hei-de tirar. Outras vezes nenhum caso fazia deste inimigo das almas que muitas vezes permitia Deus que a tratasse mui mal, pera que mais merecesse. De uma vez ouviram as religiosas um grande estrondo e foi a causa por que vieram muitos demónios e, ainda que não fizeram mal à serva de Deus, vingaram-se em uma amoreira velha que arrancaram estando o tempo mui quieto, a qual estava no quintal da enfermaria.

Alcançava de Nosso Senhor muitas mercês em a oração e assi, adoecendo no mosteiro uma religiosa sobrinha sua, disse, em caindo, que havia de morrer daquela enfermidade e apontou o dia e hora em que havia de acabar, o que tudo assi sucedeu; e a outra religiosa enferma que estava muito mal e parecia a todos que morria disse que se aquietasse, que Deus não era servido que ela por então acabasse a vida, porque sararia, pelo que a empregasse toda no serviço de Nosso Senhor que lha dava, o que se viu como tinha dito e se experimentou muitas vezes semelhante manifestação de sua virtude por assi dizer as cousas como depois sucediam. Já temos contado, falando de Soror Maria da Cruz, que seis meses antes dela morrer aparecia um raio a esta serva de Deus, de quem agora tratamos, Soror Isabel de Santo André, todas as vezes que vestia ou despia seu hábito preto, em sinal que nele havia de ser amortalhada a dita Maria da Cruz que, como um raio de sol de justiça, vivia forte, pura e apartada das cousas da terra.

Teve notícia que se chegava o tempo de sua morte, pelo que desfez todos os instrumentos de sua penitência e caiu na cama com uma febre, ao parecer pequena, mas a outro dia mostrou ser de perigo, pelo que ao terceiro lhe mandou a prioressa que vestisse uma camisa de linho, que se deitasse em cama de lançóis e colchões, que comesse carne, o que ela sentiu porque

nenhuma cousa destas até então tinha consentido; mas cumpriu tudo, lembrando-se que Cristo Senhor Nosso morreu com a cabeça inclinada em sinal que acabava a vida em obediência, como fez esta serva de Deus, ainda que sabia que não havia de durar mais que dous dias e no seguinte a viram as religiosas com grande alegria; perguntaram-lhe a causa e respondeu que bem sabia que sua sobrinha estava pera morrer e que tinha pedido a Deus que ela mesma fosse primeiro desta vida por que não morresse com sentimento dela, que lhe queria muito e que Nosso Senhor ouvira sua oração e lhe tinha concedido o que lhe pediu; e assi foi que quando enterraram a Soror Isabel de Santo André, que isto tinha dito, foi ungida sua sobrinha e morreu daí a dous dias.

Ao quinto dia de sua enfermidade, preparou-se pera morrer e recebeu os últimos sacramentos com grande devação e, estando-se virando pera uma parte do leito, disse-lhe uma religiosa que se virasse pera a outra porque estava nela uma imagem de nosso Padre Santo Agostinho, a quem se devia de encomendar muito em aquela hora; a isto respondeu a serva de Deus Isabel de Santo André que fosse pela caridade, mas que soubesse que nosso padre estava pera onde ela se virara; donde todas entenderam que o tinha presente e que, como a filha mui mimosa, a vinha acompanhar em aquela hora.

Levantou pouco depois os olhos ao céu e estando com eles imóveis mostrou que estava elevada em oração. Em este tempo estavam todas as religiosas rezando por ela a encomendação da alma, senão quando uma não sei como disse: *Te Deum laudamus*; e respondendo as outras *Te Dominum confitemur*, que é o primeiro verso do cântico que nosso padre fez com Santo Ambrósio e quer dizer: louvamos-vos Deus, confessamos-vos Senhor; então fechou a serva do mesmo Senhor os olhos e entregou-lhe seu espírito, ficando subitamente seu corpo feito uma cassoula de cheiro suavíssimo que sempre lhe durou até que a meteram na sepultura. Era o dia e tempo em que faleceu cinco de Novembro do ano de mil e seiscentos e quatro, sendo de sessenta e nove anos feitos, entrando em setenta.

Acudiu logo muita gente à igreja e diziam sem lho ninguém dizer: *Morreu a Santa*. E um servo de Deus, estando em altíssima contemplação, soube que na hora de seu trânsito foi em uma nuvem clara à glória. Tudo isto foi tirado das memórias que temos deste mosteiro.

Alguns anos depois, abrindo-se aquela sepultura pera se enterrar outra religiosa, saiu dela um cheiro mui suave como o com que a enterraram e tomaram algumas pessoas da terra da mesma sepultura, com a qual Nosso Senhor obrou algumas maravilhas em enfermos e se renovaram os louvores desta serva sua, Isabel de Santo André, pelos quais eternamente seja louvado. Amen.

149. ISABEL DA CUNHA, de Beja.

Nasceu em a cidade de Beja donde veio ser, a Évora, religiosa da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho, em o mui observante mosteiro de Santa Mónica que agora chama de Jesu, pelos muitos milagres que nele fez o Menino Jesu, a quem esta serva de Deus se tinha toda entregue e era tão contínua ao pé de seu altar que muitas vezes nele tomava o repouso necessário da noite e, como sempre se ocupava e falava em a devação do nascimento, chamava-lhe o grande varão Frei Luís de Granada *Ama do Menino Jesu*, a quem imitava, principalmente em duas virtudes; uma era a santa pobreza, outra a santa obediência, porque o Senhor foi concebido e naceu perfeitíssimo varão em a alma e assi obedecia à Virgem sua mãe como qualquer menino, qual era em o corpo. Também foi tão pobre em seu nascimento que por sua mãe, a Virgem, e o glorioso São José não ter dinheiro que dar ao estalajadeiro, não tiveram lugar em aquela estalagem e foram-se como pobres pera onde aquele estalajadeiro tinha o seu boi e a sua mula, que também parece que era estalagem bem pobre, pois o dono da mesma estrebaria tinha o boi e a mula, animais que de ordinário estão em casas apartadas.

Era mui dada à oração, que fazia com muita confiança em o Menino Jesu, o qual naceu em Belém, que quer dizer casa de pão, e quis estar reclinado em o presépio, que é lugar de palhas, entre bons, que foram a Virgem e São José, e entre brutos animais, pera nos insinar que nacia, como o sol, pera todos, ou fossem homens guiados pela rezão e virtuosos, os quais o achariam na casa do pão porque o queria ser seu, e também pera os pecadores que como brutos animais não buscam senão palhas; por isso quis também estar entre elas pera ali o acharem, pois o que alumia e dá uso da razão verdadeiro a todo homem que vem a este mundo.

Pela morte se conhece de ordinário qual foi a vida e, assi como uma cousa e outra foi de grão virtude em esta serva de Deus, do mesmo modo foi dos homens mui louvada por ambas e ainda os mesmos anjos, enquanto lhe estavam fazendo o ofício da sepultura, cantaram umas vozes de grande melodia que se ouviram dentro do mosteiro e fora na igreja e parece que foi recompensão de quantas músicas ela tinha dado em sua vida ao Menino Jesu, rei dos mesmos anjos; e como as religiosas não soubessem donde procediam aquelas vozes, saíram fora do coro e não as ouviam senão estando a par do corpo de Soror Isabel da Cunha, pelo que entenderam, como está dito, que eram dos anjos que vinham honrar suas exéquias e, como foi sepultada, não foram mais ouvidas, pelo que ficaram todos confirmados em que era música dos anjos aquela mui suave que ouviam; as virgens são anjos da terra e bem é que os do céu as venham acompanhar, como fizeram a Isabel da Cunha, cuja devação ao Menino

Jesu, segundo está dita, e este milagre das vozes angelicais está no livro das memórias que tenho da nossa Ordem de Santo Agostinho, acontecidas em o nosso reino de Portugal, no lugar em que se trata de Soror Isabel do Santo André, da qual há pouco que escrevemos; o que resta é que tudo seja pera glória de Deus Nosso Senhor que vive e reina por todos os Séculos dos Séculos. Amen.

150. BRIATIS DE SÃO FRANCISCO, de Vilalonga, e outras mulheres do mesmo lugar.

Foi esta mui ilustre portuguesa filha de Heitor Mendes Valente e Dona Mícia Pais de Castelbranco, os quais a criaram em bons costumes e de pequena deu mostras excelentes de qual havia de ser ao diante, sendo temente a Deus, vergonhosa diante dos homens e mui devota em rezar, amiga dos pobres e, enfim, adornada daquelas virtudes que fazem uma mulher mui louvável; veio pera o paço da infante Dona Isabel, mulher do infante Dom Duarte, filho d'el-rei Dom Manuel, dos quais naceu também a senhora Dona Caterina, que está em glória, mãe do duque que agora tanto ilustra o nosso reino de Portugal, Dom Teodósio, segundo deste nome entre os de Bragança.

Deu maravilhosa satisfação em todas as cousas que lhe foram encomendadas do serviço da infante, à qual era mui aceita. Casou com António da Silveira Henriques, senhor e alcaide-mor de Terena. Era mui solícita das cousas de sua alma, pelo que veio a fazer voto de edificar um mosteiro de freiras e meter-se nele se seu marido morresse primeiro que ela. Sucedeu assi que morreu o marido e viu em sonhos uma procissão de freiras da Ordem de São Francisco, das quais uma lhe disse: *Este há-de ser o vosso hábito*. Tomou logo um hábito de freira de Santa Clara e foi-se ao reverendo padre Frei Marcos de Lisboa, religioso da Província de Santo António, que despois veio a ser meretíssimo bispo do Porto, e pediu-lhe que lho benzesse.

Vestida nele recolheu-se com uma companheira de boa vida em casa de seu pai e mãe, que não se fartavam de dar graças a Deus Nosso Senhor pelo singular e santo procedimento que viam em todas suas obras, pelo que lhe deram em Vilalonga, termo de Lisboa, certo sítio aonde edificou um mosteiro de freiras de São Francisco no ano de mil e quinhentos e dezasseis, no qual foi professa e levou consigo cinco sobrinhas, uma cunhada e sua própria mãe que, ainda que velha, também recebeu o hábito da mão de sua filha e, feita professa, viveu até a morte com muito louvor, chamada Mícia de São João.

Teve a serva de Deus Briatis de São Francisco uma postema sobre o pescoço que cheirava muito mal e com esta ocasião se exercitou mui particularmente na virtude da paciência, com a qual se logra a possessão de todas as outras. Foi cousa mui notável que, com ter aquela postema, despois de morta cheirava

muito bem e ainda a casa em que estava, segundo lemos no livro das províncias de São Francisco feito por mandado do cardeal ilustríssimo Gonzaga³²⁴, quando trata deste seu mosteiro.

151. A companheira desta serva de Deus foi chamada Soror Leonor da Encarnação; veio ser abadessa do mesmo mosteiro, a par do qual tinha sua mãe velha, a quem servia e obedecia, de maneira que, se não florecera em outras virtudes que teve mui grandes, esta bastava pera a fazer digníssima de ser contada entre as portuguesas ilustres em virtude, porque assi como quem não honra seu pai e sua mãe é pior que os bárbaros e infiéis, pois não há gente tão bárbara e apartada da verdadeira fé que não ame e honre seus pais, assi quem cumpre este mandamento, além do prémio eterno, terá retribuição sobre a face da terra de grandes bens que Deus Nosso Senhor prometeu quando nos deu este preceito, o qual não fez a nenhum outro, encomendando-o nisto mais que todos os que pertencem ao próximo; pelo que não duvidamos que Leonor da Encarnação, além das muitas mercês que recebeu de Deus em esta vida, alcançasse grandes prémios em a outra, por haver servido e honrado sua mãe, da qual fazemos a memória seguinte.

152. Era mui velha em a idade, porque dizem que chegou a alguns cento e vinte anos; e como viveu tanto tempo fez em o descurso de sua vida muitos serviços a Deus Nosso Senhor. Fez menção dela Frei Pantaleão de Aveiro em seu Itinerário³²⁵, porquanto foi a Jerusalém visitar os lugares santos, aonde recebeu muitas consolações do céu. Estando pera morrer testificou que lhe apparecera a Virgem Sacratíssima Nossa Senhora, manifestando que é grandíssima nossa avogada em todo tempo, principalmente na hora da morte, como lhe pedimos toda a vida.

Até aqui escrevemos desta serva de Deus, segundo o que podemos alcançar de boas informações, pera glória do mesmo Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

153. A PRINCESA DE PARMA DONA MARIA, pertence a Vila Viçosa.

Folgara ter a pena de ouro com que se deviam escrever as cousas que temos da sereníssima princesa Dona Maria, filha do infante Dom Duarte e de sua mulher Dona Isabel, filha do duque de Bragança Dom Gemes. Casou

³²⁴ Francesco Gonzaga, *De Origine Seraphicæ Religionis Franciscanæ*, ob. cit., p. 814.

³²⁵ Fr. Pantaleão de Aveiro, *Itinerário da Terra Santa*, ob. cit.

com Alexandre Farnez, príncipe de Parma e Plazencia, filho de Dona Margarita de Áustria e por isso neto do imperador Carlos Quinto. Escreve Duarte Nunes na sua Descrição de Portugal³²⁶ que foi mui douta nas línguas latina e grega e que, além do conhecimento das artes liberais, era por extremo versada na Sagrada Escritura, prudente, modesta, humilde, amiga dos pobres, pera os quais trabalhava com suas mãos todo o tempo que podia furtar às obrigações públicas de seu estado. Dava-se muito às obras de penitência e muito mais à oração, encobrando tanto todas suas obras boas que costumava dizer que era falta pública saberem-se em público.

Escreveu a vida e morte de tão esclarecida princesa seu confessor em uma larga carta pera certa senhora de Itália³²⁷, despedida a quinze de Julho de mil e quinhentos e setenta e sete, a qual depois se imprimiu em espanhol em Madrid no ano de mil e quinhentos e noventa e um³²⁸ por indústria de Francisco de Alvarado; nela vem principalmente a regra que esta princesa tinha pera se guiar em o caminho da perfeição de seu estado de casada e depois se contam algumas cousas de grande edificação, colhidas dos muitos serviços que fez a Deus em este mundo.

Quanto à regra de vida, achou-se um papel depois da morte de tão insigne princesa, o qual estava entre suas jóias de maior estima, dobrado e safado de maneira que parece que o trazia no céu e continha os propósitos seguintes.

1. Terei de contino diante dos olhos aquelas palavras de Cristo Senhor nosso: *Que aproveita a um homem ganhar todo o mundo se sua alma padecer detrimento?* E como nenhuma cousa me importe mais que a salvação, por nenhuma trabalharei mais, lembrando-me que o caminho do céu é estreito e dificultoso, mas o do inferno largo e fácil.

³²⁶ Duarte Nunes de Leão, *Descrição do Reino de Portugal*, ob. cit., cap LXXXIX, fl. 145r.-v. e cap. LXXXX, fl. 151v.

³²⁷ Sebastião de Morais, *Lettera scritta dal R. P. confessore della serenissima principessa di Parma e Piacenza ad una principale signora sopra la vita e morte di Sua Altezza*, publicada na sua *Vita et morte della serenissima principessa di Parma et Piacenza*, Bolonha, 1578 (2 edições), com diversas reedições (Roma, 1578; Vercelli, 1578; Milão, 1578; Parma, 1582; Veneza, 1583 e 1584; Roma, 1584; Verona, 1592; Roma, 1602; Nápoles, 1612. A primeira tradução castelhana, por Francisco de Alvarado, foi impressa em Roma em 1580 e dela se serviu Diego Pérez de Valdivia na sua edição anotada com o título de *Libro de la breve relación de la vida y muerte ejemplarísima de la princesa de Parma de felice memoria*, Barcelona, 1587, reed. em Valencia, 1618. Sobre esta «Vida» de D. Maria, permito-me remeter para M.^a de Lurdes Correia Fernandes, «A Vida de Maria de Portugal, Princesa de Parma: do texto ao comentário», in *D. Maria de Portugal, Princesa de Parma (1565-1577) e o seu tempo* (Actas), Porto, 1999, pp. 155-182.

³²⁸ Sebastião de Morais, *Vida y muerte de la serenísima Princesa de Parma y Plasencia, hija del Infante Don Duarte, hijo del rey Don Manuel de Portugal y de la Infanta Doña Isabel, hija del Duque de Bragança Don Jaime*, Madrid, 1591.

[2]. E nunca me esquecerei daquele conselho tão importante escrito no livro do Eclesiástico: *Lembra-te de teus Novíssimos e nunca pecarás*. Estes Novíssimos são Morte, Juízo, Inferno, Paraíso. Sobre as quais cousas terei cada dia à noite meia hora pelo menos de oração, pera desterrar de mim todos os fumos da vaidade do mundo.

3. Terei muita conta em procurar o que é melhor e mais conforme com a vontade divina, desejando que em tudo se cumpra perfeitamente e assi me persuadirei, o que é verdade, que o mais insigne título que tenho é o nome de cristã; donde seguir-se-á que em caso que fosse necessário perder algum, quisera antes perder todos os outros que faltar na obrigação de uma boa cristã.

4. Serei mui cuidadosa de granjear uma profunda humildade, que é a escada pera o paraíso e a mim mui necessária neste estado rodeado de tantas e tão diversas ocasiões de soberba.

5. Procurarei conservar em minha alma um grande despreço das cousas da vida presente e de conhecer perfeitamente o pouco caso que se deve fazer de mim, persuadindo-me que aquele não é digno do nome de cristão que não chega a este ponto de perfeição, e por isso me aproveitarei daqueles lindos versos de São Bernardo, os quais sendo moça tinha traduzido na língua portuguesa e em latim; são estes:

*Si mihi sint vires, et præmia magna: quid inde?
Auri si species, argenti massa: quid inde?
Si mihi sint nati regali stirpe, quid inde?
Longus servorum mihi seruiat ordo, quid inde?
Si doceam socios in qualibet arte, quid inde?
Et rotæ Fortunæ tollat ad astra, quid inde?
Si felix annis regnauero mille: quid inde?
Seruiat ergo Deo quisquis, quoniam satis inde.*

Querem dizer em português: Ter grandes forças, rendosas possessões, várias peças de ouro e grossa prata, muitos filhos de real progenia, um número infinito de criados, ensinar a todos qualquer ciência, que a roda da fortuna me suba mui alto tendo tanta felicidade, que reine mil anos, nada me aproveita, porque tudo passa como vento; serve logo a Deus e tudo terás em abundância.

7. A lei de Deus terá sempre o melhor lugar no meu coração, aonde el-rei David a punha dizendo em o salmo vinte e nove: *No princípio do livro está escrito de mim que faça a vossa vontade, meu Deus, assi o quis e vossa lei está no meio de meu coração*. Pelo que terei cuidado de corresponder às inspirações do Espírito Santo, as quais desde sua mocidade foi servido inspirar-me, por sua bondade infinita, pera que o servisse e amasse inteiramente.

8. Cada dia cinco vezes, pelo menos, lhe darei graças de joelhos pelos grandes e contínuos benefícios que tenho recebidos de sua mão liberal.

9. Exercitar-me-ei na mortificação de minhas paixões e apetites, persuadindo-me que é próprio exercício de cristão.

10. Sempre me lembrarei que a penitência é particular acto nos cristãos e por isso não passará dia em que não faça alguma pequena penitência, ao menos refreando-me de alguma cobiça ou privando-me de alguma recreação, ainda que seja lícita.

11. Farei muito caso da oração e procurarei de a fazer mental, pelo menos três vezes cada dia, convém a saber, meia hora pela manhã, meia hora ao meio-dia e meia à noite e demais disso trabalharei em outras horas de a fazer curta, mas ameúde e com fervor.

12. Tanto que pela manhã despertar me oferecerei a Deus, rogando-lhe me dê graça pera o não ofender e logo que sair da cama a primeira cousa que fizer será na prima: *Senhor Deus omnipotente, que nos fizestes chegar ao princípio deste dia, livrai-nos nele por vossa virtude pera que nos não inclinemos a pecado algum, mas sempre nossas palavras, pensamentos e obras procedam e se dirijam a fazer vossa vontade, por amor de vosso filhos Cristo Senhor Nosso. Amen.*

13. Enquanto me vestir, ninguém aparecerá senão as damas necessárias e com silêncio me lembrarei daquela bela consideração da rainha Ester, escrita em o capítulo catorze de seu livro, assi: *Vós, Senhor, sabeis minha necessidade e abomino o ornamento da soberba e humana glória, ao qual ponho na cabeça com os dias em que me enfeito e que o aborrecço como ao pano com que a mulher traz manchado seu rosto e bem vedes que não uso dele em os dias em que não é necessário.*

14. Quando ouvir missa, então mais que nunca terei lembrança que sou obrigada assistir nela com grande humildade e reverência, o que cumprirei interiormente o mais que me for possível, e no alevantar a Deus me inclinarei desejando meter-me debaixo da terra, se pudera ser.

15. Notarei sempre alguma sentença do Evangelho que se ler na missa ou cantar, pera me lembrar dela todo o dia.

16. Não mudarei por nenhuma cousa que suceda meus exercícios espirituais, principalmente o costume de confessar-me pelo menos cada mês além das principais festas. Confessar-me-ei alguns dias antes da comunhão e gastarei meia hora em a oração antes de comungar e meia hora depois e ouvirei outra missa, dando ordem que se me faça alguma breve exortação na minha capela.

17. Estando à mesa me lembrarei da temperança e mortificação dos comeres que forem mais de meu gosto e procurarei muito de estorvar as murmurações e palavras pouco honestas.

18. Depois de jantar poderei tomar alguma recreação honesta, a qual me seja permitida por meu confessor e juntamente darei uma volta pela casa.

19. Fugirei à ociosidade, a qual faz a todos dano, principalmente aos que se criam com delícias.

20. Minha ocupação será entre dia fazer corporais e cortinas pera adornar o Santíssimo Sacramento do altar e depois me ocuparei em ler a Escritura Sagrada, na qual tanto me alegrava antes que fosse casada.

21. Quando tiver visitas, procurarei estorvar as práticas que se costumam ter em semelhante ocasião, convém a saber, de amor, dos pecados e faltas de outrem e mostrarei não gostar de matérias semelhantes, principalmente quando se fala de mulheres casadas, e darei a entender que as mais modestas e virtuosas me serão as mais agradáveis e favorecidas.

22. Não permitirei jamais que dancem em meu paço, antes o impedirei quanto puder e, sendo caso que se faça, vendo alguma cousa pouco honesta a reprenderei livremente de modo que se entenda que tais maneiras de proceder me desagradam muito.

23. Procurarei com diligência que todos os de minha família guardem muita honestidade, constituindo algumas pessoas que se informem de tudo o que passar e me avisem do que for necessário pera prover nisso e farei que não se leiam livros desonestos.

24. Nunca me irei deitar sem que primeiro tenha feito exame de minha consciência e pedido a Deus perdão de meus pecados e metendo-me na cama repetirei comigo mesma o oitavo capítulo de história de Tobias. Apontava este capítulo porque nele dezia Tobias que nos tempos da noite não devem assi ajuntar-se os casados como os homens que não conhecem a Deus.

25. Não deixarei de saber como vivem meus criados e notarei se algum deles anda em mau estado.

26. Hei-me de prover de um confessor tal qual me convém, obedecendo-lhe com toda a reverência.

27. Farei que em minha casa seja o tempo bem gastado e que haja alguma criada pera despertar minhas damas e donzelas a hora competente.

28. Terei grande cuidado de não fazer gastos supérfluos, mas somente gastarei em cousas necessárias, no que não me fiarei do meu parecer, pera que do que forrar possa fazer algumas esmolas.

29. Serei advertida que me não deixe levar em minhas cousas pela vaidade, mas somente pela rezão.

30. Reprendendo a outros me guardarei de me não deixar levar da cólera, dizendo palavras injuriosas ou fazendo cousas não convenientes a pessoa de minha qualidade.

31. Não me entremeterei em negócios de frades nem de outros religiosos por lhes não impedir o fruto de sua obediência.

Até aqui se contêm as cousas do papel quanto à regra de vida; agora se seguem algumas que sabia dela seu confessor, escritas em a carta já citada.

Primeiramente, tinha sua alteza um temor de Deus notável e grande solicitude de nunca o ofender, pelo que de noite, quando fazia exame de sua consciência (o qual costumou fazer desde menina) escrevia seus pecados e quando se confessava declarava o número, ainda dos mínimos defeitos, tanto que algumas vezes parecia aos confessores que excedia e, se a repreendiam, respondia com lágrimas ou, se falava, dizia que era verdade e pedia conselho pera fazer o que mais convinha.

Não queria fazer devação nenhuma que não fosse aprovada pelo ordinário, dizendo que nada queria da mão do inimigo.

Fazia suma honra às imagens e tinha em seu oratório a da Virgem Nossa Senhora, como a que chamam Santa Maria Maior de Roma que fez São Lucas, a qual sempre estava coberta por causa da maior reverência, salvo quando se punha a orar.

Era devotíssima dos lugares que conservavam relíquias dos santos e visitava-os com muita piedade; e assi, quando esteve em Alemanha, visitou os principais de Colónia, donde trouxe algumas cabeças das onze mil virgens e outras relíquias de grande excelência; sendo-lhe em Aquisgrano mostrado aquele pano com que Nosso Senhor foi cingido na cruz, se enterneceu com sinais notáveis de devação, pelo que rogou a um sacerdote daqueles que o mostravam lhe desse um pequeno fio, o qual lhe foi dado e sempre o estimou muito. Foram-lhe mostradas ali algumas das preciosas faixas com que Cristo Senhor Nosso foi embrulhado quando nasceu; prostrou-se beijando-as com tanto affecto que parece que as queria comer e meter em seu coração.

Gastava todo o tempo que podia em lavrar com suas mãos algum ornamento pera serviço do altar. Quando tinha ocasião, acompanhava o Santíssimo Sacramento, edificando o povo com singular exemplo de sua pessoa. Tinha por cousa mui importante e necessária de confessar-se, se havia cometido qualquer pequeno defeito, em igreja aonde estivesse o Santíssimo Sacramento. Comungava com tanta devação e lágrimas que não podia deixar de ser vista dos circunstantes. Foi muita parte de outras pessoas frequentarem os divinos sacramentos, porque costumava dizer: *Eu seria a mais má mulher do mundo se me não confessasse e comungasse uma vez no mês.* Assi o fez ordinariamente e quando o príncipe seu marido ia à guerra comungava cada quinze dias, mas quando estava doente cada oito.

Toda se ocupava em trabalhar por que não houvesse mulheres más, pelo que deu remédio a muitas que haviam sido públicas pecadoras e procurou que se fizesse um recolhimento pera as filhas das que eram más ou muito pobres, pera que fossem socorridas e doutrinadas com temor de Deus e depois emparadas com honra e virtude. Dizia que uma das maiores alegrias que jamais

teve foi quando uma moça de má vida se deitou a seus pés rogando-lhe que a ajudasse a viver bem, e como ouviu isto publicamente a abraçou, não deixando de a aconsolar até a fazer receber em uma religião depois que foi perfeitamente provada nos propósitos da virtude, usando o mesmo com muitas outras.

Louvava muito as mulheres nobres de sua cidade que se davam à vida espiritual e dizia que não tinha maiores amigas, principalmente as que haviam sido vãs e depois se davam ao espírito. Havia em sua cidade uma confraria das mulheres principais que tinham por exercício socorrer aos enfermos necessitados; a esta confraria dava muitas esmolas e muitas. Se sabia que algum mancebo inquietava alguma donzela, tratava que o governador da cidade evitasse todo mal que podia suceder e fazia de ordinário pazes, particularmente entre marido e mulher, pelo que com sua autoridade muitas famílias se fizeram amigas, as quais de antes andavam em perpétuo ódio.

Tinha em algumas paróquias deputadas mulheres de virtude e exemplo pera que ensinassem as orações e toda a doutrina cristã às meninas da cidade em que estava e às vezes se achava presente, dando bons prémios às que davam melhor conta da doutrina. Vestia alguns pobres religiosos e isto fora do ordinário que era vestir cada ano na quinta-feira da semana santa doze velhas viúvas de boa vida e uma donzela que tivesse até quinze anos, às quais lavava os pés com exemplar humildade; depois lhes dava sumptuosamente de comer e servia-as com suas damas e, se alguma acertava de ser cega, preparava-lhe os bocados e às vezes lhes metia na boca. Acabada a mesa e dadas graças a Nosso Senhor, fazia repartir tudo o que tinha sobejado por aquelas pobres.

Venhamos à sua ditosa morte. Quando caiu enferma, soube que uma mulher pobre e velha estava com a mesma doença que ela. Logo ordenou que os médicos a fossem visitar e a curassem com a mesma diligência e com as mesmas medicinas com que a curavam a ela e assi o fizeram sempre, dando-lhe todo o necessário, até que Nosso Senhor foi servido de a levar desta vida e daí a poucos dias também morreu Sua Alteza, não querendo o Senhor dilatar-lhe muito o prémio merecido por aquela obra de misericórdia.

Sabendo que estava no último da vida, mandou a umas religiosas da Ordem de São Francisco que lhe dessem por amor de Deus pera a mortalha o mais vil hábito que em seu mosteiro se achasse, as quais lhe quiseram fazer a vontade e mandaram-lhe um hábito por extremo velho e muito curto. Vendo esta falta Sua Alteza ficou mui consolada e não quis por humildade mandar buscar outro, mas disse a uma senhora que principalmente a acompanhava que se lembrasse de lhe cobrir os pés e suprir onde aquele hábito não chegasse com algumas toalhas de linho. Pediu que por nenhum modo depois de morta a embalsamassem; recebidos com muita devoção os sacramentos fez a protesta-ção da fé com notável advertência a cada um dos artigos dela.

Agora é cousa mui digna de notar-se que não passou as últimas horas de sua vida sem gravíssimas tentações do demónio, as quais significou claramente, mas todas venceu, tendo em uma mão um crucifixo e a coroa da Virgem com algumas contas bentas, e com a outra beijando o cordão do hábito de São Francisco e tendo nela de quando em quando uma vela acesa benta pelo Papa Pio Quinto, repetindo muitas vezes com o coração e com a boca o sagrado nome de Jesus.

Tinha grande consolação de ver que muitos religiosos estavam d'arredor dela rezando salmos. Também mandou que todos os religiosos da cidade a encomendassem a Nosso Senhor e particularmente às freiras que chamam das Graças pediu que alguma delas estivesse de continuo diante do Santíssimo Sacramento, rogando por ela até que desse seu espírito, como fez, dizendo: *Dominus suscipe spiritum meum*, Senhor recebei meu espírito; e assi passou desta mortal vida pera gozar da glória eterna, aonde piamente podemos crer que está, pelo qual seja Deus sempre louvado. Amen.

154. JOANA DE FIGUEIREDO, de Lisboa.

Foi de mui nobre geração, casada primeiramente, no qual estado procurou ser das que nele têm mais louvor, ordenando sua família ao serviço de Deus Nosso Senhor e sustentação de sua casa, que governava com muito cuidado. Depois de viúva determinou deixar totalmente o mundo; pera isto emparou seus filhos que tinha grandes e a uma filha meteu-a religiosa no mosteiro de Jesus de Setúval; enfim, cumprindo seu desejo, recolheu-se no mosteiro das freiras do Salvador, o qual é da Ordem de São Domingos, em a sua cidade de Lisboa, o que lhe custou, porque todos seus parentes lho queriam impedir dizendo que bem se podia salvar no mundo e que melhor era não começar que não prosseguir as aspereças de um mosteiro em que de ordinário havia tísicas; às quais cousas respondia que o caminho do céu era trabalhoso e tanto mais se andava por ele quanto menos havia de gostos da terra, lembrando-se que Cristo Senhor Nosso, a Virgem Sacratíssima e todos os santos padeceram muito enquanto viveram.

Depois que foi noviça teve graves tentações do demónio pera se sair, porque lhe queria persuadir que mulher criada com tanto regalo não tinha forças pera continuar as contínuas vigílias, maus comeres e várias tentações da vida religiosa. Poucos dias antes de fazer profissão foi importunada de seus parentes que se fosse deitar aos pés d'el-rei pera que perdoasse a um filho seu que estava sentenciado a morrer degolado por culpas que cometera, pois el-rei lhe deferia muito e parecia crueldade não valer e livrar a seu filho de tão grande aperto em que o via, mas a todos desenganou com palavras

dizendo que por nenhum modo sairia do seu mosteiro nem se poria a perigo de deixar o estado que tinha pela vida temporal de seu filho, o qual se cometera culpas as pagasse; enfim, por mais que a combateram importunações pera não ser religiosa, em se chegando o tempo pediu com grande instância que lhe fizessem profissão de conversa, porque sua muita humildade não sofreu que fosse freira de coro. Tomou por nome Soror Joana da Conceição e, logo na noite seguinte depois que professou, levantando-se as religiosas a matinas ouviram junto ao leito desta serva de Deus altos e medonhos prantos e persuadiram-se que eram os demónios que se mostravam descontentes de ver em aquele mosteiro tão excelente religiosa, como depois foi.

Sendo já professa, fez muitos anos o ofício da enfermeira com notável caridade. Depois de cumprir as obrigações deste seu ofício, fazia particular exame da consciência e levava uma religiosa sua amiga de que se fiava a uma casa da enfermaria e despindo-se até à cinta, deixava atar-se a uma coluna que no meio estava e pedia-lhe muito que sem nenhuma piedade a disciplinasse até que corresse sangue; logo sobre as frescas chagas vestia uma camisa de burel que sempre usou; assi ia ao coro aonde estava em oração até matinas, das quais nunca faltou enquanto andou em pé; jejuava não poucas vezes a pão e água e fazia outras muitas penitências secretas.

A estes exercícios e santa vida tinha o demónio grande aborrecimento, tentando-a e perseguindo-a quasi de contino: umas vezes lhe aparecia em uma claridade que ela só via, outras se lhe mostrava em uma figura mui feia; mas tanto que chegava ao coro logo desaparecia; algumas vezes lhe falava tomando figura de freira e contava-lhe cem mil mentiras que prejudicavam a fama do próximo e a quietação da mesma serva de Deus, a quem algumas vezes rodeava grande caterva de demónios à cama em figura de homens de justiça que traziam chuças e alabardas, como que a queriam prender; finalmente, não houve modo nem invenção de suas diabólicas artes com que a não combatesse, mas comunicava tudo a seu confessor, pedindo-lhe os avisos e remédios necessários, o qual, vendo que não cessavam as baterias do inimigo que sempre andava d'após ela, ensinou-lhe que tomasse por intercessora à Virgem Sacratíssima e também se valesse do bem-aventurado São Bartolameu Apóstolo.

Continuando por alguns dias nas devações que fazia a tão excelentes avogados, sentindo uma noite ferrolhar uma porta com grande estrondo, ouviu uma voz que disse: *Já não haveis de sair daqui*. Desta hora por diante nunca lhe apareceu mais o demónio e cessou de todo a tormenta das contínuas tentações com que a perseguia.

Quando entrou no mosteiro trouxe consigo uma neta sua bastarda de mui pouca idade, pela qual fazia muito particular oração a Nosso Senhor que a

levasse pera si antes que ela morresse, ainda que não fosse por espaço maior que de uma só hora, porque arreceava que como ela fechasse os olhos sairia sua neta do mosteiro, pois não era freira; cumpriu-lhe Nosso Senhor seus desejos e, estando ambas doentes, a neta faleceu ao meio-dia e Soror Joana sua avó daí a duas horas.

Foi Nosso Senhor servido de manifestar quão ilustre era em virtude esta serva de Deus, porque na noite antes de sua morte apareceu sobre o mosteiro tão grande claridade que muitas pessoas que moravam à Porta do Sol, junto da ermida de São Brás donde ele se vê, cuidaram que se ateara o fogo dentro e a lavadeira do mosteiro que aí morava foi com grande pressa bater nas portas da igreja, bradando que acudissem ao fogo que ardia dentro.

Até aqui tudo o que está escrito foi tresladado do livro que se imprimiu no ano de mil e seiscentos e dezoito em Lisboa acerca da fundação do mosteiro do Salvador³²⁹ da mesma cidade, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

155. HELENA DO LADO, de Torres Novas.

Serviu a Nosso Senhor feita religiosa no mosteiro de Santa Clara de Torres Novas, o qual é da Ordem de São Francisco, aonde se exercitou em muitas virtudes, principalmente na paciência, pedra de toque de todas as outras. Era mui amiga de orar mentalmente e assim como o avarento sempre tem o coração posto em seu tesouro, assi dizia que a boa religiosa nunca se havia de apartar da presença de Deus. Tinha grandes fervores de espírito por respeito da meditação contínua das chagas do Senhor, às quais se acolhia como os culpados de Palestina às cinco cidades do refúgio; particularmente se detinha na consideração da última de todas, que foi a do lado, da qual tomou o sobrenome, e como dela saiu o sangue quente do coração do Senhor, assi ficava mais afervorada com sua meditação.

Pelo discurso de sua vida em nenhuma cousa falava mais que na oração, havendo que como o corpo se sustenta de respirar, assi uma alma com orar e, do mesmo modo, na morte não disse outras palavras senão aquelas com que David encomendou a sagrada oração, dizendo: *Todo o que invocar o nome do Senhor será Salvo*. Entende-se, o que invocar perfeitamente, isto é, fazendo a vontade do mesmo Senhor, por que não desmereça com as obras o que pede com suas palavras.

³²⁹ Soror Maria do Baptista, *Livro da fundação do mosteiro do Salvador da cidade de Lisboa (...)*, ob. cit., livro III, cap. IX, fl. 130r-137r.

Escreve-se tudo o que está dito na corónica seráfica feita por ordem do Cardeal Gonzaga³³⁰ quando trata desta religiosa e de seu mosteiro, aonde se acrescenta que quando morreu ficou com o rosto cercado de resplandores, em sinal de sua alma estar no céu mui resplandecente, sabendo por experiência que aquela melhor parte de Maria, que é a vida contemplativa, que ela escolheu enquanto foi viva no mundo nunca é tirada às pessoas que de veras a professam, pelo que seja Deus louvado por todos os Séculos. Amen.

156. LELÁ QUEBIR, do Cabo de Gue, em África.

Este nome quer dizer em arábigo senhora grande. Teve-o uma mui nobre portuguesa em África, daquelas que foram cativas no Cabo de Gue, como conta Jerónimo de Mendonça no livro que escreveu com muita diligência da Jornada de África³³¹, ao qual seguimos em o capítulo dezasseis, aonde faz menção desta portuguesa como de mulher digna de perpétua memória; porque ainda que algum tempo viveu com lástima dos que a conheciam, contudo, no fim em que se canta glória alegrou aos mesmos e manifestou em algum modo não pouca grandeza dos profundos juízos de Deus pera que por tal exemplo ninguém confie com demasia em suas felicidades nem desconfie de todo em suas adversidades, antes saiba que quem de bom se pode fazer mau por sua culpa, de mau pode vir a ser bom pela divina graça.

Era, pois, esta portuguesa casada em Marrocos com um elche, viso-rei de Dará, pessoa de grande confiança e riquezas; tinha duas filhas também casadas com elches de muito porte; as casas em que moravam todas faziam um bairro. Esta senhora, que assi lhe podemos chamar e lhe chama o autor citado, não tanto seguindo a significação de seu nome arábigo quanto por amor da geração de que descendia e com maior razão pelo bom fim que teve, andava em traje turquesco com ânimo cristão, que também tinham suas filhas; falava mui bem arábigo, em sua casa português. Era afável, avisada, rica e mui amiga dos cristãos cativos; e todos os que da guerra d'el-rei Dom Sebastião lhe vieram a seu poder mandou de graça pera suas casas, a outros deu grandes esmolos e boas ajudas aos que vinham pera este reino; a certo cativo seu parente verdadeiro ou, segundo alguns diziam, fingido, deu pera seu resgate oitocentas onças.

³³⁰ Francesco Gonzaga, *De Origine Seraphicæ Religionis Franciscanæ*, ob. cit., p. 815.

³³¹ Jerónimo de Mendonça, *Jornada de África (...) em a qual se responde a Jerónimo Franqui e a outros e se trata do successo da batalha, cativo, e dos que nele padeceram por não serem mouros, com outras cousas dignas de notar*, Lisboa, 1607, livro segundo, cap. XVI, fl. 139r-140v.

Estando enferma da doença de que morreu, qui-la visitar o xarife como outros dias costumava; mandou-lhe dizer, se a queria ver como moura que o não fizesse, porque era cristã; sem embargo disso, visitou-a dissimulando o que entendia; mas vendo a nossa portuguesa que já se chegava a hora de sua morte, preparou-se quanto pôde com a graça de Deus pera fazer todos os actos de boa cristã, confessou-se geralmente a um sacerdote católico, chorando muitas lágrimas e dando notáveis sinais de contrição, pelo que é creível haveria Nosso Senhor misericórdia com sua alma e que suas filhas levariam o mesmo caminho.

Pomo-la em o número das portuguesas ilustres em virtude porque a mostrou grande em confessar-se sacramentalmente e confessar a fé católica diante de todos, estando em África entre mouros, aonde deixou fama que morrera boa cristã, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

157 E 158. MARIA RIBEIRA E MARGARIDA DE MELO, de Lisboa.

A primeira destas portuguesas foi viúva nobre de Lisboa; gastava a vida em oração pera com Deus, em penitência pera consigo, em caridade pera com o próximo. Morou mui perto do mosteiro do Salvador, o qual é da Ordem do glorioso São Domingos; e diz o livro impresso da Fundação deste mosteiro³³² que mereceu, chegando à janela de sua casa, ver sobre o dito mosteiro uma grande procissão de freiras que ali haviam servido a Nosso Senhor e já estavam mortas, das quais conheceu algumas que tinha tratado em vida. Vinha diante o Salvador com uma capa vermelha, trazia na mão uma haste com um guião em cima e uma cruz por remate, como se costuma pintar quando ressurgiu.

Morreu então Soror Margarida de Melo, religiosa de mui santa vida, em aquele mosteiro, por amor da qual obrou Nosso Senhor esta maravilha. E notou Maria Ribeira que se cantava naquela admirável procissão o cântico do pai do Baptista, que começa: *Benedictus Dominus Deus Israel, quia visitavit et fecit redemptionem plebis suæ*. Bendito seja o Senhor Deus de Israel, porque visitou e fez a redenção de seu povo. Sobre as quais palavras preguntamos: se este cântico era profecia de que o Senhor havia de visitar seu povo e redemi-lo com seu sangue, porque lhe dá nele graças o profeta e nota que já o tinha visitado e redemido, sendo assi que quando fez este cântico ainda o Senhor não estava nascido nem tinha padecido a morte em que plenariamente se constituiu nossa redenção?

³³² Soror Maria do Baptista, *Livro da fundação do mosteiro do Salvador da cidade de Lisboa (...)*, ob. cit., Livro III, cap. VIII, fl. 128v.-129v.

Respondemos de três modos. Um, que já quando se fez este cântico o Senhor estava concebido nas puríssimas entranhas da Virgem sua mãe e aceita por obediência a sagrada paixão que havia de sofrer, merecendo muito, por nos livrar das prisões dos pecados e cárcere da morte, em estar atado de pés e de mãos como estão os meninos em os obscuros ventres de sua mãe, como se estivessem presos em uma masmorra, o que se repete no cântico dos santos doctores Ambrósio e Agostinho, quando dizemos ao mesmo Senhor: *Tu ad liberandum suscepturus hominem non horruisti virginis ut erum*. Pera redemires o homem que havíeis de tomar à vossa conta não tevestes horror do ventre da Virgem; e porque qualquer obra de Cristo Senhor Nosso era poderosa pera redimir o género humano naquela primeira que visivelmente fez em visitar em o ventre da Virgem a Santa Isabel e livrar do pecado original ao Bautista, pôs este profeta a redenção do género humano sendo tão ditoso o Baptista que a começou o Senhor a obrar por ele e assi foi o primeiro dos homens que reconheceu ao Filho de Deus em a terra feito homem e em quem o Senhor executou, despois de estar nela, a redenção do género humano, por amor da qual viera do céu; e porque já estava feito o princípio da redenção, deu o profeta graças como se de todo estivera acabada.

Não deixarei pera nossos costumes de notar que a primeira obra que fizeram Nosso Senhor despois de ser feito homem e a Virgem Sacratíssima logo que foi sua mãe e o concebeu foi visitarem Santa Isabel que andava triste porque não sabia se lhe reputariam a pouca continência ter filho despois de tão velha e também estar com ela ao tempo de seu parto, pera nos ensinar o Senhor as obras de misericórdia, de que nos há-de pedir conta, ou sejam espirituais, que ele obrou livrando entoncos o Bautista de pecado original, ou sejam corporais, como foi alegrar e visitar a gloriosa Santa Isabel.

O segundo modo com que respondemos é comum em semelhantes questões, que este profeta último do velho testamento viu e prometeu com tanta certeza que Cristo Senhor Nosso havia de salvar o mundo, como é certo que está feita a cousa que já se fez e já se tem dado graças por ela.

O terceiro modo é que Nosso Senhor queria que em o novo testamento cantássemos e louvássemos estas suas obras com as mesmas palavras com que foram profetizadas em o velho, pera maior gosto de nossas almas e confusão dos judeus; por isso as fez logo escrever em o tempo passado como nos havíamos de pronunciar em este presente até o fim do mundo.

Isto baste pera declaração das primeiras palavras que se cantaram na procissão que viu a nobre e pia viúva Maria Ribeira, as quais também cantavam as freiras do Salvador quando se estava ungindo Soror Margarida de Melo, mui ilustre em todo género de virtude, pera glória do mesmo Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

159. SOROR INÊS DE DEUS, de Lisboa.

Muito folgam os que promulgam louvores de alguma pessoa de acharem em seu nome fundamento pera lhos dar, o que é cousa tão antiga que já David o disse a Deus por estas palavras: *Segundo Vosso nome, assi há-de ser Vosso louvor*. E Santo Ambrósio notou o mesmo falando da virgem e mártir Santa Inês, cujo nome quer dizer cordeira, o qual lhe deu não pequena ocasião pera esta santa ser louvada de mansa, humilde e pura.

Teve o mesmo nome a portuguesa de quem agora tratamos, o qual em língua latina traz seu origem do verbo que significa conhecer: *Agnos, tanquam Agna, ab agnoscendo*. Porquanto entre os viventes nenhum conhece mais nem tem maiores saudades, nem chama mais vezes, nem com maior affecto por sua mãe ou pai que o cordeiro ou cordeira, pelo que também convém a Cristo Senhor Nosso este nome de Cordeiro, o qual se chama *Filius Hominis*, que se interpreta Filho da Virgem porque todo se reputava por seu e assim era que enquanto homem não tinha pai nem a quem mais amasse que a esta Senhora mãe sua. Seguindo este intento, podemos declarar o título que deu ao mesmo Senhor o Baptista chamando-lhe *Cordeiro de Deus*, porquanto andava na terra humilde e manso de coração, entregado todo ao serviço de seu Padre Eterno, louvando-o perpetuamente, qual o cordeiro que era já de Deus e estava pera ser feito sacrifício em seu altar, atado de pés e de mãos; assi a religiosa presente o desejava em toda a vida seguir e perfeitamente imitar, feita um perpétuo sacrifício de mortificação, pelo que lhe convinhem bem seu nome e sobrenome, os quais montam tanto como Cordeira de Deus.

Foi religiosa da Ordem de São Francisco no mosteiro da Esperança de Lisboa; escreve dela a história que mandou fazer o Cardeal Gonzaga³³³ e claramente ensina que foi mulher excelente em virtudes, assi na vida como na morte. Falando de suas virtudes diz que se esmerou nestas três, humildade, paciência, caridade, as quais adornam uma alma pera que seja sóbria pera consigo, justa pera com os próximos e pia pera com Deus.

Quanto a sua ditosa morte, acrescenta que foi de mulher mui santa e que Nosso Senhor deu a entender em esta maneira. Sucedeu morrer em um dia de festa e não haver quem lhe fizesse sepultura, senão quando chegou à portaria um mancebo que se ofereceu pera a fazer, o qual entrou dentro e saiu-se depois que a fez, sem querer prêmio algum, deixando as religiosas tão edificadas que lhes pareceu ser algum anjo, pelo que deram muitas graças a Nosso Senhor e ficaram confirmadas na fama mui excelente que esta religiosa tinha de ser illustre em virtudes, pelas quais o mesmo Senhor seja sempre louvado. Amen.

³³³ Francesco Gonzaga, *De Origine Seraphicae Religionis Franciscanae*, ob. cit. p. 807.

160. UMA AMA, que houve em Setúval.

Conta o mui virtuoso e douto varão Frei Luís de Granada, religioso nunca assaz louvado da Ordem do bem-aventurado São Domingos, em a segunda parte da Introdução ao Símbolo da Fé³³⁴, que houve na mui nobre vila de Setúval uma mulher, a qual servia em certa casa mui honrada e tinha criado a seu peito a senhora dela, e resoluta de se empregar em as cousas do céu, assi vivia na terra como peregrina e hóspeda, não se afeiçoando por nenhum modo às cousas dela e, assi, por muito espaço de tempos se deu à penitência, jejuns e oração, tendo por seu mestre ao mesmo Frei Luís de Granada, que ensinou com tanto fruto a vida espiritual em o nosso reino que só na cidade de Lisboa se gastou quasi toda a impressão primeira do livro que chamou Memorial da Vida Cristã³³⁵, em que dá todas as regras que deve seguir o que deseja ser perfeitíssimo cristão, segundo testifica na segunda impressão³³⁶ do mesmo livro que dedicou à infante Dona Maria, a quem o tinha dedicado em a primeira.

E se tão grande mestre da virtude escrevera largamente desta e de outras muitas discípulas que teve todo o tempo que viveu em nosso reino, bem maior e mais adornado fora este nosso jardim, cujas árvores são as mulheres portuguesas ilustres em virtude, entre as quais uso daqui por diante das palavras do mesmo Frei Luís de Granada. Foi tal esta mulher em Setúval que de sua santidade e milagres se podia escrever muito, porque eu a tratei familiarmente, a qual fervia tanto em amor de Deus, sendo já mulher de idade, que algumas vezes dizia: toda a água de aquele mar me não poderá apagar o fogo que me arde neste coração.

Sabia muito bem a senhora da casa a virtude desta sua ama e assi piamente creía que está gozando de Deus em os céus e se encomendava particularmente a ela em suas orações. Sucedeu uma vez que seu marido por recreação quis ir pescar com uma cana que pera isso tinha mui estimada e, preparando-a pera lha levar uma criada, quebrou-lhe boa parte da ponta em dous pedaços; vendo isto a senhora da casa, porque o marido se havia de enfadar muito,

³³⁴ Fr. Luís de Granada, *Introducción del símbolo de la fe*, ob. cit., cap. XVII, § XIV, fls. 184-185.

³³⁵ Fr. Luís de Granada, *Memorial de lo que deve hazer el cristiano, con algunas oraciones muy devotas para pedir el amor de Dios y para otros propositos*, Lisboa, 1561. Sobre a influência das obras e da espiritualidade de Fr. Luís de Granada em Portugal, veja-se Maria Idalina Resina Rodrigues, *Fray Luís de Granada y la literatura de espiritualidad en Portugal (1554-1632)*, Madrid, 1988.

³³⁶ Fr. Luís de Granada, *Memorial de la vida cristiana: en el qual se enseña todo lo que un cristiano deve hazer desde el principio de su conversion hasta el fin de la perfection*, Lisboa, 1565.

recorreu a sua ama já defunta, encomendando-lhe aquele caso, como fazia em outros de necessidade; depois de fazer oração, pediu o senhor da casa que estava à porta a sua cana e no caminho se inteirou como se nunca quebrara; um menino pequeno acertou de estar fora e ver a cana inteira, correu e disse a sua mãe (que era a mesma senhora da casa): A cana está sã, a cana está sã. A mãe deu-lhe uma bofetada, dizendo que não mentisse; veio também uma criada de fora e disse o mesmo com grande alegria; respondeu-lhe a senhora: Também mentis como aquele menino; se tenho aqui os pedaços da cana, como pode estar sã? Acudiu então à janela uma tia da senhora e viu a cana inteira e, como fora de si, confirmou a verdade do caso. Soube tudo isto aquele fidalgo e, maravilhado grandemente do que havia passado, mandou guardar a cana e não se atreveu mais a usar dela, havendo-a por cousa em que Deus havia posta sua mão.

O mesmo Frei Luís de Granada, depois de contar o milagre como está dito, acrescenta³³⁷: Uns pedaços da cana tive eu alguns anos em meu poder, pera memória do milagre; e ainda que isto seja cousa digna de admiração, não será incrível a quem conhecer a virtude e mansidão desta senhora e a santidade da ama que a criou, pois por este exemplo entendemos quão piadoso pai é Nosso Senhor que com tanta misericórdia acode a seus fiéis servos quando o chamam não só em as cousas grandes senão também nas pequenas, como foi esta, pera glória do mesmo Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

161. ISABEL DA ANUNCIAÇÃO, do Porto.

Foi religiosa no mosteiro das freiras da Ordem de São Francisco que no Porto chamam Monchique; donde, como do nome Hermão que também se chamou Monchique, que é o mesmo que monte pequeno, se levantam em Palestina as exalações que vêm a cair feitas orvalho em o monte Siom³³⁸, assi deste mosteiro se levantam muitos actos de altíssima oração, abrados em amor divino, os quais penetram os céus, o que se viu nesta serva de Deus porque era mui dada aos exercícios de contemplação, não fazendo extremos senão que, como os anjos que viu Jacob não voavam pela escada senão que subiam e deciam com notável consideração, assi com muito cuidado continuava o exercício de orar pouco a pouco, ora tratando com Deus sobre a grandeza de seus mistérios, ora rogando-lhe por todos os próximos em suas

³³⁷ Fr. Luís de Granada, *Segunda parte de la Introducción del símbolo de la fe*, ob. cit., cap. XVII, § XIV, fl. 185.

³³⁸ Sião. No original está *Sion*.

necessidades. Padecia contínuas doenças, que os bons são sempre afligidos. Não deixava de seguir as obediências por nenhuma cousa da vida; e além de satisfazer as obrigações ordinárias, trazia calos mui duros nos joelhos da frequência de orar; e não somente fazia obras santas pera proveito de sua alma, senão também as ensinava com exemplo.

Foi vinte anos contínuos abadessa, no qual officio era por extremo compassiva das enfermas, mui zelosa do culto divino e, sobretudo, amiga da paz que Nosso Senhor trouxe à terra quando nos veio a salvar e também nos deixou por excelente jóia quando subiu ao céu, por respeito da qual o figurou Salamão enquanto quer dizer pacífico e é chamado nas divinas escrituras Príncipe da Paz; e tem-se notado que em nenhuma parte houve guerra enquanto viveu em este mundo.

Tudo o acima referido está, pela maior parte, no livro das províncias e mosteiros da Ordem Seráfica³³⁹ tantas vezes citado, quando se trata do mosteiro de Monchique, aonde lemos que estando pera morrer esta serva de Deus disse aquilo de David: *Eu dormi e tomei o sono, e ressuscitei, e o Senhor me recebeu*. Parece que acomodou estas palavras ao que lhe havia de suceder, porque depois de estar algum tempo enterrada, acaso se boliu em sua sepultura e todo o convento sentiu uma fragrância suavíssima, significadora da boa fama que deixou depois de morta, em sinal das muitas obras de mérito que fez em vida, o prémio das quais piamente se pode crer que está gozando com seu esposo celestial, que seja sempre louvado. Amen.

162. UMA RELIGIOSA

do mosteiro de Santa Clara de Amarante.

Pelos anos do Senhor de mil e quinhentos e cinquenta, houve no mosteiro das freiras da Ordem de São Francisco que tem Amarante uma religiosa que não chegou bem a vinte anos de idade e floreceu em muitas virtudes, de modo que quando morreu se ouviram músicas de anjos, em sinal que tinham grande alegria de a ter nos céus.

Também as outras religiosas sentiram uma fragrância suavíssima aonde estava seu corpo, pera demonstração de sua pureza, segundo se escreve na história da Ordem Seráfica³⁴⁰ quando trata do mosteiro já dito de Santa Clara de Amarante, que sempre teve grandes favores do céu, como se provou no ano de mil e quinhentos e setenta e cinco, em que (segundo lemos no livro citado) houve fome em Amarante e lugares comarcãos, mas as religiosas

³³⁹ Francesco Gonzaga, *De Origine Seraphicae Religionis Franciscanae*, ob. cit., p. 811.

³⁴⁰ Francesco Gonzaga, *De Origine Seraphicae Religionis Franciscanae*, ob. cit., p. 812.

acharam-se com o trigo milagrosamente crecido no celeiro e, pera maior milagre, sobejou-lhe naquele ano em que faltou a todos seus vizinhos, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

163 E 164. DUAS IRMÃS VIRTUOSAS, do Porto.

Nenhuma cousa contenta mais a Deus que a boa companhia dos que se amam e são uma cousa nos ânimos, estimando mais amarem-se uns aos outros como Cristo Senhor Nosso nos amou, isto é, sem interesse nenhum, que todas as cousas do mundo; pelo que Cristo Senhor nosso escolheu alguns Apóstolos irmãos, outros mui amigos e das mesmas terras e quasi todos dos tribos de Judá, Zabulon e Neptalim, segundo se colige de um salmo de David, pera lhes ensinar que se haviam de amar diferentemente do que já faziam e do que pede o amor natural; o que vemos em duas mulheres honradas do Porto, as quais eram irmãs a assi se amavam como se o não foram, senão como Nosso Senhor quer que seus cristãos se amem e sejam uma cousa nele, estimando mais a conformidade espiritual que tinham entre si que o parentesco tão estreito que lhes vinha de seu pai e mãe.

Não traziam diante dos olhos outra cousa senão como uma se havia de ajudar à outra pera ambas estarem no céu; pera isto contendiam qual orava mais, qual dormia menos, qual consolava mais os pobres, qual falava menos nas cousas da terra. E como os sagrados Apóstolos andavam pelo mundo dous a dous pera exercitarem entre si as virtudes que haviam de ensinar aos outros, assi estas virtuosas mulheres comunicavam entre si as obras de caridade que desejavam exercitar com os próximos. E porque seus desejos em algum modo fossem cumpridos, tinham em sua casa uma menina cega por nome Helena, à qual serviam com muita caridade.

Frequentavam a igreja do mosteiro de São Domingos e eram por extremo devotas do Senhor que ali está crucificado, e com rezão, porque em nenhuma parte o achamos assi com os braços abertos pera nós abraçar, ainda que sejamos pecadores, como em a árvore da santa cruz aonde é comparado com o alambre ou com a púrpura do rei feita em uma opa de muitas pregas, porque o sangue de suas chagas fica em umas partes mais vermelho que em outras e com todas está chamando e trazendo a si com muita suavidade nossas almas, o que por exemplo se via em estas duas irmãs que, como as pombas que andam d'arredor das correntes das águas, em vendo nelas a sombra das aves de rapina, fogem com grão pressa e se valem das cavernas das pedras, assi fugiam das semelhanças de males pera as chagas de Cristo Senhor Nosso, tendo grandíssimo temor de cair em algumas ocasiões deles,

pelo que se apartavam das mui leves, exercício que faz as mulheres mui louváveis.

Conta, pois, o douto e devoto, sábio e eloquente Frei Luís de Granada na segunda parte da Introdução ao Símbolo da Fé³⁴¹ que foi levada a casa destas mulheres a toalha de linho com que estava cingida a excelente imagem do santo crucifixo do mosteiro de São Domingos, pera que a lavassem como costumavam, e uma delas a pôs nos olhos da menina cega que, como temos dito, estava em sua casa, e disse as seguintes palavras: *Senhor Jesus, pois Vossas chagas estão abertas pera todo o mundo, havei por bem de abrir os olhos a esta menina*. Causa notável, que logo teve vista milagrosamente e viu-se bom argumento da mulher que disse isto e sua irmã serem abalizadas em virtude.

Quiseram estas servas de Deus encobrir o milagre por que não se falasse nelas na cidade, havendo que, como maus ares inficionam o corpo, assi fazem mal a uma alma louvores humanos e mais as cousas milagrosas que acrescentam fama e não dão perfeição.

Contudo, foi tão evidente este milagre que o não puderam encobrir por mais que o procuraram e foram constringidas a dar conta dele àquele mui grande prelado que então era do Porto e despois morreu em África, o senhor Dom Aires da Silva, o qual com sua singular prudência o calificou pera glória de Deus, louvor de suas chagas e da toalha com que suas imagens estão.

Sucedeu este milagre de ter vista aquela menina cega no ano de mil e quinhentos e setenta e quatro e, despois que foi aprovado com toda a solenidade requisita em direito, fez-se uma procissão em que a menina ia com uma grinalda de flores na cabeça e toda a gente da cidade com suma alegria do coração dava graças a Nosso Senhor que assi acode aos que com fé e devação lhe pedem socorro, manifestando que está mui particularmente aonde estão dous outros juntos em seu serviço como estavam estas duas irmãs com a menina Helena que tinham em casa.

Pintou-se logo o milagre na caixa das esmolas pera a capela do Santo Crucifixo e ficou a toalha entre as relíquias daquele mosteiro, da qual ainda hoje se valem os enfermos em suas necessidades e alcançam benefícios muitos de Nosso Senhor, como refere o reverendíssimo e ilustríssimo bispo Dom Rodrigo de Acunha no excelente Catálogo que fez dos Bispos do Porto³⁴², por estas palavras: Têm os religiosos da Ordem dos Pregadores em seu mosteiro desta cidade uma imagem do Senhor crucificado, pela qual obra o mesmo Senhor muitos milagres, particularmente por uma toalha sua, que chamam a

³⁴¹ Fr. Luís de Granada, *Segunda parte de la Introducción del símbolo da fe*, ob. cit., cap. XVII, § XIII, fl. 182.

³⁴² D. Rodrigo da Cunha, *Catálogo dos Bispos do Porto*, ob. cit., cap. XXXVII, p. 315.

toalha de Jesus, e por ela têm alcançado saúde infinitos enfermos desconfiados da vida, que a tocaram, e cada dia se experimenta sua virtude nos milagres que obra com grande louvor de Deus, que seja louvado eternamente. Amen.

165. VIOLANTE DA CRUZ, de Pinhel.

Foi religiosa conversa no mosteiro de Arouca, o qual é da Ordem de São Bernardo, cuja Corónica escrita com muita diligencia pelo Doutor Frei Bernardo de Brito³⁴³ escreve desta serva de Deus todas as cousas seguintes. Viveu mui humilde e pobre, não somente de espírito, mas ainda no trato exterior, porque sempre se ocupava no que era de mais baixeza na enfermaria e na cozinha e, pera vir falar à portaria, era com toucado e vestido alheio, porque nada disto tinha que prestasse.

Era mui devota do Santíssimo Sacramento e sempre lhe ia concertar a sua lâmpada, a par da qual gastava muitas horas em oração e pedia-lhe que não morresse senão diante dele, o que sucedeu assi, porque, indo na festa dos Inocentes concertar a lâmpada do Senhor, despois que acabou se pôs de joelhos fazendo oração com infinitas lágrimas; levantou-se daí um pouco e em voz baixa disse: *Ficai-vos embora Senhor e valei-me, que me não sei apartar de Vós*. Dito isto, se tornou a pôr de joelhos e, encostando o rosto sobre as mãos, se debruçou em terra e deu seu espírito ao Senhor.

Cuidaram algumas religiosas que estava orando, até que foram ver e acharam-na falecida; estas chamaram as outras e vieram todas à igreja, as quais entenderam que tinha algum acidente, pelo que chamaram o confessor, a quem pareceu o mesmo; levaram-na em uma alcatifa ao coro de baixo e ao tempo que a levantaram fez uma grandíssima inclinação com a cabeça pera o Santíssimo Sacramento e naquela hora se ouviu uma música, como de órgãos muito frutados que pareciam ouvir-se de longe, com que as religiosas que ouviram aquela harmonia tiveram pera si que os santos anjos acompanharam aquele espírito ditoso, do qual piadosamente se pode crer que está em segura paz, gozando do descanso merecido diante de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

³⁴³ Fr. Bernardo de Brito, *Primeira Parte de Crónica de Cister (...)*, ob. cit., Livro sexto, cap. XXXVI, esp. fl. 468v.-469r.

166. DONA ISABEL DE CASTRO, pertence a Arouca.

Foi filha de Dona Guiomar de Castro, a qual, estando pera parir, chegou ao artigo da morte, mas não deixava de se encomendar a seus grandes avogados que tinha, São Simão e São Judas Apóstolos, os quais ouviram sua oração e foi cousa maravilhosa, porque chegaram à porta dous homens velhos, os quais disseram que queriam falar à senhora da casa e, posto que houvesse dificuldades em os admitir porque sabiam os de casa o estado em que estava, contudo entraram e disseram-lhe que eles eram os Apóstolos São Simão e São Judas dos quais era devota e por isso lhe vinham acudir em aquela angústia; e com sua vista logo pariu sem dor uma menina, que foi esta Dona Isabel de Castro, da qual agora falamos, notando que se criou em muita virtude, lembrando-se sempre que era afillhada de tão grandes santos, pelo qual, ainda que seus pais a queriam casar, não consentiu nisso e foi religiosa na Ordem de São Bernardo em o mosteiro de Arouca, aonde foi amiga das enfermas, obedientíssima a seus maiores e mui particular devota do Menino Jesu; pediu-lhe que a levasse pera si na inocência que têm os meninos de pouca idade.

Teve dom de fazer milagres, sarando enfermos com o sinal da santa cruz; e quando lhe falavam em alguma cousa destas dizia que aquela virtude lhe vinha dos padrinhos que tivera em seu nascimento e não de bondade que em si tivesse. Pouco antes de sua morte lhe concedeu Nosso Senhor o que lhe pedia em vida e, como se fora uma menina, assi se havia nas cousas da terra lembrando-se somente das do céu. Enfim, recebidos os sacramentos, deu sua alma a seu esposo, com grandes louvores de todos.

O que está dito refere a douta Corónica de Cister³⁴⁴ aonde fala no mui insigne mosteiro de Arouca e acrescenta que despois da morte desta serva de Deus alcançaram algumas religiosas remédio pera suas necessidades, tomando-a por terceira diante de Deus, com o qual é creível que vive e reina, gozando da glória que somente desejava na terra, pela qual chorava muitas lágrimas que lhe serviam de pão pera se sustentar enquanto estava ausente do mesmo Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

³⁴⁴ Veja-se Fr. Bernardo de Brito, *Primeira Parte de Crónica de Cister (...)*, ob. cit., Livro sexto, cap. XXXVI, fl. 468r.-v.

167. DONA LEANOR DE CASTRO, em Arouca.

No mesmo livro sexto da *Corónica de Cister*, em que se fala no mosteiro de Arouca, lemos que foi nele Dona Leonor de Castro⁴⁴⁵ religiosa de muitas virtudes, devotíssima da paixão de Cristo Senhor Nosso e suas chagas, nas quais não podia falar que não chorasse e manifestasse com sentimento o grande amor que lhes tinha.

Também se esmerou em não querer falar com seculares, sabendo que como o ar frio tira o sabor às iguarias, assi a prática dos seculares esfria os corações devotos; e quando lhe era necessário falar com pessoas do mundo, era brevemente e mais com aspereza que com brandura, fugindo de os encontrar; e com rezaõ, porque se São Paulo mandava às mulheres que tenham a cabeça coberta por amor dos anjos, que são os sacerdotes e ministros dela, quanto mais convém que as mulheres hoje não apareçam descobertas em outros lugares não tão sagrados como a igreja, nem diante de homens que não são tão anjos como os que estão actualmente ministrando no altar?

Veio a ser abadessa e, como quem ensina algum caminho melhor o faz indo diante que mostrando-o com palavras, assi mais ensinava a observância com seu exemplo que com a declaração dela, havendo que tinha maior obrigação de ser irrepreensível, porque as súbditas caminham pera a perfeição, mas a prelada deve tê-la pera as aperfeiçoar e guiar, como quem há-de dar conta a Deus, que lhe deu o poder que tem sobre elas; donde dizia Platão que assi como não se punha uma ovelha pera guardar as outras senão um homem cheio de rezaõ e de conselho, assi dos homens e mulheres não havia de ser prelado qualquer senão o homem e a mulher que fosse um anjo, como era nos costumes Dona Leonor de Castro: casta, pobre, obediente a seus maiores.

Na hora de sua morte manifestou quão excelente fora em vida porque, como o caminhante se alegra à vista de sua pátria pera a qual caminhou muitos dias, assi acabou tendo estranha alegria de se ver nas vésperas dos ditosos dias em que havia de ir gozar os prémios de seu merecimento; todos lhe notaram esta alegria no rosto, significadora da graça que tinha em sua alma. Depois de estar sepultada sentiram algumas religiosas que saía de sua sepultura um cheiro suavíssimo e foram feitas muitas mercês aos que particularmente se encomendavam em sua intercessão, pelo que Nosso Senhor seja louvado eternamente. Amen.

⁴⁴⁵ Não se trata de D. Leonor de Castro, mas, sim, de D. Violante de Castro, já que o autor copia o que diz Fr. Bernardo de Brito, *Primeira Parte de Crónica de Cister (...)*, ob. cit., *Livro sexto*, cap. XXXVI, fl. 468v. sobre D. Violante de Castro.

168. UMA DONZELA NOBRE E MUI POBRE, de Lisboa.

Havia na cidade de Lisboa no ano de mil e quinhentos e oitenta e dous uma donzela nobre mas mui pobre, a qual entre outras muitas virtudes que tinha era mui calada, humilde, mansa, obediente a seus pais e assi mui querida deles. Dava-se muito à oração e penitência, donde pelo tempo adiante caiu em uma doença com que veio a parar em tísica, havendo-se com grande paciência e fazimento de graças; quando estava só ouviam-lhe dizer palavras mui devotas e amorosas a um crucifixo em esta maneira: *Senhor meu, quando me tirareis deste cárcere? Quando irei e apparecerei diante de Vós e gozarei de Vossa presença e fermosura?* Estas e semelhantes palavras repetia muitas vezes com grande amor e devação, pelo qual o Senhor, amador da pureza virginal das almas humildes e mansas que o chamam em o tempo da tribulação, lhe acudiu, consolou-a e certificou-lhe que cumpriria seu desejo no dia de sua gloriosa Ascensão pera a levar consigo ao céu.

A maneira em que isto foi revelado não se sabe, porque ela a ninguém o descobria; mas quinze dias antes desta festa, estando sua mãe chorando amargamente por ver a quem tanto amava desemparrada dos médicos, disse-lhe esta sua filha: *Mãe, não choreis, guardai essas lágrimas pera o dia da Ascensão.* Chegou a véspera deste dia, em que não havia disposição pera morrer que tivesse diferença dos dias passados; então uma hóspeda que estava em casa, mui familiar sua, disse-lhe: *Ou lá mentirosa que nos queria enganar, dizendo que havia de acabar no dia da Ascensão.* A isto nenhuma cousa respondeu a doente, ainda que estava certificada do que tinha dito; e logo no dia seguinte mandou um recado a seu confessor, que muitas vezes a visitava, consolava e socorria em algumas necessidades, mandando-lhe dizer que se ficasse com Deus porque ia gozar da vista de seu esposo e senhor.

Chamou sua mãe, tirou umas relíquias que tinha sobre a cabeça e deu-lhas; também tirou um anel que uma sua amiga lhe havia posto em o dedo e disse que lho tornassem; mandou que à sua ama que a tinha criado dessem uma camisa nova que tinha e lhe pagassem sete tostões que lhe emprestara, vendendo-se pera isto um saio seu e que do mais lhe fizessem bem pela alma. Acabado isto e chegada a hora do meio-dia, tomou um crucifixo em uma mão e a candeia acesa em a outra e entrou no artigo da morte; como isto visse a mãe disse-lhe: *Filha, rogai a Deus que me dê forças pera passar este trago.* Ao que respondeu que assi o faria e, não cessando de falar palavras devotíssimas com o crucifixo, espirou e deu o relógio a uma, que foi a hora em que Cristo Senhor Nosso subiu aos céus.

Até aqui escreveu desta serva de Deus o venerável e douto padre Frei Luís de Granada na segunda parte de sua Introdução ao Símbolo da Fé³⁴⁶, aonde acrescenta: neste exemplo se verá, como já dissemos, quão suave e regalado é o amor que Deus tem às almas puras e humildes, pois não se contentou com levar esta à sua glória senão que lhe fez mercê de lhe revelar o dia de seu falecimento, e que fosse o mesmo e à mesma hora em que subiu ao céu. Depois acaba o mesmo Frei Luís de Granada dizendo que a mãe levou com muita paciência a morte de tal filha, dando a Deus muitas graças porque lhe dera tão excelente fim e também a estava vendo depois de amortalhada, deitando-lhe água benta com suma paz de sua alma; pelo que resta também darmos graças ao mesmo Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

169. DONA CATERINA DE ATAÍDE, de Lisboa.

Desta ilustríssima matrona escreve largamente Agostinho Mannio³⁴⁷, escritor eclesiástico, de nação italiano, no excelente livro que imprimiu em Roma das histórias selectas e mais notáveis que houve na Igreja Católica, tratando das mercês que Nossa Senhora fez a muitos fiéis cristãos em estes calamitosos tempos em que vivemos e segue em tudo ao douto e devoto padre Frei Luís de Granada que fez boa menção, na segundo parte da Introdução ao Símbolo da Fé, de portuguesa tão insigne, com as cousas e palavras seguintes.

Em a cidade de Lisboa está uma senhora por nome Dona Caterina de Ataíde, senhora da casa de Vila Verde, de cujas virtudes não se pode aqui dizer nada porque os santos não querem que louvemos aos vivos senão aos mortos e entoncos o louvor não faz mal a quem louva nem a quem é louvado. Sendo de idade de treze ou catorze anos, teve uma grave enfermidade de accidentes tão cruéis que a punham no artigo da morte e chegou tanto ao cabo que tinham já aparelhada a mortalha. Neste tempo uma ama que a tinha criado e esperava dela o remédio de sua vida e de seus filhos foi a uma casa de Nossa Senhora, aonde com grandes gemidos e lágrimas lhe pedia vida, pelas quais é de crer que Nossa Senhora lha alcançou e assi, pouco a pouco, tornou sobre si passados três meses da enfermidade, mas ficou paralítica de toda a ilharga esquerda e com tão grande tremor em toda esta parte que se

³⁴⁶ Fr. Luís de Granada, *Segunda parte de la Introduccíon del símbolo de la fe*, ob. cit., cap. XVII, § XIV, fl. 185-186.

³⁴⁷ P. Agostino Manno de Cantiano, *Selectæ historie rerum memorabilium in Ecclesia Dei gestarum*, Roma, 1612, p. 131-132.

alguém lhe chegava a ter mão no braço também lhe tremia o seu; durou isto não menos que nove meses, em os quais todos os médicos desta cidade, usando de todos os remédios possíveis, lhe não puderam dar saúde; mas ela todavia tinha confiança em Nossa Senhora que a tinha sarado de tão desconfiada enfermidade e que lhe havia de dar inteira saúde, dizendo que Nossa Senhora não fazia as mercês partidas.

Passados estes nove meses, levaram-na a um mosteiro do Carmo que está na sua mesma vila, cuja igreja se chama Nossa Senhora das Relíquias e é casa de muita devoção e concurso de romeiros; posta diante da imagem de Nossa Senhora ouviu uma velha que estava nas suas costas pedir com grande devoção saúde pera um filho enfermo; daqui tomou ocasião pera fazer oração a Nossa Senhora assi: *Senhora, se eu tivesse a fé desta boa velha, Vós me daríeis saúde*. Dizendo estas e outras palavras semelhantes, subitamente por virtude daquela Senhora, que é mãe de misericórdia, se sentiu de todo sã, do que ficou tão espantada e atónita que não sabia parte de si. Finalmente, ela se levantou logo e por seu pé se foi à condessa sua mãe, que estava na mesma igreja, a qual também ficou atónita desta maravilha e toda a gente que estava na igreja, que era muita porque era domingo, começou a dar vozes e dizer: *Milagre, milagre*.

Vendo isto os padres do mosteiro começaram a dar graças a Nosso Senhor, cantando: *Te Deum laudamus*. E no dia seguinte os clérigos da vila fizeram uma solene procissão por esta causa, em a qual toda andou esta senhora a pé, sendo verdade que em todos os nove meses já ditos não podia dar um passo senão com uma muleta em uma ilharga, e ficou tão sã que dizia despois: *A saúde que dá Nosso Senhor é de pedra e cal*. Do que é argumento que cada dia está agora em a igreja desde a menhã até às dez ou onze sem se assentar e, em memória deste benefício, faz cada ano uma solene festa a Nossa Senhora, no mesmo dia em que recebeu saúde, que guardam seus criados e família como dia de festa em memória deste milagre, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

170. CATERINA DA LUZ, pertence a Cós, em o bispado de Leiria.

Foi no bispado de Leiria uma mulher pobre, bem inclinada, singela, amiga da verdade e por extremo devota da Virgem Nossa Senhora, a qual lhe apareceu em um monte andando apanhando lenha e perguntou-lhe se queria que a ajudasse. A mulher, não sabendo com quem falava, pareceu-lhe que não haveria quem a quisesse ajudar em tão vil obra, pelo que lhe disse: *A isto não haveis Vós aqui de vir, que é ajudar-me apanhar lenha*.

Continuou esta mulher com a singeleza de sua ordinária vida, encomendando-se sempre à Virgem como costumava, a qual lhe apareceu outra vez juntamente com Santa Marta e tornou-lhe a falar em um tempo, dizendo que a seguisse, ao que ela não respondeu com facilidade, nem atentou pelas palavras da Senhora senão quando lhe tornou a aparecer terceira vez, falando assi: *Caterina, vem cá, eu te darei a chave que perdeste*. A pobre mulher, por uma parte, ficou espantada de saber quem falava com ela acerca de uma chave que tinha perdido; por outra, teve pera si que a não podia ter achado, porque lhe respondeu: *Eu perdi a chave no mato e assim não a podeis ter pera ma dar*. Ao que a Senhora satisfez dando-lhe a chave que tinha perdido; abriu então esta mulher os olhos da alma e conheceu que a Virgem Nossa Senhora era servida de lhe fazer aquelas mercês.

Cheia de luz em sua alma, seguiu à Virgem Nossa Senhora que lhe apareceu e em certo lugar perto fez juntamente com a mesma Senhora uma cova da altura de um covado, da qual saiu uma fonte perenal e mandou a Senhora que dissesse aos moradores de sua terra que tinham ali remédio pera todas as enfermidades.

A mulher havia medo de publicar aquelas maravilhas por não falar em cousa de seu próprio louvor, mas, inspirada por Deus, que quer que seus benefícios sejam manifestados, contou os que estão ditos e veio logo àquela fonte o bispo que então era de Leiria e diante dele foi lavado um enfermo, o qual subitamente ficou são e dali por diante quantos enfermos esta mulher lavava tantos saravam com aquela água, pelo que a tinham todos por mulher mui virtuosa.

Fez-se logo naquele lugar uma igreja com o título de Nossa Senhora da Luz, que assim se chama a par de Cós, aonde esta boa mulher sempre serviu a Nosso Senhor e, ainda que muitas pessoas lhe davam grandes esmolos, nunca quis ser mais rica que de antes, porque todas as dava aos pobres. Viveu dous anos em contínuo agradecimento da mercê que Nosso Senhor lhe fez em a fazer tão devota da Virgem Nossa Senhora e, por morrer com nome de mulher ilustre em virtudes, foi sepultada a par do altar-mor daquela ermida, segundo conta, e tudo o mais aqui escrito, o reverendo Padre António de Vasconcelos, religioso da Companhia de Jesus em sua Descrição de Portugal³⁴⁸, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja louvado por todos os Séculos dos Séculos. Amen.

³⁴⁸ P. António de Vasconcelos, *Descriptio Regni Lusitani*, ob. cit., p. 545-546, n. 23.

171 e 172. DONA ISABEL DA VEIGA
E MARIA FERNANDES³⁴⁹,
de Goa.

A primeira foi filha de um homem nobre, cidadão de Goa, chamado Francisco Ferrão, juiz que foi da Alfândega daquela cidade, e mulher de Manuel de Vasconcelos, muito bom cavaleiro e fidalgo, natural da ilha da Madeira; escreve dela o nosso Tito Lívio, João de Barros³⁵⁰, que por suas muitas virtudes e ânimo heróico não deve ser posta em esquecimento, acrescentando logo em sua quarta Década que era de tão honesto e autorizado aspecto que ninguém havia que lhe não tivesse grande acatamento e reverência.

Particularmente, deu singular exemplo às casadas enquanto o foi com seu marido, a quem amava e servia com suma puntualidade, ajudando em tudo quanto podia até se embarcar com ele pera Diu, aonde o seguia em todos seus intentos, não fazendo menos conservando sua fazenda do que ele em a granjear, porque o que se aquire, se se esperdiça, é como se se não aquirisse. Donde disse bem um poeta: Os fundamentos da casa são a mulher e o boi; a mulher pera que guarde, o boi pera que are.

Mas pouco tempo esteve com sossego porque vieram os turcos e começaram de combater aquela fortaleza, donde seu marido logo a quis pôr a salvo e mandá-la com segurança pera Goa, aonde podia estar com seu pai, arreceando que se perdesse a fortaleza e ela ficasse despojo dos turcos; comunicando-lhe esta sua determinação lhe respondeu que não permitisse Deus que ela se ausentasse donde ele ficava, que se tinha conhecido nela alguma fraqueza ou descuido em seu serviço que lho dissesse e que se emendaria; mas dar-lhe tão áspera pena como era apartá-la de si ela o não merecia e que não cuidasse que a assegurava apartando-a daqueles perigos porque em sua companhia lhe não pareciam tais, o que lhe não aconteceria estando ausente, porque seu espírito andaria sempre atormentado de grandes receios e temores e, cuidando ele que a tinha segura dos inimigos, a matariam imaginações, pelo que lhe pedia houvesse por bem ficasse ali, ao menos pera ser sua enfermeira quando lhe fosse necessário, mas por que tivesse menos de que cuidar mandasse a Goa uma filha pequena que de entre ambos havia, porque se Deus tivesse ordenado a destruição daquela fortaleza por sua pouca idade se não perdesse.

³⁴⁹ O nome é Ana Fernandes e não Maria Fernandes.

³⁵⁰ João de Barros, *Quarta Década da Ásia (...). Reformada, acrescentada e ilustrada com notas e tábuas geográficas por João Baptista Lavanha*, Madrid, 1615, década quarta, livro décimo, pp. 672-673.

Poderam estas honestas e discretas rezões de Dona Isabel da Veiga tanto que, desistindo seu marido da determinação, quis antes sua companhia com temores que, sem eles, apartá-la de si e assi lhe foi fiel ajudadora e semelhante na fortaleza; porque continuando-se o cerco, viu que o número dos soldados que ali havia era vindo a muita diminuição e que lhes era necessário dividirem-se uns pera pelejarem e outros pera servirem nos repairos e acarretos da terra e pedra e outras achegas em que consistia sua defesa e que, dividindo-se, não ficava deles número bastante pera bem acudir a uma cousa e outra e que o ajudar a tirar e acarretar a pedra, que ia sendo muita, podiam fazer mulheres, pois não era obra de forças ou de artifício com que elas não pudessem.

Determinou-se a que ela e as mulheres que na fortaleza havia tomassem sobre si este cargo e desocupassem outros tantos homens pera o exercício das armas e, comunicando isto com uma Ana Fernandes de quem logo escreveremos, ambas incitaram todas as outras mulheres, de qualquer qualidade que fossem, a acarretarem em suas alcofas e vasilhas pedra, terra, água e outras cousas necessárias, sendo governadas pelas duas Dona Isabel da Veiga e Ana Fernandes; e com sua diligência e exemplo obrigavam aos homens sofrer dobrado trabalho, segundo está escrito em a Quarta Década de João de Barros, que não fizera tão expressa menção de Dona Isabel da Veiga se não fora mui excelente em virtudes e não tivera mui louvável e ditosa morte.

De Ana Fernandes escreve na sobredita Década o mesmo João de Barros³⁵¹ que era uma mulher honrada, de idade velha, casada com o Licenciado João Lourenço físico, cheia de grandes espíritos e fora da comum medida das outras mulheres e que em aquele cerco de Diu, além de acarretar a pedra, como está dito, e animar as outras mulheres que em a mesma fortaleza estavam a fazerem o mesmo, usou de grande caridade pera com os feridos e enfermos, não tomando repouso, porque, como anoitecia, tinha de costume correr as estâncias das vigias e, quando havia assaltos, acodia a eles metendo-se com muito esforço e ânimo varonil em o meio dos soldados, animando-os e, vendo pelejar alguns frouxamente, os reprendia e esforçava.

Visitando um dia o forte baluarte dos combates, achou nele morto de uma espingarda pela cabeça a um filho que tinha, de idade de dezoito anos, bom soldado, ao qual tomou nos braços e recolheu e, como se acabou a briga, lhe fez dar sepultura, com uma segurança e sofrimento que espantou a todos os circunstantes, não deixando de continuar com seus piadosos exercícios, encobrando a dor de tão grande perda por não dar ocasião de se entristecer os nossos soldados, aos quais amava como filhos e assi era amada de todos

³⁵¹ João de Barros, *Quarta Década da Ásia (...). Reformada, acrescentada e ilustrada com notas e tábuas geográficas por João Baptista Lavanha*, ob. cit., década quarta, livro décimo, pp. 673-674.

eles como se fora sua mãe. Até aqui João de Barros, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado, por todos os séculos dos séculos. Amen.

173. UMA MULHER SOLTEIRA, da Índia.

São as mulheres chamadas de alguns antigos ninfas, que monta tanto como linfas, que são as águas, porque assi como estas são tão fácis de governar que bem fracas areias as detêm e lhes trocem o passo e por outra parte tão apostadas às vezes a romper por tudo que nada lhes pode impedir sua corrente, assi as mulheres prevenidas com a divina graça se esmeram nas virtudes excelentemente e também as perdem outras vezes por sua culpa, com notável detrimento, saindo como rios da madre, fora do que pede sua condição natural, que é o seguinte.

São pera pouco trabalho e assi lhes basta pouco comer, pelo que o serem parcas e abstinentes, com a graça de Deus, pera que tenham merecimento, é cousa mui ordinária; pelo contrário, sendo golosas e comedoras, é cousa monstruosa e muito pera estranhar. Quanto ao vestir, a natureza fê-las por uma parte ociosas pera romperem pouco, por outra amigas da limpeza, pera que qualquer vestido nelas luzisse muito; pelo que as que se não contentam com trajas ordinários vêm a dar em vícios abomináveis, ou por causa de os adquirir, ou por vanglória de os mostrar. Acerca do recolhimento e sujeição: têm mui compridos cabelos pera que saibam que têm sobre sua cabeça quem as sujeite e governe em a terra, que são os varões, e que nunca lhes há-de faltar com que cubram o rosto; e porque podem provocar com sua vista a males, lhes é proibido ensinar em a igreja publicamente, donde as que vivem livres e com pouco recolhimento e se atrevem a querer imitar aos que não pedem conselho vêm a ser mui prejudiciais em a república. Finalmente, são mui aptas pera amar a Deus com sua graça e seguir o último caminho de vida contemplativa e assi devem fugir toda conversação com os homens que não são seus maridos porque não venham a ser laços com que o demónio os cacem pera o inferno; são tão perigosas que dizia Salamão: *Melior est iniquitas viri quam mulier beneficiens*. Melhor é falar um homem e conversar com outro, ainda que seja um esfolá caras, que com a mulher que faz bem, porque mais facilmente se pode tratar com um ladrão sem aprender dele a furtar nem ser participante de seus roubos que conversar só com uma mulher, por boa que seja, sem haver pecado algum; donde dos anjos bons, quando nas escrituras sagradas se conta que apareceram a mulheres, se adverte que não se detinham muito, nem as tratavam como amigos nos olhos, ou nas palavras; donde a mãe de Sansão, vendo um, houve

medo e disse: *Um varão de Deus veio ter comigo e tinha o rosto angélico, mui terrível.* E no Novo Testamento lemos que outro disse às Marias quando iam buscar a Cristo Senhor Nosso resuscitado: *O Salvador que buscais crucificado resuscitou, não está aqui.* E diz o Evangelista que tinha o rosto aceso como um relâmpado, pera ensinarem às mulheres que nem de anjos se fíem e, aos homens, que se o querem ser, por nenhum modo tratem com elas senão em casos de grão necessidade e então breve e asperamente.

Do dito se colige que as mulheres são mui aptas com a graça de Deus pera a virtude se não rompem as leis do bem que Deus lhes deu, o qual é serem parcas no comer, moderadas no vestir, mansas no proceder, honestas no falar, temerosas no conversar, mas se não poem freio a seus apetites são mais desenfreadas que os peores do mundo; pelo que não nos espantemos de haver umas mui boas e outras, pelo contrário, tão más que não têm de ver com Deus nem com os homens, havendo que podem viver e ser públicas pecadoras, mas também pera estas temos agora exemplo de maravilhosa penitência, pera que não desconfiem da divina misericórdia, muito maior que todas nossas maldades.

Houve na Índia mulher tão desaforada que se entregou a um homem que não era seu marido; mas como se tem notado que não lemos de Salamão que padecesse trabalhos senão depois que se deu a mulheres más, assi esta, depois que o foi, logo colheu os frutos de tal seara que são, como pregava São Pedro Crisólogo, afrontas, injúrias, ciúmes, descontentamentos, desasossegos, discórdias, despreços, perdas notáveis; e tanto a seguiram e perseguiram estas e semelhantes granjearias que veio a ser cativa com aquele seu amigo no exército d'el-rei de Calecut, em que vinha por capitão geral um mouro chamado Pate Marcar³⁵², e, porque era de bom parecer, trabalhou pola tornar moura com todas as promessas e ameaças que pôde até lhe pôr a espada na garganta e mandar arrastar diante dela seu amigo; mas nada bastou pera acabar com ela o que desejava, pelo que a trazia carregada de ferros, com os quais andava contente e exortava de contínuo aos cristãos cativos a morrer constantemente pela santa fé que professaram. Exemplo raro de feminil constância, digno de tanto maior louvor quanto se esperava menos do mau estado em que esta mulher andava. Até aqui são palavras de João Baptista Lavanha³⁵³, coronista-mor deste reino, nas doutas anotações com que enriqueceu o livro oitavo da Quarta Década de João de Barros.

³⁵² Este nome, no original, está unido – Patemarcas –, mas a fonte que Fr. Luís dos Anjos segue que é a *Quarta Década* de João de Barros trancreve-o separado, como aqui se faz também.

³⁵³ João de Barros, *Quarta Década da Ásia (...). Reformada, acrescentada e ilustrada com notas e tábuas geográficas por João Baptista Lavanha*, ob. cit., década quarta, livro octavo, cap. XIII, p. 539, n. a.

Temos, em o que está dito, um caso semelhante ao que sucedeu, segundo conta o Evangelho, à Samaritana que andava amancebada com grande detrimento de sua alma, mas depois que o Senhor falou com ela e lhe manifestou por divinos modos quem era, assi se converteu, que pregava ser Ele o verdadeiro Deus; e não ficou sem prémio a mulher de que tratamos, porque além do grande ânimo pera conservar a fé que Deus lhe deu, fez muitos actos de contrição, como é creível, e foi livre, sendo destruído o exército dos mouros em que andava cativa pelo grão Martim Afonso de Sousa, segundo conta em o lugar acima citado o mesmo João de Barros.

Aconteceu nesta jornada um caso digno de se notar aqui, por ser também pertencente a uma mulher, e foi que, indo-se embarcar Martim Afonso em Cochim pera vir em busca de Pate Marcar, atreveu-se diante dele com muitas lágrimas uma mulher, dizendo: *Senhor, por amor de Deus que me tragais meu filho moço de doze anos, por nome Marcos, que está cativo em poder daquele que vós is buscar.* Ao que Martim Afonso respondeu: *Eu espero em Deus de o achar vivo e também de nos dar vitória pera vo-lo trazer.* E assi se cumpriu, que estava este moço na tenda do Pate Marcar, trouxe-o Martim Afonso e entregou-o a sua mãe em Cochim³⁵⁴.

Tornando à mulher da Índia. Depois que foi livre não lemos qual fosse sua morte, mas não é alheio de bom juízo que Deus haveria misericórdia com ela, dando-lhe arrependimento de seus pecados que, como eram de carne, trazem consigo temor do inferno e grande fealdade e desabrimento e com o sacramento da penitência basta, pera alcançar perdão dos pecados, ter dor deles e propósito de emenda por temor do inferno ou por não perder a glória, ou pola malícia e fealdade que tem, e isto é o que se chama atrição, mas sem sacramento nenhum não basta este acto senão que se há mister dor, que naça de amor de Deus, a qual se chama contrição, como é creível que esta mulher teve, repetindo-o muitas vezes como se deve fazer, que é na maneira seguinte: Todo poderoso e clementíssimo Deus, criador e salvador meu, pesa-me de todo coração de todos meus pecados por serem ofensas de Vossa Divina Majestade; e porque Vos amo sobre todas as cousas por Vós seres quem sois e infinitamente bom; e proponho firmemente com Vossa graça de não Vos ofender mais e de me confessar e cumprir a penitência que me for imposta.

Há-se de advertir que não basta pera alcançar perdão dos pecados dizer estas palavras com a boca nem com o entendimento e atenção com que se rezam outras orações, senão que é necessário dizê-las de veras e de coração, o que Nosso Senhor nos conceda pera que seja louvado de todos eternamente. Amen.

³⁵⁴ João de Barros, *Quarta Década da Ásia (...). Reformada, acrescentada e ilustrada com notas e tábuas geográficas por João Baptista Lavanha*, ob. cit., década quarta, livro octavo, cap. XIII, p. 540, episódio retirado das *Décadas* de Diogo do Couto (Quinta Década, cap. 4 e 5).

174. DONA JERÓNIMA DE CARVALHO, pertence a Santarém.

Foi de mui nobre geração, natural de Santarém, devota e amiga de bons livros e do santo rosário, de modo que se criava em seu pensamento pera religiosa, mas o pai tinha outros intentos e casou-a com um fidalgo chamado Dom Francisco Coutinho, mui ilustre em sangue, bem afazendado e pretensor de ser herdeiro da casa e condado de Marialva. Teve filhos e sempre viveu com grandes desejos de penitência e despreço do mundo e, porque se tratava mal, veio ser maltratada de seu marido, o qual, estando uma vez em Lisboa por causa de certos negócios, adoeceu gravemente; veio ela de Santarém visitá-lo e logo lhe pediu que fosse por ele confessar-se e comungar, esperando ter saúde por sua devação, pois bem sabia quão fiel era e amiga de Deus.

Alegrou-se por extremo Dona Jerónima da linguagem de seu marido e foi à igreja encomendá-lo a Nosso Senhor, recebeu os sacramentos da penitência e comunhão e, quando voltou pera casa, achou-o com tanta melhoria que pareceu milagre a todos os criados e brevemente se tornaram ambos pera Santarém, aonde dali por diante viveram em suma paz, tendo esta serva de Deus a liberdade que desejava de se dar aos santos exercícios de penitência e oração e ao pouco ornato de sua pessoa, sem que o marido por isso tivesse enfadamento ou lhe desse pena alguma, até que no ano de mil e quinhentos e setenta e oito socedeu a jornada d'el-rei Dom Sebastião, a quem seguiu seu marido Dom Francisco Coutinho acompanhado de seu filho mais velho e de muitos parentes, com grão despesa de armas e cavalos, obrigado das promessas que el-rei lhe fez de o ouvir à volta acerca da pretensão que tinha da casa de Marialva, como dissemos.

Mas foi Deus servido que morreu Dom Francisco Coutinho na batalha de Alcáçere, do que sua mulher Dona Jerónima teve a certeza estando em seu oratório, como depois disse a seu confessor por tais palavras que sem revelação era impossível podê-lo saber; e conformando-se com a vontade de Deus ficou livre pera continuar seus perpétuos desejos que tinha de toda se entregar às cousas do céu, cheia das quais frequentava a igreja do mosteiro de São Domingos, aonde tinha por confessor e mestre espiritual o padre Frei Francisco dos Anjos, religioso exemplar e letrado. E pera mais cumprir seu propósito, lhe morreu o filho mais velho, havendo pouco que fora resgatado, e assi se resolveu em se fazer religiosa professa da Terceira Ordem de São Domingos e fez os três votos solenemente nas mãos de seu confessor que também lhe ficou sempre por prelado, ao qual obedecia em tudo, de modo que não saía de sua casa visitar uma parenta sem primeiro lhe pedir licença. Não comia carne senão constringida de grave doença, jejuava muito e a pão e água às sextas-feiras e o pão era qual em casa se dava aos escravos; trazia

áspero cilício e tomava rijas e muitas disciplinas. A cama era um colchão muito singelo e uma manta somente, as camisas de estopa bem grossa, pelo que não tinha mais que a pele e os ossos.

Era mui dada à oração mental e parecia-lhe pouco todo o tempo de dia e de noite pera ela porque não dormia mais que três ou quatro horas; enfadava-se muito com visitas porque lhe tiravam algum tempo dos bons exercícios e de seu contentamento, que era estar só com Deus em seu oratório. Comungava muitas vezes e estava das oito horas, em que recebia o Santíssimo Sacramento, até às onze, em que se tornava pera casa, sempre de joelhos, quasi imóvel, sem dar acordo das horas; tinha dom de Lágrimas e notavam alguns religiosos que lhe viram resplandores em o rosto enquanto estava em oração e algumas testemunhas do estromento que se tirou de seu proceder depuseram que a viram levantada ao ar; e afirmou seu confessor que tinha muitas consolações do céu, principalmente com alguma particularidade divina que se lhe mostrava visível na hóstia sagrada; e afirmavam algumas pessoas que viram muitas vezes borrifadas de sangue as formas que comungava, por quanto era mui pura de consciência e, porque tinha notável amor ao Santíssimo Sacramento, alcançou licença pera comungar cada dia, que foi a causa de maior consolação que teve em esta vida e assi a frequentou até a morte.

Tinha mui grande respeito aos sacerdotes e chamava-lhes sepulcro de seu Senhor. Usava de muita caridade com todos os necessitados, particularmente dos religiosos de São Francisco era contínua enfermeira. Rezava com muita devação o offício divino e afirma seu confessor nas informações que deixou dela que muitas vezes lhe apareceu Cristo Senhor Nosso estando rezando; e um dia da gloriosa Ascensão estava à hora no mosteiro de São Domingos quando viram todos que caíam sobre ela do céu rosas mui cheirosas, em sinal da grande devação com que estava na presença de Deus Nosso Senhor; e em uma noite de Natal viu um anjo que com umas balanças pesava os méritos com que os religiosos daquele mosteiro celebravam o divino nascimento.

Não deixou de ter tentações, as quais vencia facilmente dizendo: *Andar, andar embora; outrem está já senhor da pousada*. Algumas vezes lhe apareceu o demónio pela perturbar e sempre ficou confundido, vingando-se em lhe apagar a candeia com que rezava e uma noite em que se sentiu mais desprezado, apagou-a com a mão da mesma serva de Deus de modo que lhe queimou um dedo. Era mui devota de Santa Maria Magdalena³⁵⁵, de Santo Tomás de Aquino e de Santa Caterina de Sena, a quem chamava sua mãe. Um dia se viu visitada destes seus avogados todos três juntos, que lhe certificaram que suas orações eram aceitas³⁵⁶ a Deus e viu grandes efeitos

³⁵⁵ No original está *Magdalena*.

³⁵⁶ No original está *acceptas*.

disso; um foi que fez muitas devações por um português que tivera vida escandalosa e estava cativo dos mouros, pelo tempo da perda d'el-rei Dom Sebastião, e foi Deus servido que morreu santamente e lhe apareceu sua alma gloriosa. Com suas esmolas e orações socorreu a um preso facinoroso que estava pera ser justicado na cadeia de Santarém, o qual morreu nos ferros com sinais de predestinação pera com o mundo e de certeza pera com ela.

Muitas maravilhas obrou Nosso Senhor em vários enfermos por suas orações, mas de todas se faz pouco caso à vista do soberano favor que soube alcançar e foi que pediu a Nosso Senhor lhe desse a sentir alguma cousa das dores que padeceu na cruz e juntava que fossem as que padecesse interiores e secretas, porque queria só o tormento e não a honra delas; e foi ouvida, porque sentiu gravíssimas dores no lado esquerdo, nos pés e nas mãos, acontecendo-lhe a tempos serem tão crecidas que por muito que trabalhava dissimular não podia sustentar-se sobre os pés, nem sofrer um admirável fogo que lhe abrasava as mãos, mas sem nenhum sinal de fora; só no lado foi Nosso Senhor servido, pouco mais de um ano antes de seu falecimento, abriu-lhe uma chaga patente e clara que, além da dor interior, lhe dava por fora grande trabalho, porque o sangue que lançava se lhe pegava na túnica e causava tormento da ferida fresca, a qual era comprida e rasgada por baixo do peito esquerdo e resumbrava sangue de contino.

Veio enfim a padecer muito e uma vez ouviu uma voz que lhe disse: *Verás quanto és amada pelo que fores padecendo*. Com estas palavras foi mui consolada e, estando no fim de sua vida, escreveu a um seu filho a Lisboa que até véspera de São Francisco, terceiro dia de Outubro, se achasse em Santarém se a queria ver antes de acabar, e com a mesma certeza fez escrever cartas a algumas pessoas devotas com que se comunicava, despedindo-se delas e, ordenando suas cousas, pediu e recebeu os sacramentos da Igreja; na madrugada do dia em que faleceu, aos treze de Outubro, se lhe representou à vista um altar cercado de resplandores e fermosura celestial, todo semeado de rosas e nele um sacerdote que lhe dizia missa e de sua mão comungava; pode-se crer, ainda que o não declarou, que seria o mesmo Cristo, de quem tantas mercês cada hora recebia.

Acompanhava-a seu confessor, a quem contou a visão, e por ocasião dela lhe referiu em esta hora que, quando recebera as chagas interiores nos pés e mãos e a exterior do lado, vira decer do céu umas linhas de fogo e sangue que a feriram e certificaram da mercê que o Senhor lhe fazia. Tinha pedido a Deus que fosse sua morte em dia de quinta-feira, por ser dedicado à solenidade do Santíssimo Sacramento de que era grandemente devota, e na hora em que Cristo Senhor Nosso subiu aos céus, que chamava sempre a sua fermosa hora; tudo lhe concedeu o Senhor, porque o dia da véspera do São Francisco,

que foi aos três de Outubro, caiu em quinta-feira e nela a levou para si no ponto de uma hora depois do meio-dia. Foi cousa de grande espanto pera todos os que se acharam presentes e a acompanharam à sepultura a suavidade e novidade do cheiro que dela saía e a fermosura extraordinária que se lhe notava no rosto. Enterraram-na como religiosa no cemitério do mosteiro dos Pregadores e levada na tumba por eles ano de mil e quinhentos e oitenta e cinco, sendo pouco mais de quarenta e três anos de idade.

Tudo o que está dito foi copiado brevemente da história que escreveu da Ordem de São Domingos o reverendo padre Frei Luís de Sousa³⁵⁷; e quanto a esta serva de Deus haver recebido as chagas de Cristo é benefício tão grande que não fazemos mais que referi-lo, não o negando, porque a mão de Deus não é abreviada, pelo qual seja louvado eternamente. Amen.

175. MARIA DA CORTIÇADA, no bispado da Guarda.

Na Cortiçada, que está na Beira, sete léguas da nobre vila de Castelo Branco, houve uma moça de pouca idade chamada Maria, tão amiga da castidade que a matou um cruel homem porque a não quis perder, estando em um campo guardando gado; pelo qual caso foi dada sentença que fosse enforcado e ela sepultada com grande honra e louvor na igreja da mesma Cortiçada, a qual outros chamam Proença-a-Nova, pelo qual é bem digna de se pôr em o nosso jardim, pois podemos piadosamente crer que está nos céus com duas auréolas, uma de virgem, outra de mártir, que morrer por alguma virtude também se reputa por martírio. Nem devia ser alheia dos bons exercícios, porque quem alcança e conserva com a graça de Deus a virtude da pureza é como mercador de pedras de valia que vende quanto tem por comprar uma de grão preço; assim não se pode conservar a virtude da pureza sem que se deixem muito as vaidades e apetites das cousas da vida. Também esta virtude é pedra de grão valor e, quem a tem, tem nela muitos bens, dos quais só direi dous: o primeiro, ser mui amado de Nosso Senhor, como se viu em São João Evangelista que, segundo nota São Jerónimo, por amor dela foi mais amado do mesmo Senhor que todos os Apóstolos; o segundo, que os que têm a pureza virginal em o céu seguem ao Cordeiro pera aonde quer que for, como o mesmo São João testifica em seu Apocalipse; isto é, que se Cristo Senhor Nosso der graças a seu Padre Eterno por lhe haver dado virgens, não vão com ele a este agradecimento senão os que o são, os quais também

³⁵⁷ Fr. Luís de Sousa, *Primeira Parte da História de S. Domingos, particular do reino e conquistas de Portugal (...)*, ob. cit., livro V, caps. XLI-XLIV, fls. 303v-309r.

podem louvar ao mesmo Padre Eterno por todas as outras virtudes que resplandecem nos demais santos e seguir com eles a Cristo Senhor Nosso, que seja louvado por todos eternamente. Amen.

176. DONA GUIOMAR DA SILVA,
em Lorvão.

Guiomar é o mesmo que Guilherma, nome derivado pera as mulheres do de São Guilherme, religioso da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho. Teve-o uma religiosa de Lorvão, da qual diz a *Corónica de Cister*³⁵⁸, no livro sexto, que foi tão exemplar e penitente que se igualou com todas as santas do tempo antigo, acrescentando pera prova disto que era obedientíssima a seus prelados e sobre tudo guardava todas cousas da regra. Toda sua alegria era cantar no coro as horas canónicas com grande devação; foi mui devota dos anjos, aos quais mandou fazer um retábulo. Amava por extremo o recolhimento de sua cela, aonde ou trabalhava ou orava. Tinha grande compaixão das enfermas e sempre tomava uma hora do dia pera as visitar e levar-lhe alguma cousa, principalmente as que eram mais pobres.

Uma vez, tendo compaixão de certa religiosa que estava mui fraca e com grande fastio, fez oração por ela e deixou-a sem febre nem fastio, de modo que cobrou a saúde e vida de que todos desconfiavam. Gastou muitos anos em santos exercícios até que, acabando uma vez de estar em oração em a igreja, lhe deu um acidente de apoplexia, com que a levaram as religiosas nos braços e, vendo-a quasi pera morrer em seu leito, lhe deram logo a santa unção e estavam umas com ela, outras em a igreja rogando a Deus que não lha levasse tão depressa; e, vindo o ponto da partida, começaram umas e outras ouvir uma música mui suave e concertada, a qual no princípio se não conheceu donde era porque as religiosas que estavam com ela cuidaram que falecera já e que as outras a encomendavam na sua cela; e acudindo ao dormitório despois de se verem juntas e ouvirem continuar a música tão claramente e com suavidade tão inexistida, entenderam serem os anjos que festejavam o trânsito de sua devota. E uma religiosa chamada Joana Freire de Andrade jurou conforme sua consciência que lhe parecia que cantavam o devoto hino *Te Deum laudamus*, afirmando que começou esta música um pouco antes de espirar e que durou muito do tempo em que deu o último bocejo.

Estava em a igreja posta em oração uma amiga sua que vivia no ano de mil e seiscentos e dous, chamada Francisca Cardosa, a qual viu um raio de

³⁵⁸ Fr. Bernardo de Brito, *Primeira Parte de Crónica de Cister (...)*, ob. cit., Livro sexto, cap. XXXIII, esp. fl. 463v.-464r.

claridade correr desde o altar-mor até o meio da igreja e daí subir pera o alto, deixando tão claro o templo como sol ao meio-dia. Nem foi esta religiosa só a que viu o resplendor porque muitos seculares que viviam no lugar e alguns criados do convento viram de fora subir aquele resplendor desde o telhado da igreja direito ao céu, tão vivo e claro que cuidavam ser fogo que pusera no mosteiro; mas logo souberam que em aquele espirou a serva de Deus Dona Guiomar da Silva e fora aquilo sinal de sua alma santa ir ver a Deus, que seja louvado por todos os séculos dos séculos. Amen.

177. BRIATIS VAZ DE OLIVEIRA, pertence a Évora e a Coimbra.

Entre as portuguesas ilustres em virtude não deve ter pouco louvor esta, filha de Duarte Vaz Chainho, homem nobre de Serpa, e de sua mulher Margarida de Mariz, natural de Vila Viçosa, sobrinha do mui reverendo Dom Frei Gaspar Cão, bispo de São Tomé, religioso da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho. Naceu em Évora, aonde a mãe tinha seu confessor em o mosteiro da nossa mesma Ordem de Santo Agostinho, a quem a levou um dia e pediu que lha pusesse no caminho da vitude; perguntou-lhe o confessor chamado Frei Lopo da Trindade algumas cousas da alma e entre outras lhe respondeu que tinha a Virgem Sacratíssima por mãe, palavras em que sua mãe a tinha criado, dizendo-lhe muitas vezes que logo quando a parira levantou os olhos ao céu e a oferecera por filha à mesma Virgem Madre de Deus.

Encomendou-lhe então o confessor que também fosse devota de Cristo Senhor Nosso crucificado, o que se lhe imprimiu tão altamente em seu coração que não sabia contemplar e já o queria imitar comendo pouco, vigiando muito, dormindo no chão sem que ninguém o soubesse, mortificando-se em várias cousas; uma foi que tinha os cabelos fermosos e, fingindo que lhe causavam dores, não descansou até que lhos cortaram; se lhe creciam, tornava-se a tosquear e não era tanto por lhe doer a cabeça, como dizia, quanto por haver medo de ser louvada e cair em vaidades; mas depois de grande tinha escrúpulos destes fingimentos, atribuindo-os à ignorância de sua pouca idade, pois lhe parecia que com eles podia contentar a Deus, suma e simplicíssima verdade.

Foi-lhe dada licença que comungasse depois que o desejou muito, ainda que era de menos anos do que ordinariamente comungam as outras meninas, porque se lhe antecipava o entendimento à idade. Preguntada uma vez quem lhe ensinara e quando certas regras que sabia de perfeição, respondeu que o Santíssimo Sacramento do altar quando a primeira vez o recebeu lhe abria os olhos da alma pera saber e fazer as cousas que se seguem como as de

maior obrigação, e eram: ter as horas do dia bem ordenadas e repartidas em o serviço do Senhor como quem lhe havia de dar estreita conta de todas; desejar com tanto cuidado mortificações, conquanto os mundanos buscam riquezas; trazer diante dos olhos a Cristo Senhor Nosso crucificado e não os levantar sem sua licença; buscar primeiro a Deus em as cousas que via que as mesmas cousas, não se afeiçoando a nenhuma senão por amor do mesmo Senhor; falar com Ele muitas vezes, ou repreendendo-se de negligente em seu serviço, ou dando-lhe graças pelos benefícios que recebia de sua divina mão; e no meio destes exercícos inventou esta breve e devota oração: *Padre Eterno, por amor de Vosso unigénito filho que me deis o Espírito Santo.* A qual repetia muitas vezes e estimava mais que nenhuma de outras certas que tinha, e tinha muitas pera se afervorar em o divino amor.

Sendo de dezoito anos veio a Coimbra porque seu pai servia ao duque de Aveiro, que então era Dom João de Alencastre, o qual o mandou ali arrecadar as suas rendas; e foi cousa de grande bem pera esta serva de Deus porque aprendeu muita doutrina espiritual daquele mestre dela Frei Luís de Montoya, glória desta nossa Província, e ainda de toda a Ordem de nosso Padre Santo Agostinho, que morava então em o Colégio de Nossa Senhora da Graça que temos em a dita cidade.

Morreu-lhe seu pai e não muito depois a mãe, pelo que, vendo-se mais livre pera ir pelo caminho da perfeição, foi-se à igreja do dito colégio e, diante do altar em que está a devota imagem do Senhor que leva a cruz às costas, fez voto de castidade, renovando seus bons propósitos, mas logo foi perseguida com dous géneros de tentações, umas contra a fé, outras contra seu voto; e porque o fizera em a véspera dos Apóstolos São Pedro e São Paulo, tomou-os por avogados; pera as da fé, a São Pedro, pedra firme por quem o Senhor orou na terra que nunca lhe faltasse, nem a seus sucessores os sumos pontífices; pera as da castidade, a São Paulo, que queria que todos os homens fossem como ele em esta virtude, pelo que se entende que a tinha em supremo grau. Com o favor de tais intercessores ajuntou jejuns muitos e contínua oração e assi brevemente foi livre daquelas moléstias, vivendo com paz e quietação.

Depois de alguns anos lhe aconteceu que se viu, estando orando, coberta de uma nuvem escura e andou dali por diante quatro anos sempre afligida, seca, desabrida, sem achar nenhum remédio aos trabalhos e desconsoações que padecia, senão quando, em uma véspera do Espírito Santo, foi Deus servido de a dar por bem provada e comunicou-lhe uma luz interior que desterrou as trevas e tristeza de sua alma; donde ficou mui humilde e proseguiu consolada de seus acostumados exercícos.

Dezasseis anos havia que esta serva de Deus tinha passados os quatro já ditos quando tomou o hábito da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho e

fez profissão de religiosa terceira nas mãos do venerável padre Frei Jerónimo da Cruz, reitor então do Colégio de Nossa Senhora da Graça, e dali por diante fez mui estreita vida, acompanhada de muitas consolações do céu e maravilhas notáveis, porque lhe apareceu uma vez nosso Padre Santo Agostinho só e outra acompanhado com o bem-aventurado Santo Tomás de Aquino, de quem era em extremo devotíssima.

Pediulhe um religioso do mesmo colégio que rogasse a Nosso Senhor lhe tirasse uma verruga que tinha na face e lhe dava grande pena. Fê-lo a serva de Deus e logo a achou menos. Mandou-lhe o douto padre mestre Frei Egídio da Apresentação mostrar o livro do Mestre das Sentenças e que lhe apontasse em que matéria havia de estudar pera sair bem de uma opposição pública em que estava sobre a cadeira de Escoto na Universidade de Coimbra. Disse a serva de Deus que estudasse em certo ponto da matéria da Encarnação, o qual despois caiu a seu competidor, a quem levou a cadeira pelo bem que lhe argumentou, como todos disseram, e foi no ponto que tinha estudado pela advertência desta serva de Deus.

Continuando em excelentes exercícios, deu fim a sua vida, fazendo cada vez maiores actos de quem buscava com grão diligência a perfeição; particularmente repetia uma ladainha mui devota, nesta maneira: *Rainha do céu, minha Senhora e mãe de meu Senhor, rogai por mim. Meu Padre Santo Agostinho rogai por mim. Glorioso Santo Tomás de Aquino rogai por mim.* E assim invocava o auxílio de outros santos quando, despois de receber os sacramentos, deu sua alma a seu Criador, um domingo à tarde festa da Epifania, aos seis de Janeiro de mil e quinhentos e noventa e um anos, sendo de cinquenta e seis de idade.

Foi mui sentida sua morte de todos os que a conheciam; acompanharam-na as mais das pessoas honradas da cidade até o nosso colégio de Nossa Senhora da Graça; e porque era tida em conta de grande serva de Deus, a trouxeram em um ataúde o prelado e mestres do mesmo colégio; deram-lhe sepultura aonde ninguém se enterrou, em o cemitério dos religiosos, junto à porta que vai da igreja pera a sancristia. E encomendou-se ao ilustríssimo e reverendíssimo senhor Dom Frei Aleixo de Meneses³⁵⁹, religioso então do mesmo colégio e despois arcebispo de Braga, primaz de Espanha, que ajuntasse a inquirisse as cousas desta serva de Deus, o qual fez uma história

³⁵⁹ Fr. Aleixo de Meneses deixou, efectivamente, escrita uma *Vida da venerável Beatriz Vaz de Oliveira religiosa agostinha*, de que J. Cardoso veio mais tarde a possuir, provavelmente, o original, como se pode ver pelo catálogo dos manuscritos da sua biblioteca (cf. M.^a de Lurdes Correia Fernandes, «A biblioteca perdida de J. Cardoso (†1669) e a biblioteca do *Agiologio Lusitano*. Livros de gosto e de uso», *Via spiritus*, 4 (1997), pp. 105-132 – n.º [80]). Fr. Aleixo de Meneses escreveu várias outras «vidas» de religiosos agostinhos, recentemente publicadas por C. Alonso, «Escritos hagiograficos de Alejo de Meneses, arzobispo de Goa y de >Braga (†1617)», *Analecta Augustiniana*, 59 (1996), pp. 235-290.

mui copiosa em que estão vários exercícios que fazia e muitas mercês que lhe Deus fez e aos que se encomendavam em suas orações, mas por respeito da brevidade não tiramos dela mais que o dito, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

178. UMA MULHER de Viseu.

Primeiro que tratemos da mulher que propomos em este jardim, contaremos de outra, gentia, moradora a par de Viseu em nosso Portugal antes da vinda de Cristo Senhor Nosso à terra, mas já depois desta nossa ser de romanos, a qual se chamava Mercala; e foi tão miserável que houve de seu próprio pai um filho, por nome Euforbo, com o qual casou depois de ter idade, de modo que era seu filho, seu irmão e seu marido; assim o lemos em um livro mui curioso dos mais notáveis epitáfios do mundo que está em a livraria régia do Escurial, impresso, e conta este caso com o letreiro que foi posto na sepultura de ambos, em verso tão elegante que bem mostra ser daquele dourado século em que floreceram os Virgílios e Horácios, e é desta maneira, pera os que são latinos:

EPITAPHIUM IN LUSITANIA prope Viseum.

*Semicapri quicumque cupis sacraria Fauni,
Hæc lege Romana verba notata manu.
Euphorbus iacet hic, mecum Mercala quiescit,
Quæ Soror, et genitrix, quæ mihi sponsa fuit.
Ficta putas, frontemque trahis, ænigmata sphynxis
Credis? sunt Pythio vera magis tripode.
Me pater è nata genuit, mihi iungitur ipsa,
Sic Soror, et coniux, sic fuit illa parens.*

Fizemos menção desta mulher por que fosse mais sabido este caso do que até agora é em nosso Portugal; e aqui começamos a escrever da mulher que propusemos com o douto mestre de virtude Frei Luís de Granada da Ordem dos Pregadores, o qual na segundo parte da Introdução ao Símbolo da Fé³⁶⁰ diz que na cidade de Viseu havia uma mulher casada com um homem do

³⁶⁰ Fr. Luís de Granada, *Segunda parte de la Introducción del símbolo de la fe*, ob. cit., cap. XVII, § XIII, fl. 183-184.

povo, a qual era mui atormentada do demónio e, pera remédio de tão grande aflição, se confessava e comungava muitas vezes e fazia romarias a vários lugares de devação; e depois de passar em estes exercícios mais de dous anos, o bispo que então era de Viseu, Dom Jorge de Ataíde, vigilantíssimo na guarda de suas ovelhas, ainda que esteve muito incrédulo que podiam ser causadas pelo demónio as aflições desta pobre mulher, contudo foram tantos os sinais da verdade que o creu e determinou pelear com aquela besta fera inimiga das almas com as armas da fé e exorcismos da igreja; jejuou logo os três dias que se mandam jejuar pera este efeito, dizia cada dia missa enquanto andou nesta batalha, começando-a às seis da manhã e, acabada a missa, assi como estava revestido batalhava até as onze do dia com aquele espírito infernal que por espaço de cinco dias em que esta batalha durou não acabava de obedecer aos exorcismos, antes atormentava tão fortemente a pobre mulher que às vozes se lhe inchava a garganta de maneira que vinha estar quasi igual com a ponta da barba. As palavras com que o demónio mais se embravecia eram quando ouvia dizer em os exorcismos: *Malaventurado de ti, que pera sempre não hás-de ver a Deus; desemparaste a teu Senhor, esqueceste-te do Senhor Deus que te criou.*

Em esta sessão ouviu o senhor bispo que os circunstantes punham dúvida se esta mulher fora bautizada e, feita inquirição sobre isso, achou-se que ao tempo de seu bautismo se fez um grande reboliço na igreja por se haver ali notificado o cura da parte do prelado que desistisse de seu ofício, pelo qual não acabou o que havia começado. Havida, pois, esta informação, determinou o senhor bispo de a bautizar e pera isso a mandaram sair fora da igreja e se fizeram os exorcismos ordinários, no que houve grão dificuldade pela resistência do demónio e não menor foi a que se viu acabados os exorcismos à entrada; chegada, pois, à pia de baptizar, tirou a touca e, pronunciando o senhor bispo estas palavras *Ego te baptizo in nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti*, em esse mesmo ponto a boa mulher levantou as mãos e olhos ao céu dizendo: *Bendito e louvado seja Deus Nosso Senhor que já o inimigo infernal me tem deixado.* E todos os presentes louvaram com grão devação o mesmo Senhor vendo aquela súbita e maravilhosa virtude do santo baptismo e, pera aquele insigne prelado mais se certificar desta maravilha, tornou a pronunciar as palavras acima ditas, com que o demónio fazia tantas visagens, e nenhum sentimento fez a mulher, pelo que depois que foi bautizada logo o mesmo bispo a crismou e ali mesmo a fez de novo receber com o marido que estava presente, porque antes do baptismo não havia sido sacramento o seu matrimónio. Isto aconteceu na Sé de Viseu na capela de Santa Marta e, ainda que não saibamos mais cousas acerca da virtude desta mulher, escrevemo-la entre as mui louvadas do nosso reino, pois por ela deu Nosso Senhor tão excelente testemunho da

virtude do santo bautismo e assi é de crer que fosse toda a vida agradecida e morresse em graça do Senhor que lhe fez tão notável beneficio à vista de tanta gente, pelo qual seja sempre louvado. Amen.

179. MARGARIDA DE CHAVES, das Ilhas.

Naceu na ilha de São Miguel, uma das Terceiras que se descobriram no mar Oceano, as quais também são chamadas Açores, pelos muitos que acudiram a elas por respeito da multidão de pombos que antigamente criavam. Seus pais eram nobres e casaram-na com um varão também nobre chamado Jorge Correia, cidadão do Porto. Teve três filhos e uma filha, aos quais criou com muita caridade.

Falecido seu marido, toda se entregou, como boa viúva, às cousas do espírito e tomou por seu mestre ao mui reverendo padre Frei Brás Soares, religioso da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho, que com licença de seus prelados viveu em aquela ilha com grande louvor e exemplo e proveito dos fiéis cristãos. A primeira lição que deu a esta serva de Deus foi da penitência, sabendo que é a primeira cousa que se encomenda em o Evangelho, pera que venha a nós o reino dos céus, isto é, pera que reine e faça seus efeitos em nossas almas o governo celestial de todas as virtudes.

Trazia, pois, esta sua discípula mui ásperos cilícios, tomava largas disciplinas, dormia no chão sem ter mais roupa que seus vestidos, orava de joelhos a maior parte da noite sem nunca fazer colação; jejuava todo o ano, fazendo vida quaresmal, isto é, não usando senão de mantimentos que se comem na quaresma; o seu jejum às sextas-feiras sempre era a pão e água; chorava muitas lágrimas e, se lhe davam alguma cousa regalada, ou a dava aos pobres, ou a comia em tempo que não fosse tão saborosa.

Era por extremo humilde, na qual virtude se exercitava de todo coração, cuidando sempre como a alcançaria e conservaria; por amor disto não via pessoa a qual não tivesse por melhor que a si; procurava encobrir suas virtudes por que fosse tida em pouco; assi, dava as esmolas maiores ocultamente e, pelo mesmo respeito, antes de morrer desfez em pedaços os instrumentos das penitências que fez em vida, pera que ninguém soubesse parte delas. Ensinau a mesma virtude a seus filhos e dizia-lhes que antes os queria humildes de coração que postos em grandes dignidades e quando os encomendava a Nosso Senhor assi falava com Ele: *Vossos são porque não quero que tenham tão ruim mãe como eu.*

Não sofria que lhe pedissem esmola sem a dar, muitas vezes lhe creceu o pão na arca e o trigo no celeiro pera socorrer aos pobres; quando dava de

comer ou outra cousa aos de sua casa ouviam-lhe que o dava por amor de Deus e que, se não tivera filhos, não havia de ter cousa alguma, nem o lançol pera a enterrarem, e que não havia casa em que morasse de melhor vontade que em um hospital, por ter ocasião de servir aos doentes, dos quais se lembrava; visitava-os e dava-lhe os regalos que podia.

Dizia que ninguém cuidasse que havia de receber de Deus muitas mercês em a vida espiritual se se descuidasse com as pequenas cousas de seu serviço, pelo que tinha grande conta com a pureza da boa consciência com que vivia. Orava com grande eficácia, porque a viam estar de joelhos suando, ainda no meio do Inverno. Tinha grandes tentações e ouviam-lhe dizer a Deus estas palavras: *Senhor meu, aonde estais, não me vedes atormentar? Rogo-Vos que me não desempareis assim. Olhai que mais sinto Vossa ausência que todos os tormentos do Inferno.* Era mui constante e, quando estava mais consolada, dizia aquelas palavras mui devotas de São Francisco: *Meu Deus e meu tudo.* Ou estoutras de nosso Padre Santo Agostinho: *Tarde Vos amei, fermosura tão antiga e tão nova, tarde Vos amei.*

Sendo já perfeita, não podia orar vocalmente nem discorrer com o entendimento, mas toda se ocupava em amar, de maneira que quem fez a relação³⁶¹ de suas virtudes, que anda impressa em castelhano e italiano³⁶², tirada dos processos autênticos em ordem a sua beatificação, diz assi: Não saberei dizer se viu a divina essência, mas direi o que ela disse a seu confessor, e foi que, ainda que vira um anjo e muitos anjos e toda a corte dos céus, em nada pararia nem se fartaria sua alma senão que, morta de fome e perecendo toda a sede de Deus, preguntaria toda na morada como a esposa: *Mostrai-me quem ama minha alma.* E que o amava tanto que desejava se lhe arrancasse a alma do corpo com a força deste amor.

Este seu confessor era o nosso Frei Brás Soares que escreveu esta e as mais cousas que sucederam a esta serva de Deus por espaço de nove anos em que a confessou e me deu estes papéis escritos de sua mão, aos quais agora não sigo tanto aqui quanto ao compêndio que se tirou deles e dos autos pera sua

³⁶¹ O autor – ou, talvez melhor, um dos autores – será Fr. Brás Soares, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, que escreveu uma *Vida da Venerável Margarida de Chaves*, a qual, segundo Barbosa Machado (*Biblioteca Lusitana*, Tomo I, 2.^a ed., Coimbra, 1965, p. 549) se conservava, no século XVIII, na «Livreria do Convento da Graça». Esta «vida» terá sido continuada, com vista ao processo de canonização, pelos filhos de Margarida de Chaves, particularmente por Gonçalo Correia de Sousa que terá promovido a sua tradução e edição italiana (cf. nota seguinte).

³⁶² Com o título de *Breve compendio de santa vita di Margarita de Chiaves di gloriosa memoria*, Roma, 1612. A tradução castelhana terá saído com o título de *Breve compendio de la vida santa de la venerable matrona Margarida de Chaves de gloriosa memoria*, mas dela não são conhecidos exemplares.

beatificação, impresso em Roma ano de mil e seiscentos e doze, na impressão de Bartolameu Zanetto³⁶³.

Nada a inquietava, porque em tudo punha sempre a Deus diante, do qual a não apartavam trabalhos ou gostos. Dizia-lhe que já o não buscava por seu interesse senão porque lhe parecia que não podia amar sem ele; assi nenhuma obra começava sem lhe pedir licença, nenhuma prosseguia sem invocar sua ajuda, nenhuma acabava sem lhe dar graças pelo fim. Afirmava a seu confessor que sentia tanto a presença de Deus em o Santíssimo Sacramento que, se entre muitas hóstias sagradas estivesse uma sem o ser ou uma sagrada entre muitas que o não fossem, que mostraria com o dedo uma e outra sem errar. Preguntada porque comungava tantas vezes, respondia umas palavras ardentíssimas em esta maneira: *Amor me levou ali, com amor vou ali, dali trago amor, ali busco amor, ali o acho, e achando-o guardo, porque tenho por impossível viver e não amar a quem amo mais que a minha vida.*

Teve dom de profecia e disse o dia em que havia de morrer três anos antes e outras cousas que depois sucederam. Era mui zelosa da salvação das almas e dava-lhes remédios, sem que lhos pedissem, pera as tentações que actualmente tinham. A muitos livrou Deus por suas orações de graves perigos, assi espirituais como corporais; e certa pessoa de outra ilha, indo pera cometer um pecado grave, confessou que lhe saíra ao encontro esta venerável mulher e que lhe disse: *Oi lá, não tendes vergonha de Deus?* Como ouviu a voz se atemorizou e apartou daquela ocasião de pecar. Outra pessoa tinha grandes tentações da carne e foi livre trazendo uma cinta que havia sido desta serva de Deus.

Enfim, morreu morte de mulher santa e fez Nosso Senhor por sua intercessão muitos milagres, principalmente na cidade de Coimbra aonde os mui religiosos e doutos padres da sagrada Companhia de Jesus deram grande notícia de suas virtudes por meio de certa água mui cheirosa que tinham passada por suas relíquias, com a qual na ilha de São Miguel sararam muitos enfermos e em Coimbra o padre João Baptista da mesma Companhia, bebendo desta água, foi livre de terríveis accidentes que tinha de malencolia e tristezas do coração. E outro religioso da mesma Ordem, por nome João Gonçalves, sarou com a mesma água estando unguido e desconfiado dos médicos. O Doutor Inácio Ferreira, catedrático de medicina em a Universidade de Coimbra, testificou que lhe sarara um enfermo com a mesma água, o qual naturalmente não podia viver. Outros muitos milagres fez Nosso Senhor por intercessão de sua serva que se referem na relação citada e estão autenticados em o processo que está feito pera ser beatificada pela Igreja Romana.

Havendo algum tempo que esta venerável matrona estava sepultada, a instância de Manuel Jorge Correa seu filho, por receio que tinha de furtarem

³⁶³ *Breve compendio de santa vita di Margarita de Chiaves di gloriosa memoria, ob. cit.*

os ossos de sua mãe pelos milagres que o Senhor por ela obrava, o bispo Dom Pedro de Castilho, que então era de Angra e mais ilhas dos Açores, mandou a Dom Luís de Figueiredo de Lemos, seu deão, ouvidor e visitador na ilha de São Miguel, o qual foi depois bispo do Funchal, que metesse os ossos desta serva de Deus em um caixão que foi feito, estando presentes o reverendo Padre Francisco de Araújo, religioso da sagrada Companhia de Jesus, com o irmão Domingos de Goes seu companheiro, o mesmo Manuel Jorge Correia com dous criados seus que abriram a sepultura, a catorze dias do mês de Março do ano de mil e quinhentos e oitenta e um, às oito horas da noite, pouco mais ou menos, na igreja do mártir São Sebastião da cidade de Ponta Delgada, e foi achado seu corpo com o hábito de São Francisco, estando os ossos bem compostos da cabeça aos pés e foram tirados por ordem com muita veneração, começando pela cabeça, que tinha ainda cabelos e todos ficaram envoltos em uma toalha de Holanda dentro em uma arca forrada por dentro de tafetá preto que, fechada com uma chave que ficou em poder do mesmo Manuel Jorge Correia, foi posta no fundo da mesma sepultura e por cima coberta de terra em duas pedras como estava antes; e por informação do vigairo Sebastião Ferreira e de outras pessoas dignas de fé se achou que não se enterrava depois dela outro corpo na dita sepultura e sentiram os que ali estavam que cheiravam todos aqueles ossos e a mesma sepultura suavemente.

Depois, dia de Santo António que foi a treze de Junho do ano de mil e quinhentos e oitenta e sete, acabadas as vésperas, com licença do bispo estando presente o Licenciado Simão Fernandes de Cárceres, chantre da Sé de Angra e seu vigairo-geral, com muita solenidade e cantoria de salmos se transferiram seus ossos, fechados na mesma caixa em que estavam, e assi, debaixo de um pálio de borcado que levavam sacerdotes, foram devotamente levados pelo conde Rui Gonçalves da Câmara, Dom Francisco seu filho, o Doutor Gil Eanes da Silveira, juiz de fora, o capitão Alexandre, o capitão António de Oliveira e um sacerdote, aonde foi primeiro pera ver a grande devação de todo o povo e a profunda cova que se fez em sua sepultura, tirando e levando dela terra, que todos estimavam por grande relíquia, com a qual Deus fez muitos milagres em louvor desta maravilhosa glória e resplendor das ilhas do mar Oceano, certa regra de bem viver, estímulo penetrante em nossos dias e despertador grande pera a salvação.

Tudo isto foi tirado do livro quarto, capítulo quarenta e um da *História das Ilhas*, feito pelo mui pio e sábio varão Gaspar Frutuoso³⁶⁴, nascido pera engrandecer as mesmas ilhas, a qual obra não se imprimiu, mas comunicou-ma, no

³⁶⁴ Esta *História das Ilhas* de Gaspar Frutuoso permaneceu manuscrita, uma parte até ao século passado, outra até este século. Foi editada em diversos volumes sob o título de *Saudades da Terra*. Veja-se a mais recente edição do «Livro quarto», Ponta Delgada, 1981.

que está dito, o mui zeloso de todas as histórias deste reino Manuel Severim de Faria, cónego e chantre meretíssimo da Sé de Évora.

Reviu os processos que se fizeram acerca das virtudes e milagres desta serva de Deus em pública forma o mui reverendo bispo de Angra Dom Manuel de Gouveia, em cujo bispado fica a ilha de São Miguel, e deu uma honrada sentença pera se prosseguir o negócio da beatificação desta serva de Deus, que todas as ilhas, principalmente as Terceiras, deviam procurar do Sumo Pontífice, como a mesma sentença declara em esta forma: *Mirabilis Deus in Sanctis suis*. Vistos estes autos e sumários e grande número, qualidade e autoridade das testemunhas que contestando depõem e testificam da santa vida, louváveis e santos costumes da venerável matrona Margarida de Chaves já defunta, moradora que foi na ilha de São Miguel na cidade da Ponta Delgada, nos quais costumes se prova perseverar até à morte. Vista outrossi a grande fama de santidade que neste nosso bispado e em muitos outros lugares e nobres cidades destes reinos e a devação nas ditas partes os fiéis por isso lhe têm e cotejada e conferida com sua vida e costumes a multidão de milagrosas e espantosas obras que o Senhor Deus obra pelos merecimentos desta venerável matrona, sarando maravilhosa e milagrosamente a muitos e vários enfermos que com confiança e devação se socorrem a ela, bebendo a água tocada nas relíquias de seus ossos e, tocando suas vestes, saram em brevíssimo tempo de enfermidades várias e desesperadas dos médicos, como destes sumários consta com grande número de testemunhas de muita fé, autoridade e religião. Nós, por acharmos que nosso antecessor Dom Pedro de Castilho, bispo que foi deste bispado, haver começado a fazer autos e tirar sumários sobre este negócio e em Coimbra se processaram mais largamente por Frei António de São Domingos, lente de Prima em a Sagrada Teologia na dita Universidade, por comissão do Cabido, sendo Sé vacante, o que tudo por nós visto e examinado, estando a isso presentes os mui religiosos e reverendos padres teólogos e canonistas dos quais nos autos se faz menção, de conselho, voto e parecer de todos, *Dei nomine invocato*, com o nosso fraco entendimento e parecer que nesta parte pera cousa tão alta fica tão baixo e pequeno, conformamo-nos com os sagrados Cânones e Concílio Tridentino, *authoritate Ordinarii*, julgamos a vida desta venerável matrona por santa e aprovamos seus milagres e queremos que o nosso mui santo padre Sixto Quinto, nosso senhor, hora na Igreja de Deus Presidente, ou o que pelo tempo em diante for, se apresentem estes autos e sumários com nosso despacho, que sometemos a Sua Santidade, da santa vida, louváveis costumes, espantosas e maravilhosas obras desta santa matrona Margarida de Chaves, pera Sua Santidade, *cuius est determinare de sanctitate et beatificatione Sanctorum Dei*, determine e ordene o que for mais pera glória de Deus, louvor e veneração desta santa e proveito dos fiéis; e que entretanto

à sua sepultura, em que estão seus ossos, se deve ter respeito com algum acatamento e separação das outras sepulturas. E outrossi nos parece que a Sua Majestade, como cristianíssimo e católico que é, se deve dar conta e informação destes autos pera que, dando graças a Deus, ajude e favoreça com Sua Santidade a determinação desta obra; e o mesmo se deve fazer a Sua Alteza o sereníssimo Cardeal Arquiduque, como pio e católico que é e amigo da honra e veneração dos servos de Deus, e assim a todos os reverendíssimos arcebispos e bispos destes reinos de Portugal.

Aqui se acaba a sentença acerca das virtudes e milagres da venerável matrona Margarida de Chaves, que esperamos seja beatificada pelo Sumo Pontífice, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

180. ISABEL DE MIRANDA, da ilha de São Miguel.

Foi esta serva de Deus natural da cidade de Ponta Delgada na ilha de São Miguel; seu pai chamou-se Álvaro de Miranda, sua mãe Isabel Luís; de pouca idade começou a ter conta com sua conciência e a guardar bem os mandamentos da lei de Deus e a ter exercícios, rezando muitas devações com ordem e recolhimento; sendo de treze anos a ensinou sua mãe a tecer e depois daí a dous anos a casou; e porque tinha outros intentos, padeceu grande tribulação primeiro que viesse a este estado, que foi depois de não poder mais senão fazer a vontade de sua mãe, ainda que o marido era desproporcionado de sua idade e tinha algumas cãs, ao qual depois de viver com ele sete anos sucedeu uma desgraça, pelo que lhe foi necessário ausentar-se.

Nesta ausência, que durou outros sete anos, viveu mui louvavelmente, trabalhando em seu ofício de dia e de noite, não usando de cama de colchões, jejuando muitas vezes, frequentando os sacramentos da penitência e comunhão, desejando em extremo de fazer uma vida mui espiritual e dando conta destes íntimos desejos a seu confessor, que era um religioso da Ordem de São Francisco; ele, como a via moça e casada, ainda que tinha seu marido ausente e com umas crianças mui pequenas que criava, não fazia caso de lhe praticar em os exercícios das cousas espirituais, até que um dia, vendo-a insistir com grande eficácia em esta pretensão de sua alma, lhe respondeu: *Se tanto desejas a Deus, prenda-o*. E ela, perguntando-lhe como, disse-lhe: *com penitência*; a qual amou dali por diante com novo espírito, como quem desejava chegar ao fim do que tanto buscava.

Na mesma ausência do marido teve muitos combates do demónio que por vários solicitadores procurou de lhe estorvar seu virtuoso e santo propósito, sendo cometida, por ser de bom parecer, de muitas pessoas e, em particular,

uma a perseguiu terrivelmente, mandando-lhe falar e, juntamente, que lhe pusessem diante dos olhos e lhe entregassem em suas mãos peças de muito valor e lhe fizessem promessas de maiores dádivas e ainda manifestassem que se punha a perigo de ser constrangida se não quisesse de sua vontade conceder o que lhe pediam certas mulheres que eram medianeiras, as quais ela mandou repreendidas e ensinadas como convinha, dizendo que lhe não falassem mais em tais matérias; e assi teve muitos triunfos de grande glória de Deus.

Não somente era combatida e vencedora das tentações exteriores, mas o demónio lhe fazia grande guerra com outras maiores, causando-lhe sugestões péssimas, contra as quais pelejava orando, tomando disciplinas, trazendo cilícios, jejuando e, sobretudo, afligindo-se em uma cama que tinha de restolho mui áspero, em que dormia no tempo que se viu assim tentada; chegou a tanto o demónio que uma vez lhe representou diante de seus olhos a um negro que pecava com uma mulher branca e, porque tinha grande tormento de se ver ali, teve-a como presa por espaço de meia hora, de modo que lhe parecia que, inda que fechava os olhos, nem por isso deixava de ver aqueles males e, contudo, em seu coração chamava por Deus que lhe acudisse naquele perigo e grande trabalho, porque com o temor em que se via não podia falar, até que Nosso Senhor houve por bem que saísse daquela guerra e foi pronunciando o santo nome de Jesus, com a qual desapareceu aquela infernal visão, ficando esta serva de Deus mui humilde e agradecida a Nosso Senhor e, daqui por diante, mui mais esforçada pera vencer as tentações todas da sensualidade.

Soube que seu marido, em uma ilha das Canárias aonde estava, tinha uma perna mui maltratada com chagas e grandes dores, logo fez por sua saúde romaria a São Lázaro, cuja ermida está da sua cidade perto de cinco léguas, levando consigo um seu irmão com sua mulher e outras parentas; permitiu Deus que o marido sarasse e viesse pera sua casa, que este Senhor sempre concede mais do que lhe pedem; ouvindo-lhe, pois, falar na grave doença que tivera, disse-lhe que desse graças a Deus pelo ter livre de tão grande mal e juntamente ao bem-aventurado São Lázaro, a cuja casa ela fora em romaria por amor de sua saúde; ele, em vez de lho agradecer, tratou-a com grandes afrontas de palavra e ainda tomou uma cadeira em que estava assentado e atirou-lhe com ela, como homem que perdera o juízo, dando a entender claramente que bem sabia que o tinha desonrado muitas vezes em sua ausência e que, se lhe guardara a lealdade devida, não sairia fora de casa, quanto mais tão longe como era aquela romaria. Não havia quem lhe podesse aplacar a fúria e assi andou muito tempo tratando mal sua mulher e não sabia que lhe deitar em rosto senão esta romaria que lhe disse que tinha feito por ele a São Lázaro; vendo-se a serva de Deus tão avexada e que

nenhuma cousa o podia tirar daquela falsa opinião em que andava, sem ter de ver com as abonações que dela todos lhe diziam, posta de joelhos rogou ao glorioso São Lázaro que abrisse por seus méritos os olhos da alma a seu marido e não houvesse por recebida a romaria que por sua saúde tinha feita; cousa notável, que no mesmo ponto a perna do marido desde o joelho até baixo se fez numa empola muito vermelha e feia, em a qual sentia graves dores como de antes e nunca se lhe tiraram até a morte e porventura que lhe foi assi necessário pera sua salvação, porque conheceu a inocência de sua mulher e se arrependeu muito de a ter afligido sem haver fundamento algum.

Outra cousa digna de notar lhe sucedeu na larga ausência do marido, pela qual manifestou Nosso Senhor quão leal lhe era, e foi que um seu vizinho murmurou e julgou mal dela ser muito contínua em falar com o religioso que era seu confessor, o qual não falava cousa que não fosse conveniente à santidade que professava; mas o vizinho, sem ter de ver com Deus, lhe levantava falsos testemunhos e tanto os queria pôr em pés de verdade que, estando uma vez falando com uma mulher à boca de um forno que estava ardendo, pôs-se a murmurar da serva de Deus como costumava e disse olhando pera o forno: *Em outro fogo semelhante seja abrasado, se assim não é como digo*. E dizia que era mui má a conversação da nossa Isabel de Miranda com o seu confessor. Acertou ela de o ouvir, aonde se pôs de joelhos e rogou a Deus que olhasse por sua inocência e não castigasse aquele homem como mereciam as ofensas que fazia a Sua Divina Majestade por não ter de ver com o mandamento de sua lei que obriga a não levantar a ninguém falso testemunho; e com isto se recolheu sem se queixar nem dizer nada. Dali a dez dias, deitando-se a dormir este seu vizinho, descuidou-se de apagar uma candeia de cera que estava acesa nas grades do leito e, dormindo todos, ateou-se o fogo nas cortinas, leito e roupa e, saltando da cama os filhos que tinha consigo sem o fogo lhes fazer prejuízo algum, ele ficou mui queimado por diversas partes do corpo e esteve na cama e em cura desde o domingo de Ramos, em que isto aconteceu, até à festa do Espírito Santo; e a mulher que se achou na murmuração e consentiu nela também não ficou sem castigo porque se lhe queimou muita roupa e a cama e toda sua casa foi posta a risco de ser queimada e perderia valia de cinquenta mil reis. Quando a serva de Deus soube este público castigo, mandou-lhes dizer que pedissem a Nosso Senhor perdão das culpas por que foram castigados assi tão gravemente e advertiu ao homem que se lembrasse haver dito que se não falava verdade, quando dizia o falso testemunho entre ela e seu confessor, que ardesse em fogo semelhante ao do forno; pelo que ficaram confusos aqueles dous murmuradores e, por mais que entenderam que foram castigados por terem ofendido a tão grandes servos de Deus como era Isabel de Miranda e seu

confessor, contudo nunca lhes pediram perdão e des³⁶⁵ entences nunca mais levantaram cabeça e, assi, indo de mal em peor, vieram a grande pobreza.

Seria de trinta anos quando enviuvou e, logo determinada com a graça de Deus a fazer vida mui singular, foi a sua freguesia e fez voto de perpétua castidade a Deus Nosso Senhor, tomando por sua madrinha a sagrada Virgem Nossa Senhora e, por testemunha, seu avogado São Sebastião, titular daquela igreja, em memória do qual costumava sempre rezar certo número de pater nostres e avé-marias. Acrescentou logo suas penitências e, quanto à cama, não tinha colchão senão uma manta de ourelos, mui áspera e cheia de nós, na qual dormia três noites da somana, que eram as de quarta, de sexta e sábado, e coberta com uma grossa manta reclinava a cabeça sobre uma pedra; depois mudou a cabeceira, que fosse de pau; nas outras noites não fazia muito caso de dormir e estava de ordinário assentada e encostava os braços sobre alguma cousa e assi descansava tando a cabeça sobre suas mãos; tão contínua em estar de joelhos que trazia neles mui grossos calos; trazia por camisa um pano de saco mui áspero e cheio de arestas, com que teve grande tormento, porquanto era de compreição mui dorida.

Fez grandes propósitos que guardava infalivelmente, como era de encontrar em tudo os apetites e contentar-se com as cousas da vida muito necessárias, não se ver a espelho, não lavar o rosto com as mãos senão com um pano grosso; não lavar os pés senão uma vez no ano a quinta-feira de endoenças; não trazer outro calçado senão pantufos nos pés descalços, nem deixar seus acostumados exercícios por nenhuma cousa do mundo. Também teve nova ordem em os jejuns que eram, na somana, segundas, quartas, sextas e sábados e, o da sexta, a pão e água. Quando comungava, que era de mês em mês, não comia aquele dia e folgava que fosse à sexta-feira pera maior lembrança da paixão e do mesmo modo passava as vigílias das festas principais e estes eram os dias dela mais desejados e festejados.

Tomou por seu mestre na vida espiritual ao reverendo padre Frei Brás Soares que a guiou no caminho da perfeição, como quem tinha dom de Deus pera semelhantes obras de virtude, por ser experimentado em tratar com as almas temerosas e de boa consciência, o qual escreveu uma larga história desta serva de Deus, aonde nota que era por extremo sofrida e calada e que nisto tinha grande excelência, porquanto sua mãe fora mulher da mais rija condição que nunca se viu e, contudo, sempre a sofreu com grande obediência e paz de alma. Nunca agravou ninguém, dava singular exemplo às mulheres que ensinou a tecer; assi, de sua casa saíram sete que foram casadas e viveram com louvor.

³⁶⁵ Desde.

Recolheu uma mulher do mundo e ensinou a tecer, a qual não somente aprendeu aquele ofício senão também a virtude pela imitação desta serva de Deus, grave a aprazível, prudente e modesta, amiga da paz e procurando-a que a houvesse em toda parte.

Teve seu mestre Frei Brás Soares muito cuidado de a ensinar e escreve que a levou pelos mesmos caminhos que a venerável Margarida de Chaves, achando nela notável destreza de entendimento pera compreender as regras de virtude que estão nos mais excelentes tratados da vida espiritual; fê-la comungar cada oito dias e diz que na presença do Senhor tinha grandes consolações, e não menores quando comungava somente com o desejo, como costumam as pessoas espirituais que não são sacerdotes. Ainda que tinha feito voto simples de castidade, entendeu que seria de maior louvor de Deus e proveito de sua alma fazê-lo solene com os mais de religião, pelo que fez diante de muita gente profissão conforme as mantelatas e freiras da Terceira Ordem de nosso Padre Santo Agostinho nas mãos do reverendo padre Frei Pedro da Conceição da mesma Ordem, o qual tinha pera isso poder que lhe deu o reverendíssimo e ilustríssimo Dom Frei Agostinho de Jesu, que depois foi arcebispo de Braga primaz de Espanha, sendo vigairo-geral da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho nestes reinos de Portugal; foi esta profissão feita a vinte de Janeiro de mil e quinhentos e oitenta e oito anos, na igreja do Corpo Santo da cidade de Ponta Delgada, e ficou posta nas notas de Francisco Lobo, tabalião público, e do judicial em a mesma cidade.

Era buscada esta serva de Deus de muitas pessoas que lhe pediam conselhos pera seus negócios, ou da alma, ou da vida, e também saravam por suas orações muitos enfermos, como consta da Relação que de suas cousas deixou escrita o mesmo seu confessor Frei Brás Soares³⁶⁶, e muito mais do sumário de testemunhas de suas virtudes e obras maravilhosas que em pública forma tirou o notário António Sanchez na ilha de São Miguel depois de sua morte por provisão do ilustríssimo senhor Dom Jerónimo Teixeira, bispo que foi de Miranda e então o era de Angra e da mesma ilha de São Miguel, dada com seu sinal e selo em Angra aos doze de Dezembro de mil e seiscentos e onze anos a instância do reverendo padre o Doutor Frei Jerónimo de Mesquita, prior do convento de nosso Padre Santo Agostinho de Angra, o qual esteve presente aos muitos testemunhos que se tiraram de haver sido louvável em seus costumes e ter exercitado muitas obras de vida santa, com milagres que

³⁶⁶ Fr. Brás Soares deixou, realmente, um *Memorial* ou *Processo da vida da serva de Deus Isabel Miranda tecedeira natural da ilha de São Miguel da cidade da Ponta Delgada* que se conserva hoje nos Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa (Cod. 651). Deste *memorial* me ocupei no estudo sobre «A construção da santidade nos finais do século XVI. O caso da tecedeira e viúva Isabel de Miranda (c. 1539-1610)» (no prelo).

esperamos serão alguma hora aprovados e autenticados como convém, dos quais testemunhos não porei aqui mais que um pera maior consolação dos que a conheceram e honra de nossa Ordem de Santo Agostinho, louvor de nosso Portugal e glória de Deus Nosso Senhor.

Foi, pois, chamado Sebastião Luís Cardoso, cavaleiro fidalgo da casa d'el-rei e tabalião público e do judicial em a cidade de Ponta Delgada, de mais de sessenta anos de idade, o qual jurou aos santos Evangelhos de falar em tudo verdade e disse que bem conheceu a dita Isabel de Miranda e o que dela sabia e sentia pelo juramento que tomara e do seu officio declarava em uma certidão de sua letra e sinal, que logo apresentou; nela certifica que estando seu cunhado Francisco Lopez Monis mui doente foram rogar à serva de Deus pedisse a este Senhor que lhe desse saúde; ao que ela respondeu uma vez e outra que o deixassem ir descansar com seu Criador; e assi foi, que dali a dous dias morreu. Pelo contrário, pedindo-lhe que rogasse a Deus por sua mulher Isabel do Quintal que estava mui gravemente doente, respondeu-lhe que ela não morreria daquela doença e que tinha grande mal que passar, como na verdade ao terceiro dia lhe deu um parasismo na cabeça que a não deixava dormir nem falar a propósito, o que durou por espaço de muitos dias, no cabo dos quais lhe fez Nosso Senhor mercê de tornar em si e lhe dar repouso e quietação. Afirma mais, que seu pai João Lopes estava muito doente, pelo qual fez oração e animou-o que não havia de morrer, e assi foi que depois viveu largos anos.

Depõe esta mesma testemunha que seu filho André de Pente estava maltratado com uma espinha que tinha e teve atravessada na garganta por espaço de alguns dias e, indo ter à casa da dita serva de Deus, socorrendo-se a suas orações, ela lhe pôs a mão e logo ficou livre e se lhe tirou a dita espinha. Muitas outras sobre que foi preguntado confirmou que eram verdadeiras, concluindo com estas palavras: *E assi sei que toda a gente desta ilha que desta serva de Deus tinha notícia a reverenciava e respeitava como a grande serva de Deus e é verdade que falando eu com ela muitas vezes lhe falava como a pessoa que estava vendo todos os caminhos do meu coração.*

Até aqui escrevem desta serva de Deus Isabel de Miranda, com cuja gloriosa memória o reverendo padre mestre Frei Pedro Calvo, da Ordem dos Pregadores, adorna doutamente o livro que intitulou Consolação das Lágrimas dos Justos³⁶⁷, pera glória de Deus, que seja sempre louvado. Amen.

³⁶⁷ Fr. Pedro Calvo, O.P., *Defensão das lágrimas dos justos perseguidos e das sagradas religiões, fruto das lágrimas de Cristo. Segunda parte (...) intitulada Defensão das sagradas religiões. Fruto das lágrimas de Cristo Nosso Senhor*, Lisboa, 1618, cap. XII, fl. 67r.

181. FELIPA DO ESPÍRITO SANTO, de Lisboa.

Foi religiosa do mosteiro de Chelas a par de Lisboa, o qual é da regra de nosso Padre Santo Agostinho, mui ilustre por suas mui perfeitas religiosas em todo género de virtude; entrou nele de idade de quinze anos e é cousa digna de notar-se que havia dous que era mui devota do Santíssimo Sacramento do altar e não se fartava de dar graças a Nosso Senhor de se dar tão liberalmente aos seus fiéis; que como no Velho Testamento lemos que tão farto ficava quem tomava pouco como quem tomava muito do maná, pelo qual era também semelhante ao coentro de Palestina, do qual escreve Filo que tem tanta força em uma lasca que nace dela um pé de coentro muito fermoso como se semeara um grão inteiro ou a metade dele, também em o Novo Testamento lemos que o Senhor partiu em pedaços aqueles cinco pães e dous peixes e tão fartos ficaram e satisfeitos os que receberam pequena porção como os que tiveram quinhões grandes, figuras do Altíssimo Sacramento do altar que os fiéis cristãos recebem, e tanto se for a hóstia pequena ou uma partícula, ou parte dela, quanto se for mui grande, como esta serva de Deus muitas vezes praticava e declarava por outras comparações; e como festejava quanto podia a festa do Santíssimo Sacramento sendo secular, o mesmo fez sempre despois que foi religiosa, e quanto mais crecia na idade tanto mais se empregava nesta devação, de modo que, despois que houve no seu mosteiro confraria do Santíssimo Sacramento, lançavam sortes as religiosas sobre quais haviam de ser mordomas e de ordinário saíam as que ela desejava e uma vez disse alguns dias antes que, se tirassem as sortes quais haviam de ser, tinha à sua conta fazer os gastos da cera em todos os anos, aos quais não chamava gastos, senão gostos, porque os não tinha maiores.

Quando entrou no mosteiro era reformadora e prioressa perpétua dele Dona Maria da Silva, de quem el-rei Dom João o Terceiro disse, por ser mui grande religiosa, que tomaria podê-la pôr em todos os conventos das freiras de seu reino pera os governar; e vendo tão excelente religiosa como era Felipa do Espírito Santo, lançou mão dela para levar seus intentos adiante, encomendou-lhe a criação das noviças, às quais ensinava com grande cuidado suas obrigações e, por que não se esquecessem, tinha-as todas escritas em uma távoa que estava em lugar público; ensinava-lhes as cerimónias e a cantar no coro com muita devação, dando-lhes maravilhoso exemplo na continuação, na gravidade, no cumprimento de todos os officios que nele fazia.

Era penitente de modo que dormia sobre uma cortiça e tinha por cabeceira um pedaço de madeira, lembrando-se que o Filho da Virgem, andando na terra, não tinha muitas vezes aonde dormir nem aonde reclinar a cabeça. Jejuava com grande pontualidade e, quando lhe era forçado comer carne e

deixar o jejum, tirava de si algumas esmolas para os pobres ou mandava dizer missas, e assi ficava nas doenças refazendo os exercícos que fazia quando tinha saúde. Suas principais occupações eram as da comunidade; depois que as cumpria, tratava das particulares de sua cela, sendo fácil e pronta em servir, amiga de cantar certo, recolhida no conversar e mui agradecida a qualquer benefício que lhe faziam; desconcertou um pé, com o que lhe veio o que mais desejava, que era não ter offícios no convento, para mais se dar à oração mental, em que recebeu de Nosso Senhor muitos favores.

Procurava sempre a consideração de ter a Deus presente e por isso estava diante do Santíssimo Sacramento com grande reverência e continuação, maiormente se recolhia depois de se confessar, havendo que, como é necessário que fuja dos ventos quem tomou banhos, assi deve evitar as práticas humanas quem recebe os sacramentos divinos; e não somente ao tempo em que se confessava ou comungava, senão em todo o que podia andava tão embebida nos mistérios do Filho de Deus, ao qual trazia diante dos olhos de sua alma, que vivia triste porque não representava assi frequentemente a Virgem Nossa Senhora, a qual um dia se foi com esta pena e levou um ramalhete muito fermoso à imagem da Senhora que estava em um altar do coro, mas tão alta que era impossível chegar-lhe e a imagem de Nossa Senhora se dobrou e lhe tomou o ramalhete da mão.

Assi está em uma relação escrita em vinte de Outubro de mil e seiscentos e dezoito, porque um confessor desta serva de Deus que fez officio de seu enterramento e conta este favor celestial que deixamos de referir mais largamente, esperando que seja mais comprovado com outros muitos que sucederam a esta mui louvada religiosa, da qual no primeiro tratado do livro que se intitula Princípio do Amor de Deus, imprimiu Domingos Velho³⁶⁸ o seguinte testemunho: *Bem notória é a fama de santidade da madre Felipa do Espírito Santo, religiosa que foi do mosteiro de Chelas junto da cidade de Lisboa, mulher era destes tempos, porque faleceu no ano de mil e seiscentos e dezassete; pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.*

³⁶⁸ Domingos Velho, *Princípio do divino Amor e considerações de Jesus. Dirigido a Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento*, Lisboa, António Álvares, 1625, fl. 44v.

182, 183 E 184. DE TRÊS MULHERES a que sucederam certos casos notáveis neste reino.

De algumas mulheres escreve o Padre António de Vasconcelos em sua Descrição de Portugal³⁶⁹ que, ainda que não sabemos que fossem mui ilustres em virtude, contudo não foram más e porque conta algumas cousas dignas de memória que lhe sucederam não deixaremos de também as repetir, ainda que sejam muito breves.

A primeira foi uma mulher pobre que, andando apanhando lenha pela praia do mar em Matozinhos, termo do Porto, foi tão ditosa que achou o braço que faltava à milagrosa imagem do Crucifixo de Bouças, a qual veio àquela terra pelo mar e foi achada nele sem um braço e, por mais que lhe faziam alguns, nenhum prestava, até que esta mulher achou o que temos dito e pondo-o algumas vezes no fogo saltou fora dele, pelo que, inspirada por Deus, deu conta ao cura e trouxe-o à igreja aonde assi ficou posto em o lugar desejado como se logo em seu princípio fora feita com ele a dita imagem, que é a mais antiga que sabemos em nosso Portugal, entre as de Cristo Senhor Nosso crucificado, por sinal que tem um olho no céu, outro na terra, quatro cravos, dous em as mãos e dous em os pés, e outras particularidades que denotam antiguidade e grande devação.

Outra mulher houve em Santarém que também não devia ser má, à qual sucedeu que um mancebo prometeu casar com ela diante de um crucifixo, aonde agora estão os monges da Ordem do glorioso São Bento, e, como negasse a palavra que lhe tinha dado, deu a este Senhor por testemunha e, levando consigo a justiça, pediu-lhe humildemente que significasse como diante de Sua Divina Majestade aquele mancebo lhe tinha prometido ser seu marido; a sacratíssima imagem abaixou notavelmente a cabeça e assim ficou com ela manifestando ser verdade o que aquela mulher dizia.

Em a mesma vila de Santarém houve uma mulher casada a quem o marido dava mui mau tratamento e, desejando de viver em paz com ele, foi-se aconselhar com uma judia, a qual lhe prometeu certo remédio, mas que lhe havia de trazer uma hóstia consagrada pera com ela o aperfeiçoar como convinha pera ter efeito; a pobre mulher, enganada, foi comungar à igreja e de tal modo se houve que tomou o Santíssimo Sacramento do altar em a touca de sua cabeça e, indo-se pera casa, toda a touca se ia enchendo por todas as partes e salpicando de gotas de sangue, até que a tomou e a pôs em uma arca; e como seu marido visse a par dela grande resplendor, perguntou-lhe pela causa, a qual a mulher lhe contou como na verdade passara o negócio; vieram os clérigos da vila e os religiosos de São Domingos e acharam a sa-

³⁶⁹ P. António de Vasconcelos, *Descriptio Regni Lusitani*, ob. cit., p. 560-561, n. 33.

grada partícula abocanhada e feita carne dentro de uma âmbula de cera, a qual foi posta com muita veneração na igreja, aonde sucedeu que foi depois milagrosamente metida por mãos dos anjos em uma âmbula de cristal, em que agora está mui venerada e não se mostra senão com muita solenidade. Não é cousa tão alheia de verdade o que dizem algumas pessoas que é visto nesta partícula Cristo Senhor Nosso algumas vezes em várias figuras que o não tratem e afirmem Pedro de Mariz em um livro que nos deixou deste milagre³⁷⁰ e juntamente o Padre António de Vasconcelos em sua Descrição de Portugal³⁷¹. A toalha ou touca foi levada ao mosteiro de São Domingos daquela vila, aonde agora está com muitas outras relíquias, e não deixou a mulher de fazer penitência e alcançar a paz que desejava em sua casa, ficando com seu marido mui devota do Santíssimo Sacramento, que seja sempre louvado. Amen.

185. CATERINA DA MADRE DE DEUS, de Elvas.

Foi natural de Elvas e veio a ser religiosa de Santa Clara em a dita cidade; tinha tal fama de virtude que querendo a duquesa de Bragança Dona Isabel, mulher do duque Dom Teodósio, primeiro deste nome, povoar de religiosas de Santa Clara o mosteiro que tinha edificado em Vila Viçosa com título de Nossa Senhora da Esperança, foi escolhida pera primeira abadessa dele, aonde trazendo consigo outra religiosa também de muita virtude, por nome Joana de Jesu, lançou os fundamentos da religião em aquele mui observante mosteiro.

Foi muitas vezes eleita por abadessa e no último triênio lhe deu o ar de modo que não podia bem falar, nem escrever, e somente a entendia uma religiosa que criara de menina, a qual tinha por intérprete em suas confissões e recebia a santa comunhão com muita devação e lágrimas. Durou-lhe este trabalho sete anos e alguns oito meses; na derradeira Páscoa que viveu, disse a religiosa que a curava que lhe fizera Cristo Senhor Nosso tão grande mercê como foi aparecer-lhe ressuscitado com uma cruz mui clara de modo que a candeia que tinha acesa ficara escura. Pediu com muita eficácia a outra religiosa chamada Isabel da Conceição que rogasse a Nosso Senhor que fosse servido de a levar para si e tirá-la do trabalho em que vivia; estouta religiosa, que era também de grande virtude, adoeceu e morreu em breve tempo e

³⁷⁰ Pedro de Mariz, *História admirável do santíssimo milagre de Santarém que aconteceu na igreja do proto-mártir Santo Estêvão, em o Santíssimo Sacramento do altar (...)*, Lisboa, 1612.

³⁷¹ António de Vasconcelos, *Descriptio Regni Lusitani*, ob. cit.

despois apareceu a dita enferma Soror Caterina da Madre de Deus e disse-lhe que se consolasse muito porque só uma religiosa naquele convento havia de passar desta vida primeiro que ela e, como a visse morrer, se aparelhasse; o que fez com sumo gosto e consolação despois da morte de uma religiosa até que, véspera dos Apóstolos São Simão e São Judas, mandou chamar a madre abadessa, que então era pela religiosa que criara porque só ela a entendia, chamada Caterina da Trindade, e pediu o hábito pera a mortaharem, como é costume da Ordem, e que logo lhe dessem a Santa Unção, porque ainda que sabia de certo que tinha de viver mais um mês não queria nele ter outro cuidado senão aparelhar-se pera morrer; e quando lhe chegou o dia de sua morte, que foi o da festa de Santa Cecília virgem e mártir, de madrugada lhe apareceram alguns santos que tinha por avogados, mas somente nomeou estes dous, o grande Baptista e o seráfico Doutor São Boaventura.

Morreu no mesmo dia à noite e pela manhã a enterraram; sucedeu que as religiosas lhe haviam de fazer o officio com cantochão e não puderam senão a vozes, que foi notável sinal de ela estar em a glória, como também se viu noutra caso, e foi que a sua companheira que a curava era mui atormentada de dor de enxaqueca e com se lhe fazerem muitos remédios nada lhe aproveitava e, compadecendo-se dela Soror Caterina da Madre de Deus, disse-lhe que, se fosse tão ditosa que merecesse ver a Deus, lhe prometia de alcançar dele que não tivesse mais aquela enfermidade e desde o dia em que faleceu nunca mais sentiu a dor de enxaqueca esta sua companheira. Também havia muitas chuvas naqueles dias em que estava enferma e disse-lhe uma religiosa, zombando, que não morresse em dias de tanta chuva, ao que ela respondeu que seria o dia em que a enterrassem como de verão; e assim foi que o dia em que morreu teve muito vento, mas o em que a deram à sepultura parecia de verão, como ela tinha dito. Faleceu com excelente fama de virtude, a vinte e dous de Novembro de mil e quinhentos e sessenta e oito anos, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

186. MARIA DA CRUZ, de Vila Viçosa.

Esta religiosa foi natural de Vila Viçosa e fez profissão no mosteiro das Chagas, que é da Ordem de São Francisco, aonde se deu principalmente à oração e meditação da vida e paixão de Cristo Senhor Nosso, o qual lhe apareceu uma vez com a cruz às costas e, não sabendo o que significava, despois andando o tempo veio a entender que este Senhor queria que o seguisse com padecer muitos trabalhos além do amor e temor com que o servia; e assi foi que, desejando a duquesa de Bragança Dona Isabel uma

religiosa da observância pera o seu mosteiro da Esperança, aonde as religiosas estão claustrais, escolheu pera prelada e mestra a esta religiosa, a qual por espaço de trinta anos deu perpétuo exemplo de observância àquelas religiosas, não padecendo poucos trabalhos, como o Mestre Celestial lhe tinha representado em si mesmo, o qual, assi como as aves voam carregadas com suas penas e com as asas abertas, assi quer que nossas almas vão crucificadas pera o céu, sofrendo por amor dele trabalhos, angústias e tribulações. E é cousa de notar que trinta anos viveu esta serva de Deus com sua cruz, porque destes anos se desposavam os antigos e assi os passou com muita paciência até entrar em as vodas celestiais, aonde piadosamente podemos crer que está, porque teve muitos méritos em vida e preparou-se pera a morte com os sacramentos que recebeu, mostrando muita devação; e assi deu seu espírito a Deus no oitavário de São Francisco, a dez de Outubro de mil e quinhentos e oitenta e oito, sendo de idade de setenta e sete anos. Quando seu corpo foi enterrado, levantou-se de sua sepultura um lume como de uma vela e no mesmo tempo, sendo já noite, foi vista a torre dos sinos com tão extraordinária claridade que parecia estar cheia de luminárias, em sinal de ser esta serva de Deus mui clara em virtudes e dignas de serem apregoadas em todo mundo, pera glória do mesmo Senhor. Amen.

187. INÊS DE JESU, de Estremoz

Naceu na vila de Estremoz e logo que teve uso de razão se inclinou a bons exercícios, crescendo tanto neles quanto na idade; era amiga de estar só, em lugares solitários; rezava com muita devação, tomava algumas disciplinas e folgava muito com livros espirituais, pelo que veio a ser freira da Ordem de São Francisco no mosteiro da Esperança de Vila Viçosa, aonde não parece que aprendia as virtudes religiosas senão que as continuava, como sempre fizera em casa de seus pais; contudo, na pobreza se esmerou como em principal excelência de sua profissão; nunca teve em sua vida mais que um hábito e um manto de pano, não tinha outro véu mais que um pano da Índia tingido, só tinha duas toalhas de tocar e dous guardanapos. Era verdadeira pobre de espírito, porque seus pais eram ricos, mas ela não queria que lhe dessem cousa alguma, contentando-se com o provimento da comunidade em tudo, sendo mui humilde de coração; e porque o verdadeiro humilde há-de querer ser vil, não consentia que fizesse outrem os ofícios de baixeza aonde ela estava; sobre este alicerce levantou o edifício das virtudes em sua alma, seguindo sempre as comunidades e sendo tão dada à oração que, depois de matinas, à meia-noite, ficava de ordinário no coro até à prima, parecendo-lhe todo tempo pouco pera tratar com Deus, e assi fugia de conversações,

não digo de pessoas de fora, que as não conhecia, senão de sua própria irmã carnal que tinha em o mesmo mosteiro, sabendo que se pusermos uma pasta de ouro diante dos olhos não nos tirará menos a vista do céu que uma telha ou um ladrilho de barro; assi era apartada das práticas demasiadas, ainda que fossem com pessoas muito boas, pera que não lhe estorvassem outras melhores com Deus Nosso Senhor, a quem amava e trazia presente diante de seus olhos de dia e de noite e, pera mais avivar a memória deste Senhor, o representava em a figura do Menino Jesu; assi, quando estava na mesa deixava a fruta se a havia a este Senhor esposo seu e a quem a notava de tão abstinente dizia que deixava aquelas cousas porque lhe faziam mal.

Não somente era boa pera si, mas também tinha muita caridade com as outras religiosas, às quais socorria com suas orações porque não podia com outras caridades. Sabendo que uma religiosa de seu mosteiro andava mui afligida com a força de certa tentação, chegou-se a ela e prometeu-lhe remédio, o qual foi que fossem ambas ao coro aonde estiveram diante do Santíssimo Sacramento uma hora, depois da qual esta serva de Deus se levantou da oração e a outra religiosa se sentiu mui consolada e nunca mais foi tentada. Semelhantemente foi livre outra religiosa que lhe manifestou a tentação que a perseguia, pela qual tomou uma larga disciplina. Mostrou ser imitadora de Cristo Senhor Nosso em muitas cousas e grandemente seguidora da doutrina evangélica, o que se viu porque outra religiosa a injuriou com palavras ásperas e, contudo, tanto lhe desejava bens e a amava que dizia a sua irmã que lhe parecia que era constringida a abraçar todas as vezes que havia e que sempre a encomendava a Deus e no ofício que tinha de prover as religiosas a nenhuma folgava de dar o melhor senão a esta; obra verdadeiramente de perfecta porque amar a quem faz bem é cousa que fazem os gentios, mas amar a quem nos faz mal é próprio dos servos de Cristo, os quais se devem amar como este Senhor nos amou, que foi morrer por nós sendo nós pecadores e seus inimigos.

Vindo o tempo de sua morte, preparou-se pera ela com grande vigilância, encomendando-se a Deus com maior fervor e recebeu os sacramentos estando devotíssima. Acabando de espirar, ficou com o rosto assi resplandecente que lho não cobriram como é costume às outras defuntas naquele convento. Faleceu a oito de Novembro de mil e quinhentos e setenta e um anos, tendo vinte quatro de idade, três meses e sete dias. Disse uma religiosa que daí a trinta dias lhe apparecera com uma grinalda de flores na cabeça, vestida de branco. Também pelo tempo adiante foi aberta a sepultura em que foi posta, e ainda que o corpo todo estava gastado, todavia a sua caveira tinha os miolos alvos e sem corrupção alguma e sobre ela o véu, que todo foi levado em relíquias e dizem que com ele fez Deus Nosso Senhor alguns milagres e benefícios. Tudo o que está dito destas religiosas foi tirado de memórias escritas e tradições do mesmo mosteiro, pera glória do mesmo Senhor. Amen.

188. DONA BRIATIS DE VILHENA,
condessa do Vimioso,
pertence a Évora.

Foi filha do senhor Dom Álvaro, irmão do duque de Bragança Dom Gemes e mulher de Dom Francisco de Portugal, primeiro conde de Vimioso, a qual, como ele faleceu, tomou o hábito da Ordem do nosso Padre Santo Agostinho e fez profissão solenemente como costumam as terceiras ou mantelatas da nossa mesma Ordem, as quais vivem em suas casas na observância dos votos e regra que prometem e a este modo de vida, desde o tempo dos Apóstolos em a igreja concedido aos fiéis cristãos descendentes dos gentios, aos quais se queriam ser religiosos não obrigavam a deixar todos seus bens senão que ficavam com o uso deles em suas próprias casas, como escreve São Leandro, arcebispo de Sevilha, no capítulo dezassete de sua Regra³⁷², escrevendo a sua irmã Santa Florentina que antes era das religiosas que vivem em mosteiros, como em tempo dos Apóstolos faziam os judeus cristãos que queriam ser religiosos, porquanto estavam catequizados³⁷³ com a Lei e por isso se convertiam a ser religiosos com maior perfeição, deixando todas as cousas; as palavras de São Leandro são estas: Mientras los apóstoles no pudieron reducir a la forma de su vida a la Iglesia que venía de los gentiles, permitieronle el vivir privadamente y usar de sus propios bienes; pero los que los hebreos creyeron a los apóstoles, guardavan la misma forma que agora tienen los monasterios.

Perseverou esta senhora todo o resto de sua vida em grande virtude, recolhimento singular e mui louvável frequência dos sacramentos, governando sua casa com muita prudência e ensinando a todos os que estavam à sua obediência a lei de Deus com grande cuidado e sempre guiava seus filhos ao serviço de Nosso Senhor, tendo diante dos olhos a gloriosa nossa madre Santa Mónica, da qual diz seu filho nosso Padre Santo Agostinho que o tornou muitas vezes a parir com dores de alma, procurando que sempre crescesse na observância da lei divina.

Ajuntou a isto grande despreço das cousas do mundo com que se tratava, fazendo contínuas esmolas e servindo muitas vezes aos pobres com grande humildade, sendo exemplo às outras de sua qualidade, pera se darem de todo ao serviço de Deus Nosso Senhor e esquecimento do mundo, virtude que deixou tão arreigada em sua casa que parece dela a herdaram seus descendentes, como se vê no exemplo que em nossos dias deram a todo este reino os senhores dela.

³⁷² Veja-se a tradução e edição, por Fr. Prudêncio Sandoval, da *Regla y Instruccion que S. Leandro Arzobispo de Sevilla dio a su hermana Santa Florentina (...)*, Valladolid, 1604.

³⁷³ No original está *catechizados*.

Tinha muita oração, que é coração de toda a vida espiritual; tratava-se com grande rigor e penitência e por modo tão acertado e grave que a ninguém ficava lugar pera o poder notar. Assi, cheia de virtudes e carregada de merecimentos, se foi a gozar dos bens eternos. Sepultou-se na capela-mor do mosteiro de Nossa Senhora da Graça da cidade de Évora, como o conde seu marido, padroeiro dela. Tudo isto pela maior parte foi tirado das memórias que temos dos religiosos e religiosas que foram ilustres em virtudes e letras em esta Província da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho dos nossos reinos de Portugal, estendida do Ocidente até o Oriente, de cujos méritos foi participante tão soberana condessa e dos de toda nossa Ordem. Ainda que havia de ser escrita neste livro antes de muitas por ser mais antiga, pusemo-la neste lugar pera que ficassem as últimas adornadas, como ficam em sua memória, por amor da qual Nosso Senhor seja sempre louvado. Amen.

189. MARIA RAIMUNDES, de Lisboa.

Naceu na cidade de Lisboa, rainha do mar Oceano e cabeça do nosso reino de Portugal, em a qual se acha mais variedade de gente que em nenhuma outra do mundo. Seu pai chamou-se Fernão Nunes de Carvalho, a mãe Caterina Raimundes, ambos bem nascidos e nobres, não só de geração, mas de virtude, verdadeira e principal nobreza dos cristãos e, como tais, a criaram em temor de Deus, afeiçoando-a sempre às cousas de seu serviço.

Puseram-lhe no baptismo o nome de Maria por devoção e reverência da Virgem Nossa Senhora, a quem antes de nacer a ofereceram porque, andando a mãe prenhe com grandes medos do parto, como é ordinário das mulheres, especialmente nos primeiros partos qual este era, encomendava-se muito a Nosso Senhor, tomando por sua medianeira diante dele a Rainha dos Anjos que a favorecesse e ajudasse no trabalho de seu parto; estando, pois, um dia com grande fé que a Senhora lhe acudiria, ouviu uma voz clara e mui suave que lhe disse não temesse porque havia de parir uma filha, à qual pusesse nome Maria, em louvor da Sagrada Virgem, cuja serva havia de ser.

Sobressaltada a mãe com a voz e duvidosa se a ouvira ou a devoção da Senhora lhe representava tais palavras, tornou a ouvir segunda vez mais claro o que de antes e, não acabando ainda de se certificar se era voz a que lhe falava se imaginação sua, a tornou a ouvir com grande clareza, imprimindo-se uma notícia certa em sua alma da mercê que Deus lhe prometia, da qual deu conta a seu marido e juntamente com ele muitas graças a Nosso Senhor, determinando pôr-lhe o nome de Maria, como fizeram, criando-a sempre em a devoção da Sagrada Virgem.

Ainda que a desejavam fazer freira, contudo, porque não tinham de quem esperar, senão dela, descendência de sua geração, resolveram-se em a casar e, logo que teve idade, o contrataram com Manuel da Fonseca Nóbrega, corregedor que foi da corte d'el-rei Dom João e Dom Sebastião, mui favorecido deles.

Sentiu muito a filha a determinação de seus pais, porque tinha diferentes desejos que eram ser religiosa; mas como era de pouca idade e por extremo sujeita, não pôde encontrar o que dispuseram, de modo que teve efeito o casamento, depois do qual propôs viver de maneira que pudesse alcançar o que no outro estado de religião pretendia; pelo que, com a liberdade de ser senhora da casa e estar fora da obediência de seus pais, acrescentou outros exercícios santos aos de recolhimento e oração que sempre fizera; jejuava quatro dias na semana, segundas, quartas, sextas e sábados; continuou nestes jejuns todo o tempo que foi casada, sem seu marido lhe pôr impedimento algum, antes como temente a Deus folgava de ver a mulher inclinada a tanta virtude.

Nestes quatro dias que jejuava tomava disciplinas e às vezes de sangue, a tempo em que todos os de sua casa dormiam e em lugares mais escusos. Tratava-se dentro em sua casa em tudo o que podia e era lícito a seu estado, não como senhora senão com muita humildade, pelo que estando à mesa com seu marido, sem ele o entender, comia muito pouco e às vezes do peor, dizendo que lhe sabia bem. Nunca de sua boca saiu palavra que tocasse em mal de terceiro e assim a não podia ouvir sem mostrar sentimento, reprimendo a quem a dizia, se era pessoa sobre quem tinha domínio.

Não foi Deus servido dar-lhe filhos, pelo que propôs em sua vontade tomar em lugar deles aos pobres, com os quais gastava o que lhe parecia poder gastar com seus filhos se os tivera, além de que tudo quanto podia haver em sua casa e o marido não encontrava lhes dava e se eram enfermos servia-os com grande caridade, fazendo-lhes o comer, não só em sua casa, mas com suas próprias mãos, mandando-lho por seus moços com muito cuidado e diligência a suas casas; e como tinha grande devoção em este santo exercício, procurava sempre saber os enfermos pobres que havia na freguesia em que morava para usar com eles desta caridade, com que remediava a muitos.

Nestes exercícios gastou dezassete anos depois que casou, mas, desejosa de se dar a outros mais altos e ter outro modo de vida mais rigorosa, alcançou de seu marido licença para viver apartada dele nas mesmas casas com voto de continência que de seu consentimento fez, com o qual viveu dezoito anos mais até o marido morrer, servindo-o sempre com grande amor e diligência, tendo sua casa mui concertada e composta em todas as cousas, com a limpeza e ornato devido a seu estado.

Como se a serva de Deus viu livre da coabitação do marido, acrescentou muitas e mais rigorosas penitências às que nos outros anos costumava fazer,

porque se cingiu com um áspero cilício, dobrou as disciplinas tomando-as cada dia, aos jejuns acrescentou não fazer colação à noite e ser o de sexta-feira a pão e água, dobrou as horas de oração, em que gastava a maior parte da noite e muita do dia.

Vivia em aquele tempo o venerável padre Frei Luís de Montoya, de cuja vida e milagres anda impresso um livro³⁷⁴; e como morava de ordinário em o convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, continuava nele a serva de Deus Maria Raimundes, pela grande devação que tinha à Virgem Nossa Senhora e juntamente polo bom exemplo e ensino que recebia dos religiosos daquela casa e tinha por seu mestre e guia na vida espiritual ao dito padre Frei Luís de Montoya, o qual chegou a tê-la em tal conta de virtude que lhe dava a sagrada comunhão três vezes na semana; e por conhecer bem sua vida, dava-lhe a lavar os panos que lhe emportava ter enxutos, muitas vezes das contínuas lágrimas que derramava.

Era por extremo amiga de ajudar e favorecer pessoas de boa vida e aos pobres ordinários que andam pelas portas também acudia quanto suas forças podiam abranger. Tinha grande compaixão dos cativos que estavam em poder dos infiéis e quando tinha posse sempre dava alguma esmola pera seu resgate e o que não podia com obras supria com orações; donde, em um caderno que seu confessor lhe mandou fazer em que lhe desse clara notícia das cousas que lhe sucediam no caminho da perfeição, escreve as palavras seguintes.

Dando-me em uma terça-feira de madrugada Nosso Senhor, por sua muita bondade, uma grande consolação e alegria na alma, tive um intensíssimo desejo que comunicasse Nosso Senhor aquela consolação que eu sentia e a passasse de todo de mim àqueles que estavam em trabalhos e aflições desconsolados; pedindo-lhe isto com grande afeito, lhe perguntei, não sei como, de quem era servido e queria que eu oferecesse tudo o que neste dia padecesse ou fizesse por ele e fosse servido de me dar e logo pelo Senhor me foram apresentados os cativos que estão em poder dos infiéis, pelos quais eu tantas vezes orava; e desejando saber que faria por eles que o mais contentasse e com que melhor pudesse cumprir o que me mandava e melhor os pudesse ajudar, foi-me dito que ouvisse missa por eles e adorasse com grande fé e reverência e devação o Santíssimo Sacramento do altar, no que fiz como pude o que o Senhor quis e Ele sabe; que seja glorificado e louvado pera sempre. Até aqui são palavras desta serva de Deus.

Se tinha grande amor aos próximos nas necessidades corporais, maior o tinha de os socorrer nas espirituais; assi, estando um dia da Encarnação do

³⁷⁴ Refere-se a Fr. Jerónimo Román, *Historia de la vida del muy religioso varón Fray Luys de Montoya de la Orden de Sant Agustín, vicaire general en la Provincia de Portugal de la misma Orden*, Lisboa, s. d. [c. 1588].

Senhor contemplando nesta divina obra de se o Filho de Deus fazer homem, teve uma notável representação de quantos havia no mundo que não se aproveitavam de tão excelente benefício nem queriam crer tão grande mistério; foi tal o sentimento que concebeu, pelo muito que amava a todas as almas, que entrou em um grande acidente de tremor de todo o corpo com tal bater de dentes que lhe parecia se quebravam uns com outros e todos os membros se lhe desconjuntavam e despedaçavam; e foi tal a dor e horror desta representação que por muitas horas lhe pareceu que acabava a vida sem em todas elas tornar em si.

Fazia muitas vezes particulares devações pelas almas do purgatório, pedindo a Nosso Senhor lhes encurtasse o desterro e as tirasse das penas que padeciam. Com este intento mandava dizer muitas missas e toda a vida ofereceu por elas todas as obras satisfatórias que fazia nas segundas-feiras, ardendo algumas vezes tanto na caridade que usava com elas que, esquecida de si mesma, lhe aplicava todas quantas obras de bem tinha feito em sua vida até àquela hora em que rogava por elas.

Mitigava-lhe muitas vezes Nosso Senhor a dor que tinha das penas que as almas padeciam no purgatório com lhe representar o gozo das bem-aventuranças que estão no céu e assi diz em outro apontamento do seu caderno:

Num dia destes, estando derramando grande cópia de lágrimas pelos males dos próximos, quis meu Senhor que me lembrasse das almas do purgatório e lhe oferecesse por elas aquelas lágrimas e todas as mais obras que em aquele dia de sua divina mão havia recebido e, fazendo-o eu assi por mo ele mandar, tendo grande compaixão e sentimento do que elas padeciam em o não ver, estando na maior força dele, foi-me dado conhecimento claro de como os bem-aventurados estão gozando de Deus cheios de toda alegria e glória, com segurança de [ja]mais o perder, antes com certeza de o haverem de possuir pera sempre e via-as todas cheias do mesmo Deus e tão ricas dele e com ele que não há poder-se imaginar, nem chega o entendimento humano a podê-lo compreender. Presa nesta alegre vista e suspensa em este suave pensamento, passei-me subitamente a outro efeito diferente do primeiro e fui aliviada de todo na pena e dor que de antes sentia.

Do grande amor que tinha a Deus eram testemunhas as muitas horas que gastava em oração e quão alienada ficava só de ouvir falar nele. Dizendo-lhe uma vez certa pessoa de sua casa que fora ouvir um pregador que todo o sermão gastara em provar como Deus criara todas as cousas pera o homem e o homem só pera si, ouvindo esta palavra, ficou com os olhos abertos e imóveis postos nela, tão trasportada e alheia dos sentidos que por muitas horas não entrou em si.

Por espaço de vinte anos se aproveitou da doutrina do venerável padre Frei Luís de Montoya, religioso de nossa Ordem de Santo Agostinho, e depois

de sua morte ficou continuando sempre com os religiosos da mesma Ordem em o nosso convento de Nossa Senhora da Graça, buscando os que melhor pudessem encaminhar seu espírito. Mas foi Nosso Senhor servido que tivesse gravíssimos trabalhos e a origem foi que nas alterações passadas sobre a pretensão deste reino, de tal maneira se houve Manuel da Fonseca seu marido que morreu na entrada do Duque de Alva em Lisboa e não sendo havido por morto o condenaram a perdimento de toda sua fazenda, de que logo foi desapossada sua mulher Maria Raimundes; e havendo sido até então tão rica e abastada, se viu subitamente em um extremo grau de pobreza, à qual se seguiu outra maior, que a levaram presa fora do reino e foi posta no castelo de São Torcaz, aonde esteve três anos com notáveis necessidades, trabalhos e desemparos.

Passou com muita paciência, assi a morte do marido a quem queria muito, como o trabalho do desterro e afrontas da prisão, acrescentados com pobreza e necessidade que padecia; e vendo-se em tão diferente estado do que em outro tempo tivera, encolhia-se de todo consigo, persuadindo-se com grande humildade que daquela maneira, não de outra, merecia ser tratada de todas as criaturas por suas grandes culpas e imperfeições.

Eram grandes os trabalhos que padecia naquela prisão, porque, como se cuidava que seu marido era vivo e sabia aonde ele estava, muitas vezes a levavam a perguntas ante juizes severos que a tratavam com rigor de palavras e ainda de obras, mandando-a pôr a tormento e vendo-se à vista dele e que os algozes que lho haviam de dar a mandavam despir, posto que nunca chegou a o receber; apertada com tal afronta, levantava os olhos a Deus e prendia seu pensamento umas vezes na contemplação de sua fermosura e grandeza, outras no que o mesmo Senhor padecera diante de outros bem diferentes juizes, com os quais pensamentos ficava tão absorta e alienada que a nenhuma coisa das que tinha presentes advertia e de todo se esquecia do trabalho em que estava; desta maneira gastou uma vez o dia inteiro, metida em profunda contemplação, e só quando a espertavam e apertavam que respondesse, dizia: *Louvado seja meu Senhor Jesu Cristo, nenhuma coisa sei das que me preguntam.*

Com estes trabalhos ardia em um admirável desejo de se ver com Cristo Senhor Nosso, deixadas as cousas desta vida; assim, uma vez, parece que por lhe fazerem medo, foi levada de tal modo a estas perguntas que se persuadiu que a levariam a morrer e gerou-se-lhe um notável alvoroço de ver que aquele meio se lhe encurtava seu desterro e iria gozar da clara vista de seu Senhor; assi, deixando o receio de padecer tal morte, ia com um impetuoso desejo de se lhe não estorvar por algum caso, com que se lhe imprimiu na alma grandíssima fortaleza pera receber a morte, que cem mil vidas dera e outras tantas mortes recebera por alcançar tão grande bem como ver claramente ao Senhor que sempre amou.

Logo que constou da morte do marido foi solta e, vindo-se pera o Reino, em nenhuma casa entrou primeiro que na de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, da qual em sua prisão somente tinha saudades; e como lhe não restituíssem fazenda alguma, nem a do marido nem a sua, ficou totalmente sem remédio, vivendo de esmolas que algumas pessoas nobres lhe faziam; mas como a vida desta serva de Deus foi larga e a caridade de muitos se resfriasse, ficou padecendo muitos anos extremas necessidades, as quais passava com grande paciência, alegrando-se de viver em estado de pobreza que sempre desejara.

Depois destes trabalhos, ficou totalmente morta ao mundo e toda viva pera Deus, frequentando os sacramentos, assi que até à sua morte recebeu o do altar cada dia, tendo saúde, no mosteiro de Nossa Senhora da Graça, estando enferma como esteve alguns anos antes da morte no oratório que tinha em sua casa, aonde os mesmos religiosos de Nossa Senhora da Graça lho administravam. Também era mui humilde e por isso fazia muitos actos de humilhação, como vir muito cedo à igreja, de modo que esperava que se abrissem as portas e entretanto estava de joelhos, tendo-se por indigna de entrar em a casa do Senhor do céu. Dentro da igreja não ousava olhar pera as imagens do altar nem direita pera onde estava o Santíssimo Sacramento, parecendo-lhe que sua vista ofenderia muito à Majestade divina pela grande consideração que tinha de seus males e assi repetia consigo aquilo do salmo nono: *Justo é o Senhor e como tal ama justicias; seus olhos não se põem senão em bondade.*

Pera maior coroa permitiu Nosso Senhor que os próprios demónios do inferno lhe dessem muitas vezes pancadas e a tratassem muito mal; uma vez lhe succedeu que estava só em uma igreja pela manhã mui cedo; depois de estar algum tempo em oração posta de joelhos, o demónio a derribou e arrastou pelo chão levando-a de uma parte para outra, até que a subiu ao degrau mais alto do altar-mor, que tinha muitos degraus, e deitou-a com grande ímpeto por eles abaixo, donde ficou tão pisada e moída que não se pôde aquele dia confessar nem comungar; e vindo pera casa lhe viram todos o rosto negro e pisado e o corpo cheio de nódoas e ela com tantas dores e gemidos que se não pôde erguer da cama alguns dias sem ninguém de sua família ousar de lhe perguntar o que tinha, por não consentir que lhe falassem em cousas suas. Somente a uma parenta com que tratava em particular de seu espírito descobriu o que passara na igreja com o demónio, e esta parenta lhe applicou alguns remédios pera as dores e pisaduras que a atormentavam.

Erguia-se muitas vezes da oração com o rosto tão inflamado que parecia vinha ardendo em fogo e cheia de grão suavidade dizia às mulheres que encontrava em sua casa: *Ó filhas, que cousa tão boa é amar muito a Deus e servi-lo de todo o coração e vontade.* Chegou a grandes arrebatamentos, não se tendo mais que sobre as pontas dos pés, que não é menor maravilha que

se toda ficara no ar, pelo pouco que nesta postura se pode sustentar um corpo pesado. Era algumas vezes coberta de celestial resplendor que cegava aos que a viam, como se viu uma noite em que estava encostada em sua cama e, dormindo as mulheres que com ela estavam na mesma casa, levantou-se a orar como costumava e, depois de estar algum espaço de joelhos, a cobriu com notável claridade que, dando nos olhos das que dormiam, acordou uma e vendo o que passava ficou espantada não só do resplendor em que a viu, mas de ver aos dous lados da serva de Deus duas pessoas de venerável autoridade e ela no meio, estando metidos todos no mesmo resplendor e claridade.

Rezava cada dia o ofício divino, as horas de Nossa Senhora e o seu rosário sempre de joelhos e com extremada devação e nos dias das solenidades da Igreja acrescentava mais tempo à oração, cortando pelas horas do sono e de toda a outra ocupação que se lhe oferecia e esta era a santificação com que guardava e santificava as festas. Pela somana santa ia à igreja na quinta-feira de madrugada e não vinha de lá senão ao dia de Páscoa ao jantar, estando o mais do tempo de joelhos em oração sem comer em estes três dias coisa alguma nem beber mais que uma pouca de água com sal pera que assi satisfizesse a necessidade da sede que lhe não desse gosto no sabor, porque nenhum tinha senão na contemplação dos divinos mistérios daquele Senhor a quem amava, segundo está nos seus apontamentos, sem querer outra coisa mais que amá-lo; assi que, ainda que lhe não fizera nenhum feito, o amara só por quem ele era. E afirma ali mesmo que este amor em si era mais pera se estimar e valia mais que todos os reinos e ela o estimava mais que quantas cousas havia em sua alma, porque não via nela outro bem maior que ser capaz deste mesmo amor e possuí-lo; e com tal consideração eram grandes as mercês que recebia do Senhor.

Sempre andava ocupada em duas vistas, uma de sua baixeza, outra da grandeza de Deus e acerca delas escreveu admiráveis sentimentos de devação, dos quais somente porei aqui dous mais fáceis de entender que os que deixo, porque haviam mister muito tempo pera se declarar. O primeiro foi que ouvindo uma vez a missa em cujo Evangelho o Senhor disse que era bom pastor e conhecia suas ovelhas e elas o conheciam, tão impressas lhe ficaram estas palavras que parece que sempre as via; e recebendo depois a sagrada comunhão, ficou em um suave silêncio, esquecida de tudo quanto há no mundo e ouviu as mesmas palavras em sua alma com tão grande consolação que a não podia de nenhum modo explicar. O segundo afeito que sentiu foi que se pôs um dia a considerar a Deus irado e vendo-se cheia do temor de suas culpas diz que estremeceu toda, cobrindo-se de um suor frio, e caindo em terra lhe pareceu que acabava a vida, senão quando sentiu um favor admirável que foi parecer-lhe que o Senhor a ergueu tomando-a pelo braço e dizendo-lhe: *Não temas filha, que não tens tu de que haver medo.*

Estando uma vez de joelhos diante do crucifixo da igreja de Nossa Senhora da Graça viram algumas pessoas e, entre elas, um religioso da casa que saíam uns raios mais resplandecentes que os do sol e direitos paravam sobre a cabeça desta serva de Deus e a tiveram bom espaço coberta e metida no resplandor daquela claridade; e ainda que todos entenderam que fora algum benefício do céu, nunca ela o disse a pessoa alguma, mas trosqueando a cabeça despois destes raios lha viram as mulheres de sua casa toda em roda cheia de uns buraquinhos muito miúdos e penetrantes ao modo de coroa de espinhos, com o que ficaram espantadas e não ousaram a lhe perguntar cousa alguma nem ela falou nisso, mas parece que lhe fez Deus mercê nesta vida (como lemos de outras serva suas) que chegasse a sentir mui particularmente as grandes dores que lhe deu a sua coroa de espinhos.

Ordenou Nosso Senhor que esta tão excelente mulher caísse em tal enfermidade que a teve seis anos contínuos entrevada; três deles passou assentada em uma cadeirinha pequena, na qual a levavam ao seu oratório, e outros três deitada na cama sem se poder menear. Corriam os nossos religiosos de Nossa Senhora da Graça com ela, assi em lhe buscarem o necessário e ajudarem a sustentar sua pobreza, como em lhe dizerem missa no seu oratório, confessarem-na e darem-lhe cada dia o Santo Sacramento do altar, com que recebia notáveis consolações, e assi costumava dizer que como lhe não faltasse o manjar divino não sentia faltar-lhe o humano, e que a doçura do mantimento espiritual lhe tirava todo o amargo dos males que padecia.

Vivendo por extremo conforme com a divina vontade, conheceu o tempo de sua morte, pera a qual se preparou por todo o discurso dos anos que foi enferma; e pera mais se esforçar, alcançou licença dos prelados da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho pera tomar o hábito e fazer profissão das religiosas que em suas casas o são com votos solenes, às quais chamamos terceiras ou mantelatas. Chegando, pois, aos últimos dias de sua vida, pouco antes que morresse, disse que vira uma esfera de fogo, mas não declarou o que nela vira nem que significava, e foi porventura mostrar Deus que, assi como metida na esfera de seu amor passara a vida, assi em o mesmo amor perseverava sua alma e ia à glória.

Enfim, teve uma morte mui quieta a dez de Março do ano de mil e seicentos e nove, sendo de setenta e sete anos de idade, dos quais esteve trinta e cinco casada, vivendo dezoito deles com voto de castidade em vida de seu marido e vinte oito viúva e, destes últimos, seis entrevada; e assi por sua muita virtude como por ser professa da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho foi trazida pelos religiosos da mesma Ordem e sepultada aonde é costume sepultar os religiosos do mosteiro de Nossa Senhora da Graça de Lisboa. Tirou-se esta história de outra mais larga que me comunicou o muito reverendo padre Frei Manuel da Conceição, provincial que foi meritíssimo de nossa Ordem e

pregador insigne de Sua Majestade neste nosso reino de Portugal, o qual agora nos entristeceu com sua morte, mas por outra parte nos alegrou muito porque a teve com edificação de todos os presentes e grandes louvores de Deus Nosso Senhor que vive e reina pelos Séculos dos Séculos. Amen.

190. LEANOR DO ROSAIRO, do Porto.

Temos agora uma portuguesa também ornada de grandes méritos, natural da mui nobre e sempre leal cidade do Porto. Seus pais eram João Luís Afonso, desembargador, e Dona Marcela de Mesquita, pessoas nobres e tementes a Deus; criaram-na em todos os bons costumes de modo que escolheu o estado de freira em o mui observante mosteiro do Salvador que tem em a cidade de Lisboa a Ordem do bem-aventurado São Domingos, cuja fundação tratamos em este livro. Em o ano de seu noviciado mostrou que fora guiada por Deus naquela casa, porque era mui devota do Santíssimo Sacramento, que nela sempre teve e tem religiosas que lhe são devotíssimas. Feita profissão, gastou dez anos em santos exercícios não só públicos do mosteiro, senão particulares em sua cela, sabendo que quem espera gozar no céu particulares prémios e maiores que os ordinários das pessoas de seu estado também há-de fazer na terra mais excelentes serviços e com maior cuidado que elas.

Sendo, pois, de vinte e oito anos caiu em uma grave enfermidade, pera a qual se preparou com muita paciência, com frequentes actos de contrição e grandíssimos desejos de ir ver a Deus, até que recebeu os últimos sacramentos. Depois pediu a uma religiosa que lhe lesse alguma cousa de proveito pera sua alma, a qual escolheu pera isso a Paixão de Cristo Senhor Nosso escrita pelo bem-aventurado São João Evangelista. Estava a tudo mui atenta, mostrando em alguns passos maior sentimento, como vendo o Senhor em o horto e quando Pilatos o tirou a público, dizendo *Ecce homo*, e outros em que o Senhor padeceu mais dando grandes gemidos; cheia de compunção de suas culpas e confiando nos méritos do Salvador do mundo, sofreu com grande paciência as dores de gota artética que padecia.

Estando assi fez um termo que pareceu de morte às religiosas que esperaram em o que parava e viram-na depois de algum espaço levantar-se algum tanto na cama e dizer alta e distintamente: *Acudam, acudam, não sabem o que vai, arde o mundo; dous homens levam o Santíssimo Sacramento do altar, peçam misericórdia.*

Imaginaram as religiosas que avisava pedissem misericórdia ao Santo Sacramento todo o mosteiro, como costumavam, três vezes em a hora em que alguma religiosa morria e responderam-lhe que não era ainda tempo,

que Deus lhe faria esta mercê que desejava. *Si, é tempo* (acudiu a enferma) *que peçam a Deus misericórdia por todos, porque está mui irado, e seja logo, não cuidem que é tresvalio, Deus me manda que diga tudo isto.*

Como repetia muitas vezes *arde o mundo, arde o mundo*, pareceu a todas que já não atinava com o que dizia e assi não faziam caso de suas palavras, mas ela, levantando as mãos ao rosto e apertando-o, como que queria chorar com grande sentimento, disse: *já o levam*. Ainda estão à missa, lhe respondeu uma freira, e não é tempo pera sair a procissão e levarem o Santo Sacramento com muita festa. *Não vai ele com festas*, disse a doente; e pondo os olhos em um crucifixo que tinha diante, começou a referir os mistérios de nossa santa fé católica com muita clareza e advertência, tornando a repetir tanto *Arde o mundo, arde o mundo e Deus me manda que o diga*, que as freiras lhe disseram se calasse e que a madre prioressa lho mandava assi. *Aí não há obediência que cale*, disse ela, *quando Deus manda falar*; e pediu lhe chamassem a madre prioressa. Vindo ela, disse: *Dous homens levam o Santíssimo Sacramento*, e outras cousas em segredo, de que a madre prioressa não deu fé, não fazendo caso do que dizia, mas ela estava-se justificando em tudo pera que não tivessem por tresvalios o que manifestava.

Todas estas advertências passaram então por alto às religiosas que estavam bem longe de imaginar o infelice caso que aconteceu em a cidade do Porto, que furtaram da Sé o Santíssimo Sacramento; mas fazendo reflexão no que havia dito a madre Soror Leonor e cotejando com o que deste caso se publicara, acharam que na mesma hora, dia e ano passara tudo o que ela dissera; pelo que se deu conta de tudo ao reverendíssimo senhor arcebispo Dom Miguel de Castro, que mandou pelo vigário-geral e cura da Sé tirar um sumário de testemunhas pera que a todo tempo constasse uma cousa tão maravilhosa; por onde se mostra descobri-la a esta religiosa seus divinos segredos e ocultos juízos.

Aqui é cousa mui digna de notar-se que no mosteiro do Salvador de Lisboa se tem grandíssima devação ao Santíssimo Sacramento, que lhe saiu por padroeiro três vezes em umas sortes que deitaram com muitos nomes de santos em uma peste da cidade de Lisboa, da qual sendo livres as religiosas votaram de lhe fazer uma festa e cantar uma missa mui solenemente e não sabiam em que dia cumpririam este seu voto, senão quando no domingo das oitavas da Ascensão no ano de mil e quinhentos e setenta, que foi a sete de Maio, pela manhã cedo, estando à prima bateram uns homens à roda, a qual nos dias santos pela manhã não se abre senão despois da missa, por isso não lhes acudiram, mas eles bateram com tanta pressa e de tal modo que a madre superiora veio ver quem batia, à qual disseram que todos sabiam tanger chamarelas, que mandasse saber da madre prioressa e mais freiras se queriam naquele dia fazer alguma festa, que eles tangeriam de graça.

Teve a prioressa este recado por aviso do céu pera acabar de se desobrigar do voto e, resolvendo-se de cantar aquele dia uma missa muito solene ao Santíssimo Sacramento, mandou acceptar a esmola que lhe queriam fazer. Foram-se logo pera a igreja e tangeram como mui destros que eram. Tanto que a missa foi acabada, mandou a madre prioressa ao tesoureiro ter com eles um cumprimento, determinando convidá-los com alguns mimos, já que não queriam dinheiro, mas nunca se acharam por mais diligências que se fizeram, nem houve quem soubesse dar rezão deles, pelo que as religiosas tomaram motivo pera dizer que eram anjos do céu e assentaram de fazerem todos os anos a sua principal festa do Santíssimo Sacramento em este domingo das octavas da Ascensão, o qual caiu a onze de Maio no ano de mil e seiscentos e quatorze, em que socedeu o furto que se fez no Porto do Santíssimo Sacramento, tão sentido neste reino que nenhum caso o foi mais, movendo-se a isso os corações de todos, conforme ao que foi revelado, estando pera morrer (em o mesmo dia e na mesma hora em que se fez tão execrando sacrilégio) a Soror Leonor do Rosário, natural da mesma cidade do Porto e bautizada na sua Sé, aonde succedeu o caso, religiosa deste tão insigne mosteiro do Salvador em que o Santíssimo Sacramento é tão celebrado, como está dito.

Tornando às cousas da nossa portuguesa Soror Leonor do Rosairo, quinze dias antes que a levassem pera a enfermaria disse que às oito horas da manhã estando em sua cela ouvira cantar o officio da sepultura em uma procissão e mais claramente o responso que começa: *Antequam nascerer*. Daí a dous dias adoeceu e não fez mais caso da vida, afirmando que havia de morrer daquela. E no dia da Ascensão do Senhor, em que a ungiram, disse como respondendo a umas religiosas que arreceava morresse em tempo que estorvasse a festa do Santíssimo Sacramento e que havia de morrer depois do sol nacer três vezes, o que succedeu assi, que a levou Deus no domingo às vésperas e enterraram-na em a segunda-feira às horas em que ela tinha visto a procissão dos que cantavam o officio dos defuntos.

Encomendou a uma amiga tivesse cuidado de a ajudar em a hora da morte com o santíssimo nome de Jesu, porque se lhe havia de tolher a fala, mas havia de ouvir até à derradeira hora e com o coração o diria; assi o viram, porque quando lhe nomeavam o santíssimo nome de Jesu, estando já pera espirar, abaixava a cabeça com toda a reverência que podia e desta forma acabou e a levou Deus ao céu.

Tudo quanto até aqui dissemos já foi escrito e impresso no livro da Fundação do Mosteiro do Salvador³⁷⁵ de Lisboa pela digna e zelosa prioressa dele, Soror Maria do Baptista, em que temos exemplos notáveis pera se avivar

³⁷⁵ Soror Maria do Baptista, *Livro da fundação do mosteiro do Salvador da cidade de Lisboa (...)*, ob. cit., Livro III, cap. III, fl. 110v-115r.

a devação ao Santíssimo Sacramento, pois aconteceram em estes nossos tempos em que os fiéis lhe têm em Espanha grandíssima, favorecidos pelo Papa de gloriosa memória Paulo Quinto, o qual concebeu muitas indulgências por seu Breve, despedido em dezassete de Abril de mil e seiscentos e doze e depois por outros, à instância d'el-rei Felipe Segundo de Portugal, a quem disser *Louvado seja o Santíssimo Sacramento*, ou fizer algum acto de reverência, como é acompanhá-lo quando sai fora, abaixar a cabeça quando se nomeia, dar esmola pera cera ou algum ornamento pera seu serviço, beijar o chão depois de o adorar, e outros obséquios de piedade com que os fiéis e católicos cristãos são semelhantes aos anjos que na terra nenhuma cousa desejam mais que reverenciar este diviníssimo sacramento, que seja sempre louvado. Amen.

191. UMA MULHER VIRTUOSA, de Alentejo.

Desta serva de Deus escreverei brevemente e com as mesmas palavras com que o reverendo padre Frei Luís da Apresentação³⁷⁶, lente de Teologia Moral, escreve dela tratando da vida e morte do venerável padre Frei Estêvão da Purificação, religioso da sua mui antiga Ordem do Carmo, honra e glória de nossos tempos, pelas muitas virtudes e milagres em que floreceu, das quais este autor trata pia, doura e cautamente; e primeiro que tudo notamos que esta mulher vivia quando em seu livro fez menção dela; por isso não lhe dá muitos louvores, nem conta seus exercícios, nem inda a nomeia senão por uma pessoa de vida santa, simples e sem letras, de grão penitência.

Quando, pois, esta pessoa ouvia missa ao venerável padre Frei Estêvão, dizia a seu confessor que via uma luz mui fermosa em suas mãos, afirmando ser como quando os raios do sol fazem reverberação em um espelho; e esta luz somente via em as missas do padre Frei Estêvão, ainda que nas dos outros sacerdotes também via a Cristo Senhor Nosso em várias figuras e tantas lágrimas derramava quando via ou contava estas cousas que era muito pera se notar, mas o que esta particular em as mãos do padre Frei Estêvão significasse outrem o julgue; eu refiro o que passa. E pera que isto fique mais acreditado, contarei o que aconteceu a um sacerdote com esta mesma pessoa.

la ele dizer missa uma terça-feira com a consideração de Cristo atado à coluna, em a qual figura o imaginava quando levantava a hóstia; naquele dia

³⁷⁶ Fr. Luís da Apresentação (ou de Mértola), *Vida e morte do Padre Fr. Estêvão da Purificação, religioso da Ordem de N. Senhora do Carmo da Província de Portugal*, Lisboa, 1621, cap. XVI, n.ºs 17-18, p. 154-156.

e nos demais guardava a ordem que nosso padre aconselhava e temos dito acima, a saber, à quarta-feira coroado de espinhos, à quinta com a cruz às costas, à sexta crucificado, ao sábado nos braços da Virgem sua mãe, ao domingo resuscitado, e à segunda-feira no horto orando e suando. Esta devota pessoa, ouvindo a missa deste sacerdote e falando depois com ele, lhe disse estas palavras com muito sentimento: *Padre, eu vi hoje nas mãos de Vossa Reverência Cristo Nosso Senhor atado à coluna.*

Ficou o sacerdote mui admirado, vendo que dizia esta visão com o seu conceito interior; pediu-lhe que atentasse dali por diante que figuras via em os outros dias na hóstia; por cinco ou seis vezes fez experiência e sempre achou que dizia a visão com a ordem dos dias que foi dita. Quis variar o pensamento e preverter a ordem que tinha em representar a Cristo pelos dias da semana, por se certificar mais e se tirar de uma suspeita que tinha de ela saber esta devação por outra via; e feitas perguntas, sempre achava que convinham com o que ele dentro de si imaginava no levantar da hóstia. Ultimamente, em uma só missa variou o pensamento três vezes representando a Cristo em vários passos e, perguntando depois àquela pessoa pelo que vira em aquela missa, respondeu que vira a Cristo em três maneiras, ou em três figuras.

O dito passa tudo na verdade pera acreditar mais as visões que teve esta boa alma nas missas do nosso padre. Muitas outras visões tinha esta pessoa, das quais eu não posso deixar de julgar bem, lembrando de passagem que não estamos fora daquele tempo que explicou a profecia Joel, *Prophetabunt filii vestri, et filiaevestræ, et iuvenes vestri visiones videbunt*, dizendo: Vossos filhos e filhas profetizarão e verão visões vossos mancebos; e, assi, nem todas as visões se devem atribuir ao inimigo transfigurado em anjo de luz.

Também via esta mesma pessoa, quando pregava o padre Frei Estêvão, uma estrela da parte direita e na mesma altura em que ficava o púlpito. Todas estas cousas, como aqui estão, foram impressas no livro citado da vida e morte do venerável padre Frei Estêvão da Purificação em o capítulo dezasseis. E como esta mulher é já morta e fizesse uma vida cheia de mortificações e mercês do céu, esperamos que o mesmo autor, ou outro de sua Ordem que ela professou, acrescentem sua notícia com os santos exercícios de sua vida e como passou pera outra, pera maior glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

192. JOANA DO ESPÍRITO SANTO, pertence a Vila Viçosa.

Muitas religiosas houve no mosteiro da Esperança de Vila Viçosa que puderam enriquecer o nosso jardim; mas não escrevemos senão das que estão ditas e da que agora propomos, seguindo as relações escritas e tradições do mesmo mosteiro, esperando em Nosso Senhor que as memórias referidas sejam mais acrescentadas e as que deixamos tenham quem as livre do esquecimento com maior deligência.

Andou Cristo Senhor Nosso na terra dando-nos exemplo de como havíamos de ir pera o céu e gastou nela trinta e três anos, porque estes bastam pera nesta vida se merecer muito e na outra se alcançar uma coroa mui grande; mas já os tinha gastados no mundo Joana do Espírito Santo, sem se aproveitar deles senão em se dar a vaidades de se enfeitar com tanta superfluidade que não se lembrava de outra cousa; todavia, Nosso Senhor houve misericórdia com ela e trouxe-a a ser freira da Ordem de São Francisco, aonde mostrou bem que tinha sabido quanto estorvam os cuidados supérfluos aos que desejam salvar-se e contentar a Deus, porque se viu nela um tão grande despreço das cousas do mundo que a que procurava dantes parecer a todos mui galante se recolheu no mosteiro da Esperança de Vila Viçosa, sendo de trinta três³⁷⁷ anos, contra vontade de seus parentes, por fugir de ser vista a que procurava, sendo secular, vários vestidos; depois de religiosa, em toda sua vida nunca despediu o hábito, nem por doença que tivesse; e mandando-lhe uma vez a madre abadessa e o confessor que o despisse porque tinha grandes febres, pediu que a não desconsolassem pois o não despira nunca e assi a deixaram ficar com ele. Aquela que no mundo não se lembrava senão de vaidades, na religião era a primeira nas comunidades e trespordava em zelo de observância, pelo qual algumas vezes tinha encontros de muito merecimento. Era tão amiga da pobreza que não tinha nem queria ter senão o que lhe davam por amor de Deus as outras religiosas e às vezes dava o mesmo aos pobres; e se a reprendiam porque dava o que havia mister, respondia que antes queria padecer que ver alguma pessoa em necessidade. Continuava tanto com as enfermas que veio a entender em as curar de modo que em parte se lhe dava mais crédito que ao médico. Todas as que morriam lhe morriam nas mãos, ajudando-as a bem morrer, e não as deixava nunca de dia e de noite, acompanhando-as sempre com extremada caridade até as amortalhar. E assi como não fugia de nenhuma doença, assi nenhuma se lhe apegou, gastando muitos anos em tratar com as religiosas doentes.

³⁷⁷ No original está, obviamente por lapso, *cento e trinta três*.

Todo o tempo que lhe sobejava das ocupações da comunidade gastava no coro com muitas orações e lágrimas e festejava particularmente ao arcanjo São Miguel, procurando pera o dia de sua solenidade círios e perfumes e no mesmo dia sempre dava na mesa fruta a todas as religiosas. Era muito devota da paixão e todas as sextas-feiras rezava o ofício das chagas e não se lançava em cama da quinta pera a sexta-feira até que foi de muita idade, porque então costumou dormir o primeiro sono em cama e o mais tempo gastava em oração, até que tangiam à missa primeira, não se apartando do coro senão pera a mesa, ora estava rezando vocal, ora mentalmente. Sempre na quaresma mandava dizer nas sextas-feiras a missa das chagas e era mui devota das que o Senhor tivera em suas mãos por lhe parecer que foram as de maiores dores; dizia que sempre pedira a Nosso Senhor que antes de morrer lhe concedesse imitá-lo em padecer também dores em as mãos; sabendo que não há cousa que meta mais de posse de todas as virtudes às almas que estão em graça que a paciência, esmerou-se nela; e se padecer muito é sinal de ser grande diante de Deus e escolhido por Ele pera dar exemplo a outros, verdadeiramente que foi mulher grandíssima Joana do Espírito Santo, porque, deixadas as penas que padeceu em vida com um cancro que lhe nasceu em um peito, um mês antes de sua morte, que foi o tempo que esteve na cama, se lhe fez o corpo em chagas e estava como se a meteram no lume, causando pena a quem a via e não a tendo senão de se ver mui fraca pera mais padecer; dizia que sentia em as palmas das mãos tão grandes dores que as não podia abrir, no que parece que Nosso Senhor lhe quis cumprir seus desejos, que eram de participar e sentir em algum modo as dores que teve em suas sagradas mãos quando foi crucificado; e assi morreu com alegria, que se lhe enxergou no rosto, dando de seu espírito ao mesmo Senhor depois de receber os sacramentos com muita devação, em trinta e um de Dezembro em uma sexta-feira, e nas mesmas horas em que o Senhor morreu, sendo de noventa e seis anos de idade, no de mil e seiscentos e vinte dous. Notou-se que ardeu muito tempo no seu enterramento a cera e, quando a pesaram pera pagarem a que se haveria gastado, não faltava nada no peso que dantes tinha; a qual maravilha não está aprovada, mas assi a referimos como a achamos escrita, pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

193. VITÓRIA CALDEIRA, de Arraiolos.

Em todos os tempos teve e tem Nosso Senhor muitos e grandes servos seus em sua Igreja Católica, a qual é como eira aonde estão as palhas juntamente com o trigo; e ainda que este apareça menos, não deixa de a enriquecer

mais, como na Igreja vemos cristãos ordinários e alguns mal acostumados, que os exemplos grandes de virtude, os quais não faltam a quem os buscar e se houvera diligência que não passassem em esquecimento teríamos muitos de notável edificação, como os que agora nos deu Vitória Caldeira, não menos digna de estar em o catálogo das mulheres portuguesas ilustres em virtude por ser de nossos tempos do que as mais antigas, porque viveram em melhores; antes, como as estrelas resplandecem mais quando há maiores trevas, assi são de maior estima as virtudes em os tempos em que mais prevalecem os vícios, como são os calamitosos em que estamos e em que Vitória Caldeira mereceu, segundo seu nome, ser vitoriada e louvada de muitos que a conheceram; pelo que alcancei a seguinte informação do Licenciado António Rodrigues, meretíssimo reitor da igreja de Arraiolos, confessor que foi desta serva de Deus por mais de vinte anos. E como sua informação esteja bem feita e mui bastante pera nosso intento, não farei mais que repeti-la com as mesmas palavras, porque testemunhos alheios e de pessoas qualificadas, como é esta, costumam adornar qualquer história como esmaltes o ouro, pera maior crédito de quem escreve e proveito de quem ler, como espero se colija da seguinte certidão que em pública forma e reconhecida por um tabalião é deste teor.

Eu, o Licenciado António Rodrigues, reitor da igreja do Salvador e vigairo da vara desta vila de Arraiolos, certifico que fui confessor por tempo de mais de vinte anos da senhora Vitória Caldeira já defunta, mãe do senhor Doutor Manuel do Vale de Moura, deputado do Santo Offício da Inquisição da cidade de Évora, e que em todo o dito tempo até que morreu se confessava muitas vezes cada ano e fez comigo algumas confissões gerais de toda a vida e sempre entendi e alcancei e conheci dela ser mulher de notável virtude em todo o discurso de sua vida e que tinha grandíssimo entendimento e conhecimento das Escrituras Sagradas e dos mistérios de nossa santa fé; porque sendo mulher que, segundo sempre ouvi dizer e ela própria mo disse por muitas vezes, nunca aprendeu nem estudou latim, ela só por si chegou a ler e entender a Sagrada Escritura do Testamento Velho e Novo em latim, em as mais das partes dela; e que a dita senhora Vitória Caldeira me dizia que sendo menina, estando em Lisboa em casa de Pedro Caldeira seu tio, escrivão da Fazenda, aonde ficara órfã de pai e de mãe, lendo a Bíblia em linguagem (que então não era proibida), começara ela a entender pela dita Bíblia em linguagem a de latim, conferindo as palavras de uma com as da outra, continuando sempre a dita lição com grande frequência e devação no estado de solteira, casada e viúva, até de idade de oitenta anos, pouco mais ou menos, em que Deus a levou; e na história de toda a Sagrada Escritura e no entendimento principalmente literal dela via eu que estava tão presente que espantava os letrados e pregadores que com ela falavam.

Era muito caridosa, devota e tão contínua em a igreja do Salvador desta vila, aonde eu também me achava presente e a via e falava de ordinário com ela, que todos os dias, domingos, santos e pela somana, se não fosse por doença ou outros grande impedimento, ia à dita igreja e nela estava de ordinário três e quatro horas contínuas e todo tempo, tirando enquanto ouvia missa, estava sempre rezando pelas Horas de Nossa Senhora e outros livros espirituais; e de ordinário rezava cada dia o officio dos defuntos e os de Nossa Senhora e da paixão de Cristo Nosso Redentor e os salmos graduais e penitenciais, e tudo lia tão claramente e com tanta devação que parecia estava toda enlevada no que lia; e na dita igreja via eu chegarem e falarem com ela algumas mulheres devotas e desejosas de sua salvação, às quais ela doutrinava, ensinava e declarava muitos passos da Escritura e mistérios de nossa fé. E ela me dizia e sempre o ouvi dizer que o mais do tempo que estava em casa gastava em ler vidas de santos e outros livros espirituais e que algumas mulheres a buscavam e lhe iam também a casa pera efeito de ela as doutrinarem e ensinar e que ela as ensinava, como fazia às da igreja.

Haverá doze anos, pouco mais ou menos, que a dita senhora Vitória Caldeira me disse em segredo que, estando ela aquele dia ou o dia de antes ouvindo uma missa que dizia um sacerdote no altar-mor da dita igreja do Salvador, depois da consagração da hóstia e cálix, ela vira claramente da parte da mão direita do sacerdote, por fora do ombro, sobre o altar junto ao retábulo, uma estrela pequena, mas muito clara e resplandecente, que despedia de si como uns raios de ouro e que no mesmo ponto se lhe representara tão claramente o mistério do Santíssimo Sacramento como que estivera vendo por seus olhos o corpo santíssimo de Cristo Nosso Redentor em a hóstia consagrada e que lhe durara esta visão por espaço que se podia rezar todo um credo inteiro, no qual, ainda depois disso, por grande espaço sentira grandíssima consolação de sua alma, o que eu entendo e sempre entendi ser verdade, porque ela era devotíssima do Santíssimo Sacramento e nunca lhe senti rasto de vaidade, jactância, nem hipocrisia; e perguntando-lhe eu se algumas vezes, de antes ou depois, tivera alguma visão como aquela, me respondeu que nunca dantes nem depois tivera outra semelhante.

E lembra-ma muito bem que ao primeiro ou segundo dia depois dela morta, cujo falecimento foi a oito de Janeiro deste presente ano de seiscentos e vinte quatro, indo eu visitar e falando com o dito senhor Doutor Manuel do Vale de Moura, me disse que ao tempo do falecimento da dita senhora Vitória Caldeira sua mãe, poucas horas antes de Nosso Senhor a levar para si, estando já mui falta de fala, o chamara a ele, dito senhor Doutor que presente estava, e diante de outras pessoas lhe começara contar que fora em aquela hora levada ao purgatório e que vira nele um senhor assentado em uma cadeira da Majestade e o que mais fora dizendo que vira se lhe não pudera entender; e

por verdade passei esta por mim feita e assinada em Arraiolos, a vinte e seis dias de Junho de mil e seiscentos e vinte e quatro anos; pera glória de Deus Nosso Senhor, que seja sempre louvado. Amen.

194. SOROR MARIA DO ESPÍRITO SANTO, da Índia.

Foi natural de Taná, vila bem conhecida nas partes orientais da nossa Índia; chamou-se seu pai Gaspar de Lousada, a mãe Dona Felipa Ferreira, ambos nobres e tementes a Deus. Nasceu quasi morta, pelo que logo foi bautizada e começou a vida com a graça. Dando-se nova a seu pai, disse: *Será freira*; o que parece profecia, porque naquele tempo não havia freiras no nosso Oriente e das que agora há foi a primeira que dedicou sua pureza a Deus Nosso Senhor, fazendo votos solenes em mosteiro.

Aos seis meses andados teve uma doença, de que houvera de morrer, mas achou-se bem porque se ofereceu por sua saúde uma missa no altar de São Nicolau de Tolentino, a quem teve sempre por avogado e costumava-lhe dizer que por sua conta estava sua salvação, porque a tinha certa pelo bautismo se morrera quando era pequena e, pois fez que não morresse então no corpo, também fizesse que nunca morresse na alma.

Sendo de seis anos lhe morreu o pai e ficou em poder de sua mãe que a criou com grande cuidado nas cousas espirituais; começou a confessar-se com tanto conhecimento que chegando aos doze anos comungava duas vezes cada somana, pelo que ficou devota por extremo do Santíssimo Sacramento e assi despois sendo religiosa comungava quasi todos os dias, deixando contudo alguns por humildade, em os quais comungava espiritualmente, isto é, somente com o desejo, seguindo a doutrina de nosso Padre que insina este maravilhoso modo de comungar aos que desejam e não podem receber o Senhor sacramentalmente, dizendo acerca deste bem: *Desejaste, comeste*.

Vindo à idade de dez anos, fez uma petição por indústria de seu mestre espiritual e referia ao ilustríssimo e reverendíssimo senhor Dom Frei Aleixo de Meneses que naquela sazão estava visitando a dita vila, e dizia que se tinha dedicado a Deus, pelo que lhe pedia remédio pera que fosse em mosteiro com voto solene de religião; deu-lha na véspera da festa de nosso Padre Santo Agostinho no convento da Ordem do mesmo santo que há na vila de Taná, estando todos os religiosos presentes na igreja; leu o que continha o papel aquele mui insigne prelado e, chorando muitas lágrimas, lhe disse estas formais palavras: *Eu te prometo menina e te dou minha palavra que te faça freira professa ou em mosteiro da Índia ou de Portugal e te darei pera isso tudo o que for necessário*.

Não muito depois disto se veio pera a cidade de Goa e vestiu-se no hábito da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho vivendo ambas mãe e filha como se fossem religiosas, dando-se a jejuns e outros exercícios certos da vida espiritual, até que sendo de dezasseis anos entraram ambas no recolhimento das donzelas, que se ordenou em aquela cidade enquanto não havia mosteiro de religiosas, que esta serva de Deus, resplandecendo em virtudes, procurou com orações se fizesse e foi tão grande a presteza com que se edificou de modo que pudesse haver nele clausura e bastantes gasalhados pera as religiosas que se mudaram do recolhimento pera ele aos três meses depois de dia da Visitação de Nossa Senhora, do ano de mil e seiscentos e seis, em que se tinha lançado a primeira pedra.

Foi esta entrada no mosteiro em a dominga infra octava da festa de nosso grão Padre Santo Agostinho e fez-se a mais devota procissão que viu nunca o Oriente, porque saíram de Nossa Senhora da Serra dezanove mulheres vestidas com o hábito da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho; duas levavam seu crucifixo, porquanto eram viúvas, e as outras iam com um Menino Jesu em uma mão e na outra com uma palma, em sinal que iam a se desposar com aquele Senhor, triunfando do mundo, e no cabo delas vinha Dona Felipa Ferreira, que também se chamava da Trindade, a qual era professa da Terceira Ordem de nosso Padre Santo Agostinho.

Chegaram ao mosteiro novo e, depois do senhor arcebispo Dom Frei Aleixo de Meneses dar a todas o hábito da mesma Ordem de nosso Padre Santo Agostinho com a solenidade de nossas constituições, assinou-lhes por prelada a dita Dona Felipa Ferreira, mãe de Maria do Espírito Santo, por ser mui experimentada nas cousas de virtude, como mostrou logo no governo do mosteiro, ainda que sua filha em tudo a ajudava, assi noviça como depois de professa, com maravilhosa graça de Deus que tinha pera isso, o que se viu claramente porque sem saber latim entendia as rubricas e regras do missal e breviário, de modo que podia ensinar as outras a rezar, o que fazia não deixando por nenhum modo as horas que tinha determinadas pera orar e ter livros espirituais, a que era mui inclinada, pelo que falava nas cousas de Deus com rara sabedoria.

Padeceu muitas dores de cabeça e pontadas do fígado e por mais devações que fez pera ser sã não foi Nosso Senhor servido de lhe dar saúde senão paciência pera mais merecer. Era mui devota do Santíssimo Sacramento, como já está dito, pelo que foi grão parte pera naquele mosteiro se lhe fazer uma particular festa cada ano na terceira dominga do Pentecostes, e que sempre esteja, como é costume deste mosteiro, uma religiosa velando e vigiando diante do mesmo Santíssimo Sacramento. Também as religiosas movidas de sua particular devação ao Menino Jesu assentaram que cada somana haviam de cantar à terça-feira a missa do nome de Jesu, em lembrança dos desposórios

que fizeram com este Senhor e fazer-lhe uma festa a catorze de Janeiro, em que se reza deste sagrado nome em toda a Ordem de nosso Padre Santo Agostinho.

Alcançou muitos benefícios da mão liberal de Deus Nosso Senhor em a contemplação de seus divinos mistérios, como uma vez, pera que deixe outras, se manifestou mui claramente porque, andando preparando de longe as cousas necessárias pera a festa de nosso Padre Santo Agostinho, de quem era devotíssima, se lhe representou o mesmo santo a vinte e nove de Julho em uma visão imaginária em que lhe pareceu que, posta de joelhos, lhe beijava as mãos ambas e que lhe dizia: *Filha, não tenho de vós pequenas esperanças.*

Ainda que sempre era a principal em as cousas do mosteiro, não foi prioressa senão depois de sua mãe Dona Felipa, que somente lhe faltou com o voto na eleição pera este ofício que fez excelentemente, mas não pôde continuá-lo mais que um ano e cousa de três meses, porque se lhe dobraram as dores do fígado e da cabeça e caiu em uma enfermidade gravíssima até que no mês de Julho teve um acidente de perplexia, com que esteve sem nenhum acordo quarenta horas, depois das quais a desenganou seu mestre e confessor que, segundo diziam os médicos, estava perto da morte, pera a qual se preparou dali por diante até à véspera da Assunção de Nossa Senhora, em que se confessou, comungou, recebeu a santa unção, pediu perdão às religiosas e repetiu muitas vezes baixo, mas de modo que era ouvida, aquilo de São Paulo: *Cupio dissolui et esse cum Christo*, desejo de morrer e estar com Cristo; e assi deu sua alma a este Senhor no ano de mil e seiscentos e dezanove, na mesma festa da Assunção da Virgem, às onze pera as doze do dia, e foi cousa notável ser neste dia, porque havia alguns que tinha mandado esmolas ao colégio da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho da mesma cidade de Goa e pedido que cada dia lhe dissessem uma missa da Assunção da mesma Virgem por sua tenção, advertindo particularmente que a derradeira fosse no mesmo dia da Assunção, em o qual morreu, como está dito.

Ficou seu rosto mais fermoso que nunca, despedindo dos olhos raios de luz, em sinal da pureza que sempre amou; por estar assi fermosa com uma mui fresca grinalda de flores na cabaça e um lírio nas mãos que lhe puseram as religiosas, o ilustríssimo e reverendíssimo Dom Frei Cristóvão de Lisboa, religioso da Ordem de São Jerónimo, arcebispo que então era de Goa, a cuja obediência está este mosteiro, deu licença que entrasse nele um pintor e a retratasse pera consolação de todas as religiosas e memória de ser a primeira donzela que nas partes da Índia Oriental, depois que foram conquistadas pelos nossos portugueses, se dedicou em mosteiro solenemente a Deus; e porque correu a fama de sua mui santa morte pela cidade, acudiu muita gente ao seu enterramento e foi-lhe mostrada antes de ser dada à sepultura, com admirável consolação de todas as almas que a viram, as quais não se

fartavam de dar graças a Deus por haver em aquelas partes tido mulher tão excelente, como davam sinais a compostura do corpo, a fermosura do rosto, a geral e pública fama de haver sido mui perfeita em todo género de virtudes até que espirou.

Tudo o que está dito foi breve e fielmente tirado de uma larga e douta relação que fez da vida e morte desta serva de Deus o mui reverendo padre Frei Diogo de Santa Ana, vigairo provincial que foi da Ordem de nosso Padre Santo Agostinho nas partes da Índia Oriental aonde era mestre e confessor da mesma Maria do Espírito Santo, ainda sua parenta da parte do pai, o qual acaba dizendo que estava dentro do mosteiro quando esta religiosa morreu nele e houve a maravilha que conta desta maneira: Tratei por me deter, assi por sua necessidade da serva de Deus que estava em passamento, como pela consolação de toda a comunidade que ali se desfazia em lágrimas, senão quando senti dentro dos ares do mosteiro uma música, a mais bem concertada que em minha vida ouvi; lancei os olhos e a orelha pera ver se atinava com o que aquilo era e, porque a comunidade toda estava presente notando eu bem que nunca mais concertada música tinha ouvido, me calei; e não sou eu só pecador testemunho disto, que dezassete estão presentes da mesma clausura pera dentro que ouviram o mesmo; e algumas, por não entenderem o caso, andaram correndo a casa pera ver se atinavam aonde isto se fazia, ao que não vimos outra evasão mais que de louvarmos a Deus, pois que com músicas de seus santos anjos parece que quis pagar em esta hora as que sua serva no coro lhe deu por si e por suas irmãs em vida; pera glória do mesmo Senhor, que seja louvado eternamente. Amen.

195. ANA DA CONCEIÇÃO, de Lisboa.

David folgava tanto de orar que à meia-noite, à vespóra, pela manhã, ao meio-dia, se punha em oração e nunca acabava de orar em um tempo que não desejasse de vir o outro em que havia de tornar a seus contínuos exercícios, dos quais se preçava e por amor deles se comparava a uma oliveira; porque como esta árvore frutifica em o campo com as influências do céu, assi dava fruto de boas obras ajudado dos divinos favores em a casa do Senhor, que é oração; porque assi se trata nela com Deus como quem está na mesma casa com seu Senhor, cujos olhos tanto via sobre si quanto se via estar orando; e assi dizia no salmo sessenta e cinco: *Benedictus Deus, qui non amovit orationem meam, et misericordiam suam à me;* bendito seja Deus, porque não apartou minha oração e sua misericórdia de mim, nas quais palavras se mostra ser insigne dom da misericórdia divina a perseverança na oração;

donde nosso Padre Santo Agostinho, declarando este verso, diz assi: Quando vires que não estás apartado de orar, está seguro que não estás desemparado da divina misericórdia. Oh, porque não oramos sempre! Releva sempre orar e não afroixar; assim o encomendam os santos com as sagradas escrituras, o qual declaram muitos de várias maneiras, e a seguinte parece mui boa. Como o médico manda ao enfermo que sempre coma senão que morrerá, isto não é que sempre esteja com a mesa posta, senão que nunca deixe de comer pelo menos às suas horas de jantar e cear, assi quando se nos encomenda sempre orar é que não nos esqueçamos cada dia dos exercícios da oração, so³⁷⁸ pena de cairmos em descuidos grandíssimos. E não pretendo com isto tirar os merecimentos da vida activa, que deve ser mais encomendada aos que não são tão aptos pera a contemplativa, concluindo que como as duas irmãs, Santas Marta e Maria, hospedaram ao Senhor, assim com ambas estas vidas o sirvamos, imitando o mesmo David que, preguntado pelos exercícios quotidianos que obrava, para não ser enganado do inimigo infernal respondeu *que de dia buscava a Deus com suas mãos*, e isto é com as obras da vida activa, e *de noite estava diante dele*, isto é, nos exercícios da contemplativa, como no primeiro tratado do livro que imprimiu intitulado Princípio de Amor de Deus adverte Domingos Velho³⁷⁹, escrevendo da religiosa que propusemos: Bem notória cousa é e sabida que no tempo da peste faleceu uma religiosa por nome Ana da Conceição no mosteiro da Esperança desta cidade de Lisboa que é da Ordem de São Francisco, a qual era, quando faleceu, de vinte e sete anos, de quem se contam grandes cousas sobrenaturais, principalmente que a viram ir por uma varanda pelo ar e que muitas cousas de profecias se viram cumpridas no dito mosteiro. Eram tão grandes os ímpetos e fervores que tinha interiormente que saía de noite de seu aposento e, pelas varandas e cerca do mosteiro, bradava a grandes vozes, dizendo que todos amassem a Nosso Senhor Jesu Cristo. E preguntando-lhe umas religiosas como não tinha medo de andar de noite por fora e em que tempo tomava o sono, respondia que quem amava não dormia nem temia. Estando as religiosas muito medrosas naquele tempo da peste, pediu a Deus que se alguma havia de morrer daquela casa se fosse servido escolhesse a ela, e assi sucedeu que faleceu, mas não de peste, senão de um ímpeto que lhe deu causado de um grande acto de amor de Deus, de que lançou muito sangue pela boca, que sucede a gente de espírito quando Deus a põe em grau levantado de oração.

¹⁷⁸ Sob.

³⁷⁹ Domingos Velho, *Princípio do divino Amor e considerações de Jesus. Dirigido a Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento*, ob. cit., 45r.-v.

Outras muitas cousas se puderam dizer desta grão serva de Deus se não levara aqui intento de ser tão breve. Agora em o dito mosteiro, que é de religiosas de grande observância, há muitas de notável espírito, exemplo e penitência e dizem que a doença desta sua companheira lhes venha por sua casa. Se elas com a graça de Deus se dispuserem como aquela fez, maiores doenças de amor sabe ainda causar seu divino amado.

Até aqui o autor acima referido, pera glória do mesmo Deus. Amen.

LAUS DEO.

FIM.

CATÁLOGO DAS SANTAS
E OUTRAS MULHERES ILUSTRES EM VIRTUDE,
COM AS TERRAS A QUE PERTENCEM, SEGUNDO
AS LETRAS DE SEUS NOMES.

(O número significa a página. A letra S. denota Santa. A letra D. Dona.)

| | |
|---|-----|
| Acácia da Paixão, pertence a Alenquer. | 214 |
| Adeodata de S. Nicolau, pertence a Vila Viçosa. | 230 |
| S. Adosinda virgem, pertence ao Porto. | 118 |
| Águeda Lopes, pertence a Lisboa. | 197 |
| D. Aldara, ou Ilduara, condessa, pertence ao Porto e Águeda. | 116 |
| D. Aldonça, infante, pertence a Alenquer. | 140 |
| Uma Ama que houve em Setúval. | 277 |
| Ana da Conceição, pertence a Lisboa. | 343 |
| Ângela Sigea. | 241 |
| S. Aquileia, virgem e mártir, pertence a Bragança. | 91 |
| Ardinga, pertence a Lamego. | 121 |
| D. Assanda, pertence a Braga. | 125 |
| Beatas: veja-se Donas. | |
| S. Basilissa, virgem e mártir, pertence a Braga. | 65 |
| D. Bataça, pertence a Coimbra. | 157 |
| D. Berengária, pertence a Almoster. | 153 |
| Berengária, pertence a Vila do Conde. | 164 |
| D. Branca, infante, pertence a Coimbra. | 146 |
| D. Branca, rainha, pertence a Coimbra. | 146 |
| Briatiz Leitoa, pertence a Aveiro. | 181 |
| D. Briatiz da Silva, pertence a Campo Maior. | 203 |
| Briatiz de S. Francisco, pertence a Vilalonga. | 262 |
| D. Briatiz Teles, rainha, pertence a Lisboa. | 171 |
| Briatiz Vaz de Oliveira, pertence a Évora e a Coimbra. | 299 |
| D. Briatiz de Vilhena, pertence a Évora. | 322 |
| Briolania da Ruda, pertence a Évora. | 250 |

| | |
|---|-----|
| Caterina da Luz, pertence a Cós. | 287 |
| Caterina da Madre de Deus, pertence a Elvas. | 318 |
| D. Caterina de Ataíde, pertence a Aveiro. | 202 |
| D. Caterina de Ataíde, pertence a Lisboa. | 286 |
| D. Caterina, infante, pertence a Lisboa. | 177 |
| D. Caterina de Ornelas, pertence à ilha Terceira. | 238 |
| D. Caterina Pires, pertence a Évora. | 249 |
| D. Caterina, rainha, pertence a Lisboa. | 245 |
| Caterina Rodrigues, pertence a Santarém. | 180 |
| D. Caterina de Sousa, pertence a Évora. | 254 |
| Cássia, pertence a Tomar. | 103 |
| S. Celerina, mártir, pertence a Sines. | 54 |
| Cláudia Loba, pertence ao Porto. | 41 |
| D. Cindazunda, rainha, pertence a Braga e a Coimbra. | 98 |
| S. Columbina, virgem e mártir, com vinte e nove companheiras, pertence a Entre Douro e Minho. | 72 |
| S. Comba de Lamas, virgem e mártir. | 111 |
| S. Comba da Tourega. | 72 |
| S. Comba Osorez, virgem e mártir, com suas companheiras, pertence a Lamego. | 110 |
| S. Comba, virgem e mártir, pertence a Coimbra. | 93 |
| D. Constança de Noronha, pertence a Guimarães. | 177 |
| D. Constança, rainha, pertence a Coimbra. | 154 |
| D. Constança Sanches, pertence a Coimbra. | 130 |
| Constança de Vida Pobre, pertence a Évora. | 168 |
| S. Cristeta, virgem e mártir, pertence a Évora. | 85 |
| Umás Donas de Lisboa. | 166 |
| Uma Donzela nobre, de Lisboa. | 285 |
| S. Eiria, ou Erena, virgem e mártir, pertence a Tomar e a Santarém. | 104 |
| Elosinda, pertence a Coimbra. | 113 |
| Elvira Duroa, pertence a Santarém. | 143 |
| Elvira Pais, pertence a Santarém. | 143 |
| S. Engrácia, virgem e mártir, pertence a Braga. | 75 |
| S. Engrácia, virgem e mártir, pertence a Braga. | 108 |
| S. Erena, virgem, pertence a Guimarães. | 94 |
| S. Espinela, pertence a Arouca. | 141 |
| S. Eufémia, ou Eumélia, virgem e mártir. | 63 |
| Eusébia Patrícia, pertence a Mérida. | 102 |
| S. Felicíssima, virgem e mártir, pertence a Alcácer do Sal. | 73 |
| D. Felipa, rainha, pertence à Batalha. | 174 |
| Felipa do Espírito Santo, pertence a Lisboa. | 315 |

| | |
|---|-----|
| A Filha de um rei de Braga. | 49 |
| Florença, virgem, pertence a Lamego. | 100 |
| Francisca de Abreu, pertence ao Porto. | 237 |
| S. Genebra, virgem e mártir, pertence a Braga. | 63 |
| S. Germana, virgem e mártir, pertence a Braga. | 64 |
| S. Godinha, virgem, pertence a Entre Douro e Minho. | 119 |
| D. Goutina, pertence a Santarém. | 142 |
| D. Guiomar da Silva, pertence a Lorvão. | 298 |
| S. Guitéria, virgem e mártir, pertence a Braga. | 61 |
| Helena do Lado, pertence a Torres Novas. | 272 |
| Helena do Paraíso, pertence a Vila Viçosa. | 235 |
| Hortência de Castro, pertence a Vila Viçosa. | 241 |
| D. Ilduara: veja-se Aldara | |
| Inês da Assunção, pertence a Vila Viçosa. | 226 |
| D. Inês das Astúrias, pertence a Lisboa. | 150 |
| Inês de Deus, pertence a Lisboa. | 276 |
| Inês de Jesu, pertence a Estremoz. | 320 |
| Inês de São Domingos, pertence a Lisboa. | 238 |
| Inês dos Anjos, pertence a Vila Viçosa. | 235 |
| Duas Irmãs do Porto. | 280 |
| Isabel da Anunciação, pertence ao Porto. | 278 |
| Isabel da Cunha, pertence a Beja. | 261 |
| D. Isabel da Veiga, pertence a Goa. | 289 |
| Isabel de Aguiar, pertence a Évora. | 251 |
| D. Isabel de Castro, pertence a Arouca. | 283 |
| Isabel de Guadalupe, pertence a Tângere. | 175 |
| Isabel de Miranda, pertence à ilha de São Miguel. | 309 |
| Isabel de Santo André, pertence a Vila Viçosa. | 257 |
| S. Isabel, rainha de Portugal, pertence a Coimbra. | 159 |
| D. Jerónima de Carvalho, pertence a Santarém. | 294 |
| Joana de Figueiredo, pertence a Lisboa. | 270 |
| Joana, de Nossa Senhora da Lapa. | 112 |
| Joana do Espírito Santo, pertence a Vila Viçosa. | 336 |
| D. Joana, infante de Castela e princesa de Portugal, pertence a Lisboa. | 252 |
| D. Joana, marquesa de Elche, pertence a Vila Viçosa. | 216 |
| D. Joana Peres Ferreirim, com outras, pertence a Évora. | 172 |
| D. Joana, princesa de Portugal, pertence a Aveiro. | 187 |
| D. Júlia, condessa, pertence a Évora. | 107 |
| Júlia, religiosa, pertence a Tomar. | 103 |
| S. Júlia, virgem e mártir, pertence a Lisboa. | 87 |

| | |
|--|-----|
| S. Júlia, virgem e mártir, pertence a Mérida. | 84 |
| D. Leonor Afonso, pertence a Santarém. | 152 |
| Leonor Correia, pertence a Évora. | 250 |
| Leonor da Encarnação, pertence a Vilalonga. | 263 |
| Leonor da Cruz, pertence a Vila Viçosa. | 224 |
| D. Leonor de Castro, pertence a Arouca. | 284 |
| Leonor de Noronha, pertence a Vila Real. | 243 |
| Leonor do Espírito Santo, pertence a Vila Viçosa. | 233 |
| Leonor do Rosário, pertence ao Porto. | 331 |
| D. Leonor Mascarenhas, pertence a Almada. | 212 |
| D. Leonor, rainha, pertence a Lisboa. | 217 |
| D. Leonor Teles de Meneses, pertence a Aveiro. | 185 |
| Lela Quibir do Cabo de Gue, em África. | 273 |
| S. Livrada, virgem e mártir, por outro nome S. Vuilgeforte, pertence ao Porto. | 59 |
| D. Lopa, pertence a Linhares. | 150 |
| S. Lucrecia, virgem e mártir, pertence a Mérida. | 85 |
| Luísa Sigea. | 240 |
| D. Mafalda, infante, pertence a Arouca. | 133 |
| S. Marciana, virgem e mártir, pertence a Braga. | 69 |
| Margarida de Chaves, pertence à ilha de S. Miguel. | 304 |
| Margarida Dias, pertence a Lisboa. | 167 |
| Margarida de Jesu, pertence a Vila Viçosa. | 218 |
| Margarida de Melo, pertence a Lisboa. | 274 |
| D. Margarida de Meneses, pertence a Coimbra. | 207 |
| Maria Bernardes, pertence a Évora. | 251 |
| Maria Bernardes, pertence a Santarém. | 142 |
| Maria Cerveira, pertence a Évora. | 255 |
| Maria da Cortiçada, pertence à Guarda. | 297 |
| Maria da Cruz, pertence a Vila Viçosa. | 227 |
| Maria da Cruz, pertence a Vila Viçosa. | 319 |
| D. Maria de Ataíde, pertence a Aveiro. | 196 |
| Maria do Espírito Santo, pertence à Índia. | 340 |
| Maria Domingues, pertence a Santarém. | 142 |
| Maria Fernandes, pertence a Goa. | 289 |
| D. Maria, infante, pertence a Lisboa. | 240 |
| Maria Martins, pertence a Lorvão. | 170 |
| D. Maria, princesa de Parma, pertence a Vila Viçosa. | 263 |
| Maria Pobre, com outras religiosas, pertencem a Évora. | 168 |
| Maria Raimundes, pertence a Lisboa. | 323 |
| D. Maria, rainha, pertence a Lisboa. | 210 |

| | |
|---|-----|
| Maria Ribeira, pertence a Lisboa. | 274 |
| S. Marinha, virgem e mártir, pertence a Braga. | 66 |
| A Mãe de S. Dâmaso Papa, pertence a Guimarães. | 94 |
| S. Matrona, virgem e mártir, com sua doze companheiras. | 99 |
| S. Máxima, virgem e mártir, pertence a Lisboa. | 87 |
| Mécia da Conceição, pertence à Castanheira. | 239 |
| D. Mécia de Távora, pertence a Évora. | 248 |
| D. Mécia Pereira, pertence à Feira. | 183 |
| Mécia Pimenta, pertence a Vila Viçosa. | 246 |
| Mulher de Santarém. | 155 |
| Mulher de Viseu. | 302 |
| Mulher solteira da Índia. | 291 |
| Mulher virtuosa, de Aveiro [=Alentejo]. | 334 |
| Mulheres algumas de Elvas. | 200 |
| Mulheres duas, do Porto. | 280 |
| Mulheres três, a que aconteceram neste reino casos notáveis, pertencem ao Porto e a Santarém. | 317 |
| Munia Martins, de Coimbra. | 130 |
| S. Natália, viúva, pertence a Lisboa. | 90 |
| Uma Noviça do mosteiro de Cós. | 256 |
| S. Olaia, virgem e mártir, pertence a Braga. | 80 |
| S. Pelágia, virgem e mártir, pertence a Bragança. | 91 |
| S. Quitéria, ou Guitéria, virgem e mártir, pertence a Braga. | 61 |
| Rainha de Braga. | 52 |
| Religiosa uma, de Amarante. | 279 |
| Religiosas do Trancoso. | 112 |
| Religiosas nove, de Coimbra. | 112 |
| S. Revocada, virgem e mártir, pertence a Viana. | 73 |
| S. Sabina, virgem e mártir, pertence a Évora. | 85 |
| D. Sancha, infante, pertence a Coimbra. | 135 |
| D. Sancha, primeira Comendadeira de Santos, pertence a Lisboa. | 148 |
| D. Sancha, virgem, pertence a Coimbra. | 123 |
| S. Senhorinha, virgem, pertence a Basto. | 119 |
| Sor Sentiz, pertence a Santarém. | 179 |
| S. Síta, virgem, pertence a Tomar. | 69 |
| S. Susana, virgem e mártir, pertence a Braga. | 58 |
| D. Tareja Afonso, pertence a Lamego. | 126 |
| D. Tareja, infante de Portugal, pertence a Lorvão. | 137 |
| S. Tareja, pertence a Ourém. | 144 |
| D. Tareja Soares, pertence a Braga. | 113 |
| S. Teodósia, virgem e mártir, pertence a Bragança. | 91 |

| | |
|--|-----|
| D. Toda, pertence a Braga. | 125 |
| S. Vicencia, virgem e mártir. | 99 |
| Violante da Cruz, pertence a Pinhel. | 282 |
| D. Violante de Sousa, pertence a Évora. | 249 |
| Vitória Caldeira, pertence a Arraiolos. | 337 |
| S. Vitória, virgem e mártir, pertence a Braga. | 65 |
| S. Vuilgeforte, virgem e mártir, pertence ao Porto. | 59 |
| D. Urraca, pertence a Montemor-o-Velho. | 115 |
| D. Urraca, rainha, pertence a Coimbra. | 131 |
| Urraca Ximenes, pertence a Évora. | 128 |

LAUS DEO

ÍNDICE ONOMÁSTICO *

- Abigail, 14n
Abraão, 60, 101
Abreu, Francisca de, 237
Acab, rei mouro, 175
Adão, 210
Adon, bispo, 66
Adosinda, Santa 118
Adrião, Santo 90
Adrichem, Christian van, 198
Afonso, D. Leonor, 21n, 152, 153
Afonso (= Alfonso), D. Teresa, 126, 127
D. Afonso, infante, filho de D. Dinis, 159, 160, 162
D. Afonso, infante e cardeal, 211
D. Afonso, filho de D. João I, 177, 218
D. Afonso, filho do duque de Gijón, 177
Afonso, João Luís, 331
D. Afonso, rei de Leão, 137
D Afonso Henriques, 123, 125, 126, 128, 129, 134
D. Afonso II, rei de Portugal, 131, 132
D. Afonso III, rei de Portugal, 147, 148, 149, 152, 153
D. Afonso V, rei de Portugal, 88, 134, 181, 182, 185, 187, 193
D. Afonso V, rei de Castela, 118
Afonso IX, rei de Castela, 131
Afonso X, rei de Leão, 139, 140
Agostinho, Santo, 24, 37, 137, 188, 189, 213, 235, 275, 322, 340, 341, 344
Aguiar, D. Fernando de, 45
Aguiar, Isabel de, 251
Aires, D. Berengária, 153
Alboacem, rei mouro, 121, 122
Aldara (=Ilduara), condessa, 116-118
Aldonça, infante, 140
Aldonça, rainha, 133, 135, 137, 139
Almada, Fernão Martins de, 212
Almançor, 110, 112
Almeida, D. Jorge de, bispo de Coimbra, 195
Alonso, C. 301
D. Alsanda 126
Alvarado, Francisco de, 264
Alvarenga, D. Mécia de, 189, 190, 194
Amadeu, Beato, 204
Ambrósio, Santo, 24, 275, 276
Amiães, Pedro de, 197
Amoreira, Fr. Manuel da, 251
Ana, mãe da Virgem, 206

* Excluem-se, pela elevada ocorrência, os nomes de Deus, de Cristo, de Nossa Senhora, bem como os que figuram nas designações de ordens religiosas ou de conventos.

- Ana, mãe de Samuel, 14n.
 Andeiro, conde João Fernandes, 171
 Andrada, Diogo Paiva de, 20, 33
 Andrade, Joana Freire de, 298
 Andrade, João Freire de, 243
 Anfiloco, 48, 67
 Ângelo, Aleixo, 157
 Anjos, Inês dos, 235, 236, 257
 Anjos, Fr. Francisco, O.P., 294
 Anjos, Fr. Luís dos, O.E.S.A., 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15n, 16n, 17, 18, 19n, 20, 22, 23, 24, 25, 31, 32, 33, 35, 37n, 55n, 117n, 255n, 292n
 Antonino, imperador, 92
 D. António, infante, filho de D. Manuel, 211
 António, Santo, 23, 132, 140, 141, 150, 151, 155-157, 204, 206
 Anunciação, Isabel da, 278
 Aporimo, mártir, 93
 Apresentação, Fr. Egídio da, O.S.A., 301
 Apresentação, Fr. Luís da, O.C., 9n., 334
 Aquileia, Santa 23n, 91, 93
 Aquilino, bispo (v. Natali, Pietro de)
 Aquino, S. Tomás de, 295, 301
 Aragão, Fr. Martinho de, O.S.A., 34
 Aragonta, 115
 D. Aranda, condessa, 118
 Araújo, 33
 Araújo, Fr. Duarte de, O. Cristo, 103, 107
 Araújo, Francisco de, S.J., 307
 Ardínga, 121, 122
 Areovegildo, 113
 Arias, D. Guterres, conde de Águeda, 116, 118
 Arisberto, bispo, 98
 Arrais, Soror Caterina, 168
 Artémio, 56
 Aruda (=Ruda), Briolanja, 250
 D. Assanda, 125
 Assunção, Soror Inês da, 224, 226-227
 Ataces, rei dos alanos, 98
 Ataíde, D. António de, 239
 Ataíde, D. Catarina de, 286
 Ataíde, D. Catarina de, filha de Beatriz Leitoa, 202, 203
 Ataíde, D. Diogo de, 181, 196, 202
 Ataíde, D. Fernando de, 239
 Ataíde, D. Jorge de, bispo de Viseu, 303
 Ataíde, D. Maria de, 194, 195, 196
 Atenodoro, Cláudio, 44
 Augusto César, imperador, 41, 44, 48, 52
 Ausberto, São, 110
 Ausónio, 51
 Auta, Santa, 218
 Aveiro, Fr. Pantaleão de, O.F.M., 246, 247, 248, 263
 Azevedo, D. João de, bispo do Porto, 195
 Azevedo, Diogo M. Aires de, 26n
 Azpilcueta, Martín de, 245
 Bamba, rei dos Godos, 96
 Baptista, Soror Maria do, 16n, 167, 178n, 272n, 274n, 333
 Baptista, João, S.J., 306
 Barbuda, Martim Anes de, 89
 Barcellona, Francesco Scorza, 15n, 20n
 Barónio, cardeal Cesare, 47, 56, 65, 66, 73, 97, 100, 123
 Barredo, Martim Mendes de, 183
 Barros, João de, 289 e n, 291, 292 e n, 293n
 Barros, João de, desembargador, 134

- Bartolomeu, Apóstolo São, 207, 208, 209, 210, 271
- Basílio, São 35
- Basílio Santoro, Juan, 38n
- Basilissa, Santa, 65
- D. Bataça, 157, 158
- D. Beatriz, rainha, 161, 162
- Beda, Santo, 115 e n
- Bellarmino, cardeal Roberto, 49, 165
- Bemzorot, Marvam, rei mouro 113
- Benigno, 110
- Bento, São, 251
- D. Berengária, 140
- Berengária, Soror, 164, 165
- D. Berengela, 131
- D. Bernardo, bispo de Coimbra, 58
- Bernardo, São, 127, 251, 265
- Bernardes, D. Maria, 142, 251
- Beuter, António, 95
- Bílio, 123
- Bívar, Francisco, 52n
- Boaventura, São, 243, 319
- Boccaccio, Giovanni, 11n, 14
- Bolland, Jean, 15n
- Bonifácio VIII, papa, 60
- Botelho, António, 92
- Bragança, D. Constantino de, vice-rei da Índia, 247
- D. Branca, infante, 146-148
- D. Branca, mãe de S. Luís, 131
- D. Branca de Lencastre, 174
- Briga, Júlio, 91
- Brigo, rei, 91
- Britaldo, 104, 106, 107
- D. Brites, rainha, 147
- Brito, Duarte Pereira de, 235
- Brito, Fr. Bernardo de, O. Cister, 16n, 115, 116n, 121n, 128n, 134n, 136n, 140n, 141n, 171n, 173, 248n, 249n, 250n, 251n, 252n, 282, 283n, 284n, 298n
- Burkardt, Albrecht, 13n
- Burke, Peter, 13n
- Burschel, Peter, 13n.
- Cabedo, Bartolomeu de, 67
- Cáceres, Simão Fernandes de, 307
- D. Cálcia, 59, 66, 67, 69, 70, 72
- Caldeira, V., 33
- Caldeira, Pedro, 338
- Caldeira, Vitória, 337, 338, 339
- Calderón, Juan, 52n
- Calfúrnio, 81, 82
- Calisto II, papa, 47
- Calvo, Fr. Pedro, O.P., 314
- Câmara, Rui Gonçalves da, 307
- Campo, Fr. Pedro del, O.E.S.A. 10n, 37n
- Cantiano, Fr. Agostino Manno, 286
- Cão, D. Frei Gaspar, bispo de S. Tomé, O.S.A., 299
- Cardim, Pedro, 22n
- Cardona, D. Bernardino de, marquês de Elche, 217
- Cardona, D. Isabel de, 161
- Cardosa, Francisca, 298
- Cardoso, Jorge, 18n, 22n, 243n, 301n
- Cardoso, Sebastião Luís, 314
- D. Carlos, príncipe, filho de Filipe II, 213
- Carlos V, imperador, 214, 245, 252, 264
- Carlos VIII, rei de França, 193
- Carpo, Caio, 42, 44, 47, 48
- Caro, Rodrigo, 52n
- Carrillo, Fr. Martín, 14, 15n, 76, 80 n
- Cartagena, Fr. Alonso de, 15n
- Carvalho, D. Catarina Pires de, 249
- Carvalho, D. Jerónima de, 294
- Carvalho, Fernão Nunes de, 323
- Carvalho, Nicolau, 31
- Cássia de Tomar, 103, 104

- Cassiodoro, 102
 Castanha, Isabel, 257
 Castellá, D. Mauro, 45
 Castelbranco, D. Afonso de, 163
 Castelbranco, Mícia Pais de, 262
 Castelo Branco, D. Francisco, 35
 Castilho, D. Pedro de, bispo de Angra, 307, 308
 Castinaldo, 104
 Castro, D. Guiomar de, 283
 Castro, D. Isabel de, 283
 Castro, D. Isabel de, mulher de D. Duarte de Meneses, 185
 Castro, D. Leonor (=Violante) de, 20n, 284
 Castro, D. Miguel de, arcebispo de Lisboa, 332
 Castro, D. Violante de, 284n
 Castro, Hotênsia de, 241
 D. Catarina, infante, 21n, 177-178
 Catarina de Alexandria, Santa, 163
 D. Catarina de Áustria, rainha, 211, 238, 241, 245, 247
 D. Catarina de Bragança, 262
 Catarina de Sena, Santa, 215, 295
 Cátedra, Pedro, 11n
 Catílio, Lúcio, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70
 Cecília, Santa, 319
 Celerina, Santa, 54, 55, 56, 57, 58
 Celerina, Lúcia Pompeia, 57
 Celestino III, papa 117
 Célio, abade, 106, 107
 Célio, Tito, 50
 Cerita, Fr. João, 127
 César, Júlio, 91
 Chainho, Duarte Vaz, 299
 Chaves, Aulo de 41
 Chaves, Margarida de, 22, 304, 305n, 308, 309, 313
 Cícero, 78
 Cindazunda, rainha, 98
 Clara, Santa, 163
 Cláudio, imperador, 74
 Cláudio, Libério, 44
 Cochrane, Eric, 11n
 Coelho, Fr. Simão, O.C., 245 e n
 Collina, Beatrice, 14n
 Columbina, Santa, 72
 Columbo, 66
 Comba, Santa, 37, 72, 93, 94
 Comba de Tourega, Santa, 72
 Conceição, Ana da, 9n, 343, 344
 Conceição, Fr. Manuel da, O.E.S.A., 22n, 330
 Conceição, Fr. Pedro da, O.E.S.A., 313
 Conceição, Fr. Rodrigo da, 20, 32
 Conceição, Mécia da, 239
 Conceição, Soror Joana da, 271
 D. Constança, rainha, 154, 158, 159
 Constança da Vida Pobre, 168-169
 Constantino, imperador, 67
 Contreras, Fr. Miguel de, 218
 Correia, D. Leonor, 250
 Correia, Jorge, 304
 Correia, Manuel Jorge, 306, 307
 Cortiçada, Maria da, 24n, 297
 Costa, cardeal D. Jorge da, 178, 194
 Coutinha, D. Luisa, 9, 23n, 35
 Coutinho, D. Francisco, 294
 Coutinho, D. João, 35
 Covarrubias Orozco, Sebastián de, 91n, 143n, 148n
 D. Crescónio, bispo, 124
 Crisólogo, S. Pedro, 292
 Cristeta, Santa, 85, 86, 87
 Cruz, Fr. Jerónimo da, O.S.A., 301
 Cruz, Leonor da, 224, 225, 227, 233, 257
 Cruz, Maria da, O.S.C., 319

- Cruz, Maria da, O.S.A., 227-230, 259
 Cruz, Violante da, 282
 Cuba, Fr. Domingos de, O.P., 143
 Cucufate, São, 58
 Cunha (=Acunha), D. Rodrigo, bispo do Porto, 67, 118, 154, 174, 281
 Cunha, Soror Isabel da, 261
 Daciano, 75, 76, 81, 86
 Décio, 73
 Dâmaso, São, 23n, 94, 95, 96, 97
 Daretos, 71
 David, rei-profeta, 49, 51, 53, 197, 202, 243, 265, 272, 279, 280, 344
 Daza, Bernardino, 48
 De Maio, Romeo, 11n, 14n, 18n
 Delcorno, Carlo, 11n
 Deus, Soror Inês de, 276
 Dextro, Flávio Lucio, 16n, 52, 53, 57, 59, 60, 68, 69, 73, 80, 86, 92, 93, 96, 99
 Dias, Margarida, 167, 168
 Dias, Fr. Nicolau, O.P., 16n, 22n, 182, 183n, 187n, 195, 196n, 203n
 Díaz y Díaz, M., 116
 Dina, 14n.
 D. Dinis, rei de Portugal, 12, 107, 152, 153, 154, 157, 158, 159, 160, 161, 164
 Diocleciano, imperador, 76, 81, 85, 86, 87, 90
 Dionísio, São 62
 Domício, mártir, 93
 Domingues, Maria, 142
 Donato, sacerdote, 81, 84
 D. Duarte, infante, filho de D. Manuel, 211, 262, 263
 D. Duarte, rei de Portugal, 174, 175, 177
 Duroa, Elvira, 143, 144
 Eiximenis, Francesc, O.F.M., 211n
 Elias 169
 Elipando, bispo de Coimbra, 98
 D. Elvira, rainha, 118
 Elosinda (=Adosinda), 24, 113, 114
 Encarnação, Soror Leonor da, 263
 Engrácia, Santa, 37, 75, 76, 77, 80
 Engrácia, Santa (de Braga), 108-110
 Enoc, 102
 Eiria, Santa (v. Iria)
 Epárquio, 93
 Erena, Santa, 94, 96, 97
 Eriana, virgem, 113
 Escobar, Antónia de, 141
 Espinela, Santa, 141
 Espírito Santo, Sor Filipa do, 9n, 315
 Espírito Santo, Soror Joana do, 336
 Espírito Santo, Soror Leonor do, 233, 234, 236, 257
 Espírito Santo, Soror Maria, 23, 340, 341, 343
 Estação, Aquiles, 240
 Estêvão, Santo, 146
 Esteves, cardeal D. João, 166
 Estrabão, 43
 Eufémia (=Eumélia), Santa, 37, 63, 64
 Eugénia, 104
 D. Eugénio, abade de Lorvão, 113
 Eugénio, Santo, 62, 77
 Eulália, Santa (v. Olaia, Santa)
 Eumélia (v. Eufémia, Santa)
 Eusébio Cesariense, 67
 Eutício, 74
 Eutrando, 66
 Factor (=Fautor), Fr. Nicolás, O.F.M., 254
 Facundo, mártir, 117
 Faltónia, Proba, 244
 Fariá, Manuel Severim de, 308

- Farnese, Alexandre, 264
 D. Fedrique de Portugal, bispo, 70
 Felicíssma, Santa, 73, 74
 Félix, sacerdote, 81, 84
 Félix, São, 87
 Fernandes, Maria (=Ana), 289, 290
 Fernandes, M^a de Lurdes Correia, 22n, 264n, 301n
 D. Fernando, duque de Bragança, 186
 D. Fernando, duque de Viseu, 217
 D. Fernando, filho de D. João I, 174, 175
 D. Fernando, rei de Portugal, 171, 172, 177
 D. Fernando, filho de D. Manuel, 211
 D. Fernando, o Santo, 131
 D. Fernando, Rei Católico, 210
 Fernando I, rei de, 108
 D. Fernando IV, rei de Castela, 158
 Ferrão, Francisco, 289
 Ferrari (=Ferrerio), Fr. Filipe, 55, 70n, 71, 75n, 93, 99n
 Ferreira, António,, 111 e n.
 Ferreira, D. Filipa, 340-342
 Ferreira, I., 33
 Ferreira, Inácio, 306
 Ferreirim, D. Joana Peres, 24n, 172-173
 Ferrer, S. Vicente, 11n
 Fezes, Fr. André de, O.F.M., 242
 Fida, Lucrecia, 50
 Figueira, Diogo, 257
 Figueiredo, Joana de, 270
 D. Filipa de Lencastre, rainha, 174
 D. Filipa, filha do infante D. Pedro, 189, 190, 194
 Filipe I, rei de Castela, 245
 Filipe II, rei de Espanha e de Portugal, 163, 212, 214, 334
 Filipe III, rei de Espanha e de Portugal, 110
 Filipe IV, rei de Espanha e de Portugal, 214
 D. Fisnando, bispo de Coimbra, 113
 Fleith, Barbara, 10n
 Foreiro, Fr. Francisco, O.P., 241
 Florença (=Florência), Santa, 100, 101
 Florentina, Santa, 322
 Francisco, São, 132, 150, 151, 163, 204, 206, 270, 305
 Freire, D. Maria, 243
 Frísio, Gema, 175
 Fronto, Celico, 50
 Fronto, Tripes, 50
 Frutuoso, Gaspar, 307
 Frutuoso, São, 58
 Fulgêncio, São, 254
 Gabriel, Anjo São, 197, 243
 Gadalfe, rei mouro, 206
 Gajano, Sofia Boesch, 10n, 15n, 21n, 114n
 Galba, Sérgio, 58
 Galesino, Pedro (=Pietro), 57, 73
 Galvão, António, 43
 Galvão, D. João, bispo de Coimbra, 182
 Gândavo, Pêro de Magalhães, 27
 García, D. Martín, 76
 Garibay y Zamaloa, Esteban de, 91, 96, 174, 254
 Garzoni, Tommaso, 14
 Gelásio, abade, 122
 Gelásio I, São, 100
 Gelmires, D. Diogo, bispo, 58
 Genebra (= Genivera), Santa, 63
 Geraldo (=Giraldo), São, 125, 126
 Germana, Santa, 64

- Gerson (=Gersão), Jean, 56, 88
 Gertrudes, Santa, 178
 Gervás, São, 119
 Gil, S. Frei, 85, 136, 142, 143, 144
 Giovio, Paolo, 11n
 D. Goda, abadessa, 136
 D. Goda, aia de D. Teresa, 137, 138
 Godinha, Santa, 119, 120
 Godinho, Miguel, 173
 Godoy Alcántara, José, 16n
 Goes, Domingos de, S.J., 307
 Gonçalves, João, S.J., 306
 Gonzaga, cardeal Francesco, 16n,
 150, 152, 153, 165, 177, 215,
 216, 238, 238, 240, 263, 273,
 276, 279n
 González de Ávila, Gil, 214, 254
 Gotoi (= Nonado), 119
 D. Goutina, 142
 Gouveia, D. Manuel de, bispo de
 Angra, 308
 Granada, Fr. Luís de, 17n, 164, 256,
 261, 277, 278, 281, 286, 286,
 302
 Gratiliano, São, 73, 74
 Grégoire de Tours, São, 83
 Gregório, São, papa, 35, 102, 175
 Gregório XIII, papa, 30, 57
 Gregório Nazianzeno, São, 123
 Gretser (=Gressoro), Jacob, S.J., 61
 Greyers, Kaspar von, 13n
 Guadalupe, Isabel de, 175-176
 Guadix, D. Loba de, 41
 Gudiel, Jerónimo, 60
 Guilherme, conde de Vintemilia,
 157, 158
 Guillerme, São, 131, 152
 Guimarães, Fr. João de, O.P., 182
 Guitéria, Santa, 61, 62, 72
 Guterres, D. Froila, 118
 Guterres, D. Nuno, 118
 Hampton, Timothy, 12n
 Helena, Santa, 247
 D. Henrique, cardeal-infante, 211
 D. Henrique, conde, 123, 125
 D. Henrique, infante, filho de D. João
 I, 174, 175
 D. Henrique, rei de Castela, 177
 D. Henrique I, rei de Castela, 133,
 Henrique II, imperador, 114
 Henrique VII, rei de Inglaterra, 193
 Henriques, António da Silveira, 262
 Hermenerico, rei dos suevos, 98
 Hermígio, 104
 Herodes, 51
 Honorato, Santo, 62
 Ibero, rei, 91
 D. Ilduara (v. D. Aldara)
 Illescas, Gonzalo de, 94n
 D. Inês das Astúrias, 150
 Inocêncio III, papa, 138
 Inocêncio VIII, papa, 205
 Ínsua, Fr. André da, O.F.M., 238
 Iria, Santa, 24n, 37, 103, 104, 105,
 107n, 153
 D. Isabel, mulher do infante D.
 Duarte, 262, 263, 319
 D. Isabel, imperatriz, mulher de
 Carlos V, 212, 214, 252
 D. Isabel, infanta, filha de D. João I,
 174
 D. Isabel, a Católica, 204, 210
 Isabel, Rainha Santa, 12, 107, 153,
 154, 155, 159-164, 207, 208
 D. Isabel, rainha, mulher de D.
 Afonso V, 181, 187
 D. Isabel, rainha, mulher de D. João
 II de Castela, 204
 Isabel de Hungria, Santa, 163
 Isabel de Urgel, mulher do infante D.
 Pedro, 181

- Isaías, 51, 216, 243
 Isidoro, Santo, 84
 Ísis, 49, 50, 51
- D. Jaime (=Gemes), duque de Bragança, 217, 222, 224, 233, 263, 322
 D. Jaime, rei de Aragão, 131, 159
 Jerónimo, São, 24, 108, 297
 Jezabel, 175
 Jesus, D. Fr. Agostinho de, O.E.S.A., 59, 313
 Jesus, Inês de, 320
 Jesus, Soror Margarida de, 218-221, 223-228, 230, 233, 257
 Joana, 112
 Joana, marquesa de Elche, 25n, 216
 D. Joana, princesa, 16n, 22, 182, 183n, 185-196, 203
 D. Joana, filha dos Reis Católicos, 245
 D. Joana de Áustria, mulher do príncipe D. João, 214, 252, 254
 João, abade de Montemor-o-Velho, 115, 116
 D. João, bispo do Porto, 174
 D. João, duque de Lencastre, 174
 D. João, infante, filho de D. João I, 174
 D. João, príncipe, filho de D. João III, 252
 João Baptista, São, 274, 275, 276
 João Evangelista, São, 101, 163, 178, 187, 224, 292, 297, 331
 D. João I, rei de Castela, 89, 171, 172
 D. João I, rei de Portugal, 172, 174, 175
 D. João II, rei de Aragão, 80
 D. João II, rei de Castela, 172, 204
 D. João II, rei de Portugal, 88, 187, 190, 192, 193, 218
- D. João III, rei de Portugal, 130, 169, 211 e n, 213, 214, 238, 245, 315, 324
 D. Jorge, duque de Coimbra, 194
 José, São, 156, 261
 Judas, Apóstolo São, 283, 319
 D. Júlia, condessa, 107, 108
 Júlia, de Tomar, 103, 104
 Júlia, Santa, de Lisboa, 13n, 87, 88, 89, 148
 Júlia, Santa, de Mérida, 84
 Juliano (v. Pérez, Julián)
 Julião, conde, 108
 Justiniano, imperador, 48
- Lacerda, Fr. Manuel de, O.E.S.A., 9, 35
 Lado, Helena do, 272
 Lamas, S. Comba de, 111
 D. Lascara, 157
 Lascaro, Teodoro, 158
 Lascaro Menor, Teodoro, 158
 Lavanha, João Baptista, 289, 290, 292, 293n
 Lázaro, São, 310, 311
 Leandro, São, 322
 Leão, Duarte Nunes de, 13, 17, 18n, 24, 27, 67, 88, 90, 94, 136, 149, 152, 161, 171, 217, 240, 241, 264
 Leão X, papa, 239
 Leitoa, Beatris, 181-186, 189, 192, 196, 202
 Lemos, D. Luís de Figueiredo de, 307
 Lencastre (=Alencastre), D. João de, duque de Aveiro, 300
 León Soarez, Miguel de 155n
 D. Leonor, rainha, mulher de D. João II, 217
 D. Leonor, rainha, mulher de D. Manuel, 240

- D. Leonor, mulher do rei D. Duarte, 177
 D. Leonor, de Aragão, 131
 Leto, São, 85, 86
 Libério, 81, 96
 Lippomano, Luís, 15v, 38n
 Lípsio, Justo, 32, 50
 Lisboa, D. Fr. Cristóvão de, O.S.H., 342
 Lisboa, Fr. Marcos de, O.F.M., 150, 262
 Lívio, Títo, 43, 48, 92
 Livrada (=Vuilgeforte) Santa, 13n, 23n, 59, 60, 61, 62, 63, 67, 70, 75, 94
 Loaysa, 50
 D. Loba, 54
 Lobo, Francisco, tabelião, 313
 Loba, Caia, 41
 Loba, Cláudia, 41, 42, 43, 44, 47
 Lobo, Caio Sévio, 41
 D. Lopa, de Linhares, 150, 151
 Lopes, Águeda, 23, 197, 198
 Lourenço, Diogo, 195
 Lourenço, João, 290
 Lourenço, Maria, 89
 Lourenço, São, 95
 Lousada, Gaspar, 340
 Lousada, Gaspar Álvares, 111
 Lucas, Maria Clara A., 56n
 Lucêndria, 113
 Lucas, São, 243, 268
 Lucêndria, 113
 Lucrécia, Santa, 85
 D. Luís, infante, filho de D. Manuel, 211
 Luís, Isabel, 309
 Luís, São, bispo, 163, 178
 Luís XI, rei de França, 188
 Luitprando, 16n
 Luna, D. Álvaro de, 15n
 Lupércio, São, 80
 Luz, Catarina da, 287, 288
 Luzia, Santa, 122
 Lyons, John D., 12n
 Macedo, António de Sousa de, 18n
 Macedo, Diogo Afonso, 154n
 Machado, Diogo B. arbosa, 9, 305n
 Madalena, S. Maria, 295
 Madre de Deus, Catarina da, 318, 319
 Madre de Deus, Cecília da, 223
 D. Mafalda, infante, 133, 134
 D. Mafalda, rainha, 130, 134
 Maldonado, 101
 Manços, São, 1º bispo de Évora, 56, 107, 108, 183
 D. Manuel I, rei de Portugal, 12, 56, 108, 192, 211, 212, 217, 218, 240, 241, 262
 Marcar, Pate, capitão mouro, 292, 293
 Marciana, Santa, 69
 D. Margarida de Áustria, 14n, 264
 D. Margarida, rainha, 164
 D. Maria, infanta, filha de D. Manuel, 12, 17, 240, 277
 D. Maria, princesa de Parma, 22, 263, 264n
 D. Maria, rainha, mulher de D. Manuel, 12, 210-212, 252
 D. Maria de Áustria, 214
 Maria Pobre, 168-169
 Marieta, Fr. Juan de, 60, 62, 72, 78, 84
 Marinha (=Gema, ou Marina, ou Margarida), Santa, 13n, 37, 63, 64, 66, 67, 68
 Marinho, papa, 66
 Mariz, Margarida de, 299

- Mariz, Pedro de, 113, 147, 211, 218, 242, 318
- Marqués, Fr. Antonio, 24n
- Marquez, Fr. Juan, 108, 110, 127
- Martin, Hervé, 11n
- Martinelli, Serena Spanò, 15n, 114n
- D. Martinho, abade de Alcobaça, 129
- Martins, Maria, 170-171
- Martins, Mário, 56n
- Martins, Múnia, 130
- Martins, D. Teresa, 164
- Mascarenhas, D. Leonor, 212, 213
- D. Mateus, bispo, 74
- Matrona, Santa, 99, 100
- Máxima, Santa, 13n, 87, 88, 89, 148
- Maximiano, imperador, 76, 81, 86, 87
- Maximiliano, imperador, 188, 218
- Mayer, Thomas F., 10n, 11n
- Melo, Margarida de, 274, 275
- Mendonça, Jerónimo de, 273
- Mendonça, D. Joana de, 217
- Meneses, D. Brites de, 187, 207, 210
- Meneses, D. Catarina de, 35
- Meneses, D. Duarte de 185
- Meneses, D. Fernando de, marquês de Vila Real, 243
- Meneses, D. Fr. Aleixo de, O.S.A., 301, 340, 341
- Meneses, D. Garcia, bispo de Évora, 190
- Meneses, D. Isabel de, 203
- Meneses, D. João de, 204
- Meneses, D. Leonor Teles de, 185-187, 189
- Meneses, D. Margarida de, 207, 209, 210
- Meneses, D. Pedro de, 203
- Mesquita, D. Marcela de, 331
- Mesquita, Fr. Jerónimo de, O.S.A., 313
- Metafrastes, 67, 68
- Minêncio, Júlio, 73
- Miranda, Álvaro de, 309
- Miranda, Isabel de, 22, 309, 311, 314
- Molano, João, 61, 75
- Molina, Lic^o Juan de, 47, 58, 68
- Mombrizio, Bonino, 55
- Mónica, Santa, 169, 322
- Moniz, 33
- Moniz, Egas, 126
- Moniz, Francisco Lopez, 314
- Monteiro, Nicolau, 33
- Montoya, Fr. Luís de, O.E.S.A., 9n, 231, 300, 325, 326
- Morais, Fernão de, 233
- Morais, Sebastião de, S.J., 22n, 264n
- Morales, Ambrósio de, 74, 78, 95, 115, 118
- Moreno, Fr. Cristóbal, 254n
- Moreno de Vargas, Bernabé, 85n
- Moura, D. Manuel Vale de, 209, 338, 339
- Mozzarelli, C., 13n
- Musato, Albertino, 155
- Natali (=Natalibus), Pietro de, 55, 66n, 85, 90
- Natália, Santa, 90
- Navarro (v. Azpilcueta)
- Nebrija, António de, 42
- Nero, 57, 58
- Niccoli, Ottavia, 14n
- Nicomédia, São Pantaleão de, 192
- Nóbrega, Manuel da Fonseca, 324, 327
- Noemi, 14n
- Noronha, D. Constança de, 177-178

- Noronha, D. Leonor de, mulher de D. Fernando de Ataíde, 239
 Noronha, D. Leonor de, filha do marquês de Vila Real, 17, 243, 244
 Nunes, Antónia, 251
 Nunes (=Moniz), D. Pero, 132
 Nunto, São, 103
- Olaia, Santa, 37, 80, 81, 84, 94
 Oliveira, António, capitão, 307
 Oliveira, Beatriz Vaz de, 299, 301n
 Ontcomero, 75
 Ordonho, contador, 125
 Ordonho, rei, 115
 Ordoño, monge de Celanova, 116
 Ornelas, D. Catarina, 238
 Ornstein, Jacob, 15n
 Orósio, Paulo, 52
 Orozco, Fr. Alonso de, O.S.A., 252, 253
 Ortélio, Abraão, 91, 93
 Osores, S. Comba, 100, 110, 111
- Pacheco, Fr. Duarte, O.S.A., 9n
 Paciano, São, 59
 Padilla, D. Francisco de, 23, 60, 88
 Paixão, Acácia da, 214, 216
 D. Paio, arcebispo de Braga, 121
 D. Paio, bispo de Évora, 128, 129
 Pais, Elvira, 143, 144
 Pamério, arcebispo de Mérida, 53 98
 Pancrácio, arcebispo de Braga, 53
 Panvino, Onofrio, O.S.A., 66n, 96
 Paraíso, Helena do, 233-236, 257
 Patrícia, Eusébia, 102, 103
 Paula, Santa, 246
 Paulino, São, 137
 Paulo, Apóstolo São, 24, 57, 68, 88, 113, 230, 254, 284, 300
 Paulo, diácono de Mérida, 85, 103
 Paulo III, papa, 241
 Paulo V, papa, 334
 Pedro, Apóstolo São, 62, 88, 300
 D. Pedro, infante, duque de Coimbra, 174, 181, 194
 D. Pedro, rei de Aragão, 158
 D. Pedro I, rei de Portugal, 209
- Pelágia, Santa, 23n, 91, 93
 Pennotto, Gabriel, 130
 Pente, André de, 314
 Pereira, D. Fernando, 183
 Pereira, D. Mécia, 25, 183-185
 Pereira, D. Teresa, 184-185
 Pereira, D. Nuno Álvares, 177
 Pérez, Julián (=Juliano), 16n, 54, 55n, 56, 61, 61, 63, 64, 65, 68, 69, 95
 Pérez de Moya, Juan, 12, 13, 16, 17, 21n, 24, 37, 211, 212
 Pérez de Valdivia, Diego, 264n
 Perim, Damião de Frois, 26n
 Perusino, Tadeu O.E.S.A., 224
 Petita, D. Maria Mendez; 237
 Petrarca, Francisco, 11n
 Pilatos, 246
 Pimenta, Mécia (=Mícia), 246-248
 Pimentel, João Afonso, 47
 Pina, Rui de, 132, 133, 138, 147
 Pinheira, D. Isabel, 212
 Pio II, papa, 182
 Pio V, papa, 270
 Platão, 240, 284
 Plínio, 74
 Plutarco, 49
 Polasário, João, 157
 Portugal, D. Francisco de, 1.º conde de Vimioso, 322
 Poutrin, Isabelle, 16n
 Primitivo, mártir, 117
 Prisciliano, herege, 67

- Prisco, São, 99
 Prodi, Paolo, 13n
 Prudência, 113
 Prudêncio, Aurélio, 75, 77-83
 Prudêncio, São, bispo, 78
 Prúsias, rei de Bitínia, 48
 Ptolomeu, 91
 Purificação, Fr. António da, O.E.S.A.,
 9, 13, 20, 23, 36, 37n
 Purificação, Fr. Estêvão da, O.C., 9n.,
 334, 335
- Quebir, Lelé, 273
 Quirino, Tito Cláudio, 44
 Quijada, D. Fr. Francisco, 205
 Quitéria (v. Guitéria, Santa)
- Raimundes, Catarina, 323
 Raimundes. Maria, 22, 323, 325,
 327
 Rainúncio, São, 162
 D. Ramiro, rei, 115, 121
 Rates, S. Pedro de, arcebispo de
 Braga, 49, 51, 52, 53, 54, 98
 Razzi, Silvano, 14, 37n, 71
 Rebeca, 14n.
 Rebelo, P. João, S.J., 16n, 197, 199,
 200, 201, 202
 Reboredo, Amaro, de 9n
 D. Reimão, conde de Borgonha, 123,
 124
 Reinhard, W., 13n
 Reis, Fr. Gaspar dos, O.C., 20, 32
 Remígio, Frei, 105, 107
 Resende, André de, 42, 67, 85, 136,
 142-144, 159
 Revocada, Santa, 73
 Ribadeneira, Pedro de, S.J., 11n, 78
 Ribeira, D. Maria, 274, 275
 Ribeira, D. Maria Pais, 130
 Rodolfo, Pedro, 136
- Rodrigues, António, 338
 Rodrigues, Catarina, 180
 Rodrigues, Justa, 241
 Rodrigues, Maria Idalina Resina,
 277n
 Rodrigues, Matias, 49n
 Rodríguez de Prado, Lorenzo, 55n
 D. Rodrigo, bispo do Porto, 174
 D. Rodrigo, rei, 208, 208
 D. Rodrigo, rei dos godos, 103
 Román, Fr. Jerónimo, O.E.S.A., 116,
 141, 223, 325n
 Román de la Higuera, Jerónimo, S.J.,
 16n, 52n, 55n, 65, 66n
 Romão, eremita, 208
 Rosário, Fr. Diogo do, O.P., 11n
 Rosário, Soror Leonor do, 331, 332,
 333
 Rosendo, São, 116-118, 120
 Rute, 14n
- Sabélico, Marco António, 244
 Sabina, Santa, 85-87
 Sabino, Cláudio, 43
 Sahagum, S. João de, 113
 Saio, João do, 89
 Salazar, Fr. Pedro de, O.F.M., 206
 Sallmann, Jean-Michel, 13n, 16n,
 21n
 Salomão, 51, 213, 216, 257, 279,
 291, 292
 Samério, arcediogo de Braga, 98
 Sampaio, Fr. Estêvão de, 85n, 143n
 D. Sancha, comendadeira de Santos,
 88, 148, 149
 D. Sancha, filha de D. Reimão, 123,
 124
 D. Sancha, infante, 135, 136, 139
 Sanches, D. Afonso, 164
 Sanches, D. Constância, 130
 Sanchez, António, notário, 313

- Sanchez, Francisco, 37
 Sánchez Lora, José, 16n, 21n.
 D. Sancho, rei de Castela, 164
 D. Sancho I, rei de Portugal, 133, 135, 137, 138, 148
 D. Sancho II, rei de Portugal, 130, 135
 D. Sancho IV, rei de Castela, 147
 Sancho, São, 135
 Sande, Fr. Jorge de, O.S.A., 33, 34
 Sandoval, Fr. Prudêncio de, bispo de Tuy, 53n, 65, 68n, 69, 322n
 Santa Ana, Fr. Diogo de, O.S.A., 23n, 343
 Santa Maria, Fr. Antão de, O.P., 183, 191, 192
 Santiago Maior, Apóstolo, 41, 42, 45, 46-49, 52-54, 58, 242, 247
 Santo André, Isabel de, 228-230, 257, 259-260, 262
 Santo António, Fr. Bernardino de, O.S.S.T., 243
 Santo António, Soror Helena de, 152
 São Domingos, Fr. António de, 308
 São Domingos, Inês de, 238
 São Francisco, Beatriz de, 262
 São João, Mícia de, 262
 São Nicolau, Adeodata de, 230-232
 Sara, 14n
 Satélico, 57
 Saturnino, São, 73
 Scaligero, Alberto, 155
 Scardonio, Bernardino, 155
 D. Sebastião, rei de Portugal, 214, 252, 273, 294, 296, 324
 Seguino, Pedro, bispo, 64
 Séneca, 35
 Senhorinha de Basto, Santa, 119, 120
 Sentiz, Sor, 179
 Serviária, 113
 Sículo, Lucio Marineo, 95, 111
 Sigea, Ângela, 12, 241
 Sigea, Luísa, 12, 240
 Sigonio, Carlo, 43
 Sígüenza, Fr. José, O.S.H., 76
 Silva, Aires Gomes da, 207, 210
 Silva, D. Aires da, bispo, 281
 Silva, D. Beatriz da, 203-206, 210
 Silva, D. Clara da, 194
 Silva, D. Diogo, 1º conde de Portalegre, 204
 Silva, D. Guiomar da, 298, 299
 Silva, D. Maria da, 315
 Silva, Rui Gomes da, 203
 Silveira, Gil Eanes da, 307
 Silveira, Maria, 255
 Silvestre, São, 58
 Simão, Apóstolo São, 283, 319
 Simeão, bispo, 60
 Sisto V, papa, 308
 Sita (=Zita), Santa, 69-72
 Soares, D. Fr. João, O.E.S.A. e bispo de Coimbra, 124, 248
 Soares, Fr. Brás, O.E.S.A., 22n, 304, 305, 312, 313
 Soares, D. Teresa, 24, 113, 114
 Sodano, Giulio, 13n, 18n
 Sousa, D. António Caetano, 35
 Sousa, D. Catarina de, 254, 255
 Sousa, D. Violante de, 134, 249
 Sousa, Fr. Luís de, O.P., 16n, 142, 174, 179, 180, 237, 297
 Sousa, Gonçalo Correia de, 305
 Sousa, Gonçalo Garcia de, 152
 Sousa, Gonçalo Mendes de, 114
 Sousa, Martim Afonso de, 293
 Soveral, Fr. Roque do, O. Cristo, 242, 243n
 Sozomeno, 50 e n
 Surio, Lourenço, 15, 114
 Susana, Santa, 58, 59

- Talavera (=Talabeira), Fr. Gabriel de, O.S.H., 177
- Tarquino, 87
- Tarafa, Francisco, 52
- Távora, D. Mécia (=Mícia) de, 248
- Teixeira, D. Jerónimo, bispo de Angra, 313
- Teles, D. Brites, rainha, 171, 172
- Teles, D. Leonor, rainha, 171, 172
- Teodomiro, rei dos suevos, 59
- Teodorico, ariano, 84
- Teodósia, Santa, 23n, 91, 93
- D. Teodósio I, duque de Bragança, 257, 318
- D. Teodósio II, duque de Bragança, 12n, 92, 262
- Teófilo, São, 73
- D. Teotónio, prior de S. Cruz, 131
- Teresa de Ávila, Santa, 15, 18n, 213
- Teresa de Ourém, Santa, 20, 144-146
- D. Teresa, infante, 136-141
- D. Teúdo, filho de D. Ramiro, 121, 122
- D. Teúdo, governador de Coimbra, 111, 113
- D. Tibúrcio, bispo, 148
- Tirso, Santo, 83
- Tobias, 267
- D. Toda, 125
- Tolentino, São Nicolau de, 233-236, 340
- Tolosa, Fr. João de, O.F.M., 206
- Torcato, São, 41, 58
- Torcaz, São, 118
- Torpes, São, 55, 56, 57, 58
- Toscano, Fr. Sebastião, O.S.A., 213
- Traso Salariense, conde, 74
- Trindade, Catarina da, 319
- Trindade, Fr. Lopo da, 299
- Trujillo, Tomás de, 79
- Tubal, rei, 91
- Tubalda, rei, 91
- Tuditano, Caio Semprônio, 92
- Turíbio, 86
- Turriano, Miguel, S.J., 245
- Urbano VIII, papa, 17n, 18n
- Urraca, de Montemor-o-Velho, 115
- D. Urraca, mulher de D. Reimão, 123
- D. Urraca, rainha, 131, 132, 133
- Usuardo, 73, 75, 88
- Valente, Heitor Mendes, 262
- Valera, Diego de, 15n
- Valério (=Valero), São, 76, 80
- Valladolid, Fr. Francisco de, 67
- Vasconcelos, António de, S.J., 71, 72, 103, 111, 116, 121, 134, 144, 154, 177, 245, 255n, 256, 288, 317, 318
- Vasconcelos, Diogo Mendes de, 42
- Vasconcelos, Manuel de, 289
- Vasconcelos, Mendo Rodrigues de, 224
- Vaseu, Juan, 57, 95
- Vasquez, D. Urraca, 154, 162
- Vaz, Joana, 241
- Veiga, D. Isabel da, 289, 290
- Veiga, Fr. João da, O.S.A., 253
- Velho, Domingos, 9, 17n, 316, 344
- Venâncio, Lúcio, 54
- Vera, Luís de, 49n
- Veríssimo, São, 87, 88, 89, 148, 149
- Vicência (=Vincência), Santa, 99
- Vicente, D. José, 123
- Vicente, São, 85-87
- Víctor, São, 58, 59
- Viera, David, 211n

- Vilanova, S. Tomás de, 9n
Vilhena, D. Beatriz de, 322
Villegas, Alonso de, 11n
Virgílio, 244
Virgílio. Poliodoro, 197
Visitação, Soror Maria da, 18n
Vitória, Santa, 65
Voragine, Jacopo da 10n
Vuilgeforte (v. Livrada, Santa)

Woolf, D. R., 10n, 11n

Ximenes, D. Urraca 128, 129

Yepes, Fr. Antonio de, O.S.B., 117

Zacarias, profeta, 203, 247
Zanetto, Bartolomeu, 306
Zardin, Danilo, 13n
Zarri, Gabriella, 14n
Zebedeu, 53
Zimmermann, T. C., 11n
Zoilo, São, 66

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| Introdução | 9 |
| Critérios de edição | 27 |
| Jardim de Portugal | 31 |
| [Dedicatória] | 35 |
| A quem ler | 37 |
| 1. Cláudia Loba, do Porto | 41 |
| 2. A filha de um rei de Braga | 49 |
| 3. Uma rainha de Braga | 52 |
| 4. Santa Celerina, viúva e mártir de Sines, no arcebispado de Évora | 54 |
| 5. Santa Susana, virgem e mártir, de Braga | 58 |
| 6. Santa Livrada, por outro nome Santa Vuilgeforte, virgem e mártir e doutora. Pertence ao Porto | 59 |
| 7. Santa Guitéria, virgem e mártir ilustríssima, pertencente a Braga | 61 |
| 8. Santa Genivera ou Genebra, virgem e mártir, pertencente a Braga | 63 |
| 9. Santa Eumélia ou Eufémia, virgem e mártir, pertencente a Braga | 63 |
| 10. Santa Germana, virgem e mártir, pertencente a Braga | 64 |
| 11. Santa Basilissa, virgem e mártir, pertencente a Braga | 65 |
| 12. Santa Vitória, virgem e mártir, pertence a Braga | 65 |
| 13. Santa Marinha, virgem e mártir, grande obradora de milagres, pertencente a Braga | 66 |
| 14. Santa Marciana, virgem e mártir, pertencente a Braga | 69 |
| 15. Santa Sita virgem, cujas relíquias estão a par de Tomar | 69 |
| 16. Santa Columbina, virgem e mártir, com vinte nove portuguesas, também virgens e mártires, de Entre Douro e Minho | 72 |
| 17. Santa Comba da Tourega, de Évora | 72 |
| 18. Santa Revocada, virgem e mártir, de Viana | 73 |
| 19 e 20. Santa Felicíssima, virgem e mártir, com sua mãe, de Alcácer do Sal | 73 |
| 21. Santa Engrácia, virgem e mártir, de Braga | 75 |

| | |
|---|-----|
| 22. Santa Olaia, virgem e mártir e grande professora da fé católica, foi natural de Mérida, cabeça antigamente da nossa Lusitânia | 80 |
| 23. Santa Júlia, virgem e mártir, de Mérida | 85 |
| 24. Santa Lucrécia, virgem e mártir, de Mérida | 85 |
| 25 e 26. Santa Sabina e Cristeta, virgens e mártires, de Évora | 85 |
| 27 e 28. Santa Máxima e Júlia, virgens e mártires, de Lisboa | 87 |
| 29. Santa Natália, viúva, em Lisboa | 90 |
| 30, 31 e 32. As Santas Pelágia, Teodósia, Aquileia, virgens e mártires, de Bragança | 91 |
| 33. Santa Comba, virgem e mártir, de Coimbra | 93 |
| 34 e 35. A mãe de São Dâmaso Papa e sua irmã Santa Erena, de Guimarães | 94 |
| 36. A rainha Cindazunda, pertence a Braga e a Coimbra | 98 |
| 37. Santa Vicência, virgem e mártir, lusitana | 99 |
| 38. Santa Matrona, virgem e mártir, com suas doze companheiras... | 99 |
| 39. A mui religiosa virgem Florença, pertence a Lamego | 100 |
| 40. Eusébia Patrícia, pertence a Mérida | 102 |
| 41 e 42. Cássia e Júlia, de Tomar | 103 |
| 43. Santa Eiria, virgem e mártir, de Tomar | 104 |
| 44. A condessa Dona Júlia, de Évora | 107 |
| 45. A virgem e mártir Santa Engrácia, segunda deste nome, de Braga | 108 |
| 46. Santa Comba Osores, virgem e mártir, com suas companheiras, de Lamego | 110 |
| 47. Santa Comba de Lamas, de Orelhão em Tra-los-Montes, virgem e mártir | 111 |
| 48. De certas religiosas de Trancoso e uma menina chamada Joana, de Nossa Senhora da Lapa | 112 |
| 49. Nove religiosas que houve em Coimbra em tempo de mouros | 112 |
| 50 e 51. Elosinda e D. Teresa Soares. A primeira pertence a Coimbra, a outra a Braga | 113 |
| 52. Dona Urraca, de Montemor-o-Velho | 115 |
| 53. A condessa Dona Aldara, ou Ilduara, pertence a Águeda e ao Porto | 116 |
| 54. Santa virgem Adosinda, pertence ao Porto | 118 |
| 55. Santa Godinha, de Entre Douro e Minho | 119 |
| 56. Santa Senhorinha, de Basto | 119 |
| 57. Ardinga, de Lamego | 121 |
| 58. Dona Sancha virgem, pertence a Coimbra | 123 |

| | |
|--|-----|
| 59 e 60. Dona Toda e Dona Assanda, pertencem a Braga | 125 |
| 61. Dona Teresa Alfonso, pertence a Lamego | 126 |
| 62. Urraca Ximenes, de Évora | 128 |
| 63 e 64. Dona Constância Sanches e Múnia Martins, de Coimbra | 130 |
| 65. A rainha Dona Urraca, pertence a Coimbra | 131 |
| 66. A infante Dona Mafalda, pertence a Arouca | 133 |
| 67. A infante Dona Sancha, pertence a Coimbra | 135 |
| 68. A infante Dona Teresa, pertence a Lorvão | 137 |
| 69. A infante Dona Aldonça, pertence a Alenquer | 140 |
| 70. Santa Espinela, de Arouca | 141 |
| 71, 72 e 73. Maria Domingues de Santarém e outras da mesma vila | 142 |
| 74 e 75. Elvira Pais e Elvira Duroa, de Santarém | 143 |
| 76. Santa Tareja, de Ourém | 144 |
| 77 e 78. A infante Dona Branca de Coimbra e uma rainha do mesmo nome | 146 |
| 79. Dona Sancha, primeira comendadeira de Santos, de Lisboa | 148 |
| 80. Dona Inês das Astúrias, de Lisboa | 150 |
| 81. Dona Lopa, de Linhares | 150 |
| 82. Da infante Dona Leonor Afonso, de Santarém | 152 |
| 83. Dona Berengária Aires, de Almoester | 153 |
| 84. A rainha Dona Constança, pertence a Coimbra | 154 |
| 85. Uma mulher de Santarém | 155 |
| 86. Dona Bataça, pertence a Coimbra | 157 |
| 87. Santa Isabel, rainha de Portugal | 159 |
| 88. Soror Berengária, de Vila do Conde | 164 |
| 89. Certas donas, ou beatas, e uma mulher pobre de Lisboa | 166 |
| 90. Margarida Dias, de Lisboa | 167 |
| 91, 92, 93 e 94. Constança da Vida Pobre, e Maria Pobre, com outras religiosas de Évora | 168 |
| 95. Maria Martins, de Lorvão | 170 |
| 96. A rainha Dona Brites Teles, de Lisboa | 171 |
| 97. Dona Joana Peres Ferreirim e outras religiosas de Évora | 172 |
| 98. A rainha Dona Felipa, que está sepultada na Batalha | 174 |
| 99. A boa cristã Isabel de Guadalupe, pertence a Tângere | 175 |
| 100. Dona Constança de Noronha, de Guimarães | 177 |
| 101. A infante Dona Caterina, de Lisboa | 177 |
| 102. Sor Sentiz, de Santarém | 179 |
| 103. Caterina Rodrigues, de Santarém | 180 |
| 104. Briatis Leitoa, de Aveiro | 181 |
| 105. Dona Mécia Pereira, da terra da Feira | 183 |

| | |
|---|-----|
| 106. Dona Leonor Teles de Meneses, de Lisboa | 185 |
| 107. A princesa Dona Joana, pertence a Aveiro | 187 |
| 108. Dona Maria de Ataíde, pertence a Aveiro | 196 |
| 109. Águeda Lopes, pertence a Lisboa | 197 |
| 110. De algumas mulheres de Elvas | 200 |
| 111. Dona Catarina de Ataíde, de Aveiro | 202 |
| 112. Dona Briatis da Silva, de Campo Maior | 203 |
| 113. Dona Margarida de Meneses, pertence a Coimbra | 207 |
| 114. A rainha Dona Maria, pertence a Lisboa | 210 |
| 115. Dona Leonor de Mascarenhas, de Almada | 212 |
| 116. Acácia da Paixão, de Alenquer | 214 |
| 117. Dona Joana, marquesa de Elche, pertence a Vila Viçosa | 216 |
| 118. A rainha Dona Leonor, de Lisboa | 217 |
| 119. Margarida de Jesu, de Vila Viçosa | 218 |
| 120. Leonor da Cruz, de Vila Viçosa | 224 |
| 121. Inês da Assunção de Vila Viçosa, também pertence a Évora | 226 |
| 122. Maria da Cruz, de Vila Viçosa | 227 |
| 123. Adeodata de São Nicolau, de Vila Viçosa | 230 |
| 124. Leonor do Espírito Santo, de Vila Viçosa | 233 |
| 125 e 126. Helena do Paraíso e Inês dos Anjos, de Vila Viçosa | 235 |
| 127. Francisca de Abreu, do Porto | 237 |
| 128. Inês de São Domingos, de Lisboa | 238 |
| 129. Dona Caterina Ornelas, da ilha Terceira | 238 |
| 130. Mécia da Conceição, da Castanheira | 239 |
| 131. A infante Dona Maria de Lisboa, com algumas mulheres outras | 240 |
| 132. Dona Leonor de Noronha, de Vila Real | 243 |
| 133. A rainha Dona Caterina, pertence a Lisboa | 245 |
| 134. Mícia Pimenta, de Vila Viçosa | 246 |
| 135. Dona Mícia de Távora e outras insignes em virtude, as quais pertencem a Évora | 248 |
| 139. Briolanja da Ruda e outras três insignes religiosas, de Évora | 250 |
| 140. Maria Bernardes | 251 |
| 141. Isabel de Aguiar | 251 |
| 142. Antónia Nunes | 251 |
| 143. Dona Joana, infante de Castela e princesa de Portugal, pertence a Lisboa | 252 |
| 144. Dona Caterina de Sousa, de Évora, com a notícia de outras mulheres | 254 |
| 145. Maria Cerveira | 255 |
| 146. [Uma mulher de Évora] | 256 |

| | |
|---|-----|
| 147. [Outra mulher de Évora] | 256 |
| 148. Isabel de Santo André, de Vila Viçosa | 257 |
| 149. Isabel da Cunha, de Beja | 261 |
| 150. Briatis de São Francisco, de Vilalonga, e outras mulheres do mesmo lugar | 262 |
| 151. Soror Leonor da Encarnação | 263 |
| 152. [Uma mulher velha] | 263 |
| 153. A princesa de Parma Dona Maria, pertence a Vila Viçosa | 263 |
| 154. Joana de Figueiredo, de Lisboa | 270 |
| 155. Helena do Lado, de Torres Novas | 272 |
| 156. Lelá Quebir, do Cabo de Gue, em África | 273 |
| 157 e 158. Maria Ribeira e Margarida de Melo, de Lisboa | 274 |
| 159. Soror Inês de Deus, de Lisboa | 276 |
| 160. Uma ama que houve em Setúval | 277 |
| 161. Isabel da Anunciação, do Porto | 278 |
| 162. Uma religiosa do mosteiro de Santa Clara de Amarante | 279 |
| 163 e 164. Duas irmãs virtuosas, do Porto | 280 |
| 165. Violante da Cruz, de Pinhel | 282 |
| 166. Dona Isabel de Castro, pertence a Arouca | 283 |
| 167. Dona Leonor de Castro, em Arouca | 284 |
| 168. Uma donzela nobre e mui pobre, de Lisboa | 285 |
| 169. Dona Caterina de Ataíde, de Lisboa | 286 |
| 170. Caterina da Luz, pertence a Cós, em o bispado de Leiria | 287 |
| 171 e 172. Dona Isabel da Veiga e Maria Fernandes, de Goa | 289 |
| 173. Uma mulher solteira, da Índia | 291 |
| 174. Dona Jerónima de Carvalho, pertence a Santarém | 294 |
| 175. Maria da Cortiçada, no bispado da Guarda | 297 |
| 176. Dona Guiomar da Silva, em Lorbão | 298 |
| 177. Briatis Vaz de Oliveira, pertence a Évora e a Coimbra | 299 |
| 178. Uma mulher de Viseu | 302 |
| 179. Margarida de Chaves, das Ilhas | 304 |
| 180. Isabel de Miranda, da ilha de São Miguel | 309 |
| 181. Felipa do Espírito Santo, de Lisboa | 315 |
| 182, 183 e 184. De três mulheres a que sucederam certos casos notáveis neste reino | 317 |
| 185. Caterina da Madre de Deus, de Elvas | 318 |
| 186. Maria da Cruz, de Vila Viçosa | 319 |
| 187. Inês de Jesu, de Estremoz | 320 |
| 188. Dona Briatis de Vilhena, condessa de Vimioso, pertence a Évora | 322 |
| 189. Maria Raimundes, de Lisboa | 323 |

| | |
|--|---------|
| 190. Leonor do Rosairo, do Porto | 331 |
| 191. Uma mulher virtuosa, de Alentejo | 334 |
| 192. Joana do Espírito Santo, pertence a Vila Viçosa | 336 |
| 193. Vitória Caldeira, de Arraiolos | 337 |
| 194. Soror Maria do Espírito Santo, da Índia | 340 |
| 195. Ana da Conceição, de Lisboa | 343 |
| Catálogo das santas e outras mulheres ilustres em virtude, com as terras a que pertencem, segundo as letras de seus nomes | 347 |
| Índice Onomástico | 353 |

O *Jardim de Portugal* foi impresso pela primeira vez em 1626, no ano seguinte ao da morte do seu autor, o religioso e cronista da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho Fr. Luís dos Anjos.

Desejando reavivar a memória e difundir os exemplos de muitas mulheres portuguesas santas ou “ilustres em virtude”, Fr. Luís dos Anjos reuniu e agrupou, pela primeira vez em Portugal, numa compilação com relativa unidade temática e narrativa e com base tanto em versões impressas como manuscritas, múltiplas “histórias” e “vidas” femininas. Pretendia, assim, como afirma a obra na sua folha de rosto, fornecer “boa lição para mulheres, exemplos para pregadores, motivos para devotos e para amigos de histórias muitas antigas e modernas”; ao mesmo tempo, acrescentava ao gosto do seu tempo pelas leituras ou narrativas de “novelas exemplares” o das “histórias” e “vidas exemplares” de existência real ou historiográfica, com que sustentava as suas finalidades simultaneamente pastorais, devocionais, educativas e edificantes, sem desprezar fenómenos do maravilhoso que continuavam a preencher e a alimentar o imaginário religioso do seu tempo.



MINISTÉRIO DA CULTURA



INSTITUTO PORTUGUÊS DO
LIVRO E DAS BIBLIOTECAS

ISBN 972-610-232-4



9 789726 102328